

Universidade de Brasília  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

## **A BRASÍLIA DOS PIONEIROS**

Maria Alexandrina de Souza Rodrigues  
Tese de Doutorado em Arquitetura e Urbanismo  
Linha de Pesquisa: Teoria, História e Crítica  
Brasília, 2013

MARIA ALEXANDRINA DE SOUZA RORIGUES

## **A BRASÍLIA DOS PIONEIROS**

Tese de doutorado submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação da Universidade de Brasília como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de doutora em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. Flávio René Kothe

Brasília, DF  
2013

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília. Acervo 1006369.

R696b Rodrigues, Maria Alexandrina de Souza.  
A Brasília dos pioneiros / Maria Alexandrina de Souza Rodrigues. -- 2013.  
576 f. : il. ; 30 cm.

Tese (doutorado) - Universidade de Brasília, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2013.

Inclui bibliografia.

Orientação: Flávio René Kothe.

1. Arquitetura moderna. 2. Planejamento urbano.  
3. Cultura. 4. Brasília (DF). I. Kothe, Flávio René.  
II. Título.

CDU 72.036(817.4)

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO  
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM  
ARQUITETURA E URBANISMO

**TESE DE DOUTORADO**

## **A BRASÍLIA DOS PIONEIROS**

Autora: Maria Alexandrina de Souza Rodrigues

Orientador: Prof. Dr. Flávio René Kothe

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Flávio R. Kothe (Presidente – FAU – UnB)

Prof. Dr. Aldo Paviani (GEO – UnB)

Prof. Dr. Benny Schvasberg (FAU – UnB)

Prof. Dr. Brasilmar Ferreira Nunes (SOL – UFF)

Profª Dra. Maria Salete K. Machado (SOL – UnB)

Prof. Dr. Paulo Castilho Lima (FAU – UnB – suplente)

Para meu pai, Argeu Honorato, que não teve tempo de ver mais esta conquista, mas lutou, bravamente, para que eu vencesse.

Para os pioneiros Clóvis Sena, José Geraldo P. de Melo e Maria da Conceição M. Salles que se foram logo após concederem as entrevistas para esta tese.

## AGRADECIMENTOS

A Deus que não me deixou desistir nos momentos de instabilidade e me confortou quando eu estava sozinha, no momento de criação.

Ao Prof. Flávio Kothe pela orientação acadêmica durante todas as etapas dessa longa caminhada, sobretudo, pela paciência e dedicação.

A todos os pioneiros entrevistados que me acolheram, acreditaram em meu propósito e colaboraram para que esta tese existisse.

A minha amiga e incansável colaboradora, Ereni, que caminhou comigo em todos os momentos, principalmente, nos mais difíceis pelos quais passei durante a elaboração desta tese.

Ao meu marido que não mediu esforços e teve paciência para me ouvir repetindo sempre o mesmo assunto, reclamando, enfim, aturou meu mau humor por um longo período.

A meus filhos que direta ou indiretamente me incentivaram e auxiliaram durante todo o tempo.

É difícil, após tantos anos, acontecimentos e luta, agradecer a todos que de alguma forma me auxiliaram durante essa caminhada, mas gostaria de que os que não tiveram seus nomes citados e que estiveram ao meu lado de alguma forma não se sentissem esquecidos, vão para esses o meu muito obrigada. Eu não teria conseguido vencer sozinha, tenham certeza disso!

No cimento duro, de aço e de cimento,  
Brasília enxertou-se, e guarda vivo,  
esse poroso quase carnal da alvenaria  
da casa de fazenda do Brasil antigo.  
(João Cabral de Melo Neto)

## RESUMO

A *Brasília dos Pioneiros* irá representar a cultura primordial da capital implantada no centro do país desde o período de construção até o final da década de 1960. A cultura será desvendada a partir de uma visão semiótica da história de Brasília, do Relatório do Plano Piloto de Brasília e da influência da arquitetura e do urbanismo na vivência dos pioneiros entrevistados, distintas de acordo com a chegada deles a Brasília. Gráficos e tabelas irão ilustrar a presença dos pioneiros entrevistados no período de construção, na inauguração e durante a primeira década de existência de Brasília. A vivência desses pioneiros serão percebidas diante da literatura existente sobre a história de Brasília e da análise dos depoimentos prestados por eles ao responderem ao questionário aplicado como base desta pesquisa. O objetivo desse confronto é elucidar a formação da cultura de Brasília diante dos fatos já estudados e da memória dos pioneiros entrevistados. Esses depoimentos deverão indicar a origem, a data e com quem o pioneiro chegou a Brasília; com quantos anos ele migrou; a avaliação dele sobre a construção, os serviços e a convivência estabelecidos em Brasília; a avaliação do projeto de Lucio Costa e da arquitetura e urbanismo imposta pela cidade; a questão da criação das cidades-satélites; a ideia de casa-grande e senzala aplicada no projeto e na vivência da capital e a opinião sobre a interferência ou não do Poder na arte desenvolvida em Brasília. A título de confirmar as análises semióticas, destacadas ao longo da pesquisa, serão apresentados e discutidos alguns documentos em que pioneiros entrevistados demonstram suas percepções sobre Brasília.

**Palavras-chaves:** Brasília, pioneiros entrevistados, cultura, construção, capital, arquitetura e urbanismo, cidades-satélites e Poder.



## ABSTRACT

*A Brasília dos Pioneiros* will represent the essential culture of capital implanted in the central part of the country since the period of its construction until the end of the sixties. The culture will be unveiled through a semiotics perspective of the history of Brasília, and of the report of the Pilot Planning of Brasília, in addition to the influence of the architecture and urbanism in the experience of the pioneer who were interviewed, according to their arrival in Brasília. The graphs and the tables will illustrate the Pioneers interviewed through the period of the construction as well as in the inauguration and the first decade of its existence. The living experience of these pioneers will be perceived in the existing literature about the history of Brasília and the analysis of the statements given by them when answering the questionnaire used as the basis of this research. The purpose of this data confrontation is to elucidate the formation of the culture of Brasília starting from facts that had already been studied and the remembrances of the interviewed pioneers. These statements should reveal the origin, the date and who accompany the first pioneer to arrive in Brasília; how old he was when he migrated; his evaluation about the construction, the services and the convenience established in Brasília; the evaluation of Lucio Costa's project of and that of architecture and urbanism imposed by the city; the issues related to the creation of the satellite cities; the idea of the masters and the slaves applied in the project and in the living of the capital, moreover, the opinion about the interference of the political power in regards to the arts developed in Brasília. With the aim to confirm the semiotics analysis, outstanding throughout the research, some documents will be presented and discussed, in which the interviewees show their perception about Brasília.

**Keywords:** Brasília, interviewed pioneers, culture, construction, the capital, architecture and urbanism, satellite cities and Power.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Missão Cruls .....	41
Figura 02 – Pedra Fundamental da futura capital .....	42
Figura 03 – Croquis de Lucio Costa para o Projeto Piloto de Brasília (1957) .....	55
Figura 04 – Plano Piloto de Brasília – DF .....	55
Figura 05 – JK e seus assessores diretos em discussão .....	56
Figura 06 – Museu do Catetinho .....	58
Figura 07 – Construção de Brasília – década de 1960 .....	59
Figura 08 – Os Guerreiros / Os Candangos .....	60
Figura 09 – Operário durante a obra do Congresso Nacional .....	64
Figura 10 – Frases deixadas por pioneiros .....	65
Figura 11 – Frases deixadas pelo pioneiro Nelson – 1959 .....	65
Figura 12 – Chegada de Pioneiros – 1959 .....	67
Figura 13 – Cidade Livre .....	68
Figura 14 – JK e Israel Pinheiro recebendo a chave de ouro de Brasília .....	70
Figuras 15 e 16 – Inauguração de Brasília .....	71
Figura 17 – A saída do funcionário público do Rio de Janeiro .....	101
Figura 18 – A chegada a Brasília .....	101
Figura 19 – Museu Histórico de Brasília .....	155
Figura 20 – Sede do Ministério da Educação e Saúde – Rio de Janeiro .....	201
Figura 21 – Universidade de Brasília – invasão de 1968 .....	219
Figura 22 – Brasília – quadras 700 da Asa Sul – 1964 .....	223
Figura 23 – Concha Acústica de Brasília .....	241
Figura 24 – Jardim Zoológico de Brasília .....	242
Figura 25 – Passeata dos Cem Mil no Rio de Janeiro .....	259
Figuras 26 e 27 – Cidade proposta pela Carta de Atenas e o projeto de Lucio Costa .....	262
Figura 28 – Esplanada dos Ministérios – principal cartão postal de Brasília .....	266
Figura 29 – Manifestação Popular na Esplanada dos Ministérios .....	269
Figura 30 – Cidade Livre durante a construção de Brasília .....	275
Figura 31 – Vila Amaury .....	276

Figura 32 – Mapa do Plano Piloto de Brasília .....	279
Figura 33 – Taguatinga .....	280
Figura 34 – QI 05 – Guará I – Casas construídas por mutirão .....	281
Figura 35 – Observatório original da equipe da Missão Cruls – 1892 .....	283
Figura 36 – Cidade Livre – atual Núcleo Bandeirante .....	284
Figura 37 – Traçado de LC para a construo de Brasília .....	286
Figura 38 – Plataforma da Rodoviária do Plano Piloto .....	289
Figura 39 – <i>O Porco</i> (1966), de Nelson Leirner .....	316
Figura 40 – Praça dos Cristais – Setor Militar Urbano – Brasília-DF .....	320
Figura 41 – Painel de azulejos, de Athos Bulcão – Igreja Nossa Senhora de Fátima .....	321
Figura 42 – Tnis com motivos de azulejos de Athos Bulcão .....	322
Figura 43 – Construo do Minhocão, principal prédio da UnB .....	331
Figura 44 – Capa da Revista Brasília, n 5, de maio de 1957 .....	350
Figura 45 – Homenagem ao poeta Ary Para-raios .....	352
Figura 46 – Poemas de Nicolas Behr .....	352

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico I – Estados de origem dos pioneiros .....	90
Gráfico II – Grau de satisfação dos pioneiros .....	109
Gráfico III – Emprego <i>versus</i> desemprego .....	118
Gráfico IV – Casa-Grande e Senzala e o projeto de Brasília .....	129
Gráfico V – Com quem os pioneiros chegaram a Brasília? .....	169
Gráfico VI – Condições de trabalho e moradia .....	173
Gráfico VII – Convivência entre os pioneiros .....	186
Gráfico VIII – Participação dos pioneiros no projeto histórico de Brasília .....	193
Gráfico IX – A Revolução Militar interferiu na construção de Brasília? .....	224
Gráfico X – Havia corrupção em Brasília? .....	229
Gráfico XI – O Poder influenciou a arte em Brasília? .....	324

## LISTA DE TABELAS

Tabela I – Origem, idades e grau de satisfação – 1956/59 .....	93
Tabela II - Origem, idades e grau de satisfação – 1960 .....	100
Tabela III - Origem, idades e grau de satisfação – 1961/69 .....	103
Tabela IV – Por que e com quem vieram, primeira ocupação profissional e condições de trabalho – 1956/59 .....	141
Tabela V – Por que e com quem vieram, primeira ocupação profissional e condições de trabalho – 1960 .....	148
Tabela VI – Por que e com quem vieram, primeira ocupação profissional e condições de trabalho – 1961/69 .....	158

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

BSB – Brasília

DF – Distrito Federal

EUA – Estados Unidos da América

GO – Goiás

JK – Juscelino Kubitschek de Oliveira

LC – Lucio Costa

SAM – Semana de Arte Moderna

UnB – Universidade de Brasília

## **LISTA DE SIGLAS**

AICA – Associação Internacional de Críticos de Arte  
ANE – Associação Nacional de Escritores  
BCE – Biblioteca Central  
CAL – Casa da Cultura da América Latina  
CEI – Companhia de Erradicação das Invasões  
CEMIG – Companhia Energética de Minas Gerais  
CEPLAN – Centro de Planejamento da Universidade de Brasília  
CIAM – Congresso Internacional de Arquitetura Moderna  
CGI – Centro Geral de Investigações  
DASP – Departamento Administrativo do Serviço Público  
DOPS – Departamento de Ordem Política e Social  
GEB – Guarda Especial de Brasília  
ICA – Instituto Central de Artes  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
MEC – Ministério da Educação Cultura e Saúde  
NOVACAP – Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil  
PSD – Partido Social Democrático  
PTB – Partido Trabalhista Brasileira  
SNI – Serviço Nacional de Informações  
UDN – União Democrática Nacional  
UNE – União Nacional dos Estudantes

## Sumário

PIONEIROS ENTREVISTADOS.....	18
1 INTRODUÇÃO.....	20
1.1 Metodologia da pesquisa.....	28
2 HISTÓRICO DE BRASÍLIA.....	36
2.1 O questionário .....	36
2.2 Histórico da Nova Capital.....	41
2.2.1 Um sonho para o futuro – ideias – utopias e realidades.....	41
2.3 Histórico da construção.....	51
2.4.1 Operários – Os Candangos.....	60
2.4.2 Os Pioneiros.....	66
2.4 Os primórdios de Brasília.....	69
2.4.1 Como era viver em Brasília .....	72
2.5 Uma cultura para a Nova Capital.....	77
2.5.1 Arquitetura moderna.....	81
2.5.2 A influência da arquitetura na cultura.....	81
3 O IMAGINÁRIO E A FORMAÇÃO DA CIDADE.....	83
3.1 O imaginário dos pioneiros.....	83
3.2 Origem, chegada, idade e grau de satisfação dos migrantes.....	86
3.2.1 Sobre a origem dos pioneiros.....	89
3.2.2 Como os pioneiros compreenderam a construção?.....	111
3.3 Emprego versus desemprego.....	116
3.4 O Distrito Federal divide-se numa sucessão de casa-grande e senzala?.....	124
3.4.1 Relação entre a ideia de casa-grande e senzala e o projeto de Brasília.....	126
4 AS ESCALAS DE BRASÍLIA.....	138
4.1 Os pioneiros.....	140
4.1.1 Como viviam?.....	162
4.1.2 Problemas ocorridos a partir da falta da família.....	166
4.1.3 Com quem os pioneiros vieram para Brasília?.....	168
4.1.4 Condições de trabalho e moradia em Brasília entre 1956 e 1969.....	173
4.1.5 Convivência entre os pioneiros.....	185



	16
4.2 Pioneiros como parte de um projeto histórico de Brasília.....	193
5 O MODERNISMO E A MODERNIDADE DE BRASÍLIA.....	198
5.1 Modernismo e Modernidade.....	198
5.1.1 Arquitetura Moderna.....	200
5.1.2 A modernidade cede lugar às dificuldades em Brasília.....	202
5.1.3 Uma cidade funcional que não funciona.....	204
5.2 O Regime Militar e Brasília.....	206
5.2.1 Uma interrupção no crescimento de Brasília.....	210
5.2.2 A década de 1960.....	212
5.2.2.1 Criação da Universidade de Brasília.....	215
5.2.3 Evolução de Brasília ao longo da Ditadura Militar.....	221
5.3 Corrupção em Brasília.....	227
6 A VIDA CULTURAL NOS PRIMÓDIOS DE BRASÍLIA.....	234
6.1 Em busca de uma cultura para Brasília.....	236
6.1.1 Como viviam os construtores da nova capital no período entre 1956 a 1959....	236
6.1.2 Como se desenvolvia a vida cultural de Brasília a partir do discurso de quem chegou em 1960.....	243
6.1.3 Como se desenvolvia a vida cultural de Brasília a partir do discurso de quem chegou durante os anos 60 (1961 a 1969).....	249
6.2 Propostas de Lucio Costa no projeto original e a cultura instituída em Brasília.....	260
7 BRASÍLIA NA PERCEPÇÃO DOS PIONEIROS ENTREVISTADOS.....	272
7.1 Os pioneiros e o Plano Piloto.....	272
7.2 O Plano Piloto e a formação das cidades-satélites.....	278
7.3 Uma leitura do projeto do Plano Piloto de Brasília.....	285
7.4 A arquitetura de Brasília.....	290
7.4.1 Brasília percebida por pioneiros entrevistados que chegaram entre 1956-1959.	291
7.4.2 Brasília percebida por pioneiros entrevistados que chegaram em 1960.....	295
7.4.3 Brasília percebida por pioneiros entrevistados que chegaram entre 1961-1969.	298
8 A ARTE EM BRASÍLIA.....	307
8.1 Arte .....	307
8.1.1 Arte na cidade.....	310
8.1.2 Artistas que marcaram Brasília.....	317

8.1.3 Os pioneiros e a arte em Brasília.....	322
8.1.4 Arte conforme conveniência .....	323
8.1.5 A arte na Universidade de Brasília.....	331
8.2 Documentários sobre Brasília.....	336
8.2.1 Anderson Braga Horta.....	336
8.2.2 Alan Viggiano.....	341
8.2.3 João Carlos Taveira.....	343
8.2.4 José Santiago Naud .....	346
8.2.5 Nonato Silva.....	348
8.2.6 Henrique Goulart Gonzaga Júnior (Gougon).....	351
8.2.7 Mais algumas obras pioneiras.....	353
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	355
ANEXO A – QUESTIONÁRIO RESPONDIDO PELOS PIONEIROS.....	382
ANEXO B – DEPOIMENTOS DOS PIONEIROS ENTREVISTADOS.....	384

**PIONEIROS ENTREVISTADOS**

Adirson Vasconcelos – em 15/04/2010  
Affonso Heliodoro dos Santos – em 05/03/2010  
Alan Viggiano – em 21/04/2010  
Alcides Kronenberg – em 13/10/2010  
Anderson Braga Horta – em 19/10/2010  
Antônio Carlos Cabral Carpintero – em 29/01/2010  
Antônio Carlos Osório – em 07/04/2010  
Arlindo M. Raposo – em 03/05/2010  
Clodomir Souza Ferreira (Clodo) – em 22/10/2010  
Clóvis Sena – em 05/05/2010  
Fernando Lopes – em 29/09/2010  
Frank Algot E. Svensson – em 27/01/2010  
Geraldo Silva – em 11/04/2011  
Gisele Santoro – em 06/05/2010  
Glênio Alves Bianchetti – em 31/03/2010  
Heitor Humberto de Andrade – em 21/04/2010  
Henrique Goulart Gonzaga Júnior (Gougou) – em 29/06/2010  
Irlam Rocha Lima – em 08/04/2011  
Jaime Gonçalves de Almeida – em 24/03/2010  
Jarbas Silva Marques – em 23/09/2010  
João Carlos Taveira – em 25/02/2010  
José Carlos Brandi Aleixo – em 24/04/2010  
José Franklin Ferreira de Castro – em 15/08/2010  
José Geraldo Pires de Melo – em 08/04/2010  
José Maria Leitão – em 11/09/2010  
José Santiago Naud – em 06/10/2009  
Judson Seraini – em 23/08/2011  
Lúcia Garofalo – em 06/02/2010  
Lucília Helena do C. Garcez – em 09/06/2010

Luís Humberto Miranda Martins Pereira – em 06/04/2010

Márcia de Souza Almeida – em 10/06/2010

Maria Celi de Almeida Vasconcelos – em 10/06/2011

Maria da Conceição Moreira Salles – em 25/05/2010

Maria de Lourdes F. Seraini – em 23/08/2011

Napoleão Valadares – em 03/08/2011

Neusa Pinho França de Almeida – em 28/05/2010

Nonato Silva – em 04/02/2011

Ocrécio Lacerda – em 23/09/2011

Raimundo Fonseca da Cunha – em 25/08/2011

Renée Simas – em 09/04/2010

Ronaldo Mendes de Oliveira Castro – em 22/03/2010

Roosevelt Dias Beltrão – em 22/04/2010

Rubem de Azevedo Lima – em 24/09/2010

Victor Alegria – em 03/02/2010

## 1 INTRODUÇÃO

Brasília, construída há quase 53 anos, é interessante não só por ter sido projetada para ser a Capital Federal do Brasil, mas, principalmente, por sua concepção diferente para a época de sua idealização e, posteriormente, servir de referência no processo do desenvolvimento de outras cidades situadas ao seu redor e também do próprio país. Essa importância é percebida em âmbito mundial e muitos pesquisadores debruçam-se até hoje sobre a cidade em busca de uma história, apesar de sua pouca existência.

Brasília foi idealizada para abrigar uma população de 500 mil habitantes. No edital do concurso para criação do Plano Piloto, não estava clara a delimitação de habitantes. Tanto que os concorrentes desse concurso tiveram dúvidas sobre as informações contidas no edital e questionaram o Departamento de Arquitetura e Urbanismo da NOVACAP, especialmente sobre a densidade prevista para a capital. As respostas às consultas vieram do Diretor do Departamento, Oscar Niemeyer. Ele confirmou a previsão de 500.000 habitantes no máximo.

Essa ideia fortificou-se quando, na *Apreciação do Júri*, referente ao resultado do concurso, Israel Pinheiro questionou o urbanista Willian Holford, presidente da Comissão julgadora, em 1957, sobre o controle e a expansão do Plano Piloto e obteve a seguinte resposta:

“Não acredito que se possa projetar uma capital para ser indefinidamente aumentada. Se o centro, o sistema de tráfego, e os parques e edifícios públicos, forem adequados para uma futura população eventual entre meio milhão e seiscentos mil habitantes... Portanto, deverá haver uma certa limitação do crescimento da capital, tão logo ela atinja o seu tamanho ideal. E futuros centros, particularmente de indústria e agricultura, devem ser estudados de maneira a agir como satélites e cidades de apoio dentro da região.”<sup>1</sup>

No discurso acima, falou-se em 'tamanho ideal', uma população em torno de, no máximo, 600.000 habitantes. Há de haver um senso em torno desse limite que não deve ultrapassar a questão do conforto ideal para se viver numa cidade que não tem justificativa para crescer na visão do urbanista.

A ideia futura, diante de uma realidade presente, era de que as cidades-satélites deveriam surgir e crescer, dentro de um planejamento, para servir a capital que deveria continuar do mesmo tamanho. Atualmente, segundo dados do IBGE – 2010, há 2.570.160

---

1 *Apreciação do Júri*, In BUCHMANN, A. *Lucio Costa - o inventor da cidade de Brasília*, p. 59.

habitantes no Distrito Federal. Parece que houve um erro grave de avaliação de quem fez o projeto ao delimitar o número de habitantes da nova capital.

A proposta desta pesquisa é destacar os primórdios da cultura brasiliense e, para esse fim, irá registrar e analisar textos em prosa ou versos de alguns escritores que tiveram como tema principal Brasília, depoimentos de pioneiros que viveram ou ainda vivem na cidade e que a traduziram de forma que as pessoas pudessem ler os vários significados que as palavras assumiram e compreender as ligações da arquitetura com o povo, com o mundo e com o poder da Nova Capital.

Ao longo desta tese, serão expostos elementos que permitam discutir o projeto de Brasília no que se trata da influência da arquitetura e do urbanismo na vivência dos habitantes. Acredita-se que uma nova cidade deveria privilegiar habitações para receber os futuros trabalhadores e que se devesse pensar, além disso, na sua sustentabilidade.

A sustentabilidade, em Brasília, dever ser entendida como equilíbrio entre as dimensões ambiental, social e econômica com que se projetou a cidade.

Então, a análise e a discussão do projeto de Brasília estarão voltadas para a ação dele na vivência e na cultura estabelecida na capital.

Ana Carolina afirmou após discussão, em sua dissertação, sobre a cidade do futuro:

“O modo como nos organizamos e como estruturamos a construção de nossas cidades baseou-se sempre numa falsa ideia de eternidade, considerando todos os recursos disponíveis como infinitos e seu olhar para as consequências devastadoras que alguns deles impõem ao Ambiente”<sup>2</sup>

Algumas questões ocorrem ao pensar-se sobre a construção de Brasília. Duas delas serão analisadas nesta tese: sobressaiu, nesse momento, uma falsa ideia de eternidade daqueles que contribuíram para que a nova capital se tornasse uma realidade? E o projeto da cidade permite a seus habitantes uma vida baseada numa realidade sustentável?

O projeto de Lucio Costa e a arquitetura de Oscar Niemeyer foram retratados a partir de interpretações poéticas, ilustradas por artistas, sobre a cidade. Vários são os escritores, os artistas que registraram Brasília em suas produções.

Na literatura, de forma geral, os textos são representações das formas sociais urbanas, e cada autor fala sobre a cidade a seu modo. A cidade é em si uma realidade objetiva. Ela exhibe ruas, prédios, praças, monumentos numa visão 'real' que os homens têm diante de si

---

2 BATISTA, Ana Carolina Alves. *A Cidade do Futuro: que Sustentabilidade? Caso Estudo: Masdar, a cidade do deserto*, p.14.

mesmos e constroem ideias e imagens de representação coletiva.

No caso de Brasília, essa representação coletiva será observada a partir do ideal proposto no projeto da cidade. Destacam-se, a seguir, alguns autores e fragmentos de textos em que Brasília desponta na literatura:

**Anderson Braga Horta**, crítico literário e pioneiro, mostra no poema 'Altiplano', escrito em 1964, as contradições da cidade nos anos 60. Brasília é representada pela rosa, esperança de um futuro, e está entre a incoerência e o sonho dos homens:

“Contraditória  
   rosa  
   explosiva.  
 De tuas impurezas,  
 de tuas asperezas,  
 rosa queremos-te  
 exata.  
 No altiplano de nossas esperanças,  
 rosa-dos-homens  
 construímos-te futura.”<sup>3</sup>

Rosa é símbolo de finalidade, de sucesso absoluto e de perfeição. A rosa, na poesia de Anderson, representa o nascimento de Brasília por uma explosão de contradições, ou seja, de 'impurezas' e 'asperezas'. Então, a cidade é a “rosa-dos-homens”, elaborada, trabalhada a partir de suas próprias máculas e durezas, construída para o futuro não para o presente das pessoas.

É interessante que no último verso do excerto, o verbo foi conjugado na primeira pessoa do Presente do Indicativo, “construímos”, sugerindo, portanto, uma ação atual, seguido do adjetivo “futura” que, em vez de qualificar a cidade, a distancia da 1ª pessoa que a constrói. A contradição se confirma com uma ação presente seguida da ideia de futuro.

**Joanyr de Oliveira** foi o organizador do primeiro livro editado em Brasília, *Poetas de Brasília*, em 1962, seguido por várias outras antologias de poesias e poetas da cidade. No poema 'Brasília', dedicado a Lucio Costa, Joanyr aproveita-se do visual do projeto do Plano Piloto e dá 'asas à poesia' e à imaginação que sugere o corpo da cidade conforme Lucio Costa a projetou. Há uma ação, um voo e um olhar fotográfico, como um pássaro que sobrevoa uma região e relata o que vê naquele momento.

Nesse voo, a cidade surge clara, com seus monumentos arquitetônicos e paisagens que passam aos olhos do leitor do poema e se corporificam na cidade. As palavras assumem posições diferentes nos versos, fato que estimula a movimentação e esboça o corpo de um

---

3 HORTA, Anderson B. *Sob o Signo da Poesia - Literatura em Brasília*, p. 12.

espécime alado. Essa é a disposição planejada para a cidade de Brasília.

“Amorosa e clara  
a cidade  
voa  
com as próprias  
asas.  
Alegorias em plumas,  
estátuas no rosto das águas.  
Arcos, trevos, o verde.”<sup>4</sup>

Brasília tem, nessa poesia, as asas formadas por amor, claridade, arcos, trevos, verde. Todos os nomes remetem à ideia de clareza, beleza esperança. Os “arcos” e os “trevos” remetem ao emblema da Trindade (a figura do pai, do filho e do espírito santo numa só pessoa – Deus).

A capital atinge a imagem da perfeição nas palavras do poeta. No entanto, essa imagem foi irreal para muitos que por ela trabalharam. Logo após o término de seu governo, JK, por exemplo, foi proibido de morar e até de frequentar a cidade. Será que ela era “amorosa e clara” somente para alguns? Ou somente para os poetas?

**Carlos Drummond de Andrade**, em 1956, quando todas as atenções estavam voltadas para a construção da nova Capital do Brasil, num estilo bem despojado, embarcou numa viagem para Brasília, uma cidade com aparência de lugar ideal para o poeta que precisa de silêncio e de novas sensações para sua produção. Há uma contradição entre a vida urbana e a do campo ou de uma cidade pequena, representada por uma “orquestra de grilo” em que se ouve muito barulho e, ao mesmo tempo, muitas ideias, pensamentos para a criação poética. Nesse sentido, Brasília seria o local ideal, rodeada pela natureza e tendo como vizinhos muitos grilos. O fragmento abaixo é do poema 'Destino: Brasília':

“Vou no rumo de Brasília,  
não é aqui o meu lugar.  
A liberdade no exílio,  
já começa a definhar.  
(...)  
Adeus, fumaça, adeus, fila,  
adeus, carro matador.  
Prefiro orquestra de grilo  
ao silêncio de sensor.”<sup>5</sup>

Parece que a imaginação do poeta induziu-o a uma ilusão diferente. Aqueles, que

4 OLIVEIRA, Joanyr. *Poesia de Brasília*, p. 373.

5 OLIVEIRA, Joanyr. *Poemas para Brasília(antologia)*. p. 120.



conhecem a cidade, sabem que a orquestra que domina a natureza na capital é formada por 'cigarras' e não por grilos como afirmou o poeta. Será que o poeta enganou-se ou a proximidade do poder interferiu em sua liberdade de criação?

As cidades administrativas têm dificuldades em gerar arte. Nesse caso, a arte é produzida por grupos que vivem em cidades marginais ou, então, são guetos separados, longe do Poder e que se nutrem de outra forma. O Poder permite ao artista a liberdade necessária para a produção artística?

**João Carlos Taveira**, pioneiro, revisor, coordenador editorial e escritor, descreve uma Brasília também contraditória, formada por “ângulos de dor e a (in)diferença/ dos homens”. A cidade é comparada a um “monumento de silêncio” plantado num canteiro, e exerce a função de civilizar os homens para que a cidade não seja impregnada com preconceitos e outros males que eles poderiam trazer e espalhar.

A cidade nasce alheia a esse movimento de civilização e traz consigo o “silêncio” de tudo que vê, da vivência e do sofrimento, ocorridos no período de sua construção, e se impõe a tudo e a todos. Brasília nasce muito forte e é urbanizada pela “dor”, pelas “obras” e pela “(in)diferença” da 'Flor inevitável':

“Um dia  
plantou-se  
uma semente  
no meio do barro.  
...  
Os ângulos da dor  
foram urbanizados  
entre canteiros  
de obras  
e a (in)diferença  
dos homens.  
Impune  
ergueu-se  
no asfalto  
esse monumento  
de silêncio”<sup>6</sup>

O título do poema de Taveira traz o símbolo da fugacidade das coisas e da beleza na imagem da flor, seguido pela impossibilidade de evitar essa fuga no adjetivo 'inevitável' que enfatiza o nascimento da capital como algo certo, uma “Flor inevitável”.

Da semente geradora da vida, plantada no barro, regada pela dor e pela indiferença dos homens, nasceu um 'monumento de silêncio'. A obra delimitada pelo silêncio, não omite nada,

6 TAVEIRA, João Carlos. *Canto só*, p. 40-41.

muito menos, guarda algum segredo. Ele traz consigo a trama verbal de uma linguagem poética e desemboca na compreensão do leitor, e isso liberta a obra. Agora, o silêncio expande-se na significação da complexidade da vivência humana.

O 'silêncio' pode ser entendido como horizonte, futuro; um recuo necessário para o significado, para que o significante faça sentido. Assim, a obra que surgiu do silêncio, no poema é o não dito, mas que pode ser compreendido pela linguagem. É um silêncio cujo significante é a dor da saudade e do excesso de trabalho dos pioneiros na execução da obra. O sofrimento da família que nunca mais viu seu ente querido, morto ao cair de uma obra. A contradição entre o resultado do esforço e as condições de quem trabalhava. Enfim, o 'monumento do silêncio' traz com ele o significado, o discurso de quem dele participou e lhe denota uma realidade expressiva.

**José Santiago Naud**, professor, ensaísta, escritor, morador de Brasília desde 1960, fez um poema que intitulou “Hino a Brasília”. Esse hino foi publicado no primeiro livro de poesias, editado em Brasília em 1962, organizado por Joanyr Oliveira, *Poetas de Brasília*.

Os hinos são conhecidos desde os primórdios da história e constituem uma das mais antigas formas assumidas pela poesia. Trata-se de um poema de invocação à Brasília e a constatação de que o nascimento da cidade se deu de forma difícil porque se pode notar a aspereza do trabalho, sugerida pelo verso: “eras de pedra” e o povo que lutou por esse 'nascimento' mostra-se comovido com o resultado da ação. Brasília é descrita como um sinal, um símbolo religioso que se movimenta, vibra num corpo vivo. A cidade pulsa, movimenta-se em função das pessoas que nela habitam e lhe transmitem vida. O projeto, a construção e a cidade estão presentes neste fragmento do poema.

“ó numerosa,  
somos a razão vulnerável de te achar  
una  
após tantas mãos agitadas.  
Eras de pedra  
até o momento da nossa ausência,  
ausência  
das vozes pronunciadas sobre as tuas formas  
como um signo inscrito,  
rito  
que o espaço se rompe  
quando  
nua clara precisa  
a saudade enfim te enlaçou  
de frêmito e ânsia.”<sup>7</sup>

---

7 Op. Cit. p.288

O poeta dirige-se à cidade, chamando por auxílio na invocação: “ó numerosa” e deixa transparecer no verso, “após tantas mãos agitadas”, que eram muitos a clamar. Mas a cidade era dura, de pedra e não se comoveu com a súplica do poeta.

Em seguida, após a ausência dele, a cidade transformou-se em outra imagem, delicada e sensual que se deixou enlaçar pelo tremor da saudade.

A ausência não foi premeditada, mas forçada porque houve uma modificação no “espaço”, na cidade, causado pelo Golpe de 1964, quando Brasília era recém nascida. De que forma uma capital pode crescer e se solidificar num regime ditatorial?

**Maria da Glória Lima Barbosa** foi estudante da Fundação Educacional do DF e da Universidade de Brasília, hoje professora da mesma fundação. Na poesia 'Praça dos Muitos Poderes' (ou a Chegança de Lula ao Planalto Central) ela exemplifica uma grande contradição que a cidade enfrentou: a expulsão de seus construtores, os candangos, que moraram em invasões próximas ao Plano Piloto e foram removidos para as cidades-satélites: “Os de carne e osso/foram para a periferia” e, conseqüentemente, a ficção de uma sociedade elitizada e limpa.

O poema destaca também as formas e o conteúdo de um espaço transcendente, que excede os limites habituais, representado por Brasília, descrita como um “centro espacial de discos e naves” que remete às formas arredondadas, enormes e, até certo ponto estranhas, que formam a arquitetura da cidade.

“Do centro espacial de discos e naves,  
dos candangos deu-se o sumiço.  
Só ficaram os dois de Bruno Giorgi,  
por serem férreos,  
eretos e insubmissos.  
Gêmeos em pura simetria,  
apenas eles suportaram a geometria.  
Os de carne e osso  
foram para a periferia”.<sup>8</sup>

A poesia cita o afastamento dos construtores da cidade e sugere uma discriminação em relação à moradia deles na “periferia” da capital, ou nas cidades-satélites. O urbanismo de Brasília surge em forma de arte, de geometria. A partir dessas ideias, analisaremos a formação das cidades-satélites, a discriminação existente entre esses moradores e os do Plano Piloto e a questão da arte na capital. Como vivem os moradores das cidades-satélites?, O problema de locomção entre as cidades e o Plano Piloto é decorrente de seu projeto original? Por outro

8 Op. Cit. p. 331

lado, como ocorreu a produção artística em Brasília?

Iremos analisar e discutir se o projeto de Lucio Costa contemplou aspectos básicas, relacionadas à circulação dos moradores na capital. Por que, numa época em que já havia metrô e ciclovias em vários outros países, a nossa capital foi planejada sem privilegiar esses meios de transporte tão importantes para os moradores?

Por último, vejamos o testemunho de **Flávio R. Kothe** sobre sua vivência na capital. Ele é professor titular de estética na Universidade de Brasília, autor de mais de trinta livros e cerca de trezentos trabalhos nas áreas de ensaio, tradução e poesia; escreveu um poema para Brasília em seu aniversário: 'Brasília: 50 anos'. Nele, a cidade é invocada e se apresenta dividida em brasa e ilha. A brasa pode simbolizar sofrimento ou claridade e a ilha pode estar voltada para a posição geográfica, cidade isolada, no centro do país, ou para o símbolo que representa o medo, que aprisiona e mata porque anula o ser e, simultaneamente, guia, mas sem esperanças:

“Brasília, para mim, és parte brasa, parte ilha:  
brasa em que me queima o fundo da virilha,  
brasa que me ameaça e ilumina a escuridão  
em que o sim se assola com o não mais não;  
ilha de coqueiros retos e arbustos bem tortos  
cercada de cerrado bravio por todos os lados  
como se ostentasse apenas momentos mortos,  
fronteira do nada, roteiro de desesperançados.”<sup>9</sup>

Na poesia de Kothe, estão duas percepções sobre Brasília. A cidade é “brasa” e, portanto, pode queimar a todos ou iluminar seus caminhos. Todavia, pode ser também, uma ilha dentro do país. Mas essa ilha não é cercada por água e sim por cerrados que simbolizam a prisão e a tortura que as pessoas sentiam na cidade durante a ditadura.

Após uma breve análise dos sete fragmentos de poemas destacados acima, percebe-se que seis deles salientam a contradição existente na construção ou no desenvolvimento da nova capital. Brasília será apresentada, analisada e discutida desde os movimentos iniciais para sua construção.

As discussões desta tese estarão, principalmente, voltadas para a vivência social que se estabeleceu em Brasília entre aqueles que optaram pelo seu cotidiano na primeira década de sua existência: os pioneiros.

---

9 Poema cedido pelo autor.

## 1.1 Metodologia da pesquisa

Brasília já teve sua arquitetura estudada, admirada de várias formas, sob diversos olhares e muitos trabalhos têm surgido desde a época de sua construção e inauguração em 1960. Estudantes, pesquisadores, artistas, escritores e analistas vêm propondo algumas leituras, em grande maioria sem o suporte científico desejado, sobrepondo ufanismo, atribuindo um carácter heroico à construção da cidade.

Nesta tese, serão registradas interpretações de natureza geopolítica de acordo com alguns pesquisadores, geógrafos, sociólogos e urbanistas que surgirão ao longo da pesquisa.

Sob o ponto de vista teórico, a obra *Brasília: a cidade e o homem – uma investigação sociológica sobre os processos de migração adaptação e planejamento urbano*, de José Pastore, por ter iniciado sua pesquisa e trabalhado logo após a inauguração de Brasília, pode ser o ponto de partida adequado para uma pesquisa que envolva a questão da migração na Nova Capital. O objetivo central do autor foi o de investigar nos fatores que afetavam a satisfação dos indivíduos após a migração para um meio social completamente novo e com uma moderna construção como Brasília. O estudo de Pastore ocorreu a partir de entrevistas com migrantes no período de 18/10/1966 a 15/12/1966. Como Brasília era recém construída, o próprio autor definiu seu trabalho como

“...uma tentativa modesta de discutir certos aspectos do experimento, para entender os pioneiros que atenderam ao chamado, que marcharam para o incerto e que estão preenchendo o vazio.”<sup>10</sup>

Pastore, apesar de ter tratado sobre a satisfação social dos migrantes, não citou a questão da ditadura militar vivenciada por eles. Outros temas importantes dessa vivência também não foram tratados porque a cidade ainda não havia se consolidado como capital. Essa necessidade de discutir temas essenciais sobre Brasília foi destacada por outros escritores e interessados no assunto.

Assim, destacamos Brasilmar Ferreira Nunes, professor com experiência na área de Planejamento Urbano e Regional, com ênfase em Teoria da Urbanização que priorizou, em seus últimos trabalhos de pesquisa, a realidade sócio territorial do Distrito Federal (Brasília). Ele destacou em uma de suas obras, a necessidade de pesquisas que decodificassem o

---

10 PASTORE, José. *Brasília: a cidade e o homem*, apresentação.

cotidiano de Brasília, registrassem sua sociedade e discursos que relembressem a vivência local dos habitantes que ocupavam o espaço onde foi implantada a Capital da República do Brasil:

“É urgente decodificar o discurso dos que optaram pela cidade, pelo seu cotidiano. É importante socializar esse discurso, dar-lhe a importância, recuperar a cidadania na sua manifestação do local, do específico. Esta poderia ser a oportunidade de consolidar a identidade deste universo diversificado, de inclusão/exclusão, dar-lhe a solidez necessária para que a gestão deste espaço possa ser tarefa de todos e não de um grupo solitário do poder.”<sup>11</sup>

O prof. Brasilmar apontou também para a necessidade de um debate crítico em torno da 'identidade' de Brasília para que sua sociedade surja de fato e não somente voltada para a questão do Poder que ela abriga. Pergunta-se: A cidade foi planejada principalmente para os políticos? Há espaço para outros habitantes? Como eles vivem na capital?

Entende-se que o momento atual quando Brasília já completou a maioridade: 50 anos, é o mais indicado para essa pesquisa porque os migrantes se acomodaram, amadureceram suas ideias e ainda podem prestar depoimentos acerca de suas vivências e em torno da história da cidade que cresceu, tomou forma e alojou muita gente. São vários os estudiosos, historiadores que se ocupam com a sociedade, com a política e com os construtores de Brasília. Dentre esses, alguns farão parte do suporte teórico desta tese:

O geógrafo Aldo Paviani, professor da Universidade de Brasília por muitos anos, dedica-se, atualmente, às pesquisas sobre urbanização em áreas metropolitanas e sobre as lacunas de trabalho nas grandes cidades, em especial na área metropolitana de Brasília. Aldo Paviani discute essa questão, em várias oportunidades em seus livros, e destaca a dificuldade de a capital em solucionar problemas, principalmente, os relativos à moradia e às injustiças sociais, que ganharam espaço à medida que a cidade assumiu características de grande metrópole, conforme afirmou:

“... tal como se estrutura a metrópole, pode-se prever um incremento das desigualdades socioeconômicas, a se manter o esquema de iniquidade na distribuição dos bens socialmente produzidos. As decisões políticas não devem ignorar a questão espacial, embora admitam que o espaço possa encobrir (mais do que revelar) a injustiça subjacente em nossa estrutura social.”<sup>12</sup>

11 Fragmentos para um discurso sociológico sobre Brasília, In NUNES, Brasilmar Ferreira. *Brasília: a construção do cotidiano*, p.15/16

12 PAVIANE, Aldo. *Brasília, a metrópole em crise: ensaios sobre urbanização*, p. 95.

O geógrafo destacou o crescimento desorganizado da cidade e da população que provocaram desigualdades e injustiças socioeconômicas em Brasília e sugeriu, como uma das causas desse problema, a disposição estabelecida na cidade, ou seja, o projeto da nova capital.

Aldo Paviani é o coordenador da Coleção Brasília que teve início em 1985, quando Brasília completava 25 anos. No momento em que a Capital completa 50 anos, os volumes foram reeditados pela editora da Universidade de Brasília, houve a incorporação da obra: *Brasília, ideologia e realidade* e a edição de um novo volume, *Brasília 50 anos: da Capital à Metrópole*.

A coleção anterior era composta de sete livros, todos permaneceram com seus conteúdos intactos, os textos foram conservados como registros históricos de diferentes fases da cidade. Os livros são: *Urbanização e metropolização* (1987), *Brasília: a metrópole em crise* (1989), *A Conquista da cidade* (1991), *Brasília: Moradia e Exclusão* (1996), *Brasília – Gestão Urbana* (1999), *Brasília: controvérsias ambientais* (2003) e *Brasília: dimensões da violência urbana* (2005).

Outra pesquisadora, Elvira Barney, registrou em sua obra, *Mulheres pioneiras de Brasília*, uma homenagem às mulheres que enfrentaram muita poeira, chuva e desconfortos para acompanhar seus maridos na luta pela construção da nova Capital.

Elvira registrou, de sua entrevista com Elenita Crisei do Valle, que viera de Araraquara-SP para Brasília, em 1960, acompanhando o marido que trabalhava na construção da Praça dos Três Poderes, a extensão da obra e do trabalho realizado:

“ Para a inauguração, o Dr. Israel pediu que fizesse um altar para a missa e limpasse toda a praça. Só que isso era no dia 19 e, para estimular, ele ofereceu três vezes mais o preço, porque tinha que ficar pronto de qualquer jeito para o dia 21 de abril. Com esse “estímulo”, que era costume da época, todo o mundo virou o dia e a noite sem parar.”<sup>13</sup>

A urgência e a motivação necessárias à construção estão presentes em todo o fragmento, mas são reforçadas na última frase 'Com esse “estímulo”, que era costume da época, todo o mundo virou o dia e a noite sem parar.' A palavra estímulo, destacada pela autora, sugere compreensões múltiplas que não serão destacadas neste momento.

É interessante observar a expressão 'todo o mundo', utilizada pela autora, em vez de, 'todo mundo'. Esta significa que todos os trabalhadores estavam ativos, aquela, que o mundo

---

13 BARNEY, Elvira. *Mulheres pioneiras de Brasília*, p. 84. As aspas, no interior do fragmento citado, são da autora.

inteiro se mobilizou em torno da obra. A expressão usada denota a extensividade da obra e das pessoas que se mobilizaram em torno dela. Remete, ainda, à questão do poder maior que apresentará o Brasil. O Estado brasileiro está organizado em três Poderes: Legislativo, Executivo e Judiciário.

Mais uma fonte teórica, importante para esta tese, é a representação literária de Brasília. O primeiro livro, editado em Brasília, marcou o lançamento da Literatura Brasileira na nova capital e abriu caminho para que poetas jovens, sediados na cidade, pudessem expor seus trabalhos e suas impressões sobre o que sentiam diante da capital.

Nesse primeiro livro, *“Poetas de Brasília”*, de Joanyr de Oliveira, Editora Dom Bosco, 1962, muitos escritores tiveram seus textos contemplados: Afonso Félix de Sousa, Alphonsus de Guimaraens Filho, Anderson Braga Horta, Ézio Pires, Gaudêncio de Carvalho, Geraldo Costa Alves, Guido Mondin, J. Santiago Naud, Jair Gramacho, Joanyr de Oliveira, Levy Rocha, Lina Del Peloso, Mário Limeira Alves, Miguy Noronha, Pedro Luiz Masi, Seleneh de Medeiros e Wilson S. Nunes.

A metodologia desta pesquisa vai desde a busca dos autores citados, que têm Brasília como objeto de estudo, visitas ao Arquivo Público de Distrito Federal, a contatos com vários grupos sociais pioneiros que trabalharam pela sociedade brasiliense e permitiram o aparecimento de uma cultura na cidade.

Dessa organização, análises e discussões é que deverá emergir uma nova leitura sobre Brasília, capaz de gerar ramificações de pensamentos e propostas sobre como se apresentava a cidade enquanto produto cultural em sua primeira década.

A memória dos pioneiros e registros em textos serão a via de acesso ao aprendizado que deverá ocorrer a partir de análises, de compreensão do planejamento, da estrutura e do desenvolvimento da cidade. É interessante observar que a escolha dos pioneiros, participantes desta tese, ocorreu a partir da data da chegada deles a Brasília, considerando a época delimitada pela investigação (primeira década da nova capital). Não foram considerados, portanto, seus locais de origem, posição social que ocupavam na época; nenhum dado discriminatório em relação às vivências de cada um no instante em que foram convidados a participar desta pesquisa.

Essa memória não será constituída somente pelo passado remoto da cidade de Brasília ainda tão nova, mas pelo dia-a-dia dos pioneiros que vieram para a Capital, onde se enraizaram com suas famílias e em sua maioria permaneceram, não mais voltaram para seus



estados de origem. Serão destacados alguns textos que foram escritos para a cidade e sobre ela pelos próprios pioneiros que julgaram importante registrar suas impressões.

Histórias contadas por pioneiros, análises semióticas de leituras de textos, restritas para esta pesquisa, farão parte do objeto de estudo delimitado pelo período em que a cidade foi planejada, durante sua construção e nos primeiros dez anos de sua existência.

A análise semiótica será importante no desenrolar desta pesquisa porque ela permitirá as leituras necessárias das entrevistas feitas com pioneiros, dos textos, das histórias sobre a construção de Brasília e do urbanismo da cidade. Na percepção de Roland Barthes, seria impossível pesquisar sem o entendimento da Semiologia porque ela leva o leitor a reproduzir, a aprofundar, a diversificar, a fragmentar; enfim, a expor diante de sua pesquisa.

No *Curso de Linguística Geral*, Saussure apontou para um problema que a linguística não conseguia resolver: quando se estuda um signo socialmente ele admite apenas os caracteres da língua a que pertence. Sabe-se que um signo denota mais que esses caracteres. Ele possui características dos diferentes sistemas de sinais de comunicação entre indivíduos ou coletividades. Diante disso, pode-se afirmar que para um signo atingir sua meta é preciso que seja analisado sob a perspectiva semiológica em geral e a da língua em particular. Só assim poderemos ter uma compreensão maior de um signo.

Baseado em Saussure, Barthes explicou a semiologia:

“... Semiologia tem por objeto, então, qualquer sistema de signos, seja qual for sua substância, sejam quais forem seus limites: as imagens, os gestos, os sons melódicos, os objetos e os complexos dessas substâncias que se encontram nos ritos, protocolos ou espetáculos, se não constituem “linguagens”, são, pelos menos, sistemas de significação.”<sup>14</sup>

Assim, voltados para a multiplicidade dos fatos e com cuidado para não nos perdermos na infinitude de dados, analisaremos os depoimentos de pioneiros que vivenciaram a construção, a inauguração e os primeiros 10 anos de existência de Brasília.

O que nos propomos, a partir desta análise, é levantar e interpretar os hábitos, as contribuições, os problemas enfrentados pelos pioneiros por meio de uma compreensão semiológica, a fim de revelar a cultura inicial desenvolvida em Brasília.

Isso não significa que cultura seja apenas comunicação e significação, mas em sua complexidade, cultura possa ser entendida quando abordada do ponto de vista semiológico.

Esta pesquisa está, também, voltada para a análise de discurso, que compreenderá um

---

14 BARTHES, Roland. *Elementos de Semiologia*, p. 11.

trabalho simbólico, social, constitutivo do homem e de sua história. A análise de discurso, segundo Eni P. Orlandi, trata do discurso. E a palavra discurso etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso, observa-se o homem falando. Na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história. A análise de discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social.

Para Foucault, o discurso reproduz-se em razão de relações de poder e saber que se implicam mutuamente. Assim, falar e ver constituem práticas sociais por definição, amarradas às relações de poder, que as supõem e as atualizam.

Diante dessas ideias, o discurso ultrapassa a simples referência das 'coisas', e existe além da língua. Não pode, no entanto, ser entendido como fenômeno de mera 'expressão' de algo. O discurso traz consigo regularidades intrínsecas a si mesmo que são capazes de definir sua rede conceitual que seria desvendar aquilo que não se vê em algo visível; ou seja, há enunciados e relações que o discurso estabelece e, cabe ao leitor, desvendá-los.

No intuito de revelar a cultura pioneira de Brasília, elegemos como base de estudos o discurso, inicialmente oral, depois transcrito, de quem trabalhou na construção, na literatura e no desenvolvimento diário da cidade. Ou seja, a cidade materializada pelos pioneiros, pela vivência e pelos textos, quando as palavras utilizadas pelos escritores narram e descrevem a cidade.

Nesse sentido, Brasília será lida\*, analisada e compreendida numa visão semiótica da arquitetura, da literatura e da memória observada nos discursos de alguns habitantes que nela viveram na primeira década. A Semiótica apontará possibilidades e instigações nas análises e não excluirá fatos ou histórias preexistentes.

O patrimônio cultural de Brasília deverá surgir a partir de fatos, de lembranças da construção até a evolução da cidade, descrita pelos pioneiros que vieram, muitos deles, para trabalhar e hoje têm a certeza de que vivenciaram parte da história de Brasília. Os fatos aqui considerados serão aqueles que repercutem na produção do conhecimento dos pioneiros e nos sentimentos deles na época da migração.

---

\* A palavra leitura tem o sentido de visão de mundo, de percepção do pioneiro. Num sentido mais restrito, a leitura poderá revelar aquilo que estava implícito: o que não foi dito, mas que está significando, ou seja, as relações de sentidos que se estabelecem entre o que um texto diz e o que ele não diz, mas poderia dizer, e entre o que ele diz e o que outros textos dizem.

A questão para a qual deveremos estar atentos, enquanto analisarmos as vozes dos pioneiros, é observar se eles, por terem passado toda a vida na e para a cidade, não irão retratar a realidade da capital somente como um ideal que eles internalizaram como sendo a realidade. Quase tudo que se lê sobre a cidade dá-nos a impressão de que ela se tornou imortal, e os pioneiros ao entenderem que contribuiram para que isso ocorresse, também se julgam imortais. Isso se complica, porém, ao observar-se que nos dias atuais, os pioneiros estão, praticamente, desaparecendo da história de Brasília ao falecerem e não haver registro de suas participações.

Em busca de cumprir o objetivo de que os pioneiros registrassem suas experiências, foi confeccionado e aplicado nas entrevistas um questionário. A ideia desse questionário surgiu a partir de discussões com o orientador desta tese, Prof. Flávio Kothe, e da leitura da obra de Ecléa Bosi, *Cultura de Massa e cultura popular: leituras operárias*, em que a autora pesquisa e analisa a questão da leitura feita pelas operárias em fábricas na cidade de São Paulo. Nessa obra, a autora coloca a importância da leitura para a população em geral e para as operárias, e investiga se elas leem ou não, e que tipo de leitura preferem. Trabalha, assim, a questão da cultura popular e da cultura de massa, ilustrando a importância da contribuição das operárias para a formação de uma cultura que represente o espaço vivido por elas.

Desse modo, a partir da linguagem de pioneiros e da literatura, será observada a combinação de suas vivências com a história de Brasília e como resultado, teremos a cultura implantada na cidade. Essa percepção se dará pela experiência que cada um demonstrará em sua vivência e em suas atividades diárias. Essas experiências não serão reveladas individualmente, mas necessitarão de um esforço coletivo, por isso a importância dos registros das entrevistas de pioneiros que deverão trazer suas percepções e conhecimentos desenvolvidos na época de suas migrações para Brasília.

Quais as contribuições bases para a cultura de Brasília? Como os artistas perceberam e revelaram em seus trabalhos a arquitetura da cidade?

Considerando que o sujeito assume identidades diferentes de acordo com o momento em que vive, ele traz dentro de si identificações contraditórias e mutáveis que serão expostas numa linguagem que simbolizará a cultura da sociedade em que se estabelece. Stuart Hall afirma que o sujeito pós-moderno não tem uma identidade fixa e que essa definição ocorrerá numa visão histórica e não biológica. Ele afirma que:

“A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.”<sup>15</sup>

Considerando as ideias de Stuart, Brasília ainda é muito recente para apresentar uma identidade e, para que isso ocorra, o tempo é fundamental porque só ele poderá agregar história à cidade e identificá-la numa determinada época.

Então, esta tese não deverá buscar uma identidade para a cidade, mas um conceito de cultura que deverá demonstrar, resolver, baseado na representação social da cidade, na produção literária e no discurso dos pioneiros sobre Brasília, a procura de significados para a cultura pioneira da cidade. Esta abordagem será desenvolvida a partir dos resultados do questionário e de análises de textos literários.

Vale esclarecer que nesta tese não haverá, como foi pensado no projeto inicial, análises de filmes, sites e pessoas que não quiseram responder ao questionário. Esse recorte foi necessário porque mais essas análises, extrapolariam as pretensões desta, uma vez que temos registradas as vozes de 44 pioneiros.

---

15 HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*, p. 13.

## **2 HISTÓRICO DE BRASÍLIA**

Nossa tarefa será a de 'enxergar' a capital a partir da leitura semiótica de textos e vozes de pioneiros, e poderá denotar-se contrária ao que neles está impresso. A cidade é entendida como um organismo vivo, em sua estrutura física apoiam-se sistemas de vida; ou seja, atividades que se relacionam de forma sistêmica. Assim, a cidade é uma manifestação concreta de cultura.

A cultura pioneira de Brasília deverá representar não só a vontade e os anseios dos pioneiros, mas as propostas originais e importantes para que se compreenda o desenvolvimento da cidade.

Entende-se que a concretude da cultura é a narrativa do momento, é a busca do que se entende como melhor para as pessoas e, ao mesmo tempo, representa o legado que será impresso num determinado tempo e espaço de uma sociedade. Com essa ideia, compreende-se que a cultura está na sociedade, mas não pode ser imposta por ela, porque sempre necessitará de organização, de crítica antes de ser assimilada por todos que nela vivem.

### **2.1 O questionário**

As representações refletem a realidade ao mesmo tempo em que a influenciam, à medida que podem orientar práticas, mudanças de percepções e conceitos. Essas representações existem no cotidiano diário de um grupo social e têm a função de aproximar os grupos na linha do tempo uma vez que os aproximam da realidade vivida, fato que pode torná-los familiares.

A proposta do questionário abaixo é revelar não somente a satisfação dos migrantes, mas a elaboração sobre a cultura que eles, de alguma forma, implantaram na cidade. Mostrar a representação de fatos que irão exprimir realidades coletivas que se destinam a destacar ou a refazer algumas lembranças dos migrantes, para examinar o quanto e como a arquitetura e o urbanismo influenciaram na vivência do dia-a-dia deles enquanto a população crescia e tornava real uma sociedade na nova capital.

Em suma, o problema central desta investigação é representar a origem cultural de

Brasília e destacar se houve influência do projeto e do urbanismo da jovem cidade nos pioneiros que a buscaram para viver.

A memória em pauta será a coletiva. O questionário registrará as lembranças particulares dos pioneiros entrevistados, suas vivências, mas as constatações só serão possíveis por meio da análise semiológica que deverá ocorrer a partir das respostas obtidas pelo questionário.

O que temos, então, é um questionário que será um dos pontos de apoio para desenvolver o argumento central desta tese:

- 1) Nome e cidade de origem.
- 2) Quando migrou para Brasília? Quantos anos tinha na época? Veio só ou com outras pessoas?
- 3) Há quantos anos mora em Brasília? Sua chegada foi ou não gratificante? Qual seu grau de satisfação por viver em um sistema social incipiente?
- 4) Veio para Brasília por razões profissionais? Qual a primeira ocupação profissional na nova Capital? Avalie suas condições de trabalho e moradia após a migração?
- 5) Qual sua avaliação em relação ao grau de satisfação/insatisfação nesta Capital:
  - a) com a construção, evolução ao longo do regime militar, a corrupção e o oportunismo político?
  - b) com a implantação de serviços em geral?
  - c) com o modo de convivência das pessoas, havia muita solidariedade inicialmente? Houve modificação no decorrer dos anos?
- 6) A construção de Brasília foi percebida como uma ação para atingir objetivos múltiplos. Você se sente parte do projeto histórico cidade?

- 7) Após meio século da inauguração, Brasília surge bastante diferente de seu projeto inicial. Considerando o desenvolvimento urbano da cidade, o que Brasília ganhou ou perdeu nesses anos de existência?
- 8) Na sua opinião, há falhas básicas no projeto inicial de Brasília, principalmente, no que diz respeito à locomoção dos moradores das Cidades-satélites para o Plano Piloto e no próprio Plano?
- 9) A respeito da vida cultural/literária de Brasília, como se desenvolvia na época inicial? E hoje, como se apresenta? Caso necessite de mudanças, o que poderia ser feito para melhorar?
- 10) Como é viver em Brasília? Compare-a com sua cidade de origem: sente-se, atualmente, menos feliz, igualmente feliz, ou mais feliz em Brasília? Brasília lhe parece uma cidade artificial?
- 11) Com relação ao nível de emprego/desemprego, como se apresentava a população nos primeiros anos de Brasília?
- 12) Pode-se supor que o DF se divide numa sucessão de “casa-grande e senzala”, em vez do projeto igualitário proposto inicialmente?
- 13) A arquitetura de BSB é especial para você, ou já lhe parece normal, ou artificial? Por quê? Essa arquitetura interfere na vivência dos habitantes da cidade?
- 14) Os habitantes de BSB lhe parecem diferentes, em relação aos moradores de outras cidades, no que diz respeito ao relacionamento entre eles?
- 15) Na sua opinião, vive-se bem em BSB nos dias atuais? O que lhe parece melhor ou pior no cotidiano da cidade?

- 16) Juscelino Kubitschek, com a construção de Brasília, e na sua opinião, colocou-se ao nível dos maiores estadistas que o Brasil já teve?
- 17) Brasília é uma fonte inspiradora para os artistas que nela vivem ou a presença próxima do poder gera inibição ou repressão na liberdade criativa necessária ao artista, induzindo-o a produzir conforme as conveniências do poder?
- 18) Como você viveu ou não, a diferença entre as esperanças da época de Juscelino e os anos de chumbo da Ditadura Militar em Brasília?
- 19) Quais obras literárias ou artísticas você citaria como representantes ou mais relevantes de Brasília?
- 20) Há alguma questão que você gostaria de acrescentar além das já feitas?

Esse questionário, constituído de 20 itens, serve de condução e de roteiro para que a pesquisa possa cumprir seu objetivo maior que é o de discutir as questões relevantes para a história da cultura de Brasília. O comentário, a seguir, tem a finalidade de que todos os itens sejam esclarecidos de acordo com a compreensão necessária para o desenvolvimento da pesquisa.

As três primeiras questões da pesquisa são voltadas para a identificação do migrante: seu nome, origem, data da migração, quantos anos tinha na época, se veio só ou acompanhado e há quantos anos está na cidade. Na terceira pergunta, o migrante terá a oportunidade de avaliar sua chegada, o momento inicial em que se viu diante de uma cidade nova onde ele deveria conviver com outros em função de algum interesse comum. Após essa colocação o migrante deve apontar seu grau de satisfação com o grupo social que encontrou na cidade.

Em seguida, o migrante é levado a refletir e avaliar sua primeira ocupação profissional na capital, e as condições de trabalho e moradia a que foi submetido após a chegada. Esse item sugere o grau de satisfação do migrante com a acolhida recebida, uma vez que moradia, atuação profissional e a recompensa pecuniária do trabalho são variáveis importantes na realização dos seres e na inserção deles na sociedade e mesmo uma motivação para a



satisfação com a cidade.

Na quinta pergunta, há uma avaliação muito importante para a pesquisa, pois trata da satisfação ou insatisfação do migrante na capital. Essa questão foi subdividida em subitens que tratam da avaliação sobre: a construção da cidade, a instalação da ditadura, ocorrida logo após a inauguração, o oportunismo político ou corrupção; os serviços, em geral, existentes na cidade e a convivência estabelecida entre as pessoas naquele momento. Essas respostas vão apontar para o índice de satisfação com a política, com a economia e com a convivência social na nova capital.

Na questão seis, o entrevistado deverá pensar sobre a sua participação no processo de implantação e desenvolvimento da cidade e colocar-se como parte ou não do projeto histórico de Brasília. Nesta oportunidade, vale ressaltar que todos os migrantes são parte desse processo, pois a cidade somente existirá a partir da vivência das pessoas que a procuram para nela viver, entretanto, cada migrante trará sua percepção sobre o assunto e assim será analisado.

Nas três próximas perguntas, o migrante é solicitado a pensar sobre as interferências do projeto, do urbanismo e da vida cultural já existente em Brasília em sua própria vida. Serão constatações, convicções e comparações que o migrante irá estabelecer entre a vivência em Brasília, nas cidades-satélites e sua cultura inicial. Os habitantes do Plano Piloto conhecem a realidade das cidades-satélites ou convivem com pessoas dessas cidades?

As perguntas de números dez a quatorze são subjetivas e irão avaliar o grau de satisfação do migrante em relação à sua opção de moradia e ao seu cotidiano na cidade. As questões estão voltadas para o sentimento percebido e desenvolvido em relação ao projeto, à vivência e à política desenvolvida na nova capital. Enquanto alguns migrantes tiveram opções excelentes de moradia, outros não tinham onde morar, por quê?

No item quinze, o entrevistado irá comparar seus sentimentos iniciais sobre Brasília com os atuais e, a partir desse exercício comparativo consciente do migrante, críticas deverão surgir com relação à criação e ao desenvolvimento da cidade.

Os itens dezesseis a dezoito são de cunho político devido à característica maior de Brasília, sede do poder do Brasil. O pioneiro irá contribuir com suas percepções políticas e artísticas, direcionadas para a criação, produções artísticas e sobre a época da Ditadura Militar em Brasília. Essas considerações trarão histórias de vida voltadas para a política, para a arte e deverão esclarecer um pouco sobre a questão da influência do poder na arte produzida na

cidade.

As duas últimas questões são para conclusão e indicações de dados, livros e outros pioneiros que possam colaborar com a pesquisa. São importantes porque irão ajudar no levantamento de pessoas e dados relevantes para a continuação da pesquisa.

No percurso desta busca sobre a cultura de Brasília, as entrevistas serão gravadas, ouvidas, transcritas e depois analisadas de acordo com as constatações e registros dos migrantes que para cá vieram, com suas famílias ou não, fixaram residência e trabalharam para que Brasília criasse vida e exercesse sua função política de Capital da República do Brasil.

## **2.2 Histórico da Nova Capital**

### **2.2.1 *Um sonho para o futuro – ideias – utopias e realidades***

Desde a Inconfidência Mineira (1789) existia a ideia de estabelecer o governo no interior do país para facilitar a exploração de minérios. Assim, os inconfidentes defendiam essa mudança, mas a localização escolhida era São João Del Rey-MG.

Em 1808, o jornalista Hipólito José da Costa fundou o jornal *Correio Braziliense*, em Londres e, por vários anos, escreveu artigos sugerindo a transferência da capital para as cabeceiras do rio São Francisco(MG).

Em 1821, de acordo com relatos de Ernesto Silva, José Bonifácio de Andrada e Silva, indicou a criação de uma cidade no interior do Brasil para exercer a função de capital:

“Criar uma cidade central no interior do Brasil para assento da Regência, que poderá ser em 15° de latitude, em sítio sadio, fértil, ameno e junto a algum rio navegável.”<sup>16</sup>

Entretanto, foi em 1891, com a promulgação da Primeira Constituição Republicana do Brasil, que surgiram as primeiras atitudes concretas, ao ser assegurado, em seu artigo 3º, que seria demarcada, no Planalto Central, uma área de 14 mil quilômetros quadrados para a

---

16 SILVA, Ernesto. *História de Brasília*, p. 22.

construção da futura capital, conforme citação no Relatório Cruls:

“Art. 3º – fica pertencente a União, no Planalto Central da República, uma zona de 14.400 km<sup>2</sup>, que será oportunamente demarcada, para nela estabelecer-se a futura Capital Federal.”<sup>17</sup>

Em consequência, em 1892, foi nomeada a Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, integrada por médicos, geólogos, botânicos, entre outros, e liderada pelo astrônomo Luiz Cruls.

O estudo foi feito e o relatório da comissão Cruls foi entregue em 1894, entretanto os governantes seguintes não deram continuidade ao projeto.

A área demarcada pela comissão ficou conhecida por Quadrilátero Cruls. Dois relatórios foram apresentados ao governo, em 1893 e 1894, em ambos, o astrônomo apresentava ao Governo Republicano o Relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central, o qual passou a ser conhecido por Relatório Cruls.



**Figura 01** - Missão Cruls

**Fonte:** Arquivo Público de Brasília

O Presidente Epitácio Pessoa assinou um decreto em janeiro de 1922, determinando que no dia 7 de setembro de 1922 fosse colocada, no ponto mais apropriado do Quadrilátero Cruls, a pedra fundamental da futura Capital do Brasil. A nove quilômetros de Planaltina, no Morro do Centenário, foi fincada a Pedra Fundamental de Brasília na data prevista e onde ainda se encontra.

---

<sup>17</sup> CRULS, Luiz. *Relatório Cruls*, p. 12.



**Figura 02** - Pedra Fundamental da futura capital

**Fonte:** [http://3.bp.blogspot.com/t7bqGTKYTKs/T4Q6R2Z\\_\\_RI/AAAAAAAAAAco/CAMJZqWToEw/s1600/pedra\\_fundamental.jpg](http://3.bp.blogspot.com/t7bqGTKYTKs/T4Q6R2Z__RI/AAAAAAAAAAco/CAMJZqWToEw/s1600/pedra_fundamental.jpg) , acessado em 01/08/1012.

O médico Antônio Martins de Azevedo Pimentel participou da Comissão Cruls e assim descreveu a região observada:

“É exuberante a fertilidade do solo; a salubridade proverbial; grande a abundância de excelente água potável; rios navegáveis; extensos planos sem interrupções importantes; soberbas madeiras de construção de suas grandes florestas; abundância de preciosos minerais...  
Infelizmente, porém, isto é desconhecido, e todo o interior longínquo do Brasil ainda hoje passa por ser país doentio, muito quente e mesmo inóspito.”<sup>18</sup>

Percebe-se, na explanação sobre o local observado, a fartura dos recursos hídricos naturais da região. Por outro lado, está a previsão das dificuldades futuras que poderão ser causadas não só pelo desconhecimento da área, mas pela distância geográfica do restante do Brasil. Prenúncio de tempos difíceis. O acesso custoso à região é um fator importante no cotidiano das pessoas que deverão trabalhar na construção da Capital e poderá ser uma das causas de solidão e não fixação delas na região.

Relatório pronto e entregue, Pedra Fundamental assentada, contudo, os anos passavam e quase nada mudava na região, inclusive a ideia do local determinado pela Comissão parecia esquecida. Todo o processo de estudo e discussões sobre os momentos da construção da capital foram tratados e podem ser revistos nos livros de Adirson Vasconcelos,

<sup>18</sup> PIMENTEL, Antonio M. A. *A nova Capital Federal e o Planalto Central do Brasil*, pp. 29 e 30.

principalmente, no que recebeu o título de *A mudança da Capital*.

Na Constituição de 1946, foi determinado outro estudo para a localização da nova Capital Federal. A Comissão nomeada, em 1948, pelo então presidente Eurico Gaspar Dutra, conhecida como Missão Polli Coelho, porque foi coordenada pelo General Polli Djalma Coelho, constatou, após 2 anos de trabalho, que o melhor local era, de fato o Quadrilátero Cruls, mas a área deveria ser aumentada. O relatório da Missão Polli Coelho diz o seguinte:

“Sou de opinião que, muito embora o “retângulo Cruls” tenha sido demarcado com 14.400 quilômetros quadrados, isto é, seja dez vezes maior do que o atual Distrito Federal, convirá dar ao futuro Território Federal do Planalto uma superfície ainda maior, indo-se à ordem de uns 50.000 quilômetros quadrados.”<sup>19</sup>

Portanto a área demarcada aumentou, passando para 50.000 km<sup>2</sup>. O relatório de Polli Coelho detalhou ainda mais os estudos relacionados por Cruls. No Congresso, havia duas correntes ideológicas: os que defendiam a capital no Planalto Central e os que desejavam a localização no Triângulo Mineiro. Juscelino Kubitschek e Israel Pinheiro, deputados federais, na época, eram simpatizantes da segunda proposta.

O projeto continuou em debate no Congresso Nacional e, em 1953, Getúlio Vargas sancionou a lei que autorizava a realização de estudos definitivos para a localização da nova capital no Planalto Central.

A nova comissão, presidida por Aguinaldo Caiado de Castro, contratou a firma americana, Belcher & Associates Incorporated para analisar a região. Após essas análises, em abril de 1955, a firma escolheu o Sítio Castanho para a construção da nova capital.

Nesse mesmo ano, ocorreu o episódio num comício de campanha em Jataí-GO quando, o então candidato a presidente, Juscelino Kubitschek, prometeu construir a nova capital. Brasília se tornaria realidade, a partir de 1956, quando JK, eleito, assumiu a presidência e a promessa da campanha.

Desde então, Brasília tem sido foco de análises que se transformaram em obras e abordam os mais variados olhares, retratando os diversos ângulos da cidade. Estudantes e pesquisadores debruçam-se sobre assuntos pertinentes à história, à urbanização, ao processo de tombamento da cidade, e a outros assuntos tratados nas universidades brasileiras e estrangeiras.

---

19 COELHO, Polli Djalma. *Relatório Técnico*, 1ª parte Vol. II, p. 11.

Brasília, no auge de seus 50 anos, ainda é muito jovem, mas é uma cidade ponderada durante anos. Parece ter sido recompensada pela demora, ao ser construída num período recorde: 3 anos e 10 meses. A cidade foi entregue para exercer a função de Capital da República Federativa do Brasil, mas havia muito o que se construir para que pudesse abrigar todos os que nela viviam.

Irenêo Joffily descreve o início desse processo que perdurou por quase dois séculos:

“Nos Autos de Devassa da Inconfidência Mineira (1789), aparece, repetidamente, que os conjurados já haviam acertado a organização de “uma república, dividida em várias províncias, com uma capital na Vila de São João del-Rei, onde havia de se fazer uma Universidade como a de Coimbra”. Aí se vê, pela primeira vez, a preocupação de mudar-se a Capital para o Interior do País, tendo-se como fator principal a exploração dos minérios, não apenas o ouro como o ferro, no que era especialista o conjurado José Alvares Maciel.”<sup>20</sup>

Desde então, a ideia percorreu um caminho longo pela História do Brasil: surgiu no final da era colonial, passou pelos dois reinados, 1822 a 1889, atravessou os sessenta e seis anos de República e foi enfatizada na campanha presidencial de 1955 quando o candidato Juscelino de Oliveira Kubitschek prometeu, em público, cumprir a Constituição do País, inclusive construir a nova capital que há anos constava dela. Eleito à presidência, Juscelino sancionou a Lei 2.874, no dia 19 de setembro de 1956, que confirmou a interiorização e a construção da nova Capital, de acordo com sua própria explicação:

“A lei era simples, mas redigida com a clareza e a concisão características do estilo de San Thiago Dantas. Em seu artigo primeiro, determinava: “A capital Federal do Brasil, a que se refere o art. 4º do Ato das Disposições Transitórias da Constituição de 18 de setembro de 1946, será localizada na região do Planalto Central, para esse fim escolhida.” O artigo segundo autorizava o Poder Executivo a tomar providências para acelerar a construção da nova cidade, inclusive a de construir uma nova sociedade que se denominaria Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil.”<sup>21</sup>

Parte da história sobre a interiorização, construção e inauguração da Capital foi escrita, sob o olhar de pioneiros, em obras que, de alguma forma, preparam a cidade para resultados futuros.

Numa perspectiva pioneira, Brasília apresenta-se pronta para receber o Poder e todos que acreditam nela como fonte de trabalho, de vida futura.

Clemente Luz foi o primeiro escritor e jornalista que ligou o exercício de sua profissão

20 JOFFILY, G. I. *Brasília e sua ideologia*, p. 22. As aspas do interior do texto são do autor.

21 KUBITSCHKE, Juscelino. *Por que Construí Brasília*, pp. 44/45.

à edificação de Brasília. Jornalista, escritor e poeta, ele chegou a Brasília em 1958, e é considerado o primeiro cronista da cidade. Clemente Luz escrevia suas crônicas no dia-a-dia dos canteiros de obras e eram transmitidas à hora do almoço. Os candangos sintonizavam seus 'radinhos' de pilha na Rádio Nacional para ouvir aquele que muitos consideravam "a voz ou o texto de Brasília".

As crônicas comunicavam uma visão ampla da construção, da inauguração e dos primeiros anos de vida de Brasília. Em sua linguagem poética, Clemente Luz expõe a cidade:

“1959 ... A Cidade é inventada e se inventa, a cada instante, ante os olhos atônitos de homens e crianças. É a jovem futura cidade que, como uma jovem futura mulher, está desabrochando para a vida.  
A gente não percebe direito o corpo da mulher sob as vestes simples da menina-moça.”<sup>22</sup>

Geraldo Irenêo Joffily participou do nascimento da nova capital, foi o primeiro juiz eleitoral, e retratou a história com propriedade. A intenção de interiorizar a capital advém de 1789, mas a ideia inicial da construção foi de José Bonifácio, segundo Joffily:

“Assim, no dia 9 de julho de 1823, foi lida na primeira Assembleia Constituinte Brasileira, a famosa sugestão do Patriarca: “Parece muito útil, até necessário, que se edifique uma nova capital no interior do Brasil, que poderá chamar-se Petrópolis ou BRASÍLIA ... Como esta cidade deve ficar, quanto possível, equidistante dos limites do Império, vai-se abrir, deste modo, por meio de estradas, que devem sair deste centro como raios, para as diversas províncias, uma comunicação e por certo criará em breve giro de comércio da maior magnitude...A escolha final do local só pode decidir-se exatamente depois de trabalhos geodésicos e sanitários.”<sup>23</sup>

O fragmento, além de clarificar a localização e o nome da futura capital, faz menção à condução que se deve dar a ela: a cidade deve ficar no centro, várias estradas deverão surgir, destinadas a ligação do centro do país com seus estados, ou ligação do centro com as periferias, mantendo, assim, a comunicação entre eles. Há, também, a certeza de que a futura capital deverá crescer e o comércio deverá acompanhá-la, “e por certo em breve giro de comércio da maior magnitude”.

O discurso do Patriarca demonstra que há muito já se imaginava a necessidade de locomoção que se instalaria juntamente com a nova capital. Parece que ao se planejar a cidade não se considerou sua história remota e os problemas, por exemplo, de transporte que se observam hoje, e os indícios anteriores, não foram ponderados. Será que a urgência em torno

22 LUZ, Clemente. *Invenção da Cidade*, p. 52.

23 JOFFILY, G.I. *Brasília e sua ideologia*, p. 25.

do tema atrapalhou a comissão responsável pela construção de se organizar e analisar os precedentes de Brasília?

A ideia, desde os primórdios, parece que era construir uma capital no centro do país para dificultar a ação de aproveitadores e para que a posição central facilitasse o Poder. Seria, em outras palavras, os olhos do Poder centralizados em todo o país. Assim, não fica claro que os brasileiros procurariam o centro em busca de uma vida melhor na capital?

Todas as questões, que se possa levantar desse fragmento, apontam para que o projeto de Brasília privilegiasse a locomoção das pessoas, a projeção de moradias para os futuros habitantes, enfim, o conforto para todos os que decidissem se fixar na capital. No entanto, o que se observa é que os fatos ligados, de uma forma ou outra, ao 'nascimento' de Brasília: a memória da cidade foi esquecida. A história renasceu, baseada no pressuposto de que tudo deve ser como o Poder deseja e não como a realidade aponta.

Conhecido como 'Pioneiro do Antes', o médico, Ernesto Silva chegou ao Planalto Central antes mesmo de Juscelino Kubitschek. O título de "Pioneiro do Antes", ele ganhou do Cel Affonso Heliodoro, também pioneiro, porque Ernesto Silva foi secretário da "Comissão de Localização da Nova Capital do Brasil" (1953/1955).

A história desse pioneiro confunde-se com a de Brasília porque, após a comissão, ele continuou o trabalho para a construção da cidade de onde não mais saiu. Sua morte ocorreu em Brasília, aos 95 anos de idade, em 2010. Um busto e a urna com os restos mortais do pioneiro estão fixados em escultura metálica, na Casa da Fazenda Gama, tombada pelo Governo do Distrito Federal em 21 de março de 2006.

Ernesto Silva teve participação efetiva no planejamento e na construção de Brasília; presidente da Comissão de Planejamento da Construção e da Mudança da Capital Federal (1956); diretor da NOVACAP (1956/1961); e conselheiro da Fundação Educacional e da Fundação Hospitalar do DF (1960/1961). Foi ele também quem assinou, em 1956, o Edital do Concurso do Plano Piloto e mais tarde, em 1970, publicou a história de Brasília em obra.

Ao final da gestão da Comissão de Planejamento da Construção e da Mudança da Nova Capital, Ernesto Silva fala sobre a previsão da chegada de migrantes de todo o país para a construção e a preocupação com o excesso deles porque a cidade não fora planejada para ser metrópole, mas para uma pequena população de 500 mil habitantes:



“Sabíamos que, iniciada a construção da nova Capital, levas de nordestinos, de goianos e mineiros se dirigiriam para estas plagas em busca de melhores salários e colocações mais compensadoras, que jamais poderiam conseguir nos seus Estados de origem. Nosso pensamento era criar condições favoráveis nesses municípios vizinhos (colônias agrícolas, pequenas indústrias), dotando-os também de assistência médica e educacional condigna, e preparando-os para receberem esse excesso de migrantes, a fim de que Brasília fosse o que ela deveria ser na realidade: a pequena cidade de 500.000 habitantes, onde os Três Poderes se instalassem, com aquela população adjetiva necessária à população substantiva.”<sup>24</sup>

Houve, então, uma preocupação inicial de manter a maioria dos migrantes afastados da capital. Somente uma parte da “população adjetiva”, fundamental para a construção da Capital seria 'privilegiada', iria servir a “população substantiva” e poderia, então, morar na nova capital. O Poder, em sua forma totalitária, não considerou que as pessoas têm o direito de ir e vir garantido pela Constituição do Brasil. Logo, os brasileiros não poderiam ser impedidos de se fixar na nova capital se assim o desejassem.

A ideia de *Casa-grande* (população substantiva) e *Senzala* (população adjetiva) não estaria predominando nas palavras de Silva? A ideia totalitária é reforçada quando Silva relata, em caixa alta e com a repetição do pronome indefinido 'nada' no período:

“NADA, ABSOLUTAMENTE NADA, HAVIA NESTE IMENSO TERRITÓRIO.”<sup>25</sup>

O pronome 'nada', além do significado próprio, a confirmação do vazio humano, dá ênfase à necessidade de modificar a região e à certeza de ser o local correto para a construção da capital que, além de acolher o Poder, iria proporcionar o desenvolvimento para as regiões próximas à capital. Contrariamente à visão de Silva, observa-se que já no Relatório Cruls (1894) está a orientação de que, durante a pesquisa, a comissão havia observado que a fauna, a flora e o solo do Planalto Central compunham os mais importantes registros ecológicos de nossa história.

Anos após, a Missão Polli Coelho apresentou, em 1948, outro relatório em que enaltecia os recursos naturais do novo Distrito Federal, sugerindo, inclusive que havia possibilidade de o Distrito Federal sobreviver desses recursos:

---

24 SILVA, Ernesto. *História de Brasília*, p. 96. (Sic)

25 Idem. Op. Cit. p. 108.

“A região escolhida apresenta, pela diversidade de sua formação e pela singularidade de sua posição, uma inegável riqueza potencial de recursos naturais, conferindo-lhe, desse modo, a possibilidade de uma autarquização econômica quase total.”<sup>26</sup>

Sendo assim, a ideia de Silva constitui um certo exagero, no sentido de que havia muitas coisas na região delimitada para o Distrito Federal, não se tratava de uma região totalmente vazia, pelo contrário havia vida e riquezas naturais.

Ernesto Silva trabalhou junto de uma equipe para organizar ações necessárias para a obras, iniciadas em fevereiro de 1957. A equipe realizou pesquisas em torno das doenças epidemiológicas que poderiam atacar na região central do Brasil, e providenciaram combate e medidas preventivas no período de construção.

Essa equipe constatou que a região estava apropriada para o início das obras:

“Em fins de 1956, havia, na realidade, deflagrada no Planalto Central, uma guerra total e os combates se disseminaram por toda a região. Todos estavam cômicos de seus deveres, sem individualismos, sem interesses pessoais, sem egoísmos, sem falatórios, sem manchetes de jornais.”<sup>27</sup>

Durante leituras de registros históricos sobre Brasília, percebeu-se que esse combate fora eficiente porque não houve sinal de epidemias, apesar das precárias condições de moradias e da intensidade de trabalho a que todos foram submetidos. Os operários trabalhavam, muitas vezes, mais de 14 horas por dia, inclusive nos finais de semana e feriados, devido à 'urgência da construção' e à afeição de ganhos extras. A ideologia da 'urgência' gerou gastos maiores do que se esperava com a construção.

Esse processo ocasionou inflação e corrupção. Poderia ter sido feito diferente e o gasto ter diminuído ou a construção demorado um pouco mais para terminar. Isso sugere que houve um erro ideológico na época, a pressa da construção trouxe problemas para o Brasil e o mérito da construção ficou para alguns e não para os brasileiros como se poderia esperar.

Adirson Vasconcelos foi um dos pioneiros que chegou a Brasília no final de 1957 para registrar, como jornalista, os fatos que ocorriam na cidade onde se fixou como habitante logo em seguida, e se tornou um historiador preocupado com o futuro da capital. Adirson descreveu a primeira visita de JK ao local demarcado para a construção da cidade:

---

26 Comissão de Estudos para localização da Nova Capital do Brasil, *Relatório Técnico, 1ª parte, Vol. I*, p.26.

27 Idem. Op. cit. p. 145.

“Esta visita é o início da mudança da Capital!  
 Este e outros pensamentos otimistas e de impacto foram marcos de decisões do presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, quando de sua primeira viagem ao local do Planalto Central goiano onde se localiza Brasília.  
 Ao meio dia daquele 2 de outubro de 1956, JK e sua comitiva pisam o solo goiano da futura Capital, onde recebem inúmeras informações sobre a região.”<sup>28</sup>

Ele trata, também, sobre a consolidação de Brasília após a inauguração:

“Vítima, mesmo depois da inauguração, do personalismo radical e da ineficácia político-administrativa, Brasília sofreu durante dois governos, momentos de insegurança e desestímulo à sua patriótica missão integradora e desenvolvimentista, antevista pelas mais expressivas clarividentes figuras da vida nacional, ao longo da história, de Tiradentes a Juscelino.”<sup>29</sup>

O jornalista remete os leitores ao pensamento místico existente em torno da criação de Brasília, e ao longo período em que a ideia de liberdade e interiorização da capital perdurou na história política do país até sua efetiva construção.

Adirson comparou Tiradentes, o mártir da independência do Brasil, com JK, o presidente do Brasil que conseguiu finalizar a longa história da construção da nova capital. Será que há semelhanças entre a vida política dessas duas figuras históricas?

Varnhagen, numa análise bastante remota sobre a implantação da capital no interior, sublinha as questões pelas quais o Rio de Janeiro não deveria continuar como sede maior do Poder do país:

“A existência da côrte no Rio promove demasiado o luxo e as ambições na gente do commercio que deve ser por sua natureza sempre econômica, e que, sob qualquer aspecto que isto se considere... os males que pode trazer ao paiz a continuação da côrte n'uma terra commercial, em que todo o necessario á vida é carissimo, porá sempre os empregados publicos, por honestos que sejam, na immediata dependencia dos ricos negociantes, do que pôdem resultar males tão grandes que nem todos se podem desenvolver, e alguns nem nos é dado calcular.”(Sic)<sup>30</sup>

O autor argumenta sobre os riscos econômicos que o Brasil corria por ter seu poder sediado numa região portuária como o Rio onde o comércio é bastante desenvolvido. Ele considera o aspecto dos preços elevados, que o desenvolvimento comercial envolve, e sugere que isso dificulta o cotidiano dos habitantes ligados ao poder público e favorece a corrupção

28 VASCONCELOS, Adirson. *Brasil, Capital Brasília*, p.61.

29 Idem. *A Mudança da Capital*, p. 363.

30 VARNHAGEN, F. Adolfo. *A questão da Capital: marítima ou no interior?*, p. 19. (A grafia registrada está de acordo com a 2ª edição da obra em 1935).

de funcionários públicos, que estarão sujeitos a gerar males maiores ao Governo do país. Em resumo, a situação marítima da capital é discutível e precisa ser repensada tendo em vista que o interiorização já estava proposta.

Antônio Carlos Osório, primeiro advogado de Brasília, onde vive desde 1957, faz uma análise histórica em sua obra sobre as causas da mudança da Capital para o Planalto Central do país. Na opinião dele são dois os motivos da interiorização da capital:

“Um retrospecto histórico, ainda que breve, poderá revelar essas ideias matrizes, que são, como se verá, substancialmente duas:

I – a primeira, tanto cronológica como teleologicamente, é a ideia da criação de uma cidade nova para Capital, com o fim de dar à sede do Governo tranquilidade e segurança. Chamá-la-emos a ideia ou polo de Brasília Capital.

II – a segunda, a de interiorizar-se a Capital, com o fim de atrair o progresso para a Terra Central. Essa é a ideia matriz resumível como Brasília polo de desenvolvimento.”<sup>31</sup>

O pioneiro aponta a existência de duas ideias que ele considera originais para a nova Capital; a necessidade de uma nova sede para o Poder e a questão do preenchimento do Planalto Central do país. São percepções que remetem aos significados de cidade que aloja a alta administração de um país e da possibilidade do surgimento de riquezas. A ideia principal, segundo Osório, é construir uma cidade que possa vir a ser um 'polo de desenvolvimento' para o país. Esse ponto é interessante, todavia o crescimento das cidades vizinhas à capital implica o próprio crescimento dela. A nova capital foi construída, pensando-se num crescimento futuro? Tudo leva a crer que não. Havia uma ideologia de que a cidade deveria abrigar um número determinado de habitantes.

### **2.3 Histórico da construção**

Para que as obras da construção tivessem início imediato faltava quase tudo. Era necessária uma lei que só sairia se a oposição ajudasse, ou seja, a UDN, adversária implacável do governo, continuava no seu papel de confundir e induzir o povo a não aceitar a mudança da capital para o interior. O presidente precisou de um traquejo perfeito para solucionar esse problema. Ronaldo Costa Couto descreve assim as ações de JK em torno da construção:

---

31 OSÓRIO, A. Carlos. *Brasília – diálogo com o futuro*, p. 18.

“Juscelino tem de carregar água na peneira para arrematar a costura política de Brasília. Faz impecável e quase impossível engenharia política. Antes de tudo, precisa de uma lei.”<sup>32</sup>

Infere-se que o presidente exerceu muito bem o fundamento da expressão “carregar água na peneira”, utilizada no excerto, agiu como seus adversários queriam no Congresso e, ao demonstrar menos interesse pela mudança da capital, mobilizou-os e eles aprovaram a lei que JK esperava.

A Lei número 2.874, sancionada pelo Presidente Juscelino Kubitschek em 19 de setembro de 1956, determinou a localização da Capital na região do Planalto Central. O artigo 2º, dessa Lei, constitui uma sociedade que se denominou Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil – NOVACAP, responsável pela construção de Brasília, e a data da inauguração fora marcada, pelo presidente, para 21 de abril de 1960, apesar de algumas considerações contrárias.

Havia os que julgavam melhor dividir em etapas a construção da cidade. É possível que essa ação tivesse sido melhor para o Brasil, se pensarmos nos problemas econômicos que o país esteve envolvido após a construção, mas não temos como afirmar, seria preciso mais pesquisas nesse sentido.

O Presidente Juscelino temia que se ele não inaugurasse a cidade em seu tempo de governo, ela não teria continuidade. Segundo ele, esta era uma prática na política brasileira:

“Quase todos os governos, que se iniciavam, logo revelavam a preocupação ou de paralisar ou de alterar as iniciativas tomadas por seus antecessores. Brasília era um assunto sério demais para ficar sujeito a oscilações de tendências personalistas. Sendo assim, eu iria construir a nova capital e inaugurá-la, só deixando, para quem viesse depois, a incumbência de ampliá-la e melhorar-lhe os serviços.”<sup>33</sup>

JK colocou a inauguração de Brasília em seu período de governo como algo certo e assim ocorreu. No entanto, pouco tempo depois, ele assistiu à consolidação da capital nas mãos dos militares que sentiram em Brasília mais segurança para o governo. Dentre os motivos que facilitaram o governo dos militares na nova capital, está o projeto da cidade que viabilizava poucas entradas e saídas para serem patrulhadas em caso de necessidade.

Diante desse compromisso com a Nação, o Presidente trabalhou para que todas suas metas, inclusive a meta síntese, Brasília, fossem cumpridas e para que ele pudesse transmitir a

---

32 COUTO, Ronaldo Costa. *Brasília Kubitschek de Oliveira*, p. 67.

33 KUBITSCHKEK, Juscelino. *Por que construí Brasília*, p. 46.

faixa presidencial ao seu sucessor já na nova Capital da República do Brasil.

Dando continuidade à sua promessa, no dia 1 de outubro de 1957, o Presidente da República sancionou, no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, a Lei 3.273 que fixava a data da inauguração, 21 de abril de 1960, para a mudança da Capital Federal para Brasília. Segundo Ernesto Silva, o Presidente declarou, nesse momento, a importância do gesto que assumia:

“Este ato representa o passo mais viril, mais enérgico que a Nação dá a sua independência política, para sua plena afirmação.”<sup>34</sup>

Esta frase revela o compromisso e a certeza de um Presidente que conta com todos os brasileiros para finalizar o sonho que Tiradentes deixou para seu povo, a necessidade de um esforço coletivo para que o Brasil atingisse sua liberdade política.

JK tinha o apoio dos brasileiros, todavia ao terminar o governo, seu partido PSD lançou como candidato o ministro da Guerra, Henrique Teixeira Lott, não obteve êxito. Ele enfrentou Jânio Quadros, então governador popular de São Paulo e que prometia 'varrer' toda a corrupção do país.

Enfim, com a saída de Jânio e o enfraquecimento da política brasileira, todos sabemos que o final de JK foi a cassação política, o exílio e a morte sem que pudesse retornar à presidência como pretendeu ao passar a faixa presidencial a Jânio Quadros.

Várias providências e algumas construções tiveram início antes da realização do concurso do Plano Piloto, cujo edital fora publicado no Diário Oficial de 20/09/1956. Dentre os mais de 60 concorrentes inscritos no concurso, somente 26 apresentaram projetos no prazo estipulado pelo edital, 11 de março de 1957.

Instalou-se uma Comissão Julgadora do Concurso Público, presidida por Israel Pinheiro, presidente da NOVACAP, e o resultado do concurso, após as etapas de julgamento, divulgado em 25 de março de 1957. O projeto premiado fora o de número 22, de Lucio Costa.

Interessante a forma com que o projeto de Lucio Costa foi inscrito no concurso. A história foi contada pelo arquiteto pioneiro, Glauco Campelo, que teve seu primeiro contato com Brasília antes de ela existir efetivamente. A jornalista Conceição Freitas registrou o fato:

---

34 SILVA, Ernesto. *História de Brasília*, p. 153.

“No início da noite de 11 de março de 1957, duas garotas agitadas entraram correndo no saguão do Palácio Gustavo Capanema. Carregavam pequenos pacotes. Um jovem estudante de arquitetura reconheceu uma delas, sua colega de faculdade. Correu para ajudá-la a desembulhar os volumes para libertar uma cidade feita de asas. As moças eram as filhas do arquiteto Lucio Costa, Helena e Maria Elisa Costa.”<sup>35</sup>

As filhas de LC chegaram à sede do Ministério da Educação no último instante para a inscrição dos projetos ao concurso do Plano Piloto:

“Quando começamos a desembulhar e montar as pranchas do projeto, vimos que eram de um singeleza que me espantou. E ao mesmo tempo tinha um encanto muito especial.”<sup>36</sup>

Essa simplicidade que espantou o arquiteto Campelo parecia real e foi a primeira colocação que LC fez ao apresentar oralmente seu projeto diante da Comissão Julgadora do Concurso em março de 1957:

“Não pretendia competir e, na verdade, não concorro, - apenas me desvencilho de uma solução possível, que não foi procurada mas surgiu, por assim dizer, já pronta. (...) E se procedo assim candidamente é porque me amparo num raciocínio simplório: se a sugestão é válida, estes dados, conquanto sumários na sua aparência, já serão suficientes, pois revelarão que, apesar da espontaneidade original, ela foi, depois, intensamente pensada e resolvida; se o não é, a exclusão se fará mais facilmente, e não terei perdido o meu tempo nem tomado o tempo de ninguém.”<sup>37</sup>

Nessa exposição, LC diz que o projeto lhe havia surgido de forma pronta. Entretanto, mais no final, revela que a aparição simples e suficiente fora 'intensamente pensada e resolvida'. Parece existir uma contradição na voz do criador: algo que chega como solução suficiente, 'o projeto da capital', mas que precisa ser repensada antes de ser entregue ao país.

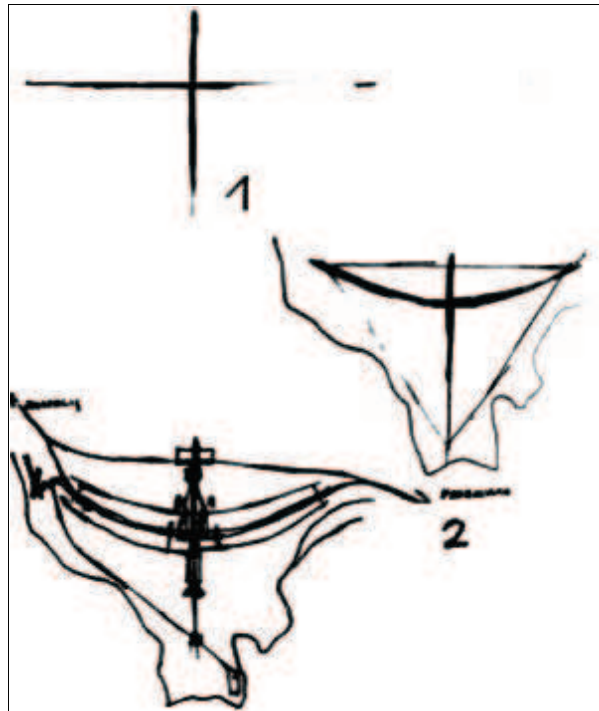
Após essas colocações, LC prosseguiu sua explanação e foi enumerando e definindo as soluções apresentadas em seu projeto que constava de três etapas, conforme ilustram os croquis e o Plano Piloto de Brasília.

---

35 FREITAS, Conceição. *Correio Braziliense – Cidades-DF*, publicação: 02/10/2010.

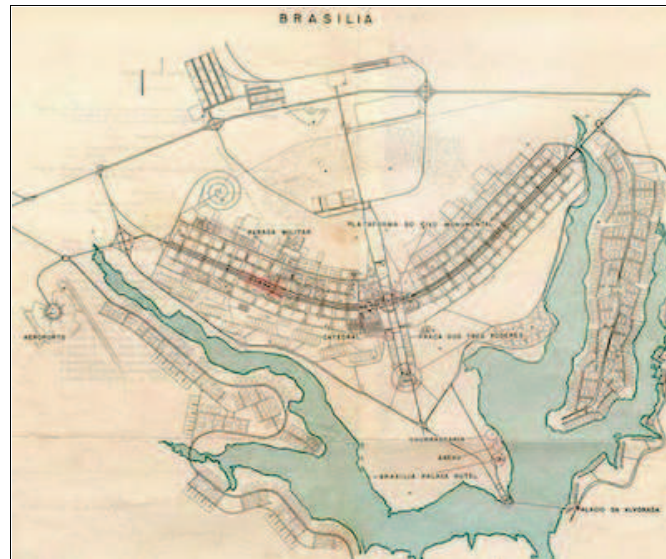
36 Idem. *Ibidem*.

37 *Plano Piloto de Brasília – Lucio Costa*. In <http://concursosdeprojeto.files.wordpress.com/2010/04/plano-piloto-brasilia1.jpg?w=584>, acessado em 08/09/2011.



**Figura 03** - Croquis de Lucio Costa para o Projeto Piloto de Brasília (1957)

**Fonte:** Arquivo Público do Distrito Federal.



**Figura 04** - Plano Piloto de Brasília - DF.

**Fonte:** Arquivo Público do Distrito Federal.



Ao final da exposição dos 23 itens que constituíam o projeto do Plano Piloto de Brasília, seu inventor encerrou o discurso com uma frase que remete o ouvinte a refletir sobre o longo tempo que decorreu desde a idealização da Capital e o projeto entregue:

“Brasília, capital aérea e rodoviária; cidade parque. Sonho arquissecular do Patriarca.”<sup>38</sup>

Foram muitos encontros e desencontros entre JK e seus assessores para que o projeto de Lucio Costa fosse efetivado na capital do país.



**Figura 05** – JK e seus assessores diretos em discussão.

**Fonte:** Arquivo Público do Distrito Federal.

Brasília representou um espaço para inícios e recomeços de vida. A construção da cidade atraiu desde pessoas desesperançadas, ambiciosas, aventureiras, a jovens profissionais em começo de carreira. Seriam muitos merecedores de destaque, mas *O Correio Braziliense*, na série '*Bravos Candangos*', destacou somente cinco:

“... Nesta última edição, o Correio presta homenagem a cinco solenes heróis de Brasília: Juscelino Kubitschek, Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Israel Pinheiro e Bernardo Sayão.”<sup>39</sup>

Sem dúvida, a jornalista esqueceu-se de citar Ernesto Silva, que chegou com a Comissão de Localização da Nova Capital Federal, em fevereiro de 1955, e mais tarde dirigiu a Companhia Urbanizadora da Nova Capital (NOVACAP) a pedido de JK; e tantos outros

---

<sup>38</sup> *Plano Piloto de Brasília* – Lucio Costa. Op. Cit.

<sup>39</sup> FREITAS, Conceição. *Correio Braziliense-Cidades-DF*, publicação: 25/12/2010.

heróis que estiveram presentes e se doaram durante a construção da cidade, conforme cita Adirson Vasconcelos nos dois volumes de *Os pioneiros da construção de Brasília*, 1992, que em suas mais de mil páginas, destacam pioneiros da capital. O autor reuniu todas as informações possíveis sobre cada um e empenhou-se em ilustrar dados, ações ou pessoas.

Uma outra observação pertinente ao texto de Conceição é que ela, como muitos que escrevem sobre Brasília, cultuam as personalidades, “solenes heróis”, e inibem, assim, uma visão crítica das ações, participações dos construtores da cidade por parte dos leitores e interessados no assunto.

A primeira obra realizada em Brasília foi 'O Palácio de Tábuas', como era chamado pela imprensa, o Catetinho. A ideia foi lançada por um grupo de amigos do Presidente JK, que recorreram a um empréstimo em Belo Horizonte, para efetivar a obra projetada por Niemeyer, cujo objetivo primordial era abrigar JK em suas frequentes viagens a Brasília.

O Catetinho foi a obra recorde da Capital, dez dias foram estabelecidos e cumpridos para a conclusão. Os trabalhos iniciaram dia 22 e a obra foi entregue dia 31 de outubro de 1956, para ser a residência provisória do Presidente da República.

Fixou-se no Catetinho, mais tarde, uma placa com os nomes dos construtores. Ernesto Silva fez referência aos dizeres contidos nessa placa:

“Esta casa. A primeira construção de Brasília, executada em dez dias, de 22 a 31 de outubro de 1956, foi residência provisória do presidente da República. Participaram desta obra pioneira: João Milton Prates, Oscar Niemeyer, César Prates, José Ferreira Chaves, Roberto Pena, Dilermando Reis, Emídio Rocha, Vivaldo Lírío, Osório Reis e Agostinho Montandon.”<sup>40</sup>

---

40 SILVA, Ernesto. *História de Brasília*, p. 151.



**Figura 06** - Museu do Catetinho

**Fonte:** <http://www.adorobrasilia.com/images/museu-catetinho.jpg>, acessado em 04/08/2012.

O Catetinho serviu como residência oficial até junho de 1958, quando ficou pronto o Palácio da Alvorada, e JK pôde mudar-se. Em 10 de novembro de 1959, a pedido do Presidente, o local foi tombado e aberto à visitação pública, e hoje é um museu.

A Candangolândia sediou vários acampamentos destinados a trabalhadores da construção da cidade. O primeiro acampamento foi construído, em 1956, pela NOVACAP, criado pelo presidente Juscelino Kubitschek, abrigando a sede da empresa, um caixa forte para fazer o pagamento dos salários dos operários, um posto de saúde, um hospital, um posto policial, dois restaurantes – o da NOVACAP e o dos Serviço de Alimentação Popular, SAPs, uma escola para os filhos dos pioneiros, além das residências para as equipes técnicas e administrativas da empresa construtora.

A partir de então, início de 1957, o Planalto Central foi convertido num imenso canteiro de obras, operários de todo o Brasil, mas principalmente do nordeste do país, chegavam para a região e já eram mais de 3.000 trabalhadores. JK descreveu o início da obra:

“Operários chegavam de todas as regiões do país em busca de trabalho. Eram os candangos, que derivavam do Nordeste, do interior de Goiás e dos municípios das fronteiras de Minas e de Mato Grosso, a fim de “dar uma mão” na obra de desbravamento do Planalto. Surgiam sem bagagem, apenas com a roupa do corpo. Acertavam as condições com os mestres de obra e, depois de alojados num barracão de madeira, faziam sua aparição nas frentes de trabalho.”<sup>41</sup>

A expressão “dar uma mão”, enfatizada por JK, parece chamar a atenção para a união entre o trabalho braçal em que homens de origens pobres, “sem bagagem” e “apenas com a roupa do corpo”, iriam imprimir na obra da Capital.

41 KUBITSCHKEK, Juscelino. *Por que construí Brasília*, p. 77.



**Figura 07** - Construção de Brasília – década de 1960.

**Fonte:** [http://atias.com.br/Atias\\_CMS/wp-content/uploads/2011/07/Construcao\\_Brasilia.jpg](http://atias.com.br/Atias_CMS/wp-content/uploads/2011/07/Construcao_Brasilia.jpg), acessado em 08/10/2012.

Sabe-se que os operários não doavam, mas vendiam a JK, ao Brasil, mediante um salário que não conseguiam receber em suas origens, sua força de trabalho, sua resignação e sua coragem para enfrentar situações novas. Poucos vieram com as famílias, a maioria deles enfrentava tudo sozinho, morava em acampamentos ou em barracos e lutava muito para que a construção de Brasília acontecesse dentro do prazo preestabelecido pelo presidente, 3 anos e 10 meses conforme registrou JK.

Laranjeira, jogador do primeiro time de Brasília, o Rabelo Futebol Clube, fala sobre o caminho trilhado pelos operários na construção num depoimento para o *Correio Braziliense*:

“Era assim naquele tempo. Do jeito que o peão chegava da obra ele passava na cantina, comia e brucutu na cama, sem tomar banho nem nada. Noutro dia tinha que estar de pé para as sete horas marcar o ponto. Foi assim nos três anos de construção de Brasília, um salve-se quem puder.”<sup>42</sup>

As lembranças de Laranjeira descrevem a rotina pouco confortável e difícil dos operários que mal tinham tempo para saciar a fome. Não havia tempo para qualquer cuidado com a higiene ou com a saúde, eles igualavam-se a máquinas de trabalho. A expressão “salve-se quem puder” ilustra a correria, a pressa de quem tem muito para fazer e pouco tempo para pensar em si ou para outros assuntos.

<sup>42</sup> Correio Braziliense, *Bravos Candangos*, publicação de 26/06/2010.

### 2.4.1 Operários – Os Candangos

Candangos foi a designação dada aos operários da construção de Brasília. Em homenagem a eles foi colocada na Praça dos Três Poderes a escultura de Bruno Giorgi, *Os Guerreiros*, uma composição de dois corpos assexuados e simétricos em pé. Os corpos apoiam-se um no outro, têm uma lança nas mãos e encontram-se livres no espaço imenso do Poder. Essa estátua foi renomeada como *Os Candangos* e constitui um símbolo de Brasília, colocado no centro do Poder.



**Figura 08** - Os Guerreiros / Os Candangos

**Fonte:** <http://www.construirnoticias.com.br/figuras/51/pag57.jpg>, acessado em 16/09/2012.

Sobre essa renomeação da escultura, há um depoimento oral de Bruno Giorgi concedido a Georgette Medleg Rodrigues no Arquivo Público do Distrito Federal:

“Eu fiz os guerreiros que foram fundidos aqui no Rio de Janeiro. (...) Depois tem um pequeno pedestal, depois tem dois elementos que se abraçam que chamam de guerreiro, mas o meu sonho era fazer uma homenagem ao candango. Tanto que depois veio pôr nome de candango. Isso aqui é um monumento aos candangos. ... são duas figuras de trabalhadores, podem ser três como esse aqui... todo trabalhador, para mim, naquele período era candango”.<sup>43</sup>

Entende-se que a força dos trabalhadores foi absorvida pelo termo candango e passou a ser símbolo da nova Capital do Brasil. O termo tornou-se popular durante a construção para depois ser fixado na Praça dos Três Poderes, no centro do poder do Brasil, e assumir a característica de símbolo nacional.

O verbete '**candango**' está assim registrado no dicionário Aurélio:

<sup>43</sup> Giorgi, Bruno. Arquivo Público do Distrito Federal, 1989.

“ 1. Designação que os africanos davam aos portugueses; 2. Indivíduo ruim, ordinário; 3. Pessoa que tem mau gosto; 4. Designação dada aos operários das grandes obras da construção de Brasília-DF, de ordinário vindo do N. E.; 5. p. Est. Qualquer dos primeiros habitantes de Brasília (DF)”.<sup>44</sup>

Durante a construção da cidade, o tom ordinário da palavra, voltado para habitual, comum, sobressaiu ao de “pessoa que tem mau gosto” e prevaleceu nos operários e, no final da obra, 1960, o termo designava mais que os operários, estendia-se a todos os que trabalhavam para erguer a capital. Os candangos, então, eram o presidente JK, seus colaboradores e todos os profissionais que estivessem envolvidos, de forma direta ou não, com a construção. Eram, também, os comerciantes da Cidade Livre, os caminhoneiros e os retirantes que forneciam qualquer provisão aos que trabalhavam na abertura e construção das rodovias para ligar a capital a outras cidades brasileiras. O termo 'candango' era, assim, a designação para todos os precursores da cidade, e passou a ser usado nos discursos do Presidente JK e em títulos oficiais.

Luisa Videsott qualifica, em seu artigo, o termo candango:

“Em 1959 a palavra ganhava assim um outro estatuto, o de sinônimo de pioneiro, de desbravador, de homem que confia no progresso, de brasileiro comum, operário de Brasília. A palavra evocava os valores da coragem, da ousadia, da perseverança, da fé, da dedicação ao trabalho. Resumia enfim todas as boas qualidades do brasileiro, os aspectos positivos da identidade nacional.”<sup>45</sup>

Antes do início da construção de Brasília, em novembro de 1956, as primeiras barracas de lona foram armadas e já se encontravam em serviço 232 operários. Esse número aumentava em grande escala e, no início de 1957, quando o trabalho se efetivou já eram 3000 operários.

Alguns estudiosos de Brasília pesquisaram sobre a vida desses trabalhadores e destacaram as condições em que chegavam e como eram tratados.

Nair Bicalho narrou a chegada desses operários e destacou as condições de sobrevivência a que eram submetidos:

44 HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Minidicionário da Língua Portuguesa*, p. 204.

45 RISCO. Revista de pesquisa em Arquitetura e Urbanismo, *Os Candangos*, p. 22.

“A chegada, onda sôfrega em busca de sobrevivência, muitas vezes chocava-se com a demanda de trabalho local. Nos momentos de pouca oferta de trabalho, ocorria a “venda de operários”. Donos de caminhões solicitavam às empresas o número de trabalhadores desejados e, em seguida, dirigiam-se ao Núcleo Bandeirante, o local da chegada dos migrantes. ... Surgiam sem bagagem, apenas com a roupa do corpo, ...Arranjavam-se nos alojamentos e tomavam as refeições nas cantinas das firmas.”<sup>46</sup>

Essa é uma descrição da falta de liberdade a que os trabalhadores eram submetidos. É preciso sublinhar que os operários chegavam a Brasília, à procura de trabalho para manter a si e suas famílias, e ficavam por necessidade e por vontade própria. A maioria deles vinham do nordeste, sem qualificação profissional e, muitos deles, analfabetos, adaptavam-se ao trabalho e ao novo estilo de vida; aprendiam rápido tudo que precisavam e, quando podiam, estudavam nos próprios canteiros de obra em escolas improvisadas pela NOVACAP. Foram várias tentativas de escolarizar os candangos, mas muitos não tinham tempo disponível para estudar, precisavam 'ganhar dinheiro'.

Luisa Videsott também trata desse assunto:

“... lemos ainda na Manchete de 1959 que, entre os trabalhadores dos canteiros de Brasília, “90% são analfabetos. Possuem, porém grandes qualidades de inteligência. Adaptam-se com rapidez às mais diversas tarefas. (...) Brasília em proporção à sua população e à área habitada tem a maior concentração de analfabetos do mundo. ... As tentativas de escolarização dos trabalhadores imigrados no Planalto Central – adolescentes e adultos – acabaram frustradas...”<sup>47</sup>

Numa breve carona no *Expresso Brasília*, conduzido por Edson Beú, pode-se entender melhor o cotidiano complicado dos candangos:

“O fuso horário dos candangos estava ajustado pelo dia 21 de abril de 1960, data da inauguração da capital. Relógio ali servia apenas para marcar o número de horas extras. Quando a noite terminava para uns, começava para outros. Havia também quem ficasse pelo meio do caminho, sem dormir.”<sup>48</sup>

Gustavo Lins Ribeiro relata com detalhes as condições de sobrevivência, o trabalho nas obras, a questão das famílias e o dia-a-dia dos operários:

---

46 SOUSA, Nair H. Bicalho. *Construtores de Brasília- estudo de operários e sua participação política*, p. 33.

47 Artigo *Os Candangos*, in Revista de pesquisa em Arquitetura e Urbanismo. Op. Cit., p. 36.

48 LUIZ, Edson Beú. *Expresso Brasília – a história contada pelos candangos*, p. 30.



“Os administradores da obra procuram ajustar as características da força de trabalho às necessidades da produção por meio de mecanismos diversos que passam pelas formas de moradia em alojamentos coletivos, a repressão ao operariado realizada por uma polícia violenta, a preferência por trabalhador sem família e outros mecanismos.”<sup>49</sup>

O ritmo dos trabalhadores era pesado e a manipulação, para que tudo continuasse, era pontual e garantida pelas ações administrativas do governo.

Na visão de Paulo Bicca, Brasília foi concebida por uma arquitetura de raízes na “mais remota antiguidade” e repetiu o que ele diz ser “parte integrante” delas, a questão da favelização, que ele entende estar nas cidades-satélites que acolhem os operários, a pobreza de Brasília:

“Refiro-me, para o caso de Brasília, às cidades-satélites, sobretudo às grandes “favelas planejadas” ou formas de guetização que rodeiam o Plano Piloto, constituindo-se no reservatório da mão de obra barata, do trabalho manual desqualificado. (...) E, se Brasília herda da antiguidade o seu caráter monumental, é porque os seus verdadeiros construtores, os operários de hoje, são os herdeiros dos antigos escravos. População miserável, cuja expulsão para as periferias distantes, assegura a manutenção da “pureza” da cidade capital.”<sup>50</sup>

O autor confirmou o caráter de escravidão atribuído aos operários e a necessidade da expulsão dos mesmos para que a transparência predominasse na capital. A capital monumental não comporta seus construtores porque foi imaginada e edificada para os poderosos. A mão de obra que o autor classifica como 'barata e desqualificada' era extremamente necessária à manutenção e ao prosseguimento da construção da cidade.

O adjetivo 'desqualificado' remete ao conceito de perda das qualidades e não foi o que ocorreu. Os trabalhadores chegavam com habilidades e força para a obra e, enquanto desempenhavam suas funções, adquiriam qualificações para desenvoltura em outras áreas. Os operários migrantes aceitavam viver em condições adversas porque estavam necessitados de trabalho, vinham de regiões áridas do Brasil e precisavam enviar o sustento para as famílias.

O interesse maior desta pesquisa é a vivência dos migrantes na capital, entretanto, é importante mostrar os registros acima para facilitar a compreensão sobre quem eram os 'candangos', de onde e como vinham, e ressaltar o valor do trabalho que aqui desenvolveram

49 RIBEIRO, G. Lins. *O capital da esperança: a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília*, p. 103.

50 BICCA, Paulo. *Brasília: mitos e realidades*. In Aldo Paviani (org.) *Brasília, ideologia e realidade: espaço urbano em questão*, p. 189.



no período da construção da cidade.

Em se tratando dos operários, os críticos destacam mais o sofrimento a que eram submetidos. Eles não tinham segurança, boa alimentação e moradia e, de certo, tinham ao final do mês somente o salário. Porém, não é difícil compreender que, mesmo com alguns privilégios, e isso ocorria, a empreitada era árdua para todos os que estivessem envolvidos, porque as dificuldades eram tamanhas que seria impossível ter uma situação confortável naquele momento para qualquer pessoa.

A construção do Congresso Nacional foi lembrada como um fato interessante recentemente que revelou um pouco dos sentimentos dos candangos que ali trabalharam durante a obra. O fato ocorreu porque houve um vazamento 'de água' no Salão Verde da Câmara dos Deputados e os operários que foram solucionar o problema, no início do mês de agosto de 2011, encontraram mensagens deixadas numa das paredes pelos construtores.



**Figura 09** - Operário durante a obra do Congresso Nacional

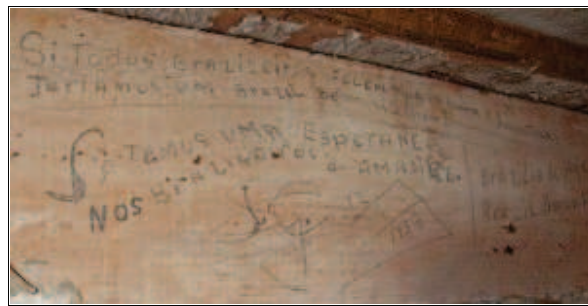
**Fonte:** Arquivo Público do Distrito Federal

Foram mensagens dos pioneiros construtores, encontradas pelos operários da manutenção do Congresso de hoje. Nem todas essas mensagens foram assinadas, mas demonstram a sabedoria de pessoas que tinham visão futura da empreitada que desenvolviam e criticavam o comportamento “dos brasileiros” que ocupariam a 'casa' e seriam responsáveis pelas leis e pelo Poder da Nação.

A esperança que os construtores depositaram “nos brasileiros de amanhã”, infelizmente não se confirmou e, hoje, nota-se que alguns “brasileiros” continuam desonestos como há 50 anos.

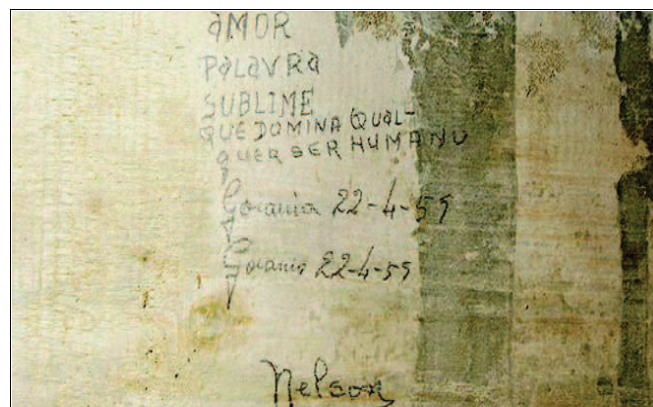
De acordo com a Agência da Câmara, as mensagens encontradas foram as seguintes, conforme as figuras 10 e 11 mostram:

“Se todos os brasileiros fossem dignos de honra e honestidade, teríamos um Brasil bem melhor”  
 “Só temos uma esperança, nos brasileiros de amanhã”  
 “Brasília de hoje, Brasil amanhã”  
 “Amor palavra sublime que domina qualquer ser humano” Nelson 22/4/59  
 “Saudade: palavra que nunca morre, quando morre fica arquivada no coração”  
 “Que os homens de amanhã que aqui vierem tenham compaixão dos nossos filhos e que a lei se cumpra” José Silva Guerra 22/4/59<sup>51</sup>



**Figura 10** - Frases deixadas por pioneiros

**Fonte:** <http://img.video.globo.com/GMC/foto/0,,1594011-EX,00.jpg>, acessado em 04/08/2012.



**Figura 11** - Frases deixadas pelo pioneiro Nelson – 1959.

**Fonte:** <http://f.i.uol.com.br/folha/cotidiano/images/1122490.jpeg>, acessado em 04/10/2012.

51 *Trabalhadores que construíram o Congresso deixaram mensagens de 1959.* In *Correio Braziliense – Cidades-DF*, publicação de 11/08/2011.

Não se tem informações sobre a autoria de todas as mensagens, mas algumas estão assinadas, conforme mostra fig. 11. Percebe-se que elas estão repletas de esperanças; vieram de pessoas que possuíam um certo senso crítico sobre a vida e sobre questões políticas que envolviam o Brasil.

Fica aqui a certeza de que os candangos eram conscientes sobre a importância do que estavam construindo, percebiam a seriedade do desenvolvimento do trabalho, e tinham a pretensão de um dia serem reconhecidos como tal.

Então, os operários foram pessoas que, apesar de ocuparem moradias inadequadas, de viverem uma situação familiar complicada e da solidão que muitas vezes os perseguiram, tinham motivação crítica para se colocarem na história da construção da capital e do Brasil.

#### **2.4.2 Os Pioneiros**

O vocábulo pioneiro vem do termo francês *'pionnier'* que significa colono de terras desabitadas. O termo no dicionário do Aurélio é definido como:

“1. Aquele que abre caminho através de região mal conhecida. 2. Fig. Precursor 3. Que antecipa ou abre caminho.”<sup>52</sup>

Assim, pioneiro é quem primeiro desbrava regiões incultas, quem prepara os resultados futuros de uma determinada região.

Muitas pessoas diferenciam os significados das palavras 'candango' e 'pioneiro'. Para alguns, 'candango' designa os trabalhadores braçais da construção de Brasília e 'pioneiro' indica uma classe que se considera prestigiosa e que por isso detém algum poder e influência social. Ou seja, alguns acreditam que ser candango significa um 'ser inferior' e pioneiro, ao contrário, 'um ser superior'.

Esta pesquisa não discutirá esse desacordo, mas entenderá que pioneiros serão todos os que chegaram a Brasília, no início da construção ou na primeira década após a inauguração, com o objetivo de ajudar na construção, colaborar para que a Capital fosse de fato transferida do Rio de Janeiro para Brasília, e que nesta cidade permanecesse.

Roque Laraia explica os significados dos termos candango e pioneiro e esclarece o

---

52 HOLANDA, A. Buarque. *Minidicionário da Língua Portuguesa*, p. 632.

motivo pelo qual um termo pode ser considerado sinônimo do outro:

“Não se sabe bem por que a palavra **candango** foi utilizada para designar aqueles que trabalharam na construção da cidade. No passado, este termo era utilizado pelos africanos para designar os portugueses. Entretanto a grande massa de construtores da nova capital era constituída tanto por descendentes de africanos, como de portugueses, além dos descendentes de outras nacionalidades. Ser candango passou a ser sinônimo de pioneiro. Mas a tendência estratificadora de nossa sociedade levou, a partir de um dado momento, a elite que participou da empreitada histórica a abjurar essa denominação e preferir o rótulo de **pioneiro**. Com isso, os membros dessa elite passaram a se auto representar como desbravadores, os que abrem os caminhos, ...”<sup>53</sup>

A ideia de Laraia é clara, 'pioneiro' e 'candango' são sinônimos e significam as pessoas que primeiro chegaram a Brasília, trabalharam na construção e na fixação da nova Capital do Brasil. Então, reiteramos que os pioneiros buscados durante esta investigação serão aqueles que chegaram para a construção, durante a primeira década de existência da cidade, e deram suas contribuições culturais para que Brasília fosse consolidada como capital. Esses pioneiros sempre estavam alegres e dispostos a tudo, para executar suas obrigações, e chegavam com um mínimo de bagagem à capital.



**Figura 12** - Chegada de pioneiros - 1959.

**Fonte:** [http://www.vitruvius.com.br/media/images/magazines/grid\\_9/9ae2\\_arq111-03-04.jpg](http://www.vitruvius.com.br/media/images/magazines/grid_9/9ae2_arq111-03-04.jpg), acessado em 04/10/2012.



**Figura 13** - Cidade Livre

**Fonte:** Arquivo Público do Distrito Federal

Juscelino Kubitschek entende que o candango representa além de um pioneiro, a imagem de bandeirante: o indivíduo que, no Brasil, fazia parte das bandeiras, expedições destinadas a explorar o território brasileiro na época colonial, que assumia um sentido moderno:

“Em Brasília, já que esses migrantes procediam, em sua maioria, do Norte e do Nordeste, passaram a ter, pouco depois, uma designação que correspondia a pau-de-arara. Por fim, a palavra perdeu seu sentido ofensivo e se transformou em significado de bandeirante moderno, dotado de espírito de luta, tenaz, resistente, enfim, do homem pioneiro de Brasília.”<sup>54</sup>

Analisando a história de Brasília, Ernesto Silva chegou mesmo a concluir que 'candango' é o gentílico de Brasília, devido à importância deles para a cidade.

“A dedução a que chegamos é de que CANDANGO passou definitivamente a ser o gentílico de Brasília. Como é carioca aquele que nasceu no Rio...”<sup>55</sup>

No decorrer da pesquisa, então, não haverá distinção entre 'candangos e pioneiros'. Foram entrevistados 44 (quarenta e quatro) pioneiros, de ambos os sexos, de várias origens,

54 KUBITSCHKEK, Juscelino. *Por que Construí Brasília*, p. 212 .

55 SILVA, Ernesto. *História de Brasília*, p. 229.



profissões e idades, indiscriminadamente, que viveram ou ainda vivem na cidade. Eles responderam a um mesmo questionário, apresentado anteriormente, e suas respostas foram transcritas e serão apresentadas em citações nesta tese.

Os entrevistados chegaram à cidade no período da construção ou após a inauguração e vivenciaram a primeira década de existência de Brasília, uns estiveram presentes durante toda a década, outros um pouco menos porque chegaram mais tarde.

Esses pioneiros serão dispostos pelo ano em que chegaram à cidade apenas por uma questão didática e, a partir dessa ordem, a análise em torno da cultura de suas experiências será delineada numa visão semiótica cujo objetivo será representar a vivência dos pioneiros em busca de significados para a cidade.

## 2.4 Os primórdios de Brasília

A construção do Plano Piloto, em pouco mais de três anos, foi a marca registrada do governo Juscelino Kubitschek. A transferência da capital enfrentou enorme resistência, especialmente da oposição, determinada pela UDN (União Democrática Nacional), comandada por Carlos Lacerda. Mas terminou prevalecendo. Alexandre Nonato fez referência às ações de repúdio da UDN em torno da capital:

“Parte da população, especialmente os cariocas, acusava o presidente da República de esquecer os problemas nacionais. Lacerda pregava que o futuro governo deveria abandonar Brasília, tornando-a a mais espetacular ruína do planeta.”<sup>56</sup>

Lacerda insistia no fracasso da construção e apostava nos boatos que espalhava contra a capital. Na época, muitos brasileiros criaram aversão à cidade e a JK, além disso os políticos, contrários ao governo, aproveitavam-se dos boatos para sobressaírem.

Por volta dos 50 anos de Brasília, o pioneiro Ernesto Silva, numa visita à Universidade de Brasília, falou sobre a inauguração, fato que mais marcou sua trajetória pela cidade:

“Sem dúvida o dia da inauguração, 21 de abril de 1960. Lembro-me da felicidade das 50 mil pessoas que ocuparam a Esplanada dos Ministérios e as lágrimas emocionadas de JK ao receber a chave da cidade das mãos de Israel Pinheiro (pioneiro e primeiro administrador de Brasília). Uma imagem que trago na

---

56 NONATO, Alexandre F. *JK e os Bastidores da Construção de Brasília: sob a ótica da Conscienciologia*, p.178.

lembrança foi a de uma candanga que burlou a segurança para beijar a mão de JK no palanque armado na Praça dos Três Poderes. Estávamos todos alegres, pois havíamos superado um período muito difícil.”<sup>57</sup>

Essa emoção foi registrada em várias oportunidades por ocasião da inauguração, a figura 14 ilustra a emoção presente na solenidade da entrega da *chave de ouro* ao Presidente no dia 21 de abril de 1960, conforme relatou Ernesto Silva.



**Figura 14** - JK e Israel Pinheiro recebendo a *chave de ouro* de Brasília

**Fonte:** Arquivo Público do Distrito Federal.

A inauguração de Brasília foi, sem dúvida, um dos momentos mais importantes do ano de 1960 no Brasil. Milhares de pessoas se dirigiram ao Planalto Central, para participar das festividades em comemoração à mudança da Capital Federal. O presidente JK discursou e se negou a tratar das dificuldades pelas quais havia passado durante a construção, mas lembrou o que haviam encontrado no espaço onde a cidade havia sido edificada:

“Quando aqui chegamos, havia na grande extensão deserta apenas o silêncio e o mistério da natureza inviolada. No sertão bruto iam-se multiplicando os momentos felizes em que percebíamos tomar formas e erguer-se por fim a jovem Cidade. Vós todos, aqui presentes, a estais vendo, agora, estais pisando as suas ruas, contemplando os seus belos edifícios, respirando o seu ar, sentindo o sangue da vida em suas artérias.”<sup>58</sup>

57 *Pioneiro Ernesto Silva fala de Brasília aos 50 anos*. Entrevista concedida a UnB Agência em 13/08/2009. In [www.unb.br/noticias](http://www.unb.br/noticias), acessado em 15/08/2011.

58 *Discurso de JK na inauguração de Brasília(1960)*. In [http://franklinmartins.com.br/estacao\\_historia\\_artigo](http://franklinmartins.com.br/estacao_historia_artigo) , acessado em 08/09/2011.

JK personifica a cidade que não estava totalmente construída, mas já possuía vida, respirava, o sangue corria-lhe pelas artérias como em um ser humano, a cidade já nascia humanizada. Ao terminar o discurso, o presidente invoca Tiradentes e declara inaugurada a cidade:

“Neste dia - 21 de abril - consagrado ao Alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, ao centésimo trigésimo oitavo ano da Independência e septuagésimo primeiro da República, declaro, sob a proteção de Deus, inaugurada a cidade de Brasília, Capital dos Estados Unidos do Brasil.”<sup>59</sup>

Nas figuras 15 e 16, o dia da inauguração é marcado pela euforia que tomou conta dos pioneiros e pela grande participação do público em geral na Praça dos Três Poderes.



**Figuras 15 e 16:** Inauguração de Brasília

**Fonte:** As fotos são da Revista Manchete, publicadas no artigo 'Brasília – 40 anos, site: [www.historianet.com.br/conteudo](http://www.historianet.com.br/conteudo), acessado em 21/09/2011.

Foram muitas festividades por ocasião da inauguração de Brasília, e Juscelino escreveu sobre todas em seu livro, já citado, e não há, portanto, necessidade de maiores delongas sobre o assunto. Entretanto, após a inauguração, Brasília, a terceira capital brasileira, não exerceu seu papel de imediato. Durante alguns anos, mais ou menos metade da década de

---

59 Idem. Ibidem.



60, houve muitas resistências para que o poder oficial do país fosse totalmente transferido para Brasília.

Conforme a historiadora Marly Motta, a mudança da capital ocorreu de forma lenta:

“Foi lenta e se estendeu por toda uma década. Mesmo porque Carlos Lacerda, primeiro governador do estado da Guanabara, investiu na manutenção da capitalidade do Rio. A Guanabara era um Estado capital, na medida em que se mantinha como centro nervoso do País, e sua principal caixa de ressonância, coube aos governos militares esvaziar essa capitalidade e mudá-la para Brasília.”<sup>60</sup>

Carlos Lacerda pertencia ao partido contrário ao de JK, e sempre teve ideias opostas às do Presidente com relação a mudança da capital, e numa situação favorável como se encontrava, o embate continuaria. Lacerda foi, então, parte decisiva do golpe militar de 64, fato este que será fundamental para a mudança total e definitiva da capital para Brasília.

É preciso entender que ao ser inaugurada, Brasília oferecia uma arquitetura moderna, capaz de impregnar o cotidiano de seus habitantes, pensada para uma nova cultura. Além disso, o espírito arquitetônico moderno traz consigo uma linguagem exclusiva da arquitetura monumental, de igrejas, de teatros, de ministérios... que irá se impor e se comunicar, de alguma forma, com a sociedade que se organizava na capital.

Assim, os pioneiros estavam diante de uma nova realidade em que eles próprios deveriam impor suas vontades e seus ideais com maior liberdade e, assim, terem a chance de penetrar na “alma cultural da cidade”.

#### **2.4.1 Como era viver em Brasília**

Ernesto Silva analisou, com otimismo, a primeira década de existência da cidade:

“Brasília completa os seus dez anos de vida a 21 de abril de 1970. Teve momentos de fastígio; sofreu duros impactos, que soube suportar com galardia, graças, principalmente, ao patriotismo de sua população ordeira e trabalhadora. Vencidas as etapas negativas, cremos que, doravante, com a transferência de todos os Ministérios para a verdadeira e única Capital, com a instalação das Embaixadas dos Países amigos (...) Brasília se tranquiliza, Brasília se consolida, Brasília, altaneira e bela, se afirma definitivamente.”<sup>61</sup>

60 *Maquete Viva. A capital federal chega aos 50 anos.* In *O Estado de São Paulo*, de 12/04/2010.

61 SILVA, Ernesto. Op. Cit., p. 266.

Creemos que não cometeremos um engano em considerar a voz de Ernesto Silva para analisar o sentimento que moveu, persistiu e ainda subsiste em todos os pioneiros que, como ele, lutaram para que Brasília existisse, de fato, como capital do Brasil.

Sabe-se que, em 1970, dez anos após a inauguração, não só Brasília, mas todo o Brasil vivenciou um período difícil de ditadura militar e que a capital não poderia se tranquilizar diante de tudo que ocorria e, muito menos, sentir-se 'altaneira e bela' como se pudesse voar, numa referência ao seu projeto original, com toda sua beleza.

O que está por traz desse discurso é um ufanismo, baseado na ideologia da esperança, da “Terra Prometida”. Silva destaca a esperança de que tudo irá mudar e que realmente a cidade poderá voar, não só na imaginação dele e de outros pioneiros, mas no sentido real, e assim, poderá representar um espaço para as discussões dos problemas principais de todo o país.

O primeiro prefeito de Brasília foi o ex-diretor da NOVACAP, Israel Pinheiro da Silva. Durante o ano de 1960, esse prefeito criou e estruturou os órgãos indispensáveis ao funcionamento da cidade: a Fundação Hospitalar, a Fundação Educacional e a Fundação do Serviço Social. Entretanto, esse governo não teve tempo para cumprir todas suas metas porque foi substituído, em fevereiro de 1961, pelo prefeito indicado por Jânio Quadros, Paulo de Tarso.

Vários outros acontecimentos políticos contribuíram para um clima de insegurança na nova capital, funcionários públicos temiam a transferência do Rio para Brasília, apesar de terem moradia e transporte de seus pertences garantidos. Havia muita falta de informação e má fé nesse temor. Alguns políticos e jornais de grande influência pública aludiam à inauguração de Brasília de forma adversa, principalmente com relação ao tempo de construção.

JK estava consciente dos problemas que afligiam a população da cidade, antes e após sua inauguração. Ele sabia, também, que havia, no Congresso Nacional, partidários udenistas, em 1960, que influenciavam no sentido de que houvesse uma resistência à transferência da capital. Os udenistas, segundo JK, estavam em todas as repartições públicas, nos jornais e até nas ruas clamando contra a ordem de mudança. Nesse clima, muitos funcionários públicos e populares, em geral, tinham dúvidas de que a mudança seria o melhor para o Brasil.

Não é muito difícil de compreender o motivo, ou os motivos, das dúvidas dos funcionários. Muitos tinham família e temiam pelo bem estar dos seus, à cidade, apesar de

estar pronta para recebê-los, ainda faltava muito conforto, e a distância para o Rio de Janeiro era imensa, visto que os voos, saindo de Brasília, não eram frequentes. A capital esteve sediada no Rio por quase dois séculos, desde 1763, quando substituiu Salvador, até 1960. A mudança foi lenta e complicada e, ainda hoje, não está completa.

Tamanini relata um pouco dessas dificuldades que o povo, em geral, sentia:

“Importantes órgãos da imprensa colocaram-se ao lado dos descontentes e através de editoriais, artigos e colunas assinadas, bem como de noticiário tendencioso, buscavam demonstrar à opinião pública que a rapidez com que Brasília estava sendo feita era responsável por todos os males e problemas que o país enfrentava.”<sup>62</sup>

Logo após a inauguração de Brasília, a UDN organizou uma Comissão de Inquérito para apurar possíveis irregularidades ocorridas durante a construção. Paralelamente, a NOVACAP havia realizado uma grande auditoria na empresa e a divulgação de resultados foi de encontro ao que pretendia Lacerda que desejava a permanência da capital no Rio de Janeiro, e que Brasília se tornasse uma ruína. Dessa forma, ele não só conseguiria manter a capital, mas também, aniquilar a carreira política de JK e, ao mesmo tempo, se projetaria para a próxima eleição presidencial.

Tamanini expôs o resultado da auditoria realizada pela NOVACAP:

“Podia afirmar que afora pequenas irregularidades de ordem técnica, nunca dolosas, falhas de pequena monta e jamais envolvendo a Diretoria, tudo se encontrava na mais perfeita ordem e absoluta regularidade. Foi o golpe final na impatriótica iniciativa dos setores radiais udenistas.”<sup>63</sup>

Em toda a história registrada sobre a construção de Brasília, não se tem comprovação de corrupção que denigra a imagem do poder e de JK. Sabe-se que, no ato de formação da NOVACAP, órgão responsável pela construção da nova capital, JK nomeou três diretores: Israel Pinheiro (Presidente), Ernesto Silva (Administrativo) e Bernardo Sayão (Executivo). O diretor financeiro foi indicação da UDN: Íris Meinberg.

Juscelino, ao nomear um integrante do partido de oposição para atuar na área financeira, usou de estratégia política, pois assim não teriam como acusá-lo de corrupção ou de sonegação de informações. Feitas essas observações sobre a parte política da cidade, é importante considerar que, logo após a inauguração, a cidade ainda estava em obras. Predominava a terra nua de amplos espaços ainda sem grama, de onde se levantava fina

62 TAMANINI, L. *Memória da Construção: Brasília*, p. 242/243.

63 *Idem*. Op. Cit., p. 253.

poeira que tomava conta de tudo e de todos. Enquanto o funcionalismo público tinha moradia, outros trabalhadores tinham dificuldades para assentar suas famílias.

Após o encerramento das obras, os alojamentos eram desfeitos e seus habitantes deveriam retornar para suas origens ou conseguir uma casa para morar. Surgiram problemas sérios de moradia em Brasília.

O que ocorria era que essa questão se agravava cada vez mais porque era crescente e incontrollável a chegada de novos migrantes na capital. A Cidade Livre deveria ser extinta logo após a inauguração, mas moradores se organizaram em movimentos contrários porque não tinham para onde ir. JK não teve como manter a ordem de extinção e resolveu:

“No dia 21 de abril, porém, verifiquei a impossibilidade de levar a efeito esse intento. A Cidade Livre já era uma força autônoma. Vivia por si, como um subproduto da nova Capital. Além do mais, eu tinha uma dívida de gratidão para com aquela população. Fora ela que, em primeiro lugar, atendera ao meu apelo de se promover (...) E, durante os três anos de construção de Brasília, contribuíra de maneira decisiva para que nada faltasse aos candangos.”<sup>64</sup>

Assim, JK agiu conforme a vontade do povo e teve a oportunidade de se autoafirmar como figura popular que sempre fora na política.

Além da razão emocional, exposta por JK, a Cidade Livre já não era mais um acampamento, mas uma verdadeira cidade que pulsava 24 horas por dia. Não seria possível acabar com uma cidade como essa. Então, houve a transformação da Cidade Livre na que se conhece hoje, Núcleo Bandeirante, que ainda mantém algumas casas originais da época da construção.

A cidade-satélite de Taguatinga já existia e seu desenvolvimento era significativo, muitas famílias, recém chegadas a Brasília, tinham como destino e moradia essa satélite. As obras necessárias, para implantação da cidade, desenvolveram-se entre 1959 e 1960 com recursos do Departamento de Terras e Agricultura da NOVACAP. Pouco depois, Inácio Lima Ferreira retomou o projeto, executando serviços topográficos, arruamento e locação de terrenos, instalando os serviços subterrâneos de abastecimento d'água e saneamento.

Com a finalização das obras da capital, invasões, que surgiram aos arredores da cidade haviam crescido e se tornado verdadeiras cidades. Esse tipo de habitação, evidentemente, não convinha à Sede do Poder. O governo providenciou assentamentos para receber essas famílias.

---

64 KUBITSCHKEK, Juscelino. Op. Cit., p. 398/399.

Taguatinga foi inaugurada em 1958 e, em seguida, surgiram as sucessivas cidades-satélites, para onde era levada, de forma precária na maioria das vezes, a população carente dos construtores de Brasília. No entanto, para entender melhor a situação, vejamos o conceito de cidade-satélite:

“Uma designação usada para se referir a centros urbanos surgidos nos arredores de uma grande cidade, tipicamente para trazer algum benefício a cidade núcleo da região. Cidades-satélites não devem ser confundidas com subúrbios de grandes cidades, pois diferem explicitamente.”<sup>65</sup>

A percepção de cidade-satélite na nova capital não coincide com o real. Em Brasília, cidade-satélite era sinônimo de subúrbio, muitas vezes, de favela. Mas sempre foi nas satélites que se encontravam os trabalhadores que mantinham a capital em pleno funcionamento.

Em maio de 1960, foram assentadas, em Sobradinho, famílias transferidas da Vila Amaury, do Bananal e invasões próximas à Vila Planalto. O primeiro núcleo habitacional de Sobradinho formou-se na quadra 04 e adjacências, onde foi construída a Igreja de Nazareno, a primeira da cidade.

Além de Sobradinho, as cidades do Gama e Guará I foram planejadas para receber migrantes na década de 60. Na década seguinte, outras satélites foram criadas, pois ainda havia invasões a serem erradicadas e novos migrantes chegavam a Brasília com frequência. Sobre esse assunto, trata com muita habilidade e conhecimento, o professor e escritor Aldo Paviani na obra, *Brasília, a metrópole em crise: ensaios sobre urbanização*, em especial no Cap. VII – *Questões a respeito do planejamento urbano em Brasília*.

Após essas colocações não se pode negar a existência de um sério problema de moradia e de atendimento social a famílias de migrantes na primeira década de existência de Brasília.

---

65 <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade-sat%C3%A9lite#cite\\_note-1](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade-sat%C3%A9lite#cite_note-1)>, acessado em 14/12/2012.

## 2.5 Uma cultura para a Nova Capital

No dicionário o vocábulo surge como:

“**Cultura** 1. Ato ou efeito ou modo de cultivar. 2. O complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições, das manifestações artísticas, intelectuais, etc., transmitidas em determinado campo. 3. O conjunto dos conhecimentos adquiridos em determinado campo.”<sup>66</sup>

Segundo o sociólogo e professor, Jorge Kuster Jacob: a cultura representa

“... a alma de um povo. É aquilo que anima uma Nação. Dá sentido à vida de um povo. Um povo sem cultura é um povo alienado, dominado e morto. Um povo sem identidade baseada na sua história, não tem raízes, não tem argumentação, não tem alma e é facilmente dominado por outro povo”.<sup>67</sup>

Na visão de Friedrich Schiller, a cultura irá proporcionar ao ser um contato maior com o mundo e desenvolver seus sentimentos. Ao mesmo tempo, o ser será capaz de reconhecer-se e controlar-se no sentido de manter a razão diante de suas necessidades.

Ainda nessa visão, em poucas palavras, quando o homem conseguir unir suas duas percepções diante do mundo, ou seja, a emoção e a razão estiverem balanceadas, ele atingirá sua plenitude no sentido de ser independente e livre, terá noção realista daquilo que deve ser ou fazer na sua prática diária e no mundo.

Schiller enaltece, em suas cartas, a importância da cultura para o homem:

“Vigiar e assegurar os limites a cada um dos dois impulsos é tarefa da cultura, que deve igual justiça aos dois e não busca afirmar apenas o impulso racional contra o sensível, mas também este contra aquele. Sua tarefa, portanto, é dupla: primeiramente, resguardar a sensibilidade das intervenções da liberdade; segunda, defender a personalidade contra as forças da sensação.”<sup>68</sup>

Observa-se que o conceito de cultura é bastante complexo porque envolve uma gama extensa de sentidos. No final do Séc. XVIII e no princípio do seguinte, *Kultur*, termo germânico, simbolizava os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra francesa *Civilization* referia-se às realizações materiais de um povo. Foi o antropólogo inglês, Edward Tylor, quem sintetizou o vocábulo cultura em *Culture*, em inglês, conforme refere Roque Laraia:

66 Idem. Op. Cit., p. 280.

67 JACOB, K. Jorge. *A cultura é a alma do povo*, in [www.guiadigital.info](http://www.guiadigital.info), acessado em 01/07/2010.

68 SCHILLER, Friedrich. *Cartas sobre a educação estética da humanidade*, pp.81-82.

“Ambos os termos foram sintetizados por Edward Tylor (1832-1917) no vocábulo inglês Culture, que “tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”.<sup>69</sup>

Infere-se, desse excerto, que cultura pode ser percebida como um fenômeno natural que possui causas e regularidades, e isso permite um estudo objetivo e análises capazes de proporcionar a formulação de um conceito de cultura contemporânea, que aponte a evolução de um povo agrupado numa determinada sociedade, no caso, em Brasília, uma vez que o conceito de cultura terá abordagem de significados, e estes são públicos.

Na visão do antropólogo Clifford Geertz, em estudos desenvolvidos sobre a interpretação das culturas, só se pode compreender um povo quando se está entre ele. Geertz mostra que o conceito de cultura é semiológico, visto como

“... sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (o que eu chamaria símbolos, ignorando as utilizações provinciais), a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade.”<sup>70</sup>

Para a compreensão de significados, nesta tese, símbolos\* deverão surgir nas leituras de textos, nas entrevistas e nos acontecimentos sociais da época, no comportamento dos indivíduos dessa sociedade e na arquitetura da cidade. Enfim, esses e outros aspectos deverão estar contidos no contexto que irá delinear a cultura investigada.

É preciso lembrar que a cultura existe a partir das ideias, dos valores, dos atos, até mesmo das emoções dos homens e que sem eles não haveria cultura, mas também é verdadeira, nesse sentido, a afirmação inversa: sem cultura não haveria homens sociais. Para entender essa afirmação pode-se, por exemplo, pensar na aprendizagem de línguas. É inato às pessoas o dom de falar a língua de sua pátria, a menos que seja muda, mas para falar outra língua qualquer é preciso aprender uma nova cultura, caso contrário, isso não ocorrerá.

Nesse sentido, a cultura irá modelar o ser que será influenciado com uma visão diferenciada de mundo pelo aprendizado. Esse é o ponto da abordagem semiótica da cultura que irá auxiliar o acesso ao período inicial de Brasília, num sentido amplo, para que se

69 LARAIA, Roque de B. *Cultura: um conceito antropológico*, p. 25.

70 GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das culturas*, p. 10.

\* Símbolos serão os traços genéricos, as informações essenciais para o desenvolvimento da cultura pioneira de Brasília. Para explicar melhor, J. Alexandre Barbosa diz em *A Leitura do Intervalo*, “O que se lê, antes de mais nada, é a articulação: o intervalo entre a linguagem ficcional e os valores que ela necessariamente põe em questão.” p. 29.

converse com o cotidiano\*\* pioneiro estabelecido na época.

Assim, o ser será moldado pela cultura e fará parte da natureza na qual e para a qual trabalha. Então, o que há de concreto na cultura é a narrativa do momento, é a busca do que se entende como melhor para o povo e, ao mesmo tempo, representa o legado que será impresso num determinado tempo e espaço da sociedade. Nesse sentido, a cultura estará na sociedade, mas não poderá ser imposta por ela, porque sempre necessitará de organização, de crítica, antes de ser assimilada por todos que nela vivem.

É patente que não será possível uma descrição fiel dos primeiros anos de Brasília. Certamente ocorrerão perdas ou um rearranjo das lembranças. Mas o que importa destacar é que o esforço de rememorar, cria, na cidade, um espaço e um tempo específicos aos pioneiros de várias origens que estão diante de uma sociedade (diferente da inicial para eles) que os abriga naquele momento.

Antes de prosseguir em nosso propósito, precisamos entender melhor sobre o termo Arquitetura. Marco [Marcus] Vitruvio [Vitruvius] Pollio, arquiteto e urbanista romano escreveu o *Tratado de Arquitetura* no Séc. I a. C, impresso, pela primeira vez, no ano de 1489 em Roma.

Vitruvio relaciona a experiência e a prática aos resultados do trabalho do arquiteto e afirma que existe uma interação entre o significado e o significante, e essa é a realidade em todas as expressões do conhecimento, mas de maneira particular, no exercício e na compreensão da arquitetura. De acordo com a explanação do arquiteto:

“Também na arquitetura, de uma maneira especial, se verificam estas duas coisas: o que é significado e o que significa. O que é significado é a coisa proposta, da qual se fala; o que significa é a evidência baseada na lógica dos conceitos.”<sup>71</sup>

Assim, o arquiteto precisa de engenho e habilidade para inserir significados à obra de sua autoria. Vitruvio afirma que o arquiteto necessita de talento e muita instrução para desempenhar suas funções e que essas duas capacidades são essenciais para criar um artista perfeito que pode habitar um arquiteto, mas para que isso ocorra ele

---

\* \* Cotidiano terá o sentido de descrição das ações diárias, que constituem uma rotina para os pioneiros.  
71 VITRUVIO, Marco P. *Tratado de Arquitetura*, p. 62.



“Deverá ser versado em literatura, perito no desenho gráfico, erudito em geometria, deverá conhecer muitas narrativas de fatos históricos. Ouvir diligentemente os filósofos, saber de música, não ser ignorante de medicina, conhecer as decisões dos jurisconsultos, ter conhecimento da astronomia e das orientações da abóbada celeste.”<sup>72</sup>

Vitruvio segue explicando porque o arquiteto deveria ter conhecimento em todas as áreas mencionadas e conclui que esse profissional não deveria forma-se sem que, desde criança, fosse alimentado pela ciência e pelas artes para atingir seu objetivo. Enfim, para embutir valores e para que o leitor possa interpretar esses significados nas obras, o arquiteto precisa adquirir essa cultura numa formação ampla.

Então, ainda para Vitruvio, a arquitetura assume a seguinte definição:

“1. Na realidade, a arquitetura consta de: ordenação, que em grego se diz *taxis*; disposição, à qual os gregos chamam *diathesis*; euritmia; comensurabilidade; decoro e distribuição, esta em grego dita *oeconomia*.”<sup>73</sup>

Ao longo do tempo, os arquitetos e a arquitetura foram sofrendo modificações e influências artísticas, mas o estudo histórico da arquitetura não constitui o objeto desta tese, e já produzido por vários estudiosos, entre eles Frank Svensson. A visão sobre arquitetura desse autor, pioneiro de Brasília, servirá de apoio para esta tese:

“... Pela diversidade de sua produção, a arquitetura aproxima-se da categoria de totalidade de produção e conhecimento da síntese entre a vida humana e seu cenário.”<sup>74</sup>

Frank denota a importância do conhecimento adquirido e do espaço que o arquiteto tem diante de si no momento da criação. As imagens, a representação de uma ideia, deverão associar-se a imagens específicas de espaço e tempo do sistema social de um determinado lugar. Essa percepção do arquiteto refere-se à visão de mundo que ele obteve em sua vida, em seus estudos e na forma como irá configurar tudo isso em conhecimento, em obra.

---

72 Idem. Op. Cit., p. 64.

73 Ibidem, p. 74.

74 SVENSSON, Frank. *Visão de mundo – Arquitetura*, apresentação p. XII.

### **2.5.1 *Arquitetura moderna***

Arquitetura moderna é uma designação genérica para o conjunto de movimentos e escolas arquitetônicas que vieram a caracterizar a arquitetura, produzida durante grande parte do século XX, inserida no contexto artístico e cultural do Modernismo. O termo modernismo é, no entanto, uma referência genérica que não traduz diferenças importantes entre arquitetos de uma mesma época.

Não há um ideário moderno único. Suas características podem ser encontradas em origens diversas como em Bauhaus, na Alemanha; em Le Corbusier, na França; em Frank Lloyd Wright, nos EUA; ou nos construtivistas russos, alguns ligados à escola Vutshes. Estas fontes tão diversas encontraram nos CIAM (Congresso Internacional de Arquitetura Moderna) um instrumento de convergência, produzindo um ideário de aparência homogênea, resultando no estabelecimento de alguns pontos comuns.

Segundo Lucio Costa, o modernismo brasileiro justifica-se como estilo, afirmando a identificação de nossa cultura e representando o espírito da época.

Os arquitetos modernistas buscavam o racionalismo e o funcionalismo em seus projetos, e as obras, desse estilo apresentam como características comuns formas geométricas definidas.

### **2.5.2 *A influência da arquitetura na cultura***

A arquitetura moderna, implantada e financiada pelo Estado em Brasília, provoca um certo estranhamento inicial, seguido de orgulho e empenho em compreendê-la dentro do contexto tradicional brasileiro que envolvia, principalmente, a cidade do Rio de Janeiro, que sediava a Capital anteriormente. Ortiz trata da arquitetura de Brasília como uma ideia de construção nacional:

“Com uma “mentalidade cultural” que percebe o moderno como vontade de construção nacional. As linhas geométricas de Brasília “levam” a civilização para o planalto central num ato civilizador que inverte a relação entre superestrutura e infraestrutura”<sup>75</sup>

---

75 ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira – cultura brasileira e introdução cultural*, pp. 35/36. As apas do interior do texto são do autor.

Nesse sentido, percebe-se o quanto uma discussão sobre a cultura brasiliense se faz proveitosa, uma vez que ela será imaginada com ênfase na modernização nacional e na representação social. Devido à localização central da Capital, o signo dessa modernização irá refletir-se e criar uma nova cultura, não só para a região em que se localiza a cidade, mas para todo o país, que será visto e compreendido por outras nações de forma diferenciada. Esse será o momento em que a arquitetura será percebida como 'ideia nacional'.

Acredita-se que há uma linguagem presente na obras arquitetônicas e urbanísticas que se completa a partir do momento em que o indivíduo se considera parte da cidade, e ela, parte do indivíduo. Entende-se, que o homem vive na cidade e é dela, mas esta vive pelo homem. A cidade é viva para o homem que a habita senão seria um amontoado de construções, ruas, monumentos.

Dessa forma, a arquitetura e o urbanismo de uma cidade moderna também tem uma linguagem representada na vivência, na experiência e no cotidiano daqueles que lhe emprestam sentido, que lhe dão vida. A arquitetura possui uma linguagem precisa que surge da intuição, da leitura daqueles que habitam determinada cidade ou que a visitam em busca de sentidos, de significados diante das edificações que encontram.

### 3 O IMAGINÁRIO E A FORMAÇÃO DA CIDADE

“A história de Brasília, ao longo do processo de construção, transferência e consolidação, geralmente é abordada sob dois aspectos:

1. a dos ufanistas, para quem sua construção se constituiu em “epopeia”, transformando-se em “Capital do Terceiro Milênio”; e
2. a dos críticos, que apontam os mitos criados, levantam problemas sociais nela surgidos e avaliam o “planejamento” que não os equacionou em sua totalidade.”<sup>76</sup>

#### 3.1 O imaginário dos pioneiros

Nesta tese há uma memória registrada nos depoimentos dos pioneiros entrevistados, uma memória ativa que não apaga o brilho ou a intensidade da capital, mas permite-nos enxergar o que de fato ocorreu em Brasília em seus primórdios.

No entanto, nossa tarefa é levantar e discutir os problemas sociais que despontaram entre os pioneiros presentes durante a construção, na efetivação e na formação de uma cultura para a nova capital. E, a partir desses debates, confirmar a cultura produzida e enraizada pela sociedade que se formou naquela época.

Na linha de pensamento de Paviani e diante das entrevistas concedidas pelos pioneiros, percebeu-se que o povo, a sociedade têm urgências que se mostram no cotidiano e que o urbanismo e a arquitetura ordena, cria e impõe à cidade a satisfação coletiva. As pessoas, que procuraram Brasília para viver, tinham ânsia por liberdade e por uma nova sociedade, por um lugar melhor para viverem, que eles entendiam estar sendo criado, juntamente com o poder que se instalava na cidade.

Dessa assertiva, infere-se que as ideias são impostas pela imaginação coletiva e, ao se analisar essas ideias, compreende-se que é na cidade que elas se desenvolvem, é onde surgem imagens e representações porque é na cidade que os diversos olhares da sociedade estabelecem conceitos e preconceitos, e criam símbolos. Então, a cidade representa, em seu espaço físico, o imaginário social. Célia Ferraz explica, em seu artigo, essa questão:

---

76 PAVIANI, Aldo. *Brasília: Cidade e Capital*. In *Brasília: a construção do cotidiano*, p. 44.

“O imaginário busca sentido para as coisas e para os fatos ( e, por conseguinte, para a cidade e para as obras urbanas; ou para as edificações), através dos diversos olhares ou leituras que são feitas da realidade.”<sup>77</sup>

Com o propósito de refletir sobre a cultura brasiliense, vivenciada na construção e na primeira década da nova Capital, acredita-se que o imaginário não só “busca” sentidos, mas gera, impõe os diversos conceitos e atribui-lhes sentidos, significados, a partir de olhares sobre a realidade.

Essa imposição de conceitos advêm da percepção dos indivíduos. Merleau-Ponty afirmou que a percepção possui um horizonte aberto em que se instala o saber:

“Não se pode tratar de descrever a própria percepção como um dos fatos que se produzem no mundo, já que a percepção é a “falha” deste “grande diamante”.<sup>78</sup>

Diante das ideias desse pensador, acredita-se que percepção será a mola mestra que permitirá discutir, analisar e entender a construção da capital e a vivência estabelecida, nesse novo espaço, a fim de elucidar a cultura implantada na cidade.

Assim, o inconsciente coletivo de percepção traz a imaginação. A cruz é determinada pelo Cristianismo. O projeto de Brasília é visualizado em forma de cruz por muitos e pode ser entendido como um templo sagrado que se construía. A cidade foi usada, nesse sentido, como propaganda política de JK porque atraía seguidores de várias regiões, lembrando a figura de Jesus Cristo em Jerusalém.

A construção da capital tornou-se o mais importante ícone do processo de modernização e industrialização do Brasil daquele período histórico. A nova cidade e Capital Federal foi o símbolo máximo do progresso nacional e foi elevada a Patrimônio Cultural da Humanidade mais tarde. Esse plano pretende garantir os princípios do projeto piloto de Lucio Costa, responsável pelo projeto urbanístico da capital.

Os desafios, percebidos pelos pioneiros, revelarão os desejos, as carências, e os sonhos atribuídos à projeção da cidade. Isso ocorrerá porque eles são produzidos de acordo com a capacidade do homem de gerar informação em suas relações sociais. O mais importante é o que não se pode ver, mas que sustenta o ser. Então, é preciso perceber a estrutura profunda das manifestações para encontrar as ideias relativas à cidade.

---

77 SOUZA, Célia Ferraz, *Construindo o espaço de representação: ou o urbanismo de representação*, In *Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*, p. 109.

78 MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*, p. 280.

Esse processo comparativo, em busca de um novo olhar, transforma o estudo da imagem percebida pelos pioneiros numa pesquisa semiótica. A análise que se inicia, focada nesse processo comparativo, será apresentada a partir de fatos relatados por migrantes e interpretados, em busca de vários significados para, posteriormente, revelar a cultura brasiliense.

A cidade é produto de imaginação e, por outro lado, produz imagens e imaginação. Num primeiro momento, a cidade não existe; então, ela será produto de uma imaginação criativa que, no caso da nova capital ocorreu dessa forma:

1) Na época da construção da cidade, falou-se muito no avião para remeter à modernização.

2) A imagem da cruz remete ao Cristianismo e isso uniria os brasileiros em torno de um templo e de JK, o que legitimaria o governo e a cidade.

Diante dessas ideias, uma questão mostra-se importante: qual a imagem básica que deu origem a Brasília? Com um projeto em forma de cruz, de avião ou de borboleta como afirmou LC é preciso entender melhor esse imaginário. A imagem pode ser projeção de desejos. Apesar da semelhança ser clara, Costa mostrava-se aborrecido com as pessoas que comparavam o projeto da capital a um avião:

“Não tem nada de avião! É como se fosse uma borboleta. Jamais foi um avião!”<sup>79</sup>

Segundo ele, uma cidade com formato de avião não teria criatividade suficiente para ser capital do país.

Sabe-se que 'borboleta' está diretamente relacionada à palavra 'psicologia', o que nos mostra uma relação entre a mente do homem e a sua natureza espiritual. Os gregos concebiam a alma como uma borboleta, quando o espírito se desprendia do corpo, tomava a forma de borboleta.

Isso explica por que o psicanalista conceitua a borboleta como símbolo do renascer, e também a preferência de LC que buscou uma imagem de liberdade, de beleza, de imortalidade e, portanto, a importância do ser para símbolo da capital.

A imagem da cruz sugere uma imposição simbólica, contrária à ideia da construção. Uma cidade não pode impor à população uma religião. O símbolo da cruz seria visto como imposição do Cristianismo. Esse assunto será melhor explicado, nesta tese, num momento

---

79 *Declarações de Lucio Costa*. In BUCHMAN A. *Lucio Costa: o inventor da cidade de Brasília*, p. 113.

mais oportuno.

Quem irá mostrar a composição da cidade será seu construtor, seu administrador, e, finalmente, seu morador que a entende e é entendido por ela. Acredita-se que esse é o significado da cidade, que pode se renovar e inovar-se com o tempo, ou a partir da vivência de cada um que a ocupa.

As lembranças dos pioneiros, associadas às ideias já discutidas por críticos e teóricos sobre a cidade, deverão conduzir-nos a similaridades entre sensações, emoções, observações; enfim, entre as histórias vividas que irão proporcionar a análise semiótica à procura da realidade vivida e perdida em Brasília. Veremos de onde vieram, quando chegaram e o grau de satisfação dos pioneiros entrevistados.

### **3.2 Origem, chegada, idade e grau de satisfação dos migrantes**

Os dados constantes desta tese foram coletados em entrevistas, gravadas e transcritas pela autora, com 44 migrantes, que serão tratados como pioneiros conforme distinção entre os termos candango e pioneiro, apresentada anteriormente.

O contingente populacional de Brasília foi marcado pela chegada de migrantes de várias regiões do país. O universo de pioneiros, destacados por esta pesquisa, não seguiu uma pré-seleção. Eles vieram a Brasília por motivos diversos, inclusive para conhecer a nova capital. Alguns chegaram para trabalhar. Outros formaram família e continuam morando na cidade até os dias de hoje. É interessante observar a participação dos que aqui chegaram quando só havia uma vastidão de cerrado, suas vivências durante a construção, 'o ritmo de Brasília' como muitos pioneiros narraram nas entrevistas.

Algumas considerações sobre 'espaço' não podem deixar de constar nesse momento, tendo em vista que a cidade foi planejada, discutida e esperada por longos anos conforme revela sua história.

Kant, baseado no conhecimento de que a matéria fornece os conteúdos à razão e esta, a partir deles, formula as ideias, ou seja, não é a experiência que fornece as ideias, mas ela é fundamental para que a razão as construa.

Ainda segundo Kant, percebem-se todas as coisas dotadas de dimensões como realidades espaciais. O espaço não é algo passível de percepção, mas o que permite haver a

percepção. Assim, nota-se que ele separa o espaço dos demais elementos. A noção de espaço vem, então, do espaçamento de um corpo em relação a outro.

Flávio Kothe, estudioso do assunto, expõe a ideia de espaço na visão de Aristóteles:

“... o que gera a noção de espaço é o espaçamento entre os corpos. O movimento como mudança de espaçamento e de lugar dos corpos é possível porque há certo “vazio” entre eles, um vazio relativo, pois pode estar repleto de ar. O mais denso se move no que for menos denso e resistente. O espaço não se vai quando as coisas se vão.”<sup>80</sup>

Nota-se, que Aristóteles concebe o espaço como lugar. Trata-se da posição de um corpo em relação aos outros. O espaço é o limite imóvel do continente, a região ocupada por um corpo; ou seja, no pensamento de Aristóteles, o espaço não é vazio e homogêneo, mas existe a partir da ocupação destinada a ele.

Heidegger atribuiu importância ao homem ao inseri-lo como componente do espaço. Ele afirmou que a realidade é humana e espacial na sua natureza. O homem é visto como “ser-ativo-no-mundo”, quem organiza e cria espaços, arrumando e desarrumando de acordo com sua cultura e seus objetivos. Para isso, o homem necessita buscar direções e referenciais para a busca de seus interesses, de modo a alcançar uma organização de seu espaço vivido, seu lugar.

Tratando ainda sobre o espaço, Bachelard considera a arquitetura (na visão de casa) como manipulação do espaço interior:

“A casa é um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade. Incessantemente reimaginamos a sua realidade: distinguir todas essas imagens seria revelar a alma da casa; seria desenvolver uma verdadeira psicologia da casa.”<sup>81</sup>

Bachelard enfatiza que a casa traz imagens que sugerem ao homem a “ilusão de estabilidade”. Pode-se inferir disso que o projeto da casa, elaborado pelo arquiteto, é que conduz às imagens que a construção da mesma provoca no homem e, nesse sentido, o arquiteto utilizou-se de um espaço e produziu outro espaço, a casa, que traduz segurança, acolhimento e outros sentimentos ao homem.

---

80 KOTHE, Flávio R. *Pensando o Espaço*, palestra proferida na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília em 02/04/2012, p. 05.

81 Bachelard, G. *A poética do espaço*, p. 36.



Nesta tese, o espaço será compreendido não somente sob a perspectiva filosófica, mas também geográfica. Para interpretar a sequência das relações entre o homem e a natureza, as noções de espaço e de tempo devem seguir juntas e, dessa maneira, se estará diante do entendimento de sociedade e de espaço.

Desse modo, o espaço ocupado por Brasília revela as múltiplas conexões dos sentidos atribuídos à espacialidade e incorpora, sinteticamente, a mudança e a permanência, o caos e a ordem, que constituem, de certa forma, a natureza dos processos de metropolização a que foram submetidos os pioneiros da capital.

O espaço não é uma relação de continente e conteúdo existente entre objetos. Ele não é o ambiente (real ou lógico) em que as coisas se encontram, mas o meio pelo qual a posição das coisas é viável. Para entender o espaço, é preciso pensar nas coisas, no ambiente das coisas e nas relações sociais que as pessoas estabelecem em suas vivências.

Dessa forma, será possível relacionar os depoimentos dos pioneiros, da primeira década de Brasília, a um legado importante para todos eles e também para os que vivem e pensam a cidade, porque eles irão atualizar-se no tempo. Isso ocorrerá no instante em que os pioneiros relembrem suas atividades, seus cotidianos nos primórdios da capital.

Da articulação dessa memória\* será possível obter dados para entender a cultura a partir das múltiplas ações de cada pioneiro ou das pessoas com as quais eles conviviam e revelar um pouco da realidade histórica da sociedade brasiliense.

Inicialmente, a análise será realizada a partir da focalização e discussão dos primeiros itens do questionário exposto. As respostas dos pioneiros serão apresentadas ao longo do desenvolvimento da tese, concentrando-se nas épocas em que chegaram. Os momentos colocados em foco estão assim distribuídos: os pioneiros que chegaram durante o período inicial e final da construção (1956 a 1959); os que vieram no ano da inauguração (1960) e, por último, aqueles que foram chegando após a inauguração até o final da década (1961 a 1969).

Essas fases foram organizadas em três tabelas que clarificam a origem, o ano da chegada, a idade e o grau de satisfação dos pioneiros quando ingressaram no espaço onde iriam construir a cidade ou, mais tarde, quando ela estava recém construída.

---

\* Faculdade pela qual o espírito conserva ideias ou imagens, ou as readquire sem grande esforço.

### 3.2.1 Sobre a origem dos pioneiros

Esta análise enfoca a procedência dos 44 pioneiros entrevistados. Verifica-se, como já era esperado, que houve uma miscigenação de pessoas no Centro-Oeste do país em torno da construção da capital. Mesmo depois, durante a primeira década, pioneiros continuavam chegando das várias regiões do Brasil. Somente um dos pioneiros entrevistados, veio do exterior, de Portugal.

De acordo com o censo experimental de Brasília, havia 1,9% de estrangeiros morando em Brasília em 1959. Os japoneses ficaram na zona rural e se dedicaram à produção de hortaliças, os portugueses preferiram morar e trabalhar no Plano Piloto, e havia outros estrangeiros que se acomodaram na Cidade Livre e por lá ganhavam a vida.

A ocupação territorial brasileira, nos anos 40 e 50, era de forma heterogênea e se concentrava no litoral. O centro do país era um grande vazio humano. De acordo com dados pesquisados, o Brasil possuía uma população, em 1950, de 51.941.767 e em 1960 já estava em 70.070.467.\*

A construção de Brasília, certamente, alterou essa prática litorânea no país, uma vez que o governo usou algumas motivações para chamar as pessoas para participarem das obras da cidade e, conseqüentemente, para o interior do país. O chamamento do governo era feito, principalmente, pelo rádio. JK falava aos brasileiros durante *A voz do Brasil*, programa preferido por muitos na época. A situação socioeconômica da população interiorana favoreceu a vinda dos brasileiros para o interior do país.

Ignez C.B. Ferreira, numa análise sobre a história de Brasília, tratou da ocupação litorânea no país e da concentração da população:

“A análise da ocupação territorial mostrou que, nos seus 400 anos de história, o Brasil, ... ocupava de forma heterogênea o seu território: uma faixa litorânea de expressão econômica e política, com cerca de 500 km, onde se concentra a população, em contraposição ao interior...”<sup>82</sup>

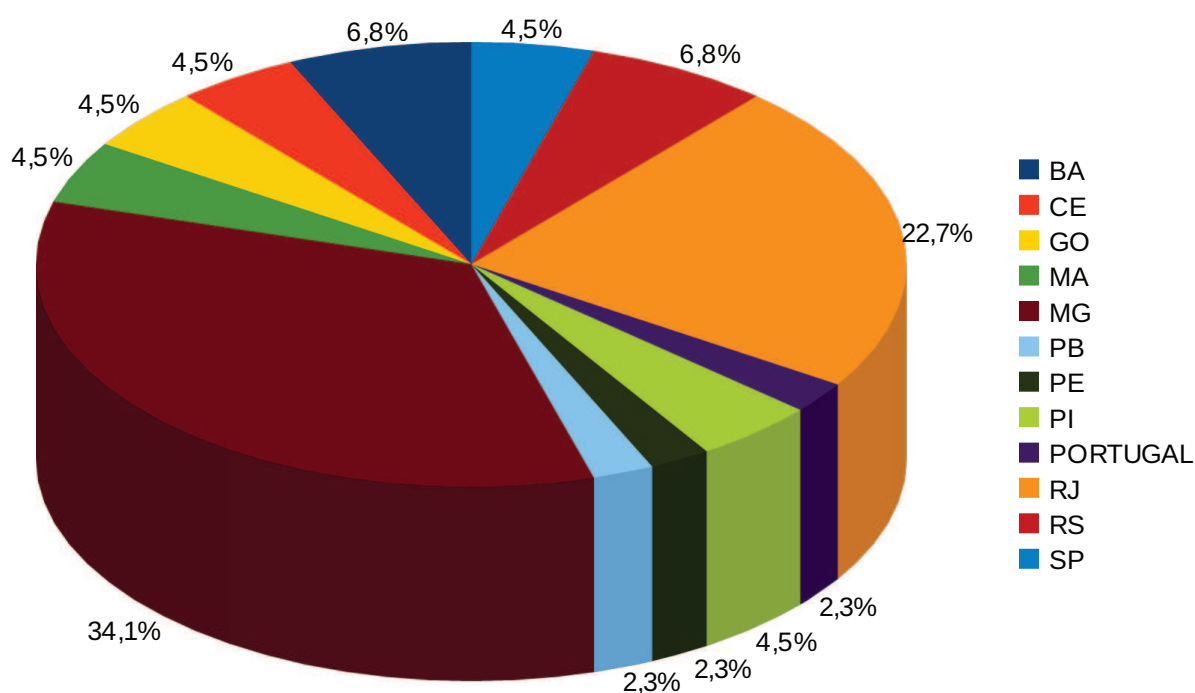
---

\* Dados populacionais obtidos no site: <[www.brasilecola.com/0-crecimento-da-populacao-brasileira](http://www.brasilecola.com/0-crecimento-da-populacao-brasileira)> , acessado em 09/11/2011.

82 FERREIRA, Ignez C.B. *Brasília: mitos e contradições na história de Brasília*, In Paviane, Aldo. *Brasília 50 anos: da capital a metrópole*, p.39/40.

A necessidade de crescimento do interior brasileiro era evidente e a escolha do local de construção da nova capital poderia ajudar nesse aspecto. No gráfico abaixo está ilustrada, em percentual, a origem dos pioneiros entrevistados para seguirmos a análise.

**GRÁFICO I** – Exposição dos estados de origem dos pioneiros entrevistados e representação em percentual.



Ao examinar-se o Gráfico I, percebe-se que grande parte dos entrevistados veio de cidades mineiras, 15 pioneiros, que perfazem 34,1% da totalidade. Minas Gerais é seguida pelo Rio de Janeiro, antiga Capital, de onde vieram 10 dos pioneiros, 22,7%. Como se pode observar, este gráfico demonstra que Brasília foi, inicialmente, ocupada por maioria de mineiros e cariocas.

Os outros estados estão assim representados: Bahia (6,8%), Ceará (4,5%), Maranhão (4,5%), Paraíba (2,3%), Pernambuco (2,3%), Piauí (4,5%), Goiás (4,5%), Rio Grande do Sul (6,8%), São Paulo (2,3%). Há, apenas, um pioneiro estrangeiro, vindo de Portugal.

Se o resultado do gráfico I for concentrado por regiões brasileiras, poderá ser visto que a maioria dos pioneiros chegaram da região sudeste (27); da região nordeste (11);

do centro-oeste (2) e do sul, 3 pioneiros.

Esses fatos levam a pensar sobre a proximidade geográfica de Minas Gerais em relação ao Centro-Oeste, o que pode ter favorecido a migração, mas também é preciso olhar com mais atenção a questão da economia das regiões.

O Brasil viveu, na década de 1950, um processo de substituição de importações: a indústria ampliava, consideravelmente, sua participação na economia brasileira. Um fator que contribuiu para essa nova realidade foi o empenho governamental na expansão da infraestrutura - sobretudo na área de energia e transportes - cujos resultados se traduziram na criação, em 1952, no governo de JK, da Companhia Energética de Minas Gerais (CEMIG), e no crescimento da malha rodoviária estadual, com destaque para a inauguração da Fernão Dias, que liga Belo Horizonte a São Paulo, no fim dos anos cinquenta.

Na década de 1960, a ação do governo cumpriu papel decisivo no processo de industrialização, ao estabelecer o aparato institucional requerido para desencadear e sustentar o esforço de modernização da estrutura fabril mineira. A industrialização, nesse período, encontrou grande ressonância junto a investidores nacionais e estrangeiros, fato que ocasionou grande crescimento econômico para o estado de Minas.

Uma metrópole não consegue dimensionar os problemas a que a sociedade será submetida e, assim, surge uma série de dificuldades com as quais a população tem que conviver: violência exagerada, transporte, saúde e educação insatisfatórios, além de grande aumento populacional.

Nesse cenário, onde a industrialização do estado de Minas crescia na mesma proporção que os problemas cotidianos, surge a construção da nova capital (1956) como 'promessa de um futuro melhor'. As pessoas vieram à procura de algo diferente, de uma cidade que elas acreditavam ser melhor naquele instante e no futuro. O mineiro, Ocrécio Lacerda, declarou:

“Vim em busca de melhoria. Na minha cidade eu não via nada, naquela época era muito comum a família ouvir a 'Hora do Brasil'. Quando dava a hora, não se fazia nada, era o rádio ligado e a 'Hora do Brasil' e ela tinha um tempo dedicado à BSB. Falava-se só sobre a cidade e se convocava os trabalhadores pra irem pra BSB. O meu despertar partiu daí.”<sup>83</sup>

---

83 Entrevista concedida à autora desta tese em 23/09/2011.

Do Rio de Janeiro, chegaram 10 dos pioneiros entrevistados. Esse efetivo deveu-se, principalmente, pela transferência do funcionalismo público, fato natural na ocupação da nova capital.

Da região sudeste, vieram 61,3% dos migrantes entrevistados; o nordeste foi representado por 25% deles; o centro-oeste e o sul contribuíram com 4,5% cada região e Portugal participou com 2,2% dos migrantes.

Cada um dos migrantes entrevistados tinham uma história, mas todos tinham sido mobilizados pelo clamor do presidente JK e, de certa forma, pela carência que suas cidades apresentavam.

Vale explicar que somente a título de favorecer a visualização de todos os pioneiros entrevistados e pôr em ordem as datas de chegada de cada um deles e o grau de satisfação por estarem em Brasília, serão apresentadas tabelas. Os dados estão expostos em três tabelas organizadas da seguinte forma: uma primeira tabela da qual constarão os pioneiros que chegaram durante a construção de Brasília, uma segunda, que exibirá os que chegaram em 1960, e uma terceira, que irá ilustrar aqueles que chegaram após a inauguração da cidade, 1961 a 1969. Essa é uma disposição didática, como já foi explicado e será sempre adotada para dispor os pioneiros entrevistados durante esta tese. A noção de satisfação é compreendida como sinônimo de gratificação, recompensa, contentamento. São conceitos presentes na ideia de motivação, integração e ajustamento.

O grau de satisfação visualizado nas tabelas foi determinado em: alto, médio e baixo, a partir da leitura e compreensão dos depoimentos dos pioneiros com intuito de melhor revelar e discutir os resultados obtidos pela pesquisa.

**TABELA I** – Amostra nominal de pioneiros que chegaram a Brasília entre 1956 e 1959, suas idades e graus de satisfação.

NOME	CHEGADA	IDADE	SATISFAÇÃO
Nonato Silva	1956	não falou	alta
Antônio C. Osório	1957	24	baixa
Adirson Vasconcelos	1957	20	alta
Frank Svensson	1958	24	alta
José Franklin	1958	24	média
Judson Seraine	1958	26	alta
Fernando Lopes	1959	27	alta
M <sup>a</sup> de Lourdes Seraine	1959	20	alta
Jaime Almeida	1959	11	baixa
Neusa França	1959	31	alta
Ocrécio Lacerda	1959	22	alta
Raimundo F. Da Cunha	1959	28	média
Roosevelt	1959	19	alta

O Presidente JK, eleito em 1955, tomou posse no início de 1956. Nesta data, foi criada a Comissão de Planejamento da Construção e da Mudança da Capital Federal. Do mesmo modo, houve reuniões para estudo dos pontos principais do Edital para o Concurso de criação do Plano Piloto, lançado em 19 de setembro de 1956.

Nesse clima de estudo e trabalho para a construção da capital, Nonato Silva, funcionário do Ministério de Educação e Cultura, foi requisitado para exercer a função de jornalista. Ele chegou quando ainda não havia nada construído, e assim relatou sua chegada:

“Pisei aqui, pela primeira vez, no dia 02 de outubro de 1956, vim com amigos, como jornalista para conhecer o espaço. A família, eu trouxe em 1960. Sempre me agradou muito, como professor de História, a mudança da Capital. Era um grande cerrado, a fazendinha do Gama, a da Granja do Torto, esse foi também o dia da primeira viagem do Presidente JK a Brasília. Ele desceu no aeroporto improvisado, feito às pressas, por Bernardo Sayão, para avaliar o Sítio Castanho que é aqui onde estamos. No início, a gente ficava em Goiânia, aqui não havia nada, eu vinha e pegava as informações da construção e levava para editar no Rio.”<sup>84</sup>

Nonato Silva, que também era professor de História, conhecia bem Brasília e, ao chegar, pôde comparar o estudo feito com a realidade local que observava:

“Minha chegada foi fora de série porque eu não tinha visão, quando cheguei e vi este horizonte infinito, estava em período de chuvas e as plantas estavam verdes, aquela beleza, o canto das aves, a presença dos animais silvestres. Essa foi a primeira imagem que tive, e que casava com a História que eu tinha estudado.”<sup>85</sup>

Nota-se o entusiasmo com a chegada e com a beleza do espaço, descritos por Nonato, num momento em que se fazia o reconhecimento da área do Sítio Castanho onde se construiria a capital.

O pioneiro Nonato foi contagiado por duas ideias ao se deparar com o espaço que receberia a capital: 'a infinitude e a beleza da natureza'.

A ideia de imensidão do infinito parece ter sugerido mistério para o pioneiro, sentimento que prende as pessoas, tudo que não se pode ver e compreender totalmente gera, no mínimo, muita curiosidade. Esse fato, aliado à beleza da natureza, que eleva e cativa o espírito do ser, foram determinantes na chegada do pioneiro.

Em 1957, quando a construção já havia iniciado, os pioneiros Antônio Carlos Osório e Adirson Vasconcelos chegaram à cidade e mostraram suas impressões.

Osório mencionou sua satisfação em morar em um barraco de madeira, mas disse que não foi gratificante sua chegada:

“Eu morei 3 anos no Núcleo Bandeirante, em barraco de madeira. Eu comecei meu escritório lá, na Av. Central. (...) A chegada em si não foi gratificante, mas foi uma coisa fascinante morar no Núcleo Bandeirante, porque Brasília era uma aventura fantástica, foi uma ousadia do Presidente Juscelino que deu certo. E eu, desde menino, tinha um entusiasmo pela ideia da nova capital, que ela viesse para o Centro-Oeste. Meus pais e meus tios já tinham essa ideia porque era muito antiga.”<sup>86</sup>

---

84 Entrevista concedida à autora desta tese em 04/02/2011.

85 Ibidem.

86 Idem, em 07/04/2011.

O pioneiro estabeleceu uma diferença entre sua chegada e sua vivência inicial na cidade. A chegada, segundo ele não foi gratificante, mas o estabelecimento, a morada na nova realidade “foi fascinante”, ou seja, maravilhoso, admirável. Essa contradição observada parece ser a constatação da realidade, sem ufanismo em relação à construção que é mencionada como um fato natural em sua vivência familiar; logo, sua chegada foi considerada normal pois ele já estava acostumado com a ideia da nova capital.

Já Adirson Vasconcelos narrou sua satisfação ao chegar e participar da construção da nova capital de forma diferente:

“Extraordinário! Eu vivi os jovens ideais que apaixonam facilmente, e eu me apaixonei por esse ideal de nós pioneiros, aqueles que estavam aqui, para entregar ao Brasil a capital no interior. Isso era uma missão assim empolgante para todos nós. Não só eu, os engenheiros, os médicos, etc., mas, principalmente, para os candangos, os trabalhadores que vieram aos milhares. Vivíamos o mesmo instinto embora vivêssemos em castas sociais, intelectuais, um pouco diversificadas em nível de aprimoramento, mas estávamos juntos. Nosso ideal era o mesmo, e isso nos dá ao espírito outra coisa, além desse ideal, o espírito cívico patriótico. E o Presidente Juscelino entusiasmando a todos naquele tempo.”<sup>87</sup>

Esse depoimento clarifica um grau de idealismo e ufanismo intensos. A construção de Brasília é tratada como uma 'missão' dos pioneiros que possuíam o mesmo ideal e uma grande devoção ao Presidente da República.

Ressalte-se que foram destacadas duas visões de pioneiros chegados no mesmo ano, 1957, sendo um advogado gaúcho (Osório) e outro, jornalista nordestino (Adirson). Esse fato é importante porque as disparidades e as desigualdades regionais sempre foram um problema sentido pelos brasileiros; os livros de História do Brasil registram esses fatos.

A metade norte da região gaúcha é uma área de colonização alemã e italiana e foi calcada numa estrutura fundiária de pequena propriedade. Desenvolveu-se muito na produção agrícola diversificada e na atividade pecuária. A região de Porto Alegre, origem do migrante Osório, era uma metrópole baseada numa produção rural e industrial e permanece próspera ainda hoje.

O Nordeste brasileiro apresentava uma realidade muito diferente. A população, geralmente, era concentrada, em grande quantidade no interior, e muito mística. Além disso, possuíam baixo índice de escolaridade e de condições de vida econômica, e alta taxa de mortalidade infantil. O sertão nordestino era muito árido e seco. Essa descrição ainda permanece atual; tendo sido alterada minimamente, de acordo com a história contemporânea.

---

<sup>87</sup> Idem, em 15/04/2010.



Assim, as visões dos migrantes se diferenciam porque cada um buscava algo diferente de suas realidades na nova capital. Um volta-se mais para o idealismo, para o misticismo religioso e para a grandeza da construção; enquanto o outro é mais realista e procura uma vivência nova, diferenciada no sentido de modernização, de algo que é recente. Dessa forma, o jornalista extasia-se com a realidade que observa, e o advogado pensa que é muito “interessante viver em barracos de madeira”.

Prosseguindo a análise, observa-se que três migrantes chegaram em 1958, em plena construção da capital. Dois deles vieram de Minas Gerais e o outro, do Piauí. Um dos mineiros, José Franklin, relatou que o grau de satisfação de sua chegada foi médio. Os outros disseram que foi alto o grau de satisfação ao chegarem.

“A chegada foi um choque porque a coisa era muito grandiosa e praticamente no meio do nada. O que se via muito eram aqueles redemoinhos imensos de poeira vermelha, a gente respirava e comia poeira. Mas eu vinha de uma cidade do sertão, era sertanejo e logo me acostumei.”<sup>88</sup>

Franklin assustou-se com a realidade da construção, mas comparou sua realidade de sertanejo com o que via, e não teve grandes dificuldades para aceitar e acostumar-se com a imensidão do espaço que estava vendo pela primeira vez.

O mineiro, Frank Svensson, relatou:

“Eu vim para Brasília em 1958, aos 24 anos de idade, com um grupo de estudantes, irmanados nas andanças e atividades.”<sup>89</sup>

As perspectivas do jovem estudante eram de descobertas, de investimento em cultura e de vontade de conhecer o mundo e tudo o que ele pudesse oferecer.

Falando sobre sua satisfação por ter vindo para Brasília, o nordestino, Judson Seraine, disse:

“Foi de tal forma, que eu escrevi um poema: “Obrigado, DF”. Eu falo que moro em BSB com saudade, com vontade de abraçar a cidade. Tenho vários poemas para BSB.”<sup>90</sup>

Quando chegou, Judson não tinha tempo para pensar em poesia, trabalhava por muitas horas, no ritmo de Brasília. Mais tarde, já aposentado, a emoção que sentia pela cidade

88 Entrevista concedida à autora desta tese em 15/08/2011.

89 Idem, em 27/01/2010.

90 Idem, em 23/08/2011.

transbordou em poesia na vida do pioneiro. A relação que havia entre a ideologia da cidade e o construtor foi forte o suficiente para ele agradecer e declarar o seu amor pela cidade.

Frank viu, em Brasília, uma chance para seu crescimento cultural; Judson mostra sua empolgação por conhecer uma cidade grande, diferente da sua, que representava para ele o melhor que podia conquistar diante de sua realidade de sertanejo.

A um ano da inauguração, Brasília era assunto para o mundo; todos queriam conhecer o projeto urbanístico de Lucio Costa e os monumentos de Niemeyer. Conforme noticiou o jornalista do Correio Braziliense, Renato Alves, numa das reportagens que fez nos seis meses que antecederam a inauguração da nova capital.

“O interesse aumentou quando as discussões e o planejamento foram substituídos pelo acelerado ritmo da construção. Líderes mundiais e intelectuais cruzavam as ruas empoeiradas, se misturavam aos candangos no imenso canteiro de obras. Tudo para ver um lugar quase sem asfalto, água encanada, esgoto tratado, prédios prontos.”<sup>91</sup>

Brasília recebeu o título de 'Capital da Esperança' de um dos visitantes, também nesse período anterior à inauguração:

“(…) nenhum visitante ilustre mexeu tanto com os brios de Brasília como o que desembarcou em terras candangas, em 25 de agosto de 1959. No discurso de lançamento da pedra fundamental da Casa da Cultura Francesa, o então ministro da cultura da França, André Malraux, batizou Brasília como “A Capital da Esperança”.<sup>92</sup>

É evidente, que esse título com a palavra 'esperança', num momento em que muitos trabalhadores estão vencendo uma grande tarefa como a construção da capital, tem uma forte significação que reúne toda a perfeição imaginável para a obra.

Relativo a esse momento, conforme Tabela I, foram entrevistados sete pioneiros e, desses, somente dois não consideraram suas chegadas muito satisfatórias. Jaime Almeida, paraibano, e Raimundo F. da Cunha, maranhense, avaliaram como baixa e média a satisfação sentida na ocasião. Jaime Almeida disse:

---

91 ALVES, Renato. *O mundo descobre Brasília*, in <[www.correio braziliense.com.br/app/noticias/cidades](http://www.correio braziliense.com.br/app/noticias/cidades)>, acessado em 17/11/2011.

92 Ibidem. Ibidem.

“Eu era criança e tinha uma vida no nordeste, tinha meu espaço, meus amigos e minha escola e me tiraram toda essa base e me trouxeram para uma cidade grande, porque para mim era imensa; o lugar onde nasci era pequeno. Criança tem um espírito de aventura muito grande e se adapta mais fácil que os adultos. Então a chegada foi um choque, porque eu estava descobrindo uma coisa nova, era Brasília, a Capital sendo construída, mas era uma perda também de uma cultura que eu já tinha e tive de adquirir um outro tipo de cultura.”<sup>93</sup>

Percebe-se que Jaime, na época um menino de 11 anos, assustou-se, inicialmente, com o tamanho da cidade e com a comparação que fez com sua vivência no sertão nordestino que teve de deixar para trás. Mesmo sendo criança na época da migração, é fato que ele se sentiu diante de um mundo novo que se abria para ele, e tudo que é novo causa emoções diversas. Essas emoções fizeram com que Jaime tivesse 'baixa' satisfação por morar em uma outra cidade. O pioneiro não estava questionando a capital, qualquer outro lugar para onde fosse levado, experimentaria o mesmo sentimento. Esse tipo de mudança para uma criança é complicado, porque ela sente a falta dos amigos e de seus hábitos, que teve de deixar para trás.

Raimundo Cunha comentou a respeito das dificuldades a que foi submetido ao chegar à nova capital:

“Lá no Maranhão, era tudo difícil e diziam que o pau de arara de lá pra cá eram muitos dias de viagem. Então, eu fiz o maior sacrifício pra vim de avião até Anápolis, fui pra um hotel e depois peguei um ônibus pra cá. Naquela época chovia muito, eu vim com chuva de lá até a Cidade Livre e fui pra um hotel que tinha lá. Fui procurar informações e me falaram que para fichar era preciso um cartão da UNIC e que era feito na NOVACAP, pela manhã. Fiz o cartão e fui trabalhar no 28 (Congresso Nacional) como armador, eu sabia muito de ferro, mas nada de armador.”<sup>94</sup>

Na comparação que o pioneiro estabeleceu com sua vida no Maranhão, a viagem para Brasília e a chegada, nota-se que mesmo tendo enfrentado dificuldades no início, ainda assim era promissora sua vinda. Quando ele diz “eu sabia muito de ferro, mas nada de armador”, a profissão para a qual fora contratado, deixa claro não só que a necessidade de mão de obra qualificada era patente, mas que a cidade estava aberta para receber culturas diversificadas.

Os outros cinco entrevistados declararam um grau de satisfação alto, mas é interessante notar que, na voz de cada um deles, se pode notar uma carência por uma nova cultura.

---

93 Entrevista concedida à autora desta tese em 24/03/2010.

94 Idem, em 25/08/2011.

O goiano, Fernando Lopes, declarou seu orgulho e satisfação por estar na capital com uma constatação:

“Moro em Brasília há 52 anos. Foi a melhor coisa que me aconteceu na vida, eu não sabia sair de casa. Vim para o Núcleo Bandeirante, a famosa Cidade Livre, e procurei logo um lugar para morar, só tinha uma pensão, Maracangalha, toda em madeira, não existia nada em alvenaria ainda aqui.”<sup>95</sup>

Maria de Lourdes referiu-se à cidade com muito entusiasmo e atualizou seus sentimentos ao declarar, numa mistura de presente e de passado que:

“Morar em BSB é muito bom, gostei demais, eu amo BSB. Era muita luta, mas gostamos, sempre tínhamos a esperança de melhorar.”<sup>96</sup>

Neusa França mostrou-se feliz com a nova realidade, mas meio dividida pelos filhos que reclamavam por perder os amigos:

“... admirávamos muito a obra de Juscelino porque tirar a Capital da beira-mar (Rio) e levar para o centro do Brasil é uma grande coisa. Eu gostei muito, mas foi um impacto para meus filhos.”<sup>97</sup>

Da mesma forma, Ocrécio disse que sua chegada foi gratificante:

“Minha chegada foi muito gratificante porque ao chegar em BSB, eu visualizei um horizonte maravilhoso, muitas possibilidades de crescer. Eu era jovem e estava à procura de alguma coisa que pudesse me propiciar no futuro uma estabilidade e foi exatamente o que eu consegui.”<sup>98</sup>

Finalmente, o pioneiro Roosevelt falou sobre sua satisfação com a cidade e evidenciou sua confiança na mudança de vida futura:

“Foi muito boa, era muito jovem, foi uma aventura, não vim com emprego, nem nada pensado.”<sup>99</sup>

---

95 Idem, em 29/09/2010.

96 Idem, em 23/08/2011.

97 Idem, em 28/05/2010.

98 Idem, em 23/09/2011.

99 Idem, em 22/04/2010.

Conforme as afirmações, os pioneiros chegaram com pensamentos voltados para um futuro previsto com bons resultados, abertos para novos aprendizados e dispostos a enxergar possibilidades para uma vivência diferente da que possuíam.

A 21 de abril de 1960, Brasília foi inaugurada e os Três Poderes da República instalaram-se na nova capital. A Tabela II mostra os 11 pioneiros entrevistados dessa época:

**TABELA II** – Amostra nominal de pioneiros que chegaram a Brasília, em 1960, um pouco antes ou logo após a inauguração, suas origens, idades e graus de satisfação.

NOME	IDADE	SATISFAÇÃO
Alcides Kronenberg	27	alta
Anderson B. Horta	25	média
Arlindo M. Raposo	35	alta
Clóvis Sena	30	alta
Geraldo Silva	32	alta
Cel. Heliodoro	44	alta
Maria Celi	17	alta
Márcia de S. Almeida	42	alta
Renèe Simas	24	alta
Rubem Lima	37	alta
Santiago Naud	30	alta

É perceptível na Tabela II que somente um pioneiro, Anderson B. Horta declarou grau de satisfação média ao chegar a Brasília. Esse grau de satisfação dele não foi, exatamente, com o impacto causado pela cidade, mas com os problemas que enfrentou no ato da chegada. O motorista do táxi em que ele estava perdeu-se no cerrado, conforme ele mesmo descreveu:

“Eu tive alguns probleminhas, no aeroporto haveria uma comissão de recepção ou pelo menos uma pessoa pra me receber e me encaminhar, e não havia ninguém. Eu não me lembro de haver outro funcionário da Câmara dos Deputados porque senão

nós nos comunicaríamos, resolveríamos esse problema conjuntamente. Era só eu. Eu peguei um táxi que me levou à Cidade Livre, Núcleo Bandeirante, naquele tempo. O táxi se perdeu no meio do cerrado foi parar em cercas de propriedades rurais, ... mas no fim foi gratificante por ser uma aventura. Brasília naquela época não tinha praticamente nada. O que, de cara ,era impactante era a solidão de uma cidade nova, incipiente, cheia de lama nas quadras. Não estavam ainda todas asfaltadas...”<sup>100</sup>

Nota-se, no depoimento de Anderson, que houve uma expectativa que fora frustrada no momento da recepção. Talvez porque ele, como funcionário público, esperasse um tratamento diferenciado em sua chegada. Quando ele diz “mas no fim foi gratificante” e, em seguida, relata sobre a solidão e o estado da cidade nova, não parece ter havido muito entusiasmo na chegada. Mostra, sim, um certo desalento por deixar uma cidade tradicional, Rio de Janeiro, onde trabalhava, e ter encontrado um espaço praticamente vazio, onde tudo era incipiente. A aventura dita por Anderson, não surge com o sentido de extraordinário, mas de acaso, inesperado, e, portanto, um fato não muito agradável.

Era natural que, em 1960, os pioneiros que chegavam à cidade fossem, em geral, funcionários públicos, pois esses eram necessários ao Poder que, a partir de agora, Brasília assumia como Capital do Brasil. Com relação ao motivo da transferência dos pioneiros para a nova capital trataremos depois.

A Revista *Veja* publicou, em edição especial sobre os 50 anos de Brasília, fotos sobre a saída e a chegada de funcionários públicos à cidade.



**Figura 17** : A saída do funcionário público do Rio de Janeiro  
**Fonte:** *Revista Veja*.



**Figura 18**: A chegada a Brasília  
**Fonte:** *Revista Veja*.

100 Entrevista concedida à autora desta tese em 19/02/2010.

Observa-se que o funcionário, ao sair do Palácio Monroe, sede do Senado no Rio de Janeiro, precisa de um caminhão de mudança para levar seus móveis e documentação para a nova capital. Na chegada a Brasília há uma certa 'desolação' na atitude do funcionário.

Será analisada agora, na Tabela III, a amostra de pioneiros que chegaram à capital após a inauguração, durante a primeira década de existência da cidade.

**TABELA III** – Amostra nominal de pioneiros que chegaram a Brasília após a inauguração, na primeira década, suas origens, idades e graus de satisfação.

NOME	CHEGADA	IDADE	SATISFAÇÃO
José Geraldo P. Melo	1961	33	alta
Luís Humberto	1961	26	baixa
Ronaldo Castro	1961	31	regular
Bianchetti e Ailema	1962	24	alta
Alan Viggiano	1963	31	média
Gisele Santoro	1963	23	alta
José Maria Leitão	1963	27	baixa
Victor Alegria	1963	21	alta
Jarbas Silva Marques	1964	21	média
Antônio C. Carpintero	1965	19	alta
Clodomir S. Ferreira	1965	13	alta
Gougon	1965	18	média
Irlam Rocha Lima	1965	não falou	baixa
Lucília Garcez	1965	15	baixa
Heitor Humberto	1966	29	alta
M <sup>a</sup> Conceição M Salles	1966	18	média
Napoleão Valadares	1966	20	baixa
Pd. Aleixo Brandi	1968	não falou	alta
Lúcia Garofalo	1968	23	alta
João Carlos Taveira	1969	22	alta

A Tabela III mostra vinte dos pioneiros entrevistados e, ao examiná-la, vê-se que eles estão listados em ordem crescente, de acordo com o ano em que chegaram. Eles estão, assim,



discriminados: três deles vieram em 1961; em 1962, há somente um; quatro, chegaram em 1963; um outro, em 1964; cinco, em 1965; três, em 1966; já em 1968, foram dois e, finalmente, em 1969, veio o último pioneiro entrevistado. Dessa forma, esta tabela completa o espaço de tempo delimitado para esta pesquisa: a primeira década de existência da nova capital.

Analisando o grau de satisfação dos pioneiros quando chegaram à capital, nota-se que dez deles sentiram-se muito satisfeitos; cinco, tiveram satisfação mediana e os outros cinco não ficaram satisfeitos com a chegada a Brasília. Os depoimentos que demonstraram índices de satisfação média foram os seguintes:

“Foi uma chegada totalmente fora daquilo que se esperava para quem vivia num contexto familiar, de relações sociais estabelecidas e BSB era um acampamento, um lugar cheio de obras, de barro e de poeira. As pessoas aqui eram ruivas ao fim do dia.”<sup>101</sup>

“Foi uma coisa quase que fatal porque eu era taquígrafo da Assembleia Legislativa de Minas Gerais, fiz um concurso para o Senado, passei e fui nomeado. Tomei posse e não houve nenhum choque porque eu já havia visitado BSB (...) Não houve uma diferença fundamental, o ambiente literário e o ambiente social de BSB já era mais ou menos comum. Houve, não chegou a ser um choque, mas uma constatação que todo mundo fazia quando chegava em BSB: muita poeira e pessoas diferentes foram consequências naturais.”<sup>102</sup>

“Cheguei em Brasília e não sabia até onde a repressão acompanhava a minha vida e fui trabalhar de açougueiro na rua da Igrejinha e quando eu vi que estava tudo bem fui ser assessor parlamentar. Depois prestei concurso e fui para o Ministério do Trabalho, na Delegacia do SAPS.”<sup>103</sup>

“... minha chegada, eu não diria gratificante, foi estranha, esquisita. Chegando sozinho para uma terra que eu não conhecia, completamente diferente do Rio de Janeiro. Não sei se poderia dizer gratificante, porque foi logo de dificuldades.”<sup>104</sup>

“... pra mim foi uma novidade a chegada, tudo era completamente diferente de Belo Horizonte, onde as pessoas eram muito patricinhas. (...) O pessoal ia para a universidade de tênis, achei maravilhoso, mas eu me lembro que, quando eu cheguei aqui era poeira pura e eu acostumada com a cidade de Belo Horizonte, foi mais surpresa que gratificante. Depois eu fui me acostumando com a cidade.”<sup>105</sup>

---

101 CASTRO, Ronaldo. Entrevistado em 22/03/2010.

102 VIGGIANO, Alan. Entrevistado em 21/04/2010.

103 SILVA, Jarbas. Entrevistado em 23/09/2010.

104 GONZAGA JR, Henrique Goulart. Entrevistado em 29/06/2010.

105 SALLES, M. Conceição Moreira, em 25/05/2010.

Fica clara a sensação de estranhamento inicial dos cinco pioneiros acima, cada um, a seu modo, estranhou o novo espaço porque eles vieram de cidades já estabelecidas e da antiga capital e se defrontaram com uma cidade em obras, não totalmente construída. A solidão, a surpresa e o estranhamento à nova cidade são inevitáveis e não constituem razão para um descontentamento. Parece que eles não expressaram o real motivo da satisfação mediana. Por trás dos depoimentos, nota-se uma certa falta de motivação, talvez uma expectativa frustrada em relação à divulgação da imagem da cidade. A imagem da cidade perfeita, ideal para todos viverem em harmonia e com conforto, divulgada pelos meios de comunicação que tratavam da nova capital, não se apresentou a esses pioneiros inicialmente. Essa percepção poderá ser atribuída à solidão, ao estranhamento, à surpresa ou à poeira como descreveram, porém outras dificuldades deverão surgir e serão discutidas ao longo desta tese.

Prosseguindo com a análise, vejamos o que disseram os cinco pioneiros que demonstraram baixo grau de satisfação com a nova capital:

“Minha chegada foi ambígua, eu gostava e ao mesmo tempo não gostava porque a cidade era um deserto completo. ... eu resolvi vir para Brasília que me pareceu que tinha algo a ver com meus sonhos como arquiteto e como pessoa.”<sup>106</sup>

“Sabe que eu nem prestei muita atenção, o aeroporto era um barracão, no mesmo local de hoje, não tinha aspecto de aeroporto,... A primeira impressão era de vastidão, era muito mato,(...) Eu não me preocupava com a cidade, pensava que era a Capital do País, que tinha um hospital muito bem montado e tinham criado a residência médica naquele ano.”<sup>107</sup>

“Tem gente que é muito saudosista, Brasília era um tédio, não tinha quase nada e, para mim, as dificuldades eram grandes, morávamos em um acampamento que acolhia pessoas que vinham para cá, ficava ali onde fica hoje o Clube do Exército.”<sup>108</sup>

“A minha chegada aqui foi uma tragédia porque eu vim de uma cidade que vivia os anos dourados e que era uma delícia viver lá, BH tinha uns 300 mil habitantes, então, eu fiquei muito chocada, deslocada aqui.”<sup>109</sup>

---

106 HUMBERTO, Luis, em 06/04/2010.

107 LEITÃO, José Maria, em 11/09/2010

108 LIMA, Irlam Rocha, em 08/04/2011.

109 GARCEZ, Lucília, em 09/06/2010.

“A chegada não foi gratificante, foi um pouco estranha. Eu achei BSB muito diferente de tudo que eu conhecia, naturalmente porque realmente era e eu não tinha muito ambiente aqui. A cidade trazia um certo isolamento, principalmente para o migrante, eu senti isso, mas depois me adaptei e foi tudo bem.”<sup>110</sup>

Algumas ponderações sobre os discursos daqueles que não encontraram na cidade algo que correspondesse às suas expectativas ou necessidades serão expostas a seguir:

As vozes de José Maria e Irlam não remetem à representação de fantasias ou de sonhos, eles são realistas e, até meio duros com o idealismo defendido por outros, quando afirmam que 'não estavam preocupados com a cidade', ou 'que as pessoas são saudosistas', mas o que se apresentava naquele momento eram muitas dificuldades, conforme narrou Irlam.

Acredita-se que essas lembranças são difíceis de serem reconhecidas pelos pioneiros porque com o decorrer do tempo a população da cidade, de um modo geral, exige mais comprometimento, mais cumplicidade daqueles que vivenciaram o início da cidade. Dessa forma, eles podem não se mostrar muito comprometidos com a verdade, é como se eles não pudessem assumir os fatos tal qual eles se apresentaram porque as expectativas dos brasileiros são enormes sempre que o assunto é Brasília.

Por outro lado, há jovens que vieram para a cidade com as mesmas intenções de Luís Humberto: eram recém-formados em arquitetura e já haviam estudado sobre Brasília e tinham sonhos de poderem contribuir de alguma forma, e se mostraram desapontados com o que encontraram na cidade.

Os depoimentos de Lucília Garcez e de Napoleão Valadares estão impregnados de emoções e de sentimento de solidão perfeitamente compreensíveis em adolescentes que chegam à cidade e se surpreendem com tudo de novo que encontram.

Se ponderarmos a maturidade daqueles que não satisfizeram, completamente, suas expectativas com relação à capital, veremos que há duas faixas de idades distintas entre eles:

1º) Dois pioneiros chegaram a Brasília numa fase que se pode considerar madura, 31 anos. (Ronaldo Castro e Alan Viggiano).

2º) Três outros eram adolescentes, com idades entre 18 e 21 anos (Jarbas Silva, Gougon e Conceição Salles).

Assim, acredita-se que esses pioneiros eram suficientemente maduros na época em que chegaram e podiam entender as mudanças que estavam acontecendo em suas vidas e no Brasil. Eram pessoas que já possuíam certo grau de educação, ou já estavam formadas, e

---

110 VALADARES, Napoleão, em 03/08/2011.

vieram em busca de continuidade, de ampliação cultural e de oportunidades profissionais. Os três pioneiros mais jovens eram estudantes e estavam receptivos à nova educação que seria implantada em Brasília.

Os outros dez pioneiros entrevistados, constantes da Tabela III, manifestaram-se entusiasmados com a chegada que descreveram como muito satisfatória.

É interessante destacar algumas dessas declarações para que se possa compreender e discutir melhor sobre a satisfação desses pioneiros:

“ Eu não fazia ideia do que fosse Brasília, pra mim era um monte de palácios, no meio do mato, cercada de índios por todos os lados; mas não era nada disso. Quando eu cheguei aqui, fiquei encantado por que tinha um 'elã' muito grande. Na chegada, observei um grande canteiro de obras. Era uma coisa dantesca. Não se olhava para algum lugar que não tivesse uma terraplanagem, uma construção. Foi muito satisfatório porque a gente acreditava num Brasil novo e a universidade oferecia muita coisa naquela época.”<sup>111</sup>

“ O grau de satisfação é interessante porque varia muito para cada pessoa. Para mim, BSB era uma cidade-espaço, eu vinha de carro, às vezes, parava, falava até sozinho e saía buzinando. Eu olhava e era como se eu estivesse frente a um mar de terra, a gente andava 50, 100km e não tinha ninguém. Com esses horizontes abertos, BSB me dava a ideia de que era uma cidade à beira mar, a luminosidade era enorme, a gente olhava aquela amplidão, era interessantíssimo, era algo que enchia os olhos.”<sup>112</sup>

“A chegada a Brasília foi extremamente gratificante. Na época, eu não reconhecia isso, eu dava razões mais objetivas para querer vir para Brasília. O reitor da UnB era Darcy Ribeiro e o vice-reitor era Oscar Niemeyer e, para um garoto de 19 anos, que está fazendo o vestibular isso enchia os olhos, mas eu não me arrependi de ter vindo em hipótese alguma, porque foi quando desabrochou, mudou muita coisa em minha cabeça.”<sup>113</sup>

Bianchetti e sua esposa, Ailema, responderam juntos à entrevista, e ambos têm a mesma colocação a respeito das questões. O 'elã', a que eles se referem, está relacionado à ideia de um futuro melhor, de entusiasmos, de liberdade de pensamento; enfim, de ideias promissoras, novas para uma cidade que ainda estava em processo de nascimento em que eles acreditavam e para a qual trabalhavam.

Carpintero e Victor Alegria experimentam o mesmo sentimento ao chegarem a Brasília. Ambos descrevem modificações que a cidade causou neles. A questão da amplidão

111 BIANCHETTI, Glênio, em 31/03/2010.

112 ALEGRIA, Victor, em 03/02/2010.

113 CARPINTERO, A. Carlos, em 29/01/2010

dos espaços, da crença de que algo estava diferente e a impressão de liberdade que a cidade causou nesses pioneiros é algo muito importante e que merece debate. Por que somente alguns pioneiros demonstraram tais sentimentos?

A resposta não é fácil, as interferências poderão ser muitas, mas o ponto que aqui merece destaque é a influência da arquitetura e do urbanismo na formação da cultura brasileira. As declarações acima levam a pensar que a cidade entusiasmou, de várias formas, os pioneiros, e cada um mostrou isso de formas diferentes em suas entrevistas.

A primeira impressão sobre o espaço é bastante forte e importante para que as pessoas fixem residências, formem famílias e trabalhem para o desenvolvimento da cidade, no caso, a nova capital do país. Há de se considerar que todos os pioneiros entrevistados, num total de 44, constantes nas três tabelas apresentadas, faleceram ou ainda residem na cidade. Alguns deles, ainda hoje, residem na casa original que receberam ou compraram quando aqui chegaram.

A idade, no momento da migração, é uma variável interessante à medida que ela aponta, não somente o grau de percepção do migrante, mas também, ou talvez, principalmente, as expectativas socioeconômicas dele. As transições entre escola, mercado de trabalho, sair da casa dos pais, casar-se e ter filhos são fortes, definitivas, modificando o indivíduo; alterando sua vida.

Um pesquisador do assunto, André Ricardo Salata, definiu a importância desse período para o indivíduo:

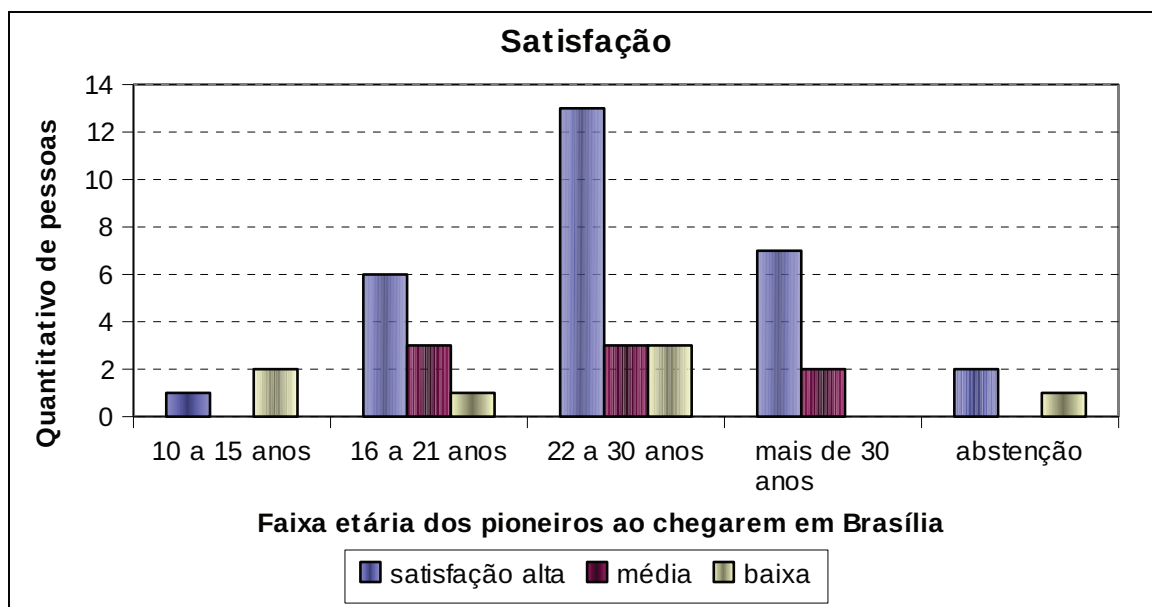
“A transição entre escola e mercado de trabalho, assim como sair da casa dos pais, casar-se e ter filhos, são fatores que em nossa sociedade fazem parte do processo de autonomização do indivíduo, através do qual o mesmo se torna adulto. Estes diferentes eventos contribuem no desenvolvimento do *status* de adulto, que vai desde a 1ª infância, quando a criança é completamente dependente de seus pais, até a vida madura, tornando-se responsável por si mesmo.<sup>114</sup>

Assim, compreende-se que a idade cronológica dos migrantes, desta pesquisa, é uma variável importante e irá influenciar na formação cultural de Brasília. Vejamos o gráfico II:

---

114 SALATA, André R. *Estudar X Trabalhar: as influências do local de moradia sobre as escolhas dos jovens no município do Rio de Janeiro*. p. 01, site: <[www.observatoriodasmegacidades.ufrj.br/artigo](http://www.observatoriodasmegacidades.ufrj.br/artigo)>, acessado em 24.11.2011.

**GRÁFICO II** – Amostra das idades cronológicas relacionadas com o grau de satisfação dos migrantes entrevistados nesta pesquisa.



Conforme foi exposto, a cultura modela o ser porque faz parte da natureza na qual e para a qual trabalha. A partir dessa assertiva, consideraremos os resultados da pesquisa que mostram a idade do pioneiro no momento da migração para Brasília.

São três migrantes com idades entre 10 e 15 anos. Destes, somente um disse ter grau de satisfação alto com a chegada. Os outros dois se disseram insatisfeitos ao chegar a Brasília.

Nessa faixa de idade, é perfeitamente compreensível que eles sintam menos satisfação em dar um novo destino para suas vidas porque os adolescentes ainda são muito infantis para perceberem a importância ou não dos fatos e são, geralmente, os pais que tomam as decisões necessárias.

Com idades entre 16 e 21 anos, tivemos um total de 10 pioneiros, sendo que a maior parte deles declarou índice alto de satisfação (seis); três sentiram-se razoavelmente satisfeitos; e, somente um, não demonstrou satisfação com a chegada.

Sabe-se que no Brasil a Lei do Estatuto da Criança e do Adolescente diz que crianças são aquelas que possuem até 12 anos de idade incompletos e dos 12 anos até os 18 são adolescentes:

“Art. 2º Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.”<sup>115</sup>

Entretanto, para esta análise, considerou-se adolescentes as pessoas que estavam na faixa entre 10 e 21 anos. Entende-se que essa fase é caracterizada por alterações em diversos níveis – físico, mental e social, e representa, para o indivíduo, um processo de distanciamento de formas de comportamento e privilégios, típicos da infância, e de aquisição de características e competências que o capacitem a assumir os deveres e papéis sociais do adulto. Essas Características podem ter influenciado no depoimento dos pioneiros no que diz respeito ao impacto sofrido com a mudança para a nova capital.

Nessa concepção e de acordo com o gráfico II, são 13 adolescentes, 7 mostraram-se satisfeitos; 3 tiveram satisfação média e 3 declaram-se insatisfeitos com o primeiro contato com a capital.

Desse resultado, 7 satisfeitos e 3 com satisfação média, pode-se afirmar que a maioria dos adolescentes chegaram dispostos a aprender, a modificar-se e com isso transformar o meio onde se inseriam. Portanto, eram pessoas que estavam chegando motivadas a doar-se para a construção de uma cultura que se formaria a partir daquele momento.

Essa afirmação é sustentada nos depoimentos de 25 pioneiros. De um total de 28 considerados adultos, com idades entre 22 e 30 anos, e aqueles que estão acima dos 30, conforme gráfico II, 20 declaram alto grau de satisfação; 5 deles, grau médio e, somente 3 apresentaram baixo grau de satisfação.

As abstinências de idades ocorreram pelo fato de que a entrevista se deu num tom informal e descontraído e, por essa razão, não se constatou o fato no momento da conversa. Entre esses, notam-se 2 pioneiros altamente satisfeitos e 1 com grau baixo de satisfação.

Ainda analisando do Gráfico II, nota-se que houve um total de 28 pioneiros satisfeitos, 9 com satisfação mediana e 7 insatisfeitos.

Portanto, a maioria dos pioneiros entrevistados, 28 (63,6%) consideraram-se satisfeitos e, desse total, 20 chegaram à nova capital com idade adulta. Com grau de satisfação média chegaram 6 pioneiros adolescentes e 5 adultos e, com baixa satisfação, vê-se também 6 pioneiros, dos quais, 3 adolescentes e 3 adultos.\*

Diante da análise apresentada neste capítulo e, considerando a opinião sobre a

---

115 Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. In <[www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069)>, acessado em 25/11/2011.

\* As abstinências de idade não foram computadas.

satisfação dos adultos, pode-se afirmar que:

- A maioria dos pioneiros entrevistados que chegaram antes da inauguração eram adultos (8), e desses, 5 ficaram completamente satisfeitos com a chegada; 2 manifestaram-se medianamente satisfeitos; e somente 1 pronunciou-se insatisfeito com a mudança.
- Os pioneiros entrevistados que deram entrada na capital no ano da inauguração foram num total de 11, sendo 10 deles adultos. O índice alto de satisfação entre eles foi quase absoluto; somente um expressou grau médio de satisfação.
- Dos pioneiros entrevistados que vieram nos primeiros anos de existência da capital, 11 eram adultos e entre esses 6 apresentaram grau alto de satisfação, 2, grau médio e 3 ficaram insatisfeitos com a chegada.

Conforme mostrou o gráfico II, a maioria dos entrevistados ficaram satisfeitos com a nova capital assim que nela chegaram. Isso garantiu um nível de expectativa positiva, de realizações concretizadas ao longo da vida.

A partir do grau de satisfação com a construção da capital e a questão do desemprego e moradia, em Brasília, expressos pelos pioneiros entrevistados e já analisados, será feito um confronto entre as principais ideias expostas por Gilberto Freyre na obra *Casa-Grande & Senzala* e o projeto proposto para a construção de Brasília.

Essa comparação não será literal, mas terá o objetivo de avaliar o grau de satisfação com a capital e ordenar dados que permitam a organização da vivência dos pioneiros e a formação da cultura inicial da cidade. Nesse sentido, irá mostrar a vivência dos moradores do Plano Piloto, dos funcionários públicos e as dificuldades enfrentadas pelos moradores das cidades-satélites.

### **3.2.2 Como os pioneiros compreenderam a construção?**

Numa releitura dos discursos produzidos pelos pioneiros sobre a questão da construção de Brasília, durante as entrevistas concedidas para esta pesquisa, percebe-se que nem todos entenderam bem o questionamento ou não quiseram posicionar-se sobre o tema.

Entretanto, alguns não só entenderam como colocaram ideias interessantes sobre o



assunto. Vejamos, inicialmente, a visão de dois pioneiros que atuaram em Brasília como arquitetos e professores ao longo de suas vivências.

Frank Svensson, estudante de arquitetura, na época da construção de Brasília, concedeu uma verdadeira aula sobre o projeto da cidade que conheceu ainda na prancheta:

“Lucio Costa propõe BSB, o Niemeyer é dos prédios monumentais, mas a cidade é do Lucio. Ele se formou na Europa convivendo com as novas teorias humanísticas que visavam o período industrial do capitalismo na França e na Inglaterra. (...) Ele propõe um projeto prevendo o imprevisível, daí ser um projeto piloto que pressupunha um acompanhamento de aferição das implicações de sua aplicação que foram castradas depois pelo Regime Militar. Ele propõe dois grandes eixos que se cruzam marcando um ponto, dizendo é aqui, depois o lugar exato talvez não seja aquele tecnicamente aconselhado. Vamos a uma outra ideia: aqui tem a ideia da solução linear, depois a curva de nível faz com que ele encurve um dos eixos um pouco, não tem nada a ver com um avião. Esses eixos são o do país e o da cidade. Ao longo dessa faixa, ele propõe a repetição de algo que vinha sendo desenvolvido nas “gardens cities inglesas” e também nos EUA, a partir da escola de Chicago que é a teoria de vizinhança, uma moradia mais outra não são duas, são duas e algo mais, a vizinhança.”<sup>116</sup>

Frank analisou e estudou o projeto de prédios da capital em 1958, enquanto a cidade estava sendo construída, e ele ainda era estudante de arquitetura. O tempo passou, ele se formou, viajou, conheceu o Brasil e outros países; trabalhou com Niemeyer e, agora, numa fase mais madura, apresentou esse depoimento.

Esse pioneiro visualizou a cidade como um projeto piloto de Lucio Costa, ou seja, um projeto experimental, guia de uma série a ser produzida. Assim, era um projeto que previa o “imprevisível”; em outras palavras, tratava-se de um traçado que deveria ter sequência. Outras cidades deveriam surgir a partir do Plano Piloto.

Com o objetivo de entender melhor as dimensões do pensamento do pioneiro, vale observar as relações entre a construção e a habitação. No texto “*Construir, habitar e pensar*”, Heidegger põe em questão a própria condição da arquitetura em relação à sua obra. Ele demonstra que a ruptura das conexões entre os vocábulos do título faz com que as construções contemporâneas percam as relações com o “habitar”. Para ele, habitar seria o termo mediano entre “construir e pensar” que permitiria “escutar”, deixar-se guiar pelo significado maior da construção, da arquitetura. Diante dessa falha entre os sentidos dos vocábulos, construir assume o significado de edificar.

Assim, confunde-se de tal forma o raciocínio que, como explica Clive Dilnot:

---

116 Entrevista concedida à autora desta tese em 27/01/2010.

“... perde-se a percepção, o conhecimento e o entendimento a tal ponto que apesar do “progresso” da racionalidade moderna, apesar de sua diferenciação, racionalização e divisão do trabalho aplicada ao campo do habitar, nós “esquecemos” ou obscurecemos a natureza de construir como habitar.”<sup>117</sup>

Pensando a respeito da arquitetura e do urbanismo de Brasília, o conhecimento entre os termos “Construir, Habitar e Pensar”, de Heidegger, falhou e o projeto da cidade privilegiou a construção e não o habitar. Dessa ‘falha’, percebe-se, hoje, uma deturpação entre as ideias iniciais e a vivência da população.

Para o projeto de Lucio Costa prosseguir e atingir o objetivo previsto pelo criador, conforme discurso de Frank, seria necessário um acompanhamento técnico da construção do Plano e, em seguida, as cidades satélites surgiriam na mesma escala.

É importante, ainda, observar a questão da originalidade apontada por Frank. Ele relata que o projeto de Lucio Costa reflete as teorias humanísticas vivenciadas pelo arquiteto durante sua formação europeia, e destaca a imprevisibilidade do projeto. A previsão do imprevisível parece conter a originalidade do projeto de Lucio Costa. Era um plano inacabado, à espera de soluções para problemas que surgiriam.

Após essas análises, pode-se afirmar que o anúncio das cidades-satélites estaria na originalidade do projeto do Plano Piloto, pensado pelo criador.

Antônio Carlos Carpintero, arquiteto atuante como pesquisador e professor na Universidade de Brasília, sublinhou pontos diferentes da construção:

“Há rastros de ações de Israel Pinheiro que deformaram Brasília definitivamente, por exemplo, a plataforma da rodoviária era para ser fechada, ou seja, seria a praça central da Capital da República, seria o lugar das manifestações. Israel Pinheiro abriu o vão central e acabou com a praça popular e Brasília ficou sem centro, hoje não há lugar para as manifestações do povo. Há uma série de coisas que vemos no urbanismo da cidade que se deformaram por causa dessa contradição. Outra coisa muito grave que aconteceu foi a construção de casas térreas e sobrados na W3. No plano de Lucio Costa ali seria o espaço para hortigranjeiros e pomares, mas Israel Pinheiro mandou construir casas para técnicos. Construíram casas diferentes das superquadras, sem comércio nem escolas. Assim, as necessidades dos moradores da W3 criaram um fluxo transversal na cidade que mudou o caráter das ruas de acessos locais para ruas de comércio geral e surgiram vários transtornos no trânsito e nos estacionamentos.”<sup>118</sup>

Segundo a voz do pioneiro, os brasilienses foram privados da praça que lhes proporcionaria o local perfeito para manifestações. No entanto, o povo encontrou uma

117 DILNOT, Clive at alli. *O texto decisivo: para iniciar a leitura de “Construir, Habitar, Pensar”*. In Revista Risco 9, 1/2009, p. 203.

118 Idem. Op. Cit., em 29/01/2010.

solução. A Esplanada dos Ministérios, que foi construída para o Poder mostrar-se para o povo e, nesse sentido, é local de demonstração do Poder, tornou-se local de manifestações populares também. O governo faz festas para o povo com intenção de iludi-los, mas os brasileiros manifestam-se, quando sentem necessidade, nesse mesmo local.

Carpintero tem um foco diferente sobre a construção. Ele afirma que houve modificações no projeto de Lucio Costa, feitas por quem conduzia a obra, Israel Pinheiro, que deformaram a cidade. Na opinião do pioneiro, Brasília precisava de um 'centro' para reunir o povo em suas manifestações. Esse espaço estava delimitado na plataforma da rodoviária, mas Israel, com aval do presidente JK, 'abriu o vão central e acabou com a praça popular' e o povo ficou sem um local próprio para externar suas ansiedades.

Essa ação do construtor demonstra poder extremo sobre a capital e 'um cuidado excessivo' para que o povo fosse constringido em suas manifestações críticas. Dessa forma, 'a cidade do poder' ficaria protegida, e o Poder Público não precisaria explicar decisões ou agir de acordo com a vontade do povo. Estavam construindo, na verdade, uma cortina protetora para as ações políticas nas quais a população do Brasil era pouco ou nada considerada.

Acredita-se que essa estratégia foi utilizada outras vezes durante a construção porque, segundo Carpintero, essa não foi a única alteração no plano. A modificação ocorrida na área destinada a hortigranjeiros e pomares influenciou muito na sociedade, não só porque intensificou o trânsito do local, mas, principalmente, porque a população foi privada de uma área de agricultura importante. Infelizmente, não se tem dados específicos comprovados sobre o assunto.

Claro que essas alterações influenciaram na formação da cultura na capital, prevista num teor humano e que, a partir das restrições, podem ter sofrido deformações sentidas pela população que é a responsável pela vida que se estabeleceu na cidade.

No âmbito artístico, podem-se citar as visões de dois pioneiros que se destacaram como artistas na cidade. Glênio Bianchetti, artista plástico que vive na cidade desde 1960 e acredita na força que a cultura exerce na formação de uma sociedade nova:

“É preciso começar pelo que representava Brasília naquela época. Era um Brasil novo, um admirável mundo novo. Significava, para a época, a elite do pensamento brasileiro. Todos os dias chegavam pessoas de alto nível, que a gente conhecia, ouvia falar. Eram pessoas assim espetaculares e que iam, efetivamente, trabalhar. Era uma época de euforia.”<sup>119</sup>

Considerando que a cultura modela o ser, conforme dados apresentados anteriormente, a perspectiva de “admirável mundo novo” que Brasília e o Brasil assumem no discurso de Bianchetti é bastante significativa.

Se imaginarmos que o Brasil é um mundo e que Brasília está no centro, atentando para a fala do pioneiro que confirma a chegada de pessoas especiais para ocupar a cidade, é possível compreendê-la como símbolo do progresso, da euforia que movimentava todos.

Essa sensação de perfeito bem-estar contamina a sociedade, motiva as pessoas no sentido de que elas iriam dar o que tinham de melhor para a cultura da cidade, enquanto desempenhavam suas atividades profissionais ou cotidianas.

Gisele Santoro, bailarina, dançou na inauguração de Brasília, falou sobre a cidade:

“As pessoas que vieram pra cá eram as que tinham o sonho de fazer 'a Universidade' e que por isso deixaram seus postos, até fora do Brasil, para vir. (...) Era maravilhoso porque todo mundo, pelo menos no nível intelectual que a gente circulava, se conhecia. Quando a gente passava na rua as pessoas chamavam pelo nome e ofereciam carona; todo mundo se conhecia e se frequentava.”<sup>120</sup>

Novamente, a ideia de sonho reaparece ligada a realizações, à esperança. Gisele acompanhou o desempenho do marido, maestro Cláudio Santoro, fundador da Orquestra Sinfônica de Brasília e coordenador do Departamento de Música da Universidade de Brasília e, na visão dela, a cidade é igual à universidade, uma fonte de luz que ilumina todos que estão ao seu redor.

A ideia do sonho, destacada por Gisele, parece representar o símbolo do bem, da beleza, da inteligência, edificados no centro do país. Trata-se de uma utopia, mas sugere a boa vontade que os pioneiros traziam, dentro de si, para trabalhar e assistir a um Brasil modificado, e a possibilidade de um futuro melhor para os brasileiros.

De forma geral, os pioneiros demonstraram-se satisfeitos com a construção da cidade em suas entrevistas. Jarbas Silva Marques, jornalista, historiador e professor, detalhou bem os fatos que observou durante a construção:

“A gente pensava, discutia e todos estavam muito animados e solidários. A gente estava ao lado de um engenheiro que conversava e comia a mesma comida do operário, todos se respeitavam e tinha o chamado 'ritmo de Brasília'. As pessoas acreditavam e sabiam que havia um determinismo histórico. No dia 21 de abril de 1960, a Capital seria inaugurada. Todos tinham um dever cívico. Se um operário

---

120 Idem. Op. Cit.

'enrolava' ou se os próprios companheiros não aguentassem o ritmo de trabalho, saíam. Esse ritmo de Brasília deu dignidade ao país, tudo era Brasília. A cidade deu ao mundo a capacidade de enxergar o Brasil. Quando se via a coluna do Palácio da Alvorada, reconhecia-se Brasília.”<sup>121</sup>

Jarbas referiu-se ao companheirismo existente entre as pessoas, que trabalhavam na cidade, e afirmou que todos sabiam do compromisso que tinham assumido ao virem para a nova capital, que seria inaugurada na data marcada. Esse era o motivo pelo qual trabalhavam sem medidas, sem tréguas. O Brasil era notado, mundialmente, pela construção de Brasília; fato que comprova a grandeza da obra e a participação efetiva dos brasileiros na condução do trabalho.

Parece que o orgulho de estar em Brasília num momento diferenciado do país, sobressaiu a tudo mais que se podia tratar em torno da construção da cidade.

Os pioneiros, envolvidos diretamente com a obra, não tiveram tempo, nem disponibilidade para expor suas ideias, e se limitaram a dizer que: “a construção era bonita, que era terra por todo lado”.

A partir dessa exposição, depreende-se que há três visões sobre a construção da cidade: uma, de quem trabalhou na obra como operário; outra, de quem estava envolvido com a administração e, por fim, a visão de quem veio para implantar e coordenar ideias para o desenvolvimento da capital. Assim, observam-se distinções sociais e culturais entre a população que ocupava a cidade e era responsável pelo seu desenvolvimento.

Desde o planejamento, durante a construção, até a inauguração da capital, já se percebia entre as pessoas as diferenças que se estabeleciam na sociedade que se formava.

### **3.3 Emprego versus desemprego**

Muitos trabalhadores chegavam a Brasília sem qualificações profissionais e, após serem identificados no Instituto Nacional de Imigração e Colonização (INIC), situado na Velhacap, nas proximidades da Cidade Livre, eram mandados para os canteiros de obras. Esses eram os trabalhadores da construção civil que recebiam os destinos de acordo com a necessidade dos canteiros e lá iniciavam, normalmente, suas atividades como serventes.

Na obra, havia uma classificação dos empregados que dava sinais de simplicidade e

---

121 Idem. Op. Cit., em 23/09/2010.

cumplicidade entre eles. Entretanto, ao mesmo tempo, surgia uma ideia de preconceito deles para com eles mesmos.

Tratava-se de uma comunidade em que os serventes eram submetidos a todos os demais membros da hierarquia da construção civil, era como se fosse um soldado raso. Essa circunstância levava a crer que a sociedade estava ordenada por classes e por origem. Os operários, na maioria das vezes, eram conhecidos de acordo com as regiões do Brasil de onde chegavam. Desse modo, havia o 'Ceará', o 'Goiano', o 'Maranhense' e assim por diante.

No entanto, os canteiros de obras da cidade funcionavam como 'escolas profissionalizantes' e de alfabetização. Muitos que, ao chegar, não tinham ofício, nem sabiam ler nem escrever, tiveram a chance de aprender um novo modo de vida e se tornaram, muitas vezes, encarregados de obra, pedreiros. Enfim, alguém respeitado no meio em que se encontravam. A alfabetização, muitas vezes, não era atingida pelos operários porque eles tinham todo o tempo voltado para o trabalho e quase não se dedicavam às aulas.

Os encarregados, mestres de obras, tinham tratamento diferenciado, recebiam alojamento na Cidade Livre e podiam morar com suas famílias. É interessante observar o escalonamento social que se vai criando, e como cada um ocupa seu espaço; parece que todos são colocados em seus lugares, sem muita opção.

Essas escolas surgiam como oportunidades de mudança, algo diferente, motivador, a que o trabalhador se submetia com esperança de transformar seu cotidiano, sua vida e encontrar-se com o paraíso por que procurava. Entretanto, a maioria deles não tinham tempo livre para isso, ou não conseguiam dedicar-se aos estudos porque trabalhavam em excesso e não suportavam o cansaço físico.

Edson Beú mostrou como chegavam esses trabalhadores:

“ - É Brasília!- gritavam os mais atentos. Foi como se alguém dissesse: “Lá está o ouro que tanto procuramos!” Todos correram de uma só vez para um dos lados da carroceria, emocionados. (...) o que se via muito claramente, era um intenso brilho de esperança nos olhos de cada um, como se estivessem saindo do purgatório para o paraíso. A porta da salvação estava logo adiante, no final daquela longa estrada.”<sup>122</sup>

A impressão que se tem é que a força motor desses trabalhadores não era somente a esperança de dias melhores, mas a certeza de que estavam no caminho correto, o trabalho estava diante deles e a coragem para a labuta não lhes faltava. Esse era o símbolo representado por Brasília, que movia migrantes de todas as regiões e até do exterior em busca

---

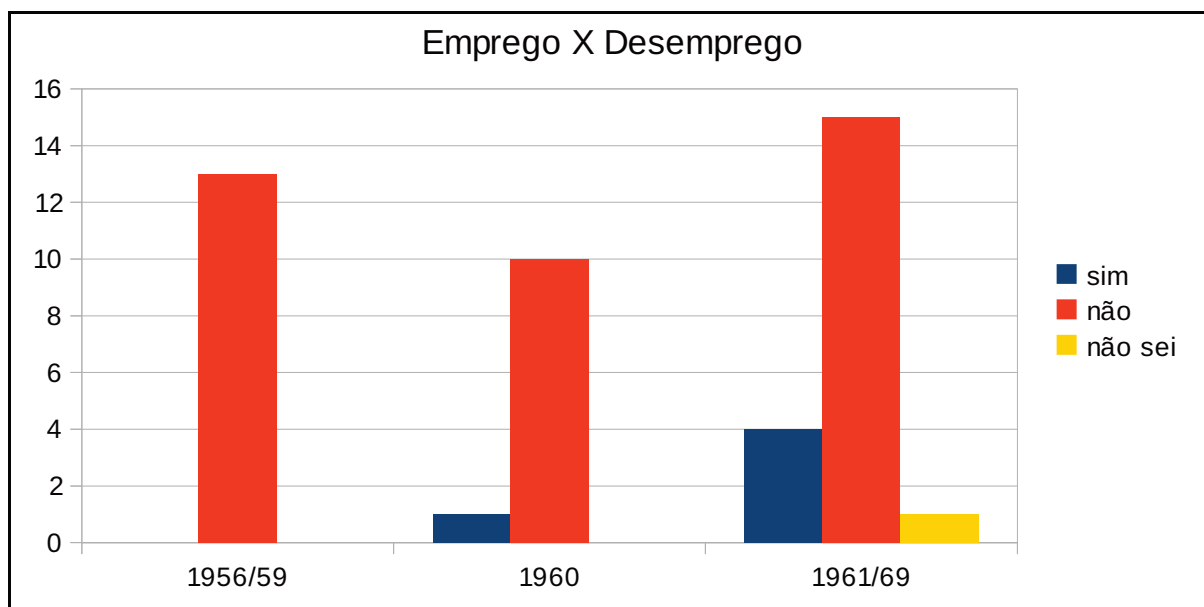
122 BEÚ, Edson. *Expresso Brasília*, p. 27.

de realizações. Para esses trabalhadores, a cidade exibia-se como um paraíso. As ofertas de trabalho eram constantes e, como a construção estava no início, as obras distantes de serem concluídas, eles não enfrentariam, pelo menos tão cedo, problemas com emprego.

Profissionais de outras áreas como carpinteiros, eletricitas, contadores, chegavam ao serviço de identificação e eram enviados para o local onde houvesse vagas para eles. Já no local de trabalho, eram testadas as habilidades para as quais estavam sendo destinados e eram admitidos pela NOVACAP. A necessidade de profissionais era enorme e todos os interessados tinham empregos garantidos logo ao desembarcarem na cidade.

No intuito de evidenciar melhor a questão de emprego e desemprego, nos primórdios de Brasília, o Gráfico III foi elaborado de acordo com os depoimentos dos pioneiros entrevistados, da época da construção, no ano da inauguração e na primeira década pós inauguração, conforme explicamos anteriormente:

**GRÁFICO III** – Pesquisa sobre emprego e desemprego em Brasília.



É evidente, no Gráfico III, que 38 de um total de 44 pioneiros entrevistados, negaram a existência de desemprego em Brasília desde as obras da cidade. 5 deles consideraram que havia desemprego e somente 1, disse que não podia emitir opinião sobre o assunto porque era estudante, na época, e não se lembrava disso.

Na fase inicial da construção, todos os pioneiros entrevistados relataram não haver desemprego, segundo confirma José Franklin:

“Havia muita demanda de trabalho e falta de braços. A maioria dos empregos não requisitavam qualificação e os nordestinos que chegavam adaptavam-se muito rapidamente a situações novas. Eles chegavam broncos e com 90 dias estavam operando máquinas e tratores.”<sup>123</sup>

A voz do pioneiro é certa, o que havia era “falta de braços”, apontando, assim, que, apesar da chegada de muitos migrantes, a obra reclamava por mais. Fica claro, que não havia necessidade de qualificação porque o trabalho era braçal, mas reforça a ideia de que os nordestinos eram muitos; chegavam sem noção de obras e aprendiam fácil os ensinamentos dos colegas com os quais conviviam no dia-a-dia.

Esse depoimento comprova a existência das escolas profissionalizantes, citadas anteriormente, mas evidencia um certo preconceito pelos nordestinos. De acordo com os dados sobre a origem dos pioneiros, já apresentados, acredita-se que migrantes, vindos de outras regiões interioranas, não ofereciam qualificações tanto quanto os nordestinos.

Talvez o que tenha chamado mais a atenção de Franklin seja o fato de que ele lidava diretamente com trabalhadores braçais, na firma em que exercia o cargo de encarregado, e ele pode ter visto entre esses braços nordestinos apenas um fato discricionário e não discriminador no sentido de ter relatado um preconceito racial.

Essa análise é legitimada com a própria voz de Franklin que admite um prazo curto para que os trabalhadores se mostrassem capazes de exercer a função de operador de máquinas para a qual era preciso conhecimento e domínio.

Os preconceitos eram vários desde o início das obras da capital. Havia, nessa época, firmas particulares que empreitavam obras da NOVACAP e registravam operários para a empreitada. Aqueles que trabalhavam direto para a NOVACAP eram chamados funcionários e tinham estabilidade, moradia e, após o término de um serviço, eram deslocados para outro. Nas empreiteiras, quando uma obra finalizava, os operários eram, muitas vezes, dispensados das firmas para as quais prestavam serviço e procurar por um novo emprego.

É compreensível, portanto, que os migrantes, ao chegarem a Brasília, dessem preferência para o trabalho na NOVACAP em vez de trabalharem nas firmas empreiteiras. Esse fato foi relatado por pioneiros, nesta pesquisa, mas já havia sido registrado conforme narrou Gustavo Lins Ribeiro:

---

123 Idem. Op. Cit., em 15/08/2011.



“Ser funcionário, interessante notar a substituição dos termos trabalhador ou operário por este, da NOVACAP, implicava também morar em outra área residencial: na Candangolândia, ... para alguns operários era melhor trabalhar na NOVACAP do que em firmas, sobretudo pela estabilidade ...”<sup>124</sup>

Entre os pioneiros que chegaram à capital em 1960, num total de 11 entrevistados, destacaram-se funcionários públicos transferidos, ou em consequência de transferências da família, concursados que vieram assumir suas funções, e alguns que chegaram à cidade logo após a inauguração.

O Gráfico III ilustrou que somente um pioneiro relatou a existência de desemprego naquele momento. Assim, Anderson H. Braga referiu-se ao tema:

“Nos primeiros anos, praticamente não havia esse problema. O pessoal que morava em Brasília, de um lado, eram os operários para os quais havia pleno emprego na ocasião e, de outro lado, os funcionários, que já vinham com seus empregos garantidos, vinham transferidos. Dos que vinham tentar a sorte aqui, no comércio, na área de serviços, chegavam e se instalavam. População desempregada aqui, eu acho que era o mínimo. Nos primeiros tempos, eu acho que não havia esse problema.”<sup>125</sup>

As impressões do pioneiro foram confirmadas pelos resultados apresentados no Gráfico III: no período da construção não houve desemprego em Brasília.

Há indicações, de acordo com a pesquisa realizada, de que, se houve desemprego, a partir do momento das obras até a inauguração da cidade, foi um índice mínimo conforme afirmou Anderson.

Os outros pioneiros, que chegaram à capital em 1960, e foram entrevistados, concordaram que não havia desemprego. Havia falta de qualificação, muitas vezes, entre as pessoas que procuravam emprego de acordo com a voz de Alcides Kronenberger:

“O pessoal que tinha mão de obra qualificada para a construção civil chegava e era logo empregado, não tinha problemas. Em outras áreas era mais difícil porque, praticamente, tudo era do governo e havia concursos, e nem todos estavam preparados para isso.”<sup>126</sup>

Mais uma vez fica claro que os migrantes qualificados tinham emprego. A cidade necessitava de profissionais de outras áreas e tudo leva a crer que esse 'boato' se espalhou rapidamente e outros migrantes foram chegando.

Houve alguns fatos interessantes, contados pelos entrevistados, sobre pessoas que

124 Idem. Op. Cit. p. 120.

125 Idem. Op. Cit., em 19/02/2010.

126 Idem. Op. Cit., em 13/10/2010.

prestavam serviços em Brasília, seus estilos de vida, hábitos e suas conquistas alcançadas a partir de seus esforços.

Assim narrou Clóvis Sena:

“Há um fato interessante: quando eu pegava táxi, havia um motorista que fazia ponto na 306. E eu gosto, quando estou num táxi, de conversar com o motorista. Ele me falava que com aquele carro havia comprado uma casa na W3. Então, veja como as pessoas trabalhavam e venciam em Brasília.”<sup>127</sup>

Esse pioneiro era jornalista e contou alguns fatos que ocorriam em seu dia-a-dia e que envolviam outros trabalhadores. Este fato ilustrou bem a necessidade de profissionais que havia na cidade. Era difícil, que numa cidade recém inaugurada, com uma população considerada, até então, pequena, um motorista de táxi pudesse comprar uma moradia na cidade. Certamente, o motorista trabalhou muito para obter essa conquista.

Santiago Naud sustentou que realmente, naquela época, não faltavam empregos e isso favorecia a não existência de ladrões na cidade. Por essa razão, podiam estacionar os carros diante de suas casas e deixá-los abertos sem problemas. Segundo ele, não havia perigo porque não era usual encontrar desempregados na cidade, todos procuravam ser honestos porque tinham seus empregos, sua cidadania.

Por fim, numa terceira fase, analisando o Gráfico III, entende-se que o desemprego começou a surgir após a inauguração da capital, o que é compreensível, pois novos migrantes se deslocavam para a cidade que chamava a atenção de todos. Com o aumento desse fluxo, os problemas com moradia, que já existiam, acentuaram-se, e novas invasões surgiram.

Funcionários públicos, que não tinham recebido casas ou que estavam mal instalados, como os professores do ensino médio, iniciaram o movimento de moradores que visava à melhoria de suas condições de vida e de moradia. Lutas sociais e reivindicações deram início a greves. Foram muitas, principalmente em 1963, conforme relacionou Luciana Jaccoud:

“As greves desenvolvidas, a saber, dos funcionários da Fundação Hospitalar (FHDB) (em janeiro e setembro), dos médicos (em abril e novembro), dos funcionários da TV-Rádio Nacional (em maio e junho), da construção civil, dos bancários, dos servidores da NOVACAP, dos funcionários da Universidade de Brasília e dos servidores do IAPI, como as de 1962, eram marcadas por reivindicações salariais e funcionais.”<sup>128</sup>

---

127 Idem. Op. Cit., em 05/05/2010.

128 JACCOUD, Luciana. *Lutas sociais: populismo e democracia -1960/1964*. In PAVIANI. *A conquista da cidade – movimentos populares em Brasília*, p. 177.

Foram muitas as reivindicações, os trabalhadores estavam descontentes com tudo e, segundo Jaccoud, o desemprego assumiu um tema de importância. É muito estranho que a política da nova capital desagradasse tanto num período tão curto de sua existência.

Esse fato pode remeter à existência de uma política pró-golpista no Brasil. Uma população descontente com o Poder, situado no interior do país, numa capital recém inaugurada era algo complexo.

Entretanto, neste estudo, o número de desempregados não apareceu na mesma proporção que Jaccoud assinalou. O problema pode ter assumido proporções maiores na construção civil, devido à inauguração da cidade e consequente aumento de população, e a saída de JK do governo; mas, de acordo com esta pesquisa, não foi sentido igualmente pela população da época.

Um pioneiro entrevistado disse que, em final de 1960, fora demitido da Fundação Educacional, onde trabalhava como professor, por ter iniciado um movimento de greve pró moradia para a categoria. Um outro, médico, afirmou que os funcionários do Hospital de Base, aderiram ao movimento dos professores porque eles também não tinham moradia.

Examinando, ainda, o Gráfico III, foram quatro constatações de desemprego, enquanto quinze pioneiros disseram não ter observado desemprego. Um deles julgou-se incapaz de omitir opinião porque não estava no mercado de trabalho, era estudante em Brasília na época.

Dentre os quatro que julgaram haver desemprego, Luís Humberto fez referência à questão da qualificação precária dos migrantes:

“Não sei se é comprovado, mas a gente sentia que havia desemprego, o nível de qualificação das pessoas era muito baixo e por isso era complicado encaixar essas pessoas no mercado de trabalho.”<sup>129</sup>

A questão da desqualificação dos migrantes é real e já foi mencionada, mas há de se considerar que alguns se diziam profissionais em determinada área e no decorrer do trabalho não demonstravam tais habilidades. Então, segundo exposição de outro pioneiro, os prestadores de serviços, em geral, usavam desse artifício para viver e acabavam adquirindo prática na profissão e tudo terminava bem.

Nessa mesma linha de pensamento, houve quem lembrasse que, em torno de 1965 em diante, houve um declínio na construção civil e que isso deixou alguns operários sem emprego.

---

129 Idem. Op. Cit., em 06/04/2010.

Essa realidade foi comprovada por Irlam Lima:

“Sim, eu mesmo era a prova disso, eu buscava tudo, cheguei quase a parar de estudar para ser frentista de posto, por exemplo. Meu cunhado não deixou, apesar de ele também viver apertado. Eu estudava no Elefante Branco durante o dia e passei para a noite para trabalhar durante o dia. Havia dificuldade para arranjar trabalho sim, mesmo com poucos habitantes por que as coisas não estavam totalmente instaladas na cidade.”<sup>130</sup>

Irlam, ao se lembrar de sua chegada, constatou que havia desemprego porque ainda faltavam serviços para serem instalados na cidade. Ele entendeu, a partir de sua própria vivência, que apesar de poucos habitantes na cidade, não havia tanta facilidade para se iniciar um trabalho sem qualificação.

A grande oferta de empregos, mencionada pela maioria dos pioneiros dessa fase, foi citada, principalmente, porque eles não observavam pedintes pelas ruas, apesar de o ritmo das obras terem diminuído na cidade. A urgência de profissionais continuava existindo porque era preciso implantar serviços gerais para a população. A cidade precisava 'de gente' para prosseguir em sua função de capital do país.

Para concluir a análise dessa terceira fase, mencionamos a declaração de Jarbas Silva:

“Havia excesso de oferta de emprego e as pessoas recebiam salários, nessa fase do ritmo de Brasília, que ninguém ganhava no país. Todos os funcionários eram muito bem pagos, sem distinção de profissão.”<sup>131</sup>

Duas circunstâncias, apontadas por Jarbas, sinalizaram a oferta e a procura de emprego em Brasília: 'bons salários' em todas as profissões e excesso de empregos. Numa cidade que possuía grande número de servidores públicos, ligados à administração do país, fica clara a necessidade de mão de obra diversificada para atender a essa população, que era crescente na cidade. Essas pessoas tinham um poder aquisitivo alto, estavam acostumadas a confortos e não mediam esforços para satisfazerem-se. Tratava-se de uma fórmula perfeita: migrantes poderiam escolher empregos e clientes não faltavam.

Essa é a realidade da capital desde sempre, muito dinheiro nas mãos de alguns e vários serviçais ao redor deles.

Nesse sentido, entende-se que a oferta de empregos era boa, tanto na construção civil quanto na prestação de serviços gerais, em Brasília, na primeira década de sua existência,

---

130 Idem. Op. Cit., em 08/04/2011.

131 Idem. Op. Cit., em 23/09/2010.

mesmo tendo ocorrido movimentos de greve e reivindicações por melhorias.

Entende-se que essas agitações foram importantes e existiram no momento de formação, de crescimento e de luta por solidificação da sociedade iniciante. A população estava à procura de melhor qualidade de vida e para isso exigia atos do Estado. Essas foram demonstrações de que a população não estava passiva, mas agia em busca daquilo que acreditava ser justo para todos numa sociedade que se iniciava.

A soma dos motivos que levaram os moradores a fazer greve, a exigir dignidade, a mostrar a existência de preconceitos, a entenderem que se pode aprender com a convivência de uns com os outros, e a insistência que alguns trabalhadores demonstraram ao expor suas ideias são bases para o conceito de cultura que se investiga nesta tese.

### **3.4 O Distrito Federal divide-se numa sucessão de casa-grande e senzala?**

Antes de pensar em Brasília, ou no Distrito Federal como uma sucessão ou não de casa-grande e senzala, faz-se necessária uma reflexão sobre as ideias que interpõem os vocábulos 'casa-grande e senzala'.

Trata-se de um livro, escrito por Gilberto Freyre, *Casa-Grande & Senzala*, publicado em 1933. Nesse romance, o autor destaca a importância da casa-grande na formação sociocultural brasileira, bem como a da senzala, que complementaria a primeira.

O romance surgiu como algo novo que mostrava, pela primeira vez, em linguagem literária, o cotidiano de uma sociedade, cujos heróis eram vários, uma massa anônima. Num estilo criativo e inovador, Freyre traz ideias antirracistas que desafiam os preconceitos da época.

A casa-grande, de Freyre, simboliza o sistema patriarcal da colonização portuguesa do Brasil. Eram os engenhos que o colonizador trouxe para o país no séc. XVI, uma expressão que correspondia ao ambiente físico do país e à fase de imperialismo português que se estabeleceram no Brasil, de forma diferente de seu país.

Havia uma casa-grande, acompanhada por várias senzalas e isso representava um sistema econômico, social e político de produção, de trabalho, de transportes e assim por diante. Era um sistema de dependência, em todos os aspectos, que se organizava, tinha inclusive a função de banco, conforme Freyre afirmou:

“Mas a casa-grande patriarcal não foi apenas fortaleza, capela, escola, oficina, santa casa, harém, convento de moças, hospedaria. Desempenhou outra função importante na economia brasileira: foi também banco. Dentro das suas grossas paredes, debaixo dos tijolos ou mosaicos, no chão, enterrava-se dinheiro, guardavam-se joias, ouro, valores.”<sup>132</sup>

Entende-se que a casa-grande era um lugar perfeito para o 'Senhor', o fidalgo, proprietário do imóvel em que morava, e tinha todas suas necessidades e instintos satisfeitos enquanto representação social.

O autor apresentou um quadro vivo e colorido sobre o processo de formação da sociedade brasileira. Nesse quadro, estão índios, negros, lusitanos, mouros, judeus e orientais que ofereceram aos brasileiros suas singularidades de mestiços de várias raças e culturas.

Darcy Ribeiro realçou a importância, desse livro e de seu autor, para a cultura brasileira:

“Creio que poderíamos passar sem qualquer dos nossos ensaios e romances, ainda que fosse o melhor que se escreveu no Brasil. Mas não passaríamos em *Casa-Grande & Senzala*, sem sermos outros. (...) É certo que houve em nosso caso como nos outros alguns gestos mais, uns antes – ontem, o aleijadinho, entre poucos – outros, depois – hoje, Brasília, de Oscar – mas, sem dúvida, entre eles está o de Gilberto.”<sup>133</sup>

Darcy considerou a obra, um romance que faz parte da cultura brasileira, porque restabelece a verdade sobre a vida social dos brasileiros, e destacou a importância que Brasília assume perante as grandes obras de arte existentes no Brasil e no mundo.

Na concepção dele, *Casa-grande & senzala* ensinou muito aos leitores, principalmente, mostrou ao povo que os portugueses e os negros faziam parte da cultura, e que isso era uma realidade, que precisava ser aceita porque todos os brasileiros possuíam, em maior ou menor proporção, características de procedência africana e servil.

Nesse aspecto, não é o valor do romance que se discute, nem a questão da escravidão em si, mas o quanto os leitores compreenderam das ideias contidas nele ou reproduziram algo que ele criticava. Questões como servidão, preconceitos e falta de respeito entre as pessoas deveriam ser resolvidas e combatidas, após o entendimento da formação da sociedade brasileira, e não ressurgirem sob nova forma, num espaço e tempo diferentes. Essa é a discussão que iremos levantar no que diz respeito à Brasília-DF.

---

132 FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*, p. 52.

133 Idem. Op. Cit., p. 12.

### 3.4.1 *Relação entre a ideia de casa-grande e senzala e o projeto de Brasília*

A construção de uma nova capital para o Brasil deveria erguer-se a partir de ideias novas, de valores verdadeiros, de símbolos e da estética do belo. Uma capital que foi pensada por mais de século, deveria abolir os males que assombravam os brasileiros.

Após essa explanação, e considerando o relatório de LC, já mencionado, que se transformou no Plano Piloto de Brasília, entende-se que havia a possibilidade de a cidade ter sido concebida de forma que libertasse o Brasil, definitivamente, da herança colonial, de preconceitos que ainda perseguiram e continuam perseguindo os brasileiros. Entretanto, a proposta do Plano Piloto e das futuras cidades-satélites foram comparadas por pioneiros com *Casa-grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, resguardando-se as devidas proporções.

No relatório, constituído de 23 itens, LC explicou que seu projeto era para a concepção de uma cidade moderna, com atributos de capital. Era necessário um arquiteto que realizasse seu projeto com caráter monumental e não prejudicasse o cotidiano para o qual a cidade havia sido concebida. Costa explicou o sentido que pretendia para sua criação:

“E, para tanto, a condição primeira é achar-se o urbanista imbuído de uma certa dignidade e nobreza de intenção, porquanto dessa atitude fundamental decorrem a ordenação e o senso de conveniência e medida capazes de conferir ao conjunto projetado o desejável caráter monumental.

Monumental não no sentido de ostentação, mas no sentido da expressão palpável, por assim dizer, consciente, daquilo que vale e significa. Cidade planejada para o trabalho ordenado e eficiente, mas ao mesmo tempo cidade viva e aprazível, própria ao devaneio e à especulação intelectual, capaz de tornar-se, com o tempo, além de centro de governo e administração, num foco de cultura dos mais lúcidos e sensíveis do país.”<sup>134</sup>

Lucio Costa mostrou a preocupação de que o urbanista escolhido pudesse dar vida ao seu projeto e que tivesse sensibilidade suficiente para projetar a grandeza de uma capital. Costa disse que seu projeto era para uma cidade em que os intelectuais fossem livres para imaginar suas histórias. Ele desejava preservar o ir e vir das pessoas e que os setores de diversões, de comércio, bancário fossem centrais. Ele colocou suas ideias e o presidente JK ficou responsável pela construção.

Nessa perspectiva, ao longo do governo JK, alguns administradores deixaram

---

134 BUCHMANN, Armando José. Lucio Costa – o inventor da cidade de Brasília:centenário do nascimento, p.61.

transparecer que a ideia de Brasília, por méritos do 'planejamento urbano' seria igualitária. Esse mito tomou força em vários discursos e foi questionado por autores como Paviani:

“É justamente no âmago do processo de urbanização, onde ocorrem lacunas de trabalho, que devem ser procuradas algumas pistas reveladoras da construção injusta do espaço urbano e/ou da injustiça social (...). Na realidade, as forças que agem no sentido de periferizar, com sucessivas “limpezas” de acampamentos de obras e de favelas do Plano Piloto, são as mesmas que atuam no sentido de concentrar, elitizando o centro. Concentram, no Plano Piloto, o poder político e a administração, os melhores postos de trabalho (e, logicamente, os mais altos salários e rendas, as áreas de mansões e de apartamentos...)”<sup>135</sup>

As cidades-satélites surgiram dessa realidade de que Paviani tratou. O Plano Piloto foi construído para uma determinada classe social, uma elite. Aqueles que não se ajustavam à classe elitizada, terminavam por formar invasões que cresciam dia-a-dia na mesma proporção da miséria que assolava seus moradores.

Para que o Plano Piloto fosse resguardado desse 'tipo de moradores' as cidades-satélites foram construídas e os miseráveis, distanciados do centro do poder, conforme mencionou Paviani. Essa realidade teve início, em 1958, com a criação de Taguatinga, e se prolongou ao longo dos anos, gerando a necessidade de várias cidades-satélites.

Essa foi a solução apresentada pelo Estado para que a nova capital não se igualasse à antiga, Rio de Janeiro, que estava rodeada por favelas e cortiços por todos os lados. A questão é se essa solução foi justa ou não para com a população?

Logo após o nascimento de Brasília, Gilberto Freyre criticou a forma como se deu o surgimento da cidade:

“ ... Brasília não é para ser considerada um puro problema de arquitetura ou, sequer, de urbanismo, mas de ecologia. De ecologia tropical em toda sua complexidade. Deveriam, por isso, estar-se levantando, não apenas como obras de arquitetos, mas de arquitetos ligados a ecologistas e a cientistas sociais que juntos desenvolvessem uma sistemática de integração de novas cidades num espaço natural, social e cultural, caracteristicamente tropical, atendo-se o mais possível ao futuro das cidades como cidades modernas no trópico e dentro de um país já com tradições válidas, e responsabilidades supranacionais, quer de adaptação de valores europeus a condições tropicais de vida, quer de assimilação de valores tropicais a um tipo de civilização predominantemente, mas não exclusivamente, europeia: aberta a outras influências, a outras experiências e a outras perspectivas.”<sup>136</sup>

Nota-se que Freyre não aprovou a forma com que Brasília foi projetada pela técnica dos arquitetos modernos no interior do Brasil, com uma arte urbana arrojada, mas criada,

135 PAVIANI, Aldo. *A conquista da cidade- movimentos populares em Brasília*, p. 139-140.

136 FREYRE, G. *Brasis, Brasil e Brasília*, p. 178.



talvez, com tanta rapidez, que não teve tempo de 'namorar' a beleza do cerrado que vestia a região.

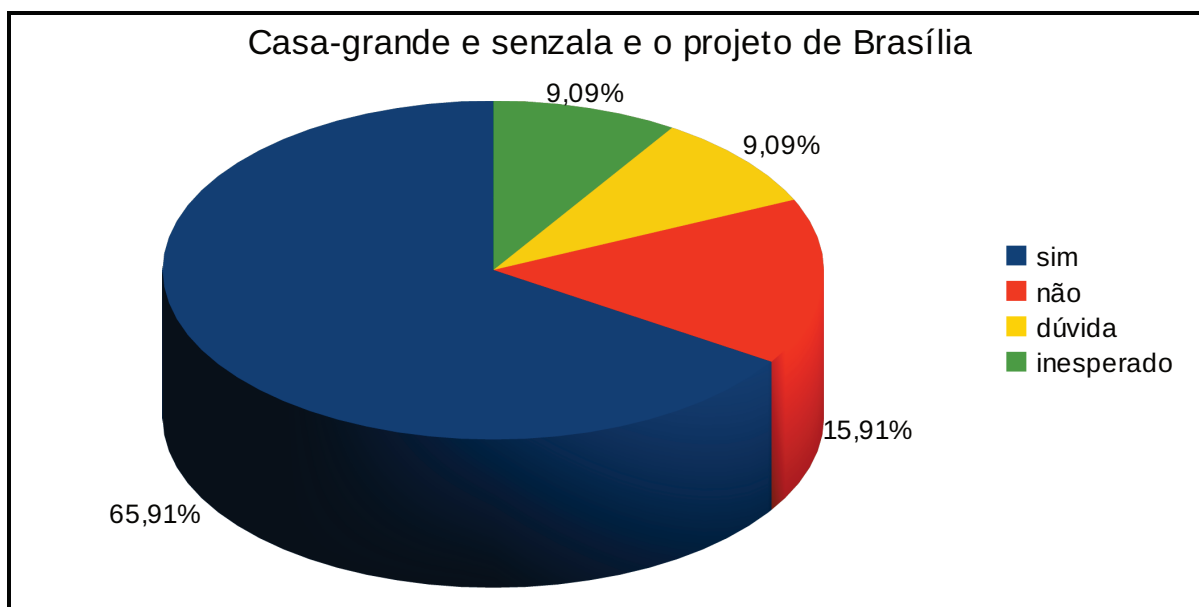
Dessa forma, a cidade não pôde tomar posse da força natural do cerrado para que houvesse um 'casamento perfeito' entre os dois. O que ocorreu foi um embelezamento provocado por arquitetos e polido por urbanistas à revelia de outros profissionais que, certamente, iriam acrescentar valores à cidade. Essas pessoas, na visão de Freyre seriam: sociólogos, antropólogos, biólogos; enfim, pessoas capazes de dotarem a cidade de aptidões para seus deveres de mãe dos brasileiros.

Nesse sentido, o sociólogo sugeriu que Brasília deveria ser o espaço em que os vários Brasis deveriam encontrar-se e a arquitetura deveria, por isso mesmo, ser plural e não dirigida especificamente a determinada população. Deveríamos ter um sistema que formasse a base, projetada sobre o futuro, cujo centro seria Brasília, que representaria um Brasil uno e plural na sua modernidade uma vez que serviria de ponto de encontro para os brasileiros de todas as regiões do país. Esse Brasil seria capaz de projetar sobre o mundo valores nacionais suscetíveis de universalização, inclusive culturalmente.

Então, na percepção de Freyre, ocorreu um erro no planejamento da nova capital que em vez de exalar o perfume do modernismo, do nacionalismo para o mundo, lançou uma arquitetura escultural, com sua edificação ordenada por arquitetos ilustres.

O Gráfico IV proporcionará melhores condições para análise do tema.

**GRÁFICO IV** – Pesquisa sobre a relação entre a ideia de Casa-grande e senzala e o projeto de Brasília



De acordo com o Gráfico IV, nota-se que os pioneiros entrevistados colocaram-se de formas distintas sobre o tema proposto: grande parte, 65,9% dos pioneiros disseram concordar; 15,9%, discordaram, 9,09%, demonstraram dúvida e os outros 9,09% disseram que Brasília se mostrou diferente da proposta original, ou seja, não ocorreu a igualdade social prevista e enfatizada no projeto.

Assim, a maior parte dos pioneiros perceberam a relação patriarcal do Brasil colônia com casa-grande e senzala reaparecer na nova capital do país e foram categóricos em suas afirmações. Alan Viggiano, que trabalhou no Senado Federal, portanto, diretamente, ligado ao Poder, não se intimidou ao afirmar:

“Perfeitamente. O sistema de escalas sociais de BSB, nessa época, continua o mesmo do tempo da escravidão. Não houve nenhuma modificação fundamental. Depois dos direitos adquiridos pela mulher, pelos operários, com a criação de entidades que defendem os direitos humanos, houve uma melhoria sensível. A casa-grande de BSB é repleta pelos políticos, pelos poderosos, e as senzalas pelos assalariados, pobres e marginalizados.”<sup>137</sup>

A observação de Alan é importante porque o cotidiano dele era formado pela elite dos políticos, e a dificuldade de alguns funcionários que, naquela época, recebiam baixos salários e baixos serviços prestados e, segundo relatou, conviviam com dificuldades.

<sup>137</sup> Entrevista cedida à autora desta tese em 21/04/2010.

Além disso, Alan tinha uma visão privilegiada dos políticos que decidiam sobre a vida e o futuro dos brasileiros que não estavam, como não estão, totalmente livres da servidão. Por esse motivo, acredita-se que a memória do pioneiro seja de grande valor para a análise a que nos propomos.

Fernando Lopes, pioneiro que veio muito cedo para Brasília, 1959, e cantava para o presidente JK, sustentou a afirmação de Alan:

“É, a ideia é verdadeira: se eu for do time do governo, estou bem; senão, é sub-raça. Isso acontece aqui.”<sup>138</sup>

É interessante observar que o cantor Fernando Lopes cedeu lugar ao cidadão no momento em que comentou a realidade de Brasília: 'a ideia é verdadeira'. Apesar da proximidade com o presidente, o cidadão não teve dúvidas de que Brasília era e ainda é a representação da casa-grande e os trabalhadores fazem parte das senzalas. Que eram muitas. Ele relatou que morava em uma invasão e que para sair de lá precisou lutar e, muitas vezes, reunir-se com todos os moradores e ir diretamente ao presidente JK.

Desse modo, Fernando Lopes fazia parte da 'sub-raça' que ele mencionou em seu depoimento. Ao mesmo tempo, como cantor, ele tinha contato direto com o governo, portanto, sua afirmação representa um entendimento dos dois lados da casa-grande e da senzala, porque ele transitava em ambos. Outros, concordaram com a submissão e o elitismo implantados em Brasília, mas justificaram-se dizendo que esse sempre foi um problema do Brasil e que a capital seria um reflexo.

Alguns dos entrevistados tiveram dúvidas ao serem inquiridos sobre o assunto. Anderson Braga Horta teve oportunidade de analisar o tema porque chegou a Brasília em 1960 e trabalhava, diretamente, com o Poder na Câmara dos Deputados e, com o público, em geral nas crônicas que escrevia para jornais. Ele emitiu o seguinte comentário:

“Casa-grande e senzala me parece demais, parece exagerado; o projeto igualitário proposto inicialmente era artificial, era generoso, mas era artificial. Nunca funcionou como no papel, nunca funcionou na realidade como devia funcionar, como funcionava na mente dos que o idearam porque a realidade social não permitia isso. A realidade social era e ainda é de classe rica, classe média, classe pobre; capitalistas e operários. (...) desde o começo se mostrou, aliás, desde o papel havia essa contradição até na ideia dos criadores de Brasília. Eles queriam uma integração social, mas eles mesmos viam nos termos, que supunham ideais, que isso não era possível.”<sup>139</sup>

138 Idem. Op. Cit., em 29/09/2010.

139 Idem. Op. Cit., em 19/02/2010.

O pioneiro iniciou sua locução comparando a utopia do projeto de Brasília com a realidade que ele enfrentava e confirmou que o ideal de igualdade estava na cabeça de alguns, mas que nunca existiu. Na percepção dele, a realidade social não se alterou; desde o início da construção, havia classes definidas: capitalistas e operários, e isso sempre foi um fato.

Anderson concordou que havia diferenças sociais, que o projeto era igualitário no papel. Ele compreendeu que mesmo na cabeça dos idealizadores do projeto, a cidade era artificial e trazia uma contradição que se tornou real. Mesmo assim, ele parece não querer admitir a ideia de casa-grande e senzala, fala que parece 'exagero', mas não consegue manter-se fiel até o fim do depoimento.

O pioneiro Geraldo Silva percebeu a questão na perspectiva do poder e comparou sua ação com a sociedade estabelecida em Brasília:

“ Senzala não, tá muito forte isso. Olha aqui em casa, não é uma senzala, essa moça veio de Pernambuco e está há 37 anos conosco, ela já tem um apartamento, já está aposentada e continua trabalhando, tem dois salários. Eu a ajudei a empregar uns parentes, que senzala é essa? Essa ideia não se aplica aqui, mas a gente observa que o poder se comunica pouco com o povo, falta isso.<sup>140</sup>”

Esse pioneiro veio para integrar o corpo de oficiais da Guarda Especial de Brasília – GEB, em 1960. Deveria apresentar, portanto, uma visão privilegiada da formação cultural da nova capital uma vez que mantinha um relacionamento direto com a população e com os administradores da cidade.

Em seu discurso, o pioneiro iniciou dizendo 'senzala, não' e terminou assumindo que 'o poder se comunica pouco com o povo'. Esse contraste intensificou-se quando ele disse que a empregada aposentada ainda trabalhava e que ele a 'ajudou a empregar uns parentes'. Então, essa relação existente entre o pioneiro e a empregada não seria a própria relação de submissão? Ela continuaria trabalhando na casa do pioneiro sem a intenção de conseguir vantagens para si e para os parentes?

Parece que a empregada sai de sua casa, onde mora próxima aos parentes e, portanto, distante do patrão, e vai em direção a soluções para sua família. A casa do patrão, ou 'a casa-grande'. Essa permanência longa da empregada num mesmo trabalho não é típico. As empregadas domésticas não costumam ficar num mesmo emprego por tanto tempo.

A hipótese acaba transformando-se em certeza na voz do pioneiro. A relação de casa-grande e senzala, infelizmente, pode ser observada no cotidiano de Geraldo, mesmo que ele

---

140 Idem. Op. Cit., em 11/04/2011.

não perceba. Se essa relação tornou-se tão comum a ele, a ponto de não percebê-la, então ela ocorreu desde os primórdios na capital e ele não teve olhos para detectá-la.

A pioneira Maria Celi passou toda sua juventude em Brasília, junto ao pai, deputado na época. Ela não se mostrou convicta de sua resposta:

“Acho muito forte. Brasília é muito mais livre. Como jovens, nós fazíamos festas, apostávamos corrida, éramos livres, estávamos sempre nas casas uns dos outros.”<sup>141</sup>

Um discurso iniciado por 'acho' não transmite segurança, mostra que o falante tem dúvida e que deseja ganhar tempo para pensar sobre um determinado assunto. Portanto, da ideia de liberdade que a pioneira repetiu duas vezes, relacionada à cidade e à juventude, pode surgir uma certa dificuldade dela em acreditar nas próprias palavras.

Talvez essa liberdade só tenha existido, verdadeiramente, nas mentes, nas atitudes ou no comportamento daqueles que se orgulhavam da nova capital para a qual vieram desde o início.

João Carlos Taveira chegou à cidade no final da década de 1960 e trabalhou, inicialmente, em construção civil. Encontrou uma cidade mais estruturada, com uma população maior e, mesmo assim, teve dúvidas ao pensar sobre a relação existente ou não entre Brasília e casa-grande e senzala:

“Hoje pode ser que sim, tem um professor da UnB que escreveu um livro muito interessante sobre isso. Não vejo muito isso aqui, parece um pouco de exagero.”<sup>142</sup>

Taveira reconheceu a aproximação entre a ideia e a realidade que observava ao lembrar-se de um livro sobre o assunto. Ainda assim, parece que buscando não admitir o que sugerira, disse que parecia exagero.

Sem dúvida, a ideia é forte, e alguns pioneiros sentiram dificuldades em aceitar, ou talvez, de tomar consciência dela, uma vez que Brasília foi e ainda é relacionada a fatos importantes como beleza, esperança; enfim, a coisas boas. De uma maneira geral, os pioneiros são pessoas orgulhosas da cidade e se confundem com ela em muitos sentidos, pois sentem-se parte dela e, por isso, responsáveis pela condução e visão da cidade. É difícil admitir que os esforços concentrados para construir, solidificar e melhorar uma sociedade não surtiram o efeito desejado.

---

141 Idem. Op. Cit., em 10/06/2010.

142 Idem. Op. Cit., em 25/02/2010.

O mesmo percentual de pioneiros que se mostraram em dúvida sobre o assunto, 9,09%, conforme Gráfico IV, apontaram que a ideia de igualdade social, prevista no projeto de Brasília, não ocorreu; e a cidade surgiu diferente do esperado.

Antônio Carlos Osório, um dos primeiros advogados que a capital acolheu, assim definiu essa matéria:

“A ideia de uma cidade com igualdade social absoluta, não é de Lucio Costa nem de Oscar Niemeyer, e é sem muito fundamento e nunca deu certo. As superquadras destinavam-se a ter uma parte para a população de classe média e outra parte para a população de classe baixa, mas isso não funciona em lugar nenhum do mundo, e não funcionou em Brasília também. Existe uma separação natural pelo nível de renda das pessoas, pelo nível de interesse cultural das pessoas entre os vários grupos sociais.”<sup>143</sup>

Osório indicou o que a maioria das pessoas não perceberam, ou não tiveram informações para compreender que a ideia de igualdade social não era de Lucio Costa, nem de Niemeyer e, desde o projeto, as diferenças sociais estavam marcadas na construção dos prédios. No Plano Piloto, seriam construídos prédios, as superquadras, destinados à classe mais elevada, e prédios inferiores nas quadras das 400, para a classe mais baixa. Segundo o pioneiro, essa realidade era natural, e as pessoas se colocavam na sociedade de acordo com suas fontes de renda e cultura.

Dessa forma, estava traçada a ocupação do Plano Piloto e bastaria saber onde a pessoa morava para entender a que classe social ela pertencia. Isso sempre ocorreu em Brasília e continua sendo uma realidade, as pessoas são reconhecidas como 'de posse ou não' por outras, dependendo do lugar em que moram.

No caso de uma cidade planejada como Brasília, essa realidade não parece ter sido 'natural' como Osório indicou, mas definida tal como a cidade. Basta pensar que ao se construírem prédios diferenciados para atender a uma determinada classe social, o que se fez foi classificar as moradias e, conseqüentemente, as pessoas que viessem ocupá-las.

Então, as classes sociais em Brasília foram determinadas desde o projeto da cidade e, segundo essa tese, ocorreu a elitização do Plano Piloto, uma vez que nem todos tinham condições financeiras nem sociais para 'escolher' o local de moradia.

A distância do centro do Poder determina a classe social do morador, e as quadras 400 foram construídas de forma diferenciada e mais econômica: os prédios não apresentavam pilotis, possuíam somente três andares (não havia, portanto, necessidade de elevadores) e o

---

143 Idem. Op. Cit., em 07/04/2011.

distanciamento entre os prédios era menor.

Havia e, possivelmente ainda haja, pequenas 'ilhas habitacionais' dentro das Asas Sul e Norte. Essas ilhas foram formadas porque as construtoras da cidade entregavam quadras com destinações próprias. Então, havia quadras de funcionários do Banco do Brasil, de militares, de jornalistas; enfim, dependendo de quem ocupava as quadras também havia diferenciações sociais. Acredita-se que, ao longo do tempo, essa realidade modificou-se porque os moradores compraram e venderam seus apartamentos, mas não se tem comprovação de como ocorreram essas alterações.

Nesse sentido, as pessoas procuravam ocupar os espaços que eles podiam pagar e viver melhor, além de que se sentiam à vontade com a vizinhança. Não é difícil entender que um motorista tivesse dificuldades em morar numa mesma prumada, no Plano Piloto, em que morava um deputado, por exemplo.

Apesar dessa segregação espacial, muitos não tiveram moradia no Plano porque eram considerados abaixo da classe menor estabelecida pelo projeto e pelo espaço da cidade e, quem ficou sem esse espaço foram os operários. No caso destes, quando o governo iniciou a construção das cidades satélites, eles não tiveram outra alternativa a não ser abandonar a região do Plano Piloto e formarem um outro segmento social com o pouco que receberam do governo.

Essas pessoas 'não desejadas por perto do poder' receberam lotes, um pedaço de terra planada no meio do nada e sem infraestrutura e foram removidos com os bens móveis que possuíam e os restos dos barracos desmontados. Dessa forma, foram feitas, pelo governo, algumas remoções de invasões constituídas nas proximidades do Plano Piloto e, a custo de trabalhos comunitários e muito esforço, as pessoas iam reconstruindo suas moradias e suas vidas.

O problema maior que se vê, nessa segregação, não é somente a questão da distância dessas cidades em relação ao Plano, onde as pessoas trabalhavam, mas as condições sub-humanas em que a transferência dos moradores foi feita.

Gougon, pioneiro, jornalista, presenciou a criação da Ceilândia e relatou as condições em que isso ocorreu:

“... como jornalista eu acompanhei a indignação do Presidente Médici que passava em seu trajeto cotidiano por duas favelas, o IAPI e o Morro do Urubu. Ele chamou o governador da época e mandou tirar as pessoas dali e foi aí que fizeram a Ceilândia que era CEI (Companhia de Erradicação das Invasões) e levaram todos para um

lugar que você nunca deve ter visto. Eu fui até esse lugar, a terraplanagem onde seria a Ceilândia e era um lugar enorme, aberto. Aquela terraplanagem, o vento que a gente não enxergava nada, só poeira. O governador trouxe um sociólogo para avaliar o projeto da cidade. Esse veio e depois deu uma declaração para a imprensa dizendo que aquilo era um erro, que os favelados deveriam ficar onde eles estavam mesmo porque os serviços e os trabalhos estavam próximos e na Ceilândia não havia nada.”<sup>144</sup>

Essa foi apenas uma das cidades-satélites que foi relatada pelo pioneiro, mas não se acredita que as outras, criadas com o mesmo objetivo, tenham sido muito diferentes. Tudo era feito para o bem-estar da elite, e por isso o melhor seria que afastassem os pobres, o feio, o sujo: tudo que não representasse a beleza. Em torno do Poder, a paisagem deveria ser perfeita, as construções bonitas e impecáveis. Distante do Poder, em todos os sentidos, o povo estava sujeito a viver com o mínimo que lhe era oferecido. E o pior era que isso não representava problema para as pessoas que recebiam um espaço para morar. Elas se demonstravam satisfeitas. Todas vinham de uma realidade muito dura e estavam acostumadas com muito pouco e para quem não tem nada, qualquer coisa está bem.

Essa constatação é penosa, mas é verdadeira. Esses favelados receberam um pedaço de terra, no meio de muita poeira e mais nada. Tiveram que lutar e contar uns com os outros para iniciarem suas vidas mesmo distantes da 'civilização', digamos assim.

Alcides Kronenberg, pioneiro transferido para a Imprensa Nacional, tratou com mais detalhes a respeito da organização social que ocorreu em Brasília em torno de 1960:

“O projeto de Lucio Costa não previa uma classe social separada, mas todos unidos. Deveriam morar no mesmo prédio um Ministro, o motorista e alguém da Imprensa, por exemplo. Não funcionou porque conforme as pessoas conheciam Brasília por meio de alguém da família ou de um amigo, quando eles saíam do Rio de Janeiro, eles já sabiam o que iam pedir. Chegavam com uma expectativa de morar numa quadra perto da escola, mais próximo da Esplanada. Então essas quadras eram as preferidas, as últimas da Asa Sul não eram escolhidas. (...) Eu me lembro, quando começaram a formar o Guará. O projeto estava lá na gráfica, o Senador Petrônio Portela fez a inauguração de uma quadra, parece que era a 13. Eram casas que o Senado adquiriu para os funcionários. Muitos funcionários, que saíam das quadras do Plano, também iam para uma casa no Guará, outros para Taguatinga ou para Sobradinho. Eu acho que as pessoas que tinham menos status sentiam-se incomodadas ao morar no Plano, numa mesma quadra que um Ministro. Eles vendiam seus apartamentos e compravam uma casa no Guará, por exemplo, mais barata e compravam ainda um carro. Então, o plano igualitário de Lucio Costa não funcionou em Brasília.”<sup>145</sup>

Enquanto isso, havia outras pessoas que pertenciam a uma outra realidade, a outro

144 Idem. Op. Cit., em 29/06/2010.

145 Idem. Op. Cit., em 13/10/2010.



'status'. Essas podiam escolher o local em que iriam morar. A partir dessa ideia, as pessoas eram reconhecidas e avaliadas de acordo com o local em que moravam. Bastaria saber o local da moradia de alguém para se entender o poder econômico, a cultura e, às vezes, a profissão dessa pessoa.

E o que se percebe é que nada foi construído para unificar a sociedade brasileira, nem mesmo no papel conforme se costuma falar. Diante disso, o que se constata é que Brasília surgiu diferente e com tratamento diversificado para as pessoas que a procuravam.

No relatório do Plano Piloto, Lucio Costa tratou, de forma clara, a respeito da gradação social a ser estabelecida na capital. Assim, o item 17 desse relatório elucida:

“A gradação social poderá ser dosada facilmente atribuindo-se maior valor a determinadas quadras como, por exemplo, às quadras singelas contíguas ao setor de embaixadas, setor que se estende de ambos os lados do eixo principal paralelamente ao eixo rodoviário, (...) No outro lado do eixo rodoviário residencial, as quadras contíguas à rodovia serão naturalmente mais valorizadas que as quadras internas, o que permitirá as gradações próprias do regime vigente: contudo, o agrupamento delas, de quatro em quatro, propicia num certo grau a coexistência social, evitando-se uma indevida e indesejável estratificação. E seja como for, as diferenças de padrão de uma quadra a outra serão neutralizadas pelo próprio agenciamento urbanístico proposto, e não serão de natureza a afetar o conforto social a que todos têm direito. (..) Neste sentido deve-se impedir a enquistação de favelas tanto na periferia urbana quanto na rural.<sup>146</sup>

Percebe-se, na explicação de Lucio Costa, que ele pensou na 'gradação social' que segundo ele seria 'dosada facilmente', e os projetos diferenciados das quadras residenciais, devem-se a essa ideia. Está clara a manipulação psicológica e social que se pretendia em Brasília desde o projeto. O espaço residencial exterior, ao lado do eixo rodoviário, seria o mais valorizado e, portanto, ocupado por uma classe social mais elevada. Enquanto que o espaço residencial interior, as quadras internas, seriam menos valorizadas e, conseqüentemente, ocupadas por uma classe menos elitizada, média.

Essa questão de espaço interior e exterior foi desenvolvida por Freud e não será analisada com maiores detalhes nesta tese, devido à amplitude do conteúdo. O que importa entender, por hora, é que a arquitetura, no projeto de Brasília, privilegiou a uma elite e àqueles que pertenciam à classe dita média, e excluiu os pobres. Estes não tiveram e não têm lugar no projeto e na cidade. As favelas, lugar destinado a quem não tem quase nada, não eram previstas em torno da cidade e cabia à NOVACAP um destino para as pessoas que não tinham lugar adequado para moradia. Assim, surgiram as cidades-satélites e por isso seus moradores

---

146 Relatório Vencedor, in A. Buchmann. Op. Cit. p. 69.

ficaram marginalizados. Eles eram a 'sobra' do que não cabia no Plano Piloto, mas por outro lado, eram os trabalhadores que garantiam a 'vida' da cidade.

Esse não é o conceito inicial atribuído à casa-grande e senzala? Parece que se adapta, perfeitamente, à ideia exposta e executada em Brasília. Então, compreende-se que os pioneiros afirmaram que Brasília é a casa-grande e as cidades-satélites e tudo o mais, que rodeia a capital são as senzalas. A cidade não se formou diferente do esperado, uma vez que essa mesma ideia já havia sido difundida pelo arquiteto criador em seu relatório do projeto.

Sempre houve uma diferença entre morar no Plano Piloto e morar nas cidades-satélites. Claro que isso era mais perceptível na primeira década de Brasília. Com o passar dos anos as cidades-satélites ganharam uma certa autonomia. Mas ainda hoje há intolerância com esses moradores por razões diversas.

Enfim, a cidade não se consolidou como uma base nova e dinâmica para receber as pessoas das várias regiões do Brasil, ou seja, não serviu para a articulação do vários Brasis, conforme sugeriu Freyre e, muito menos, de um centro para discussão dos problemas do país.

#### 4 AS ESCALAS DE BRASÍLIA

“Brasília foi concebida precisamente para o homem e isto em função de três escalas diferentes porque a chamada escala humana é coisa relativa.”<sup>147</sup>

Com o objetivo de que se entenda melhor as escalas que formam o projeto da capital, Lucio Costa explicou que os monumentos da nova capital seriam as representações de espaços arquitetônicos maiores, em que o homem assumiria o caráter coletivo, como a Praça dos Três Poderes. Enfim, espaços produzidos para agrupamento de pessoas com determinado fim. Dessa forma, LC explica sua criação como concepção para o homem. Se para o criador da cidade o homem, o habitante do espaço, era importante, para o presidente, JK, a chegada dos operários era fundamental para que ele pudesse atingir sua meta principal de governo, estabelecida em sua campanha eleitoral.

O fato ocorrera no famoso comício realizado em Jataí-GO, quando JK prometeu ao povo cumprir as leis estabelecidas na Constituição Federal do Brasil: ressurgia a secular questão da construção da nova capital. Naquele momento, apesar de o candidato à presidência já possuir um programa de metas traçado, criou uma outra, ao que ele chamou de 'meta síntese', que representava exatamente a construção de Brasília, sugerida há tantos anos, conforme declarou:

“Acabo de prometer que cumprirei, na íntegra, a Constituição e não vejo razão por que esse dispositivo seja ignorado. Se for eleito, construirei a nova Capital e farei a mudança da sede do Governo.”<sup>148</sup>

Considerando a resposta de JK sobre a nova capital, fica clara, não somente a promessa da construção, mas também, a mudança da Capital no período de seu governo. A meta síntese, então, era aquela que englobava não somente todas as outras metas (conforme sabemos eram 30 metas de governo), mas a que entregaria a nova capital construída e, em pleno funcionamento, no período de seu governo.

---

147 Esclarecimentos de Lucio Costa sobre o Plano piloto, In BUCHMANN, Armando J. *Arquiteto Lucio Costa o inventor da cidade de Brasília*, p.123.

148 KUBITSCHKEK, Juscelino. *Por que construí Brasília*, p. 06.

Diante desse compromisso do presidente, os brasileiros acreditaram que Brasília, há tanto prometida, seria uma proposta de ressurreição do país a partir da nova capital. Outro símbolo, que também surgiu e foi compreendido de imediato pelos brasileiros, foi a necessidade urgente, que existia, de todos ajudarem este novo Brasil.

Para se construir uma capital em tempo recorde, como prometera JK, era imprescindível a comoção e locomoção de brasileiros de vários cantos do país. Ele utilizou-se dos meios de comunicação disponíveis para chamar o povo e conscientizá-los da importância da construção e da integração da capital do país com o restante do Brasil.

Um dos instrumentos de comunicação mais poderosos do governo era a Rádio Nacional. O rádio, veículo de comunicação em massa, exercia forte domínio popular na década de 1940. Nessa época, a Rádio Nacional foi modernizada e estatizada pelo Estado Novo de Getúlio Vargas. A partir daí, a rádio tornou-se oficial do governo brasileiro. A Rádio Nacional AM de Brasília, empresa tradicional, popular e jornalística, integrou o Brasil desde 1958, pela informação, pela música e utilidade pública durante a construção da capital.

Dessa mesma forma, desde 1957, havia muitos jornais e revistas circulando em Brasília mesmo que fossem editados em outras capitais. Podem-se citar: a Revista Brasília (1957), Hora de Brasília (1957), A Tribuna de Brasília (1958), O Candango (1959), Correio Braziliense (1960), Gazeta de Brasília (1960), dentre outros vários.

A imprensa brasileira estava dividida entre os que privilegiavam Brasília e os que eram contrários à capital. O governo se defendia nos jornais e revistas de sua propriedade ou que acreditavam na ideia. Foram muitas as tentativas de impedir que a cidade fosse inaugurada em 21 de abril de 1960. Acusavam Brasília de ser a responsável pelo aumento da inflação e diziam que o dinheiro gasto com a construção da cidade poderia ser usado no Rio de Janeiro. Não haveria, portanto, a necessidade de construir uma nova capital, mas de investir naquela que já existia.

Entre os jornais que defendiam essa ideia estavam: O Correio da Manhã, O Diário de notícias, O Globo. Havia dois grupos formados, e isso funcionava como instituições à favor e contra JK. Ser contra o governo significava ser contra Brasília. Esta é uma oportunidade para se discutir as questões que envolveram a construção da nova capital e que ainda necessitam de esclarecimentos.

O fato de JK prometer, construir e inaugurar uma capital em tão pouco tempo pode apontar para uma cultura política predominante na época: muitas promessas e poucas

realizações. As obras, por ventura iniciadas e não terminadas, eram ignoradas ou desfeitas, na maioria das vezes, pelo próximo governo.

Dessa forma, a população não conseguia ver suas necessidades concretizadas e se reverterem em benefícios para a sociedade. Os políticos eram claros em seus interesses de vencer as eleições, mas esqueciam-se, tão logo isso acontecia, dos compromissos assumidos com a população que os elegera. Essa prática continua a mesma. Entretanto, observa-se, atualmente, que, de uma forma geral, a população está mais crítica e exigindo mais dos governantes.

#### 4.1 Os pioneiros

Juscelino Kubitschek descreveu a chegada de operários para o início das obras de Brasília:

“O imenso espaço vazio do Planalto já não se mostrava tão deserto como antes. Operários chegavam de todas as regiões do país em busca de trabalho. Eram os candangos, que derivavam do Nordeste, do interior de Goiás e dos municípios das fronteiras de Minas e de Mato Grosso, a fim de “dar uma mão” na obra de desbravamento do Planalto. Surgiam sem bagagem, apenas com a roupa do corpo. Acertavam as condições com os mestres de obra e, depois de alojados num barracão de madeira, faziam sua aparição nas frentes de trabalho.”<sup>149</sup>

Nas palavras de JK, pode-se visualizar a imensidão da obra iniciada e a enorme busca por trabalho. É patente a necessidade dos candangos que JK cita porque eles 'não tinham bagagem' e, logo após a chegada, iam para as frentes de trabalho. A 'bagagem' pode assumir, na citação, alguns sentidos: o primeiro e mais comum seriam os pertences que cada um trazia consigo. Entretanto, pode-se compreender um sentido figurado, aquele que não traz nada, ou muito pouco, no intelecto; ou mesmo vir sem a família, descompromissado, que nos parece uma referência muito provável. Nesse caso, essas pessoas seriam ideais para o serviço porque além de ocupar um espaço menor como moradia, teriam todo o tempo disponível para o trabalho.

Além disso, percebe-se nessa expressão, que as pessoas chegavam sem preconceito e sem prevenção; vinham de 'peito aberto', como se costuma dizer, com boa vontade para colaborar com aquilo que eles acreditavam ser importante: a construção da nova capital.

---

149 Idem. Op. Cit., p. 77.

A expressão “dar uma mão”, usada por JK, não parece adequada porque ela traz consigo o sentido imediato de ajuda rápida, como se fosse uma colaboração num feriado a um amigo, por exemplo. Não foi o que ocorreu. Sabe-se que os operários eram encorajados a alcançar recordes de horas de trabalho para que a cidade estivesse pronta no prazo determinado para a inauguração. Para entender melhor como viviam os pioneiros nos primórdios da capital, analisaremos as tabelas:

**TABELA IV** – Amostra de pioneiros que chegaram a Brasília durante a construção, motivos que os trouxeram e com quem vieram. Ilustração da primeira ocupação profissional e das condições de trabalho e moradia a que eram submetidos os pioneiros.

NOME	CHEGADA	POR QUE /COM QUEM VEIO	1ª OCUPAÇÃO PROFISSIONAL	CONDIÇÕES TRAB./MORADIA
Nonato Silva	1956	a trabalho, vim só	funcionário público	difíceis
Antônio C. Osório	1957	conhecer a capital, vim só	advogado	difíceis
Adirson Vasconcelos	1957	a trabalho, vim só	jornalista	boas
Frank Svensson	1958	conhecer o trabalho de Niemeyer, com amigos	analisar as obras de BSB- estudante	boas
José Franklin	1958	a trabalho, vim só	administrador /COENGE	boas
Judson Seraine	1958	ganhar a vida, vim com a família	Caminhoneiro	difíceis
Fernando Lopes	1959	trabalhar na Rádio Nacional, vim só.	cantor e animador cultural	trab. bom, moradia difícil
Mª de Lourdes Seraine	1959	À procura de vida melhor, vim com a família.	costureira	difíceis
Jaime Almeida	1959	com os pais, sobreviver e criar os filhos	escritório de arquitetura	boas
Neusa França	1959	motivada por Nunes Leal, vim com a família	prof. No CASEB	trab. bom, moradia difícil
Ocrécio Lacerda	1959	em busca de melhoria, vim sozinho	contador, NOVACAP	boas
Raimundo F. Da Cunha	1959	à procura de vida melhor, sozinho.	Armador na Construtora Ideal	difíceis
Roosevelt	1959	procurar emprego, vim sozinho	bancário	difíceis

Na Tabela IV, constam 13 pioneiros entrevistados, da época inicial da construção da cidade, 1956/59, que estavam à procura de alguma melhoria profissional e econômica. Eles relataram suas chegadas da seguinte forma:

- Disseram que estavam à procura de melhores condições ou de um trabalho – 06
- Estavam a trabalho – 03
- Veio para conhecer a futura capital – 01
- Chegou com o objetivo de conhecer e analisar o trabalho de Niemeyer – 01
- Era criança e acompanhava os pais – 01
- Recebeu motivação de amigos e veio junto com eles – 01

Vejamos os depoimentos daqueles que buscavam melhores condições de vida, ou um trabalho que os mantivessem na nova capital:

“Vim para ganhar a vida. Em Goiânia, eu trabalhava com o tio de um deputado e logo que eu casei com D. Helena, ele me falou que tinha um negócio para mim. Ele me ofereceu um caminhão para eu vir para BSB e disse que se eu não desse conta depois devolveria o caminhão.”<sup>150</sup>

“Vim em busca de melhoria. Na minha cidade eu não via nada, naquela época era muito comum a família ouvir a 'Hora do Brasil'. Quando dava a hora, não se fazia nada, era o rádio ligado e a 'Hora do Brasil' e ela tinha um tempo dedicado à BSB. Falava-se só sobre a cidade e se convocava os trabalhadores pra virem pra BSB.”<sup>151</sup>

“Vim para ser contratado pela Rádio Nacional, como cantor, submeti-me a um teste com o maestro russo, Isaac Kolmo, que trabalhava na Rádio Nacional do Rio e estava aqui para dirigir a parte musical da rádio de Brasília, fiz o teste com ele e fui cantar, em 21/03/1959.”<sup>152</sup>

“Vim à procura de vida melhor. Eu era costureira e o incentivo, as notícias, os comentários de BSB, eu tive uma vida de pobreza e tinha uma sonho, enquanto adolescente: eu queria tirar meu pai da roça, onde a vida era muito dura.”<sup>153</sup>

---

150 Judson Seraine, entrevistado em 23/08/2011.

151 Ocrécio Lacerda, entrevistado em 23/09/2011.

152 Fernando Lopes, entrevistado em 29/09/2010.

153 Maria de Lourdes, entrevistada em 23/08/2011.

“... não vim com emprego, nem nada pensado.”<sup>154</sup>

Diante desses discursos, não se pode negar que vir para Brasília foi um sonho bom para muitos e que a chegada era associada à ideia de uma vida melhor.

Havia uma ideia utópica, em torno da construção da nova capital, de que seria possível obter um espaço urbano democrático e igualitário. Essa foi a ideia desenvolvida em torno da cidade, principalmente por JK em seus discursos na Rádio Nacional e, diretamente, com todos os envolvidos com a obra em suas constantes visitas de trabalho.

Nas palavras de Brasilmar Ferreira Nunes, a cidade representava a fantasia utópica da moradia perfeita:

“Uma cidade com duas faces é o que se começa a perceber desde os seus primórdios, um retrato quase perfeito de uma hierarquia urbana, aqui levada às raias do extremismo. Uma cidade a sintetizar uma nova sociedade, utópica, igualitária, democrática, e com as cores da tradicional nova sociedade brasileira, pincelada por tintas arquitetônicas modernistas; um moderno que aqui deixa de ser só um estilo para também ser uma causa.”<sup>155</sup>

Acreditando nesse imaginário em que tudo está organizado de uma forma superior, as pessoas trabalhavam quase sem restrições, e confiavam que suas vidas sofreriam transformações, que o resultado de sua obra iria modificar o Brasil e, principalmente, os futuro de seus descendentes.

Essa ideia foi comprovada, recentemente, quando encontraram escritos de pioneiros da época da construção, conforme relatos anteriores.

É preciso considerar, também, que os pioneiros que aqui estavam, à medida que se abasteciam de confiança num futuro melhor para si, atraíam outros, das próprias famílias ou conhecidos. Essa atitude é própria de uma população empolgada com determinadas situações e, assim, o trânsito migratório adensava. Em 1959, de acordo com o censo divulgado pelo IBGE, a população da futura capital era de 64.314 pessoas.

Diante desse fato, há de se considerar que o governo falava ao povo e muitos o atendiam. JK exercia um fascínio verbal sobre os brasileiros ao tratar das ideias relacionadas à nova capital. Nota-se que os seis pioneiros citados não estavam à procura somente de um emprego, mas de uma solução para as dificuldades que enfrentavam em suas cidades de origem, e a construção de Brasília significava uma oferta de trabalho e de um amanhã melhor

---

154 Roosevelt Beltrão, entrevistado em 22/04/2010.

155 NUNES, F. Brasilmar. *Brasília: a fantasia corporificada*, p. 76.



para toda sua família já constituída, ou que se formaria.

Há de se entender que nem todos, que chegavam, sofriam com esses problemas, porque também, conforme foi mencionado por Adirson Vasconcelos, havia um tratamento diferenciado entre os pioneiros. As pessoas mais humildes, aquelas que trabalhavam em turnos diários de mais de 12 horas, certamente, seriam as que menos privilégios recebiam e nem sempre se davam conta disso. Essas pessoas têm uma capacidade muito grande de acreditar em propostas políticas e não percebem, muitas vezes, que estão sendo enganadas. Qualquer ajuda, por menor que seja, é capaz de satisfazê-las e criar um enorme vínculo de cumplicidade com o governo.

Pessoas com visão de mundo menor, com hábitos simples e necessidades urgentes atenderam, de imediato, ao chamado do presidente. Essa reflexão não quer dizer que as pessoas fossem menos importantes, pelo contrário, elas eram de grande importância, à medida que acreditavam no valor de Brasília para o Brasil. Eram indivíduos que tinham uma percepção instintiva sobre a edificação da nova capital, entendiam o valor que Brasília assumia para o mundo e seus próprios méritos em participar dessa empreitada.

De uma forma ou de outra, todos, que migravam para Brasília na fase inicial, estavam sob influências do Poder. É obvio que o Poder atua mais forte quanto menos resistência encontra e, nesse caso, os menos resistentes eram os mais simples, aqueles que lidavam com a parte pesada da obra. Os que não eram pagos para pensar, mas para trabalhar.

Conforme disse Ocrécio Lacerda, o programa de rádio mais ouvido naquela época era a Voz do Brasil. As famílias silenciavam diante do aparelho e absorviam muitas notícias sobre o Brasil. Havia um horário dedicado a informações sobre a construção de Brasília e, assim, muitas pessoas, na sua maioria homens, saíam de suas cidades e vinham ao encontro do chamado do Poder que exigia a presença dos subalternos, dos necessitados, daqueles que não tinham recursos e trabalhavam por gosto, mais que por recompensa.

O destaque do período em que JK esteve à frente do poder foi a chamada política desenvolvimentista, ou seja, simulavam um compromisso com o crescimento do Brasil. Seriam “cinquenta anos em cinco”, conforme *slogan* da campanha eleitoral do presidente. Além dos recursos públicos, o presidente incentivava, também, o investimento privado para dar fôlego ao crescimento econômico do país.

JK declarou, após seu governo, que seu plano de campanha teria sido concretizado totalmente:

“Tudo isso, assim anunciado sucintamente, poderia ser considerado um sonho irrealizável. No entanto, o *slogan* da minha campanha de candidato – 50 anos em 5 – foi concretizado integralmente. É nítida a linha divisória que separa duas fases antagônicas da nossa História. Há um Brasil de antes de 1956, afundado no marasmo econômico, descrente de si mesmo, e outro Brasil, confiante nas próprias energias, otimista, cioso da sua soberania e consciente do relevante papel que lhe compete representar no concerto das grandes nações.”<sup>156</sup>

Os dizeres de JK remetem, de imediato, à constatação de que 5 anos de governo pode ser pouco tempo para o desenvolvimento prometido. Entretanto, há várias possibilidades para que isso venha a ocorrer e, entre elas, está o comprometimento do povo com o governo. E, ao que parece, pelo menos na construção de Brasília, o povo se comprometeu com a obra e com a data marcada para a inauguração, parece ter ocorrido um 'pacto' entre o povo e a ousadia de um presidente.

Aldo Paviani apresenta alguns dados concretos sobre a migração precursora em Brasília:

“O afluxo populacional foi de tal porte que, a partir dos trabalhadores pioneiros (cerca de 500, em fins de 1956), a população passou de 12.700, em 1957, para 64.314, em 1959, e para 127.000, quando da inauguração da cidade, em 1960 (FIBGE, 1957, 1959, 1969.) A raiz dos movimentos migratórios esteve presa à decisão de transferir a Capital Federal do Rio de Janeiro para o Planalto Central.”<sup>157</sup>

A certificação de Paviani sobre o movimento migratório ocorrido em Brasília vem ao encontro dos discursos destacados pelos pioneiros e reforça a ideia de que as pessoas vinham à procura de uma vida melhor, acreditando nas promessas de governo, em sonhos ou naquilo que ouviam falar sobre a capital.

A Tabela IV mostra também que três pioneiros vieram a trabalho no início das obras da cidade. Nonato Silva chegou antes do início das obras em 1956, Adirson Vasconcelos chegou em 1957 e José Franklin veio em seguida, 1958. Todos demonstraram-se entusiasmados com suas lembranças, mesmo depois de tanto tempo e os três vieram para a nova capital sozinhos inicialmente.

Esses pioneiros foram designados, pelo trabalho e por vontade deles, para atuar em na futura capital. Nonato e Adirson eram jornalistas e vieram a título de informar a sociedade brasileira sobre os primeiros movimentos para a construção da nova capital. As notícias, claro, eram as melhores e mais entusiastas possíveis.

156 KUBITSCHKEK, Juscelino. *Por que construí Brasília*, p. 13.

157 PAVIANI, Aldo. *Brasília ideologia e realidade: espaço urbano em questão*, p.87.

José Franklin era administrador de uma firma de pavimentação asfáltica (COENGE) e Brasília era um campo farto de trabalho porque muitas estradas e rodovias surgiam e outras despontariam para promover as ligações entre a cidade e o país.

A diferença entre esses migrantes e aqueles que procuravam melhores condições é que, não por acaso, uns aventuravam-se mais que os outros. Aqueles que vinham sem emprego estavam à mercê da pouca ou nenhuma estrutura que a cidade oferecia e das necessidades de mão de obra que houvesse no momento.

Esse aspecto torna o grupo de migrantes que buscava melhores condições mais vulnerável uma vez que eles, além de se adaptarem ao meio ainda precisavam lutar por seus objetivos. Muitos deles não estavam aptos a ocupar as vagas oferecidas pelas construtoras, mas obrigavam-se a aprender o ofício rapidamente.

Os outros quatro pioneiros constantes da Tabela IV, vieram por motivos diversos e tiveram melhores condições de sobrevivência:

Antônio Carlos Osório estava, há muito, preparando-se para conhecer a nova capital:

“Vim para Brasília em 1957 – já tinha o Núcleo Bandeirante, a rodoviária, o Palácio da Alvorada. Estavam começando a construir os ministérios e não tinha mais nada. (...) Brasília era uma aventura fantástica, foi uma ousadia do Presidente Juscelino que deu certo. Eu, desde menino, tinha entusiasmo pela ideia da nova capital, que ela viesse para o Centro-Oeste.”

Frank Svensson, estudante de arquitetura, tinha vontade de conhecer a obra de Oscar Niemeyer e por isso veio para Brasília. Entre 1940 e 1944, Niemeyer já havia projetado, por encomenda do então prefeito de Belo Horizonte, Juscelino Kubitschek, o conjunto arquitetônico da Pampulha, que se configura um marco de sua obra e já era, portanto, reconhecido por seu trabalho. Para Frank era importante ver de perto os trabalhos em Brasília:

“Eu vim para Brasília em 1958, aos 24 anos de idade, com um grupo de estudantes irmanados nas andanças e atividades. (...) Com isso passamos as férias, uns 40 dias, conhecendo os prédios de Oscar que estavam em andamento e esse foi meu contato com Brasília e a arquitetura de Oscar.”

No depoimento de Jaime Almeida, observa-se que ele chegou ainda criança, na companhia dos pais, que estavam à procura de um futuro para a família.

“Eu migrei para Brasília em janeiro de 1959, antes da inauguração. Quando eu cheguei a cidade estava totalmente em construção. Estavam em obras a rodoviária, os ministérios e o Congresso Nacional. Estavam prontos o Palácio da Alvorada e o Palace Hotel, mas a cidade era um grande canteiro de obras. Eu tinha onze anos de idade e vim com a família. Meu pai resolveu deixar o nordeste e vir para Brasília para se aventurar, ganhar dinheiro, sobreviver e criar os filhos. Éramos 10 filhos.”

O pioneiro chegou a Brasília em 1959 e, diferente dos outros pioneiros, não escolheu vir para Brasília, mas teve que acompanhar a família. No entanto ele poderia ter escolhido afastar-se da cidade quando atingisse a maioridade, mas não o fez, pelo contrário, nela estudou, profissionalizou-se e nela trabalha ainda hoje.

Neusa França veio para Brasília porque foi motivada por amigos:

“Final de 1959. Eu e meu marido éramos muito amigos do casal Nunes Leal. Ele veio trabalhar com o Presidente e convidou meu marido, que era Procurador, para assessorá-lo. Eu era professora de música juntamente com a esposa do Vitor, Julemar. Fui muito incentivada por eles para vir.”

Dentre esses 13 percursos constantes da Tabela IV, nota-se que 9 deles chegaram sem suas famílias. Isso pode ter ocorrido porque alguns vieram tentar uma nova vida e se fosse vantajoso para todos, buscariam a família mais tarde. Ou, ainda, a precariedade do espaço, no sentido de que o governo oferecia pouco para os trabalhadores, fazia com que a mãe da família não aceitasse a mudança com os filhos em idade escolar pois necessitava de melhores condições.

Alguns rapazes eram solteiros e se diziam prontos para aventurar-se na capital. Os outros 4 restantes chegaram com suas famílias. Eram casados e tinham filhos, ou acompanhava os pais, como Jaime Almeida. Pode-se entender que os pioneiros imaginavam as possíveis dificuldades que podiam enfrentar, estando diante de uma cidade totalmente nova e despreparada para receber famílias. Por esse motivo, eles vinham sozinhos, inicialmente, e assim permaneciam até que se estabelecessem na cidade. Esses jovens vinham com muita coragem, munidos de vontade de vencer e foram eles principalmente que povoaram Brasília.

Em sua prosa poética, Clemente Luz descreve Brasília e a chegada dos candangos, na visão de quem assistiu a tudo desde 1958:

“Brasília tem manhãs, tem luas, tem tardes magníficas, mas a sua divisão, no tempo, não é feita pela sucessão noite/dia. A divisão, aqui, é feita pelos turnos de trabalho, pelo chamado das sirenas, pelo roncar compassado dos geradores. (...) É assim que eles chegam. Vieram de seus pagos, de seu agreste, de suas montanhas de Minas, de seu rio da infância. Vieram tangidos pela necessidade, campeados, muitas vezes, pela fome, atraídos pela fábula de Brasília. Chegaram de qualquer jeito, sem alojamento, sem destino certo, mas com a esperança de uma ficha de trabalho, numa companhia qualquer.”<sup>158</sup>

A adesão à obra é visceral, Brasília mostrava-se forte no interior de cada trabalhador, de cada um que testemunhava o aparecimento e o crescimento da cidade e se sentia parte dela. Por isso, muitas vezes deixavam suas famílias para trás.

**TABELA V** – Amostra de pioneiros que chegaram a Brasília em 1960, motivos que os trouxeram e com quem vieram. Ilustração da primeira ocupação profissional e das condições de trabalho e moradia a que eram submetidos os pioneiros.

NOME	POR QUE /COM QUEM VEIO	1ª OCUPAÇÃO PROFISSIONAL	CONDIÇÕES TRAB./MORADIA
Alcides Kronenberg	a trabalho , vim com família	funcionário público	boas
Anderson B. Horta	a trabalho, vim só	funcionário público	boas
Arlindo M. Raposo	assumir o concurso de prof., vim sozinho	professor	trabalho bom , moradia difícil
Clóvis Sena	iniciar uma vida nova, vim só	jornalista	boas
Geraldo Silva	iniciar nova profissão, sozinho	GEB	trabalho bom , moradia difícil
Cel. Heliodoro	vim acompanhando JK, com a família	chefe de gabinete de JK	muito boas
Maria Celi	vim acompanhando família, pai era dep. Federal	prof. Alfabetizadora	muito boas
Márcia de S. Almeida	Vim acompanhando o marido, dep. Federal	voluntária, prof. na Escola Parque	Trabalho bom , moradia difícil
Renée Simas	iniciar ensino em BSB, só	professora no CASEB	dífceis
Rubem Lima	assumir concurso, vim só	Imprensa Nacional	dífceis
Santiago Naud	assumir concurso público, com a família	prof. Do CASEB	dífceis

158 Idem. Op. Cit. p. 41 e 44.

Observa-se na Tabela V que, no ano da inauguração, a nova capital recebeu, principalmente, migrantes que estavam a trabalho, um total de 11 dos entrevistados. Eram 8 funcionários públicos transferidos, ou que iriam assumir concursos realizados para que Os Três Poderes da União pudessem iniciar suas funções na nova capital.

Não se pode esquecer que aos funcionários públicos transferidos diversas vantagens eram oferecidas. Quem falou sobre esse assunto foi o pioneiro Anderson B. Horta que veio transferido para Brasília pela Câmara dos Deputados:

“No começo, quem viesse para Brasília contaria os 2 primeiros anos em dobro para a aposentadoria, ganhava, também, salário em dobro (a dobradinha), naturalmente davam residência pra gente, um apartamento no Plano Piloto. Não havia muita opção, um bom apartamento, mediante uma módica taxa de ocupação.”<sup>159</sup>

Os benefícios concedidos eram entendidos como motivação oferecida pelo governo para que os funcionários exercessem suas profissões no Planalto Central. Entretanto, eles enfrentavam alguns problemas no momento ou logo após a mudança de estados. Entre os quesitos que impediam os servidores de seguirem suas funções na nova capital estavam: a família que não se sentia à vontade na cidade porque estava acostumada a outra realidade social no Rio de Janeiro; a distância das praias (algumas esposas entravam em depressão por esse motivo); os serviços em geral eram deficientes; a moda não chegava até o centro do país. Essas são algumas citações, dentre outras mordomias que a cidade ainda não possuía para receber pessoas que se julgavam muito importantes e que precisavam de uma série de confortos em seus cotidianos.

Seria pura demagogia dizer que todas essas pessoas vieram determinadas a ajudar o país porque acreditavam haver essa necessidade. É possível que houvesse pioneiros com esse sentimento, mas o que mostram alguns depoimentos é que eles exigiam muito para se fixarem na nova capital.

Em resumo, na concepção deles, havia muitos empecilhos e poucos atrativos para que a alta sociedade da antiga capital se deslocasse para o Planalto Central e nele se mantivesse.

Afinal, a burocracia do Rio de Janeiro estava sendo transferida para Brasília. De outro ângulo, pode-se ver um mundo urbano consolidado, e outro em fase de construção.

O que se deve considerar é se, realmente, seriam necessárias tantas vantagens para

---

159 Entrevista concedida à autora desta tese em 19/02/2010.

trabalhadores que já eram funcionários do governo e recebiam bons salários para prestarem serviços, mantendo-se em seus trabalhos. Outro ponto importante a ponderar, além das regalias recebidas, é por que uns pioneiros, aqueles que buscavam melhores condições de vida ou trabalho, enfrentaram tantas dificuldades e outros receberam tantos incentivos?

Brasilmar F. Nunes discorre sobre uma memória de símbolos que vão sendo repassados e acabam por formar uma nova sociedade.

“Muitos chegam só, mas muitos também chegam com famílias que irão reconstruir suas vidas e, assim fazendo, construir o lugar. É necessário assim considerar que são indivíduos já socializados em outros contextos em que símbolos e valores já se encontravam consolidados e, apesar de gozarem de uma extrema rigidez de reprodução – poderíamos dizer, repetição – sofrem permanentes estímulos que induzem a mudanças, apesar das resistências. O novo lugar pode permitir maior liberdade de inovação ou até mesmo o contrário, um apego ao que ficou para trás.”<sup>160</sup>

Nessa percepção, a cultura que os pioneiros implantaram em Brasília deverá ser representada por uma sociedade original, formada por indivíduos socialmente distintos, que ao se doarem à cidade, reconstruíram suas vidas.

A cidade foi construída a partir de símbolos, consolidados e migrados de outros lugares. Essa realidade poderá sofrer alterações, mas é fato que o indivíduo construirá a cidade a partir de sua vivência, adaptada ao novo espaço que ocupa.

Unida à ideia desenvolvimentista e à construção de Brasília, já em fase inicial, ocorreu a Copa do Mundo de 1958 na Suécia e, desta vez, o Brasil venceu. A taça mundial foi do Brasil pela primeira vez. Destacaram-se no time brasileiro os jogadores: Didi, Garrincha e, sobretudo, o jovem de 17 anos, Pelé.

Nesse cenário vitorioso, a Copa da Suécia foi a primeira a ser televisionada, o Brasil foi projetado como o melhor do mundo e houve, em consequência, favorecimento das transações econômicas. Foi um momento importante para a história do país e essencial para as transações econômicas necessárias para a construção de Brasília.

O Cel. Heliodoro, que trabalhou durante toda uma vida com o Presidente JK, exerceu cargos nos Ministérios, no Gabinete Civil e no DASP (Departamento Administrativo do Serviço Público), confirmou e explicou melhor sobre as vantagens que eram oferecidas ao funcionalismo público para que eles aceitassem a transferência para a nova capital que se distanciava do litoral e surgia no Planalto Central do país:

---

160 Op. Cit. p. 85.

“... viemos para cá, tivemos condições muito boas, não só de moradias, mas de tudo. Havia a dobradinha, isso foi uma coisa mais ou menos. Tirar o sujeito de Rio de Janeiro e trazer para cá, só com muito incentivo porque as pessoas deixam muitas coisas para trás, às vezes, deixavam a família. A dobradinha deveria ter sido cortada depois. Hoje, Brasília paga esses salários e todas as vantagens que têm os parlamentares, é absurdo. No início era preciso fazer alguma coisa; dar moradia e tal para as pessoas virem satisfeitas para cá porque era necessário que isso ocorresse.”<sup>161</sup>

O discurso do pioneiro assinala, talvez, a origem dos altos salários e de privilégios de alguns funcionários públicos no Brasil. Parece que a raiz de alguns problemas, na gestão pública, tiveram realmente início naquela época. Seria necessário um estudo mais aprofundado nesse aspecto para se comprovar essa afirmativa, mas fica a dúvida de que sejam imprescindíveis tantas vantagens, além do salário e da estabilidade do emprego, para que um servidor continuasse exercendo suas funções, apenas porque estavam lotados em um outro Estado da Federação.

Nesse sentido, a dobradinha poderia ser entendida como um ato corrupto, uma vez que não privilegiava a todos os trabalhadores brasileiros, nem mesmo a todos que vieram para Brasília. A maioria dos operários ligados à construção civil trabalhavam em jornada dupla para conquistarem um salário melhor e sentiam-se recompensados por isso.

Perante a lei trabalhista, a Constituição de 1946, que regia o país na época da construção da capital, uma pessoa não deveria exceder a duração de oito horas diárias de trabalho, exceto nos casos e condições previstos em lei. A jornada norma de trabalho somente poderia ser prorrogada em até duas horas, exceto nos casos de força maior ou necessidade imperiosa. Não aprofundaremos esse estudo, mas não se pode deixar de frisar que os trabalhadores em Brasília excediam, em muito a carga horária, estabelecida por lei, em busca de melhores salários. E o governo permitiu e incentivou essa praxe.

Assim, enquanto uns funcionários recebiam a 'dobradinha' para exercer a função para a qual tinham sido contratados pelo governo, outros dobravam a carga horária para conquistar um salário melhor. Por que essa diferença entre trabalhadores?

Enfim, a situação era nova. Não havia em Brasília, uma cidade recém construída, pessoas especializadas e suficientes para ocuparem os cargos públicos disponíveis. Entretanto, havia urgência e necessidade de que a cidade iniciasse sua função de Capital do país. Um fato, porém, não pode explicar e justificar o outro, porque seria a confirmação de corrupção dentro do governo.

---

161 Idem, em 05/03/2010.



O que se percebe é que o poder privilegia quem o ajuda a se manter. Assim, para que os funcionários aceitassem a transferência de estado e o sistema de governo pudesse se manter, foram criadas boas escolas, bons hospitais e a Universidade de Brasília. Incentivos à cultura foram implementados de forma geral na nova capital.

Além disso, a dobradinha era um excelente estímulo para os funcionários públicos. O que se questiona são as causas por que esses funcionários eram agraciados com moradias, salários dobrados se os outros não tiveram a mesma sorte.

O Governo tinha necessidade imediata de transferir funcionários para ocupar cargos importantes, como expressou JK, às vésperas da inauguração da cidade. A UDN (União Democrática Nacional), partido opositor ao PSD (Partido Social Democrático), ao qual pertencia o governo de JK, lutava para impedir a inauguração de Brasília na data prevista para comprovar, assim, o fracasso do presidente em exercício.

“Aliás, desde o início de 1960, recrudescera o movimento de resistência à mudança para Brasília. Os udenistas “trabalhavam” o funcionalismo do Congresso, no sentido de que se opusesse à transferência.”<sup>162</sup>

Sob o impacto da criação de Brasília, foram criados imaginários opostos: de um lado estavam os mudancistas, o partido do Presidente JK e todos aqueles que o apoiavam; de outro, a resistência à mudança, os antimudancistas. Os anos 1956-1960, desde que JK se propôs a efetivar a ideia da construção da nova capital e sua inauguração, foram tempos de mobilizações da opinião pública e dos políticos, de ambos os lados, que tinham como objetivo os resultados práticos desejados: canalizar energias e orientar esperanças, ou influenciar comportamentos e atividades individuais e coletivas da população em geral.

Michele dos Santos, em sua dissertação sobre a construção de Brasília, confirma essas ideias, explicando a existência antagonica desses mundos imaginários:

“Um e outro impregnaram os anos 1956-1960, fazendo com que sujeitos e grupos, pelas suas reivindicações, expectativas e interesses, ou, em outros termos, pelos modos que reagiram à transferência, pudessem moldar e expressar em artigos e crônicas jornalísticas esse antagonismo. Ambos, como um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, no primeiro caso, adeptos, no segundo, desfavoráveis ao projeto de JK, construíram para si, dando sentido a esse mundo, a essa conjuntura particular.”<sup>163</sup>

162 KUBITSCHKEK, Juscelino. *Por que Construí Brasília*, p. 349.

163 SANTOS, Michele dos. *A construção de Brasília nas tramas de imagens e memórias pela imprensa escrita (1956 – 1960)*, p. 50.

A sociedade brasiliense nasceu desse antagonismo político, cresceu e guardou consigo essas ideias de mudanças e de contenção delas. No período em pauta, dois migrantes chegaram com o intuito de iniciar uma nova vida.

Clóvis Sena veio do Rio de Janeiro, de carro, para participar da inauguração da cidade:

“Vim para a inauguração. Eu já estava interessado, mas não decidido a ficar. Queria participar da inauguração porque Brasília é diferente, foi construída para, a partir da inauguração, ser a Capital da República. Vim de carro do Rio porque eu queria estrear uma estrada novinha, de Belo Horizonte pra cá era cheiro de asfalto ... subi a rampa e fiquei naquele platô, dei uma olhada e estava vendo o céu em 360 graus, aquela intimidade com o céu, estava perto da gente, essa era a sensação e eu pensei 'é aqui'. Só faltava combinar com a noiva, ... casamos e ela desembarcou aqui já partidária de Brasília.<sup>164</sup>

Percebe-se que o pioneiro foi seduzido pela nova capital, principalmente, por três impressões despertadas em sua visita a Brasília: a inauguração em si, a liberdade e a questão da novidade. Essas percepções convergem para a ideia de liberdade, devido ao símbolo de bandeirante, aquele que abria novos caminhos, utilizado pelo Presidente Juscelino. A infinitude do horizonte que se podia observar em Brasília também era responsável pela liberdade que pairava no ar e no céu que acolhia a cidade.

É preciso ressaltar, neste momento, que a ideia de liberdade aqui não é o contrário de prisão, muito menos, o conjunto das ideias liberais ou dos direitos garantidos ao cidadão. Muito pelo contrário, os direitos não eram para os cidadãos em geral, mas para uma camada superior da sociedade. Sobre esse assunto há muitas bibliografias, mas basta ler os livros já citados, de Hermes Aquino e de Geraldo Joffily para que se entenda como viviam os prestadores de serviços na época da construção de Brasília.

O presidente fez questão de inaugurar a cidade em sua gestão, conforme mencionado. A data da inauguração foi marcada logo no início da obra em 1956. Houve um estranhamento geral em relação à data da inauguração porque todos entenderam o fato como audácia do presidente e se movimentaram contra, conforme trata James Holston:

“... quando o governo Kubitschek anunciou em 1956 sua decisão de transferir a capital para Brasília, e audaciosamente fixou a data de 21 de abril de 1960 para sua inauguração, encontrou oposição de todos os lados. Imprensa, lideranças parlamentares, políticos locais de todos os matizes, e mesmo os jornais populares escarneceram do projeto como pura insensatez”<sup>165</sup>

164 Entrevista concedida à autora desta tese em 05/05/2010.

165 HOLSTON, James. *Cidade modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia*, p. 27.

Na percepção de Holston faziam parte dessa oposição aqueles que não acreditavam que o governo pudesse construir uma cidade onde não havia nada, outros que duvidavam do tempo que o presidente estabelecera entre a construção e a inauguração (o período de governo de que ele dispunha), havia quem não acreditasse que o governo tivesse como arcar economicamente com a obra e, por fim, havia uma parte da população brasileira que acreditava que o Planalto Central fosse habitado por índios, portanto, seria um local inadequado para ocupar a sede do Governo Federal.

É interessante lembrar que a data da inauguração, preestabelecida, 21 de abril de 1960 (o mandato do presidente terminaria somente em 31 de janeiro de 1961) combina com o símbolo do Mártir da Independência do Brasil, Tiradentes. O herói da Inconfidência Mineira foi enforcado, nesse dia, em praça pública, em Ouro Preto-MG.

Então vamos a explicação desse fato, descrita por JK:

“A cidade crescia rapidamente. Contudo, a despeito da pressa com que as obras vinham sendo executadas, havia um ponto de interrogação, que não deixava de me preocupar: em que data seria inaugurada Brasília? Por ocasião de minha primeira viagem ao Planalto, no dia 2 de outubro de 1956, havia fixado um prazo para a construção – 3 anos e 10 meses ... Voltei então, à estratégia adotada para obter a aprovação, pelo Congresso, de decreto que havia autorizado o Executivo a providenciar a transferência da capital. O deputado udenista Emival Caiado apresentou um projeto de lei, estabelecendo que a inauguração da nova capital se daria no dia 21 de abril de 1960 – aniversário do martírio de Tiradentes.”<sup>166</sup>

De acordo com JK, a lei que determinou o dia da inauguração partiu da UDN, partido contrário ao governo, os antimudancistas e a data simbólica foi aceita porque acreditavam que o presidente não conseguiria cumprir com sua palavra e entregar a nova capital pronta no prazo determinado.

Assim, torna-se evidente que Brasília seria construída e inaugurada no governo JK, caso contrário, não só a figura do presidente estaria em jogo, como também, a transferência da capital. O símbolo foi reproduzido, as colocações citadas por Holston foram vencidas e Juscelino inaugurou a cidade na data marcada e, por esse feito, recebeu como homenagem o Museu Histórico de Brasília que fica em frente ao Palácio do Planalto. À entrada desse museu está, em alto relevo, a figura do rosto de Juscelino, trata-se da obra do escultor José Alves Pedroza, em pedra sabão, medindo 1,30m de altura e pesando 1,5 tonelada. Ao lado da imagem de Juscelino está inscrito o seguinte:

---

166 KUBTISCHEK, Juscelino. Op. Cit., p. 108.

“Ao Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, que desbravou o sertão e ergueu Brasília, com audácia, energia e confiança, a homenagem dos pioneiros que o ajudaram na realização da grande aventura.”

Essas palavras refletem o quanto as pessoas idolatram a imagem de Juscelino, que foi e ainda é considerado um mito e para muitas pessoas, representa a imagem de Tiradentes.

A homenagem, diz a mensagem, foi dos pioneiros e entre eles estão aqueles de que tratamos acima, os que não tinham alojamentos descentes para descansar, nem alimentação digna enquanto trabalhavam para atingir um sonho que, na verdade não era deles, mas dos governantes do Brasil.



**Figura 19:** Museu Histórico de Brasília

**Foto:** Rubens Craveiro.

**Fonte:** <http://mw2.google.com/mw-panoramio/photos/medium/44531733.jpg>, acessado em 12/11/2012.

Essas colocações são importantes para que se possa discutir melhor as ideias do pioneiro Clóvis Sena. Houve, assim, na inauguração, uma simbologia voltada para a questão do mito de liberdade que era forte e que exerceu influência naqueles que aqui chegaram.

Outro pioneiro, que chegou para iniciar uma nova vida em Brasília, foi Geraldo Silva que, de administrador de fazendas no Nordeste, chegou e assumiu o policiamento da cidade já na inauguração:

“Eu vim para iniciar uma nova profissão porque eu era 1º Ten da reserva do Exército e o comandante da região estava chamando voluntários para formar o corpo de oficiais da Guarda Especial de Brasília. ... Quando cheguei, fui para o Quartel da GEB que ficava perto da Cidade Livre. Meu alojamento era de madeira. O trabalho era bom, eu entrei logo em cena, policiando a inauguração de Brasília.<sup>167</sup>”

<sup>167</sup> Entrevista concedida à autora desta tese em 11/04/2011.

Foram colocados dois princípios de vidas diferentes: Clóvis iniciou uma vida conjugal e deu continuidade à profissão que exercia no Rio de Janeiro, e Geraldo Silva chegou com uma perspectiva de trabalho novo. Em ambos os casos, prevalecia a visão de um futuro diferente e próspero numa cidade recém construída e com perspectivas de crescimento e de formação de uma nova cultura.

Por fim, em 1960, Márcia Almeida e Maria Celi, mãe e filha, vieram acompanhando o Deputado Federal, na época, Manoel José de Almeida. Assistiram à inauguração e descreveram a educação como o foco principal da cidade.

Márcia falou sobre sua chegada:

“Vim acompanhando meu marido. Eu era professora do estado em Minas. Em Brasília, no primeiro ano, eu me apresentei para trabalhar como voluntária na Escola Parque, trabalhava com música. ...”

Maria Celi confirma o envolvimento da família com a educação:

“Mudei para Brasília em 1960, aos 17 anos de idade. Meu pai era Deputado Federal por Minas Gerais, do PSD, Manoel José de Almeida. Ele era mudancista, da comissão de educação. Veio acompanhando JK e toda a família veio junto.”<sup>168</sup>

Clemente Luz, cronista pioneiro de Brasília, conviveu com a cidade e com todos que nela trabalhavam desde o início, 1958. Enquanto fazia aquilo de que mais gostava, trabalhava para o futuro da cidade. Ele escrevia crônicas sobre tudo que via e tudo que percebia entre os operários da construção e tinha seus textos interpretados diariamente na Rádio Nacional. Os candangos tinham esse horário do dia marcado em suas memórias. Num desses textos, o cronista falou, poeticamente, sobre a chegada dos candangos:

“É assim que eles chegam. Vieram de seus pagos, de seu agreste, de suas montanhas de Minas, de seu rio da infância. Vieram tangidos pela necessidade, campeados, muitas vezes, pela fome, atraídos pela fábula de Brasília. Chegaram de qualquer jeito, sem alojamento, sem destino certo, mas com a esperança de uma ficha de trabalho, numa companhia qualquer. E aqui foram chegando, foram sendo fichados ...”<sup>169</sup>

A ficção, a modéstia e a responsabilidade de registrar os fatos, sem fazer história, mas, ao mesmo tempo, revelando a história de Brasília são as marcas desse candango. Ele registrou grupos novos, relações interpessoais e o modo com que os habitantes iam se ajustando a

168 As entrevistas de mãe e filha foram concedidas à autora em 10/06/2010.

169 LUZ, Clemente. *Invenção da cidade: Brasília*, p. 44.

realidades diferentes que se formaram ao longo da construção da nova capital.

Essa nova realidade satisfaz a grande maioria dos pioneiros. Fato comprovado pela pesquisa: 100% dos pioneiros entrevistados permanecem na cidade onde ascenderam socialmente e por isso a confundem com suas próprias origens. O ser humano tem tendências a criar raízes porque ele consolida relações e cria redes de solidariedade, torna-se referência para outros indivíduos com os quais mantém relacionamento. Nesse caso, abandona-se um contexto em que a cultura está estabelecida e se recomeça do zero.

Prosseguindo, vejamos os motivos que trouxeram os pioneiros entrevistados para a nova capital na primeira década de sua existência.

**TABELA VI** – Amostra de pioneiros que chegaram a Brasília após a inauguração – 1961 a 1969.

<b>NOME</b>	<b>POR QUE /COM QUEM VEIO</b>	<b>1ª OCUPAÇÃO PROFISSIONAL</b>	<b>CONDIÇÕES TRAB./MORADIA</b>
José Geraldo P. Melo	BB, transferido, com família.	bancário	boas
Luís Humberto	Ascensão profissional, com família.	prof. UnB	boas
Ronaldo Castro	trabalhar no Hosp. Distrital, com a família.	médico	boas
Bianchetti e Ailema	convidado para UnB, ela acompanhou o marido.	professor	difíceis
Alan Viggiano	razões profissionais, vim com família.	taquígrafo do Senado	boas
Gisele Santoro	acompanhar marido, Cláudio Santoro.	prof. dança/ ajudava marido	boas
José Maria Leitão	fazer residência médica, vim com esposa.	médico	boas
Victor Alegria	perseguição lazarista, sozinho.	Livraria Encontro no Hotel Nacional.	trab. bom, moradia difícil
Jarbas Silva Marques	vim morar com a família após prisão.	açougueiro	boas
Antônio C. Carpintero	fazer vestibular UnB, vim só.	estudante	boas
Clodomir S. Ferreira	vim acompanhando meus pais.	estudante e redator publicitário	boas
Gougon	vim estudar, sozinho.	estudante/estagiário na CAESB	boas
Irlam Rocha Lima	vim a procura de melhorar a vida, encontrei irmã.	loja de eletrodoméstico	difíceis
Lucília Garcez	acompanhar família, pai transferido.	professora da Fundação	boas
Heitor Humberto	sempre quis vir conhecer a cidade, sozinho.	livreiro no Hotel Nacional	difíceis
M <sup>a</sup> Conceição M Salles	Vim morar com a família.	estudante, estagiária no INL	boas
Napoleão Valadares	Estudar, vim sozinho.	estudante	boas
Pd. Aleixo Brandi	A trabalho, após cursos no exterior.	padre e prof. UnB	boas
Lúcia Garofalo	trabalhar e viver, vim só.	professora da Fundação	boas
João Carlos Taveira	Vim conhecer BSB, sozinho.	Trabalhei em construção civil	boas

Na Tabela VI, temos os pioneiros que chegaram na primeira década de existência da nova capital. Vejamos as causas que os motivaram a essa atitude.

Tivemos um total de 20 migrantes e os motivos expostos para os deslocamentos nessa época foram os seguintes:

- Trabalho – 08
- Acompanhando família – 05
- Estudantes – 03
- Para conhecer Brasília – 02
- Procura de melhores condições – 01
- Perseguição Salazarista – 01

O trabalho junto ao governo é a razão determinante do processo migratório na primeira década de existência da cidade, conforme pesquisa. Na Tabela VI, observa-se que nem sempre esse processo se deveu à transferência de funcionários públicos como a Tabela V ilustrou, mas as pessoas ainda vinham em busca de empregos.

Vejamos os depoimentos daqueles que vieram à procura de trabalho após a inauguração:

“Vim, pela primeira vez, para conhecer em 1959, depois voltei em 1960 e, em 1961, voltei para trabalhar. Com a família.”<sup>170</sup>

“Vim para trabalhar na universidade. Fui convidado por Darcy Ribeiro para trabalhar no Departamento de Artes da UnB. Trouxe família.”<sup>171</sup>

“Vim com a família formada. Eu era taquígrafo da Assembleia Legislativa de Minas Gerais, fiz um concurso para o Senado, passei e fui nomeado.”<sup>172</sup>

“Viemos eu e minha mulher. Cheguei e fui direto para o Hospital, e morava lá. O último andar era a residência médica. Cada médico tinha um apartamento. Ficamos até dezembro lá.”<sup>173</sup>

---

170 Ronaldo M. O. Castro, entrevistado em 22/03/2010.

171 Glênio A. Bianchetti, entrevistado em 31/03/2010.

172 Alan Viggiano, entrevistado em 21/04/2010.

173 José Maria Leitão, entrevistado em 11/09/2010.



“... no meu caso, Brasília foi uma destinação porque eu estava disponível para ir trabalhar onde precisasse. Voltando ao Brasil fui a Belo Horizonte e recebi a visita do então Reitor da Universalidade de Brasília, Caio Benjamin Dias, que me convidou para lecionar na Universalidade, isso em 1968 e, no ano seguinte, coordenei o Departamento de Ciências Políticas.<sup>174</sup>

“Brasília despertava muito a atenção de todos naquela época . Na escola, o professor tinha feito um concurso para o melhor desenho do Palácio da Alvorada. Fiquei curiosa, e isso reforçou um sonho de morar em Brasília. Quando cheguei, logo me inscrevi na Fundação Educacional para lecionar. Era tudo muito fácil porque eles precisavam muito de professores. Fui trabalhar em Planaltina, mas éramos um grupo e fomos organizando nossas vidas.<sup>175</sup>

É fácil perceber no relato dos entrevistados que muitos profissionais especializados procuraram a capital em busca de ascensão em suas carreiras, ou para dar início a uma profissão. Escolheram viver e trabalhar em Brasília, onde encontraram uma estrutura, mesmo que não totalmente pronta, mas funcionando bem para que eles pudessem exercer suas profissões.

Comparando os pioneiros da Tabela IV com os da Tabela VI, verifica-se que 6 pioneiros possuíam especialização profissional e buscaram Brasília porque acreditavam que, numa cidade nova, poderiam encontrar facilidades para se desenvolverem em suas profissões. Eles já encontraram a cidade em pleno desenvolvimento, ou lutando para manter aquilo que havia conquistado antes de o Regime Militar ocupar o Governo do país.

Desses 6 pioneiros somente um, Bianchetti, encontrou dificuldade de moradia, os outros 5 definiram como boas as moradias. Somente 2 deles não estavam acompanhados pela família porque eram solteiros: Padre Aleixo e Lúcia Garofalo.

Dessa comparação, pode-se entender que Brasília, nesse período (1961 a 1969), não oferecia dificuldade de moradias, fato que incentivava os pioneiros a virem com suas famílias.

Também na Tabela VI, nota-se que cinco dos pioneiros vieram acompanhando suas famílias.

Gisele Santoro, que dançou no dia da inauguração de Brasília e, mais tarde, em 1963, ao casar-se com o maestro Cláudio Santoro, mudou-se para a cidade e trabalhou o tempo todo junto com o marido, que foi Coordenador do Departamento de Música da UnB.

Jarbas Silva Marques já conhecia o território físico, Sítio Castanho, de Brasília desde

---

174 José C. Brandi Aleixo, entrevistado em 20/04/2010.

175 Lúcia Garofalo, entrevistada em 06/02/2010.

1954, quando viajou com o pai, que era caminhoneiro e transitava por esta região. Jarbas morava em Goiás e, somente em 1964, após ser liberado da prisão, que sofrera na Ditadura, mudou-se para junto de sua família em Brasília.

Clodomir S. Ferreira veio, ainda criança, acompanhando os pais que vieram porque os outros filhos já moravam em Brasília.

Do mesmo modo, Irlam Rocha Lima veio encontrar-se com uma irmã que já morava em Brasília. Estava à procura de melhores condições de vida, mas encontrou muitas dificuldades.

E, por último, Lucília Garcez, que também veio acompanhando a família, ainda muito nova, aos 15 anos de idade. O pai dela era funcionário da Receita Federal e fora transferido para Brasília.

Na Tabela VI, estão três pioneiros que vieram com o objetivo de estudar na capital. Embora esses entrevistados não sejam em grande número, é preciso considerar que a cidade, ainda tão nova, chamava a atenção dos brasileiros que faziam uma leitura muito boa da educação que se desenvolvia nela. A ideia era que a nova capital fosse estruturada para ser referencial na educação média e superior como já fora mencionado.

Continuando a análise da Tabela VI, há dois pioneiros que vieram, sozinhos, para fazer vestibular no ano de 1965: Antônio C. Carpintero e Gougon; Napoleão Valadares também veio sozinho, em 1966 para estudar no ensino médio. Eles vieram em busca da educação diferenciada que Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro planejaram para Brasília.

Distingue-se, ainda, pioneiros que vieram para encontrar suas famílias ou acompanhá-las como Jarbas S. Marques, Clodomir Ferreira, Irlam Rocha, Lucília Garcez, Conceição Salles, Luís Humberto e Bianchetti, ou chegaram sozinhos; Lúcia Garofalo, Pd. Aleixo e João Carlos Taveira. Todos, em algum momento, passaram pela UnB como alunos e alguns deles estiveram, ou ainda estão lá como professores.

Então, dos 20 pioneiros constantes da Tabela VI, 13 trabalharam ou estudaram na UnB, o que mostra o interesse que a universidade exerceu entre os pioneiros e sua importância para a formação cultural de Brasília. Percebe-se que mesmo ainda tão nova e tendo sofrido intervenções e diversos problemas, conforme relatou Salmeron em sua obra, a UnB recebia pessoas de todo o país que procuravam pelo ensino, pelas pesquisas e pelas ideias modernas que persistiam em se difundir na Universidade e na cidade.

Quem veio à procura de melhores condições de vida, como o pioneiro Irlam Rocha

Lima, que morou em acampamento e passou por dificuldades, mais tarde resolveu fazer vestibular na UnB e, depois optou por ficar em Brasília e aplicar na cidade os conhecimentos adquiridos.

Houve aqueles que vieram conhecer a cidade, como Heitor Humberto e João Carlos Taveira e que, após conhecerem a cidade e a UnB, aqui estão até os dias de hoje.

E, por último, encontramos Victor Alegria que veio de Portugal para o Brasil porque sofreu uma perseguição salazarista. Ele esteve, inicialmente, à procura de um lugar em que pudesse viver e trabalhar com mais liberdade. Ficou dividido entre o Rio de Janeiro e Brasília e, por fim, adotou de vez a nova capital que o encantava:

“Vim por causa de política, eu era ativista e estive preso por causa do Salazarismo e, por fim, não vi solução para meu caso. Vim para o Rio de Janeiro e fiquei aqui e lá simultaneamente. Montei uma livraria no Hotel Nacional, (...) Todo mundo participava da UnB, havia muito entrosamento entre a população da cidade e a Universidade.”<sup>176</sup>

O discurso de Victor Alegria aponta para a importância que a educação, como um todo, teve para o início de Brasília e a efetiva participação da UnB no processo da formação cultural da cidade.

#### **4.1.1 Como viviam?**

Entre os pesquisadores que investigaram esse assunto, está Nair Bicalho que discorre sobre as condições de chegada dos migrantes a Brasília:

“Os primeiros trabalhadores vinham só. Quando chegavam, eram imediatamente encaminhados à Delegacia para obter uma ficha de identificação. Em seguida, iam ao INIC (balcão de empregos) para daí serem enviados aos canteiros de obras. Arranjavam-se nos alojamentos e tomavam as refeições nas cantinas das firmas. Havia muito pouco a escolher. Sob ritmo intenso de trabalho, restava-lhes o sábado para ir à Cidade Livre fazer algumas compras e depositar as economias.”<sup>177</sup>

A autora foi objetiva em seu discurso e confirmou os sentidos atribuídos à bagagem e a “dar uma mão” discutidos acima. Nair disse que os trabalhadores chegavam e logo eram encaminhados aos canteiros de obra e lá não recebiam quase nada. A moradia se resumia num

176 Entrevista concedida à autora desta tese em 03/02/2010.

177 SOUSA, Nair H. Bicalho. *Construtores de Brasília – estudo de operários e sua participação política*, p. 33.

lugar para o descanso, que quase não havia, e não é difícil imaginar-se em que condições de higiene encontravam-se esses alojamentos. Tratava-se de um espaço mínimo para que alguém pudesse sobreviver, higiene precária e nenhuma privacidade.

Difícil mesmo é imaginar que as pessoas cheguem em busca de melhores condições de trabalho e de vida e encontrem, como moradia, algo próximo à cela, sem o mínimo necessário para uma família sobreviver.

A alimentação desse batalhão de trabalhadores guiados pela urgência da vida e do Poder, foi um agravante à falta de moradia. O funcionamento das cantinas, que existiam nas firmas, era precário, mas eram o lugar em que a maioria das pessoas podia se alimentar. Não havia escolha. Cada firma tinha seu refeitório, entretanto havia alguns privilégios no atendimento. Alguns trabalhadores podiam se alimentar um pouco melhor que os outros. Quem mencionou essa realidade foi o pioneiro Adirson Vasconcelos:

“Serviam a refeição. Era arroz, feijão, macarrão. Isso não faltava. Era carne, geralmente, de charque e, às vezes, tinha carne de gado que vinha de Goiás. Nas cantinas, a gente comia sempre carne de gado, eram os engenheiros..., era um pratinho melhor. Era um prato de substância e comiam o quanto quisessem.”<sup>178</sup>

O pioneiro falou sobre a alimentação a que as pessoas, de modo geral, tinham acesso durante a obra de Brasília. Ele afirmou que alguns operários recebiam uma alimentação diferente, mas como ele disse, todos 'podiam comer o quanto quisessem'. Isso era importante devido ao gasto de energia a que os operários eram submetidos na obra, mas não o suficiente para a satisfação do cidadão. Além do mais, uma pessoa não necessita somente de alimento e trabalho para se considerar um 'cidadão de verdade'. No mínimo, faltaria lazer a esse cidadão.

Havia aqueles que comiam nos próprios canteiros de obra, não se podia 'perder tempo'. Assim, para que cumprissem os prazos sempre, ou estivessem além do calendário, os operários recebiam suas alimentações no local da labuta diária.

Percebe-se um cotidiano de servidão, longe de mostrar a liberdade de que as pessoas precisam em suas vivências. Distantes das famílias e da liberdade, o que restava ao pioneiro era o trabalho e a expectativa do salário que viria como retorno de suas angústias.

Adirson não abordou a qualidade da alimentação, mas da quantidade e deixou claro que havia uma diferenciação entre a alimentação dos trabalhadores braçais e a daqueles que exerciam outras atividades profissionais.

---

178 VASCONCELOS, Adirson. Entrevista concedida à autora em 15/04/2010.

Hermes Aquino foi mais realista ao detalhar esse assunto:

“... um grande número de operários tinham como restaurante as próprias construções onde trabalhavam, pois comiam na própria obra para que o ritmo de trabalho não sofresse quebra de continuidade. Caminhões lotados de marmitas transportavam o alimento que chegava ao local do consumo quase imprestável, mercê dos sacolejos dos veículos, comida mal cozida, fria e sem sabor.<sup>179</sup>”

É perfeitamente compreensível o relato de Hermes, o meio de transporte mais usado em Brasília, na época, eram os caminhões, as distâncias eram longas e a urgência do trabalho, enorme. Essa não era, de longe a melhor maneira para transportar os alimentos, mas a necessidade e a fome eram enormes e sobressaíam. Nessas condições, a comida que chegava aos trabalhadores só podia estar fria e sem sabor, mas Hermes registra ainda que a comida não era bem cozida, fato que não se justifica a não ser pelo entendimento de que se tratava de uma comida feita 'de qualquer forma' e endereçada aos trabalhadores braçais.

Certamente, havia dificuldades também no armazenamento de alimentos, a energia elétrica provinha de geradores e não era suficiente para o consumo em geral.

Assim, era natural que o acondicionamento de alimentos fosse precário e que se optasse por produtos não perecíveis, no caso, a carne de charque, citada por Adirson. Fica evidente que essa precaução não era satisfatória porque o descontentamento dos operários era grande. O problema vai além desse obstáculo, parece que os esforços eram mínimos, ou inexistiam no sentido de que os trabalhadores fossem bem alimentados.

Há relatos de constantes reclamações sobre a qualidade da comida servida nos alojamentos de acordo com as descrições de Hermes em sua pesquisa. O maior atrito, devido a esse problema, foi o ocorrido no restaurante da Construtora Pacheco Fernandes e que teve repercussão mundial. Esse fato foi divulgado de diversas formas e por várias pessoas. Muitas vezes as informações são distorcidas e dificulta o entendimento efetivo do que ocorreu.

Um ponto, porém, que deve ser discutido e examinado, no que diz respeito ao provimento de operários em Brasília. Dentre as funções do Exército Brasileiro, está a de prestar apoio logístico, levar alimentos e serviços médicos a pontos isolados do território brasileiro. Brasília estava sendo construída no centro do país e distante de tudo porque o Brasil não era interligado por ferrovias ou rodovias. Não se compreende por que não solicitaram a ajuda do Exército Brasileiro.

---

179 TEIXEIRA, Hermes Aquino. *No tempo da GEB (1956 – 1960) – Trabalho e Violência na Construção de Brasília*, p. 22/23.

Não vamos tratar de maiores detalhes sobre o fato lamentável, ocorrido na construtora Pacheco Fernandes, mas fica a indicação de que há várias versões registradas em documentários, pesquisas, jornais e livros e que a Polícia Civil de Brasília registrou o assunto da seguinte forma:

“Existem várias versões sobre este episódio na história da GEB. Uma oficial e outras extraoficiais, todas exploradas pelos jornais da época. Israel Pinheiro declarou que “os lamentáveis incidentes não foram gerados por funcionários da Novacap”, (...) Os jornais exploraram o assunto de diversas maneiras. Alguns deram maior ênfase ao fato publicando-o como “um massacre, uma chacina contra os incautos operários que construíam Brasília”. Uns noticiaram versões parecidas às oficiais, outros afirmaram que havia vários mortos e dezenas de feridos e que os mortos teriam sido transportados e escondidos em locais desconhecidos...”<sup>180</sup>

Não cabe a esta tese averiguar sobre a veracidade desses fatos, mas discutir e apresentar o desgosto dos operários em relação à comida que lhes serviam é inevitável, caso contrário, seria como se fazer de cego diante dos acontecimentos já averiguados. Não há dúvidas de que se a realidade das informações não fossem favoráveis aos operários, o governo seria responsabilizado e, conseqüentemente, perderia a credibilidade perante os trabalhadores. Nesse caso, quanto mais omitissem os fatos, melhor para o governo. As autoridades deveriam estar preocupadas com o bem estar dos operários que estavam construindo a nova capital, mas não foi o que se observou.

Se as autoridades estivessem preocupadas com o bem-estar dos operários, certamente, não teria havido reclamações relativas às refeições. Entretanto, se a história não pode aparecer tal qual teria acontecido porque iria abalar a imagem política do presidente, o acontecimento fica por conta dos pesquisadores e os fatos vão, aos poucos, sendo elucidados da maneira mais factual possível.

Tudo leva a crer que no episódio, ocorrido durante o carnaval de 1959, uns operários da Pacheco Fernandes exaltaram-se porque receberam como jantar uma refeição que, segundo eles, estava estragada. A partir desse problema outros vários surgiram e, como eram muitos os descontentes, acreditar, que tudo se resolveu sem maiores transtornos, é pura ingenuidade. Os guardas da GEB eram jovens, fortes que não gostavam ou não sabiam conversar. Tudo se resolvia a força.

Dessa forma, maldades eram comuns no relacionamento deles com trabalhadores pioneiros. Sobre esse assunto já escreveram vários autores, Edson Beú, Hermes Aquino, Nair

---

180 *História da Polícia Civil de Brasília – aspectos estruturais (1957 a 1995)*, p. 28.

Bicalho, e outros que possam existir e não terem sido detectados por esta pesquisa.

Esse também foi o tema explorado por Vladimir Carvalho num longa metragem: *Conterrâneos Velhos de Guerra*. O documentário seria apresentado no Festival de cinema de Brasília em 1971, mas foi censurado e assim permaneceu até 1979, ano em que o filme foi, finalmente, exibido. Entretanto, não permaneceu muito tempo em cartaz, devido à má qualidade da fita em que o filme tinha sido gravado.

O documentário é dividido em quatro partes: mostra os primeiros contatos do cineasta com o cinema, sua vida em Brasília como professor na UnB, as primeiras produções e as condições de trabalho na cidade que provocaram uma chacina que vitimou grande número de operários no refeitório da construtora Pacheco Fernandes em 1959.

Apesar de compreender a precariedade da cidade que surgia, existia um enorme empenho, por parte dos operários e, se a meta síntese do governo era a construção da nova capital, não se pode compreender que os operários não recebessem refeições de qualidade e um tratamento diferenciado e monitorado pelo governo enquanto trabalhavam na construção da nova capital.

Sem dúvida, nas ideias expostas, está presente um alto grau de preconceito social e econômico. Os funcionários mais graduados mereciam moradia e alimentação melhores que aqueles funcionários que metiam a mão no cimento e recebiam diretamente em seus corpos, mal alimentados, a ação da natureza, enquanto os outros estavam em seus abrigos.

#### **4.1.2 Problemas ocorridos a partir da falta da família**

Além do problema com a alimentação que, sem dúvida, interfere na questão da sobrevivência do ser humano, outros problemas surgiram, causados pela “falta de bagagem” dos trabalhadores, sublinhada pelo discurso do Presidente JK. Havia poucas mulheres em Brasília e isso causou alguns transtornos no decorrer da construção.

Podem ser várias as causas desse tema. Os homens chegavam solteiros ou não traziam suas famílias já constituídas. Diante dessa realidade, o número de homens era desproporcional ao de mulheres. De acordo com os apontamentos de Gustavo Lins Ribeiro, o recrutamento de operários em Brasília exigia homens jovens, fortes, solteiros, ou que tivessem deixado suas famílias nos seus locais de origem. O autor expôs assim sobre o assunto:

“... a ausência de mulheres torna-se fonte de conflitos determinados basicamente pela dificuldade de se manter relacionamentos com o sexo oposto – namoro, casamentos, relações sexuais, e – especialmente para o operário casado que tenha deixado a família no seu local de origem – obter prestações de serviços desempenhadas pelas mulheres no âmbito de uma divisão sexual do trabalho.”<sup>181</sup>

Os homens solteiros ou sem as famílias sentiam falta da companhia feminina para o relacionamento sexual e também na divisão dos trabalhos domésticos que não podiam desempenhar na rotina diária.

Os poucos pioneiros que traziam suas famílias precisavam zelar pela segurança dos membros femininos que viviam em constante ameaça, independentemente do lugar em que residissem. O IBGE registrou em Brasília uma proporção elevada de homens em 1959 e mostrou que os excedentes masculinos diferiam de uma localidade para outra na medida da frequência de grupos familiares:

“É ilustrativa a situação dos acampamentos do Plano Piloto (Praça dos Três Poderes, Zona Sul, Outros) habitados por trabalhadores de obras em grande maioria, e nos quais o deficit feminino chega a cifrar-se na relação de 179 mulheres por 1000 homens.”<sup>182</sup>

Não é difícil imaginar a série de complicações sociais que esse fato registraria. Surgiu uma grande zona de prostituição na Cidade Livre que gerou um palco diversificado de brigas causadas por ingestão de álcool e disputas por mulheres. Sobre esse assunto ver mais detalhes na obra de Gustavo Lins Ribeiro, citada anteriormente.

Vale ressaltar que a falta da família exerceu, também, um papel importante no renascimento, em Brasília, por volta de 1958/59, da profissão quase extinta de escriba. A maioria dos candangos era de analfabetos, conforme informações anteriores. Quando sentia saudades, ou tinha dúvidas sobre o comportamento da mulher amada, procurava um escriba para enviar-lhe uma carta.

Clemente Luz, pioneiro que se transferiu para Brasília em 1958, como redator da recém fundada Rádio Nacional de Brasília, narra fatos sobre essa profissão que ele mesmo assumiu na cidade:

---

181 RIBEIRO, G. Lins. *O Capital da Esperança*, p. 97.

182 Censo Experimental de Brasília – população – habitação, p. 07.



“O escriba se colocava à disposição da clientela, em tosca mesa, com o tinteiro à frente dos olhos, papel pousado sobre a tábua e a caneta na mão. ...  
\_ Bote aí, moço: “Maria, meu coração tá dizendo que ocê tá me passando pra trás! (...) Vê lá Maria! Gosto de ocê e num to aqui pra te sustentá pra outro cabra, não.”  
Ao fim, mandava dinheiro e falava sobre os filhos.”<sup>183</sup>

Percebe-se a importância da família para os candangos, dos sentimentos que os uniam, apesar da distância, e que eles não entendiam muito bem tudo que estava acontecendo, mas sabiam que além do trabalho, tinham o pagamento certo para alimentar aqueles que não estavam com ele, mas que faziam parte dele. A falta da família gerava, muitas vezes, uma solidão constante entre os trabalhadores, embora cercados por outros tantos colegas de trabalho.

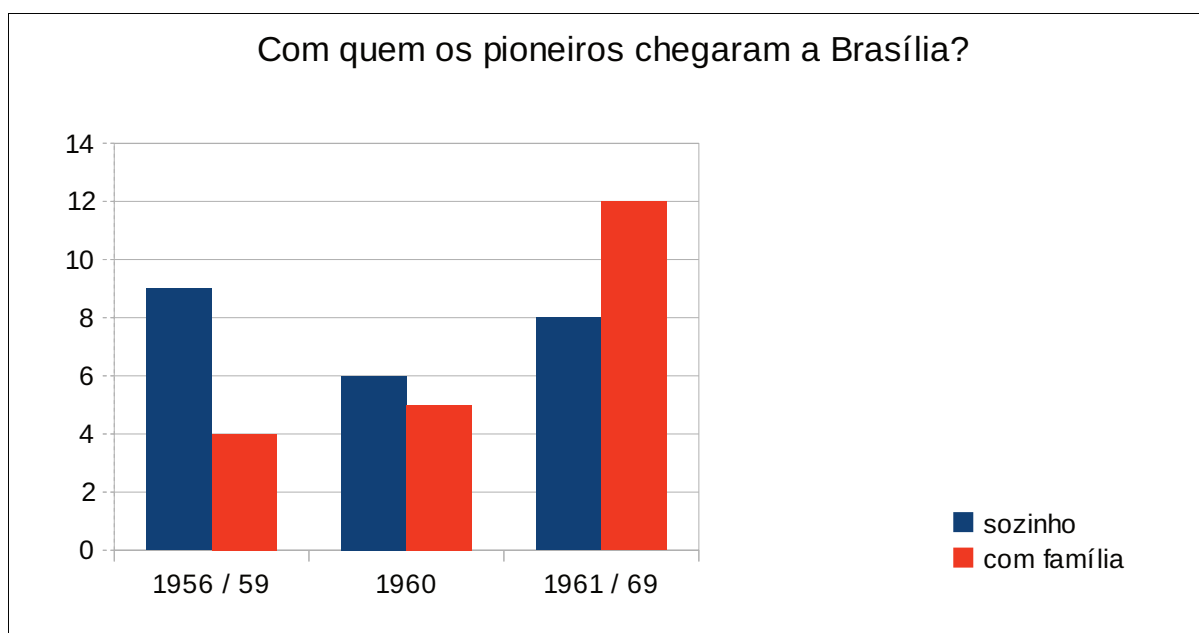
#### **4.1.3 Com quem os pioneiros vieram para Brasília?**

O gráfico abaixo tem como objetivo investigar o ponto de partida dos problemas enfrentados pelos pioneiros e que, no decorrer da pesquisa, deverá favorecer a organização dos fatores que influenciaram na formação da cultura que se originou na cidade recém construída.

---

183 LUZ, Clemente. *Invenção da cidade – Brasília*, p. 48.

**GRÁFICO V** – Amostra quantitativa de pioneiros que chegaram sozinhos e acompanhados pela família em Brasília no período de 1956 a 1969.



De acordo com o Gráfico V, a representação de pioneiros que chegaram com a família e sozinhos pode-se inferir que dos 44 pioneiros entrevistados: 24 chegaram sozinhos, 54,54% do total dos entrevistados, enquanto 20, 45,45%, vieram com suas famílias, ou encontraram com alguém da família que já residia na cidade.

Percebe-se que foi crescente o número de pioneiros entrevistados que chegaram com as famílias ao longo da construção, inauguração e da primeira década da cidade, ou no período de adaptação da cidade como capital.

Esse resultado geral não traz inquietações, afinal, a diferença entre os que vieram sozinhos e aqueles que estavam com suas famílias não chega a 10%. No entanto, ao verificar os resultados parciais, apresentados em períodos, conforme ilustra o Gráfico V e, considerando as Tabelas IV, V e VI apresentadas ao longo deste capítulo, observa-se por que e quando a diferença maior ocorreu.

Em síntese, como chegaram os pioneiros entrevistados no período entre 1956 e 1959:

- À procura de emprego ou para trabalhar – 4 pioneiros, sozinhos.
- Com objetivo de conhecer Brasília – 2 pioneiros, sozinhos.
- À procura de melhores condições – 05 pioneiros, sendo que 3 vieram sozinhos e 2,

com suas famílias.

- Acompanhando a família – 1
- Motivado por amigos – 1 pioneira com sua família.

Nesse primeiro momento, a maioria das pessoas vieram sozinhas para Brasília porque as condições de trabalho e de moradia eram precárias conforme foi comprovado nas referências sobre a história da construção da cidade e nesta pesquisa com pioneiros na Tabela IV deste capítulo.

De um modo geral, Brasília crescia rapidamente nesse início, tanto a cidade quanto a população. O que se percebe é que a cidade precisava de mão de obra, mas não havia sido preparada para receber o volume migratório que corria de outras regiões brasileiras, conforme as explicações do capítulo anterior.

Como já foi dito, o presidente JK invocava os migrantes para a construção da cidade. Eram feitas promessas de dias melhores para quem atendesse ao apelo. A obra era tratada como algo que mais tarde iria mudar a vida dos brasileiros e do país.

O resultado desse crescimento populacional foi que as moradias do Plano Piloto não comportaram a população da cidade, conforme Ignez Ferreira narrou:

“O resultado é que esse extraordinário crescimento não é absorvido nos limites do plano (Plano Piloto). A cidade que estava sendo construída tinha já, a priori, a destinação do seu centro à função de capital e local de residência da população a ela ligada, bem como as funções para tanto necessárias.”<sup>184</sup>

Com outras palavras, Ignez esclarece e delimita a função de Brasília, do Plano Piloto, que estavam construindo: a função da cidade é administrativa e servirá de residência para funcionários públicos e quem não se encaixasse nessa função ficaria de fora da cidade.

Essa era a realidade da capital que parecia não ser entendida pelas pessoas que continuavam chegando de todo o Brasil e do exterior.

Inicialmente, a população ia se acomodando como podia, em acampamentos, invasões; enfim, aguardavam pela realização do sonho de continuar morando em Brasília. Ocorreu que, à medida que a cidade se tornava realidade, o sonho de alguns pioneiros deixava de existir ou virava pesadelo.

---

184 FERREIRA, Ignez C. B. *O processo de urbanização e a produção do espaço metropolitano de Brasília*, In PAVIANE, Aldo. *Brasília Ideologia e realidade: espaço urbano em questão*, p. 72.

Muitos que para cá migraram à procura de melhorias de vida, passaram por situações difíceis, sem moradias e por um processo crescente e lamentável de pobreza. Brasilmar afirmou que a cidade era pequena demais para acolher todos os que nela queriam ficar:

“... a cidade não foi preparada para todos os que por ela “optaram”, o que se constata na enorme disparidade das condições de vida entre o Plano Piloto e a maioria das satélites.”<sup>185</sup>

O autor aponta, nesse excerto, dois grandes problemas que afligiram Brasília logo após a inauguração: a cidade fora construída para poucos, ou melhor, para uma elite e não para aqueles que a procuravam ansiosos por trabalho e uma vida melhor. Essa ideia parece ter crescido com a cidade e foi responsável pelas enormes diferenças sociais que se estabeleceram na nova capital. Todos os problemas surgidos a partir dessa sociedade díspar instituída na cidade são abordados na obra citada de Brasilmar F. Nunes.

O Gráfico V demonstra que, em 1960, foram 11 os pioneiros entrevistados: 6 vieram sozinhos e 5, com suas famílias. Nesse ano em que a capital estava sendo implantada na cidade, a maioria dos que chegavam eram funcionários públicos (9 dos entrevistados). Eles vinham motivados pela dobradinha e pela moradia garantida. Aqueles que estavam sozinhos, eram solteiros e se casaram logo que chegaram ou já eram casados e a família veio em seguida.

Após a inauguração, Brasília já não era mais somente um canteiro de obras e surgiam ofertas de empregos em diferentes áreas, principalmente no comércio. De acordo com Ignez Ferreira, os migrantes chegavam com outras perspectivas de trabalho que não somente a construção civil nessa época:

“Amplia-se, assim, a oferta de empregos em diferentes níveis e categorias, inclusive dos não especializados. Brasília deixa de ser apenas um canteiro de obras, passando a oferecer novas e mais diversificadas oportunidade de trabalho.”<sup>186</sup>

Esta pesquisa confirmou e expandiu as ideias de Ignez. Observamos diante dos depoimentos de alguns pioneiros que vieram para Brasília à procura de uma nova realidade, que alguns não tinham empregos garantido e que, outros eram recém-formados e precisavam de uma oportunidade para principiar suas profissões.

---

185 NUNES, Brasilmar F. *A fantasia corporificada*, p. 162.

186 Idem. Op. Cit., p. 76.

Assim, chegaram novos profissionais e prestadores de serviços que não estavam ligados à administração pública. Esses serviços foram essenciais para que se formasse a sociedade da capital.

De acordo com os resultados expostos na Tabela V, na primeira década, foram entrevistados 11 pioneiros que buscavam um futuro promissor em Brasília. Vejamos alguns desses depoimentos:

O médico, Ronaldo Castro relatou o quanto era interessante trabalhar no Hospital de Base em 1961:

“...havia os melhores aparelhos, coisas de boa qualidade. Em 1961/62, no hospital já tínhamos o 'bip', coisa que praticamente não existia no Brasil. Tínhamos o chamado plantão alcançável, significa que sempre o médico poderia ser contatado pelo hospital. Havia, também, no plano de saúde, o que seria o melhor, talvez, para uma cidade, que durou pouco. Era o chamado 'tempo integral e dedicação exclusiva' para os médicos. Em todas as cidades brasileiras, os médicos, e outras profissões, tinham vários empregos e em BSB isso não ocorreria.”

José Maria Leitão, médico também, veio em 1963 para fazer residência médica, juntamente com sua esposa, que também era médica, no Hospital de Base porque julgavam ser o melhor espaço para a profissão naquela época:

“... pensava que era a Capital do País, que tinha um hospital muito bem montado e tinham criado a residência médica naquele ano. Chegamos e fomos direto para o Hospital e morávamos lá. O último andar era a residência médica, cada médico tinha um apartamento, ficamos até dezembro lá.”

Victor Alegria montou uma livraria no Hotel Nacional em 1963 onde mais tarde iria empregar, como livreiro, Heitor Humberto, pioneiro que chegara precisando de emprego.

Percebe-se que as pessoas, de forma geral, eram bem aceitas e havia empregos diversos porque a cidade precisava, além dos serviços públicos, de serviços privados para que a vida social fluísse melhor. Muitas vezes, o migrante deixava o serviço privado e fazia concurso para a rede pública, mas esse fato não chegou a prejudicar a vida da cidade como um todo, de acordo com a pesquisa, porque novos migrantes continuavam a chegar.

O problema maior é que o Plano Piloto previa uma população de 500.000 habitantes e, mesmo antes da inauguração, três cidades-satélites surgiram para acomodar aqueles que chegavam para prestar serviços na capital, e por motivos vários, não podiam morar no plano. Surgiram, assim, Taguatinga, Sobradinho e uma parte do que hoje se conhece como Gama.

Em fins da década de 1960, ainda havia pessoas que moravam em acampamentos das construtoras do Plano Piloto e no Núcleo Bandeirante que estava superpovoado. As obras da cidade haviam diminuído muito, mas esses moradores não tinham para onde ir.

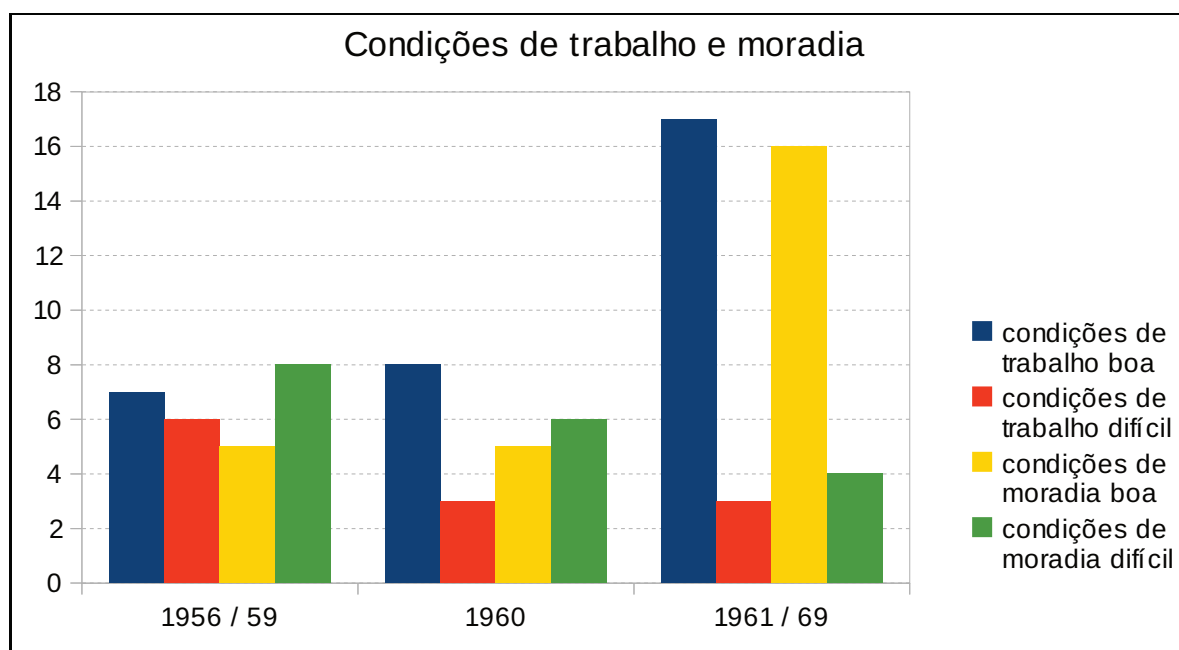
Para essas pessoas foi criado o Guará I e, a partir daí, foram surgindo novas cidades-satélites e invasões sobre as quais trataremos posteriormente.

O fato é que não era possível controlar o crescimento da cidade e muito menos o da população, e dessa falta de controle, é óbvio, que outros problemas iriam surgir.

#### 4.1.4 Condições de trabalho e moradia em Brasília entre 1956 e 1969.

Na avaliação dos pioneiros entrevistados nesta tese as condições de trabalho e moradia foram as ilustradas no gráfico abaixo.

**GRÁFICO VI** – Amostra qualitativa das condições de trabalho e moradia registradas pelos pioneiros entrevistados desde 1956 a 1969.



Antes de começar a análise dos dados do Gráfico VI, vale observar o desenvolvimento da população de Brasília durante o período de construção da cidade.

De acordo com o Censo Experimental de Brasília, a densidade demográfica em Brasília no período 1956/1959 evoluiu da seguinte forma:

Dezembro/1956 .....1 hab./km<sup>2</sup>  
 Julho/1957 .....2,1 hab./km<sup>2</sup>  
 Março/1958 .....4,9 hab./km<sup>2</sup>  
 Maio/1959 .....11 hab./km<sup>2</sup><sup>187</sup>

Vê-se que o impacto demográfico do projeto foi intenso. Entende-se que, numa área de povoamento rarefeito, 1 hab./km<sup>2</sup>, como era o território destinado à construção, não poderia haver condições físicas e econômicas para receber o contingente de pessoas necessário para iniciar e dar continuidade à obra da capital. Então, seria esperado que a chegada, a vivência e o trabalho a ser desenvolvido naquela região fossem complicados e, portanto, aqueles que decidissem fazê-lo enfrentariam dificuldades.

Analisando as condições de trabalho e moradia dos pioneiros da fase inicial, constante do Gráfico VI, percebe-se que essas dificuldades estão bem exemplificadas por alguns.

Nonato Silva, que chegou em 1956, disse que era bastante complicado morar e trabalhar em Brasília:

“Quando cheguei só havia obras da NOVACAP, havia poucas moradias. Depois a NOVACAP criou a Cidade Livre e eu ficava lá enquanto estava trabalhando. Depois foram surgindo os primeiros núcleos de residência.”<sup>188</sup>

Antônio Carlos Osório confirmou a precariedade da moradia e do trabalho em 1957:

“As condições eram precárias, eu morava em hotelzinho de madeira e no fim de semana ia para Goiânia. Eu tinha um carro e ia me encontrar com a namorada.”<sup>189</sup>

Enfim, dos 13 pioneiros entrevistados: 7 declararam que tinham boas condições de trabalho e 6 disseram que as condições eram difíceis. Com relação à moradia, 5 estavam satisfeitos e 8, insatisfeitos.

187 Censo Experimental de Brasília – população e habitação, p. 13

188 Entrevista cedida à autora desta tese em: 04/02/011.

189 Idem, em 07/04/2011.

Tratava-se de um período de trabalho e moradia difíceis, mas nem todos os pioneiros admitiram essa dificuldade. Isso pode ter ocorrido porque eles eram movidos pela esperança transmitida pelos governantes. O presidente JK visitava a construção com frequência, além do mais; os próprios pioneiros sentiam-se orgulhosos por estarem participando de um fato histórico considerado único no país. Outro fato que, provavelmente, tenha influenciado é que Brasília era vista como símbolo de autonomia e desenvolvimento que vinha sendo proclamado a mais de um século. A construção era percebida como um sonho inevitável, um desafio que precisava ser alcançado.

Joffily citou Celso Furtado que, em 1962, entendia a construção de Brasília como uma revolução em prol do desenvolvimento do país:

“As decisões de construir Brasília, de rasgar o território nacional e de abordar de frente o problema dos desequilíbrios regionais, assim como o grande movimento de opinião visando romper a anacrônica estrutura agrária, indicam claramente, a direção em que estão apontando as forças mais progressistas do país. Se partirmos nessa direção, teremos iniciado uma época de pioneirismo, que poderá fazer do Brasil uma das áreas de maior dinamismo demográfico e ímpeto econômico do mundo, na segunda metade do século”<sup>190</sup>

Brasília era assunto nos meios de comunicação mundial, todos os holofotes estavam virados para a nova capital, como pode ser visto em todos os autores que trataram da construção da cidade.

Conforme os dados do censo apresentado anteriormente, em 1956 a região era quase um deserto humano, 1hab./km<sup>2</sup>, e numa região nessas condições qualquer aumento demográfico causaria problemas e dificuldades. Tratava-se de uma área desprovida de trabalhadores e de moradias que suportassem a presença repentina de migrantes e de empreitadas como ocorre a construção de uma cidade.

Com o aumento demográfico, em 1959 a população já era de 11hab./km<sup>2</sup>, não se podia esperar que houvesse condições boas de trabalho e de moradia para todos. O governo precisaria ter se preparado melhor para receber essas pessoas.

Há de se considerar que muitos migrantes chegavam de regiões pobres do interior do país, e outros vinham de metrópoles que, naquela época, enfrentavam problemas devidos à superlotação. Para esses migrantes, a construção oferecia bons salários. Viver na cidade era participar ativamente de uma aventura muito interessante, mesmo para aqueles que se encontravam em condições precárias de sobrevivência.

---

190 FURTADO, Celso. *A pré-revolução brasileira*. Apud JOFFILY, G., *Brasília e sua Ideologia*, p. 88.



O que se observa é que existem dois tipos de migrantes: aquele do interior (pobre que procura um meio de sobrevivência) e o urbano que deseja uma oportunidade de ascensão diferente porque ele exerce sua autoridade e sabe como lidar e exigir mais do Estado.

Ambos os migrantes não se incomodavam com as dificuldades que surgiam. Os que vinham do interior porque aceitavam tudo, pensavam no salário, não tinham informações suficientes para discutir sobre seus direitos. Os migrantes, ditos urbanos, também aceitavam porque entendiam que era questão de tempo para que suas vidas sofressem modificações. Eles sabiam utilizar o poder que a cidade exercia sobre todos que nela viviam de forma favorável a eles.

Para que se possa entender melhor essa explanação, vale lembrar um pouco sobre a história da construção de Brasília. Milhares de pessoas chegavam diariamente e novas obras surgiam a todo instante. Segundo Geraldo Joffily:

“Em janeiro de 1957, já eram pagos, no local das obras, mais de 2.500 operários; e continuavam chegando os paus-de-arara, que de longe vinham, transportando a granel braços de homens e barrigas de mulheres; em muitos casos, mais de 5 dias de viagem, sacolejando por estes caminhos sem fim. A partir de 1958, esta imigração se foi transformando em verdadeira corrida, pois os salários eram duplicados pelo acréscimo das horas extraordinárias, fornecendo-se, ainda alojamento e “boia”.<sup>191</sup>

Infere-se do excerto acima que a migração de operários era grande e que eles vinham animados, principalmente, pelo pagamento que iriam receber pelos serviços prestados na obra. Os migrantes chegavam de todas as partes do Brasil, conforme já foi comprovado no capítulo anterior desta tese. O transporte era difícil porque as estradas que proporcionavam ligações entre as regiões do país eram precárias, quando existiam. Quase todas foram construídas no governo JK, ou seja, na mesma época em que se construía Brasília.

Apesar de a NOVACAP ter em seus registros construções de alojamentos para receber os migrantes, é necessário ressaltar que eles não atendiam a todos, não havia moradias suficientes. Muitos construía barracos com restos de madeiras de obras, com papelão de sacos de cimentos e moravam em qualquer lugar até que alguém reclamasse a área e destruísse o barraco.

O pioneiro, Judson Seraini, que chegou em 1958, enfrentou esse problema e explicou como ele fez sua própria moradia:

---

191 Idem. Op. Cit. p. 49.

“A moradia era fácil, desmontava uma obra, a madeira bruta era cedida pra gente fazer um barraco, às vezes, até o assoalho era com a própria madeira, dificilmente tinha um barraco de cimento. A gente mesmo fazia, entende? Você conhece a comercial da 105 sul? Então, eu ganhei um barraquinho, coberto com papel de cimento, sacos vazios que eles davam, e eu fiquei os primeiros dias ali, a gente fazia uma cama de tábua, colocava um colchão de capim e eu e minha mulher ficamos uns dias. Depois fomos para a Vila Amaury e a gente fez um barraco de madeira lá.”<sup>192</sup>

Os pioneiros que não eram operários, possuíam uma situação um pouco melhor, exerciam funções diversificadas, mas também enfrentavam dificuldades, conforme narrou o cantor, Fernando Lopes, que chegou em 1959:

“Vim para o Núcleo Bandeirante, a famosa Cidade Livre, e procurei logo um lugar para morar, só tinha uma pensão, Maracangalha, toda em madeira, não existia nada em alvenaria ainda aqui. Acontecia uma coisa interessante, a madeira que era colocada unida na construção, com o clima seco de Brasília, as tábuas se separavam e dava mais ou menos 1cm e meio de diferença. Naquela época ventava muito nessa cidade e era absurdo o frio. Fui obrigado a cobrir meu quarto com jornal para me proteger do frio.”<sup>193</sup>

Os cinco pioneiros que declararam condições boas de moradia eram homens, vieram sozinhos (eram solteiros) à procura de trabalho, ou chegaram com acomodações porque estavam a serviço, com exceção de Jaime Almeida que era criança e veio com os pais. Ele disse que inicialmente o pai teve dificuldades em conseguir um lugar para morar, mas que não se lembrava de detalhes.

Gustavo Lins Ribeiro tratou dessa situação em sua obra. A Cidade Livre era o único núcleo habitacional onde as famílias podiam se instalar. Muitas vezes, elas pagavam aluguéis altos e dividiam a casa com outras famílias. A solução foi construir cidades-satélites para abrigar tantas famílias sem tetos:

“A questão da habitação logo encontra seu clímax. Começam a surgir as “soluções” do tipo construção de cidades-satélites como Taguatinga, em junho de 1958, ou vilas operárias “livres”, como a Vila Amaury, também em 1958, em uma área que futuramente seria coberta pelas águas do Lago Paranoá”<sup>194</sup>

A notícia de que havia trabalho para todos e que os salários eram satisfatórios corria Brasil afora pelo rádio, pela imprensa e pelos parentes, amigos e conhecidos de quem já estava em Brasília. Como resultado de tanta comunicação o número de pessoas crescia e as

192 Entrevista concedida à autora desta tese em 23/08/2011.

193 Idem, em 29/09/2009.

194 Idem. Op. Cit., p. 76.

moradias eram poucas. Essa situação iniciou a cultura de invasões muito conhecida e apoiada pelos governantes até hoje na capital. A diferença entre as antigas e as atuais é que hoje as invasões não se assemelham a favelas como foram as antigas. A formação de condomínios já foi tratada por alguns pesquisadores e registrada em dissertações e teses disponíveis na biblioteca da UnB.

De acordo com os argumentos apresentados, acredita-se que a moradia no início da construção de Brasília até 1959 era difícil e que, provavelmente, a diferença pequena (3) entre condições boas e difíceis, mostradas pela pesquisa no Gráfico II, tenha ocorrido, além das razões já expostas, porque entre os entrevistados estavam 4 pioneiros que apresentavam vantagens com relação aos outros 8.

Tratava-se de um jornalista, Adirson Vasconcelos, que era solteiro, aventureiro e veio com o intuito de registrar o início da construção. E, segundo ele, a vinda para Brasília foi a melhor coisa que lhe aconteceu na vida.

Frank Svensson era um estudante de arquitetura, deslumbrado com a construção da cidade que se juntara a um grupo e veio para Brasília, num período de férias escolares, conhecer o trabalho de Oscar Niemeyer. Assim, para ele tudo era aprendizado e aventura.

O pioneiro, José Franklin, também era solteiro e administrava as obras de pavimentação de estradas em Brasília, para ele havia moradia garantida, mesmo que em acampamento.

E, Jaime Almeida veio acompanhando a família e, como toda criança, aceitava bem as mudanças realizadas pelos pais.

Analisando ainda o período 1956 a 1959, o Gráfico VI mostra que as condições de trabalho foram consideradas boas por 7 pioneiros e ruins por 6 deles. Esse resultado também não era esperado, é difícil compreender como a maioria pode considerar boas as condições de trabalho, tendo em vista que as pessoas, nessa época, eram movidas por uma força de vontade enorme e se empenhavam ao máximo para manter o “ritmo de Brasília”, acelerado, estimulados pelo presidente JK.

Acredita-se que houve a prevalência da força de vontade, a esperança, sobre a força de trabalho dos pioneiros. Nesse sentido, eles não tiveram liberdade de escolha porque foram movidos pela necessidade do Poder.

De uma forma geral, os pioneiros disseram que trabalhavam demais, entretanto, não reclamavam porque acreditavam estarem realizando um sonho.

O pioneiro, Ocrécio Lacerda, declarou sua satisfação com o trabalho:

“Quando eu vi o salário da carteira (era 15 mil cruzeiros), eu ganhava em Uberaba, 5 mil cruzeiros, e ainda tinha a possibilidade de fazer mais 15 ou 20 mil de horas extras. Para mim, era uma fábula. Eu me senti muito realizado naquela hora e pensei que era aqui que eu tinha que permanecer para viver, criar minha família porque eu já era noivo. Foi assim. Fui e voltei rápido de Uberaba e entrei nesse batidão de 14, 15 horas por dia de trabalho. Isso era comum na época...”<sup>195</sup>

Trabalhar exaustivamente como declarou Ocrécio era considerado normal nesse período pelos pioneiros, apesar de ser ilegal. O que interessava era o salário e como este era sempre maior que o praticado nas cidades de origem dos pioneiros, a maioria deles consideravam-se satisfeitos com o trabalho que realizavam na futura capital, e a lei era ignorada por todos.

De acordo com o exposto, tem-se a sensação de que esses pioneiros iniciais se equivocaram ao declararem sobre as condições de trabalho e moradia, ou de outra forma, eles podem ter demonstrado um grau elevado de orgulho por terem participado efetivamente da construção da capital num período de dificuldades reconhecidas por todos no Brasil.

Continuando a análise do Gráfico VI, percebe-se que os pioneiros que chegaram em 1960 mostraram-se mais satisfeitos com o trabalho que com a moradia.

Vale dizer que dos 11 pioneiros entrevistados, 8 eram funcionários públicos transferidos do Rio de Janeiro para a nova capital, 2 eram esposa e filha de Deputado Federal que veio transferido e um era jornalista que prestava serviços na Câmara Legislativa.

Deve-se entender que essa satisfação não era uma constante entre os deputados da época. Há registros de deputados que se revoltaram com as moradias que recebiam e com a cidade e, algumas vezes, recusavam-se a trazer suas famílias para a capital. Esse comportamento gerava outros tipos de problemas para a sociedade e causava gastos extras para a Nação.

A pioneira, Márcia Almeida, esposa de deputado, narrou em seu depoimento para esta pesquisa um caso ocorrido no prédio em que morava:

“Houve um deputado que não gostou da qualidade dos móveis do apartamento que recebeu para morar (eram mobiliados) e jogou tudo pela janela e pôs fogo. Esse fato repercutiu muito mal para os deputados.”<sup>196</sup>

---

195 Idem. Ibidem.

196 Idem, em 10/06/2010.

Sabe-se que esse deputado não estava sozinho, outros agiam da mesma forma, eles não se preocupavam, como ainda não se preocupam, com as pessoas que os elegeram para o cargo.

De forma geral, os pioneiros que chegaram no ano da inauguração da cidade estavam direta ou indiretamente envolvidos com o Poder.

As dificuldades com a moradia foram relatadas por três professores concursados para dar início à rede pública de ensino de Brasília. Eles se disseram insatisfeitos com a moradia e dois deles também com o trabalho porque o governo não havia cumprido a promessa feita na época do concurso a que se haviam submetido. Havia uma possibilidade de que eles pudessem iniciar um ensino novo na capital e a promessa de moradia para todos, e isso foi um motivo de atração no qual muitos acreditaram.

Entretanto, nem tudo ocorreu conforme o prometido e houve descontentamentos por parte dos professores que tinham se preparado para implantar na nova capital um ensino diferenciado, voltado para a criatividade, um sistema educacional que deveria servir de modelo para todo o Brasil.

Para que se compreenda melhor esse tema, é preciso entender que há diferença entre funções de Estado e funções de Governo. Assim, vamos clarear essas diferenças:

O Governo é transitório e representa interesses de partidos políticos; são grupos de pessoas que têm por objetivo alguma vantagem no Poder. Os desejos dos governantes nem sempre, ou nunca, coincidem com os da Nação.

O Estado é perene. Tem a função de representar o povo, a nacionalidade, os valores fundamentais de um sociedade. O Estado está nas cores da bandeira, no Hino Nacional, na cultura, ele garante a brasilidade de quem nasceu no Brasil.

Para que uma nação caminhe em direção ao progresso faz-se necessário que as funções de Estado e Governo sejam independentes, caso contrário haverá prejuízo para o país.

Dessa forma, deve-se pensar sobre a educação e a saúde implantadas pelo Governo em Brasília. Não se pode abandonar a ideia de que os professores são os profissionais responsáveis pelo ensino em escolas, universidades, ou em outro estabelecimento de ensino. São eles que fomentam a força de produção de um país.

Os médicos são os que exercem a medicina. São os responsáveis por debelar, atenuar, curar as doenças que afligem as pessoas. Os médicos exercem um trabalho preventivo importante na sociedade. Eles trabalham para a manutenção das forças de produção de um

país.

Assim, professores e médicos são funções essenciais para a sobrevivência da sociedade. Mas não são de utilidade para o Governo. Desse modo, esses profissionais sofreram com questões básicas de sobrevivência na nova capital. Eles não faziam parte do Governo, mas do Estado.

Enquanto isso, diplomatas, funcionários ligados diretamente aos Poderes, chegaram a Brasília com privilégios diferenciados, e professores e médicos não receberam moradias ou receberam um apartamento muito pequeno que não comportava a família.

No caso dos professores, vejamos esse problema a partir de alguns depoimentos:

Arlindo Raposo, professor de matemática, manifestou-se insatisfeito com a moradia e satisfeito com o trabalho:

“Pra mim foi uma melhora de vida muito grande, antes de vir pra cá eu era diretor de um ginásio evangélico em Recife. ... o salário de professor era ridículo. Prof. não ganhava nada. Tinha respeito, mas não tinha valor nenhum. Saí de lá ganhando mais e aconteceu uma coisa fabulosa, o salário em Brasília era dobrado. ...os professores estavam em dificuldades porque não tinham onde morar, meu irmão tinha vindo com a esposa e ela tinha apartamento. Eu fui morar com eles. Depois eu recebi um apartamento JK e me mudei para lá.”<sup>197</sup>

O salário dos professores era compensador, mas nem sempre o trabalho na escola era bom e a moradia, quando oferecida, eram apartamentos que eles chamavam de JK (sala e quarto) que ficavam distantes da escola, diferente daquilo que o governo havia prometido por ocasião do concurso para professores.

A professora Renée Simas veio do Rio de Janeiro onde teve oportunidade de ver, em maquete, a cidade e os apartamentos mobiliados que seriam destinados aos professores em Brasília. Ela revelou-se insatisfeita perante o trabalho e a moradia que encontrou na capital.

“Quando fizemos o concurso para professores de BSB, no prédio do MEC, no Rio, havia uma maquete do que seria BSB, os prédios habitacionais, que podiam vir mobiliados ou não, eram várias condições favoráveis, além do salário. Quando chegamos, um ônibus do MEC levou todos os professores para o JK (apartamentos de sala e quarto nas 411,12 e 13), sem nenhum móvel. Os apartamentos que cada um tinha escolhido só existiam no papel, eram fictícios. Em razão dessa promessa não cumprida, no final de 1960 criamos a Associação de Professores para lutar. Fizemos greves (3 ou 4 vezes) na escola, os médicos também aderiram porque eles também tinham tido a mesma promessa e não tinham sido atendidos. As condições de trabalho eram precárias também.”<sup>198</sup>

197 Idem, em 03/05/2010.

198 Idem, em 09/04/2010.

A professora sentiu-se enganada porque a realidade era muito diferente da promessa que recebera antes de vir para Brasília. Ela afirmou que no trabalho as ideias eram novas, mas não se podia aplicar muita coisa. O que se tinha de real era uma cidade nova com ideias antigas. Assim, só houve um jeito de se mostrarem indignados diante do acontecido, criar uma Associação e enfrentar o poder para conquistar algo que lhes pertencia de direito, mas não existia de fato.

Santiago Naud, professor dessa mesma época, veio de Porto Alegre para assumir o mesmo concurso público em Brasília. Ele também lutou por melhores condições de trabalho e de moradia junto ao grupo:

“Todo início de trabalho é muito difícil e, apesar de ser um grupo selecionado, havia também as idiossincrasias (temperamento individual), e simpatias. O que nos unia, sobretudo, aqui em BSB, era o sentido de inaugurar um período novo na educação do Brasil. A moradia foi difícil. Eu fui um dos demitidos porque iniciei o movimento pró-moradia. Deram-nos para morar os apartamentos JK que eram minúsculos e havia uma das colegas que tinha mais de seis filhos, como ela iria viver num apartamento desse? Esse foi o primeiro protesto nosso e ela conseguiu outro apartamento. No final do ano 60, vendo que aquela situação iria continuar, enquanto outros, bancários, funcionários da Câmara e etc., recebiam apartamentos grandes no Plano Piloto, continuamos lutando.”<sup>199</sup>

O professor acrescentou outra ideia que parece ser o clímax dessa situação. Outros funcionários públicos (bancários e os que prestavam serviço na Câmara ou Senado) recebiam apartamentos melhores no Plano Piloto. Está clara a proposta, cabe ao homem transformar a realidade em vez de ser expectador da própria vida. Por que essa distinção numa cidade planejada para não haver discriminação social? Por que os professores, responsáveis pela educação do país, precisavam lutar por seus direitos?

De novo a situação se repete, é nítida a questão discriminatória que se implantava na capital e que precisa ser melhor discutida e compreendida.

Luiz Egypto de Cerqueira cita a recomendação de LC que constava do plano original de Brasília:

“(…) deve-se impedir a enquistação de favelas tanto na periferia urbana quanto na rural. Cabe à companhia urbanizadora prover, dentro do esquema proposto, acomodações decentes e econômicas para a totalidade da população.”<sup>200</sup>

199 Idem, em 06/09/2009.

200 CERQUEIRA, Luiz Egypto de. *Memórias do Distrito Federal: a luta pela autonomia política*, p. 13.

A proposta do criador é clara, deveriam impedir os “cistos” em Brasília e as habilitações deveriam ser econômicas, mas descentes, para a população e não para parte dela. Tudo parece original no papel, mas na realidade essas ideias não foram concretizadas e muitos “cistos” cresceram nos arredores da cidade. Tornou-se imprescindível, como comprovam os pioneiros, Renée e Santiago Naud, que se unissem para lutar por melhores condições de trabalho e moradias dignas.

Os “cistos” aos quais se referiu LC estiveram presentes a todo momento da construção, durante a implantação de serviços e moradia em Brasília, fato que se distancia das orientações propostas pelos idealizadores da cidade, mas inevitável diante da realidade que se estabeleceu: ritmo de obras e chegadas aceleradas e crescentes de migrantes.

Seria preciso um planejamento que atingisse a todos os moradores, ou aos que estivessem na cidade, envolvidos na construção. Esse plano deveria se estender até o término da construção e implantação da capital. Não se pensou o que fazer com aquelas pessoas que não acrescentavam, na opinião daqueles que se diziam condutores da construção, à condução da nova capital.

Gustavo Lins Ribeiro desenvolveu melhor o tema da chegada e trajetória dos trabalhadores e do aproveitamento. O autor, em *O Capital da Esperança*, (sic) Cap. I, diz que havia dois tipos de fluxos: um organizado e outro desorganizado. O fluxo desorganizado, conforme explicou, teria ocorrido quando o migrante tomou sozinho a decisão de procurar a capital para iniciar uma nova vida. Já o fluxo organizado ocorreu de forma contrária. O migrante foi aliciado por algum representante do Estado, ou de uma empresa particular e orientado a buscar uma vida nova, um trabalho na capital.

Finalizando a análise do Gráfico VI, percebe-se que no intervalo de 1961 a 1969 a maioria dos pioneiros entrevistados declararam condições satisfatórias de trabalho e moradia. Sabe-se, que de acordo com a Tabela VI deste capítulo, 9 pioneiros eram funcionários públicos e 11 exerciam outras ocupações privadas.

Dentre os funcionários públicos, 8 manifestaram-se satisfeitos com suas moradias ao assumirem suas funções na nova capital. Somente Bianchetti e sua esposa, Ailema, não demonstraram a mesma satisfação porque vieram convidados pela Universidade de Brasília e já tinham 06 filhos pequenos e não receberam moradia de imediato.



“A universidade oferecia apartamentos, mas a procura era maior que a oferta e as pessoas disputavam a moradia, nem todos os prédios da universidade estavam prontos. Eu tive de esperar 2 meses pelo apartamento (...). Naquela época 2 meses era muito porque havia muita pressa para tudo. Não havia sala de aula na UnB e as primeiras aulas que eu dei foram no cerrado com o pessoal sentado embaixo de árvores e as máquinas trabalhando na construção em volta.”<sup>201</sup>

Realmente, esperar dois meses por uma moradia com uma família numerosa como a deles, numa cidade em construção, não pode ser considerado fácil. Enquanto isso, o trabalho na Universidade de Brasília, logo que inaugurou em 1962, era bastante difícil porque não havia nem mesmo salas disponíveis para os alunos.

Não é difícil compreender o discurso de Bianchetti se estivermos atentos à história da criação da UnB. Somente em dezembro de 1961, o presidente da República, João Goulart, sancionou a Lei 3.998 que autorizava a criação da universidade. Em 1962, os professores foram convidados e aceitaram iniciar suas pesquisas e aulas, mesmo com a deficiência física da universidade.

Sobre as dificuldades enfrentadas para a criação da universidade Darcy Ribeiro, um de seus criadores, explica:

“... A UnB não é uma Universidade qualquer. Muito lutamos para criá-la. Havia demasiadamente gente contra. Israel Pinheiro, engenheiro admirável, dizia que duas coisas não deviam existir em Brasília: operários e estudantes. É evidente que Juscelino não se guiava por este critério, mas ele também duvidou da conveniência de se criar aqui uma livre universidade pública ou uma universidade privada.”<sup>202</sup>

A existência de uma universidade na nova capital foi muito questionada e ameaçada, como disse Darcy. Diante disso, tudo foi feito com muita pressa não só devido a ansiedade que o projeto causava, mas pelo medo de que as autoridades não permitissem a continuidade das obras, como já tinham dificultado o quanto puderam a concretização da ideia.

Nesse clima, a universidade foi inaugurada, mesmo que ainda fosse um imenso canteiro de obras, poucos prédios estavam prontos. Não havia salas de aulas suficientes para todos os alunos que haviam prestado vestibular e estavam matriculados. Os professores usavam de toda a criatividade possível para atenderem seus alunos, como o depoimento do prof. Bianchetti comprovou.

---

201 Idem, em 31/03/2010.

202 RIBEIRO, Darcy. *Universidade para quê?*, p. 14/15.

Por outro lado, os outros 8 funcionários públicos entrevistados não sentiram dificuldades com o trabalho, nem com a moradia. Vale lembrar que, nessa época, o funcionalismo público possuía as mesmas regalias descritas no início deste capítulo. Portanto, é compreensível o resultado apresentado pelo Gráfico VI.

Na primeira década de existência, a capital apresentou um decréscimo na economia e na construção civil em razão de crises políticas sentidas com intensidade pelo Governo Federal. Essas crises foram listadas por Aldo Paviani:

“... em 1961, renúncia do Presidente Jânio Quadros e seus desdobramentos: em 1964, destituição, pelos militares, do governo João Goulart, com risco da volta da capital ao Rio de Janeiro; em 1968, fechamento do Congresso Nacional, que teve uma forte influência negativa sobre a vida da cidade.”<sup>203</sup>

A insegurança predominante no governo, conforme relatou Paviani, poderia ter dificultado as condições de trabalho e moradia dos pioneiros entre 1961 e 1969, mas não é o que se observa no Gráfico VI, que registra a maioria deles satisfeitos em relação à moradia e ao trabalho que exerciam na capital.

Essa satisfação pode estar relacionada ao fato de que 9 desses pioneiros exerciam funções públicas e 5 eram estudantes que estavam, de certa forma, envolvidos com o poder público uma vez que estudavam em escolas ou universidades públicas. O Estado funciona, nesse processo, como agente da ideologia dominante e as pessoas não podem, em função de sua vivência e trabalho, contrariar o poder.

Difícilmente, as pessoas iriam se colocar contra a ação governamental porque temiam a reação oposta e preferiam dizer que tudo estava bem, que não havia problemas na cidade. Essa atitude dos pioneiros vem reforçar a ideia de que a cultura, que se iniciava na capital, era extremamente elitista e que as pessoas reagiam de acordo com a vontade do Poder.

#### **4.1.5 Convivência entre os pioneiros**

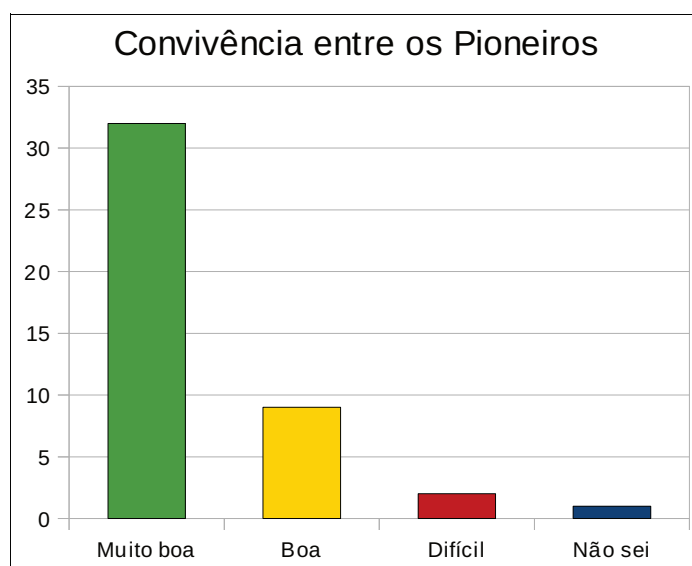
No questionário, havia um item em que os pioneiros deveriam avaliar a convivência entre as pessoas no decorrer da primeira década da existência de Brasília. Eles emitiram suas opiniões, e a partir dessas respostas, a convivência entre os pioneiros foi traduzida

---

203 PAVIANI, Aldo. *A metrópole terciária*, In *Brasília, ideologia e realidade-espço urbano em questão*, p. 89.

sinteticamente em: muito boa, boa, difícil e não sei. Essa forma foi adotada a título de melhor visualizar os resultados obtidos durante a pesquisa.

**GRÁFICO VII** – demonstrativo das relações de convivências estabelecidas entre os pioneiros desde o início da construção de Brasília, em 1956 até o final da primeira década de existência da cidade.



Nos depoimentos da maioria dos pioneiros entrevistados (32 do total), percebe-se que a convivência entre eles, desde o início da construção (1956) até o final da década de 1960, era harmoniosa, muito boa. Em algumas situações podia-se observar, de acordo com os depoimentos, que havia uma ajuda humanitária, além da harmonia. As pessoas se encontravam para conversar, ouvir músicas, cantar e tocar.

Havia uma instituição chamada carona em Brasília que se manteve até os anos 1970. Quem passava de carro dava carona para aqueles que estavam a pé. As pessoas eram receptivas umas com as outras e sentiam-se à vontade para se relacionarem.

O pioneiro Anderson H. Braga relatou:

“Havia muita solidariedade, muita carona. Oferecia-se carona, pessoas desconhecidas paravam com o carro vendo que a gente estava andando, 'aceita uma carona?' (...) Acho que a convivência era um pouco mais solidária no começo, havia mais relacionamento entre os vizinhos.”<sup>204</sup>

204 Entrevista concedida à autora em 19/02/2010.

Essa convivência entre os vizinhos, citada por Anderson, também foi mencionada pelo Cel. Heliodoro que comparou a época inicial com a atual e lamentou a mudança ocorrida:

“Havia uma solidariedade total, faziam-se reuniões alegres, festivas. Hoje é estranho. No início todos eram companheiros de trabalho, então, todo mundo se conhecia e se movimentava. Hoje, eu moro há 30 anos aqui e estou num deserto. Tenho uns poucos vizinhos que mudaram mais ou menos junto comigo, esses ainda cumprimentam.”<sup>205</sup>

O pioneiro, estudante na época, Antônio Carlos Carpintero, confirma a prática da carona e acrescenta a convivência harmônica que havia entre professores e alunos na UnB:

“Era prática corrente em Brasília a carona e isso perdurou até 1969, talvez 1970. Havia uma convivência muito próxima entre professores e alunos e tudo isso começou a se perder e ficou como hoje. Não há proximidade entre ninguém.”<sup>206</sup>

Clodo Ferreira, que gostava muito de cantar, desde 1965, quando chegou a Brasília, aponta a solidariedade que existia entre os grupos musicais que iniciavam na cidade:

“Lembro de muita solidariedade. Naqueles anos (1965-1969) havia muita produção musical em Taguatinga. Há pesquisas que apontam a cidade como primeiro foco de produção musical de Brasília. Eu trabalho com música e comecei lá, aos 14 anos de idade. Havia grupos, bandas de músicas, eram muito intensos os movimentos em Taguatinga. A gente vinha para o Plano Piloto tocar nos programas de TV que aceitavam artistas ao vivo e nós, jovens, vínhamos e nos apresentávamos nos programas ao vivo e voltávamos para casa.”<sup>207</sup>

A formação de grupos também existia na UnB, eram pessoas que se reuniam para estudar e para se divertir. A estudante e pioneira, Conceição Salles, narrou sobre sua convivência social e constatou um ganho cultural, baseado na transmissão de conhecimento que se dava entre as pessoas, de regiões diversas, que migravam para Brasília.

“A turma da faculdade ia muito a festas, havia muita amizade e solidariedade entre as pessoas. Frequentávamos as casas uns dos outros, estudávamos juntos. O nosso grupo de amigos era formado por pessoas de várias regiões do país. Acho isso muito bom em Brasília, senão como iríamos conhecer pessoas de diversas religiões e culturas...”<sup>208</sup>

---

205 Idem, em 05/03/2010.

206 Idem, em 29/01/2010.

207 Idem, em 22/10/2010.

208 Idem, em 25/05/2010.

Heitor Humberto que, inicialmente, trabalhou como livreiro e por isso tinha contato com muitas pessoas, fez uma observação interessante sobre o relacionamento entre elas:

“Havia muita solidariedade, era muito interessante. No início, Brasília era uma coisa inacreditável, todo mundo buscando, um apoiando o outro, era muito bonito aquele período.”<sup>209</sup>

Heitor Humberto clarifica os anseios e a disposição de um ajudar o outro que ele observava entre os moradores da capital. Na percepção dele, na década de 1960, havia em Brasília um sistema novo de convivência entre as pessoas baseado na ajuda mútua.

Jarbas S. Marques pondera um ponto patente sempre que se trata de pioneirismo em Brasília, o orgulho de ter participado da construção de uma cidade que representa o país para o mundo:

“A solidariedade entre as pessoas era o orgulho de participar da obra, de assistir o Brasil perder o complexo de 'vira-lata'.”<sup>210</sup>

A solidariedade, que a maioria dos pioneiros entrevistados citaram, surge na voz de Jarbas, relacionada ao orgulho de participar da construção de Brasília e, ainda, ao crescimento, à importância que isso proporcionaria ao Brasil. A cidade simbolizava o que de melhor o país tinha para mostrar ao mundo, a solução para os problemas que o Brasil enfrentava.

Apesar disso, o pioneiro destacou o “complexo de vira-lata” que expõe a pobreza, a falta de estímulo, a incapacidade; enfim, tudo de ruim que possa estar ligado à imagem do Brasil. Ao mesmo tempo, representa, também, o crescimento e a coragem dos brasileiros. São os contrários feio X bonito, bom X mau que surgem no mesmo campo de visão.

A questão volta-se para o estudo sobre a Estética do Belo elaborado ao longo dos séculos por filósofos. O feio era conhecido em oposição ao belo e sempre foi pouco mencionado; afinal, o feio não deve ser enaltecido, caso contrário pode ser considerado belo por alguma outra cultura. Assim, o que é feio para uns pode ser belo para outros, e vice-versa. O conceito de belo é relativo ao tempo e a cultura em que o indivíduo se insere.

Na tentativa de explicar melhor a sensibilidade do pioneiro Jarbas na expressão 'complexo de vira lata', vejamos como Nietzsche sugere o belo no *Crepúsculo dos ídolos*:

209 Idem, em 21/04/2010.

210 Idem, em 23/09/2010.

“... no belo, o ser humano se coloca como medida da perfeição; (...) adora nele a si mesmo. (...) No fundo, o homem se espelha nas coisas, considera belo tudo o que lhe devolve sua imagem. (...) O feio é entendido como sinal e sintoma da degenerescência (...) Cada indício de esgotamento, de peso, de senilidade, de cansaço, toda espécie de falta de liberdade, como a convulsão, como a paralisia, sobretudo o cheiro, a cor, a forma da dissolução, da decomposição (...) tudo provoca a mesma reação: o juízo de valor 'feio'.”<sup>211</sup>

Nietzsche nos diz que a noção de beleza e de feiura está no homem e este irá espelhar-se em outro, ou em outra coisa e revelar o conceito de acordo com seu reflexo. Nesse sentido, Jarbas revelou o reflexo da beleza de Brasília para o Brasil por meio da expressão 'vira-lata'.

A convivência, segundo Nietzsche, pode refletir ou não a Beleza, mas há de se tomar cuidado para não confundir a atribuição de beleza a critérios políticos e sociais. O dinheiro e a política andam juntos e são símbolos de poder e, à medida que se tem muito desses atributos a imagem da cidade é bela. Como Brasília estava sendo construída para acomodar o Poder maior do país, ela pode ser considerada bela em contraste com a imagem diferente que se apresentava do Brasil.

Por fim, Victor Alegria, pioneiro português, que veio à procura de um espaço em que pudesse viver e colaborar com a sociedade, avaliou a convivência em Brasília:

“Os clubes viviam cheios, era uma vida mais saudável e agradável. BSB, para quem, como eu, está aqui há mais de 40 anos, era uma aventura, e construíamos nossa vida junto com a cidade.”<sup>212</sup>

Victor Alegria sintetizou a convivência entre os habitantes de Brasília como uma aventura, um feito extraordinário: a construção simultânea da cidade e das vidas dos habitantes.

A ideia resultante das análises é que os pioneiros consideraram muito boa a convivência entre os habitantes de Brasília, é essa noção de aventura boa, construtiva, dominava o modo de vida entre as pessoas no início da cidade.

Entre esses pioneiros, algumas ideias sobre a boa convivência merecem destaque. Em alguns discursos, observa-se um certo contraste na convivência. Observemos o discurso de Judson Seraini, operário da construção civil, ao discorrer sobre o assunto:

211 NIETZSCHE. *Crepúsculo dos ídolos*. Apud. ECO, Humberto. *História da Feiura*, p. 15.

212 Entrevista cedida à autora desta tese em 03/02/2010.

“A convivência, por exemplo, entre um mineiro e um goiano era muito boa, eles tinham mais elasticidade, chefiavam melhor, mas com o nordestino não. Havia uma diferença, esse não sentava na mesma mesa. Esse preconceito só existia entre os administradores, entre os trabalhadores a convivência era muito boa. O povão eram todos iguais.”<sup>213</sup>

A costureira, Maria de Lourdes, esposa de Judson, confirma a fala do marido em entrevista realizada na mesma data:

“Eu também observava no trabalho esse preconceito com os nordestinos. Eu acho que isso começou quando as pessoas, que vinham do Rio, chegavam recebendo a famosa dobradinha. Então, esses é que tinham mais preconceito com os nordestinos que já estavam aqui. Os cariocas demonstravam que os nordestinos tinham obrigação de trabalhar aqui.”

O que fica claro, nos depoimentos do casal de pioneiros, é o preconceito social que existia entre um trabalhador, aquele que veio para “dar uma mão” na construção, como disse JK, e os trabalhadores administrativos, principalmente aqueles que vinham do Rio de Janeiro, os funcionários públicos transferidos. Esse preconceito é regional, advém da ideia, já destacada, de que os migrantes do interior do país são inferiores aos urbanos. Pior que isso é o preconceito sobre o trabalho realizado: afinal quem ajudou mais na construção de Brasília?

O resultado da construção não seria a soma do trabalho de todos os brasileiros? Essa é a fala de muitos, mas a realidade é outra. Havia muito preconceito e, de acordo com a região, a função que se exercia na cidade, a visão das pessoas e o poder da fala de cada um é que mensuravam o valor do migrante. Alan Viggiano mostrou um outro lado dessa visão preconceituosa que Judson e Maria de Lourdes mencionaram:

“As pessoas de poder aquisitivo e político andavam pelas ruas e davam carona. Houve um caso interessante de um Ministro do Supremo que foi abordado por uma vizinha que tinha um problema de vazamento em sua casa. Ela pensou que o Ministro era um operário e pediu a ele para resolver o problema. Ele agiu como operário, constatou e resolveu o problema e a mulher nem ficou sabendo do ocorrido. As pessoas eram mais simples e solidárias.”<sup>214</sup>

Alan convivia com políticos porque era taquígrafo no Senado Federal e afirma que o relacionamento entre as pessoas no início de Brasília era de “camaradagem, muito cordial” e que todos andavam pelas ruas sem maiores problemas. No caso, que o pioneiro citou acima,

213 Idem, em 23/08/2011.

214 Idem, em 21/04/2010.

percebe-se esse tom cordial que existia entre as pessoas, independente do cargo que ocupavam na política.

Mais uma vez, são duas ideias contraditórias predominantes no discurso, classes sociais diferentes convivendo em harmonia. Diferente do preconceito social tratado acima, aqui as pessoas agiram como seres humanos e não como elites e dominados.

Não vamos abordar os tipos de classes sociais, mas em função de entender melhor a ideia do preconceito, anunciada pelos pioneiros, vale lembrar as ideias sobre classes sociais difundidas em *O Manifesto Comunista*.

A concepção de organização social de Karl Marx e Friedrich Engels é baseada nas relações de produção. Nesse sentido, em toda sociedade, seja pré-capitalista ou capitalista, haverá sempre uma classe dominante, que direta ou indiretamente controla ou influencia o controle do Estado; e uma classe dominada, que reproduz a estrutura social ordenada pela classe dominante e assim perpetua a exploração.

Essa falta de consenso entre os pioneiros permite-nos pensar que a diferença cultural entre eles é fator considerável entre seus depoimentos.

Ainda considerando o Gráfico VII, não podemos deixar de comentar a respeito dos pioneiros que consideraram difícil a convivência inicial em Brasília.

José Maria Leitão foi categórico ao afirmar que não existia convivência entre os habitantes de Brasília:

“Esse é um dos pontos em que notei mais diferença entre Fortaleza e Brasília. Um ajudava sempre o outro, mas convivência não tinha. A gente podia morar anos num prédio e nem conhecer os vizinhos e parece que isso era próprio de Brasília. Em Fortaleza era comum alguém pedir algo emprestado na casa do outro, aqui não tinha isso. No trabalho, havia grupos de médicos e saíamos para conversar. No hospital, conhecia todos.”<sup>215</sup>

Napoleão Valadares confirmou o discurso de José Maria:

“Não havia muita solidariedade pelo menos ao meu ver. Eu cheguei e encontrei uma cidade estranha. É possível que isso tenha influência da minha vida interiorana e aqui era tudo meio árido. No colégio, eu observa isso também, tive bons amigos no colégio, mas lá existia isso também, de certa forma.”<sup>216</sup>

---

215 Idem, em 11/09/2010.

216 Idem, em 03/08/2011.



Ambos narraram a falta de intimidade que existia entre as pessoas e a cidade. Eram observações do cotidiano em que estavam inseridos. Clemente Luz discorreu sobre a solidão que a cidade inspirava após a inauguração:

“A cidade está pronta. Bela na sua concepção urbanística e arquitetônica, ... Mas não é mais nossa. Nem é muito humana, embora os ares se encham dos cheiros e das fumaças dos fogões domésticos, do choro das crianças, do lamento dos corações solitários, da gargalhada histérica dos novos-ricos e dos boêmios inveterados, ...”<sup>217</sup>

Segundo Clemente Luz, a cidade criou vida e se desumanizou. Isso pode ter acontecido porque ela foi invadida e contaminada pelo Poder e quanto mais ela se contaminava, mais as pessoas perdiam a liberdade e não mais conseguiam relacionar-se umas com as outras de forma satisfatória.

Finalmente, a pesquisa registrou um pioneiro que não emitiu opinião sobre a convivência em Brasília, apesar de ter chegado à cidade em 1957. Antônio Carlos Osório era advogado, atuava em casos com operários e residia na Cidade Livre. Preferiu dizer que não sabia nada sobre a convivência entre os habitantes. Respeitamos o direito do pioneiro de abster-se e preferimos não fazer críticas.

Ao longo desta análise, observou-se que os pioneiros entrevistados apresentaram depoimentos que demonstraram uma convivência harmônica e solidária em Brasília. Apareceram, a ideia do preconceito social entre os habitantes e o reconhecimento da existência de uma convivência deficitária e fria, assim como a constatação de que a cidade perdeu o tom humano que possuía ao longo de sua construção.

Essas considerações levam a pensar que a ideia de igualdade que previra Lucio Costa não passaram de utopia. Desde o início, a cidade mostrava que seria desigual e que apresentaria preconceitos na convivência diária dos habitantes.

Notou-se, ainda, uma falta de consciência dos pioneiros em relação à nova cultura que se formava na capital, provocada pela crença na existência de uma falsa unidade entre a população.

---

217 Idem. Op. Cit. p. 97.

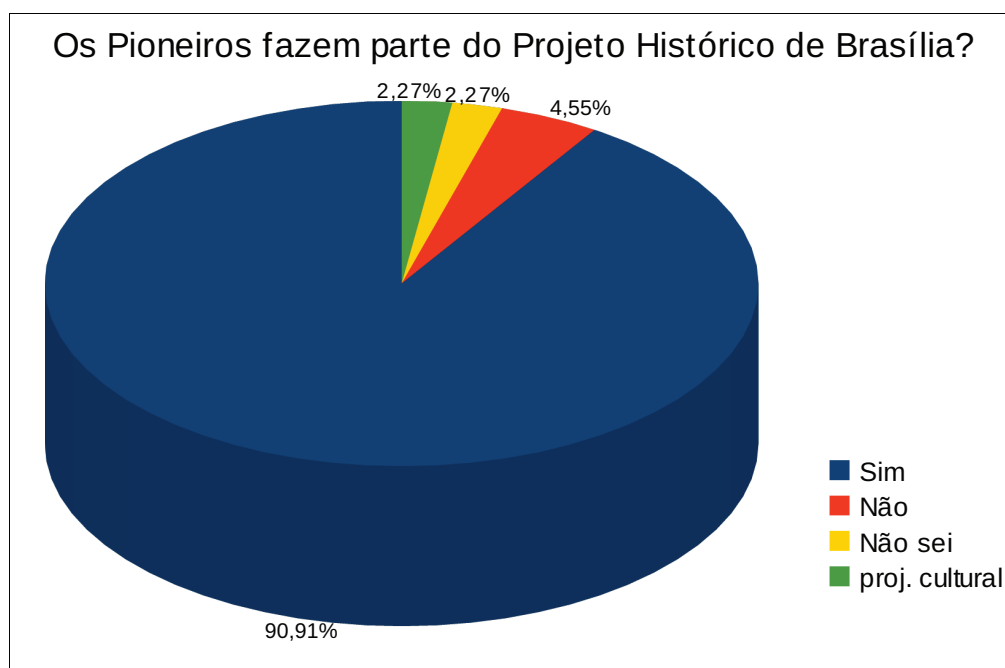
## 4.2 Pioneiros como parte de um projeto histórico de Brasília.

Nesse item, houve uma sugestão para que os pioneiros narrassem suas lembranças e avaliassem suas participações na história de Brasília.

A palavra projeto vem do latim *projectus*, -us, - jogar para frente, de se estender, e remete à compreensão do ato de cometimento, de uma empresa arrojada, uma aventura.

Nesse sentido, a memória dos pioneiros retrocedeu aos primórdios de suas chegadas e avaliou suas permanências na cidade ao longo de suas vivências. O resultado está apresentado no gráfico abaixo.

**GRÁFICO VIII** – ilustração sobre a participação dos pioneiros no projeto histórico de Brasília.



É claro, no Gráfico VIII, a grande maioria dos entrevistados, 90,91%, consideraram-se como parte da história de Brasília. Esse resultado está de acordo com as expectativas porque eles moravam na cidade, alguns desde o início das obras, outros, a partir da inauguração da cidade e, finalmente, aqueles que chegaram durante a primeira década e presenciaram, ainda, muito da construção.

A maioria dos pioneiros mostraram-se orgulhosos e conscientes de suas participações como agentes e alunos do projeto da nova capital. Eles se sentiram gratificados por estarem em um local onde julgavam encontrar um futuro pela frente. Havia perspectivas de progresso.

Clodo Ferreira ligou o sentimento de ter participado do projeto à sensação de que Brasília não era uma cidade comum, e a comparou com sua cidade natal, Teresina:

“Sinto-me parte do projeto histórico no sentido de que eu tinha a sensação de que Brasília não era uma cidade comum. Teresina também foi uma cidade construída há anos, mas lá eu não sentia a mesma sensação que tive em Brasília. Aqui a gente tinha a certeza de que estávamos fazendo algo porque não havia nada anterior.”<sup>218</sup>

A sensação, declarada por Clodo, é a certeza de que Brasília era um espaço carente de tudo e os migrantes dariam início a algo e, a partir de suas criatividade, produziram uma cultura nova, diferenciada. O pioneiro deixou a certeza de que muito trabalho seria exigido para que atingissem esse objetivo.

A professora Renée Simas explicou que havia um projeto maior que seria a valorização do interior do país e diz que, por ter participado desse projeto, sentia-se parte dele:

“Sim, penso que o projeto maior mesmo era o Brasil conhecer e valorizar seu interior. Quando a Capital ficava no litoral parecia que o Brasil ficava olhando para o mar, para o que estava fora. À medida que ele entrou, ele começou a ver seus órgãos internos com outro olhar. Houve um movimento de valorização da cultura, respeito pela diversidade, pelas diferenças. Penso que esse foi um grande ganho da mudança da Capital. Isso é que faz com que eu me sinta parte desse projeto porque eu participei disso.”<sup>219</sup>

A visão de Renée foi ampla no sentido de voltar-se para a questão da mudança da Capital e relacionar esse fato à sua participação como agente criador e modificador de uma cultura nova que estava sendo implantada.

Jaime Almeida sintetizou a participação dos migrantes no processo histórico de Brasília:

---

218 Idem, em 22/10/2010.

219 Idem, em 09/04/2010.

“É difícil dizer isso, mas certamente quando Brasília provocou essa migração, ela incluiu essa migração nesse projeto, mas era uma participação diferenciada porque alguns tiveram oportunidades maiores que outros, por ligação com empresas que se deram bem ou com o governo. Todos que vieram pra cá participaram desse projeto, mas de forma diferenciada. Eu me sinto parte e como criança vislumbrava um grande edifício, nunca tinha visto um, nunca tinha visto escada rolante, um vão imenso como o da rodoviária. Aquilo era extraordinário e essa percepção faz com que a pessoa participe dessa aventura.”<sup>220</sup>

O pioneiro sublinhou a força que o Poder exerceu na história de Brasília e afirmou que todos os migrantes participaram de forma diferenciada do processo histórico da cidade.

“A forma diferenciada”, mencionada por Jaime, sugere que em Brasília, havia uns mandantes, aqueles que possuíam muito dinheiro ou estavam ligados à política do país. Do outro lado, estavam aqueles que obedeciam e trabalhavam de acordo com a vontade de um mandante que retinha o poder.

Dois pioneiros declaram não terem participado do projeto histórico da cidade. José Maria Leitão disse:

“Não. Acho que ser importante para uma cidade é outra coisa: eu sou médico e escritor e, mesmo que eu tivesse sido Ministro, não significa nada, é um cargo público. Acho que se alguém pudesse se dizer importante para a cidade seria primeiro o Juscelino, depois, poucos prefeitos que passaram pela cidade e trabalharam para que ela ficasse melhor.”<sup>221</sup>

Napoleão Valadares também negou ser parte de um projeto histórico:

“Não. Veja bem, eu vim para BSB após alguns anos de sua construção. A seis anos da inauguração. Então, parece-me que minha presença aqui não tem nada a ver com isso. Já estava tudo consumado, construído e eu não contribuí para isso. Eu vim para usufruir me parece porque eu estava aqui me beneficiando de bom colégio, o Elefante Branco. Estava mais para usufruir dessa qualidade de ensino que me era oferecida que para contribuir.”<sup>222</sup>

Nos discursos de José Maria e de Napoleão, fica evidente que eles entenderam que para participar de projeto histórico seria preciso trabalhos voltados para a construção ou para melhorar a cidade. Ambos julgaram que simplesmente morar e trabalhar numa cidade não é suficiente para se apossar ou para modificar a história dela.

---

220 Idem, em 24/03/2010.

221 Idem, em 11/09/2010.

222 Idem, em 03/08/2011.

Segundo Napoleão, ele mais usufruiu que contribuiu para a construção da cidade porque veio para estudar e recebeu tudo de melhor que a cidade tinha para oferecer naquele momento. No caso de José Maria, ele veio para fazer a residência médica porque em Brasília havia, na época, o melhor hospital para essa formação.

Assim, ambos os pioneiros constataram que vieram à procura de algo, para desfrutarem das vantagens da capital e não somente para prestarem serviços para a cidade. Ou seja, eles receberam muito mais que doaram.

Esse fato é real, talvez muitas pessoas possam ter procurado a capital com esse mesmo objetivo, e não tenham se apercebido da situação. Estar presente ou mesmo morar numa cidade pode não ser suficiente para participar de seu projeto histórico, mas de alguma forma a participação não deixa de existir porque as pessoas convivem e trabalham no dia-a-dia da cidade e, dessa forma, é inerente a troca e a coação de serviços entre a cidade e o habitante.

Gougon, que veio para estudar na UnB, manifestou dúvida ao responder a esse item, apesar de ter estudado e trabalhado desde que chegou à cidade.

“Eu vivenciei esse período, não sei se sou parte histórica. Vivenciei, trabalhei como jornalista até outro dia, foi muito legal porque fiz muitas coisas, às vezes, por acaso, outras por não medir consequências.”<sup>223</sup>

A dúvida de Gougon parece ter explicação nos discursos dos pioneiros citados anteriormente. Ele não se sentiu à vontade porque, apesar de ter trabalhado na cidade, julgou não ter proporcionado modificações que lhe dessem o crédito de participar do projeto histórico da cidade.

Por fim, Víctor Alegria sintetizou bem a ansiedade que tomava conta dos pioneiros em relação ao assunto:

“...eu senti que tinha alguma coisa para fazer, aqui os sonhos podiam se tornar realidade. De fato, posso dizer que realizei a maior parte de meus sonhos, trabalho no que gosto e tenho muito prazer no que faço, e isso é um privilégio. É possível que eu faça parte de um projeto histórico cultural porque sempre estive preocupado com crescimento intelectual dos amigos e da família.”<sup>224</sup>

A voz do pioneiro parece-nos certa. As pessoas chegavam a Brasília com a esperança de transformar seus sonhos em realidades. Isso só era possível à medida que essas pessoas atingiam seus objetivos e produziam algo. No caso desse pioneiro, um projeto

223 Idem, em 29/06/2010.

224 Idem, em 03/02/2010.

intelectual de estímulo à leitura em comunidades.

Ele foi o único a responder que entendia fazer parte de um projeto histórico cultural. Entretanto, parece-nos que todos os pioneiros entrevistados, de certa forma, fizeram parte desse mesmo projeto. Desde que chegaram, integraram e assumiram suas vidas na nova capital.

## 5 O MODERNISMO E A MODERNIDADE DE BRASÍLIA

### 5.1 Modernismo e Modernidade

Para que se perceba melhor a influência do projeto de Brasília na vivência da população da capital precisamos compreender o impacto que o Modernismo causou na sociedade brasileira e a herança que o movimento nos deixou e que pode ser sentida na capital.

Há algumas confusões em torno da compreensão dos sentidos dos termos Modernismo e Modernidade. Vejamos alguns conceitos aos quais o dicionário nos remete:

“**Modernismo** sm (moderno + ismo) **1** O mesmo que *modernice*. **2** Movimento surgido no seio do catolicismo e também no do protestantismo, que pretendia amoldar a teologia e a moral cristãs às ciências e ideias modernas. **3** Denominação genérica de vários movimentos literários e artísticos: futurismo, cubismo, expressionismo, dadaísmo, surrealismo... **4 Lit** Especificamente, movimento literário brasileiro iniciado na Semana de Arte Moderna, em 1922.  
**Modernidade** sf (moderno + i+dade) **1** Estado ou qualidade de moderno. **2** Os tempos modernos. **3** Modernismo.”<sup>225</sup>

Para uma compreensão mais ampla dos termos, vale observar a formação dos substantivos modernismo e modernidade. Substantivo é o termo que pertence à classe de palavras que designa seres ou coisas, concretos ou abstratos, estados, processos, ou qualidades. Adjetivos são palavras que se juntam ao substantivo para qualificá-lo ou para determiná-lo.

Nos dois substantivos destacados, nota-se que o adjetivo moderno está presente na formação de ambos e remete à ideia de atualidade, ou que está na moda.

Modernismo é formado pelo adjetivo *moderno* mais o sufixo *ismo*. Esse sufixo é usado na Língua Portuguesa para designar ação, qualidade e é formador de substantivos abstratos em oposição ao concreto.

O substantivo modernidade também é formado pelo adjetivo *moderno*, acrescido do sufixo *dade* que exprime a noção de qualidade ou condição. Esse sufixo também é usado para formar substantivos abstratos.

---

225 MICHAELIS: moderno dicionário da Língua Portuguesa, p. 1394.

A partir dessas observações, pode-se afirmar que as representações reveladas pelos substantivos Modernismo e Modernidade serão abstratas, existentes no domínio da recepção imaterial, intelectual. Pode-se afirmar, ainda, que a modernidade representa a qualidade de moderno, de novo, nas ações determinadas por críticas, inovações e atuações de um movimento caracterizado pelo Modernismo.

Assim, a modernidade foi lançada no modernismo que surgiu como um amplo movimento artístico, das artes visuais à literatura, do teatro à arquitetura. Nessa acepção, deveriam surgir trabalhos realmente novos, não renovados. No entanto, os artistas brasileiros, que estavam bem informados sobre a arte europeia talvez tenham se deixado contaminar muito pelas vanguardas europeias. E, nesse sentido, tenham resistido ao transmitir suas emoções, os fatos da vida atual e a realidade do país de uma forma livre e descompromissada na arte nacional.

A partir dessa concepção é que iremos analisar a modernidade em Brasília, procurando sempre o impacto que a cidade produziu na vivência dos moradores.

O Modernismo brasileiro foi visto e representado por muitos como uma completa e radical ruptura com o passado na história da arte. A rebeldia modernista era tal que o movimento atacou, muitas vezes, a própria modernidade, ao mesmo tempo em que se sentia muito entusiasmado pelos tempos modernos.

O século XX pôs em movimento experiências sociais, culturais e políticas em quantidade e velocidade ainda não experimentadas pela humanidade. Na literatura brasileira, o período é representado principalmente pela prosa. A indústria do século XX liberou forças produtivas em escalas altas, utilizando-se de recursos naturais de forma vertiginosa, com pouca ou nenhuma preocupação com a sustentabilidade.

No campo político, o século XX revelou complexas experiências tais como diferentes manifestações do socialismo e democracias capitalistas, nacionalismos, fascismo, nazismo e movimentos sociais diversos.

Nessa época, a população brasileira era composta, de um modo geral, por uma elite que detinha o poder político, uma classe média urbana e pelos sertanejos. Havia ainda os emigrantes europeus e japoneses que, no início do século, afluíram ao Brasil em grande número.

O Brasil, de 1890 a 1939, tinha uma economia voltada para o comércio externo. O café, os couros e as peles eram os principais produtos de exportação. O café, cultivado em



regime de monocultura, dominava a produção agrícola, embora a cultura do algodão assumisse uma expressão crescente a partir de 1890.

Foram tempos em que as artes em geral vivenciaram um experimentalismo diferenciado, em que se buscou mais liberdade de expressão, e modificações ocorreram na vivência da sociedade.

Tudo contribuía para que uma nova mentalidade emergisse nesse período. Diante desses conhecimentos, possibilidades e percepções do mundo, o ser humano teve de conviver com uma vida muito mais complexa e contraditória do que a de seus ancestrais. O efêmero, o gosto pelo novo e a renovação constante passaram a fazer parte da rotina das pessoas. Para expressar e responder aos anseios e às angústias dessa nova etapa da modernidade, a arte respondeu com experimentações radicais, principalmente na literatura, nas artes visuais, na arquitetura, no teatro, na dança e na música.

Em se tratando da modernidade, a primeira tentativa de caracterizá-la pode ser descrita como um estilo, um costume de vida ou uma organização social surgida na Europa, a partir do século XVII e que, devido a sua influência, veio a se tornar mundial.

Circunscrita no tempo, a modernidade pode ser associada a um período histórico, e como tal, difícil de ser analisado, pois é ao mesmo tempo - passado e presente (mesmo considerando a dificuldade de se distanciar do que se pretende analisar, reflexivamente, os rumos do hoje e do porvir, esse movimento é importante para que possamos compreender os fenômenos sociais do nosso tempo).

A modernidade remete-nos à história presente de uma sociedade moderna que prioriza o positivo, em detrimento do negativo.

### **5.1.1 *Arquitetura Moderna***

Uma das principais bandeiras dos modernos é a rejeição aos estilos históricos, principalmente, pelo que acreditavam ser a sua devoção ao ornamento. Os modernos viam no ornamento, algo típico dos estilos históricos, um inimigo a ser combatido: produzir uma arquitetura sem ornamentos tornou-se uma bandeira para alguns. Junto com as vanguardas artísticas das décadas de 1910 e 1920 havia um objetivo comum: a criação de espaços e objetos abstratos, geométricos.

O projeto de construção do edifício-sede do Ministério da Educação no Rio de Janeiro, conhecido como o Palácio da Cultura, parece ter sido a oportunidade de o Ministro Capanema colocar em prática as ideias revolucionárias do modernismo.



**Figura 20:** Sede do Ministério da Educação e Saúde - Rio de Janeiro

**Foto:** Nelson Kon

**Fonte:** [http://4.bp.blogspot.com/\\_24xN5ZIoNjQ/Rz7FRnDp\\_ml/AAAAAAAAAC4/75YzKgx9pts/s1600/MES07.jpg](http://4.bp.blogspot.com/_24xN5ZIoNjQ/Rz7FRnDp_ml/AAAAAAAAAC4/75YzKgx9pts/s1600/MES07.jpg), acessado em 30/07/2012.

Foi nessa construção que os arquitetos Oscar Niemeyer e Lucio Costa tiveram a chance de mostrar uma arquitetura diferente da tradicional até então utilizada no Brasil. A afirmação e consagração dessa arquitetura veio com a construção da Pampulha, em Minas Gerais, e mais tarde, teve seu apogeu na construção de Brasília.

Essas construções, atribuídas à arquitetura moderna no Brasil, tiveram o apoio de Juscelino Kubitschek que governava Minas no período da construção do complexo da Pampulha. Nessa empreitada, Niemeyer esteve com JK e foi quem desenvolveu esse projeto. JK tinha em mente uma nova arquitetura que daria início a uma nova política no Brasil. No período de 1956 – 1960, quando JK presidiu o país, sucedeu a construção de Brasília a partir do projeto de LC e com participação ativa, mais uma vez, de Niemeyer, o que consagrou, definitivamente, esses nomes e a arquitetura moderna.

Igualmente, merecem destaque as ideias da época: a industrialização e a economia, que concedem ao arquiteto a responsabilidade pela correta e socialmente justa construção do ambiente a ser habitado. As edificações devem trazer consigo elementos de economicidade, limpeza visual e utilidade necessários ao pragmatismo característico do movimento

arquitetônico moderno.

Principalmente após a segunda Guerra Mundial, surgiu o movimento pós-moderno na arquitetura e no urbanismo que se caracterizou como crítica ao movimento moderno. A arquitetura pós-moderna centrou-se em soluções racionalistas e na busca da funcionalidade, como foi previsto na Carta de Atenas: um lugar para morar, trabalhar, circular e que proporcione lazer. Cidade setorizada.

### **5.1.2 A modernidade cede lugar às dificuldades em Brasília**

A história de Brasília é especial e concretizou séculos de promessas, sonhos, esquecimentos, e também porque foi projetada para sediar o governo e construída no centro do país; num espaço vazio, sem nenhuma referência cultural prévia e num momento em que as ideias modernistas tomavam conta do Brasil.

Conforme foi dito, a modernidade busca a atualidade, o novo, e remete-nos à história presente de uma sociedade, no caso, a sociedade existente quando se formou a nova capital.

Será nesse sentido que abordaremos a modernidade de Brasília. É indiscutível que a construção da cidade teve enorme ressonância mundial. A arquitetura foi reconhecida como profissão, ganhou vulto nacional, e os arquitetos e urbanistas brasileiros, principalmente Lucio Costa, Oscar Niemeyer e seus colaboradores, foram reconhecidos mundialmente.

Com muitas ideias utópicas e munido de coragem, o presidente JK convocou, no início de seu governo, uma legião de pioneiros para caminharem ao encontro de um ideal. As pessoas dotadas de sonhos, esperanças de uma vida melhor e, acreditando que encontrariam a solução para muitos de seus problemas sociais e de moradia, chegavam e enfrentavam todas as dificuldades da construção que se iniciava no meio do nada.

Essa utopia, após mais meio século da inauguração da nova capital, não se mostrou operacional. A cidade funcional não exerce sua função primordial, como se esperava, porque a setorização influencia e dificulta a vida dos habitantes, conforme apurou esta pesquisa ao realizar entrevistas com 44 pioneiros e questionando como eles entendiam o cotidiano da cidade.

Diante da análise de resultados já realizados nesta tese, podemos apontar dificuldades de sobrevivência, causadas pelo projeto da cidade:

As estradas de Brasília, consideradas largas, construídas visivelmente para automóveis\*, estão superlotadas, e não há estacionamentos suficientes para todos os carros. Temos que reconhecer a visão desenvolvimentista e aguçada de JK, mas faltou-lhe considerar a vivência futura dos habitantes.

Apesar de muitos caminhos, que deveriam servir automóveis e pessoas, os moradores têm dificuldade de circulação; necessitam do uso de automóveis para se locomover, mesmo em distâncias pequenas porque o transporte coletivo, especialmente sobre trilhos, não atende à população, que fica sem alternativas. Essa foi a principal crítica relatada pelos pioneiros; a cidade priorizou os carros em detrimento da população e não construiu ciclovias, por exemplo. Entende-se que as estradas foram construídas para os automóveis que, certamente, chegariam em grande número, e não para as pessoas. Os moradores foram pouco ou nada considerados.

Os problemas relacionados com a moradia surgiram cedo, antes da inauguração da cidade. Os trabalhadores, após o término das obras, não queriam retornar para suas origens. Isso não deveria constituir transtornos, afinal, o território brasileiro deveria ser livre para os brasileiros escolherem o local de moradia.

Esse problema foi resolvido, em parte, com a construção das cidades-satélites, mas outras dificuldades surgiram. Essas cidades não foram todas planejadas para receber os moradores. Ficam distantes do Plano Piloto, local onde estão a maioria dos empregos; e a locomoção é difícil como já foi dito.

Além disso, as cidades não oferecem lazer suficiente para a população, a qual precisa deslocar-se, também em final de semana. Fatos que estimulam a saída diária das pessoas rumo ao Plano, evidenciam as satélites como dormitórios e agravam a questão de transporte e locomoção. Enquanto as pessoas utilizam seus próprios carros para locomoção há aumento de congestionamento e de consumo de combustível e, conseqüentemente, maior poluição do meio ambiente.

A capital que deveria buscar a sustentabilidade no sentido de proporcionar o equilíbrio entre as dimensões ambiental, social e econômica torna-se cada vez mais insustentável.

O cotidiano das superquadras, no Plano Piloto, foi aprovado por muitos pioneiros que

---

\* A indústria de automóveis veio para o Brasil e se instalou em São Paulo em 1956, ano em que iniciava-se a construção de Brasília e daí em diante o crescimento dessa indústria foi enorme, atraindo grandes investimentos das principais empresas e gerando um número maior de empregos. Em 1959, no município de São Bernardo do Campo foi instalada a fábrica da Volkswagen, uma das maiores fabricantes de automóveis do mundo, com sede mundial na cidade de Wolfsburg, Alemanha.

se satisfazem com os espaços e a liberdade que elas proporcionam. Entretanto, essa vivência apesar de agradável, foi apontada como causa de isolamento das pessoas porque elas são dispostas em quadras mais bem localizadas ou mais distantes, com apartamentos maiores ou menores, com elevadores e garagens cobertas ou não, e isso mostra uma elitização dos moradores e, automaticamente, o isolamento, ocasionando formação de grupos sociais distintos.

Esses problemas, apontados pelas vozes dos pioneiros, foram causados pelo projeto que previa uma vivência agradável e harmônica entre as pessoas, mas que resultou em disparidades sociais.

Os entrevistados apontaram uma qualidade de vida confortável na capital para quem tem condições sociais melhores e, desconfortável, para aqueles que estão distantes do Plano e têm salários menores. Essa vida confortável, relatada pelos pioneiros, não constitui, efetivamente, vantagem para Brasília porque quando se tem poder aquisitivo alto, pode-se escolher o local mais aprazível para viver.

### ***5.1.3 Uma cidade funcional que não funciona***

A Brasília planejada para ser funcional não funcionou como se esperava. Ela foi equiparada pelos pioneiros entrevistados a qualquer outro grande centro urbano porque possui problemas semelhantes. Há excesso de carros, problemas com transporte urbano, disparidade social, acesso difícil à cultura, problemas com educação e saúde.

É importante sublinhar que os sonhos dos pioneiros não se concretizaram na maioria. Mesmo assim, eles preferiram morar em Brasília a qualquer outra cidade. Relataram que não gostariam de sair da cidade: alguns não gostam nem mesmo de passar muito tempo longe da capital, e ainda a consideram o melhor lugar para se viver.

A divisão da cidade em setores provocou uma dissociação entre as pessoas que não aceitaram ser equiparadas a máquinas e procuraram caminhos diferentes, na mesma cidade construída para que predominasse a igualdade social.

O que se pode depreender disso é que Brasília nasceu de um sonho da modernidade, mas foi construída na realidade brasileira em que os fatos eram e são diferentes. Os habitantes não gostaram do modelo imposto pela cidade planejada, revoltaram-se e criaram novas formas

de se socializar e conviver em seus cotidianos.

As pessoas, que escolheram Brasília para morar, aprenderam a conviver com as limitações e deficiências dela. Hoje, pode-se observar que os Clubes de Vizinhança, que estavam planejados, mas não foram construídos como no projeto, trouxeram consequências para o cotidiano brasiliense.

Havia projetos para vários Clubes de Vizinhança a fim de atender a necessidade de agregação dos moradores da nova capital. No entanto, somente dois deles foram construídos. Esses clubes tinham o objetivo de reunir as pessoas e facilitar os pontos de formação de opinião pública, debates e discussões de ideias polêmicas. Influenciariam, também, a articulação de ideias e a politização das pessoas.

Mas tudo isso não foi considerado pelas equipes do governo que construíram a nova capital, cederam os espaços destinados aos clubes, para construções diversas, inclusive de Igrejas, que não congregam pessoas com finalidades críticas e, muito menos, quem quer discutir assuntos pertinentes à sociedade.

Surgiram pontos virtuais para suprir essa necessidade de permuta da população. Tem-se, então, redes sociais, que isolam ainda mais as pessoas, ou os shoppings que elitizam e embutem nelas uma visão capitalista. Essas opções influenciaram a economia da sociedade.

Como os pontos de encontros não foram viabilizados pelo urbanismo da cidade, houve, então, um aquecimento do comércio, proporcionada pela construção de novos shoppings e, com isso, além da formação de pontos de encontros, houve aumento no trânsito de automóveis e uma maior concentração de pessoas no Plano Piloto.

Vale lembrar que antes da construção da nova capital, Belo Horizonte e Goiânia já haviam sido projetadas e construídas, e vários problemas urbanísticos já haviam sido observados, mas não foram considerados pelos arquitetos que construíram Brasília.

O tumulto que existe nas capitais citadas e o clima muito quente, modificado pelo excesso do uso de cimento e vidros nas edificações traz problemas para a vivência da população. O erro foi repetido em Brasília e a cidade, hoje, está cheia demais, falta emprego; e a população sente-se sufocada pelo clima quente e pelo excesso de carros nas ruas.

A cidade vem se apresentando de forma hostil para a população, mas é notório o endeusando de JK e de todos os que estiveram envolvidos com a construção da cidade. De forma geral, os pioneiros acreditam no sonho que os trouxeram para cá, mas isso não quer dizer que esse sonho se tenha realizado.

As pessoas, de uma forma geral, vivem com dificuldades em Brasília devido aos problemas já apontados, e porque o custo de vida é muito alto e o aluguel também. Donde se entende que a capital é um lugar para poucos ou para as pessoas de classe social mais elevada e que, quanto mais distantes as cidades-satélites estiverem do Plano Piloto, mais pobres e mal servidos seus moradores.

O modernismo trouxe uma ideia totalitarista que impôs vivências, atitudes às pessoas como se elas não fossem capazes de pensar e de se mostrar a partir de seus trabalhos como seres únicos. Parece-nos que as vozes dos pioneiros entrevistados indicam que Brasília foi concebida a partir dessa ideia. JK nomeou os arquitetos que deveriam responsabilizar-se pela construção e desenvolvimento do Brasil. O pensamento era que, do centro do país, despontassem poder e novas ideias que não só governassem, mas também impregnassem todos os brasileiros a fim de que o país crescesse econômica e socialmente.

O modo como se deu a construção de Brasília deve ser considerado. Após uma longa espera pela capital, os brasileiros deveriam ter participado de forma mais efetiva nas decisões sobre a construção. Afinal, tratava-se de uma alteração no tipo de vida e no desenvolvimento do país.

A construção da nova capital envolveu muita mão de obra braçal, que vinha de todas as regiões do Brasil, mas esses trabalhadores não serviram para pensar nada sobre a construção, apesar de terem esperança num futuro diferente para os brasileiros e para a capital, conforme foi exposto, anteriormente, nos escritos encontrados na parede do Congresso Nacional na ocasião de um trabalho de alvenaria.

## **5.2 O Regime Militar e Brasília**

No intuito de que possamos perceber a influência do regime militar na capital que estava se formando no centro do país, descreveremos parte da história da ditadura militar no Brasil.

O primeiro Golpe Militar, no Brasil, ocorreu em 1930 no Rio de Janeiro. Na época, o Exército estava descontente com a República civil brasileira e se sentia ameaçado pelas milícias estaduais. O governo do país estava nas mãos da Junta Governativa Provisória de 1930, cujo chefe era o general Tasso Fragoso.

Washington Luís foi deposto por um golpe de estado liderado pelo general que impediu o presidente eleito, Júlio Prestes, de assumir a Presidência da República e a entregou a Getúlio Vargas que tomou posse em 03 de novembro de 1930.

Numa avaliação geral, tendo em vista que o Brasil não era um país revolucionário, surgiu um Estado mais livre, afirmou Luiz R. Lopez:

“Com a Revolução de 1930, surgiria um novo tipo de Estado, um Estado liberto do controle das antigas oligarquias e que seria obrigado a levar em consideração e a exprimir outros anseios. Um Estado mais complexo, mais heterogêneo em seus objetivos, em condições de assumir uma posição arbitral em momentos de crise da sociedade brasileira.”<sup>226</sup>

A Revolução de 1930 permitiu a existência de um Estado livre do domínio de um grupo de poderosos (latifundiários tradicionais), e pronto para exprimir outros anseios e trabalhar melhor com a crise social que os brasileiros enfrentavam, mas não fez a reforma agrária que o país precisava. Logo, a ideia que se divulgava era uma, mas a realidade apresentou-se diferente.

Após essa Revolução, surgiu com o governo Vargas um período populista do Poder que só foi interrompido com o Golpe de 1964. O populismo foi um fenômeno político da era de transição para estruturas econômicas mais modernas, e se difundiu por toda a América Latina.

No Brasil, Getúlio Vargas foi um presidente extremamente populista\*; assim como JK. Ambos governaram com o foco na massa popular. O governante popular exerce uma influência maior sobre o povo com quem estabelece laços emocionais, e se utiliza disso para obter apoio na política.

Esses governantes conseguem alcançar, aproximado-se, na maioria das vezes, das pessoas de baixa renda, um sentimento de afeição delas por seu líder. Getúlio Vargas chegou a ser chamado, durante seu governo, de “pai dos pobres”. Francisca S. Araújo escreveu sobre a afeto que o povo dedicou a ele:

---

226 Idem. Op. Cit. p. 64.

\* O populismo não é um governo de esquerda apesar de se voltar para as classes média e baixa. Tampouco é um governo de direita. A direita o considera uma forma demagógica de comportamento político. O populismo não dá espaço para a atuação política da classe burguesa uma vez que suas determinações políticas são atribuídas ao líder.



“No Brasil, Getúlio Vargas é o exemplo maior do populismo. Apesar de toda a repressão exercida por Vargas, conseguiu ser democraticamente eleito pelo povo o que mostra sua popularidade diante das grandes massas. Seu “interesse” pelos pobres, o que o levou a ser apelidado de “pai dos pobres”, dá uma dimensão do populismo assumido por Getúlio Vargas.”<sup>227</sup>

O interesse, entre aspas, citado pela autora, denota o falso significado que o vocábulo assume diante das pessoas. Assim, à proporção que o populismo assume não é real, mas a massa pobre da sociedade ilude-se com o governante, e se deixa levar por sua vontade.

No caso de Getúlio, a liderança carismática e o empenho na aprovação de reformas trabalhistas, favoráveis aos operários, fizeram com que ele fosse aclamado pelas massas; no entanto, alguns críticos afirmam que certas providências dele fizeram com que sindicatos e seus líderes se tornassem dependentes do Estado.

Esse fato foi confirmado quando, em 1950, Getúlio Vargas foi mais uma vez eleito à Presidência da República e, simultaneamente, o partido populista – PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) dominou, até 1964, com pequenas interrupções, o Ministério do Trabalho e, por intermédio deste, os sindicatos.

Como se sabe, numa crise política, o presidente Vargas suicidou-se em 24/08/1954 e o país conheceu três presidentes nos 16 meses que faltavam para que ele cumprisse o mandato: Café Filho, Carlos Luz e Nereu Ramos.

Nesse contexto, nas eleições de 1955, Juscelino Kubitschek foi eleito e assumiu a Presidência da República em 1956, numa coligação PSD – PTB (Partido Social Democrático e Partido Trabalhista Brasileiro). Seu vice-presidente, João Goulart, era do PTB na coligação dos partidos.

O quinquênio presidido por JK caracterizou-se pela rápida industrialização que imprimiu no país uma grandeza voltada para uma prosperidade nunca vista antes.

Aliado a esse momento propício ao desenvolvimento, JK construiu Brasília que, em vez de permitir a continuidade do desenvolvimento, fez com que o presidente passasse a gastar mais do que comportava a situação econômica do país. Foi inevitável o crescimento da inflação e, conseqüentemente, uma crise no país e no governo.

Em 1961, JK passou a Presidência da República para Jânio Quadros que havia sido eleito e aceito pela massa brasileira porque, durante sua campanha, anunciara a crise e se

---

227 ARAUJO, Francisca Socorro. *Populismo*. In <http://www.infoescola.com/politica/populismo/>, acessado em 12/07/2012.

declarara disposto a tomar as medidas necessárias para sanar a economia brasileira. O vice-presidente era João Goulart.

Entretanto, Jânio renunciou, alegando poderes de forças ocultas no governo e deixou a nação brasileira perplexa com a situação de desmoralização da vida pública do país, causada por denúncias de empreguismo, negociatas e tráfico de influências no Poder.

Na política, a renúncia de Jânio provocou sérios problemas. João Goulart (vice-presidente) deveria assumir o poder, entretanto, no momento da renúncia, Jango como era conhecido, estava na Ásia, em visita à República Popular da China.

Assim, o Presidente da Câmara dos Deputados, Ranieri Mazzili, assumiu a presidência. Porém, com a chegada de Jango, os grupos de oposição e as Forças Armadas não aceitaram que ele tomasse posse, sob a alegação de que ele seria adepto de tendências políticas esquerdistas. Como se isso fosse razão suficiente para desrespeitar o voto da população.

Em defesa de Jango, setores sociais e políticos iniciaram um movimento de resistência que teve início no Rio Grande do Sul, liderado por Leonel Brizola, e se irradiou para todo o país. Em busca de solução para o problema que se estabelecia no Brasil, foi instituído um regime parlamentarista de governo que garantiu a posse de Jango, em 07 de setembro de 1961.

Posteriormente, em 1963, Jango convocou um plebiscito (oportunidade de voto em que o povo se expressa diretamente) para decidir sobre a manutenção ou não do sistema parlamentarista de governo.

O parlamentarismo foi rejeitado nesse plebiscito, e Jango assumiu a Presidência da República até 1964. Nos planos de governo de Jango estavam reformas de Base Agrária, Administrativa e Bancária.

O presidente anunciou essas reformas num comício, em 13 de março de 1964. A partir de então, desenvolveu-se um conjunto de acontecimentos que culminaram na derrubada do governo e na instauração da Ditadura Militar.

O regime ditatorial imposto pelos militares foi extremamente radical no início e, com o tempo, transformou-se numa ditadura repressiva que avançou sobre a liberdade política e os direitos individuais.

### 5.2.1 *Uma interrupção no crescimento de Brasília*

Acreditamos que Cel. Heliodoro seja uma das pessoas que possui maior suporte de informações e credibilidade para relatar os fatos que envolveram JK e o Golpe. Ele acompanhou todos os acontecimentos iniciais ao lado de JK. Logo, lançaremos mão de um longo trecho da entrevista desse pioneiro para a melhor compreensão desse assunto:

“Eu trabalhei com o Presidente Juscelino desde Minas Gerais. Fui aluno da mãe dele. Ele era mais velho que eu 14 anos, mas os meus irmãos mais velhos e meus tios foram contemporâneos dele de infância. Mamãe era muito amiga de dona Júlia e dele também.

Quando veio o maldito Golpe de 64, o Presidente voltou para o Rio e eu também. Ele voltou candidato porque antes do Golpe de 64, o Presidente já era candidato à reeleição em 65. Houve uma reunião, no Palácio das Laranjeiras, da qual eu participei, em que vários deputados, senadores e ministros civis e militares propuseram ao Juscelino não dar posse ao Jânio Quadros porque ele era um bêbado. Juscelino respondeu que não faria isso porque a democracia estava acima de tudo e o que ele podia fazer é dar uma arma a cada um dos senhores para defender os direitos. Juscelino saiu em 1961, mas já candidato à eleição de 1965, mas houve o Golpe de 1964 e ele foi covarde e criminosamente cassado.

Eu sei disso porque participei de uma reunião na casa do deputado Joaquim Ramos. Antes eram candidatos à Presidência da República: Dutra, Krueel e Castelo Branco. O Dutra não aceitou.

Krueel convidou o Presidente para ir à casa dele e eu fui junto. Saímos da minha casa em Ramos, fomos à 5 de Julho, onde morava o Cruel para esse encontro. Eu fiquei na sala e eles foram para o escritório e conversaram por um tempo. À saída, ainda na porta do Krueel, Juscelino virou-se para mim e disse: 'Affonso, se colocarmos mais um gaúcho aí, serão mais 20 anos de ditadura'.

Eu não sei qual foi a conversa que eles tiveram lá dentro para ele sair de lá com esse pensamento. Então, ele não apoiaria o Krueel. Dali passamos na minha casa, que era perto, para tomar uma água e fomos para o apartamento dele, na Vieira Souto. Às 7h, mais ou menos, voltamos para Constante Ramos para um encontro com Castelo Branco.

Este foi promovido a General pelo Juscelino da seguinte maneira: isso é importante porque quando o Lott, Ministro da Guerra, levou uma relação dos coronéis que seriam promovidos ou passariam para a reserva, estávamos, o Presidente à cabeceira da mesa, o Lott ao lado, e eu em pé, porque sempre que o Presidente precisava de alguma coisa eu estava ali. Quando chegaram ao nome do Castelo Branco, o Lott falou: 'Presidente eu não promoveria o Castelo porque ele é lacerdista e vai nos dá muito trabalho'.

O Presidente perguntou como ele era como militar, e o Lott respondeu que como militar ele havia participado da guerra, tinha todos os cursos; e o Presidente respondeu: 'o direito que ele tem de ser lacerdista eu tenho de não ser, se ele é um bom militar, vamos promovê-lo'.

Continuaram a leitura da relação e ao chegarem ao nome de Mourão Filho, o Lott disse: 'Presidente eu não promoveria o Mourão porque ele é louco'. O Presidente respondeu: 'mas ministro é o único diamantinense que vai a general, vamos promovê-lo'.

E foram os dois que JK promoveu que fizeram a Revolução de 64.

Bem, isso foi antes do encontro que eu estava te contando na casa do dep. Joaquim Ramos. Chegamos lá e encontramos Amaral Peixoto, do PSD; José Maria Alkmin, Frederico Schmidt e Joaquim Ramos, deputados, o Lalau, secretário do Amaral e eu.

Sentaram-se os dois, o Juscelino e o Castelo, e este pediu o apoio a Juscelino para sua eleição. Juscelino falou para ele o seguinte: 'General, o senhor terá o meu apoio se comprometer-se a realizar as eleições em 1965'. Resposta textual do Castelo: "Passarei a faixa presidencial para aquele que for eleito em 1965'. Então, o senhor terá o meu apoio. E já saímos dali, da casa do Joaquim Ramos, o Juscelino ao telefone, convocou Carlos Murilo, Renato Azeredo, Alkmin. Convocou todo mundo. Veio para Brasília e agiu. Só encontrou resistência do Tancredo que não queria votar em Castelo porque conhecia o caráter dele.

O Castelo foi eleito Presidente da República pelas mãos do Juscelino e, no entanto, esse canalha assume o governo, e o primeiro ato dele foi prorrogar a eleição e acabar com a de 65, que havia prometido, na presença das pessoas que narrei, mas também no discurso do recebimento da faixa quando ele disse: 'Passarei a faixa presidencial para aquele que for eleito em 1965.' Um mês depois, ele prorrogou seu mandato e acabou com a eleição de 1965 e em junho cassou o Juscelino.”<sup>228</sup>

Conforme afirmou Cel. Heliodoro, JK, enquanto presidente, promoveu Castelo Branco a general e, posteriormente, o apoiou para Presidente da República. No entanto, havia um acordo entre JK e o futuro presidente: Castelo Branco deveria realizar a próxima eleição, em 1965, na qual JK seria candidato.

Juscelino saiu, da reunião mencionada pelo pioneiro, convencido de que Castelo Branco era a pessoa indicada para a presidência, e que o acordo político entre eles vigorava.

Castelo Branco não só descumpriu a promessa feita, prorrogando seu mandato, como cassou o mandato político de JK. O Golpe Militar ocorreu em 31 de março de 1964, e a ditadura foi instaurada no Brasil.

Juscelino foi um presidente aceito por grande parte da população brasileira e, provavelmente, não teria dificuldades em ser reeleito. Logo após à presidência, JK foi eleito senador pelo estado de Goiás, 1962. A história registrou o desejo de JK de concorrer novamente à Presidência da República em 1965, cuja campanha era: “**JK 65: a vez da agricultura**”. Ele teve a candidatura lançada pelo PSD em 20 de março de 1964. Os outros candidatos eram: Carlos Lacerda, Leonel Brizola e Jânio Quadros que tiveram as candidaturas abortadas pelo Golpe Militar de 1964.

JK foi acusado, pelos militares, de corrupção e de ser apoiado pelos comunistas. Teve seus direitos cassados, perdeu seu mandato de senador e, a partir de então, passou a percorrer cidades dos Estados Unidos e da Europa, num exílio “voluntário”.

---

228 Entrevista concedida pelo pioneiro à autora desta tese em 05/03/2010.

Ao final dos 10 anos que duravam as cassações de direitos políticos, JK pretendeu retornar à vida política. No entanto, havia sérios indícios de corrupção em seu período presidencial, e os militares usaram essas denúncias para desmoralizá-lo politicamente. Eles ameaçavam levar as investigações adiante caso Juscelino tentasse a reeleição.

Tendo em vista a forma como se deu a construção de Brasília, que durou todo o período do presidente JK, não se pode afirmar que a história teria sido favorável aos brasileiros, se o golpe militar tivesse sido evitado, ou mesmo que a economia brasileira tivesse tomado outro rumo, se a política atuasse de forma diferenciada e com moral em nosso país.

O que se pode afirmar, diante do discurso do pioneiro, é que JK votou no candidato Castelo Branco, sabendo que isso poderia resultar num golpe militar. Ele preferiu acreditar numa promessa do General a mudar sua posição e tentar livrar o país de passar novamente por uma situação de ditadura que ele mesmo não aprovava.

### **5.2.2 A década de 1960**

No início dos anos sessenta, fatos políticos importantes ocorreram na sociedade brasileira e influenciaram ou permitiram que o país experimentasse a ditadura militar. O sucessor de JK na presidência foi Jânio Quadros, o qual foi eleito com enorme apoio popular, conquistando uma aprovação nas urnas que até então não havia sido vista. Ele teve um período curto de governo autoritário e moralista.

A vitória imperativa fez com que Jânio Quadros acreditasse em um auto golpe de Estado. Credo que o povo o apoiaria sempre, arquitetou um plano de renúncia para voltar ao poder por meio de um pedido amplo de retorno, que só aceitaria se lhe fossem dados poderes absolutos. O plano de renúncia de Jânio Quadros não funcionou, e o cargo de presidente acabou ficando disponível para o seu vice, João Goulart.

O vice, empossado presidente, tentou aplicar uma política de esquerda, foi muito combatido pelos direitistas e criticado como uma ameaça comunista. O estopim necessário para explodir o golpe militar se deu quando Leonel Brizola e João Goulart fizeram um discurso na Central do Brasil, Rio de Janeiro, no dia 13 de março, declarando as reformas de base, lideradas pela reforma agrária. Os opositores organizaram-se e promoveram, seis

dias depois, a *Marcha da Família com Deus pela Liberdade*, um movimento da Igreja Católica, que tinha como objetivo envolver o povo no combate ao comunismo.

Assim, a religião, o povo e o interesse norte-americano formavam a sustentação que permitiria o golpe militar. Vale lembrar que, neste período, o mundo vivia o auge da Guerra Fria, que teve início logo após a Segunda Guerra Mundial, quando os Estados Unidos e a União Soviética disputaram a hegemonia política, econômica e militar no mundo.

A definição para 'guerra fria' é de um conflito que aconteceu apenas no campo ideológico; não ocorreu um embate militar declarado e direto entre Estados Unidos e URSS. Esses dois países estavam armados com centenas de mísseis nucleares e uma guerra poderia comprometer a vida do Planeta Terra.

No caderno sobre política do *Correio Braziliense*, Edson Luiz tratou da preocupação que os militares tinham por JK:

“Oito anos depois de deixar o governo, o ex-presidente Juscelino Kubitschek ainda era motivo de preocupação dos militares que assumiram o poder pelo golpe de 1964.”<sup>229</sup>

Esse arquivo pertencia ao extinto Serviço Nacional de Informação e revelou, em 1969, que a ditadura trabalhou no sentido de afastar JK do Brasil, assim como os políticos que fossem ligados ao ex-presidente. A popularidade de JK assustava os militares.

O relatório continha 11 páginas e foi intitulado: 'Situação político-social de Minas Gerais'. Esse documento teve circulação restrita ao Serviço Nacional de Informações (SNI), ao Centro de Informações do Exército (CEI) e à Comissão Geral de Investigações (CGI). Ele trazia, na introdução, a fonte dos dados que continha. Segundo Edson Luiz:

“Na introdução, os militares afirmam que todas as informações que constavam no dossiê foram adquiridas com funcionários públicos federais e do próprio governo, inclusive secretários de Educação, Segurança e Finanças.”<sup>230</sup>

Inferese que o relatório foi baseado em indagações feitas a pessoas que trabalhavam junto ao governo, o que pode reforçar os fatos. Esse mesmo documento sugere ao comando do Exército providências no sentido de cassar os direitos políticos de todos os que não comungassem das ideias militares:

229 LUIZ, Edson. *Lei de acesso – documentos mostram que militares temiam JK*. In *Correio Braziliense* de 1º de julho de 2012.

230 Idem. Op. Cit.

“Complementando qualquer das linhas de ação, necessário e imprescindível se torna a eliminação política, através de cassação de direitos políticos e mandatos eletivos de elementos reconhecidamente inimigos da revolução de 64 ou mesmo daqueles que, por suas simples ligações políticas desprestigiam a ação deste movimento, enfraquecendo-o, minando-o sub-repticiamente”<sup>231</sup>

O fragmento reforça o temor que os militares tinham em relação ao retorno de JK à política. Eles intensificaram a ideia de cassação do ex-presidente e de todos os que estavam ligados a ele politicamente. Foi o que ocorreu. Sem direitos políticos, JK 'optou' por um exílio pelos Estados Unidos e pela Europa que durou até 1967:

“A volta à terra natal só se consolidaria em 1967, ano em que JK articulou, ao lado do ex-presidente João Goulart e do ex-governador da Guanabara Carlos Lacerda, a chamada Frente Ampla, que tentou o retorno da democracia ao país...”<sup>232</sup>

O regresso à democracia, pleiteado por JK, era algo impossível diante da ditadura que os militares aplicavam no país. Talvez a comprovação disso esteja nas circunstâncias polêmicas em que o trio desapareceu em apenas 9 meses.

Juscelino morreu em um acidente automobilístico em agosto de 1976; João Goulart, de supostos problemas cardíacos, em dezembro do mesmo ano; Carlos Lacerda, de infarto, em maio de 1977. Ainda hoje, apesar de pesquisas sobre essas mortes, não se tem certeza das particularidades que as envolveram.

Vera Brant, grande amiga de JK, relatou um boato ocorrido duas semanas antes de ele morrer:

“Foi num sábado: eu estava deitada, lendo. Eram quatro horas da tarde, mais ou menos. Os dois telefones tocaram ao mesmo tempo. Atendi o primeiro, era o Hélio Doyle, jornalista.  
Vera, é verdade que Juscelino morreu? (...)  
Fui para a fazenda, à noite, com o Jofre Lellis. Quando bati à porta, ouvi a voz do Juscelino: agora é a Vera! Abraçamo-nos, emocionados. Todos estavam assustadíssimos com as notícias e querendo saber como foi que ela surgira.”<sup>233</sup>

Tudo leva a crer que o boato existiu para que pudessem avaliar o que aconteceria no país se, de repente, surgisse a notícia da morte de JK. A própria Vera relatou a conversa que teve com Juscelino em torno desse boato:

---

231 Idem. Op. Cit.

232 Idem. Op. Cit.

233 BRANT, Vera. *Ensolarando sombras*, p. 150/151.

“Acho que quiseram fazer uma sondagem para ver se haveria uma comoção no país, se o matasse. Se houvesse, desistiriam. Do contrário, o matariam. E o pior é que não houve comoção nenhuma porque eu não deixei que dessem a notícia na televisão. Nem no rádio. ...”<sup>234</sup>

Essa conversa mostra que Juscelino e os amigos temiam que os militares o matassem. O boato, previu o fato real, Juscelino morreu num acidente de automóvel, exatamente na estrada São Paulo – Rio de Janeiro no dia 22 de agosto de 1976 como informava o boato.

### **5.2.2.1 Criação da Universidade de Brasília**

A história da Universidade de Brasília ( UnB) foi fundamental na difusão da cultura e da importância que a pesquisa implantou na cidade. Entretanto, foi preciso convencer as autoridades da importância de uma universidade na capital. Ainda que o projeto original de Brasília já previsse um espaço para a UnB – entre a Asa Norte e o Lago Paranoá, a luta pela construção foi grande. O maior problema era a localização da universidade próxima ao Palácio do Planalto, ao Congresso Nacional e à própria Esplanada. Algumas autoridades temiam que estudantes interferissem na vida política da cidade. Finalmente, depois de negociações intensas, em 15 de dezembro de 1961, o presidente da República, João Goulart, sancionou a lei 3.998, que autorizou a criação da universidade.

Brasília tinha apenas dois anos quando ganhou, oficialmente, uma universidade federal. Inaugurada em 21 de abril de 1962, a Universidade de Brasília já funcionava, desde o início do mês, nas dependências do Ministério da Saúde, na Esplanada dos Ministérios. A data marcou o começo das aulas para os 413 alunos que haviam prestado o primeiro vestibular e, com ele, o da própria instituição que viria a se tornar uma das mais bem conceituadas do Brasil.

O antropólogo Darcy Ribeiro, idealizador, fundador e primeiro reitor da UnB, sonhava com uma instituição voltada para as transformações – diferente do modelo tradicional criado na década de 1930. No Brasil, foi a primeira a ser dividida em institutos centrais e faculdades. Nessa perspectiva, foram criados os cursos tronco, nos quais os alunos tinham a formação básica e, depois de dois anos, seguiam para os institutos e faculdades.

Vera Brant descreveu a luta de Darcy Ribeiro para criar a UnB como uma ousadia:

---

234 Idem. Op. Cit. p. 151.



“A luta do Darcy para que a Universidade fosse criada foi uma loucura. Quando o projeto estava para ser aprovado na Câmara dos Deputados, já na época em que o Jânio Quadros era presidente, ele não podia ver um deputado sem tentar convencê-lo. Até que, por ocasião da renúncia do presidente Jânio Quadros, aproveitando a perplexidade que tomou conta dos congressistas, ele conseguiu pôr na ordem do dia, na Câmara dos Deputados, o projeto de lei de criação da UnB, que foi aprovado.”<sup>235</sup>

A escritora, Vera Brant, foi testemunha da perseverança de Darcy na luta para convencer as autoridades de que Brasília necessitava de uma universidade diferenciada, voltada para a educação moderna e para a pesquisa científica. Um modelo de universidade para que todo o Brasil tivesse chance de entender 'um novo conceito de educação' que surgia.

Há de se considerar que o progresso não pode ameaçar a arte de pensar que as pessoas desenvolvem ao reformular suas ideias, ou a aprender com as ideias de outros. A arte de pensar é a responsável pelo nascimento de um “novo homem”<sup>\*</sup> que é livre e que sabe lutar para atingir quaisquer objetivos por ele determinado. Essa liberdade somada à aprendizagem dará início a uma cultura diferenciada, própria da sociedade onde o processo ocorre.

Nesse sentido, as escolas de ensino fundamental e médio e a criação da Universidade poderiam ameaçar o poder que preferia lidar com pessoas 'cegas', fáceis de manipular nesse novo espaço projetado para a Administração do País.

Anísio Teixeira fez um estudo sobre a tradição intelectual e buscou na Grécia Antiga a origem do desenvolvimento intelectual humano que irá explicar melhor a organização do indivíduo na sociedade:

“Com os gregos e a sua descoberta da especulação intelectual é que viemos, porém, a abrir reais alternativas para a organização da vida do homem, e, por conseguinte, a suscitar a possibilidade de sua liberdade e o problema de efetivá-la. Descobrimo a razão e formulando o conhecimento racional, os gregos criaram uma nova fonte de direção para o comportamento humano, independente, de certo modo, do determinismo dos costumes e dos hábitos e das condições imediatamente naturais, por isto que todas essas limitações passaram a sofrer a análise da mente humana e a serem traduzidas em ideias e modos deliberados de conduta e ação.”<sup>236</sup>

235 BRANT, Vera. *A ousadia na criação da UnB*, in Correio Braziliense de 29/02/2012.

\* A expressão, novo homem, é entendida como aquele que amplia seus conhecimentos e ajuda outros no ato da aprendizagem, enfim, a pessoa que se modifica perante aprendizagens que lhe são oferecidas e, assim, também ajudam a modificar o momento, as pessoas, o espaço em que está inserida.

236 TEIXEIRA, Anísio. A universidade e a liberdade humana. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v.20, n.51, jul./set. 1953. p.3-22. Pesquisado no site:

Há anos Anísio Teixeira examinava o problema educacional enfrentado pelo Brasil e apontava para a existência de pontos contraditórios na educação brasileira: de um lado, homens lutando pela liberdade intelectual e, de outro, o governo dificultando de alguma forma essa conquista.

Sabe-se que é essencial ao ser humano a liberdade de pensar para que cada um assuma sua importância na sociedade, para que se possa discutir algo com consciência e proporcionar mudanças importantes. Só assim, o ser poderá destacar-se e sobressair em suas ideias.

Na universidade pública, segundo Anísio Teixeira, o estudante teria contato com as artes baseadas no conhecimento racional, conscientemente elaboradas e, portanto, teria a chance de desenvolver sua faculdade intelectual, no domínio da inteligência.

Se a universidade serve de molde para jovens, deveria ser uma instituição muito bem planejada e conduzida pelos governantes e, em seguida, por seu corpo docente. Dessa forma, ela traria consigo e poderia distribuir aos jovens a 'mágica' do bem, do pensar.

Os alunos, receptores desse saber, seriam profissionais conscientes e capazes se tivessem liberdade para pensar, criticar e organizar suas ideias de acordo com a arte recebida pela coletividade da universidade.

Assim, a 'liberdade de pensar' está atrelada à autonomia dos professores, dos coordenadores e reitores das universidades que deverão trabalhar no sentido da organização e da gerência para que a técnica, o cientificismo e o conhecimento prolifere entre os estudantes da instituição.

As Universidades não se desenvolviam dessa forma no Brasil, fato que incomodava e instaurava ideias em intelectuais que desejavam mudar essa situação. No estudo preliminar para a criação da Universidade de Brasília, a ideia era essa, conforme disse Darcy Ribeiro:

“Era preciso que o Brasil tivesse gerado e formado previamente, formado muito bem, algumas centenas de cientistas e pensadores, cobrindo todos os campos do saber e das artes, para que o Brasil ousasse, como nós, ousamos repensar a universidade desde a raiz. [ ... ]  
Precisamos de uma universidade semente, capaz de gerar um desenvolvimento que o país não tem.”<sup>237</sup>

A “semente” dessa Universidade repensada, equivalente à nova arquitetura e ao novo

---

<[www.bvanisio Teixeira.ufba.br/artigos/universidade.html](http://www.bvanisio Teixeira.ufba.br/artigos/universidade.html)>, acessado em 13/12/2011.  
237 RIBEIRO, Darcy. *Universidade para quê?*, p.04.

desenho urbano, seria implantada em Brasília o que nos leva a crer que a nova capital surgiu com a responsabilidade de redescobrir o Brasil, de comprovar a capacidade intelectual dos brasileiros e de estabelecer e estimular a ideia desenvolvimentista para todo o país. Esse também é um forte motivo para que a cidade fosse construída no centro do país, o governo poderia irradiar sua força central, ou seja, do interior para o exterior. A ampla visão facilitaria a execução do poder e o domínio do Brasil como um todo.

Esse mesmo autor reitera a importância da UnB e expõe o objetivo dessa criação que deveria servir de modelo para o Brasil:

“Repito: o Brasil não pode passar sem uma universidade que tenha o inteiro domínio do saber humano e que o cultive não como um ato de fruição erudita ou de vaidade acadêmica, mas com o objetivo de, montada nesse saber, pensar o Brasil como problema, esta é tarefa da Universidade de Brasília. Para isso ela foi concebida e criada. Este é o desafio que hoje, agora e sempre ela enfrentará.”<sup>238</sup>

A ideia predominante é clara, a UnB foi pensada para servir de modelo para o restante do Brasil, assim como os ensinos fundamental e médio. A questão é se essa Universidade iria realmente pensar o Brasil, se a liberdade prevaleceria para que as ideias brotassem e frutificassem no espaço destinado a elas e, mais importante, se as pessoas responsáveis pelo desempenho da aprendizagem estariam empenhadas de fato nessa empreitada.

O primeiro a pensar numa universidade para Brasília foi o arquiteto e urbanista Lucio Costa. Ele propôs uma universidade para a capital enquanto planejava o Plano Piloto. Estava consciente de que ela seria necessária para a germinação da vida intelectual em Brasília. Segundo Roberto Salmeron:

“Lucio Costa não concebeu Brasília como cidade que teria unicamente *status* de sede do governo e centro administrativo, quis dar-lhe a ambição de se tornar um núcleo importante de irradiação cultural no País, à imagem de importantes metrópoles existentes no mundo.”<sup>239</sup>

Salmeron narrou com detalhes os problemas que a UnB enfrentou desde a concepção de sua ideia, passou pela construção, pela administração e pelo rompimento, em 1964 com a Ditadura Militar que se implantou no Brasil.

<sup>238</sup> Idem. Op. Cit., p. 05.

<sup>239</sup> SALMERON, Roberto A. *Universidade interrompida: Brasília 1964 – 1965*, p.34.

Segundo esse autor, a inauguração da UnB assemelhou-se à construção da Capital Federal. Quase tudo era canteiro de obras, poucos prédios estavam prontos. O Auditório Dois Candangos, onde ocorreu a cerimônia de inauguração, em 1962, foi finalizado 20 minutos antes do evento, marcado para às 10 horas. Repetia o 'ritmo de Brasília' já mencionado anteriormente. A obra de Salmeron detalhe muito bem a UnB desde a concepção até as invasões sofridas no período da Ditadura Militar.

Antes de a universidade solidificar-se, houve a instauração da ditadura e sucederam-se anos difíceis para a UnB. Pessoas esclarecidas e críticas eram acusadas de subversivas pelo Poder. Universitários e professores foram perseguidos pelo regime e a UnB sofreu várias invasões desde o golpe militar, estabelecido há apenas dois anos de sua inauguração. Em vez de aulas, pesquisas e discussões, o que se via na universidade era algo semelhante a uma guerra. Observe-se a ilustração.



**Figura 21:** Universidade de Brasília - invasão de 1968.

**Fonte:** <http://4.bp.blogspot.com/SFdACDjLFQM/SLfsMOJm-PI/AAAAAAAAABnc/GNC-F6yYZ1g/s400/20080828195442793.jpg>, acessado em 30/07/2012.

Renato Alves e Edson Luiz apresentaram um histórico sobre a UnB, designado de *Linha do Tempo*, que ilustrou bem as dificuldades que a UnB enfrentou, desde a inauguração até o final da ditadura militar:

**“09 de abril de 1964**

... Prenderam 12 professores para interrogatório. No mesmo mês, a ditadura extingue o mandato do reitor Anísio Teixeira. No lugar dele, é nomeado o médico Zeferino Vaz.

**08 de setembro de 1965**

Professores entram em greve por 24 horas, em resposta à demissão dos colegas... . O reitor Laerte Ramos de Carvalho pede o envio de tropas ao campus.

**11 de outubro de 1965**

As tropas chegam na madrugada e cercam as entradas do campus. Alunos e professores são impedidos de entrar. ...

**18 de outubro de 1965**

Pedem demissão 223 dos 305 professores da UnB, após a publicação de lista de desligamento de 15 colegas. ...

**28 de março de 1968**

Comandados por Honestino Guimarães, cerca de 3 mil alunos da UnB protestaram contra a morte do estudante secundarista Edson Luís, morto por PMs no Rio de Janeiro. ...

**29 de agosto de 1968**

A UnB é invadida pelas polícias Militar, Civil, Política (DOPS) e do Exército. ...

**25 de maio de 1976**

Doutor em física e oficial da Marinha, José Carlos de Almeida Azevedo assume a reitoria. Recomeçam as manifestações. Alunos protestam contra a má qualidade do ensino, a ociosidade nos laboratórios e a falta de professores.

**1977**

A UnB sofre três Invasões militares no ano. Em 31 de maio, estudantes decidem entrar em greve por tempo indeterminado. O reitor José Azevedo chama a PM para intimidar os universitários. ...

**25 de maio de 1980**

O físico José Carlos de Almeida Azevedo toma posse pela segunda vez como reitor da UnB.

**1984 e 1985**

Em maio de 1984, a comunidade universitária elege o professor Cristovam Buarque para reitor. Mas ele toma posse apenas em 26 de julho de 1985. Nesse período os militares tentaram empossar no cargo um nome escolhido pelo presidente João Figueiredo, o último ditador no poder. Professores resistiram e criou-se o impasse por meses.<sup>240</sup>

Esse histórico mostra 23 anos de penúria sofridos pela universidade durante a ditadura. Desse modo, a universidade pensada para ser a melhor do Brasil, aquela que refletiria os problemas do país no sentido de criticar para resolver, tornou-se um 'campo de guerra', de greves e de luta pela subsistência.

---

240 ALVES, Renato e Edson Luiz. *Linha do tempo, Correio Brasiliense*, Cidades, 8 de abril de 2012, p. 25.

A cultura significava algo subversivo, perturbador e, por isso, foi reprimida de um modo geral. Segundo pioneiros entrevistados, os jovens eram muito ativos contra a ditadura, e o cotidiano era agitado com muitas greves e enfrentamentos diante dos problemas.

Houve quem declarasse ter visto companheiros serem assassinados ou desaparecerem na UnB. Alguns pioneiros foram presos e torturados por não concordarem com determinadas ideias preestabelecidas.

O medo pairava sobre as famílias em Brasília. As pessoas temiam a repressão. Alguns pioneiros disseram que a ditadura apagara o sonho e os projetos de novos tempos e aprendizados porque tiveram a liberdade de expressão reprimida, perda de empregos. A lei era concordar com tudo e com todos do governo.

Toda essa angústia refletiu-se na vivência das pessoas que perderam não só a liberdade, mas a leveza, conforme afirmou um pioneiro. Desse modo, a ditadura dificultou o trabalho, o estudo e a vida das pessoas que perderam a tranquilidade, porque eram vigiadas e reprimidas, e espalhou medo e agressividade por todo o país.

Não se pode viver bem quando se vê tristeza espalhada entre a população, esperanças cortadas, e quando se proíbe até o pensamento das pessoas.

### **5.2.3 *Evolução de Brasília ao longo da Ditadura Militar***

Brasília, aos 4 anos de idade, vivenciava a realidade descrita e acomodava uma população acanhada, controlada pelo temor.

O momento histórico que o Brasil e, especialmente, Brasília viveram após o término do governo de Juscelino Kubitschek foi bastante conturbado. Veremos apenas os tópicos mais importantes para a compreensão do impacto causado a Brasília.

Jânio Quadros venceu as eleições de outubro de 1960 com uma grande vantagem de votos e assumiu a Presidência da República em janeiro de 1961, orgulhoso com sua popularidade. Ele teve um governo muito contraditório, não cumpriu as promessas feitas quando candidato e, logo a população mostrou-se descontente com os resultados.

Com a maioria descontente e sofrendo críticas, Jânio imaginou uma renúncia em que comoveria todos os que o elegeram e, assim, reassumiria o Poder. Mas isto não aconteceu. O Congresso, de pronto, aceitou sua saída do cargo e o substituiu por Ranieri Mazzilli que

esteve na presidência do país por apenas quatorze dias até que o Vice-Presidente, João Goulart, chegasse de viagem para assumir a presidência. Ele governou o país num período político conturbado, de 1961 a 1964.

Os brasileiros estavam acostumados com o governo JK que teve um mandato até certo ponto, tranquilo e associado a um desenvolvimento industrial acelerado pelo cumprimento do Plano de Metas que ele adotou em seu mandato (1956-1961).

Com uma visão extremamente capitalista, Juscelino teve um governo voltado para as empresas e para o desenvolvimento do país. Não poupava dinheiro. O lema de seu governo ficou famoso: “50 anos em 5”.

Para que o Brasil crescesse e conseguisse um desenvolvimento tão rápido quanto o governo esperava, houve necessidade de privilegiar alguns setores, principalmente, as indústrias de bens de consumo duráveis (automóveis, eletrodomésticos...) e de bens intermediários.

Como se sabe, o Plano de Metas do presidente era ambicioso e para que o desenvolvimento ocorresse era preciso capital. Para gerar esse ônus econômico, o governo apelou para o estímulo à inflação: financiou empresas públicas e privadas, o que trouxe aumento de preços. Além disso, gastos maiores que as despesas, gerados pela construção de Brasília, aumentaram a dívida pública e a inflação, com graves sequelas por um longo período.

As indústrias cresceram tanto quanto a inflação no país. Seria preciso um plano para conter o índice inflacionário sem que prejudicasse o desenvolvimento. Isso não ocorreu, e a situação gerou sérios problemas ao Brasil, muitas crises econômicas aconteceram.

As intervenções militares foram recorrentes na história da República brasileira. Antes de 1964, porém, nenhuma dessas interferências havia resultado em um governo presidido por militares.

Após o golpe, o Brasil conheceu a Ditadura Militar. Tratou-se do período da política brasileira em que os militares governaram o Brasil. Este intervalo de tempo foi longo, de 1964 a 1985. A Ditadura caracterizou-se pela falta de democracia, supressão de direitos constitucionais, censura, perseguição política e repressão aos que eram contra o regime militar.

O historiador Luiz Roberto Lopez definiu assim a intervenção dos militares no poder:



“Ao contrário das outras intervenções militares em nossa história, desta vez não se entregou o governo para os civis depois de passado o momento crítico. Pelo contrário, os militares resolveram passar da posição de árbitros para a posição de atuantes diretos, enfrentando todos os desgastes decorrentes da nova situação, mas também usufruindo direta e completamente dos privilégios ligados ao poder.”<sup>241</sup>

Esse período foi difícil para os brasileiros e durou 21 longos anos. Na época, 1964, Brasília ainda era um canteiro de obras, faltavam muitos complementos e sobravam problemas. Com o golpe militar, implacável repressão caiu sobre as organizações sindicais e populares na cidade.

Em 1964, Brasília não estava totalmente construída e ainda precisava de investimentos. Nessa época, a Asa Sul não estava totalmente construída, mas a Asa Norte quase não existia. Na foto ilustrativa, percebem-se muitos espaços vazios aguardando construções.



**Figura 22:** Brasília - quadras 700 da Asa Sul – 1964.

**Fonte:** Arquivo Público do Distrito Federal.

Esses aspectos gerais sobre o Regime Militar foram mencionados com intuito de recordar o fato e de facilitar a análise dos depoimentos sobre a capital nesse período.

Os pioneiros entrevistados chegaram à cidade em épocas diferentes: 13 vieram no

---

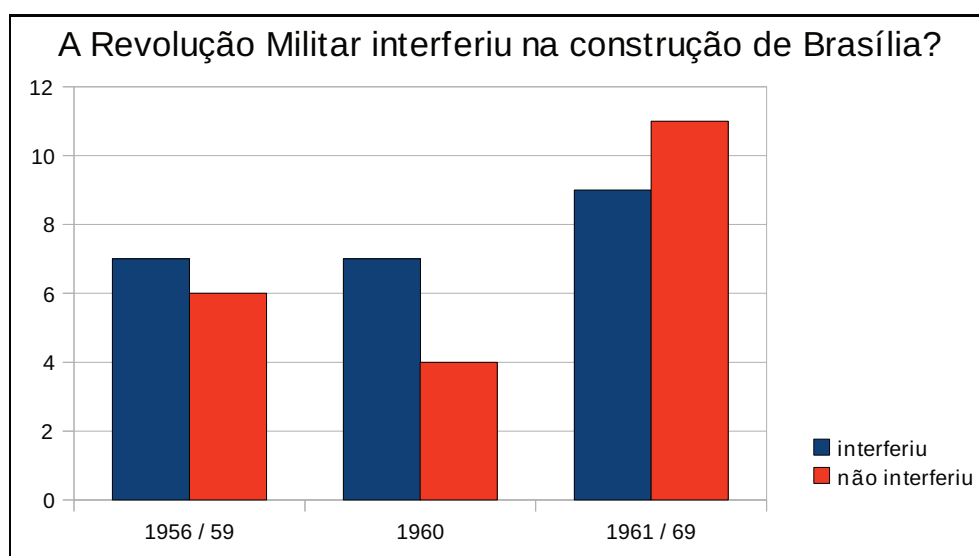
241 LOPEZ, Luiz Roberto. *História do Brasil Contemporâneo*, p. 116.



período da construção – 1956/1959; 11, em 1960 e, durante essa primeira década, mais 20 chegaram. Portanto, eles vivenciaram a Revolução Militar em Brasília e tiveram a oportunidade de revelar suas experiências nesta tese.

Para melhor visualizar a avaliação dos pioneiros entrevistados, suas perspectivas da interferência da Revolução Militar em Brasília, os dados relativos à satisfação com a cidade, foram compilados no Gráfico IX que distinguiu os pioneiros entrevistados de acordo com o ano de chegada à nova capital, e as opiniões emitidas por eles sobre a interferência ou não da Revolução Militar na construção e consolidação da capital.

**GRÁFICO IX** – Avaliação sobre a construção de Brasília durante o Regime Militar.



O Gráfico IX realça duas memórias: parte dos pioneiros entrevistados, 52,3%, disseram que a Revolução Militar não interferiu nas obras da cidade e 47,7% concluíram que houve interferências.

Algumas questões devem ser discutidas após esse resultado: Brasília era conveniente para os militares? Se essa resposta for negativa, por que ela foi aceita pela Ditadura?

O projeto de Brasília era favorável ao controle militar porque as quadras do Plano Piloto têm somente uma entrada e saída para moradores e a cidade possui também duas saídas; a Norte e a Sul. Dessa forma, não houve incompatibilidades entre o estilo ditatorial, totalitário e o de Brasília. A capital apresentava, portanto, um caráter totalitário, voltado para a

ideia modernista da década de 1920 em que os interesses do Estado subordinavam os interesses da coletividade.

Voltando para os resultados do Gráfico IX, percebe-se que, de forma geral, as pessoas não se sentiram à vontade para falar sobre o assunto. Essa reação foi, principalmente, observada naqueles que se referiram a não interferência do regime de governo na construção. Esses preferiram falar pouco sobre o assunto e tentaram mudar a condução da conversa. Apesar do longo tempo que nos separa do golpe militar, o receio dos pioneiros sobre o tema pode remeter à forte repressão a que as pessoas foram submetidas no período do regime militar em Brasília.

Ação compreensível, devido à censura e perseguição a que a população era submetida em seus atos, movimentos e falas na capital que sediava o governo ditador. Toda tolerância deixa um ranço, devido ao efeito da resignação provocada pela renúncia. Possivelmente, seja essa a razão de as pessoas não quererem ou não gostarem de falar sobre o assunto, ou, talvez, por preferirem mostrar-se como cidadãos de direita.

Após a inauguração de Brasília e a saída de JK do governo, a cidade passou por momentos de muita tensão, ouvia-se falar sobre retorno da Capital para o Rio de Janeiro com frequência. Houve diminuição do ritmo de realizações por causa da própria inauguração e devido à ascensão de um governo de oposição.

Brasília denunciava grandes contradições, fora pensada para representar o progresso e o desenvolvimento e mostrava um cotidiano muito diferente disso conforme descreveu Luciana Jaccoud:

“Por um lado, a cidade que representava o progresso e o desenvolvimento nacional tinha aqui tais princípios confrontados cotidianamente. Era palco de péssimas condições de trabalho, precária e excludente estrutura urbana e do descaso governamental para com as condições básicas de vida da população operária. Por outro lado, ao menos quanto às classes médias e ao funcionalismo público, a pressuposição de que a cidade podia oferecer novas relações sociais e boa qualidade de vida teve de conviver com sérias tensões políticas e contradições sociais ...”<sup>242</sup>

Fica claro que a 'população operária', ou seja, aqueles que trabalhavam para que Brasília crescesse, precisavam lutar para sobreviver e que a classe média e os técnicos também sofriam com a tensão política. Somente a elite comandava a situação. Quando o povo se sente oprimido, a tendência é que se una para lutar por melhorias e foi o que ocorreu.

---

242 JACCOUD, LUCIANA. *Lutas sociais: populismo e democracia – 1960/1964*, In PAVIANI, Aldo. *A conquista da cidade: movimentos populares em Brasília*, p. 168/69.

Surgiram sindicatos e associações, e o povo saía às ruas, gritando para ser ouvido pelos políticos.

O artigo de Luciana traz notícias de reivindicações por moradias, por trabalho e movimentos sindicais. O pioneiro entrevistado, Adirson Vasconcelos, narrou a tensão sofrida pela capital e sublinhou a retomada das obras e sua consolidação:

“... a palavra depois de Juscelino era retorno da Capital, era o que se ouvia, era a preocupação... Os deputados vinham pra cá, mas as mulheres não vinham, ficavam no Rio de Janeiro. Aqui não tinha nada do que elas estavam acostumadas. Houve a Revolução, Castelo Branco assumiu e disse: 'Brasília é irreversível'. Acabou a campanha de retorno. (...) houve muitas transferências e construções de apartamentos, tudo acelerou do dia para a noite em 64 e 65. Os operários voltaram a trabalhar, ...”<sup>243</sup>

O jornalista afirmou que a Revolução influenciou, positivamente, porque a capital precisava fixar-se em Brasília e isso só foi possível no primeiro governo militar de Castelo Branco. Adirson não considerou várias outras ações contrárias ao povo desse governo.

Importantes organizações, como a União Nacional dos Estudantes (UNE) e inúmeras outras entidades da sociedade civil sofreram intervenções, ou foram completamente desarticuladas. Sabe-se que funcionários públicos, ligados à burocracia militar e civil foram aposentados sem que tivessem suas vontades consideradas. Na área política, houve cassações de mandatos de parlamentares e suspensão de direitos políticos.

Affonso Heliodoro, funcionário público na época, disse que os militares eram favoráveis à mudança da capital. Ele explicou a razão:

“Os militares brasileiros sempre foram favoráveis à mudança da Capital, basta observar que havia sempre militares à frente dos projetos de transferência. Mas por que em 64 eles vieram pra cá? Porque a UNE atuava muito no Rio de Janeiro. Eu participei das greves de estudantes do Rio e era um negócio de louco. Então, a mudança da Capital para os ditadores foi ótima porque aqui não tinha manifestação popular, todos eram funcionários públicos, a UnB era pequena, estava iniciando, eram poucos colégios, não havia uma classe de estudantes e de trabalhadores aqui capazes de fazer greves com significação política como ocorria no Rio.”<sup>244</sup>

Cel. Heliodoro, como é conhecido o pioneiro, foi claro em seu depoimento: os militares fortaleceram-se e ocuparam a capital porque estavam longe do Rio de Janeiro. Em Brasília, não havia ainda jovens estudantes e trabalhadores para servirem de oposição ao governo, e isso fez a diferença para que o golpe resultasse em governos ditadores.

243 Idem. Op. Cit., em 15/04/2010.

244 Idem. Op. Cit., em 05/03/2010.

É verdade que não havia jovens estudantes com postura política formada na Brasília recém nascida, mas essa oposição não dependia só da nova capital, tratava-se de um golpe que afetava todo o Brasil. Assim, a resistência poderia vir de todos os brasileiros, independente de morar ou não na capital. Sem dúvida, os estados brasileiros não conseguiram articular-se e montar uma oposição forte para o momento.

A revolução militar trouxe muito desânimo para a capital conforme narrou Maria Celi:

“... com a Revolução houve um grande desânimo, em frente da nossa casa (Plano Piloto) muitos comerciantes fecharam as lojas e foram embora. Quando fecharam a Câmara, viram que muito do dinheiro que movimentava a cidade era do comércio. Tudo ficou muito barato, e havia a sensação de que a Capital ia voltar para o Rio de Janeiro, conforme se falava.”<sup>245</sup>

Isso é compreensível. Se o dinheiro que gira na cidade é pouco, o comércio não suporta e os produtos tendem a abaixar de preço. Sem um comércio sustentável, a população sofria consequências como falta de produtos e de empregos, a insatisfação se instaura nas pessoas. Diante disso e da falta de liberdade de expressão, o orgulho das pessoas por estarem vivenciando um plano diferente numa cidade nova desapareceu e houve evasão e revolta entre a população.

O que move as pessoas numa situação difícil é a revolta e a vontade de lutar por melhorias e, nesse cenário, surgiram greves em todas as áreas pelo país. A capital não ficou alheia aos acontecimentos. As pessoas aprenderam rápido que precisavam unir-se e lutar mesmo numa capital recém-inaugurada e com algumas deficiências.

### **5.3 Corrupção em Brasília**

A história brasileira é repleta de exemplos de corrupção. Porém, em muitos períodos, foi “proibido” falar e apurar a corrupção. Ela não é prática só das elites dirigentes. A palavra corrupção, em sua definição, expressa a oposição, a negação daqueles valores que se considera, ou, pelo menos, se deveria considerar como sustentáculos do bom andamento das relações intrapessoais e sociais, necessários para a realização humana. Corromper, portanto, é o ato pelo qual se adultera, se estraga algo físico ou moralmente. A repercussão é de maior ou menor amplitude, conforme a ação que se realiza.

---

245 Idem. Op. Cit., em 10/06/2010.

Para uma reflexão acerca da corrupção em Brasília, durante as obras da cidade e após a inauguração, faz-se necessário entender um pouco melhor o conceito etimológico da palavra:

“**corrupção**- sf (*lat corruptio*) 1 Ação ou efeito de corromper; decomposição; putrefação. 2 Depravação, desmoralização, devassidão. 3 Sedução. 4 Suborno.”<sup>246</sup>

Corrupto figura como adjetivo e equivale àquele que sofreu corrupção, infeccionado. E, nessa linha, corruptor também é adjetivo e refere-se àquele que corrompe, subornador.

A nova capital estava sendo construída porque, entre outras causas admitidas pelos críticos e historiadores, o Rio de Janeiro, como sede do poder, era muito populosa e estava contaminada pela corrupção. Fazia-se necessário, dessa forma, um espaço neutro para a capital, que possibilitasse aos administradores pensar e cuidar melhor dos problemas do Brasil e manter uma certa distância da corrupção.

Numa linguagem moderna, corrupção é um desvio de conduta, de comportamento, praticado por alguém que não exita em lançar mão de expedientes escusos para atingir seus objetivos, mesmo que sejam contrários ao que a sociedade conhece por certo e justo.

Pensando na mudança da capital, Brasilmar F. Nunes situou os problemas que afligiam a antiga capital:

“Já na época uma das principais críticas que se fazia ao Rio de Janeiro era de que, “em função de suas condições locais, ... “a cidade se transformou num ambiente inadequado para uma capital que precisa cuidar a sério dos problemas do Brasil, principalmente do interior”. E mais: “o clima do Rio de Janeiro convidaria ao ócio e a ditadura teria implantado uma nação corruptora; faltaria uma atmosfera de austeridade e de seriedade para o trabalho ...”<sup>247</sup>

Do exposto, percebe-se que Brasília surgiu com a função maior de curar o Brasil de uma grave infecção. Entretanto, para que isso ocorresse a cidade não poderia contaminar-se com o vírus da corrupção. Ou seja, a nova capital surgiu com a simbologia de um 'Ser Supremo' capaz de resolver todos os problemas sociais pelos quais o Rio de Janeiro, o Brasil passava.

A questão que surge a partir dessa ideia remete a uma dúvida. Quem seria o corruptor, as pessoas, na figura do Poder, ou a cidade? Os administradores da nova capital seriam pessoas idôneas ou infectadas pelo vírus da transgressão, do favorecimento?

<sup>246</sup> MICHAELIS, *Moderno dicionário da língua portuguesa*, p. 595.

<sup>247</sup> NUNES, Brasilmar F. *Brasília: A fantasia corporificada*, p. 72.

É certo que a corrupção infeccionou também os militares enquanto estavam no poder. A censura era muito forte, não se podia falar sobre o assunto, mas sabe-se que havia muitos privilégios e vantagens entre eles. Um exemplo disso é que, em caso de morte, os militares deixavam suas aposentadorias completas para esposa, ou para filhas solteiras. Isso não ocorria, da mesma forma, para qualquer outra profissão.

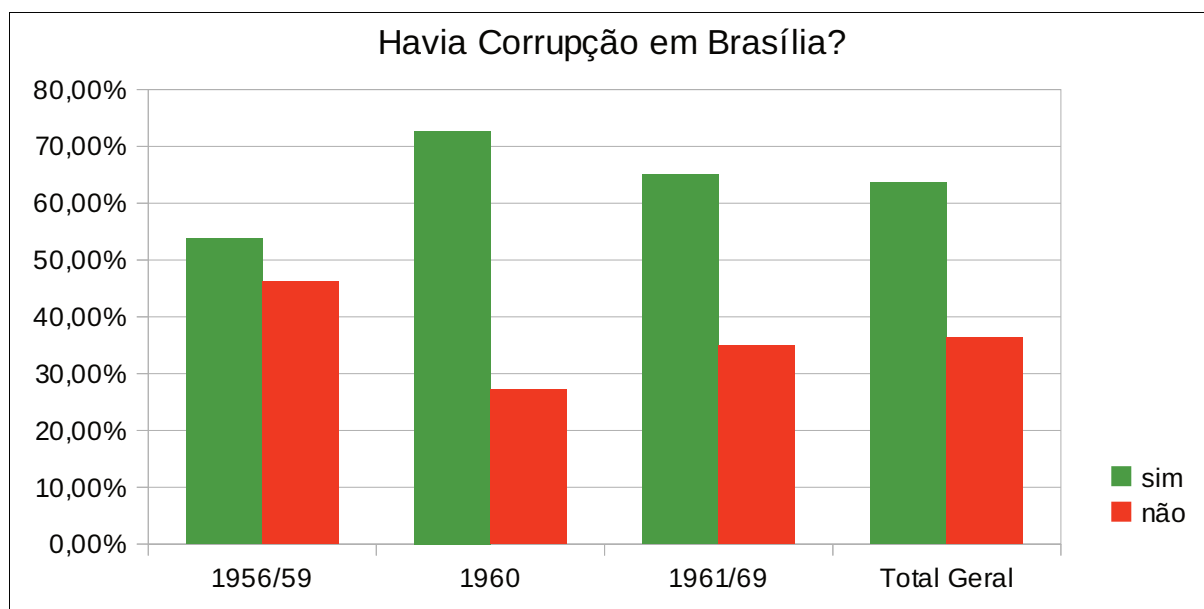
Ouvia-se na época da Ditadura que a corrupção era o 'óleo da máquina', ou seja, essencial para o funcionamento do país. Uma máquina emperra caso não esteja lubrificada.

Lembrando que toda a terra que circunscrevia o Distrito Federal era de poder do Estado, esse símbolo de transparência e de poder que Brasília assumiu pode ter sido o início de um processo acumulativo de corrupção que envolveu também a população da cidade.

A título de melhor visualizar os resultados, todos os comentários sobre corrupção feitos pelos pioneiros durante as entrevistas, foram compilados em afirmação ou negação pela autora desta tese, de acordo com o teor das ideias expostas nos depoimentos.

Os resultados das entrevistas estão revelados no Gráfico X.

**GRÁFICO X – Pesquisa sobre índices de corrupção em Brasília.**



O gráfico X esclarece as dúvidas que podiam existir: havia corrupção em Brasília nas épocas ilustradas. Colocando-se em percentual, os resultados obtidos apontam para um índice positivo de corrupção admitida pelos entrevistados, tem-se 63,6% opiniões positivas,

enquanto 36,3% dos pioneiros não admitiram ou não declararam opinião sobre o tema.

Durante a realização das entrevistas observou-se que alguns pioneiros omitiram-se de um envolvimento maior com essa questão. Alguns disseram não se lembrar do fato, outros julgaram-se incapazes de emitir opinião. Na verdade, mesmo que a memória dos pioneiros tenha falhado, há depoimentos e pesquisas já desenvolvidas sobre corrupção que irão ajudar nesta análise.

Os pioneiros Judson e a esposa, Maria de Lourdes, admitiram a corrupção em Brasília de forma direta e sem comentários, como quando se tem receio ou desconfiança de consentir algo:

“Olha, tinha corrupção, mas comparando com hoje é migalha, eu vivia no meio dessa gente.”<sup>248</sup>

Ocrécio Lacerda preferiu chamar de “favorecimentos” aquilo que observou durante a construção da cidade:

“Eu não chamaria de corrupção, havia muitos favorecidos. Eram simples, por exemplo, eu preciso dessa frota de caminhão em Brasília, o dono desses caminhões abusava, entrava no canteiro de obras e dava várias voltas com a mesma carga. Havia também, pequenas gorjetas para os fiscais, isso aconteceu muito.”<sup>249</sup>

O receio na voz do pioneiro é claro. Há um respeito, mais que isso, um apreço pela memória de JK que dificulta ao entrevistado admitir o ato da corrupção. O próprio Presidente justificou esse fato quando disse que a atribuição de diretor financeiro era do partido de oposição ao governo. Assim, fica subentendido que a possibilidade de corrupção seria quase inexistente porque a oposição fiscalizava o governo.

JK declarou em seu livro que a CPI indicada pelo Deputado Osvaldo de Lima Filho, líder do PTB, tinha a mesma intenção proposta pela oposição udenista: atrasar a inauguração e a transferência da capital. Contou JK:

“... Disse-lhe que havia ouvido o discurso de Osvaldo de Lima Filho e que não poderia concordar, de forma alguma, com aquela atitude do PTB. Ninguém, melhor do que ele – acrescentei - sabia do meu interesse em fazer a mudança da capital no dia 21 de abril de 1960 e nisso estava empenhado todo o governo. O que Carlos Lacerda tinha em vista, na realidade, não era a apuração de qualquer irregularidade, mas impedir, por meio da CPI, que a transferência se fizesse na data marcada.”<sup>250</sup>

248 Idem. Op. Cit., em 23/08/2010.

249 Idem. Op. Cit., em 23/09/2011.

250 KUBITSCHKEK, Juscelino. *Por que construí Brasília*, p. 253.

A voz de Juscelino é clara: na concepção dele a CPI da corrupção era, sobretudo, descabida, tratava-se de um grande interesse, por parte da oposição, em atrapalhar o seguimento das obras com o objetivo de atrasar, ao máximo, a inauguração da capital. Se a promessa do governo não fosse cumprida, JK cairia em descrédito junto à população.

Essa postura foi confirmada por mais alguns pioneiros entrevistados nesta pesquisa que, além dos comentários sobre corrupção, informaram haver funcionários que assinavam o ponto e não trabalhavam; ou seja, a corrupção servia de 'lubrificante' para engrenagens novas e antigas.

Os que admitiram a corrupção, disseram que 'podia existir, mas não era nada escandaloso, não atrapalhava o andamento da cidade'. Interessante essa postura. Era como se tivesse um grau menor e maior de corrupção e, desde que não atrapalhasse, não seria problema. Assim, a corrupção podia acontecer e não haveria dificuldade em explicá-la, tornava-se algo comum, misturava-se às ações cotidianas e tornava-se habitual como qualquer outra ação do dia-a-dia.

Outros evitavam o assunto de várias formas dizendo que não havia corrupção, mas eles observavam que tinha sempre umas 'histórias'. Eles buscaram comparar o assunto com acontecimentos atuais e disseram que se havia corrupção antes era muito velada, diferente da atualidade em que todos veem, comentam e exigem providências.

Talvez essa seja a afirmativa que se buscava, a comprovação de que a corrupção existia e que os pioneiros a reconheceram como verdadeira ou possível, mas tentaram mascarar suas próprias memórias.

Houve, quem dissesse que a corrupção veio junto com a Ditadura e, quem afirmasse o contrário: que a Ditadura impediu a corrupção porque os militares eram muito exigentes e castigavam todos que cometessem algum tipo de desvio para que outros não seguissem o exemplo.

A corrupção em Brasília foi ainda atrelada à compra de materiais para a construção da cidade. Essa afirmativa deve-se ao fato de o Brasil ter importado estruturas de aço dos EUA quando já existia a Companhia Siderúrgica Nacional. Os prédios dos Ministérios e o Congresso Nacional foram construídos com estruturas importadas.

Diante desses depoimentos, pode-se entender que na política os resultados prevaleciam. Os políticos não estavam preocupados com a forma de se obterem resultados, mas com os efeitos causados por eles. Observa-se que uma construção distinta assume um



valor enorme para quem a observa ou para a população de uma determinada cidade, dependendo do impacto causado por ela.

Nesse sentido, se a construção não for grande o suficiente para chamar a atenção da população, a sua utilidade será sempre questionada e não terá a mesma importância para a propagação do governo responsável por ela. Os viadutos destacam-se entre as obras desenvolvidas por determinado governo e, por exemplo, obras de contenção, de saneamento básico ou de apoio à educação, aparecem pouco ou quase nada quando se lembra de um governo.

Geralmente, as pessoas não questionam os métodos, o material, os operários e tudo mais que envolve a obra na construção de uma cidade por exemplo. Pergunta-se quem está preparado para avaliar a corrupção? Será que os governantes falam a verdade? E as pessoas observam e lembram que o fato ocorreu num determinado governo?

A título de esclarecimento sobre as questões levantadas, veremos a filosofia kantiana, desenvolvida no “imperativo categórico” que esclarece sobre moral, vontade e liberdade.

Segundo Kant, “a vontade é uma espécie de causalidade (influência da causa sobre o efeito) dos seres vivos”, mas essa vontade só existe nos seres pensantes. Ele diz também que a liberdade faz parte dessa causalidade.

Ao contrário do que se possa pensar, a vontade não é livre de leis porque para toda *causa* existe um *efeito*. Isso determina que a “vontade é, em todas as ações, uma lei de si mesma”, representando o que Kant chama de “Imperativo Categórico e o princípio da moralidade”.

Nessa proposição, nenhum ser racional pode exercer sua vontade livre de qualquer lei porque esse ser pertencerá ao “mundo inteligível” e ele deverá ter consciência de si como parte desse mundo, uma vez que é inteligente. Caso esse ser aja de forma diferente da esperada estará no mundo sensível, em que tudo é percebido pela sensibilidade e não pela razão.

Kant afirma que o mundo inteligível contém o sensível, o que dá a entender que os julgamentos estariam, então, submetidos à luz da inteligência, ou seja, da razão, e isso significa que as leis do mundo inteligível serão imperativos para os seres racionais e estes deverão obediência a essas leis. A moralidade irá depender dessa obediência, que poderá ou não ocorrer, dependendo da inteligência do ser a que se refere.

Isso posto, pode-se entender que há a possibilidade de a corrupção está na pessoa e a

ela caberá exercê-la ou não. Existe uma liberdade de ação que o homem, na maioria das vezes, não compreende e, por isso, algumas vezes age como ser irracional. Essa ação resultará num efeito para a sociedade e, infelizmente, esse efeito será negativo porque veio de uma transgressão das leis do mundo inteligível.

Assim, sempre que o homem não puder explicar suas ações perante a sociedade é porque não cumpriu as leis da moralidade e ficará, portanto, caracterizada a corrupção que atingirá a população de uma determinada sociedade, no caso em estudo, de Brasília.

Então, como demonstra o Gráfico X, a corrupção não ficou na antiga capital, Rio de Janeiro, conforme pensavam e desejavam alguns; ela contaminou, aos poucos, a nova capital desde sua construção até o momento da mudança total da sede do poder e prosseguiu como é fácil identificar.

Finalizando esta matéria, vale analisar ainda, o desabafo de Anderson Braga Horta, que redimiou a capital do título de cidade de corruptos:

“A corrupção e o oportunismo não são fenômenos brasilienses; há uma tendência nacional, talvez não, uma tendência muito localizada em Rio, São Paulo, Rio Grande do Sul, sei lá, especialmente em São Paulo me parece. Há uma tendência em culpar Brasília por tudo de ruim que acontece neste país. Brasília é uma cidade de corruptos. Isso é um absurdo e uma burrice que me deixa indignado.”<sup>251</sup>

É bom ressaltar a ideia do pioneiro de que a corrupção não é inerente à cidade, mas faz parte dela. No caso de Brasília, a corrupção veio com algumas pessoas, frutificou e se mostrou cada vez maior nos políticos que vêm à capital exercer seus mandatos.

Assim, não se pode afirmar que todos os políticos que estão em Brasília são corruptores, tampouco, que todos os moradores são iguais, mas ainda há quem precise 'lubrificar a máquina' do Poder algumas vezes.

---

251 Idem. Op. Cit., em 19/02/2010.

## 6 A VIDA CULTURAL NOS PRIMÓRDIOS DE BRASÍLIA

“As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos ... .

Esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas.”<sup>252</sup>

Na linha de pensamento de Hall Stuart, a cultura não depende somente de preceitos estabelecidos, mas pode ser refletida nos símbolos e representações da vivência e da memória de quem presenciou uma determinada época histórica.

O autor refere-se ao sentido subjetivo atribuído à cultura, em que é possível observar um processo mutável de transformação do ser humano quando se observa a apropriação da cultura objetiva pelo sujeito. Nesse sentido, a cultura é dinâmica e ao mesmo tempo que é produzida e alterada, seu agente passa pelo mesmo processo, o homem se modifica a partir de sua criação.

Nesse sentido, é que a cultura de Brasília será reconhecida, ora como fenômeno de representação social, ora como elemento de transformação. A partir da análise das vozes dos pioneiros entrevistados e dos outros que pesquisaram a cidade, será valorizada a perspectiva popular e a utopia. Esta, tão comum, sempre que se trata da capital, deverá ser substituída pelos fatos manifestados nas memórias dos pioneiros.

Acredita-se que a cultura, declarada pelos primeiros habitantes de Brasília, revelará um processo mais próximo da realidade, uma vez que irá denotar uma história presente baseada no passado, portanto não deverá transcender o concreto, fato que a utopia não permitiria, pois essa é a sustentação da fantasia.

Serão considerados, mais uma vez, os períodos relacionados à construção, à inauguração e às vivências na primeira década da capital como foi estipulado nas análises anteriores somente por uma questão de organização lógica dos períodos.

Esta análise incluirá tudo que foi transformado por alguma atividade, pelo trabalho humano, físico ou intelectual dos grupos ou da coletividade. Nesse sentido, o trabalho e a convivência de grupos em Brasília serão a manifestação da cultura original que permeou a

---

252 HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*, p.50.

sociedade em construção e na primeira década de existência da cidade.

A cultura resultante não será a do indivíduo, mas a do grupo enquanto sociedade que trabalhou e conviveu na cidade desde que a escolheu para viver.

Roland Corbisier afirmou enquanto discutia cultura:

“ ... devemos admitir que, assim como a cultura mediatiza os contatos do homem com o mundo, a sociedade mediatiza os contatos do homem com a cultura.”<sup>253</sup>

Diante desse conceito de cultura e tendo como apoio a permuta, estabelecida por Corbisier, entende-se que o homem irá instituir relações com a sociedade de acordo com a situação que ele ocupa dentro dela e com o grupo social a que pertence.

Segundo o mesmo autor, as grandes capitais trazem com elas funções culturais que deverão exercer, e Brasília nasceu, também, com essa função nacional de servir de exemplo. A cidade possui um caráter pedagógico, porque é uma obra de arte construída pelo povo, autêntica de seu sentimento e de sua visão de mundo. O povo se afirma na obra para todo o mundo e desperta a consciência nacional brasileira.

Assim, a cultura deverá surgir originalmente da sociedade e será por ela estruturada e se confundirá com a história inicial de Brasília. É preciso considerar que todos os pioneiros entrevistados escolheram vir para a cidade por várias razões, como já foi discutido nesta tese. Optaram, também, por fazer cada um a sua história enquanto participavam do nascimento da história da capital.

Esse processo histórico será resgatado pela análise semiótica a partir dos depoimentos de pioneiros cujas lembranças mesclam-se entre presente e passado e, também, a partir do silêncio ou da sugestão daquilo que não foi dito.

---

253 CORBISIER, Roland. *Brasília e o desenvolvimento nacional*, p. 26.

## 6.1 Em busca de uma cultura para Brasília

### 6.1.1 *Como viviam os construtores da nova capital no período entre 1956 a 1959.*

Como foi visto, a demanda por trabalho na construção de Brasília era enorme e os trabalhadores quase não tinham tempo para o lazer e, quando esse tempo existia, as opções eram poucas.

Nesse sentido, os trabalhadores criavam uma forma de extravasar suas emoções na bebida e na prostituição. O comércio de cachaça chegou a ser proibido pelo presidente da NOVACAP na Cidade Livre.

Gustavo Lins Ribeiro explorou bem esse assunto:

“Para uma população majoritariamente dedicada à mesma atividade produtiva e sujeita à escassez de uma série de bens e serviços, a organização da vida cotidiana passa a impor algumas estratégias que geralmente não são consideradas em outras situações.

Em um grande projeto, as atividades de lazer não comunitárias estão comumente vinculadas ao consumo de mercadorias (álcool e filmes) ou serviços sexuais (prostitutas).<sup>254</sup>

Ribeiro desenvolveu ao longo do Capítulo IV, de *O Capital da Esperança*, a questão da vivência dos trabalhadores na construção de Brasília. O escritor mostrou que a cidade não tinha como oferecer opções de lazer a esses trabalhadores e como eles conviviam com o vício, a prostituição e o controle que a GEB exercia.

A expressão “vida cultural”, nesse contexto, deve ser compreendida como experiência, modo de vida que o pioneiro assumiu em contato com Brasília, seja no período de construção, ou após o princípio do funcionamento.

Alguns dos pioneiros entrevistados (1956-1959) contaram que, devido às dificuldades da época, as pessoas reuniam-se umas nas casas das outras e, de alguma forma, produziam cultura.

A propósito, Nonato Silva discorreu sobre essas reuniões:

---

254 RIBEIRO, Gustavo Lins. *O capital da esperança: a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília*, p. 212.

“Existia vida cultural, mas não havia elemento para conduzir. As pessoas acabavam se reunindo e produzindo de alguma forma. A Revista Brasília traz escritores e obras que foram surgindo.”<sup>255</sup>

O discurso do pioneiro lembra a dificuldade de locomoção e de comunicação que existia em Brasília. Com intuito de amenizar o problema, os moradores reuniam-se nas casas uns dos outros. Nessa oportunidade, eles trocavam ideias, discutiam assuntos do dia-a-dia e sobre os interesses pessoais de cada um. Aproveitavam, às vezes, para cantar ao som de violas, recitar poesias; enfim, essas reuniões eram momentos de lazer, criatividade e convivência entre os pioneiros.

A cultura da cidade iniciava nesse período, e a produção da Revista Brasília sustenta essa assertiva. A Revista, inicialmente, não foi editada na cidade, mas servia de referência para os acontecimentos que nela ocorriam porque expunha a arquitetura e o urbanismo de Brasília, acompanhando, paulatinamente, o nascimento da cidade e seu desenvolvimento.

As reuniões eram consideradas familiares e foram mencionadas por dois outros pioneiros entrevistados no mesmo período, Frank Svensson e Neusa França.

Frank acrescentou outras formas de lazer das quais participava:

“Eu me lembro daquele tempo o começo dos festivais de cinema, estes eram muito concorridos, os concertos musicais do Santoro, às quartas-feiras no auditório de música. Tiveram artistas proeminentes no início, escultores, as obras de arte no Campus da UnB não estão bem documentadas e tínhamos sarau. Frequentava-se muito as casas uns dos outros. De literatura não me lembro de muita coisa. O cinema teve muita presença. As Embaixadas traziam muitos filmes. O Cine Brasília era um senhor cinema, aqui tinha filme polonês e outros, e a gente ia muito. Eram documentários, filmes expressivos, italianos, franceses.”<sup>256</sup>

O pioneiro, além de relacionar os encontros de amigos, lembrou-se dos festivais de cinema, dos concertos musicais que o maestro Cláudio Santoro produzia na UnB, dos escultores cujas obras estão espalhadas por Brasília e a presença forte das Embaixadas na capital.

Sobre os concertos apresentados na UnB, tratou Gisele Santoro, esposa do maestro:

“No período de 1 ano nós tivemos essa orquestra de câmara que dava concerto. Todos os sábados, a cidade se reunia para assistir no auditório de música. Era bonito porque o auditório é muito pequeno e, nas portas que se abriam para o jardim, todos se sentavam na grama em volta e ficavam ouvindo. Os professores interrompiam a aula com uma hora de antecedência para garantirem o lugar no concerto e vinha

255 Entrevista realizada em 04/02/2011.

256 Idem, em 27/01/2010.

muita gente da cidade para o concerto. Tínhamos um conjunto de músicas antigas com instrumentos doados pela Alemanha, um conjunto de música instrumental com compositores que colocavam liquidificadores tocando. As coisas mais loucas que você possa imaginar na época. Era uma coisa muito ativa. Naquela época, qualquer visita oficial de autoridades no Brasil era um quarteto de cordas da universidade que tocava na recepção.”<sup>257</sup>

Gisele sempre esteve presente às atividades que o marido desempenhava na universidade e se mostrou emocionada ao se lembrar da aceitação, que os concertos de Santoro tinham, não somente no ambiente de trabalho, mas em toda a cidade. A população inicial de Brasília participava dos eventos que eram abertos ao público.

O relato de Gisele comprova que a universidade exerceu, desde os primórdios, um papel fundamental no desenvolvimento da cultura em Brasília. Esse fato repercutiu no mundo a partir das recepções a autoridades que a orquestra realizava. Dessa forma, a universidade assumia perante a sociedade o propósito inovador e transformador a que fora concebida.

Neusa França, pianista e moradora de Brasília desde 1959, descreveu assim a vida na cidade nesse período:

“No início as pessoas ficavam muito em casa. Na W3 havia o Cinema Cultura que trazia filmes internacionais, depois veio o Cine Brasília que apresentava todos os tipos de filmes. Eu não tinha tempo livre, trabalhava demais, dava aulas particulares. O que fazíamos era reunir pessoas que gostavam de música aqui em casa e foi surgindo a ideia do Clube do Choro.”<sup>258</sup>

De acordo com o discurso da pianista, os encontros caseiros eram importantes porque as pessoas se reuniam de acordo com suas afinidades e produziam a partir das ponderações e aceitabilidade de sugestões que ocorriam durante as conversas e discussões sobre temas comuns. A ideia do Clube do Choro surgiu num desses encontros na casa de Neusa como ela declarou.

Pesquisando sobre o início desse clube, encontramos que o citarista Avena de Castro, o flautista Bide, o percussionista Pernambuco do Pandeiro, o saxofonista Nilo Costa, o trombonista Tio João e o violonista Hamilton Costa, entre outros, juntaram-se à pianista Neusa França, à flautista Odete Ernest Dias, ao percussionista Valci e ao cavaquinista Francisco Assis Carvalho.

Como decorrência dos encontros de grupos de pioneiros foram surgindo história e arte para a capital em construção conforme as ponderações dos entrevistados.

257 Idem, em 06/05/2010.

258 Idem, em 28/05/2010.

Outros pioneiros indicaram formas diferentes de congregação cultural na cidade desde a construção. Adirson Vasconcelos lembrou a formação de associações em sua entrevista:

“Na própria construção de Brasília já havia uma movimentação cultural boa. Havia escolas, associações desde a construção que era uma forma de congregar. Existia na Cidade Livre a Associação dos Engenheiros, a Associação dos Médicos, a Associação dos Advogados (antes da OAB), tudo isso aglutinando pessoas. As associações religiosas que também integravam, a Maçonaria presente na Cidade Livre, a igreja católica, com padre Roque. (...)

Comunicação era A voz de Brasília, mas em maio chegou a Rádio Nacional, trazendo muita cultura, não só musical, mas também notícias, informações e crônicas. Eu me lembro de que na Rádio Nacional, todo dia às 12h, nós tínhamos uma crônica linda, perfeita, de Clemente Luz que era um jornalista daqui, desde 1958.

(...) Nos primeiros 5 anos de Brasília, os intelectuais de outras cidades mais os que estavam aqui começaram a fundar entidades e nós tivemos nessa época: o Instituto Histórico e Geográfico de Brasília, reunindo Ciro dos Anjos e outros, a Associação Nacional de Escritores e a Academia Brasiliense de Letras. Esses eram focos e paralelamente surgiam outros, a OAB e as associações já citadas e uma avalanche de religiões vindo pra cá, desde a inauguração. Não tínhamos muitas oportunidades no campo das artes, a NOVACAP instalou o Cine Cultura na W3, que era um lugar de reuniões, de shows, foi inaugurado também o Cine Brasília e todo dia passava um filme diferente.”<sup>259</sup>

Na voz de Vasconcelos, nota-se a descrição de uma cultura que surgiu setorizada e que pode ser percebida pela forma como as pessoas se reuniam, de acordo com os interesses. Na Cidade Livre, estavam as associações que cada profissional deveria frequentar. Somente as associações religiosas eram abertas a todos os indivíduos, sem discriminação. Nas igrejas\* todos eram esperados.

A Rádio Nacional AM de Brasília é uma emissora tradicional, popular e jornalística. Opera desde maio de 1958 e proporcionou, desde então, lazer, informação, música e veiculação de utilidade pública.

Durante a construção da nova capital, a emissora abriu espaço para os operários que se comunicavam com seus familiares que, na maioria das vezes, ficavam para trás.

Fernando Lopes, cantor contratado pela Rádio Nacional em 1959, confirmou a utilidade da emissora para todos os que estavam em Brasília naquela época:

“Todos os sábados, ou domingos, nós vínhamos num caminhão com um conjunto musical dirigido por João Tomé, eu, Glória Maria e José Lourenço. Cantávamos nos acampamentos dos candangos. Tudo era transmitido pela Rádio Nacional, dávamos a oportunidade para os candangos usarem o microfone e mandar recados para a

<sup>259</sup> Idem, em 15/04/2010.

\* Igreja (latim *ecclesia*, -ae, do grego *ekklesia*, -as, assembleia, reunião)- o vocábulo será entendido neste contexto como lugar de reunião de um conjunto dos fiéis de uma religião, um templo de oração.



família deles que tinha ficado em outras cidades. Eles falavam: 'mamãe eu estou bem de saúde, sou fulano de tal lugar, eu sei que a senhora está ouvindo a rádio, eu tô mandando o dinheiro daquele jeito que eu combinei com a senhora.' Eles tinham medo do correio, então eles arrumavam um mensageiro que levava pra todos. Eles diziam também: 'a senhora fala para o Toinho que ele pode vir pra cá que eu ficho ele'. Chamavam, assim, mão de obra para a construção, essas eram as funções maiores da Rádio Nacional, ela divertia, fazia a comunicação social e ainda trazia mão de obra que Brasília carecia na época, essa era a missão da Rádio. Ela foi um veículo muito importante para a construção de Brasília."<sup>260</sup>

A Rádio Nacional, como disse Fernando Lopes, foi companheira, confiável e acima de tudo, útil para todos. Exerceu junto aos trabalhadores função cultural e de lazer desde sua origem. Muitos operários ouviam rádio enquanto trabalhavam. Além das notícias sobre o Brasil, mantinham-se informados sobre tudo o que ocorria em Brasília. Havia programas musicais e a transmissão das crônicas de Clemente Luz que representavam a distração para quem trabalhava duro e só tinha um rádio para ouvir.

Ao mesmo tempo a Rádio era um veículo que o governo usava para chamar as pessoas para a construção da nova capital.

Além das associações, havia também entidades para pessoas que possuíam gosto pelas coisas do espírito, segundo Adirson. Essas eram direcionadas àqueles que possuíam determinada atividade intelectual. Eram escritores e demais pessoas que se interessassem em participar de algum modo do crescimento e da organização da cidade. Então, o Instituto Geográfico, a ANE e a Academia Brasiliense de Letras eram destinadas àqueles que tinham atividades espirituais, que desenvolviam a arte, o conhecimento.

As distrações oferecidas não pareciam suficientes para o número de trabalhadores que moravam na cidade, a maioria teria que inventar sua própria distração.

Por outro lado, os operários trabalhavam muito e quando tinham tempo de folga precisavam descansar, ou aqueles que tinham família era a hora de se dedicarem a ela.

Judson Seraine falou dos momentos de lazer com sua família:

“Íamos, no início, com as crianças tomar banho nos córregos. Sempre tivemos um bom relacionamento, mas era só isso o que podíamos fazer. Mas, à medida que surgiam outras coisas, fazíamos. Havia diversões para os candangos, mas eu nunca tive tempo para isso. Uma vez, fomos de ônibus à Concha Acústica, para um show de Roberto Carlos. Quando chegamos não havia mais lugar para sentar, era muito sol, as crianças desesperadas de sede, a situação financeira era difícil. Voltamos sem assistir ao show.”<sup>261</sup>

260 Idem, em 20/09/2010.

261 Idem, em 23/08/2011.

Judson, operário da NOVACAP, deixou clara a falta de tempo dos trabalhadores para diversões, a situação econômica difícil deles, a falta de consideração do governo para com a população de Brasília e a interferência da arquitetura na vivência dos moradores da cidade.



**Figura 23:** Concha Acústica de Brasília

**Fonte:** [http://photos.wikimapia.org/p/00/00/25/40/11\\_big.jpg](http://photos.wikimapia.org/p/00/00/25/40/11_big.jpg), acessado em 16/12/2012

A Concha Acústica foi projetada por Oscar Niemeyer e destinada a espetáculos ao ar livre. Foi o primeiro grande palco da cidade. Os expectadores, porém, ficavam ao ar livre. O clima em Brasília sempre foi basicamente de duas estações: seca e chuva. O calor e o sol sempre foram intensos na seca, o que impossibilitava, ou dificultava muito, para as pessoas que queriam frequentar espaços abertos. Claro que no período da chuva também não era possível assistir a qualquer espetáculo na Concha Acústica.

Trata-se de uma construção bonita, situada num local de destaque, de onde se tem uma vista panorâmica da cidade, mas foi, desde o início, fadada a não cumprir suas funções devido a condições climáticas da região. Parece que o espaço geográfico não foi considerado antes da realização do projeto e construíram uma alternativa de lazer popular de difícil acesso para o povo e pouco acolhedor se considerarmos o clima de Brasília.

Outro local prazeroso para o entretenimento da população era o Zoológico. O Jardim Zoológico, inaugurado em 1957, desenvolve, desde então, várias ações voltadas para a defesa e preservação da fauna e da flora brasileira e proporciona momentos de aprendizado para

crianças e adultos da capital e para os visitantes.



**Figura: 24** Jardim Zoológico de Brasília

**Fonte:** <http://www.girafamania.com.br/nascimento/brasil-giba.jpg>, acessado em 16/12/2012.

Por outro lado, a natureza favorecia os encontros e os banhos em córregos e cachoeiras que eram encontrados com facilidade na região durante a construção. Essa foi uma diversão garantida e gratuita, aberta ao público que tinha poucas oportunidades. O pioneiro Ocrécio Lacerda, contador da NOVACAP, falou sobre novas opções de congregação popular:

“Bem nos primórdios, tínhamos, por exemplo, eventos em pequenos teatros, algumas improvisações teatrais, eventos ao ar livre (na área da Esplanada e na Praça dos Três Poderes). Os shows aconteciam nos espaços que eram aproveitados, com pouca ou nenhuma estrutura, mas existia lazer, reuniões. Vinha gente de fora se apresentar aqui e as pessoas participavam de tudo. Depois, os eventos foram se expandindo para a Torre de TV, para o estádio, havia muitas apresentações públicas. Nos refeitórios dos alojamentos eram improvisados bailes, mas só nas noites de sábado pra domingo e o povo se divertia dançando as modas tradicionais de sua terra.<sup>262</sup>

---

262 Idem, em 23/09/2011.

O discurso do pioneiro apontou outras formas de lazer, as reuniões e a convivência dos trabalhadores durante a construção. Em torno de 1959, data da chegada do pioneiro Ocrécio, tudo ainda era muito improvisado e ocorria ao ar livre como ele disse. Apesar das dificuldades que surgiam as pessoas divertiam-se, ele não lamentou, pelo contrário, a voz dele demonstrou aceitação e, pode-se dizer, compreensão. É como se ele dissesse 'não havia outra forma de tudo ocorrer'. E as pessoas gostavam de tudo.

Os bailes, que aconteciam nos alojamentos, tiveram uma função importante porque não só era um momento de lazer e descontração, mas também, uma oportunidade de as pessoas compartilharem um pouco de tudo que traziam consigo. O momento da dança é especial para alimentar o espírito e quem não sabe dançar acompanha de acordo com aquele que domina.

Assim ocorreu o sincretismo cultural em Brasília. Apesar de o governo predominar e de ter interferido pouco, a difusão cultural ocorreu quase que de forma natural. Mesmo com as dificuldades que a população encontrou de locomoção, de espaços próprios para lazer e até do clima seco e chuvoso que dominava a região, eles próprios organizaram-se e criaram uma dinâmica para que a sociedade se estabelecesse e representasse o momento que vivenciavam.

A partir dessa análise, pode-se afirmar que as pessoas que chegavam a Brasília no período inicial da construção, não encontravam nada pronto, tudo estava por fazer. Era uma terra fértil para novas ideias. Não havia muitas oportunidades de lazer, mas as pessoas acabavam reunindo-se para a diversão e, conseqüentemente, produziam cultura.

Observou-se, também, que essas reuniões ocorreram de acordo com os interesses das pessoas e, em seguida, surgiram associações profissionais que acomodavam as pessoas que compartilhavam os mesmos interesses. Ficou claro que os operários vindos de várias regiões brasileiras, como já foi demonstrado, tiveram oportunidades, mesmo que não tenham sido as melhores, de convivência e de compartilharem seus costumes e modos de viver que traziam das diversas regiões do Brasil.

### ***6.1.2 Como se desenvolvia a vida cultural de Brasília a partir do discurso de quem chegou em 1960.***

No ano da inauguração, a maioria dos entrevistados era de funcionários públicos como

já foi tratado. Esses pioneiros apresentaram alguns dados interessantes para a representação cultural da cidade. Alcides Kronenberg, que trabalhava na Imprensa Nacional, mostrou que a cidade já apresentava a cultura da leitura:

“Praticamente só tínhamos um jornal que era o Correio Braziliense, podia-se comprar revistas e jornais, como O Globo, nas bancas. Em todas as entrequadradas havia uma banca de jornal. “E com relação à literatura?” Nós tínhamos uma livraria muito boa no Conjunto Nacional, que ainda existe até hoje, não lembro o nome dela. Já tínhamos, então, condições de adquirir bons livros. Até hoje ainda temos escritores daquela época, Adirson Vasconcelos, que escreveu vários livros sobre Brasília, e mostrou sua evolução. Muitas gráficas começaram a se instalar no Setor Gráfico.”<sup>263</sup>

Uma capital ao ser inaugurada precisa de meios de comunicação para funcionar e manter o Poder e a população informados, e a Nação interligada com o mundo. Assim, vários jornais já existiam e outros passaram a existir na mesma data da inauguração, da mesma forma, as emissoras de televisão.

O Correio Braziliense e a TV Brasília foram criados juntamente com a capital. De acordo com o discurso de Alcides, em 1960 já era possível manter-se bem informado em Brasília. Além do Correio Braziliense, todos os outros jornais importantes que circulavam podiam ser comprados em bancas, que funcionavam em pontos específicos do Plano Piloto, portanto, acessíveis à população. Havia livrarias para que as pessoas pudessem manter-se informadas sobre as produções literárias de autores mundiais.

Alcides lembrou-se de que escritores moravam em Brasília e mantinham aqui suas produções. Ele citou apenas Adirson Vasconcelos, de quem conheceu trabalhos sobre a cidade, mas havia outros produzindo nesse período em Brasília.

Ao nascer, em 1960, Brasília despertou criatividade nas pessoas, mexeu com a imaginação dos artistas em geral, e muitas obras surgiram em prosa e em versos. Napoleão Valadares relacionou em seu *Dicionário de Escritores de Brasília* 793 verbetes, e Joanyr de Oliveira em *Poesia de Brasília*, arrolou mais de mil poetas.

O primeiro livro editado em Brasília marcou o lançamento da Literatura Brasileira na nova capital e abriu caminho para que poetas jovens, sediados na cidade, pudessem expor seus trabalhos e suas impressões diante da nova vida que assumiam e da nova Capital.

Nesse primeiro livro, “*Poetas de Brasília*”, de Joanyr de Oliveira, Editora Dom Bosco, 1962, alguns escritores foram privilegiados: Afonso Félix de Sousa, Alphonsus de

---

263 Idem, em 13/10/2010.

Guimaraens Filho, Anderson Braga Horta, Ézio Pires, Gaudêncio de Carvalho, Geraldo Costa Alves, Guido Mondin, J. Santiago Naud, Jair Gramacho, Joanyr de Oliveira, Levy Rocha, Lima Del Peloso, Mário Limeira Alves, Miguy Noronha, Pedro Luiz Masi, Seleneh de Medeiros e Wilson S. Nunes.

Cel. Heliodoro relacionou a chegada de pessoas envolvidas com a cultura ao governo de Juscelino:

“No início tivemos grandes nomes da cultura que vieram com o governo de Juscelino e vários desses fundaram aqui academias e a Associação Nacional de Escritores. (...) criou-se uma cultura nova aqui e hoje temos um número grande de Academias de Letras, temos editoras boas e uma produção literária muito grande. Não digo que todos são bons escritores, mas temos vários muito bons.”<sup>264</sup>

O pioneiro associou a imagem de JK à criação de uma nova cultura que nasceu com Brasília. Juscelino Kubitschek era uma pessoa carismática e muito bem relacionada, disso não há dúvidas, mas as pessoas não devem atribuir somente a ele tudo de bom que ocorreu em Brasília. Os mais influentes politicamente, intelectuais ou não procuravam a Capital do país porque julgavam importante participar direta ou indiretamente da formação da nova capital.

Maria Celi mencionou como era comum em Brasília encontrar e até entrar em contato com pessoas que se destacavam mundialmente em suas profissões e que desenvolviam trabalhos na UnB:

“Na Universidade de Brasília, quando eu estudava no Instituto de Artes havia professores como Bianchetti, Atos Bulcão, Amélia Toledo, Ceschiatti. Eu pude estudar Língua Portuguesa com prof. Agostinho da Silva, os mitos gregos com Eudoro de Souza, podíamos transitar dentro da universidade. Nos sábados, pela manhã, havia concertos no Departamento de Música e nós íamos pra lá ouvir música. Eram muitas pessoas deitadas na grama, atentas às músicas apresentadas pelo maestro Cláudio Santoro. Havia um curso de cinema na 308, dado por Paulo Emílio Sales e todas as pessoas podiam fazer. Eu nunca faria um curso desses em Belo Horizonte.”<sup>265</sup>

Diante desses artistas célebres enumerados por Maria Celi, percebe-se que as pessoas, principalmente os estudantes da universidade, eram motivados a pensar, a produzir, a se envolver, de alguma forma, com arte. Brasília foi apresentada como um palco montado para a aprendizagem e o desenvolvimento artístico.

O propósito da universidade apontado pela pioneira é nobre, mas o que se deve

264 Idem, em 05/03/2010.

265 Idem, em 10/06/2010.

discutir sobre esse 'laboratório pedagógico' de que ela disse ter participado, é se a universidade estava aberta e comportava todos que se mostrassem interessados e aptos a ingressar nela?

Seria muito difícil a estrutura suportar a procura, porque pessoas de todo o Brasil tinham curiosidade, interesse e convicção de que estudar numa universidade planejada na nova capital do país seria o melhor para o futuro.

Focando, um pouco, na história que envolveu a chegada da imprensa na nova capital sabe-se que, em 1960, aceitando um desafio do presidente Juscelino Kubitschek, os Diários Associados, então maior conglomerado de mídia no Brasil, propuseram-se a lançar um jornal em Brasília.

A marca *Correio Braziliense* simboliza o início da imprensa escrita no Brasil quando o primeiro jornal brasileiro, editado em Londres por Hipólito José da Costa, era trazido de navio para o Rio de Janeiro para atender aos anseios culturais da Família Real Portuguesa que se mudara para o Brasil. Entretanto, a imprensa não tinha liberdade para se estabelecer no Brasil, fato que só ocorreu bem mais tarde.

No século XX, a marca foi resgatada por Assis Chateaubriand e relançada, a convite de JK, na data de inauguração de Brasília, em 21 de abril de 1960.

Conforme o discurso do pioneiro Alcides Kronenberg, o *Correio Braziliense* trouxe cultura para Brasília. Isso é um fato. Mas esse episódio assemelha-se muito ao ocorrido no Rio de Janeiro, antiga Capital do Brasil. O mesmo jornal que chegou ao Brasil para atender à elite vinda de Portugal, agora, atendia à elite que estava se formando na nova capital.

É interessante destacar numa visão semiótica sobre o assunto, que o vocábulo, *Brasiliense*, grafado com a letra s, é o adjetivo gentílico de Brasília e é relativo ou pertencente ao Brasil, substantivo base de sua formação. Vale lembrar que, 'Brazil' era a ortografia antiga de Brasil e também a forma com que grafavam o vocábulo em Inglês.

Essa ortografia antiga representa uma perspectiva conservadora, ligada à ideia tradicional que imperava no país, e não à proposta moderna, desenvolvimentista que JK pregava.

Essa coincidência sonora faz com que, na língua oral, confunda-se o adjetivo gentílico com o nome do jornal e remete à ideia de que importante no Brasil, ou em Brasília, são os ricos, aqueles que dominam outra língua e entendem que Brazil, grafado com z, é uma forma de elitizar o país, os brasileiros, ou de revelar o quanto o país é antiquado.



Na gramática da Língua Portuguesa, essa coincidência entre vocábulos é chamada de 'palavras homônimas', ou seja, palavras que quando faladas são idênticas, mas possuem significados diferentes.

Sabe-se que a Língua de um povo representa sua identidade, mas será que a marca *Correio Braziliense* pode ser entendida como a identidade de Brasília?

O vocábulo Brasília contém Brasil em seu interior ou pode representar o feminino de Brasil. Nesse sentido, pode-se dizer que Brasília é filha do Brasil e representaria a união dos brasileiros no centro e, ainda, um reforço para a representação mundial do país.

Então, por que Braziliense grafado com Z e não com S como o adjetivo gentílico?

Oswaldo Orico, orgulhoso pela construção da nova capital, argumentou a cerca da associação de Brasília com Brasil:

“Nunca mais ninguém dirá que a capital do Brasil é Buenos Aires, ou que a principal cidade da Argentina é Rio de Janeiro porque o nome de Brasília puxa o do país para dentro da memória. Associa-se a ele morfológicamente. Mistura-se na construção, na denominação e na paisagem. Um é prolongamento do outro. Sequência vocabular e história destinada a martelar os ouvidos de todos os povos refratários ao conhecimento da topografia americana. Ninguém mais errará o nome da nossa capital.”<sup>266</sup>

Na década de 1960, o Brasil era pouco conhecido mundialmente porque possuía uma economia fraca. A previsão de Orico ocorreu, não somente pela questão do nome, mas também por outros motivos: a arquitetura da capital e a industrialização do país chamaram a atenção mundial para o Brasil.

Vale destacar que, enquanto a ideia da construção de Brasília levava um tempo para amadurecer, fortalecer-se no mapa do Brasil, tornar-se lei e ser construída, a cidade teve uma história. Ela existia, fazia parte da Constituição do Brasil, antes mesmo da concepção conforme foi visto quando tratamos de sua história.

Diante desse contexto, a questão que surge e merece crítica é a seguinte: o *Correio Braziliense* representa Brasília e os brasilienses? Ou será que ele representa apenas uma elite brasileira, assim como surgiu no Rio de Janeiro? A letra 'Z' da marca significaria a elite americanizada ou conservadora do Brasil?

Sabe-se que jornal não é uma leitura da massa popular brasileira. Então, a ideia de que o primeiro jornal do Brasil representasse também o jornal número um de Brasília tornou-se realidade? Parece que não, uma vez que nem todos têm acesso ao jornal.

<sup>266</sup> ORICO, Oswaldo. *Brasil, Capital Brasília*, p. 30.



Por outro lado, Brasília não foi pensada para a classe D, dos trabalhadores, mas para outros que recebem o jornal diariamente em suas residências.

Claro que uma capital precisa de um jornal que veicule as informações principais sobre a cidade e o mundo; o que se discute é a grafia da palavra que se confunde com a identidade da população da nova capital.

Percebe-se, também, a partir do discurso de Alcides, a consideração que ele teve com aqueles, que antes dele, chegaram à capital. Ele destacou o trabalho de Adirson Vasconcelos que já escrevia sobre Brasília mesmo antes de sua inauguração.

O reconhecimento e a valorização da obra de outro pioneiro esclarece bem a questão tratada sobre o jornal. Essa declaração enobrece não só o trabalho dos pioneiros, mas também, a cidade em que convivem.

Destaca-se a entrevista de Anderson B. Horta que exhibe um aspecto intelectual importante na cultura que se iniciava, meio conturbada na opinião dele:

“Um pouco caótica bem no começo, né. Mas logo começou-se a organizar um que outro núcleo, por exemplo, a primeira instituição realmente grande, talvez a primeiríssima instituição de agregação cultural em Brasília, de escritores, particularmente, foi a Associação Nacional de Escritores, a ANE. Graças ao trabalho pioneiro de Almeida Fischer, uma figura importantíssima para o desenvolvimento cultural da cidade. Ele promoveu a fundação da ANE em 1963, depois promoveu a fundação da Academia Brasiliense de Letras, depois ainda fundou uma outra academia, a Academia de Letras do Brasil. Almeida Fischer participou na instituição e na manutenção dos encontros de escritores que se faziam em tempos idos...”<sup>267</sup>

A Associação Nacional dos Escritores de Brasília, além de ser a mais antiga instituição cultural da cidade, deu origem a outras entidades, como a Academia Brasiliense de Letras, o Sindicato de Escritores do Distrito Federal, conforme Anderson declarou.

Sabe-se que os escritores da ANE foram perseguidos na época da Ditadura Militar e que eles não puderam exercer uma força reacionária dentro da Associação. Os escritores têm autoridade moral no ato de criação. A palavra, dependendo da situação, tem grande peso para a sociedade. Basta lembrar como as obras de Jorge Amado tinham valor para a política brasileira. Infelizmente, a ANE teve dificuldades em atingir seu objetivo de difusão da cultura brasiliense por imposições da ditadura, mas ainda assim exerceu papel fundamental na propagação da cultura na capital.

É notório, a partir das análises dessas entrevistas, que a cultura em torno de 1960, em Brasília, era sobretudo intelectual; ou seja, exigia um certo domínio da inteligência. Não

267 Idem, em 19/02/2010.

houve um planejamento para atender a todos que habitavam, naquele momento, na capital, mas sempre houve, entre os pioneiros, pessoas com vontade e energia que se destacavam e uniam o grupo.

### ***6.1.3 Como se desenvolvia a vida cultural de Brasília a partir do discurso de quem chegou durante os anos 60 (1961 a 1969).***

Somente dois, dos 20 pioneiros entrevistados nesse período, disseram que a cultura em Brasília sempre foi muito pobre. Os outros 18, concordaram que havia uma cultura crescente que se manifestava no dia-a-dia dos moradores.

José Maria Leitão e Ronaldo Castro julgaram que a cultura em Brasília referia-se somente a lazer voltado para uma determinada classe social inicialmente. A partir dessa compreensão, e com a atenção voltada, principalmente, para sua profissão, José Maria Leitão disse:

“Sempre foi muito pobre. Tínhamos o Cine Cultura, na W3 Sul, o Cine Brasília e o Cine São Luís, que hoje virou uma igreja e o Teatro Nacional que já funcionava. Íamos muito a Clubes. O pessoal chamava o Cota Mil de Clube dos Médicos: a maioria dos sócios eram médicos.”<sup>268</sup>

É evidente que o médico José Maria não estava pensando na população como um todo, mas somente nos médicos, e para eles o que faltava era lazer porque, com a questão econômica satisfeita, seria necessário a diversão para agradá-los.

O problema emergente, nesse tema, é que a população não tinha as mesmas condições e não podia nem mesmo ir a clubes. Não havia conforto suficiente, na nova capital, para receber pessoas com hábitos diferenciados da classe média alta que se instalava.

O médico Ronaldo de Castro não se ateve somente à sua profissão:

“Inicialmente quase não existia vida cultural, havia um cinema. Tinha umas salas de apresentações na W3 e era uma enorme festa quando havia alguma apresentação.”<sup>269</sup>

Na linha de pensamento de Hall Stuart, citada na epígrafe deste capítulo: “...um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações

268 Idem, em 11/09/2011.

269 Idem, em 22/03/2010.

*quanto a concepção que temos de nós mesmos ...”*, cultura para os dois pioneiros destacados acima exprime suas próprias necessidades, seus reflexos diante da sociedade em que estão inseridos, e não a união de todos para constituir essa sociedade, apesar de eles não se aperceberem disso.

Essa atitude de segregar-se, de não se perceber como agente modificador na sociedade faz parte de um comportamento que poderá se repetir e, portanto, é cultura.

A cultura está na sociedade e as pessoas para percebê-la carecem de um entrosamento maior entre si. Em vista disso, há a necessidade de as pessoas terem um ponto de partida para que possam trocar ideias independentes da situação econômica de cada um.

Os outros 18 pioneiros, ouvidos sobre o mesmo tema, apresentaram opiniões diversas, mas todos conseguiram reconhecer o progresso de uma sociedade que se formava na nova capital.

O depoimento de Clodo, que chegou a Brasília ainda jovem, e para quem a arte sempre fluiu no dia-a-dia, versou sobre a falta de tradição que pairava na cidade:

“A cultura se desenvolvia de uma forma amadora, espontânea, ela não era fruto de uma política específica. A falta de uma tradição anterior foi interessante porque permitiu que as coisas acontecessem de uma forma nova, sem características anteriores. Brasília é por natureza não típica de um gênero: tem frevo, chorinho, rock. A cidade não foi feita pra isso, foi feita para ser híbrida, misturada.”<sup>270</sup>

Clodo apresentou-se como cantor em Brasília desde que aqui chegou, em 1965, por isso tem autonomia para tratar de cultura. Segundo ele, a falta de tradição artística, musical na cidade foi bom porque os artistas se sentiam à vontade para iniciar algo novo.

Nesse sentido, foi permitido às pessoas desenvolverem na nova capital todos os gêneros artísticos, sem intromissão de algo preexistente.

Acredita-se que essa liberdade artística tenha influenciado na formação da cultura brasiliense porque iniciar algo, no caso um ritmo musical, num espaço novo é diferente de dar continuidade a algo preexistente. Nesse sentido, não houve uma transferência, mas um primeiro impulso dado à cultura musical na nova capital.

Certamente, diante do conceito de cultura, analisado nesta tese, as pessoas vindas de diversas regiões do país, tiveram influência na sociedade de Brasília. Os encontros dos pioneiros e os concertos da universidade, já destacados, exerceram papel fundamental na formação e desenvolvimento da cultura primordial na cidade.

---

270 Idem, em 22/10/2010.

Muitos podem ter argumentado sobre o nascimento de Brasília, mas JK foi quem fez uso da razão para convencer as pessoas sobre a importância da nova cidade há tanto prometida. Ele, de acordo com Osvaldo Orico, levou, numa de suas viagens a Brasília, uma caravana de poetas, cronistas, jornalistas, cantores, músicos e outros profissionais, com a finalidade de familiarizá-los com a mudança da capital e transportar para Brasília a voz do litoral. Dessa forma, JK legitimou seu próprio governo. Porém a mudança era difícil, as pessoas reagiam, protestavam: tinham medo de não encontrar na cidade o ambiente propício para suas artes.

Assim, além de ocupar-se com a construção da cidade, JK pensava e agia para que a mudança ocorresse em todos os aspectos. É compreensível que o presidente trouxesse para Brasília pessoas que assumissem uma posição central no governo e tivessem condições de motivar outros a virem também.

Percebe-se que, na nova capital, os interesses coletivos de alguns imporiam as regras de sociabilidade advindas do entendimento do conceito de 'bem-estar e beleza' da cidade. Isso estava de acordo com o suposto resultado da Carta de Atenas na qual o arquiteto seria a pessoa que deteria esse poder.

Victor Alegria, desde que chegou a Brasília, vindo de Portugal, manteve sua tradição de estar próximo, no meio do povo e incentivá-lo ao aperfeiçoamento intelectual. Ele montou uma livraria que se tornou o ponto de encontro das pessoas que buscavam cultura de alguma forma:

“Os pontos de cultura de BSB são praticamente os mesmos com outros nomes. Tínhamos o Cine Brasília. Na W3 havia o Cine Cultura, muita coisa acontecia nesses cinemas. O teatro era incipiente. Tinha o teatro da Escola Parque, Os Dois Candangos, na UnB. Os músicos que surgiam aqui iam para outros centros. A literatura de BSB foi formada por escritores que vieram de fora e se fixaram aqui. Muitos artistas e atletas surgiram em BSB e nos representam muito bem no mundo, o que nos envergonha são os políticos que veem de fora, de vários estados.”<sup>271</sup>

É fácil notar no depoimento do pioneiro o quanto ele esteve e ainda está envolvido com a cultura brasiliense. Ele participou efetivamente dos acontecimentos que ocorriam na cidade e, ao mesmo tempo, mostrou-se preocupado com a saída de 'artistas que surgiam aqui'. Não se esqueceu dos escritores, que não eram daqui, mas se fixaram na cidade e nela produziram.

Victor Alegria tratou do único fato que envergonhava Brasília: os políticos. Entretanto,

---

271 Idem, em 03/02/2010.

frisou que esses políticos vêm de fora e se misturam ao povo da cidade, mas não são da cidade. Na opinião do pioneiro, essa é uma parte da cultura que está em Brasília, faz parte dela, mas não é dela. A política acanha, embaraça, muitas vezes, o povo que fez e ainda contribui para a cultura da cidade.

Na percepção de Roland Corbisier, cultura é um processo mutável que modifica a formação do homem e vem fortalecer as ideias do pioneiro acima:

“... o homem não está situado no contexto cultural como um objeto imóvel entre outros objetos também imóveis e justapostos no espaço. O mundo da cultura é um mundo em trânsito, afetado em suas entranhas, pelo tempo, pela historicidade, que também afeta, em sua estrutura, o ser do homem”<sup>272</sup>

De acordo com as ideias de Corbisier, a cultura é dinâmica, ao mesmo tempo produzida e modificada; e seu agente passa pelo mesmo processo. O homem modifica-se a partir de sua criação.

Nesse sentido, pode-se compreender o discurso de Victor Alegria quando tocou na saída dos artistas da cidade e na chegada dos políticos que envergonhavam Brasília.

Assim como os artistas nascem e vão embora da capital à procura de chances para um desempenho melhor em suas profissões, os políticos chegam, fazem suas histórias, que poderão afetar muito ou pouco a população da capital e, depois, retornam às suas origens.

Na percepção de Victor Alegria, o sistema cultural que envolveu a cidade e as pessoas que nela habitavam e todas as modificações ocorridas no sistema e na cidade são importantes para a sociedade brasileira.

Antônio Carlos Carpintero, estudante da UnB em 1965, falou com entusiasmo sobre a cultura de Brasília, naquela época:

“A vida cultural em Brasília era muito rica, todos estavam encantados. Vi coisas aqui que eu nunca vi noutro lugar. Por exemplo, “Um dia um gato”, um desenho animado, Theco, uma mistura de desenho e filmagem, com fotografias diretas, um trabalho belíssimo... Em 1965, na universidade, às 11h de sábado, havia um concerto, todos paravam e iam para o concerto no auditório de música. Essa atividade era constante no Departamento de Música, eu tenho uma boa coleção dos programas que foram apresentados. Havia também festivais de cinema em Brasília. O primeiro foi organizado por Paulo Emílio, que era da universidade. Tivemos filmes de Rui Guerra, *Os fuzis*, *O menino de engenho*, *A hora e a vez de Augusto Matraga*, *A vereda da salvação*, e outros. Tudo isso em plena ditadura, foi em novembro de 1965.”<sup>273</sup>

272 CORBISIER, Roland. *Formação e problema da cultura brasileira*, p.18.

273 Idem, em 29/01/2010.

A voz de Carpintero é clara: a vida cultural em Brasília era densa. Paulo Emílio Sales, crítico de cinema e historiador brasileiro, realizou mostra de filmes na década de 1960 que originou, mais tarde, a criação do Festival de Cinema de Brasília.

Em 1965, Paulo Emílio iniciou o primeiro curso de cinema na Universidade de Brasília, organizou mostras de filmes na capital que originaram, posteriormente, o Festival de Cinema de Brasília que ainda existe nos dias atuais. Entretanto, o cineasta teve suas ideias silenciadas pela cassação de vários professores da universidade, em decorrência do Golpe Militar de 1964.

A saída desses professores terminou também com o concerto apresentado por Cláudio Santoro, do Departamento de Música da universidade e com as pesquisas e outros trabalhos artísticos que aconteciam no Departamento de Artes.

Santoro foi exilado e teve que morar por 10 anos com a família no exterior. Quando retornou quis recuperar o trabalho iniciado na universidade. Fundou a Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional de Brasília, mas não teve tempo suficiente para consolidar suas ideias. Faleceu em 27 de março de 1989.

Gougon, estudante quando chegou a Brasília, e hoje artista plástico, disse que a cidade sempre foi um polo cultural e confirmou a presença do cinema e da música de Cláudio Santoro na UnB:

“Não havia grandes espaços para apresentações, mas a Escola Parque, por exemplo, quando eu cheguei, funcionava durante o dia como escola e à noite ela abrigava cinema. Tinha um cine clube que trazia vários filmes importantes e peças de teatro, às vezes, em finais de semana.

A W3 era uma verdadeira rua, ela tem essa vocação, hoje ela acabou virando uma via de trânsito, e as pessoas estão cada vez mais sem opções...

Nos anos 60, tínhamos muitas opções de bares e botecos que eram pontos de encontros das pessoas. Aqui na W3 tínhamos três grandes bares e restaurantes ...

A UnB sempre foi um polo cultural e de discussão política. Eu que morei lá dentro, assistia. Ia, à tarde, muitas vezes, para o Auditório Dois Candangos onde havia aula de Paulo Emílio Sales Gomes para alunos de cinema e curti muito as explicações.

Nos anos 60, a universidade funcionava assim, voltada para a comunidade. Todos os sábados, pela manhã, no auditório de música tinha concertos da orquestra de cordas de Cláudio Santoro, e os estudantes enchiam todo o ambiente e ao redor para ouvir.

Era uma vida cultural interessante na UnB.”<sup>274</sup>

Anísio Teixeira foi um dos signatários de um dos documentos mais importantes da história da educação no Brasil, o "Manifesto dos Pioneiros". O Manifesto defendia uma educação pública, gratuita, mista, laica e obrigatória, possibilitando a concretização do direito

---

274 Idem, em 29/06/2010.

biológico à educação. Anísio Teixeira criou o sistema educacional ESCOLA PARQUE onde as escolas, além do currículo básico, propõem o acesso a aprendizagens sobre trabalho e à cultura ampla da humanidade, desenvolvendo o senso de responsabilidade, de ação prática e de criatividade. A primeira unidade da escola parque de Anísio Teixeira foi instalada na Bahia, primeiro centro de demonstração criado por Anísio Teixeira, em 1950, na cidade de Salvador.

Em linhas gerais, o plano educacional de Brasília, elaborado por Anísio Teixeira em 1957, definia a localização das escolas primárias que seriam edificadas no interior das quadras, as Escolas Classes, de modo que as crianças não tivessem de deslocar-se por longas distâncias. Para cada quatro quadras haveria uma escola parque que atenderia, em dois turnos, os alunos das escolas classes. Em turno contrário, os alunos teriam a chance de participar em atividades artísticas, sociais e de recreação nas Escolas Parques.

Eva Pereira tratou, em seu artigo, dessa integração de experiências:

“A integração das atividades entre as duas instituições criava condições para o aluno dedicar-se integralmente ao programa. Pelo fato de estudar em dois turnos, o aluno da escola classe não levava dever para casa. Como muitas matérias eram desenvolvidas na Escola Parque, sobrava tempo para fazer o dever na própria escola. As pesquisas eram realizadas na biblioteca da Escola Parque, sob a orientação de professores especializados, assim como trabalho de leitura. O setor de literatura contava com uma biblioteca e várias salas de aula. A biblioteca era a base para o desenvolvimento do trabalho de literatura.”<sup>275</sup>

Na realidade, as Escolas Parques não funcionaram conforme o plano de Anísio Teixeira desde a construção da primeira (307/308 Sul), inaugurada na mesma data de Brasília.

O projeto urbanístico original de Brasília previa a construção de 28 Escolas Parques que atenderiam, cada uma, a quatro quadras residenciais dentro de uma ideia chamada Unidade de Vizinhança. Hoje, cada Escola Parque atende alunos de cerca de 7 escolas classes, em turno complementar ao escolar.

O Plano Educacional, num primeiro momento, foi considerado por Anísio Teixeira em função da educação infantil e média, entregue a NOVACAP para ser aplicado em toda a área do Distrito Federal.

No entanto, esse plano sofreu oposição e resistências, conforme relatou Ernesto Silva:

“... A própria NOVACAP o considerava de somenos importância e se negava a contribuir para a construção das escolas definitivas, sob alegação de que escolas e hospitais não estavam incluídos entre as suas atribuições. Dessa forma, não fora o

275 PEREIRA, Eva W. , *Escola Parque de Brasília: uma experiência de educação integral*. In *Nas asas de Brasília: memórias de uma utopia educativa (1956-1964)*, p. 173/4.

espírito clarividente do então Ministro da Educação, Dr. Clóvis Salgado, e de alguns de seus auxiliares, não teríamos no orçamento verbas para a construção das escolas. A mentalidade reinante era a seguinte: “Os filhos dos operários não precisam de escolas e os filhos da população rica e da classe média estudam em colégios particulares”<sup>276</sup>

Infelizmente, a mentalidade inicial era de que, em Brasília, somente os interesses e necessidades dos ricos deveriam prevalecer. Como disse Ernesto Silva, muitos pensavam que “filhos de operários não precisam de escolas”. Por que eles estudariam? Afinal, quem nasce pobre não tem direito à cultura. Essa era a mentalidade tradicional que ainda reinava no Brasil. Os responsáveis pela construção de Brasília, pela entrega da cidade com o mínimo necessário para receber a capital do país, havia decidido: as escolas da nova capital são para receber os filhos de políticos e pessoas de classe média.

Antes do início da construção da nova capital, em 1953, Anísio Teixeira, tratou desse assunto, mostrando que a educação não poderia objetivar nenhuma classe social específica. Os professores deveria ensinar a trabalhar ou um “modo de vida” ao aluno:

“Em todos os países democráticos, os sistemas escolares tendem a constituir um único sistema de educação, para todas as classes, ou, melhor, para uma sociedade verdadeiramente democrática, isto é, sem classes, em que todos os cidadãos tenham oportunidades iguais para se educarem e se redistribuírem, depois, pela ocupações e profissões, de acordo com a capacidade e as suas aptidões, demonstradas e confirmadas.”<sup>277</sup>

a situação não se reverteu e o sistema educacional previsto por Anísio Teixeira não prosperou em Brasília. Conforme pesquisou Eva Pereira, a integridade do programa foi comprometida :

“... a experiência não teve continuidade nos termos propostos, por razões de natureza ideológica e, principalmente, por manifestas razões de ordem econômica e política. Assim, os objetivos da Escola Parque foram reduzidos, como também a generalização desse tipo de instituição, no âmbito da nova capital, não se consumou. É mister, porém, indagar-se em que medida a apatia, o descaso, o desconhecimento; enfim, a falta de prioridade da educação nas políticas públicas, não foram fatores determinantes para as mudanças no traçado inicial da Escola Parque.”<sup>278</sup>

A constatação da autora confirmou as dificuldades enfrentadas pelo pioneiro Silva, na época da construção das escolas, porque o presidente da NOVACAP não aceitava aplicar em

276 SILVA, Ernesto. *História de Brasília, um sonho, uma esperança, uma realidade*, p. 167.

277 TEIXEIRA, Anísio. *A crise educacional brasileira*, in Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, p.317.

278 PEREIRA, Eva W. Op. Cit., p. 177.



escolas o montante necessário para a educação.

A Escola Parque 307/308 foi construída e assumiu um papel importante no desenvolvimento cultural da nova capital porque possuía espaços adequados e era bem equipada com materiais audiovisuais. O auditório era utilizado, à noite, para projeção de filmes e apresentações teatrais para a população durante alguns anos conforme disse Gougou.

A questão da Avenida W3, lembrada pelo pioneiro, é um fato. Todo o comércio de Brasília estava situado nessa avenida, mas o crescimento da cidade e das quadras fez com que a W3 se tornasse um vazio.

Essa questão constituiu uma perda para a população acostumada ao centro urbano de Brasília na W3. Surgiram *shoppings centers* e hipermercados e a população dispersou-se e o 'ponto de encontro', antes concentrado na avenida, desfez-se. As pessoas perderam o contato umas com as outras porque os *shoppings* não agregam as pessoas, pelo contrário, individualizam-nas.

Finalmente, Gougou reforçou o caráter cultural que a UnB exerceu no início da sociedade brasiliense. A universidade era um palco aberto para a comunidade que enquanto se divertia, era apoiada, era alimentada para o gosto pela vida artística e acadêmica.

Lúcia Garofalo, também estudante naquela época, falou sobre o desenrolar da vida literária em Brasília:

“A vida literária era mais na Universidade. Havia palestras, filmes, algumas exposições de arte, apresentações no Teatro Nacional. Concertos eram apresentados na Escola de Música. Como eram poucas as oportunidades, participávamos muito de eventos pequenos. As Embaixadas faziam eventos para convidados. Livraria de Victor Alegria, no Hotel Nacional, era muito boa, eu folheava muitos livros lá.”<sup>279</sup>

A partir do discurso de Lúcia, que chegou a Brasília quase no final da década de 60 (1968), entende-se que as pessoas tinham percebido o chamado para as várias apresentações artísticas que aconteciam na cidade. O pioneiro, Victor Alegria, conforme já foi mencionado, participava ativamente desse momento e pôde contribuir para a formação cultural da nova capital.

Os eventos oferecidos pelas Embaixadas, citados por Lúcia, não eram para a população em geral, o público era selecionado. A elite já era bem desenvolvida na capital e aguardava por esses momentos. Para os demais habitantes da cidade, as Embaixadas pareciam não dizer muito, a não ser pelas oportunidades de emprego que surgiam para a classe inferior,

---

<sup>279</sup> Idem, em 06/02/2010.

o que influenciava no desenvolvimento econômico da capital.

O pioneiro Luís Humberto, quando indagado sobre a cultura de Brasília, lamentou o pouco tempo que a cidade teve para se conhecer e se propagar:

“Brasília atraiu muita gente boa, pessoas que como eu acreditavam que aqui seria o lugar onde teriam acontecimentos que dessem uma nova dimensão à cidade, mas isso não foi possível. O cinema de Brasília desenvolveu-se muito, mas a cidade teve muito pouco tempo para se afirmar, foram quatro anos e, a partir daí, a Revolução triturou tudo e nada mais surgia.”<sup>280</sup>

Luís Humberto conheceu Brasília antes e depois do regime militar e, quando chegou, em 1961, já era um profissional experiente, trabalhava no MEC e era arquiteto de formação. Então, quando ele diz que acreditava que Brasília era o lugar em que seria possível criar e viver de forma diferente, com mais liberdade e melhor, há de se pensar sobre o que fizeram com a cidade.

O golpe, ocorrido em 1964, estabeleceu no Brasil uma Ditadura Militar que permaneceu até 1985. Principalmente, nos primeiros anos, o regime militar foi severo e o governo tornou habituais práticas de censura e tortura. Os militares combatiam, sem piedade, qualquer ameaça comunista, ou que pensavam ser comunista, ou manifestantes contra quaisquer ideias do governo, marcando a história do Brasil por um período negro de atos autoritários ao extremo.

A capital, recém-inaugurada, vivenciou esse clima ditatorial. É certo que muitos dos incentivos culturais já implantados pela UnB, pela Escola de Música, pelas Escolas Parques, pelas artes em geral, e a vontade de mudar e realizar algo diferente, que trouxe muitas pessoas para a cidade, foram “triturados” como disse Luís Humberto.

Há, entre os pioneiros entrevistados, quem acredite que a Ditadura Militar não foi totalmente cruel para Brasília. Adirson Vasconcelos, numa tentativa de argumentar à favor da ditadura, fez um histórico a partir das dificuldades enfrentadas pelo governo após a saída de JK. João Goulart foi um presidente que teve deficiências, mas gostava de Brasília e se esforçou para que o Itamaraty e o Ministério das Relações Exteriores, que ainda estavam sediados no Rio de Janeiro, fossem transferidos para a nova capital.

O pioneiro afirmou também que depois do governo de JK falava-se muito em retorno da capital para o Rio de Janeiro. Muitas pessoas ligadas ao governo tinham dificuldades para se acostumarem à nova realidade, as famílias não se habituavam com o novo modo de viver.

---

280 Idem, em 06/04/2010.

Havia uma preocupação com o futuro de Brasília.

Vasconcelos foi chefe de redação do *Correio Braziliense* entre 1966 e 1968 e declarou que teve chance de ver a cidade humanizar-se:

“... Castelo Branco disse: 'Brasília é irreversível'. Acabou a campanha de retorno. Ele injetou dinheiro, colocou um prefeito, Plínio Catanhede que humanizou a cidade, mandou plantar grama, fazer jardins e concursos, o *Correio Braziliense*, a TV Brasília e eles davam prêmios para quem tivesse o melhor jardim em suas casas em Brasília. A cidade começou a humanizar-se. Castelo Branco mandou construir o Palácio do Itamaraty, que João Goulart já tinha dado o primeiro passo, mandou reativar e também a vir os Ministérios pra cá, inclusive o do Exército. Então começou a haver muitas transferências e construções de apartamentos, tudo acelerou do dia para a noite em 64 e 65. E todos os operários que haviam ido para as cidades-satélites voltaram a trabalhar. Eu cheguei a dizer que voltou o ritmo Brasília naquela época porque passaram a construir muitos prédios de órgãos. E os outros governos deram continuidade...”<sup>281</sup>

Vasconcelos conseguiu visualizar o apoio da ditadura ao desenvolvimento de Brasília, consolidando-a como Capital do Brasil. Não aprofundaremos nesse 'aspecto positivo da revolução' segundo ele, mas vale pensar sobre o tema. Caso a ditadura tenha apresentado um lado positivo, será que foi compensatório diante de tanto sofrimento gerado aos brasileiros?

Brasília tinha dois aspectos positivos que favoreciam os militares o controle do país: a cidade tinha poucas entradas e saídas e as superquadras só tinham uma entrada e saída. Além disso, havia questão geopolítica, Brasília estava tão afastada das outras cidades que se assemelhava ao um quartel general de onde se controlava o restante do país. No Rio de Janeiro isso não era possível não só devido à posição da cidade, mas a outros fatores.

Uma multidão percorria as ruas do Rio de Janeiro contra a ditadura militar, conforme ilustração:

---

281 Idem, em 15/04/2010.



**Figura 25:** Passeata dos Cem Mil no Rio de Janeiro

**Fonte:** [http://palavrastodaspalavras.files.wordpress.com/2008/06/1968-passeata-do-cem-mil-rj-sem-credito-1998-009917\\_pop.jpg](http://palavrastodaspalavras.files.wordpress.com/2008/06/1968-passeata-do-cem-mil-rj-sem-credito-1998-009917_pop.jpg), acessado em 04/10/2012.

Não se pode esquecer que a ditadura trouxe revolta, manifestações públicas e muitas perdas, principalmente, de jovens estudantes. Vale lembrar a Passeata dos Cem Mil, realizada em 26 de junho de 1968, considerada a manifestação popular mais importante da resistência contra a ditadura militar. Ela marcou o ponto alto do movimento estudantil e o início de sua derrocada.

No mês seguinte, o governo proibiu oficialmente todo tipo de manifestação em território nacional. Logo em seguida, 650 estudantes foram para a cadeia. No dia 4 de julho, 300 alunos foram detidos em São Paulo.

As manifestações não paravam e, no dia 12 de outubro de 1968, mais de 400 estudantes foram detidos durante um congresso clandestino da UNE (União Nacional dos Estudantes) em Ibiúna, interior de São Paulo. Entre os líderes estavam Luis Travassos, o ex-ministro José Dirceu e Vladimir Palmeira, soltos dias depois.

Na sequência, outras prisões ocorreram e, ainda há, pessoas desaparecidas dessa época que não foram mais encontradas. Foram muitos os que sofreram danos físicos e morais irreparáveis. Será possível encontrar vantagens num sistemas de governo que proporcionou tudo isso?

Teria muito para se discutir sobre a ditadura, mas esta pesquisa tem como foco principal a formação cultural de Brasília que a ditadura prejudicou bastante, pois censurava a

liberdade da população em todos os aspectos, e muitas pessoas desapareceram do cenário brasileiro visto que suas ideias incomodavam aos governantes.

Pode-se afirmar, após essa análise, que a formação da cultura brasiliense ocorreu a partir de hábitos simples de encontros proporcionados pelos próprios moradores; de apresentações ocorridas nas Escolas Parques, na Escola de Música, na Livraria Encontro, no trabalho produzido na Universidade de Brasília, na literatura produzida na e para a capital; enfim, na dedicação e vivência daqueles que habitavam a cidade.

A cultura subsistente entre os trabalhadores da construção era modesta. Eles viviam, basicamente, para o trabalho e, enquanto exerciam suas atividades, ouviam rádio. A Rádio Nacional foi a companheira de muitos solitários em Brasília.

Esses trabalhadores, quando tinham algum tempo livre, buscavam a bebida e a prostituição para se distraírem, conforme narração de Ribeiro, já comentada.

## **6.2 Propostas de Lucio Costa no projeto original e a cultura instituída em Brasília**

O que será apresentado neste item não é um estudo arquitetônico sobre o projeto original de Brasília, mas um quadro semiológico dos aspectos importantes desse plano para a pesquisa cujo objetivo é relacionar e discutir o cotidiano em Brasília durante a formação cultural da cidade.

O mundo contemporâneo mostra, cada vez mais, que o modo de vida do homem moderno é característico das cidades. A grande maioria da população está concentrada em centros que irradiam ideias e práticas cotidianas para o desenvolvimento cultural que serão símbolos representativos de uma determinada cidade.

Nesse sentido, as pessoas influenciam o crescimento e a organização das cidades em que vivem. O que será demonstrado, a partir do projeto da capital, é que a cidade tem uma proporção importante no controle e na formação de seus habitantes.

Retomando o plano original de LC, é evidente para o criador que a cultura poderia ser disposta em setores conforme ele delineou no Relatório do Plano Piloto:

“Como decorrência dessa concentração residencial, os centros cívico e administrativo, o setor cultural, o centro de diversões, o centro esportivo, ... foram-se naturalmente ordenando e dispostos ao longo do eixo transversal que passou a ser o eixo monumental do sistema...”

O cruzamento desse eixo monumental, de cota inferior, com o eixo rodoviário residencial impôs a criação de uma plataforma liberta do tráfego que não se destine ao estacionamento ali, remanso onde se concentrou logicamente o centro de diversões da cidade, com os cinemas, os teatros, os restaurantes, etc.”<sup>282</sup>

Pareciam perfeitas as ideias do criador. Um centro cultural, edificado próximo à plataforma rodoviária, lugar de concentração popular, que deveria ser livre de tráfego de automotivos. Dessa forma, as pessoas poderiam chegar de ônibus e se encaminharem à diversão que tivessem escolhido (cinema, teatro ...) a pé e sem transtornos para atravessar a rua. Esse foi um dos sonhos de LC que não se realizou.

Para uma melhor leitura do projeto, é preciso compreender um pouco do período histórico pelo qual o mundo passava, e as influências que a arquitetura e as artes em geral sofreram.

O período compreendido entre as duas Guerras Mundias (a primeira terminou em 1918 e a segunda, em 1945) foi significativo para a arquitetura e o urbanismo. Foi nesse período que surgiu no Brasil, vindo da Europa, o Modernismo.

Tratava-se de um movimento que envolvia as áreas artísticas e culturais. Os principais ideais modernistas tiveram sua chegada ao Brasil a partir da primeira década do século XX, introduzidos por manifestos como a Semana da Arte Moderna realizada em 1922 em São Paulo.

O modernismo arquitetônico surgiu no Brasil a partir da criação, em 1928, dos CIAM – Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna, que deram origem à elaboração da Carta de Atenas, redigida por Le Corbusier. Lucio Costa e Oscar Niemeyer foram uns dos arquitetos que representaram o Brasil num desses Congressos e se tornaram partidários das ideias modernas sobre arquitetura.

Esse movimento moderno propunha a concepção de uma cidade diferente, voltada para os ocupantes, que trouxesse uma nova vivência à população e que consagraria o arquiteto. A cidade nova deveria trazer conforto, avanços técnicos e alternativas públicas importantes para a população.

A Carta de Atenas sintetizou o urbanismo funcionalista que supunha a obrigatoriedade do planejamento regional e intraurbano, a submissão da propriedade privada do solo urbano aos interesses coletivos, a industrialização dos componentes e a padronização das construções, a limitação do tamanho e da densidade das cidades, a edificação concentrada, porém,

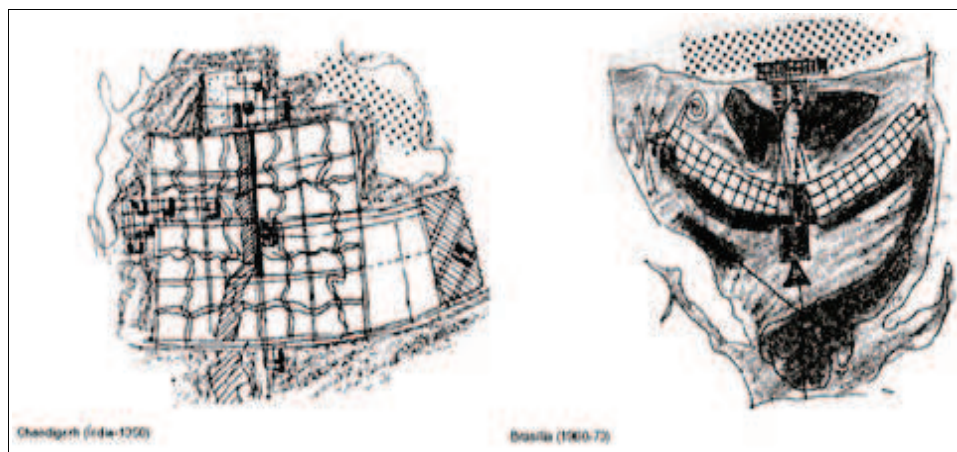
---

282 BUCHMANN, A. *Lucio Costa o inventor da cidade de Brasília*, p. 62.



adequadamente relacionada com amplas áreas de vegetação.

A proposta era de uma cidade ordenada, um modelo urbanista progressista que foi reproduzido no Plano Piloto de Brasília. Nas ilustrações estão a cidade de Chandigarh, (Índia) e Brasília podem ser vistos os princípios da Carta:



**Figuras 26 e 27:** A cidade proposta pela Carta de Atenas e o projeto de Lucio Costa

**Fonte:** [http://www.portogente.com.br/arquivos/id\\_29569\\_u1.jpg](http://www.portogente.com.br/arquivos/id_29569_u1.jpg), acessado em 16/10/2012.

Na Carta eram previstos três pontos básicos no que diz respeito à população da cidade: habitação, trabalho e recreação e circulação. O urbanista deveria focar-se nessas necessidades ao planejar uma cidade moderna.

James Holston deu-se ao trabalho de comparar o projeto de Brasília à Carta de Atenas com objetivo de mostrar sua origem:

“Compare-se agora, a vista de Brasília com a das duas cidades ideais de Le Corbusier. Uma Cidade Contemporânea para Três Milhões de Habitantes, de 1922, e A cidade Radiosa de 1930. Estes dois projetos tornaram-se protótipos para o modelo dos CIAM definido na *Carta de Atenas*. Notem-se as similaridades explícitas entre ambas e Brasília: o cruzamento de vias expressas; as unidades de moradia com aparência e altura uniformes, agrupadas em superquadras residenciais com jardins e dependências coletivas; os prédios administrativos, financeiros e comerciais em torno do cruzamento central; a zona de recreação rodeando a cidade. O “pedigree” de Brasília é evidente.”<sup>283</sup>

Sabe-se que o Modernismo é um movimento de amplo aspecto cultural que influenciou as artes em geral e também a Arquitetura e o Urbanismo. Esse movimento é mundial e chegou ao Brasil no início do Séc. XX. Logo, é perfeitamente compreensível que

<sup>283</sup> HOLSTON, James. *Cidade modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia*, p.38.

os arquitetos brasileiros estivessem envolvidos com as ideias do movimento, que apresentava cunho futurista, como já foi tratado, e que as aplicassem no projeto da capital do país, uma vez que a ideia predominava nas artes e na cultura do Brasil.

Não se pode negar que o estilo individual de todo artista é sempre mesclado pelo momento histórico em que vive. Não seria diferente com os arquitetos envolvidos no planejamento e na construção de Brasília.

É notório, que Lucio Costa e Oscar Niemeyer homenagearam o mestre, esboçando um plano urbanístico e projetando edifícios segundo as ideias de Le Corbusier. Entretanto, a preocupação aqui não é comparar ou divagar sobre Brasília e a Carta de Atenas, já conhecidas, ou sobre a história de como tudo ocorrera na construção, mas perceber e discutir como a cidade marcou, modificou ou transformou a vida das pessoas.

O Plano Piloto de LC foi traçado a partir de um programa de defesa, de resistência a agressões, mas já na primeira década de existência, teve seus arredores ocupados por acampamentos e invasões (ou ocupações, como alguns preferem denominar) montados por pessoas que chegavam à procura de trabalho, de melhores condições de vida e não tinham onde ficar.

De acordo com as ideias de Le Corbusier, um grande centro não pode ser rodeado pela pobreza e, portanto, essas pessoas deveriam ser transportadas para longe do centro. Em Brasília, esse fenômeno ocorreu com os pioneiros que vieram trabalhar na construção da cidade. Foi dessa forma que surgiram as cidades-satélites em torno da capital, como representações das cidades-jardins, sugeridas no urbanismo de Le Corbusier.

Assim, Brasília assumiu a posição de centro e teve sua existência condicionada pelas cidades-satélites. A questão é que a nova capital não comporta toda a população flutuante que recebe em seu dia-a-dia e, diante dessa realidade, surgiram vários problemas que vão desde o deslocamento dessas pessoas até a convivência delas em suas ocupações no centro.

O transporte público, principalmente, por trilhos e ciclovias não foram implementados desde o início. Isso ocorreu porque a arquitetura e o urbanismo de Brasília não foi pensada para receber tantas pessoas o que constituiu um erro porque o maior poder do país está em sua capital e todo o contingente de políticos que ela acomoda demanda serviços.

Numa cidade, deve-se prever a chegada de pessoas em busca de melhores condições de trabalho e de vida; não se pode proibi-las de tentar uma vida diferente na capital de seu país. As capitais, em geral, são focos de desejo daqueles que sentem necessidade de mudanças



em suas vidas e isso é natural.

A solução encontrada para o problema foi a construção das satélites e, como já se sabe, não se mostrou totalmente eficiente. Alguns problemas iniciais que, ao longo do tempo, tornaram-se importantes e foram lembrados pelos pioneiros entrevistados:

- 1) Brasília cresceu e se tornou um grande centro e com isso perdeu a simplicidade que outrora LC animara.
- 2) Houve um aumento excessivo de construções de cidades-satélites e, em consequência, de população cada vez mais distantes do centro. Esse fenômeno provocou um crescimento da frota automotiva e, também, um sucateamento dos meios de transportes coletivos disponibilizados pela capital, que sempre foi pequeno em relação à população.
- 3) A distância das cidades-satélites influenciou, desde cedo, na vivência familiar dos habitantes. Cada vez menos as pessoas podiam encontrar-se com as famílias para as refeições e, assim por diante, devido à dificuldade de locomoção em horários pontuais.
- 4) Uma grande cidade não é somente procurada por aqueles que desejam trabalhar, mas também, por aqueles que desejam 'vida fácil'. Assim, a violência cresceu na capital e como já não havia uma política voltada para o desenvolvimento da cidade, o trânsito e o cotidiano das pessoas sofreram modificações, e os habitantes temem a violência que continua aumentando.

Ao tratar do urbanismo de um centro, Le Corbusier considerou a dificuldade desse trabalho:

“O urbanismo é, na verdade um mar agitado onde as pessoas se afogam...”<sup>284</sup>

Diante da metrópole em que Brasília foi transformada, da complexidade dos problemas apontados pelos pioneiros entrevistados e da voz de Le Corbusier, pode-se afirmar que, talvez, os arquitetos urbanistas que se dedicaram à construção da capital tenham se afogado no 'mar' de informações de Lucio Costa, ou ainda, que o próprio criador tenha fugido das ondas, agarrando-se a um colete salva-vidas: Brasília.

Entretanto, esse colete não foi suficiente para salvar a cidade da falta de ideias que desenvolvessem seu potencial de capital.

---

284 LE CORBUSIER. *Urbanismo*, p.100.

Há de se considerar que Brasília foi planejada para 500 mil habitantes e hoje possui mais de 2 milhões. Isso constituiu um erro de planejamento porque uma Capital da República requer muitos prestadores de serviços uma vez que a máquina pública exige cada vez mais serviços. Isso não é novidade, mas a questão é que hoje, mesmo a cidade tendo recebido o título de Patrimônio da Humanidade, continua crescendo e os problemas aumentando na mesma proporção, ou talvez, ainda mais rapidamente.

Os aspectos urbanos, ambientais e humanos devem ser reconciliados urgentemente. É preciso, portanto, visitar os princípios da Carta de Atenas e contextualizá-los para os desafios da Brasília deste século, tendo em vista um futuro diferente, mais justo e sustentável.

Sabe-se que, ao conceber a capital, Lucio Costa dividiu a cidade em escalas com o propósito de representar as relações do homem com o espaço. Ele privilegiou quatro escalas funcionais: na escala residencial, foi prevista uma relação do homem com o local de moradia e a vizinhança. Ele tinha em mente a harmonia entre os moradores. Foram construídas as superquadras para que as pessoas tivessem a chance de conviver com a natureza, num espaço aberto onde todos teriam os mesmos direitos. Essa escala não exclui as outras. Nela, todas convivem no instante em que ela cruza, dividindo o Eixo Monumental em duas partes e também se divide em duas áreas: Asas Norte e Sul.

Essas superquadras deveriam obedecer um gabarito máximo de 6 andares, com pilotis livres, espaço para os pedestres caminharem no interior das quadras. Deveriam ter também escolas de educação infantil e um pequeno comércio para atender as necessidades básicas dos moradores. Esse comércio deveria ser construído de frente para as superquadras para proporcionar o encontro e posterior amizade entre os vizinhos. Além disso, todas as quadras deveriam ser arborizadas, deveriam ter jardins e parques para crianças. Uma nova maneira de viver.

A segunda escala é a Monumental. Enquanto para Le Corbusier ela representava a imagem da cidade, para Lucio Costa ela deveria representar a cidade para o mundo.

Lucio Costa relembrou sua ideia sobre 'monumental' em seu discurso quando visitou Brasília:

“...não no sentido da ostentação, mas no sentido da expressão palpável, por assim dizer, consciente daquilo que vale e significa – conferiu à cidade nascente, desde seus primórdios, a marca inelutável de efetiva capital do país.”<sup>285</sup>

---

285 COSTA, Lucio. *Brasília Revisitada, 1985/87*.

Ao se contemplar a capital, com a devida atenção de quem vive e convive com ela há anos, ou mesmo o turista ao visitar a Torre de TV ou a Plataforma da Rodoviária, vê-se que ao longo da “cruz” original de Lucio Costa está, dominante, o Eixo Monumental. Ao longo deste, estão os órgãos administrativos da cidade, a Esplanada dos Ministérios e seu término coincide com os Prédios do Senado e da Câmara simbolizados com duas cúpulas, à frente. Toda essa visão é enriquecida com a infinitude do céu que em nenhum momento é encoberto.

Várias leituras podem ser feitas a partir dessa visualização, mas diante da voz de Costa, “consciente daquilo que vale e significa” percebe-se que o 'coração de Brasília deveria pulsar na Esplanada dos Ministérios', não só porque o Poder do Brasil está lá, mas pela imagem visual da disciplina, causada pela ordenação dos prédios, a desproporção (que constitui, na verdade, uma proporção intencional, é a democracia representativa do Poder) dos dois prédios centrais em relação aos outros, e a presença da natureza que evidencia um grande tapete ecológico que direciona as pessoas ao Poder.

Certamente, essa visão tem muito de utopia, mas a utopia de Costa tornou-se realidade, e esse é o Cartão Postal que mostra o Brasil para o mundo.



**Figura 28:** Esplanada dos Ministérios - principal cartão postal de Brasília

**Fonte:** <http://noticias.r7.com/cidades/noticias/tribunal-de-contas>, acessado em 29/05/2012.

Percebe-se na foto que as pessoas utilizam o tapete verde muitas vezes porque ele contém marcas profundas de caminhadas à procura de reconhecimento diante da imponência do Poder. O povo pagou para a construção da Sede do Poder, e continua pagando para mantê-la, mesmo que sirva, essencialmente, para canalizar o trabalho de muitos para os privilégios de poucos.

A escala monumental é destacada em relação à residencial. Ela não atende às necessidades desta que representa o cotidiano dos moradores que precisam de serviços, mas acolhe o Poder, a administração da cidade e a representatividade de tudo isso para o mundo.

Os habitantes não tiveram escolha e se adaptaram a essa escala que impôs sua monumentalidade da forma que desejava o criador, e não de acordo com as necessidades diárias de cada um. A Esplanada dos Ministérios, o Plano Piloto e o Eixo Monumental trazem consigo a ideia de grandiosidade e inspiram as pessoas a participar do Poder, como se isso fosse possível, de acordo com a narrativa de Flávio Kothe:

“A Esplanada dos Ministérios, como o Plano Piloto e o Eixo Monumental, pretende ser algo grandioso, causar assombro: deixar, por um lado, a plebe embasbacada diante do poder, intimidade diante da divindade dos governantes; e deixar, por outro lado, os “servidores” ainda mais desejosos de participar da sua “imortalidade”, como se sendo serviçais conseguissem se promover a imortais.”<sup>286</sup>

As ideias de grandeza e de imortalidade embutidas na monumentalidade sugerida por LC atraem brasileiros e estrangeiros desejosos de participarem dessa “imortalidade”, mas essa transformação não é concedida aos “serviçais” como explicou Kothe.

Sem dúvida, o desconforto que a Esplanada dos Ministérios causa à população é grande. Por lá passam, diariamente, trabalhadores que enfrentam um trânsito caótico para ir e voltar do trabalho. Aqueles que estão em seus próprios carros não têm estacionamento, e os que estão de ônibus não têm transporte após a rodoviária e andam, muitas vezes, embaixo de sol ou de chuva, pelo gramado, porque não têm local apropriado para caminhar.

Esse transtorno poderia ter sido evitado caso o urbanista tivesse previsto no projeto do Plano Piloto as necessidades da classe trabalhadora que iria servir o Poder.

Uma terceira escala é a Gregária, pensada para favorecer o encontro das pessoas enquanto se divertem, ou resolvem assuntos econômicos e cotidianos. A Rodoviária seria o ponto central, pensada para ser o centro cívico, para receber as pessoas; lugar de festas, comícios, espetáculos. No dia-a-dia, esse espaço funcionaria como estacionamento, com duas

---

286 KOTHE, Flávio R., *Modernismo, geometria e religião*, texto cedido pelo autor.

praças laterais para pedestres. Nas laterais dela estariam os hotéis, os setores comerciais e bancários.

Então, ao mesmo tempo que a rodoviária poderia servir de mirante para apreciar a Esplanada dos Ministérios e o Congresso Nacional, seria passagem para os moradores em seus cotidianos.

Entretanto, o projeto que seria destinado à reunião de uma massa brasileira no centro da capital, foi replanejado. A rodoviária construída em Brasília, alterou toda a ideia original, na percepção de Carpintero:

“A recolocação da Rodoviária, contudo, somada à supressão do corpo central do Setor de Diversões retirou da cidade a principal referência de seu centro urbano: a praça urbana central, o centro da cidade. Ausência que empobrece. As razões técnicas eventualmente apresentadas para isso não convencem. A hipótese mais plausível é a de que os órgãos de segurança da época pretendessem desestimular concentrações e aglomerações, por razões puramente políticas.”<sup>287</sup>

As razões pelas quais essas modificações ocorreram devem ser políticas, conforme afirmou Carpintero, mas o prejuízo foi para a população e para os brasileiros que buscam a capital para reivindicar seus direitos ou criticar junto ao Poder. Essa massa quando chega a Brasília em busca de seus direitos, não tem efetivamente um lugar assegurado para exercer sua cidadania, uma vez que o gramado da Esplanada dos Ministérios não oferece hospedaria.

Curiosamente, essa falta de local apropriado para que as pessoas se encontrem, exponham suas ideias e exijam que os políticos cumpram suas promessas, fez com elas criassem alternativas junto aos gramados, que fazem parte da Escala Bucólica, planejada por Lucio Costa, que intencionava propôr no bucólico a presença de todas as escalas originais.

Assim, a Esplanada dos Ministérios é constituída por vários ministérios dispostos nas laterais ao longo do Eixo Monumental que tem ao fundo o Congresso Nacional. Essa imagem expressa a monumentalidade (espacialização de uma ideia) da capital e, também o local que os brasileiros encontraram para reivindicações.

Além disso, os próprios governantes utilizam, sempre que julgam necessário, o mesmo espaço para grandes celebrações religiosas e eventos comemorativos, importantes como aniversário da cidade e Ano Novo.

E o que era para ser o 'cartão postal' de Brasília, transforma-se em área de concentração para celebrações e manifestações populares de toda a espécie, causando

---

287 CARPINTERO, A. Carlos. *Notas sobre paisagem e política*, In Revista Humanidades, p. 44.

enormes transtornos à população da cidade, que ficam se alternativa de trânsito, como mostra a ilustração:



**Figura 29:** Manifestação popular na Esplanada dos Ministérios

**Fonte:** <http://rizzolot.files.wordpress.com/2007/08/mimi.jpg>, acessado em 04/10/2012.

A Marcha das Margaridas, como foi chamada a manifestação das trabalhadoras rurais, ocorrida em Brasília em 23/08/2007, parou o centro do Poder. A população não podia chegar, nem sair do Plano Piloto porque a marcha tomou conta da região central da cidade e tumultuou a vida dos habitantes da capital. O Eixo Monumental é central e serve para a circulação na cidade.

Nessa oportunidade, o conceito de monumental ficou por conta da confusão gerada pela concentração de pessoas na capital que não foi pensada para receber os brasileiros em momentos como esses e gera problemas práticos, a começar por um grande engarrafamento, que perturbam a todos os habitantes que precisam transitar pela cidade naquele momento.

Monumentalidade parece instrumento de demonstração de poder e de dominação. Basta lembrar do Eixo Monumental que divide a cidade em partes, além do poder de divisão inerente a ele, observa-se também a questão espacial. Ele é imenso, o maior da cidade e às suas margens estão distribuídos os monumentos do poder que dominam a cidade.

Os princípios fundamentais do Urbanismo, na visão de Le Corbusier, são as regras

para a futura cidade funcional. No entanto, para que o urbanista vença essa batalha que ele trava consigo mesmo, com o espaço geográfico e com o desejo do Poder, seria preciso um amplo conhecimento a respeito dos objetivos a serem atingidos. Diante do exposto, o que se percebe é que a cidade planejada por LC teve como objetivo maior, não o urbanismo moderno previsto por Le Corbusier, mas a exposição de uma imagem ideal, concretizando o desejo de que as pessoas que exercem suas atividades na Praça dos Três Poderes e na Esplanada dos Ministérios sejam vistas como a fachada dos prédios sugere e impõe.

Assim, o terreno plano do Planalto Central, deveria ter fornecido soluções também para os habitantes enquanto pessoas, e não somente para um grande traçado de ruas retas que facilitaram o trânsito de carros, mas dificultaram a locomoção das pessoas. O trânsito deveria ser classificatório para que o pedestre fosse respeitado.

O transporte coletivo público, ônibus e metrô não poderiam ter sido esquecidos, como ocorreu, porque eles seriam responsáveis pela diminuição de congestionamentos e, portanto, não haveria problema para estacionar os carros de passeio necessários à população e a cidade fluiria melhor.

No plano de LC, a população como um todo não foi pensada e avaliada no sentido de que fossem planejadas moradias para todos os tipos de habitantes, desde os mais abastados até os menos privilegiados. Também não se lembraram das ciclovias, das áreas de lazer, das bibliotecas, da orla do Lago Paranoá; enfim, a capital e as satélites não facilitam, nem auxiliam o cotidiano dos habitantes. Quem possuía condições econômicas favoráveis criava alternativas para o lazer: podiam passear pela Chapada dos Veadeiros e outros lugares ofertados pela natureza.

O Congresso Nacional, formado pelos prédios destinados ao Senado Federal e à Câmara dos Deputados, projetado por Oscar Niemeyer, valorizou as ideias de Lucio Costa, mas acrescentou uma certa imponência ao Poder quando acrescentou cúpulas, que parecem flutuar diante de cada prédio.

Acredita-se que, diferentemente, das outras modificações que o Plano de Costa sofreu, essa agregou um grau de majestade ao cartão postal da nova capital, e não interferiu na vivência dos habitantes da cidade.

Segundo Carpintero, houve outras modificações no plano de Costa no momento da construção de Brasília. Todas foram analisadas por ele em sua tese: *Brasília: prática e teoria urbanística no Brasil, 1956-1998*.



Em suma, o planejamento de uma cidade moderna deveria ter como princípios fundamentais: o descongestionamento do centro, o aumento de densidade; dos meios de circulação (deveria haver ofertas de transporte urbano de qualidade para a população) e das arborizações do centro.

A cidade ideal, deveria ainda deixar uma área interdita para qualquer construção ao seu redor, disponível para extensão do centro, se necessário. Em Brasília, essa área existia, mas ao longo do tempo, pessoas influentes no Poder cuidaram para que grande parte dela fosse transformada em condomínios, ou recebesse outras utilidades e, assim, gerasse uma enorme fonte de renda que, claro, era o retorno do trabalho de poucos (?) para dar a impressão de auxílio para resolver o problema de moradia da população.

Sobre a estética da cidade moderna, Le Corbusier disse que:

“Uma palavra resume a necessidade de amanhã: URGE CONSTRUIR AO AR LIVRE. A geometria transcendente deve reinar, ditar todos os traçados e conduzir as suas consequências menores e inumeráveis.”<sup>288</sup>

O urbanista assumiu que a geometria e o terreno regular são essenciais à arquitetura e que na construção, o que deve ser industrializado são os canteiros de obras, de forma que o custo da obra diminua.

Desse modo, os habitantes das cidades planejadas devem ter como ocupar suas horas de repouso com praticidade. O urbanista deveria prever a prática de esportes para os habitantes, o quanto mais próximo de suas casas possível. As pessoas poderiam chegar do trabalho e jogar bola, por exemplo, ou praticar outro esporte e, ainda, fazer amizades com seus vizinhos. Essa é uma das vantagens, mas outras várias poderiam ser citadas caso os habitantes tivessem sido considerados no planejamento de Brasília e das cidades-satélites.

Em alguns pontos específicos da cidade, observa-se uma iniciativa dessa ideia, mas é fato que não funciona para todos, ou não são mantidas em condições de uso pelo Estado.

---

288 Idem. *Urbanismo*, p. 164.



## 7 BRASÍLIA NA PERCEPÇÃO DOS PIONEIROS ENTREVISTADOS

### 7.1 Os pioneiros e o Plano Piloto

Ao ser entrevistado, Jaime Almeida, estudante e participante ativo do movimento estudantil, na década de 1960, fez a seguinte leitura de Brasília:

“Brasília em 1968, já tínhamos construído os primeiros blocos da Asa Norte, algumas quadras ainda estavam sendo construídas, a cidade ainda era um grande acampamento. Os funcionários públicos que vinham transferidos do Rio de Janeiro, já vinham para as quadras que estavam prontas.

Brasília foi construída com a poupança dos institutos de previdência que eram por categorias: industriais, comerciais e outros. Não havia um órgão centralizador como tem hoje. Esses institutos investiam nas quadras, compravam, construíam e traziam os funcionários do Rio de Janeiro. Então, os funcionários públicos habitavam as quadras e os migrantes, que continuavam chegando para a construção, habitavam os acampamentos, e as invasões eram muitas.

Havia três tipos de habitação: as quadras, que eram construções refinadas, os alojamentos ou acampamentos, que eram das construtoras, para os engenheiros e o pessoal mais qualificado, eram em geral de madeira, mas de boa qualidade, e tinham as invasões. Essas eram de péssima qualidade.”<sup>289</sup>

As residências foram bem delineadas por Jaime. Havia em Brasília três tipos de habitação: as quadras (superquadras, de Lucio), os alojamentos ou acampamentos e as invasões. Cada tipo de habitação era destinada à determinada classe social, que constituíam os habitantes da nova capital. As quadras eram ocupadas pelos funcionários públicos; os alojamentos, pelos funcionários graduados, e para os funcionários sem graduação, ou seja, aos operários construtores restavam as invasões que alguns estudiosos preferem chamar de “ocupações”.

Essas colocações do pioneiro Jaime salientam duas classes sociais na capital: ricos e pobres. Outra afirmação a ser considerada é que todo o Plano Piloto fora concebido para os ricos porque os operários (os pobres) viviam em invasões, outro nome dado à favela em Brasília.

Nota-se que o pioneiro não citou as regiões conhecidas como Lago Norte, Lago Sul e Setores de Mansões Norte e Sul. Essas regiões eram de posse da NOVACAP e destinava-se a vendas, por preços irrelevantes, para agradar determinadas pessoas. As regiões administrativas

---

289 Idem, em 24/03/2010.

dessas áreas tiveram início mais tarde, após os anos de 1980.

Vale raciocinar sobre o termo invasão. No dicionário, o vocábulo é descrito como “ato ou efeito de invadir”, o que leva a pensar que os operários eram invasores, pessoas não desejáveis num determinado lugar. Esse termo é impróprio para a situação dos trabalhadores em Brasília, uma vez que eles eram chamados, motivados a virem para a construção da cidade e assalariados pelos trabalhos prestados. Apesar disso, esses operários são conhecidos, ainda hoje, por muitos, como invasores.

Aldo Paviani discutiu esse assunto ao longo de suas obras sobre Brasília, já mencionadas como embasamento teórico para esta tese e considera que essas pessoas viviam em 'ocupações'.

De acordo com a relação que Ortiz estabeleceu entre cultura e poder, citada anteriormente, é lícito afirmar que a escala residencial proposta por Costa teve uma recepção diferente da harmonia que ele previa. O Poder prevaleceu, o Plano Piloto foi recebido por uma classe diferenciada das cidades-satélites e as invasões (as ocupações ilegais) persistiram enquanto Brasília crescia.

Essa ideia é tão consistente que Luiz de P. Q. Junior e Luiza Naomi questionaram em artigo, se o Plano Piloto não seria um condomínio fechado:

“Brasília apresenta-se hoje como uma cidade praticamente sem contradições se observarmos apenas o Plano Piloto. É hoje justamente a “cidade ideal” para uma grande parcela da chamada classe média, o setor de altos e médios servidores públicos e burocratas, que usufruem do esquema de vida propiciado pela constituição do espaço urbano. (...) Porém, a segregação ocorre na exata medida em que se pôde preservar este aspecto límpido do plano original conjuntamente com a formação e expansão das cidades-satélites, estas, sim, uma certa reprodução do que ocorre em todas as cidades, relegadas até hoje a um certo abandono no que tange ao fornecimento de equipamentos coletivos urbanos e demais “benefícios” do “centro”.<sup>290</sup>

Desde a inauguração de Brasília, o Plano Piloto reinou como o espaço ideal para poucos, somente aqueles de classe social diferenciada tiveram acesso. Funcionários públicos graduados recebiam apartamentos, pessoas com poder aquisitivo alto compravam, e os outros teriam de morar nas satélites, que não apresentavam a mesma estrutura urbana do Plano.

A cultura exclusivista foi implantada desde a construção de Brasília conforme a citação do pioneiro Jaime Almeida. Esse problema foi mencionado por LC, no item 17 do

---

290 QUINTO JÚNIOR, Luiz de P. E Luiza Naomi Iwakami. *O canteiro de obras da cidade planejada e o fator de aglomeração*. In PAVIANI A. *A conquista da cidade: movimentos populares em Brasília*, p.61.

Relatório que se converteu no Plano Piloto de Brasília em que ele mesmo direcionava para uma solução:

“A gradação social poderá ser dosada facilmente atribuindo-se maior valor a determinadas quadras como, por exemplo, às quadras singelas contíguas ao setor de embaixadas, (...) Neste sentido deve-se impedir a enquistação de favelas tanto na periferia urbana quanto na rural. Cabe à Companhia Urbanizadora prover dentro do esquema proposto acomodações decentes e econômicas para a totalidade da população.”<sup>291</sup>

Lucio Costa reconheceu e apontou a solução para o problema que os pobres já enfrentavam na capital pela distribuição de moradias. Ele sugeriu e a construção de quadras com prédios mais simples e afastados do centro da cidade ocorreu. São as quadras conhecidas como 400, citadas anteriormente.

Costa ainda pensou nas pessoas que não seriam contempladas com esses apartamentos e sugeriu que a NOVACAP construísse moradias destinadas a elas. As cidades-satélites foram construídas justamente para 'resolver esses problemas de moradias' gerados após a inauguração de Brasília.

Na sequência, vários problemas surgiram. As cidades-satélites ficam afastadas do Plano, não possuem estruturas básicas nem empregos para os moradores. Assim, com poucos ou nenhum hospitais, escolas, empregos, e com transportes públicos insuficientes, a população dessas cidades foram discriminadas desde a origem.

Patrícia C. Doyle fez um estudo sobre esse assunto revelou como Brasília enfrentou o problema de carência habitacional desde sua inauguração:

“Apesar do Plano Piloto estar praticamente desocupado, os mais pobres nunca puderam residir ali em moradias regulares. Há um equívoco quando se afirma que o plano de Lucio Costa previa que “pobres” e “ricos” morariam próximos. Na verdade, houve oferta de residências no Plano Piloto para funcionários públicos de menor remuneração, contudo beneficiou poucos servidores, porque o número de imóveis disponíveis para esse fim era restrito.”<sup>292</sup>

É ingenuidade acreditar que uma pessoa, no caso Costa, pudesse prever e resolver todo o tipo de problema. O que se percebe hoje é que houve pouco investimento por parte do governo para que se oferecesse o mínimo necessário as pessoas que não conseguiam morar no Plano.

291 BUCHMANN A. Op. Cit. p. 69.

292 DOYLE, Patrícia Colela. *Comercialização de habitações populares em Brasília*. In PAVIANI, Aldo. *Brasília, moradia e exclusão*, p. 117.

Da mesma forma que o governo construiu a capital, poderia também ter investido, de alguma forma, em habitações populares. Como já foi considerado nesta tese, seria muito difícil, para não dizer impossível, uma capital não atrair pessoas que estivessem vivendo em estado de penúria em suas origens e sonhassem com 'a capital da esperança' como era conhecida Brasília.

Havia também aqueles que já estavam na cidade e com o fim das obras, não tinham onde morar. Eram muitas as 'invasões'.

Na Cidade Livre, a paisagem eram os acampamentos:



**Figura 30:** Cidade Livre durante a construção de Brasília

**Fonte:** Arquivo Público do Distrito Federal

Os acampamentos tinham uma população expressiva e eram localidades provisórias, que seriam destruídas após o fim das obras.

Havia, também, o que chamavam de 'vilas', que nada mais eram que 'invasões', construídas com o material que a população dispunha e por lá viviam enquanto podiam. Como a Vila Bananal, depois, Vila Amaury, nome do líder dos moradores, Amaury Almeida. Situava-se no leito que seria mais tarde inundado pela Represa Paranoá, às margens do Ribeirão Bananal. A vila era conhecida como Sacolância, por ser formada de barracos improvisados com sacos vazios de cimento.



**Figura 31:** Vila Amaury

**Fonte:** <http://doc.brazilia.jor.br/Construcao/img/vlAmaury.jpg>, acessado em 19/10/12.

O aumento da população de Brasília era previsível, principalmente porque tudo que se falava ou mostrava sobre a capital eram resultados positivos. Devido a esse crescimento populacional e as constantes 'invasões' em torno da cidade, antecipou-se a construção das cidades-satélites, muitas estabelecidas sem o devido planejamento.

Eram muitos os favelados em Brasília em 1969. Eles moravam em barracos quando o governo criou a CEI (Companhia de Erradicação das Invasões) que o pioneiro mencionou.

A mudança era necessária e teria sido melhor ainda se as pessoas tivessem recebido um lugar para morar, mas o que ocorreu e poucos sabem, foi uma remoção de 'pessoas' que ocupavam áreas indevidas para um espaço recém terraplenado que oferecia poeira e nada mais.

Esse não era um tratamento digno para seres humanos. As pessoas foram tratadas como objetos que poderiam ser transportados, sem prejuízo, de um lugar para outro. De que modo as famílias poderiam morar num lugar como o descrito pelo pioneiro?

Surgiam problemas vários também para quem recebia moradia no Plano. Às vezes, os apartamentos destinados aos funcionários eram muito pequenos e não comportavam as famílias, conforme narraram em seus depoimentos, professores Santiago Naud e Renée Simas.

No depoimento de Fernando Lopes, percebe-se que houve uma outra forma de se conseguir moradia em Brasília:

“As condições de moradia eram muito ruins, ficamos morando em alojamentos por muito tempo e depois fomos, numa invasão, para a 410. Nós, da Rádio Nacional, invadimos a 410 Sul e ficamos lá porque já estava nas vésperas da saída de Juscelino e não tínhamos conseguido moradia. Alguns empregados da Rádio moravam na 708/709 que eram as casas da habitação nacional, mas um outro grupo em que eu estava incluído não tínhamos onde morar. Na 410 havia um prédio e nós resolvemos morar lá. Certo dia, decidimos ir para a porta do Palácio da Alvorada, sabíamos que Juscelino estava em Brasília. Pusemos o Sr. João Tomé à frente, de quem Juscelino gostava muito. ...

Então, quando Juscelino ia entrar de carro e viu João Tomé foi falar com ele, aí todos nós nos aproximamos e falamos com ele sobre nosso caso. Todos nós entramos com ele e saímos de lá com nossas moradias garantidas na 403 Norte.”<sup>293</sup>

O discurso do pioneiro revela que o tratamento em relação à moradia poderia ser diferente se as pessoas tivessem, de alguma forma, uma aproximação com o governo. Por meio do encontro narrado, Fernando Lopes e outros, que viviam em invasão, mudaram-se para uma das quadras previstas para os menos favorecidos em Brasília.

Pode-se imaginar que essa regalia não era para muitos, e várias outras pessoas sofreram com a questão da moradia na capital. De acordo com esta pesquisa, havia quem se contentasse com barracos simples, de madeira, próximos ao trabalho, o que era considerado muito bom, diante de fatos narrados, e casos de barracos montados com sacos de cimento vazios como ocorreu na Vila Amaury.

Mesmo antes da inauguração da capital, algumas cidades-satélites foram construídas para resolver os problemas causados pelas invasões. Adirson Vasconcelos relatou em seu depoimento como se formou Taguatinga em 1958.

“O Juscelino era querido e atendia a todo mundo, eles mandaram fazer uma faixa bem grande 'Vila Sara Kubitschek', a polícia não entrou mais lá. Tinham que resolver aquele problema. Que genialidade! 'Vila Sara Kubitschek' quem vai se meter a ocupar aquilo! Os candangos foram dignamente transferidos para um lote próprio, para Taguatinga em 1958, foi o Presidente que mandou. “Eles receberam um lote com casa?” Não, receberam madeira. Os representantes da Vila foram ao Presidente da NOVACAP e ao Juscelino. O Presidente recebia, ele gostava deles, e determinou que resolvessem o problema. Então eles correram, deslocaram-se daqui e fizeram um arruamento lá e transferiram todos para lá. As construtoras deram madeira, a NOVACAP também deu e todos se arrumaram. Você já imaginou? Chegar aqui não ter lugar para morar e você ganhar um lote grande, é uma maravilha, né? “E sabiam trabalhar, né?” Eram gente que queria trabalhar e sabiam fazer.”<sup>294</sup>

Diante da frase “os operários foram dignamente transferidos para um lote próprio”, deve-se questionar: Como uma pessoa com sua família pode ser transferida para um terreno

293 Idem, em 29/09/2010.

294 Idem, em 15/04/2010.

vazio? As pessoas recebiam madeira e como tinham disposição para o trabalho construíam suas próprias casas, umas ajudavam as outras. Isso é um fato e esse companheirismo deve ser valorizado, mas enquanto os pais trabalhavam com quem ficavam os filhos, por exemplo? E outras dúvidas poderão surgir.

Em seguida, o pioneiro fala da emoção dos operários por receberem um lote do governo. Há de se pensar sobre essa comoção.

Fazendo uma leitura sobre a formação das cidades-satélites na década de 1960, veremos como algumas delas foram construídas. Brazlândia e Planaltina, cidades antigas pertencentes ao Goiás, foram incorporadas ao Distrito Federal, e a Cidade Livre foi reestruturada e passou a ser chamada de Núcleo Bandeirante.

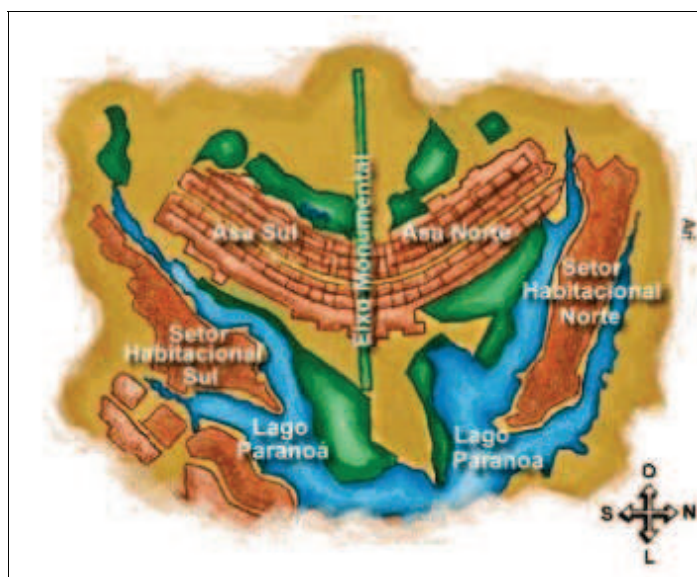
## **7.2 O Plano Piloto e a formação das cidades-satélites**

Cidade-satélite é o termo utilizado para se referir a centros urbanos que surgem ao redor de uma grande cidade, tipicamente para servir de moradia aos trabalhadores. Assim o centro da cidade seria destinado ao comércio e, por isso os terrenos seriam caros, e a periferia para habitação. Com o tempo e a expansão natural, esses núcleos urbanos vão se tornando autênticas cidades, com poucas indústrias e com comércio básico que continua a distingui-las do centro.

Na construção de Brasília, a necessidade de moradia ocorreu logo no início. Constatou-se que não era possível abrigar todos os imigrantes, sobretudo aqueles que trabalhavam nos canteiros de obras. Por isso, antes mesmo de inaugurarem a nova capital, os construtores começaram a pensar em novos espaços urbanos, as cidades-satélites, iniciando com Taguatinga em 1958.

Para que se possa compreender melhor a origem da formação e construção das cidades-satélites em Brasília, vejamos o mapa do Plano Piloto e uma síntese da história de algumas delas:





**Figura 32:** Mapa do Plano Piloto de Brasília

Fonte: <http://4.bp.blogspot.com/> , acessado em 20/10/2012

TAGUATINGA – foi oficialmente criada em 1958 para receber operários da construção, e solucionar a questão dos aglomerados humanos chamados de 'invasões'. Inicialmente, atendeu aos moradores da Vila Sarah Kubitschek, e mais tarde, moradores da do Areal.

Vila Sarah Kubitschek era um local sem luz, sem água, sem esgoto, sem ruas. Tudo funcionava de maneira precária, mas reunia muitos trabalhadores. A escolha do nome Sarah Kubitschek fazia parte da estratégia dos ocupantes que esperavam, com essa homenagem, a então primeira dama, impedir que a NOVACAP utilizasse a GEB, para remover a invasão. Cerqueira descreveu como ocorreu essa ocupação:

“Com a construção de Brasília, Taguatinga foi elevada a cidade, em 5 de junho de 1958. Seis meses após a instalação dos primeiros habitantes, já funcionavam no local escolas, hospitais, casa para professoras e estabelecimentos comerciais.”<sup>295</sup>

Conforme discurso de Cerqueira, primeiro as pessoas foram levadas para o local e seis meses depois construíram escolas e hospitais. Pode-se entender, a partir dessa demora para atender às necessidades básicas dos moradores, que as soluções eram imediatas e que não se consideravam as obrigações do Estado para com as pessoas de fora do Governo, mas a capacidade de resignação, paciência e tolerância delas era grande.

295 CERQUEIRA, Luiz Egypto de. *Memórias do Distrito Federal: a luta pela autonomia política*, p. 120.



Ernesto Silva descreveu o nascimento de Taguatinga:

“Assim, Taguatinga não foi uma invasão, não foi uma imprevidência. É certo que, em princípio de junho de 1958, o traçado d cidade estava apenas em estudos, quando sobreveio um imprevisto que nos obrigou a iniciar, intempestivamente, a ocupação da cidade. (...)

Mas o que era a Vila Sara Kubitschek?

Ao longo da estrada Brasília-Anápolis, à direita de quem se dirige à cidade goiana, defronte da Cidade Livre, cerca de quatro mil pessoas se instalaram em menos de oito dias. Moravam da maneira mais precária: barracões de madeira velha, de lata, de folhas de zinco, de sacos de cimento. Não havia fossas. Nem água.

Promiscuidade e falta de higiene. Tudo construído em poucos dias, principalmente durante a noite, para burlar a vigilância dos fiscais. ...”<sup>296</sup>

Silva continua a explicação sobre a formação e ocupação de Taguatinga. Segundo ele os barracões construídos na cidade eram melhores e foram alojadas, em dez dias, cerca de quatro mil pessoas. Todo esse contingente recebeu material, restos de obras das empreiteiras, para construção e um lugar com o mínimo de condições para viverem.

Nota-se que Taguatinga foi pensada no plano urbanístico de Brasília para ser apenas uma cidade dormitório, hoje é um dos principais polos econômicos do Distrito Federal. Embora tenha pouco mais de 243 mil habitantes e uma área de 121,34Km<sup>2</sup>, estima-se que o comércio da cidade receba a demanda de mais de um milhão de consumidores.



**Figura 33:** Taguatinga

**Fonte:** <http://www.achetudoeregiao.com.br/df/taguatinga/gifs/taguatinga4.jpg> , acessado em 21/10/2012.

Esses episódios, a nosso ver, demonstrou que as cidades-satélites, previstas por Lucio Costa, não nasceram, propriamente, de um planejamento, mas da urgência em acomodar uma população que não tinha moradia. Além disso, é claro que aos olhos dos brasileiros que viviam em dificuldades, a aventura foi entendida como uma chance de se conseguir uma moradia e uma ocupação na capital. Houve também o lado político da questão, a demagogia tomou conta e outros casos ocorreram aumentando a população de Brasília.

Percebe-se que o assunto foi tratado desde o início, como uma questão política e não como matéria original, anunciada na previsão de criação de cidades-satélites planejadas como foi a capital.

**GUARÁ-** A cidade do Guará foi criada em 1967 com a finalidade de abrigar trabalhadores do SIA (Setor de Indústria e Abastecimento), Invasões, Núcleos Provisórios e Funcionários Públicos.

As primeiras residências surgiram por meio do projeto "mutirão da casa própria", liderado por Rogério de Freitas Cunha, então presidente da NOVACAP. Os funcionários construíram suas próprias casas, onde hoje é a QI 05, sendo os primeiros habitantes da cidade.



**Figura 34:** QI 05 – Guará I - Casas construídas por mutirão

**Fonte:** <http://www.guara.df.gov.br/sites/100/181/imagens/Image3.gif> , acessado em 21/10/2012.

Esse mutirão envolvia o trabalho de homens, mulheres e crianças, todos com o objetivo de suprir a necessidade da casa própria. Depois de prontas, as casas eram sorteadas entre os participantes do mutirão, fato que gerava entre os pioneiros muita festa e alegria.

O casal de pioneiros entrevistados, Maria de Lourdes e Judson tiveram a oportunidade de vivenciar esse mutirão e receberam uma casa ao final da construção:

“Nós mesmos fizemos casas aqui, de mutirão, em 68, e não se pensava em carros. As casas eram construídas no meio do lote, não era pra ter carros. Eram para peões morar, olha a visão dessa gente. Em Taguatinga Sul, as estradas não cabiam um caminhão de gás e um carro. Ainda não cabe, nas quadras, nas ruas internas. O que aconteceu foi que a população gostou tanto que quis trazer toda a família, eu mesmo trouxe todos. Houve um crescimento desordenado e os governantes não conseguiram segurar. Mas todos que vivem aqui, mesmo aqueles que vivem lá na periferia mesmo, é feliz, gosta daqui.”<sup>297</sup>

Quem falou sobre a construção foi Maria de Lourdes. Do mutirão que ela se lembrou muitos participaram e não conseguiram uma casa para morar. Mesmo assim, a população gostou tanto da chance que tiveram de receber uma moradia que trouxeram todo o restante da família, aumentando, ainda mais, a população sem moradia da capital.

Não era somente dessa forma que as pessoas chegavam a Brasília. Uma vez a cidade pronta, sem dúvida, a propaganda política atraiu mais pessoas.

Em setembro de 1969, a NOVACAP e a SHIS prosseguiram com a urbanização do segundo trecho, o setor Guará II, para atender aos funcionários do Governo da União, inaugurando em 02 de março de 1972.

CRUZEIRO – a história da região em que está localizado o Cruzeiro é tão antiga quanto as primeiras iniciativas para a construção da nova capital. Conforme a Secretaria de Estado de Cultura do Distrito publicou, a Missão Cruls instalou seu acampamento na atual região do Cruzeiro.

---

297 Idem, em 23/08/2011.



**Figura 35:** Observatório original equipe da Missão Cruls - 1892.

**Fonte:** Correio Brasiliense de 21/09/2011.

O início da ocupação do atual Cruzeiro, deu-se em 1955, a fim de abrigar os funcionários públicos federais que chegavam do Rio de Janeiro para trabalhar na nova capital.

As primeiras construções, blocos de dez casas germinadas, começaram a ser edificadas em 1958. A equipe de Lucio Costa foi a responsável pelo projeto da cidade que surgiu a partir de uma necessidade do governo e não da população já existente na capital.\*

No Rio de Janeiro havia uma tradição de escolas de samba, formadas em sua maioria por rodas de samba das camadas pobre da antiga capital. A vinda de funcionários públicos dessa capital para Brasília trouxe também a animação carnavalesca que teve continuidade no Cruzeiro, a partir da ideia de criar uma entidade que promovesse o conagraçamento dos moradores e, surgiu assim, a Associação Recreativa Cultural Unidos do Cruzeiro – ARUC, em 1961.

A ARUC é uma das referências carnavalescas mais importantes do DF. O carnaval é uma expressão cultural muito forte no Brasil e a comunidade cruzeirense é a responsável por introduzir essa cultura em Brasília.

\* Os dados foram pesquisados no site: [www.cruzeiro.df.gov.br/005/00502001.asp?ttCD\\_CHAVE=3677](http://www.cruzeiro.df.gov.br/005/00502001.asp?ttCD_CHAVE=3677), acessado em 12/06/2012.

NÚCLEO BANDEIRANTE – Cidade Livre, como era conhecida na época da construção de Brasília, teve suas primeiras obras em 1956. Os comerciantes instalados na Cidade Livre tinham direito de uso do terreno sem custos, pelo prazo de três anos, o que explica a origem do nome da cidade.



**Figura 36:** Cidade Livre – atual Núcleo Bandeirante

**Fonte:** <http://cidadelivrebandeirante.blogspot.com.br/2010/05/nucleo-bandeirante-ou-cidade-livre.html>, acessado em 20/10/2012.

Ao longo das obras da capital e da grande procura pelos imigrantes, a cidade foi tomada por vilas, invasões ao redor dos acampamentos das construtoras. Boatos e confusões entre os pioneiros instalaram-se na cidade com a aproximação da inauguração de Brasília. Gustavo Lins Ribeiro sintetizou todo o processo em sua obra já citada.

Esse desagrado da população deu início ao Movimento Pró-fixação e Urbanização do Núcleo Bandeirante que trouxe infraestrutura para a cidade ao longo da década de 1960.

Apesar de ser o primeiro núcleo urbano, formado no início das obras, o Núcleo Bandeirante só foi reconhecido como cidade-satélite em 1961, data de sua fixação por meio de lei do Congresso Nacional.

O que se deve observar na história da criação das cidades-satélites é a existência de exclusão social baseada na desigualdade de renda entre ricos e pobres, ou entre, os que participavam do Governo e os que não participavam. Essa questão reflete uma outra, talvez mais importante e menos considerada, que foi a falta de consciência do Governo que não valorizou a força de trabalho de muitos pioneiros pela capital.



Assim, foram surgindo novos espaços, cidades-satélites, geradas por imprevidências e demagogias que causaram uma busca constante por Brasília e, conseqüentemente, especulação imobiliária evidenciada pela pesquisa sobre *Investimentos do FGTS em habitação popular no DF*, realizada por Benny Schvasberg que chegou a seguinte conclusão:

“(...) Assim, em Brasília, pela fragilidade ou inexistência de sua forma de planejamento urbano e ordenamento territorial, social, no sentido de determinar parâmetros, critérios e padrões, para intervenções no tecido urbano, sobretudo no tocante à problemática habitacional popular, objeto principal do FGTS. Da mesma forma, os trabalhadores, pela fragilidade ou inexistência de formas de controle sobre a destinação social e apropriação dos recursos do FGTS para programas e habitação e urbanização popular, demonstraram-se impotentes para efetivamente exercer um controle sobre a liberação e alocação de tais recursos, em última análise, seu próprio patrimônio.”<sup>298</sup>

Infere-se, dessa citação, que o problema das ocupações em Brasília persistiu de forma descontrolada e que a população, diferente do início da formação das cidades-satélites, perdeu força para satisfazer sua necessidade básica de moradia.

Dessa forma, a população de Brasília foi diferenciada entre os que ocupavam o Plano Piloto e os que ocupavam as cidades-satélites. E o povo não foi considerado um só, sem discriminações, conforme foi previsto no plano da capital, porque a própria formação das satélites ocorreu, inicialmente, de forma inadequada e continuou no mesmo estilo.

### **7.3 Uma leitura do projeto do Plano Piloto de Brasília**

Todas as observações, críticas e questionamentos apresentados com relação à formação social na capital, com a implantação das cidades-satélites e a posterior segregação dos moradores contrastam com a construção do Plano Piloto. São dados que comprovam a força da criação de Lucio Costa em relação à formação cultural da cidade.

Acredita-se, que a história de segregação entre os moradores e a construção das cidades-satélites está presente e pode ser compreendida nas palavras do criador quando ele iniciou a explicação sobre o nascimento de Brasília:

---

298 SCHVASBERG, Benny. *Habitação e urbanização popular: os recursos do trabalhador?* In PAVIANI, Aldo (Org.). *Brasília: Moradia e exclusão*, p. 162.

“Nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz”<sup>299</sup>

A figura ilustra a visão panorâmica do traçado de Lucio Costa para a construção de Brasília em 1956. Duas linhas enormes que se cruzam no meio do cerrado.



**Figura 37:** Traçado de LC para construção de Brasília.

**Fonte:** Arquivo Público do Distrito Federal

A ideia que se transmitia era que o plano sugeria uma nova concepção de vida, baseada no resgate de valores essenciais ao bem-estar coletivo. Uma cidade parque em que homem e natureza convivessem de forma harmoniosa e em que os laços comunitários fossem fortalecidos. Uma capital arrojada e moderna, com um sistema viário inovador, pontuada por monumentos de forte impacto cívico e arquitetônico.

Essa utopia alcançou muitos, mas não se revelou verdadeira, como veremos. No texto, *Brasília Revisitada*, anunciado por Lucio Costa, em 1985, quando visitou a cidade, ele fez referência ao *Adensamento e expansão urbana do Plano Piloto*:

“... a primeira proposição neste sentido foi a implantação intermitente de sequências de Quadras Econômicas ao longo das vias de ligação entre Brasília e as cidades satélites. A proposta visou aproximar de Brasília as populações de menor renda, hoje praticamente expulsas da cidade – apesar da intenção do plano original ter sido a oposta.”<sup>300</sup>

299 BUCHMANN A. Op. Cit. p. 61.

300 COSTA, Lucio. *Adensamento e expansão urbana do “Plano Piloto”*, In *Brasília Revisitada*, 1987.

Pode-se notar que Costa apresentava uma inquietação sobre o destino dos trabalhadores da construção da capital. No entanto, antes de tratar sobre as palavras de Costa, faz-se necessário compreender o significado simbólico da cruz. Não trataremos da complexidade desse símbolo, mas entendemos, primeiramente, seu sentido histórico na realidade do Cristianismo: instrumento de suplício de Jesus Cristo.

Em seguida, temos o sentido mais simples e usual que se pode perceber a cruz: trata-se da visão de qualquer sinal ou objeto formado por duas partes que se cortam.

Vejamos como o símbolo da cruz é tratado. Após a narração de um longo texto sobre o símbolo da cruz, Juan-Eduardo Cirlot colocou as seguintes ideias:

“A determinação mais geral da cruz em resumo, é a de junção de contrários: o positivo (vertical) e o negativo (horizontal); o superior e o inferior, a vida e a morte. Em sentido ideal e simbólico, estar crucificado é viver a essência do antagonismo base que constitui a existência, sua dor agônica, seu cruzamento de possibilidades e de impossibilidades, de construção e destruição.”<sup>301</sup>

Diante dessas ideias, pode-se inferir que a existência da cruz tem como base o cruzamento de contrários, ou seja, trata-se da representação de algo contraditório. Brasília terá nascido sob esse signo?

Da noção de Kant sobre “coisa como tal” e o “objeto” que dela se forma em nossa mente, Flávio Kothe explicou que:

“Os sentidos não são “pontes” que nos levam até as “coisas como tais”, mas apenas o que nos permite ter acesso a uma percepção subjetiva nossa, que jamais é “a própria coisa”. Essa “ponte” não chega ao outro lado do fosso, da fenda que nos separa.”<sup>302</sup>

Certa de nossa incapacidade total de percepção, consciente de que a 'ponte' que nos leva à percepção da noção da construção de Brasília não trará a conclusão final do traçado da cidade, procuramos a compreensão do projeto na vivência dos pioneiros entrevistados que correspondem aos habitantes de Brasília.

Cirlot explicou também o termo cruzamento fundamentado na noção de linhas e objetos:

301 CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de símbolos*, p. 197.

302 KOTHE, Flávio R. *Ensaio de Semiótica da Cultura*, p. 28.



“... é um signo de junção e de comunicação, mas também de inversão simbólica, quer dizer, aquela zona na qual se produz uma mudança transcendental de direção, ou onde se deseja provocar essa mudança.”<sup>303</sup>

Dessa forma, a representação de uma cruz pode remeter-nos a ideias de contraste, de comunicação e de transcendência, em busca do original, da perfeição.

Ao considerar a formação das cidades, não se pode ignorar, pelo menos, uma noção sobre o planejamento das novas cidades romanas que se beneficiaram da experiência grega.

O arquiteto e escritor, Pedro Paulino Guimarães, discorreu sobre o assunto:

“As novas cidades romanas (*castrum*) eram traçadas a partir de duas grandes vias cortando-se em ângulo reto junto ao “Forum”. ... Sem dúvida, os gregos inventaram um sistema coerente de planejamento urbano, um sistema onde a cidade em si constituía uma unidade de planejamento e onde os edifícios individuais tinham seu local apropriado.”<sup>304</sup>

Guimarães mostrou que a noção de projetar uma cidade a partir do cruzamento de duas linhas perpendiculares é simples e antiga, vem de Roma.

O sinal e o traçado da cruz já foram objeto de discussão nos ensaios de Flávio Kothe que assim entendeu o projeto:

“A cruz é uma organização de espaço, a confecção de um ponto mediante o cruzamento de duas linhas. A cruz é o T do construtor com o adendo que aponta para o alto, como que a continuidade de construção para um plano mais elevado, geralmente visto como “metafísico”.”<sup>305</sup>

A cruz em forma de T, tratada por Kothe, pode ressaltar também a oposição quase nivelada de dois princípios contraditórios. Se considerarmos que a régua do construtor tem a forma de T, ele estará sendo levado, durante seu trabalho, a ter uma visão metafísica como disse o escritor.

Lucio Costa não iniciou seu projeto para a nova capital a partir do risco de uma cruz por acaso. Ele tinha em mente os contrários: o Poder localizado no eixo vertical, o que ele denominou de Eixo Monumental, denotando a superioridade, contrastando com o eixo horizontal, Eixo Residencial, onde estariam os responsáveis pelo funcionamento da máquina do Poder.

---

303 Ibidem, p. 198.

304 GUIMARÃES, Pedro Paulino, *Configuração urbana: evolução, avaliação, planejamento e urbanização*, p.34.

305 Idem. Op. Cit. p. 41.

Conforme citamos, o cruzamento, segundo Cirlot, é o signo de “conjunção e comunicação” e pode significar também o desejo de uma mudança transcendental.

O que se observa no Plano Piloto de Brasília é que o cruzamento, traçado por Costa, recebeu a Rodoviária da cidade, que no projeto dele teria uma praça cívica e, além de um ponto de encontro dos moradores da cidade e dos brasileiros que assim desejassem, seria um mirante.

Assim, em Brasília haveria um centro onde as pessoas teriam diante de si a imagem do Poder dominante no País: o Congresso Nacional, localizado na 'cabeça', na sede administrativa da capital. Essa vista terminaria no infinito celeste representado pela edificação do Poder máximo do País.

Diante do “gesto primário” de LC já se poderia compreender que o Plano Piloto era um projeto destinado à Sede do Governo e às moradias daqueles que estivessem envolvidos com a administração e que os brasileiros e a população da cidade poderiam encontrar-se na praça cívica da Plataforma da Rodoviária, localizada no cruzamento da cruz do plano. E, naturalmente, os moradores que não participassem do poder de alguma forma não teriam espaço no plano, seriam os 'excedentes' que ocupariam as cidades-satélites.



**Figura 38:** Plataforma da Rodoviária do Plano Piloto

**Fonte:** <http://doc.brazilia.jor.br/plataforma-Rodoviaria.shtml>, acessado em 22/10/2012.

Em 1987, ao visitar Brasília, Lucio Costa disse estar satisfeito com o resultado do que observava na plataforma rodoviária:

“Eu sempre repeti que essa plataforma rodoviária era o traço de união da metrópole, da capital, com as cidades-satélites improvisadas da periferia. ... Isto tudo é muito diferente do que eu tinha imaginado para esse centro urbano, como uma coisa requintada, meio cosmopolita.<sup>306</sup>

A plataforma é o ponto fulcral do tecido urbano de Brasília, determinando um lugar privilegiado, constituindo-se como a gênese do desenho urbano do projeto de LC. Ela se configura como uma infraestrutura urbana fundamental para a consolidação do tecido urbano do Plano Piloto, articulando, diretamente, com as cidades-satélites e se inscrevendo como espaço estratégico para o funcionamento do Plano Piloto. Então, as modificações feitas no projeto Plano Piloto foram reconhecidas e aprovadas por LC e pela população que transita diariamente pela rodoviária.

Conforme a exposição sobre as primeiras cidades-satélites criadas em Brasília, pode-se entender que faltou planejamento, mas a ideia estava lançada. Com exceção do Cruzeiro Velho, planejada por Costa, as cidades-satélites foram consequências, alternativas oferecidas pelo governo àqueles que moravam em invasões.

Dessa forma, os governantes passavam a ideia de que estavam administrando o problema e estavam, na verdade, criando outros tantos. As pessoas recebiam um pedaço de terra, sem infraestrutura nenhuma, distante do local de trabalho, sem serviços de transportes coletivos adequados e ficavam gratas. Enfim, era a cultura do “pão e do circo”.

Por tudo isso, os moradores das satélites sempre foram discriminados e tiveram que lutar para conquistar algo que já estava previsto na criação do Plano Piloto.

Portanto, pode-se afirmar que a criação das cidades-satélites foi baseada na exclusão social presente na desigualdade de renda entre ricos e pobres da capital e não conforme a expectativa inicial de igualdade. A questão sempre foi de foro político, mas quem sofreu e ainda sofre não são somente os menos favorecidos, mas todos que por algum motivo não têm consciência ou não conseguem compreender a realidade em que vivem.

#### **7.4 A arquitetura de Brasília**

A ideia de modernidade na arquitetura está aliada ao uso de novas técnicas para substituir as artesanais que existiam e novos materiais, principalmente, estruturas de aço e a

---

306 COSTA, Lucio. *Relatório do Plano Piloto de Brasília*, p. 09.

do cimento armado.

Quando os arquitetos iniciaram seus trabalhos na construção de Brasília, já havia a possibilidade de agregar às novas estruturas o cimento armado e moldar, de acordo com a imaginação e a técnica, a construção da nova capital.

No início do século XX, no Rio de Janeiro, um grupo de arquitetos, liderados por Lucio Costa, revoltaram-se contra o ensino acadêmico arcaico de arquitetura, oferecido no Brasil, e resolveram estudar os grandes mestres europeus da nova arquitetura, principalmente, a obra de Le Corbusier.

Esse grupo era formado por seis arquitetos: Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Carlos Leão, Jorge Moreira, Affonso Reidy e Ernâni Vasconcelos, todos comprometidos com a conciliação entre arte, técnica e utilização dos benefícios da industrialização impulsionada pelo Governo de Getúlio Vargas (1930-1945).

Durante o governo de Juscelino Kubitschek (1956 -1960) o desenvolvimento industrial brasileiro ganhou novos rumos e configurações. JK abriu a economia para o capital internacional, atraindo indústrias multinacionais. Foi durante esse período que ocorreu a instalação de montadoras de veículos internacionais (Ford, General Motors, Volkswagen e Willys) em território brasileiro.

Sabe-se que Brasília surgiu nesse momento de ânsia pela modernização que tomou conta do país nos anos 50. Ela é especial por ter sido projetada para sediar o governo e por ser inserida no centro do país onde não havia quase nenhuma referência cultural.

Acredita-se que em Brasília não há tradições, mas uma cultura híbrida proveniente de um novo estilo de vida que a cidade iniciou. O foco dessa observação é compreender e discutir sobre a interferência ou não da arquitetura e do urbanismo de Brasília no cotidiano dos habitantes.

A partir de uma analogia entre os depoimentos de pioneiros entrevistados sobre a arquitetura e sua influência na vivência em Brasília, vejamos como esses pioneiros definem a vida em Brasília nos dias atuais.

#### **7.4.1 Brasília percebida por pioneiros entrevistados que chegaram entre 1956-1959.**

Antes de analisar os discursos dos pioneiros entrevistados, vale considerar que eles

vivenciaram efetivamente a construção do Plano Piloto, que alguns residiram em invasões, outros em alojamentos, e houve quem trabalhou e morou nas primeiras satélites.

Frank Svensson afirmou após seus longos anos de vivência em Brasília:

“Eu me esforço cada vez menos em sair daqui, me habituei, Brasília é meu lugar. Pensei numa época, depois de aposentado em voltar para Suécia... BSB para mim é melhor que Belo Horizonte, cidade de origem. BSB é artificial porque cidade é sempre um artefato, o maior artefato do humano geralmente é a cidade. Os prédios estão cada vez mais perto um do outro dá quase pra conversar com o vizinho. Ninguém mais pensa em área verde, a água não tem por onde infiltrar no solo. A arquitetura interfere na vivência da população, ... Estacionamento de automóveis é um problema aqui, sempre falta vaga para os moradores, gera um certo atrito em relação a isso. É menos ruim morar em Brasília. A disponibilidade de bens de necessidades imediatas, parece estar bem resolvida, os serviços operacionais da vida acadêmica, também, a saúde é satisfatória. Não sei para o povo, na totalidade, mas eu resolvo e estou bem.”<sup>307</sup>

O depoimento do pioneiro sugere que a vida nas grandes cidades brasileiras parece meio complicada no que diz respeito a necessidades básicas e a falta de urbanismo consciente com relação às construções e ao meio ambiente.

Ele afirmou que em Brasília isso também ocorre e que por isso é preferível comprar um apartamento em prédio antigo a uma nova construção. Segundo ele, a interferência da arquitetura na vivência da população pode ser observada no tamanho dos apartamentos e na proximidade dos prédios, mas, principalmente, na questão dos estacionamentos. O número de carros é grande e os estacionamentos insuficientes.

Ele concluiu que é 'menos ruim morar em Brasília'. Dessa assertiva, depreende-se que morar em Brasília poderia ser melhor, e que há pessoas em situação difícil na cidade. Os serviços em geral oferecidos pelo Governo não são ruins, mas não atendem a todos igualmente.

No depoimento de Jaime Almeida, percebem-se os problemas que modificam a vivência em Brasília:

“Viver em Brasília hoje é trabalho, restaurantes, bar e residências, essa é a vida em Brasília. Ela não tem um centro de fato, o centro dela é o centro comercial, o Conjunto Nacional ou é o CONIC. Tenho a impressão de que o centro cívico dela é a grande Esplanada onde ocorrem grandes manifestações e nada mais. Não tem o dia-a-dia da cidade. Brasília não tem praça e com essa deficiência urbanística acaba reduzindo a vida a esse triângulo que é o barzinho, o trabalho e casa.

307 Idem, em 27/01/2010.

Hoje não, Brasília é igual às outras cidades. Quando eu cheguei me parecia artificial, parecia uma grande maquete, uns prédios imensos, tudo quadrado, certinho e colocado no seu lugar. Hoje ela é igual às demais cidades, ficou natural. Ela foi especial. Quando eu entrei na escola de arquitetura tudo era bastante diferente (...). O próprio Lúcio disse que o que ele criou mesmo foi a quadra, as superquadras, como nós chamamos, da forma como ele lançou: os blocos soltos no terreno, escolas internas e o comércio na periferia. Essa arquitetura interfere na vivência das pessoas porque setoriza e quando você setoriza, desmembra o banco do setor comercial, do setor de vivência, você tem que se deslocar e está sendo perturbado.”<sup>308</sup>

O pioneiro evidencia a relação entre o projeto de Brasília e os problemas causados por ele à população: a setorização causa perturbação porque distancia a população dos serviços básicos de que ela necessita. Com as distâncias cada vez maiores as pessoas precisam de carros individuais para se locomoverem, causando aglomerações em horários pontuais e, eventualmente, congestionamentos.

Percebe-se que a falta de um centro cívico em Brasília, já tratado anteriormente, surgiu no discurso do pioneiro como uma deficiência da cidade que não oferece aos habitantes outra alternativa de vida que não 'trabalho – restaurante ou bar e casa'. Quem, por ventura não se adaptar a esse modelo de vida, terá dificuldades para fazer amigos porque, devido à arquitetura da cidade, esse é o estilo de vida que ela oferece. Entende-se que a cidade dificulta a formação de grupos porque não tem um cotidiano.

Nesse sentido, a cidade proporciona de alguma forma a individualização e o isolamento das pessoas que acabam optando por ficar em casa. Como os seres humanos são diferentes uns dos outros, esse comportamento pode trazer problemas de sociabilidade e doenças oportunistas dessa situação. As pessoas têm dificuldades de fazer amizade. A setorização da cidade colabora nesse processo porque não favorece o encontro das pessoas. Muitas vezes nem os vizinhos se conhecem.

Brasília perdeu a artificialidade na visão do pioneiro, mas os setores criados por Lucio Costa dificultam o cotidiano dos habitantes, à medida que causam deslocamento e perturbação. Para sair de casa é necessário o uso do carro, há congestionamentos nas ruas e não há estacionamentos suficientes.

Essa circulação complica o dia-a-dia daqueles que precisam locomover-se de um setor a outro, seja de carro ou de ônibus. O carro exige estacionamento e os ônibus são cada vez mais raros. O problema aumenta se considerarmos as distâncias entre as cidades-satélites e o Plano por causa dos congestionamentos e da falta de coletivos.

308 Idem, em 24/03/2010.

Ao ser questionado sobre o tipo de vida em Brasília, o pioneiro respondeu que quem vive no Plano Piloto está bem, as residências estão cercadas por áreas verdes, apesar das distâncias causadas pela setorização, mas quem mora nas cidades-satélites enfrenta problemas.

Fica claro no discurso de Jaime que existe uma diferença de renda e de lugar onde se habita e a perspectiva de vida dos habitantes de Brasília. No Plano Piloto está concentrada a elite da capital enquanto os 'outros habitantes' ocupam as cidades-satélites e o vértice das reclamações, dos problemas e do desconforto.

O pioneiro Ocrécio Lacerda apontou em seu depoimento outros aspectos da interferência da arquitetura e do urbanismo no cotidiano dos habitantes de Brasília:

“Viver em BSB pra mim é não conseguir viver em outro lugar. Ela me ofereceu e continua oferecendo tudo que eu preciso. Acho que é assim pra quase a maioria, ressalvo os problemas de saúde, mas isso não é um privilégio nosso não. (...) Não acho a cidade artificial, ela tem uma arquitetura moderna, reconhecida pelo mundo todo.

Eu acho que desvirtuaram a arquitetura construindo prédios enormes como em Águas Clara e o Noroeste. Penso que os 6 andares deveriam ser mantidos. No Plano Piloto, a arquitetura é especial e ela propicia orgulho e prazer para os habitantes, mas não interfere na vida das pessoas.

Aquele que está com seu emprego tem uma condição boa de vida, isso os executivos. Tem o pessoal, a grande maioria, que tem dificuldades, com a locomoção, alimentação porque só voltam pra casa à noite, mas isso ocorre no Brasil todo.”<sup>309</sup>

O pioneiro demonstrou-se orgulhoso pela cidade, visão predominante nos habitantes da capital. O único problema que ele apontou foi a questão dos prédios altos construídos recentemente em Águas Claras (cidade-satélite) e no Setor Noroeste.

Ele justificou os problemas de vivência, como o de locomoção dos habitantes das cidades-satélites, como sendo comuns aos brasileiros.

Não se pode esquecer que a Capital foi planejada e como tal deveria ser diferenciada em relação às cidades brasileiras. E mais, a ideia da capital ocupar o centro do país traz consigo também a questão de cidade pedagógica para o país.

Não se pode justificar os problemas vivenciados em Brasília pelos estabelecidos como base no restante do Brasil. É justamente o contrário, os problemas brasileiros não deveriam repetir-se numa cidade planejada para ser diferente, pensar e gerir os problemas já existentes no Brasil.

---

309 Idem, em 23/09/2011.

Na percepção da maioria dos pioneiros entrevistados (1956-1959), Brasília ainda é uma cidade boa para se viver. Essa afirmativa comprova que eles, ao responder a questão, estavam pensando em outros grandes centros brasileiros e não, considerando somente a vivência da capital, que foi pensada para não ter os mesmos problemas de outras cidades.

#### **7.4.2 Brasília percebida por pioneiros entrevistados que chegaram em 1960.**

A Brasília percebida pelos pioneiros entrevistados dessa época é diferente daquela descrita por quem chegou antes da inauguração. Isso não se dá somente pelo fato de a cidade já existir, mas principalmente porque todos os entrevistados eram funcionários públicos ou seus dependentes. Assim, todos eram empregados do Governo e habitavam no conforto do Plano Piloto recém-inaugurado.

Cel. Heliodoro, um pioneiro que participou ao lado de JK da construção de Brasília, veio com a família para morar em Brasília desde 1960, prestou o seguinte depoimento sobre a arquitetura e a artificialidade da cidade:

“Não é artificial, é artística porque as obras do Niemeyer têm a sensibilidade do artista. Às vezes, um prédio apresenta problemas como o calor, ele usa muito vidro e as salas ficam muito quentes, mas Brasília é uma obra de arte. “O senhor conviveu com Niemeyer? Ele tinha noção de que estava realizando arte em Brasília?” Convivi minha vida inteira e ele tinha noção disso sim, ele sabia o que fazia ... Pode interferir porque a boa arte emociona as pessoas, faz bem. Em Brasília a gente se compraz olhando as coisas. Eu acho esta cidade encantadora. Em Brasília, ninguém se cumprimenta, a sociedade é seca, sem o calor da convivência, mas nas outras cidades em que vivi não, todas tinham. Eu acho que isso é culpa da cidade porque as pessoas chegam em suas casas de carro, entram na garagem e vão para dentro de casa, não vê ninguém, pela manhã é a mesma coisa, sai com os vidros do carro fechados e não vê ninguém. As pessoas não saem de casa e não se preocupam com os vizinhos. Eu moro há 30 anos aqui e não tenho vizinho, esse é um comportamento diferente.”

O pioneiro, apesar da afeição que demonstrou pela cidade, reconheceu os problemas de funcionalidade de alguns prédios. Ele reconheceu que o hábito de construir no subsolo e o uso demasiado de vidros nas fachadas dos prédios trazem alguns problemas funcionais aos usuários desses prédios num clima tropical de altitude como o do Planalto Central.

Niemeyer acreditava que modernamente a arquitetura deveria modificar os espaços. Assim, as fachadas deveriam ser de vidro, as paredes grossas, substituídas por colunas ou qualquer outro elemento e a cobertura, substituída por terraço jardim e os espaços ocupados



pelos prédios, pelos pilotis.

Ele deixou claro em depoimentos que não é a função da arquitetura o mais importante, mas a beleza e a emoção provocadas por ela:

“Para alguns, é a função que conta; para outros; inclui a beleza, a fantasia, a surpresa arquitetural que constitui para mim, a própria arquitetura.”<sup>310</sup>

Niemeyer acreditava que a beleza de uma forma justificava sua existência na arquitetura e, segundo ele, foi em Brasília que sua arquitetura mais “livre e rigorosa” surgiu:

“Livre no sentido da forma plástica, rigorosa, pela preocupação de mantê-la em perímetros regulares e definidos.”<sup>311</sup>

De acordo com o discurso do arquiteto, as percepções dos pioneiros estão confirmadas, Brasília foi construída para ser admirada e não para ser funcional.

Analisando a questão da convivência observada por Cel. Heliodoro, percebemos que a setorização da cidade, conforme declarou Jaime Almeida, além de dificultar a vida das pessoas por causa da circulação, pode também ser a responsável pelo isolamento delas detectado pelo Cel. Heliodoro e pelos congestionamentos.

O pouco relacionamento existente entre vizinhos em Brasília pode estar relacionado ao *stress* causado pela dificuldade de circulação nos diversos setores da cidade. Essa circulação é complicada pelo trânsito, pela falta de estacionamentos e pelas distâncias entre os setores.

Maria Celi é uma pioneira que se mudou para a capital devido à função política que seu pai exercia. Na opinião dela Brasília é distinta de qualquer outra cidade:

“É especial para mim, eu estudei arquitetura, aprendi bem o que é concreto, sei que é um material barato ainda pouco usado, que precisa ser pintado quando usado porque fica feio com o tempo.

A beleza interfere na vida, faz as pessoas mais felizes e a arquitetura de Brasília é arte.

... eu notei que na cidade a escala humana é pequena em relação aos prédios. Na rodoviária eu sinto que deveríamos ter uns três metros para ficarmos proporcionais à monumentalidade da Praça dos Três Poderes.

... A vida é mais cara que em outras cidades. A falta de espetáculos importantes é ruim. ... Gostaria de ver, à beira do Lago, vários teatros, várias ciclovias, pessoas passando, a orla do Lago deveria ser toda livre para o povo.”

Maria Celi defendeu o uso de concreto nos monumentos de Brasília e afirmou que a

310 NIEMEYER, Oscar. *A forma na arquitetura*, p. 18.

311 Idem. Op. Cit. p. 42.

arquitetura da cidade é arte. A pioneira constatou que as pessoas ficam menores em relação à monumentalidade da Praça dos Três Poderes.

Essa falta de proporção entre as pessoas e o Poder pode ser responsável pelos problemas que ela enumerou: a elevação de preços no dia-a-dia dos habitantes e a falta de lazer. O problema é que se as pessoas são pequenas, aquilo que tiver dimensões maiores do que o habitual poderá esmagá-las. O Poder não deve existir nessa proporção, caso contrário ele perderá a função de servir o povo e estará, portanto, contra o povo no momento em que protegerá uma camada da sociedade que se julga tão grande quanto os monumentos, enquanto dificultará a vida de outros.

É o que se percebe no discurso da pioneira ao relatar a carestia da vida na capital, na falta de lazer para a população. O fato que se observa é que as pessoas precisam 'crescer' para alcançar a proporcionalidade embutida pela arquitetura da cidade e esse crescimento está relacionado com ascensão social.

Para José Teixeira a arquitetura existe a partir do espaço que ocupa. Entende-se essa ideia diante do cotidiano das pessoas na localidade que escolheram. O espaço que cada um ocupa é fundamental para sua vivência e constitui a semiótica da arquitetura.

A organização do espaço\* feita pelo arquiteto é percebida pelo homem e pela sociedade de uma cidade. Nesse sentido, o arquiteto, ao planejar, tem um problema diante de si, o espaço. Ele deverá averiguar, perguntar-se sobre o valor de sua construção para a sociedade que futuramente irá se formar. A questão aborda uma organização de dados importantes que remeteria à obra construída:

“Como se coloca afinal a arquitetura em relação ao eixo Espaço Exterior X Espaço Interior, qual o Espaço que efetivamente define, aqui, o pensamento arquitetural? ... não pode haver interior sem exterior.”<sup>312</sup>

Dessa forma, como um observador se colocaria diante de uma cidade sem que todo o exterior existisse? Logo, o interior só existirá a partir do exterior e vice-versa. Essa comparação sempre será necessária para complementar a arquitetura de uma cidade.

Seguindo essa ideia, as pessoas distinguem os espaços em que estão ou fazem uso de formas diferentes. Cabe, portanto, ao arquiteto e ao urbanista uma pesquisa sobre os espaços e a cultura da região, antes de propôr sugestões de 'obras' para um determinado espaço.

---

\* Espaço concebido como objeto da arquitetura, instrumento com o qual o arquiteto deverá trabalhar.  
312 J. TEIXEIRA, Coelho Netto. *A construção do sentido na arquitetura*, p. 33.

A pergunta que se faz aqui é: será que Lucio Costa e Niemeyer fizeram esse estudo? Se tivessem feito, Brasília teria problemas de moradia e de circulação desde sua inauguração, segundo já detectamos?

Não é difícil entender que esse estudo sobre a cultura daqueles que antes ocupavam o espaço da capital foi desconsiderado e que construíram monumentos no lugar da natureza. Criou-se um sítio para uma classe social elitizada onde havia agricultores, fazendas de gado, e, finalmente, não se valorizou a luz e a amplitude quando se construiu prédios enterrados ou com muitos subsolos, sem telhados e com paredes de vidros num clima quente e chuvoso como o de Brasília.

Por tudo isso, Maria Celi apontou problemas no cotidiano da cidade e uma população mal aparelhada e desconsiderada.

Renée Simas, professora que veio para assumir cargo na Fundação Educacional em 1960, sentiu-se bem em Brasília:

“Eu considero ainda muito bom morar em BSB. Eu sempre pensei que iria sentir muita falta do Rio por causa da praia e de tudo que a cidade oferecia, mas não. Brasília é especial nos monumentos, mas nas construções já banalizou. Os habitantes sentem-se orgulhosos por morar numa cidade com tantos monumentos belos. Quem tem condições econômicas razoáveis vive muito bem. Os que não possuem essas condições, vivem mal como em qualquer outro lugar.”<sup>313</sup>

A professora demonstrou sua aceitação pelo cotidiano da capital, apesar de estar distante da praia, sua antiga realidade no Rio de Janeiro. Ela e mais 8 entrevistados do mesmo período (11 pioneiros constituíram o total) declararam que a arquitetura de Brasília é especial e que interfere na vivência dos habitantes causando-lhes orgulho.

Talvez a euforia da inauguração e a expectativa de algo melhor e novo tenham ofuscado a percepção dos problemas já existentes em Brasília. Assim, a maioria dos entrevistados, desse período, ressaltaram mais o orgulho que sentiam por estarem participando de um momento ímpar da história do país que os problemas vivenciados.

#### **7.4.3 Brasília percebida por pioneiros entrevistados que chegaram entre 1961-1969.**

Da primeira década de Brasília, foram entrevistados 20 pioneiros e eles foram

---

313 Idem, em 09/04/2010.

unânicos ao reconhecerem que somente vive bem na capital quem tem dinheiro.

Luís Carlos Lopes, ao analisar a construção da nova capital, criticou aqueles que acreditavam que Brasília iria resolver todos os problemas do país. Ao desenvolver essa análise, o autor idealizou uma Brasília perfeita para todos, primorosa como aquela preconizada pelo Presidente JK:

“Brasília seria uma libertação, para os governantes, das lutas sociais no Rio de Janeiro. Uma cidade onde não haverá favelas, onde o poder central não poderá ser cobrado dos problemas da miséria e da opressão. Tudo muito bonito... Uma república platônica, completamente diversa de sua realidade atual.”<sup>314</sup>

Nos dizeres de Lopes, a Brasília real foi revelada nas reticências, usadas após o período repleto de ironia: “Tudo muito bonito ...”. Essas reticências surgem exatamente com o valor contraditório expresso pelo adjetivo 'bonito' que recebeu um reforço do advérbio de intensidade 'muito'. A Brasília que se apresenta é diferente da que muitos reconhecem como platônica, ou seja, sem interesses materiais ou mundanos, perfeita.

A Brasília que vem nas reticências é diferente da idealizada, tem problemas sociais e o governo não se libertou deles, talvez tenha pintado a miséria e a opressão com outras cores, diferentes da que existia no Rio de Janeiro.

Parece que essa cor com a qual pintaram a cidade é muito resistente e ainda permanece porque ao coletar dados para esta tese, os pioneiros sobre a vivência em Brasília responderam, quase 100% (do total de 44 pioneiros entrevistados), que se vive bem em Brasília desde que se tenha um poder econômico bom como em qualquer lugar do mundo.

Algo não nos parece bem, quem tem dinheiro pode escolher onde quer morar, isso não seria problema, mas uma solução. Os cidadãos devem ter direito de ir e vir e escolher o lugar onde querem morar. Com que cor o Poder terá pintado Brasília?

Na busca de elucidar esta questão, vejamos alguns depoimentos. Luís Humberto declarou:

“Não, artificial são todas as cidades, de alguma maneira todas acabam sendo planejadas.  
É especial se eu parar para pensar, mas ela me parece normal porque eu vivo dentro dela há 50 anos. A arquitetura é especial na leveza. São prédios que parecem que vão decolar, de uma beleza rara.  
Ela interfere ou não em função do próprio poder que nela habita. Quando nós chegamos aqui era permitido às crianças andar de velocípede na varanda do Supremo Tribunal. Eu tenho foto de meus filhos lá. Hoje não pode nem subir. O

314 LOPES, Luís Carlos. *Brasília: o enigma da esfinge, a construção e os bastidores do poder*, p. 68.

poder aceita a redução da inteligência que existe dentro do próprio poder e o povo não tem como lutar contra. E essa é a modificação na vivência deles. No Plano Piloto sim, nas cidades-satélites não se vive bem. O transporte é de péssima qualidade, a violência crescente não permite qualidade de vida a muitos moradores das cidades-satélites. Muitos trabalhadores perdem o emprego por causa da deficiência do transporte.”<sup>315</sup>

No discurso de Luís Humberto, que é arquiteto e fotógrafo, o fato de a capital ser planejada não a torna artificial. A cidade parece-lhe natural como as outras, mas é especial devido à arquitetura leve e bela. Ao mesmo tempo que o pioneiro admite essa leveza e naturalidade da cidade ele disse que 'o poder aceita a redução da inteligência que existe dentro do próprio poder'.

Na voz dele, essa 'redução da inteligência do poder' é que interfere diretamente no povo. Ele está dizendo, com outras palavras, que o Poder pode tudo e que a população de Brasília esteve e ainda está sujeita a essa força, fica sem ação diante da 'autoridade'.

O que se deduz é que o Estado manda e o povo obedece, e que ambos deixam de usufruir de suas faculdades intelectuais para manifestarem suas capacidades de análise crítica. Esse fato é o que realmente irá interferir tanto no Poder quanto na população que se submete a ele. A submissão ao Poder não é só em Brasília, isso é um fato, mas a capital, como sede do Poder administrativo do país, emana essa força para o restante do país e quem a recebe diretamente é a população local. Por isso, acredita-se que a interferência exista e seja maior nos brasilienses, principalmente, entre aqueles que não moram no Plano Piloto.

Segundo o pioneiro, a interferência altera também a vida de quem mora nas cidades-satélites e precisa enfrentar, em seu dia-a-dia, o transporte entre sua cidade e o Plano Piloto. Há uma disparidade de qualidade de vida entre os moradores do Plano e os das cidades-satélites, causada pela distância e por alguns outros motivos expostos neste capítulo.

Essa interferência, citada pelo pioneiro, nos leva a crer que a capital já não desperta somente ilusões e ufanismos em seus moradores que estão se conscientizando de que Brasília não pode mais ser vista como a “Capital do futuro ou da esperança”. As pessoas estão se conscientizando que ela representa mais como afirmou Mário Pedrosa:

“... é muito mais que urbanismo, é uma hipótese de reconstrução de todo um país. No entanto, ela faz parte de um velho sonho nacional, pois já em 1789, em pleno domínio português, brasileiros que desejavam tornar independente a sua pátria incluíam em seu programa de libertação o estabelecimento do governo do país a formar-se em um ponto interior do território.”<sup>316</sup>

315 Idem, em 06/04/2010.

316 PEDROSA, Mário. *Dos murais de Portinari aos espaços de Brasília*, p. 334/335.

Pedrosa deve ser um dos poucos críticos que pensava assim sobre Brasília. Ele observou a importância da projeção e da construção da capital, mas sugeriu que as pessoas, em geral, deveriam entender que Brasília surgiu para que os problemas do país fossem discutidos de forma mais ampla e as soluções irradiassem do centro para todo o Brasil. Ela seria um cérebro em constante funcionamento. E quando o cérebro de um corpo não funciona como deveria todo o corpo sofre as consequências. Essa seria a ideia fundamental da mudança da Capital do Brasil para o interior do país e vice-versa.

Assim, não basta dizer que a beleza de Brasília interfere e que os habitantes se sentem orgulhosos da cidade, conforme alguns pioneiros revelaram. É preciso pensar, tomar atitudes para que o Poder não continue a esmagar com toda sua força os habitantes, principalmente, aqueles que não fazem parte da elite brasiliense. Segundo afirmou Luís Humberto, esses são os moradores do Plano Piloto que estão satisfeitos com a vida em Brasília. Toda a população ou pelo menos grande maioria deveria estar satisfeita com suas moradias. É preciso pensar nas dificuldades que os moradores das cidades-satélites enfrentam diariamente, afinal, eles também são moradores de Brasília e suas cidades deveriam ser uma extensão do Plano Piloto e não um depósito de problemas.

Gisele Santoro confirmou a interferência do Poder na vivência de Brasília:

“Nós tínhamos o espírito de construir o que faltava para a arte da cidade, é aquela coisa que mostra que temos como contribuir, isso me move em Brasília até hoje ... Eu gosto muito desse verde, dessa qualidade de vida de Brasília. Agora é uma cidade difícil por causa dessa coisa política, a gente tem que se acotovelar com o Poder, as decisões não são tomadas pelo mérito dos projetos das pessoas, mas, sim, pelos interesses políticos, pessoais, financeiros. Não interessam quais. Brasília não é artificial por tudo de natureza que tem nela. A arquitetura de Brasília é especial, embora eu tenha milhões de restrições a fazer, mas é especial. Eu acho que os grandes monumentos de Brasília são grandes esculturas, não são pensados pra você viver e trabalhar nelas. O teatro é uma tragédia, a acústica é péssima porque tem duas entradas laterais para os camarins, o som vai todo pra lá, isso acaba com a mágica do teatro.”<sup>317</sup>

Gisele reforçou a questão de 'falta de inteligência do Poder', levantada por Luís Humberto. Ela acrescentou que apesar de a arquitetura de Brasília ser especial, ela é escultura, não foi pensada para que se vivesse e trabalhasse nela. Gisele trabalha há muito com dança no Teatro Nacional e por isso sentiu-se à vontade para criticá-lo assim como ao criador a quem ela chamou de “gênio”.

Oscar Niemeyer confessou, em depoimentos editados em livro, que o funcionalismo

---

317 Idem, em 06/05/2010.

foi sua “arma preferida” no início de sua carreira, mas depois, com a arquitetura contemporânea vitoriosa, voltou-se contra o funcionalismo e perseguiu a beleza e foi quando construiu os monumentos de Brasília. Na voz do arquiteto, surge essa confirmação:

“Quando uma forma cria beleza tem na beleza sua própria justificativa.”<sup>318</sup>

Assim, compreende-se que esses pioneiros argumentaram com legitimidade sobre a influência do Poder na vivência dos habitantes, e tiveram, ao mesmo tempo, a 'inteligência' que o Governo e a população não tiveram para criticar a arquitetura da capital.

Gougon, jornalista e artista plástico formado em Brasília apresentou um outro olhar sobre a cidade:

“Eu posso dizer a você como eu gostaria de viver aqui. Eu gostaria de viver de bem com a cidade, eu gosto muito de morar aqui na W3, gosto desse caráter de você poder andar na rua, é diferente de uma superquadra, você não precisa se restringir ao espaço da superquadra, aqui eu posso percorrer de lá pra cá e de cá pra lá. Eu me sinto bem em Brasília, se bem que eu viajo muito. Brasília é artificial, ela foi criada e as pessoas não têm hábito de encontros e conversas como em Pirenópolis, por exemplo, para onde vou todos os fins de semana. Eu acho um pouco artificial, aliás, muito artificial. Esse negócio de setores certinhos, eu acho que Lucio Costa, uma figura fantástica, mas ele esqueceu a questão da rua, do lugar para as pessoas se encontrarem. A parte do convívio que se esperava no Plano não aconteceu. Eu morei muito tempo em apartamentos da 108 Sul e nunca vi integração, pelo contrário, havia formação de grupos e desentendimentos no condomínio. Às vezes, a arquitetura é uma camisa de força na vida das pessoas porque ela mostra onde você deve trafegar, o quê deve fazer, vai te encurralando, te bloqueia e faz com que você faça um ziguezague e passe por lugares determinados. A arquitetura estabelece linhas que não deixam ninguém andar em linha reta para encontrar com outra, é como se tivesse um labirinto para se chegar nos lugares. Acho que a classe bem remunerada vive muito bem, e os outros vivem lutando mais pela sobrevivência do que pela modificação do quadro de indigência cultural da cidade.”<sup>319</sup>

Inicialmente, percebe-se uma certa insatisfação de Gougon em relação à cidade. Ele comparou o cotidiano de quem mora nas casas da W3 (onde reside) com os moradores das superquadras. E concluiu que as superquadras demarcam limites e não possibilitam ao morador a sensação de liberdade, apesar de serem abertas.

Interessante é que na solução residencial, criada por LC, a população do Plano Piloto foi disposta em superquadras que transmitem a ideia de que ela viveria em perfeita harmonia com a natureza e entre si:

318 Idem. Op. Cit. p.43.

319 Idem, em 26/06/2010.

“Quanto ao problema residencial, ocorreu a solução de criar-se uma seqüência contínua de grandes quadras dispostas, em ordem dupla ou singela, ... prevalecendo em cada quadra determinada espécie vegetal, com chão gramado e uma cortina suplementar intermitente de arbustos e folhagem ... . Disposição que apresenta dupla vantagem de garantir a ordenação urbanística mesmo quando varie a densidade, categoria, padrão ou qualidade arquitetônica dos edifícios, e de oferecer aos moradores extensas faixas sombreadas para passeio e lazer, independentemente das áreas livres previstas no interior das próprias quadras.”<sup>320</sup>

O conceito poético impresso no sentido de singelo, de residências, descrito por Costa, é baseado na cidade-jardim\*, de Ebenezer Howard, e foi implantado nas superquadras. Entretanto, de acordo com depoimento de Gougon, esse conceito não sensibilizou a população que sentiu falta da convivência na rua. O pioneiro descreveu o limite estabelecido pelas quadras como uma limitação ao 'ir e vir' das pessoas, um sinal de opressão que seria responsável pelo sentimento de solidão de alguns.

Essa sensação é contrária àquela concebida por Costa que desejava harmonia e tranquilidade aos moradores das superquadras. Conforme disse Gougon e outros pioneiros entrevistados, os moradores não interagiram, pelo contrário, formaram grupos. Essa constituição de grupos causou desentendimentos entre as pessoas, além de impedir que se andasse em linha reta nas ruas e se pudesse encontrar com amigos ou conversar com pessoas e estabelecer, assim, vínculos de amizade.

Eles demonstraram que a setorização de uma cidade pode causar problemas à sociedade e servir, algumas vezes, de “camisa de força”, de acordo com Gougon. O cotidiano das pessoas é constrangido porque o conceito de cidade-jardim era artificial e não se transformou em realidade na vivência inicial de Brasília.

Napoleão Valadares, escritor e pesquisador sobre os escritores de Brasília, morador da cidade desde 1966, declarou que não conhece outra cidade parecida com a capital:

“... toda cidade é artificial, não sei, eu diria que BSB é uma cidade muito diferente de tudo o que eu conheço no mundo.  
É especial, a arquitetura de BSB é específica, única. BSB é diferente e isso pode ser uma coisa ruim ou boa. Ruim porque a gente pensa que BSB foi construída para isolar as pessoas, não sei se isso é verdade, mas eu tenho essa impressão. As pessoas aqui, vão para o serviço de manhã e voltam para casa, repetidamente, e não têm um poder de integração. Via de regra é assim que ocorre. ... eu sinto essa isolamento. Por exemplo, os vizinhos do meu prédio, eu não conheço todos por mais que eu gostasse que isso pudesse acontecer. Eu tenho esse 'sofrimento' comigo, mas parece que não é

320 BUCHMANN, A. Op. Cit. p. 67/68.

\* A cidade-jardim é um modelo de cidade concebido por Ebenezer Howard, no final do século XIX consistindo em uma comunidade autônoma cercada por um cinturão verde num meio-termo entre campo e cidade. A ideia era aproveitar as vantagens do campo eliminando as desvantagens da grande cidade. Pesquisa realizada no site: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade\\_jardim\\_%28teoria%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade_jardim_%28teoria%29), em 15/06/2012.



minha culpa, não sei se isso é culpa da arquitetura da cidade ou das pessoas que vieram para cá, mas é fato que isso existe aqui. Talvez a arquitetura atrapalhe, de certa forma, a vivência das pessoas na cidade, me parece.  
Pelo menos uma classe, os mais favorecidos, vivem.”<sup>321</sup>

O conceito de artificialidade da cidade, apesar de o pioneiro ter afirmado que não compreendia, aparece claro no depoimento dele quando declarou que a cidade parecia ter sido “construída para isolar as pessoas”. Ele mesmo desfez essa dúvida e confirmou o que para ele é definitivo no urbanismo (ele disse arquitetura, mas na realidade trata-se do urbanismo) da cidade: “As pessoas aqui, vão para o serviço de manhã e voltam para casa, repetidamente, e não têm um poder de integração”. Com essa fala, Valadares confirmou a tese de que 'a setorização de Brasília', atrapalhou, ou talvez, tenha inibido o encontro e a formação de vínculos entre os moradores do Plano Piloto.

Valadares também confirmou que as pessoas que vivem bem na capital são as que pertencem à classe mais favorecida da sociedade. Deixou claro que os outros enfrentam problemas mais pontuais em suas vivências.

Diante dos depoimentos de Luís Humberto, Gisele Santoro, Gougou e Napoleão Valadares, pode-se inferir que há polêmica entre os moradores de Brasília e o urbanismo que lhes foi imposto pela construção da cidade e que são visíveis os transtornos sofridos por eles.

Por fim, os pioneiros concordaram que, em Brasília, vive-se bem quando se tem dinheiro, enquanto os outros lutam mais pela sobrevivência e não têm tempo de pensar em cultura.

Numa outra linha de pensamento, está o depoimento de Clodo (Clodomir S. Ferreira) que já residiu em cidade-satélite (Taguatinga) e também no Plano Piloto. Ele declarou ter havido uma 'deturpação do uso da cidade':

“... É uma forma nova, diferente de se relacionar que eu acho que é reflexo da própria estrutura da cidade, ela é gregária de outra forma. As pessoas não se obrigam a usar o comércio de sua própria quadra, ou a ir à Igreja mais próxima. As pessoas estão desmentindo um pouco a ideia inicial de serem confinadas em suas quadras, com seu comércio, sua escola, sua vida independente. Elas se rebelam, intuitivamente, mas não usam somente os serviços que foram planejados para elas, não convivem somente com os mais próximos. Brasília foi pensada para agregar mais as pessoas, mas essas sem perceberem se rebelam contra isso. Em minha época de colégio, no Elefante Branco havia alunos de classes sociais diferentes. E eu me lembro que, quando cheguei de Taguatinga, senti como se eu viesse de um lugar inferior, e o Plano fosse superior. ... o pessoal do Plano era muito mais politizado e de classe social alta.  
... Pode-se observar que os cinemas são diferenciados, por exemplo, há cinemas

---

321 Idem, em 03/08/2011

mais elitizados e outros mais comerciais, isso está bem definido. Antigamente isso não existia e assistir a um filme era motivo de união. Havia em Brasília também uma vivência muito grande de lazer em clubes, encontros, festas de final de ano, carnaval e as pessoas participavam muito. Um fato que ocorria em Taguatinga, não sei se isto existia noutra lugar, mas era muito comum os rapazes saírem na rua à procura de alguma festa e onde encontrássemos entrávamos em grupo e se não houvesse reação a gente ficava e se divertia. São coisas interioranas, mas existiam em Taguatinga e não existiam no Plano, as pessoas não se sentiam ameaçadas umas pelas outras, havia uma convivência mesmo entre aqueles que não se conheciam. ...

Eu sinto isso, a gente que mora aqui é que tem de criar um jeito de viver nela.

As pessoas precisam de mais intimidade com o espaço e Brasília, a princípio, não proporciona isso, não dá para ser apegado aqui nesta cidade. Nesse sentido, ela é artificial, permite pouca intervenção nossa.

Por isso que estamos criando um novo jeito de viver aqui, é uma nova intimidade com a cidade, em que ninguém sabe muito da vida dos outros. Isso aparece nas músicas, Brasília surge com toda a intimidade, própria somente para quem a conhece bem, conviveu com ela, cresceu nela.

Brasília interfere na vida de seus moradores e quem não está acostumado com isso acha insuportável, é muito solitário.”<sup>322</sup>

A interferência da arquitetura e do urbanismo na população de Brasília, na leitura de Clodo, surgiu devido ao poder de agregação da cidade ao urbanismo imposto pelo criador e a concepção de uma forma nova de relacionamento entre as pessoas e a cidade.

As superquadras oferecem espaço, comércio, escola, uma Igreja próxima, farmácias; enfim, toda uma estrutura básica foi montada, como uma mini cidade para o conforto dos moradores. Entretanto, esses moradores mostraram-se perturbados, sem que se apercebessem disso, com o “confinamento” imposto pelo urbanismo da capital e buscaram os serviços de que precisavam em outras quadras que não a que moravam. Vários problemas surgiram assim, entre eles a questão da circulação e de estacionamentos.

Essa busca por opções diferentes daquelas ofertadas na quadra ou no Plano Piloto fez com que as pessoas comparassem não somente o custo das mercadorias, mas a qualidade, os produtos em si e o atendimento.

Morar em Brasília é diferente e, segundo Clodo, a população precisa de se conscientizar disso e criar um jeito de conviver melhor nela. Nesse sentido, ele confirmou que a cidade interfere, mas também aceita a interferência da população e para que essa troca efetive-se é necessário que cada um se adapte ao novo modo de viver oferecido pela cidade.

Não é possível aceitar as propostas de uma cidade planejada sem produzir interferência no cotidiano desta cidade. É preciso considerar que uma coisa é o projeto de uma cidade no papel e outra é a cidade construída porque ninguém vive no papel, mas num espaço construído com todos os seus problemas e acertos sociais.

---

322 Idem, em 22/10/2010.

Esta análise sobre a percepção dos pioneiros entrevistados diante da arquitetura e do urbanismo de Brasília revelou que a modificação da cidade e o cotidiano dos moradores fazem parte do processo de formação cultural da sociedade da capital.

Mostrou que a cultura alegre do samba e do carnaval, que se observa nos habitantes do Cruzeiro, teve origem com a chegada dos migrantes que vieram da antiga capital do país. O companheirismo e a união que imprimiram no Guará, características de cidade interiorana, podem ter origem nos mutirões realizados para a construção da satélite.

A Cidade Livre doou sua característica comercial ao Núcleo Bandeirante que hoje possui um comércio bastante variado. Em 1957, de acordo com o recenseamento, já existiam armazéns de secos e molhados, casas de tecidos, restaurantes, barbearias, tinturarias, marcenarias, açougues, farmácias, escolas (duas), cinema, bares, pensões e hotéis.

No Núcleo Bandeirante, foram concentradas as atividades de prestação de serviços e comércio. Como a história do Núcleo Bandeirante está muito ligada à construção de Brasília, ainda existem no local espaços remanescentes daquela época que são referências para a história. Foram preservados: o Centro de Ensino da Metropolitana (1957) e o Museu Vivo da Memória Candanga, onde está guardada parte da história de Brasília. O museu foi montado no prédio do primeiro centro médico de Brasília, o Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira, construído em 60 dias e inaugurado em 6 de julho de 1957.

## 8 A ARTE EM BRASÍLIA

“As pessoas precisam de arte, muitas instintivamente sentem que precisam dela.”<sup>323</sup>

### 8.1 Arte

A afirmativa de Taylor mostra que a arte está relacionada com a sociedade porque pode influenciar aqueles que estão envolvidos por ela com intenção de percebê-la. Assim, a arte tem um aspecto didático que deve ser considerado porque poderá despertar e manifestar uma consciência coletiva na sociedade.

Na percepção de Aracy Abreu, autora da obra *Arte para quê? A preocupação social na arte brasileira*, a sociedade injusta mostra que a arte é útil enquanto necessária. Essa sociedade pode ser aquela que não valoriza seus artistas por razões diversas, ou aquela em que as pessoas estão sempre 'muito ocupadas' e não conseguem um tempo para contemplar a arte existente onde vivem ou estão.

É fato que viver numa sociedade implica depender dela em muitas situações. Então, a arte como um todo influencia na formação da sociedade porque atua diretamente na vivência da coletividade que a compõe.

Jean Lacoste ao tratar de arte remete-nos a seu conceito tradicional, de Platão. Não aprofundaremos o 'estudo da arte,' que tem muito a discutir, mas veremos uma noção sobre o assunto, baseada em Platão, visualizado, primeiramente, em *Hípias Maior*.

Vejamos as ideias expostas por Lacoste:

“A arte (se conservamos essa tradução tradicional) designa um saber, um *savoir-faire* refletido e fundado no raciocínio que se opõe à rotina (tribê), e o Fileto distingue as artes da medida e do número (a arquitetura) e as artes que repousam na experiência, na intuição e na conjectura: a música, a medicina, a agricultura... ”<sup>324</sup>

A arte platônica do belo substitui o prazer pela apreensão intelectual das essências. Essa busca pela essência não pode ocorrer pela arte da imitação (mímese) porque, nesse caso, permaneceria no mundo sensível e não atingiria o caráter da arte que está no mundo

323 TAYLOR, Frederick. In Aracy Amaral. *Arte para quê? A preocupação social na arte brasileira*, p. 08.

324 LACOSTE, Jean. *A Filosofia da Arte*, p. 13.

inteligível.

A arte surge a partir do saber, necessita de raciocínio independente, portanto, da rotina de quem a percebe. Numa conversa entre Glauco e Sócrates, Platão explicou como atingir a essência:

“Eis que quando alguém tenta, através da dialética, sem o auxílio de nenhum sentido, mas por meio da razão, alcançar a essência de cada coisa e não se detém antes de ter apreendido apenas pela inteligência a essência do bem, atinge o limite do inteligível, como o outro, ainda há pouco, atingia o limite do visível.”<sup>325</sup>

A essência a que Platão se referiu é a percepção do Belo, da arte que será atingida apenas pela 'inteligência' para depois atingir os sentidos próprios do ser humano.

A arte não pode ser vista, mas deve ser percebida pela sua essência. Logo, a arte, no sentido geral, estará no âmago da definição da beleza e do gosto e faz parte da cultura de uma sociedade.

Para Schiller, a beleza seria a liberdade da aparição e, sendo assim, mesmo o belo irá submeter-se a regras. Isso representaria que não há liberdade no mundo sensível. Ela estaria ligada à alma (religião). Para entender melhor essa ideia, deve-se observar que o homem nasce e vive na terra com o objetivo de comprovar que merece morrer e depois encaminhar-se para o céu, ou para o inferno, de acordo com seus atos na terra.

Visto dessa forma, tudo se submete a regras, nem a arte tem liberdade. Schiller, em *Kallias ou sobre a Beleza*, mostra que uma coisa bela o é por uma regra de si mesma. Infere-se, então, que a criação artística é um modelo de como a humanidade deveria ser, e não é. Isso pode ocorrer devido ao excesso de liberdade, ou à inconsciência das regras que deveria seguir.

“Embora a *démarche* de Schiller não apresenta mesma sistematicidade nem o empenho arquitetônico de Kant, é possível dividi-la em dois momentos: o da determinação subjetiva do belo, ao qual corresponde a conhecida tese segundo a qual a beleza é a liberdade no fenômeno, e o da determinação objetiva do belo, centrada no conceito de técnica como condição mediata da beleza.”<sup>326</sup>

O trabalho do artista deve ocorrer com liberdade como deveria ocorrer com a humanidade. Essa autonomia significa dar norma a si mesmo, e a humanidade autônoma produziria e espalharia o bem conforme deveria ser.

325 PLATÃO. *A República*, p. 246.

326 SCHILLER, F. *Kallias ou sobre a beleza: a correspondência entre Schiller e Körner*, janeiro-fevereiro 1793, p. 20.

Do mesmo modo que as regras da obra de arte surgem dela própria, a dedicação à arte revela pessoas melhores, pois ela irá educar o homem para a liberdade. Pensando em Brasília, a arte destacada será aquela que apresenta caráter social. Não se discutirá qualidade ou qualquer outra dimensão artística na análise dessa arte.

Ao se considerar a formação da cultura em Brasília, deve-se entender que a vida precisa de um sentido e um significado, e as pessoas que procuraram a nova capital para morar estavam em busca, muitas delas, de um novo sentido para suas vidas.

Deve-se considerar também que os pioneiros, ao chegarem a Brasília, enfrentaram dificuldades as quais já retratamos e, muito provavelmente, outras a que não tivemos acesso.

Analisaremos, a seguir, como a arquitetura de Brasília atuou nos habitantes da década de 1960 e como eles expressaram suas vivências. Não se pode esquecer que a arte atua sobre o homem como um todo, e o nível mais elevado do homem é a razão e não o entendimento.

Entretanto, a arte não deve ser somente expressão de paixão, de sentimentos, mas poderá ser dominada pela forma para libertar o homem de qualquer perturbação moral para que ele obtenha, então, como resultado um trabalho livre e concebido por meio da liberdade: a arte.

Não se deve desconsiderar que a obra artística causa prazer, alegria ao contemplador, mesmo que o tema seja trágico porque a liberdade da obra comunica-se com o observador e lhe permite ser livre. Não se trata de compaixão, mas de bom gosto, uma vez que ele atinge o estado de liberdade da obra e com ela se identifica.

Sabe-se que a obra de arte é infinita, plurívoca para o entendimento do homem. Então, no momento em que ela é contemplada, sentida, pode modificar os pensamentos das pessoas, mas muitas vezes, não é suficientemente entendida a ponto de ser expressa em palavras.

Ouviremos as vozes dos pioneiros a fim de analisar se há arte em Brasília e se essa identificação ocorre também na arquitetura e no urbanismo da capital que foi planejada para ser construída pelos brasileiros e para eles.

No entanto, antes faz-se necessário compreender arte e cidade para que se possa entender melhor a Brasília que os pioneiros descreveram em suas obras.

### 8.1.1 Arte na cidade

A cidade não é inerte, ela possui vida e se apresenta diante da sociedade e pode ser ouvida e lida de acordo com as propostas do observador como afirmou Tomás Taveira:

“... a cidade é um organismo vivo com uma forma e constituição permitindo a “mudança” e o “ajustamento”, a “voz” e a “imagem”, quer seja organizada como um sistema informal quer seja o grande universo da comunicação. A cidade será o grande acontecimento “mental e visual”. Sobrepor-se-á ao homem, ao contrário do que ainda acontece hoje.”<sup>327</sup>

A cidade é, portanto, nessa visão, uma complexidade de interações, o reflexo do homem e o produto dele. O homem também é reflexo da cidade porque a organização dela afeta o modo de ser dele. Logo, a cidade permite reflexões, desde que seja respeitada uma metodologia crítica preestabelecida.

Nesta tese, a cidade está sendo vista e analisada a partir de críticas já estabelecidas por pesquisadores, historiadores de Brasília e pelos depoimentos dos pioneiros entrevistados. Para esse fim, foi elaborado um questionário em que eles tiveram oportunidade de se expressar sobre suas vivências e sobre a cidade. Esse questionário foi explicitado na metodologia da pesquisa, apresentada anteriormente.

Convém registrar que a pesquisadora não foi atendida em suas solicitações por todos os pioneiros requeridos para responder a sua pesquisa. Assim, não pôde registrar e discutir algumas ideias e dados concretos sobre o cinema, a vivência estabelecida com o presidente JK, a instalação de um programa de saúde em Brasília. Isso ocorreu devido a não manifestação de Vera Brant, de Aloysio Campos da Paz, de Vladimir Carvalho e de Clóvis Salgado, que não aceitaram, ou, talvez não tenham entendido a solicitação.

Partimos da ideia de que Brasília é formada por uma miscigenação de povos e constitui um espaço de trocas culturais. Foi concebida e construída num momento em que o país buscava em torno de si mesmo afirmar os valores culturais tecidos ao longo de séculos, para se mostrar diante das demais culturas do mundo.

Brasília causou admiração por causa da ousadia e imaginação de seu urbanismo e de sua arquitetura e, principalmente, pela capacidade do trabalho realizado pelos brasileiros numa obra que iniciou com data marcada para terminar. A inauguração ocorreu, como o

---

327 TAVEIRA, Tomás. *Discurso da Cidade*, p. 35.

previsto, em 21 de abril de 1960.

A proposta de Brasília era clara: a delimitação do Plano Piloto. Nele foram pensados a educação, a saúde, o lazer, as habitações e as sedes do poder Executivo, Legislativo e Judiciário. No centro do Plano Piloto, o marco zero da cidade: a rodoviária, por onde as pessoas, que estão envolvidas com o funcionalismo e com a parte operacional da cidade, transitam.

A questão é que o Plano Piloto não comportaria as pessoas necessárias para que essa máquina administrativa funcionasse. Era evidente que outros espaços, outras cidades, deveriam ser criadas e, então, surgiram as cidades-satélites.

Em nossa mente, de imediato, aparece a imagem de um centro, cercado de povoados. E, esse centro acolheria a elite do governo. Os povoados, como o próprio nome diz, receberia o povo. Seriam aqueles prestadores de serviços, os menos favorecidos, os serviçais do governo.

Essas ideias realçam a noção de 'Casa-Grande e Senzala' já trabalhada nesta tese. Continuando a análise e a discussão dos dados constantes no questionário, utilizado nas entrevistas, iremos entender como esse fato se concretizou ou não em Brasília.

O crescimento da população estimada para Brasília é outro dado presumível para o sucesso da ideia de casa-grande e senzala. Quando se construía uma nova cidade para abrigar aqueles que o Plano Piloto não mais comportava, era como estimular a ideia de que haveria sempre espaço para outros serviçais ou que eles se faziam necessários para o conforto da elite do país. Além disso, os lotes ou as casas, quando construídas, eram vendidas a preços módicos. O superpovoamento, o 'boom' imobiliário, o crescimento desordenado da nova capital pode ter surgido dessa ideia de casa-grande e senzala, estabelecido nesta tese.

No projeto de Brasília, a cultura das ruas e das praças foi abolida. As ruas são espaços monumentais para carros. As praças, onde a população deveria se encontrar e realizar intercâmbio de ideias, onde os conhecimentos seriam trocados e ressurgiriam de formas novas, não existem com essas funções.

As ruas e as praças, espaços comunitários, de improvisos populares, culturais e esportivos na maioria das cidades, foram anulados em Brasília, prejudicando, assim, o convívio social e motivando o crescimento da frota automobilística. A cidade é movida a carros e não por pessoas. Os espaços para trânsito de pedestres são ínfimos se comparados às ruas.



Vale lembrar que o início da indústria automobilística no Brasil ocorreu no primeiro ano de governo de JK. Em 1956, na cidade de Santa Bárbara do Oeste, no estado de São Paulo, foi inaugurada a montadora Vemag, responsável por fabricar a camioneta F91, produzida com peças e projeto da DKW. Desde então, as montadoras foram chegando e se estabelecendo em São Paulo.

Não era difícil prever o desenvolvimento dessa linha de negócios no país. O projeto de Brasília, privilegiou a construção de ruas como já foi destacado. Não se pode acusar apenas o criador, Lucio Costa, de todos os problemas em Brasília. Há outros responsáveis que vão desde o idealizador, os militares, os políticos de forma geral, os administradores, e prolonga-se aos habitantes, que aceitaram e receberam triunfantes a cidade, sem reagir contra o sistema que se alastrava na condução da nova capital.

Durante a ditadura militar, erros cometidos na arquitetura e no urbanismo de Brasília poderiam ter sido corrigidos, mas não foram. A ideia era manter a nova capital, principalmente, por razões geopolíticas. Do centro do país era mais fácil comandar, na antiga capital era difícil controlar as entradas e saídas da cidade. Em Brasília, esse controle era fácil porque a cidade tem poucas entradas e saídas. No entanto, eles poderiam ter melhorado o sistema de transporte, construindo metrô, por exemplo. Ou equipado a frota de ônibus para bem atender aos trabalhadores, notadamente, aqueles que moravam nas satélites. Enfim, várias atitudes poderiam ter sido tomadas para facilitar a vivência dos habitantes da nova capital que engatinhava.

Dificultar o contato, a proximidade das cidades-satélites com o Plano Piloto e deste com a Esplanada dos Ministérios, tem explicação na questão trabalhada anteriormente. A 'casa-grande' não deseja aproximação com as 'senzalas', mas precisa de mão de obra. Ao que parece essa ideia sempre esteve presente nas cabeças dos criadores da capital e, também, na dos militares. Pode-se observar que as patentes distinguem os militares graduados (oficiais) dos não graduados ou praças (soldados, cabos, sargentos). O relacionamento entre eles é de hierarquia. Os não graduados servem aos graduados e todos devem obediência à patente superior.

Em contrapartida, a cidade cresceu e agiu com a população que com ela interagiu. As pessoas se mostraram como agentes e podiam ter corrigido muitos erros da construção, mas, foram, ao mesmo tempo, passivas à ação da cidade que ajudaram a construir.

É na cidade que as pessoas se encontram e realizam suas trocas. No caso de Brasília,

esses encontros deveriam ocorrer no Plano Piloto, mais especificamente, na praça que deveria ter sido construída na rodoviária. Uma cidade necessita de uma atividade que movimente o dia-a-dia das pessoas, suas relações com outras pessoas e consigo mesmas. Elas chegam e saem da cidade, mas deixam suas marcas e levam consigo aquilo que aprenderam com a cidade e com as outras pessoas que ficaram.

Nesta tese, os pioneiros, inicialmente, marcaram Brasília ao chegar; e depois, com seus trabalhos e permanências na cidade. Por isso, as obras produzidas por eles serão também analisadas a título de mostrar as realidades da população inicial da nova capital. Veremos que Brasília tem um pouco de todos que nela viveram e ainda vivem ao longo de sua história.

Vale ressaltar que a história em torno da arte surgiu em Brasília antes da fundação da cidade. Teve início em 1958, quando chegou a equipe de Oscar Niemeyer: arquitetos, calculistas, técnicos, dentre eles artistas como Samuel Rawet, engenheiro e escritor, e o artista plástico, Athos Bulcão.

**Samuel Rawet** iniciou sua carreira de engenheiro de cálculo de concreto armado junto à equipe do poeta e engenheiro Joaquim Cardozo em 1954. Calculou, entre outras obras, toda a estrutura em concreto armado do edifício do Congresso Nacional em Brasília.

Publicou seu primeiro livro, *Contos do Imigrante*, em 1956. Como funcionário da NOVACAP, transferiu-se para Brasília em 1963 quando publicou o livro *Diálogo*.

**Joaquim Cardozo** começou a fazer cálculos dos projetos de Niemeyer para o Conjunto da Pampulha, na capital mineira. Em 1956, Niemeyer foi nomeado diretor do Departamento de Urbanismo e Arquitetura da NOVACAP e chamou Cardozo para se responsabilizar pelos cálculos estruturais. Dentre os edifícios calculados por ele, em Brasília, destacam-se o Palácio da Alvorada, Congresso Nacional, Palácio do Itamaraty e a Catedral.

A trajetória artística de **Athos Bulcão** é especialmente consagrada ao público em geral. Não ao que frequenta museus e galerias, mas ao que entra, acidentalmente, em contato com sua obra nos azulejos espalhados pela cidade. Ao ir ao trabalho, à escola ou simplesmente ao passear pela cidade, impregnada por sua obra que 'realça' o concreto da arquitetura de Brasília.

Contribuiu, também, para a formação do campo das artes em Brasília o Congresso Internacional Extraordinário de Críticos de Arte\* em 1959. Esse Congresso ocorreu às vésperas da inauguração de Brasília, em setembro de 1959, e reuniu críticos nacionais e

---

\* O Congresso foi patrocinado pelo Presidente da República do Brasil, Juscelino Kubitschek, com a colaboração da NOVACAP, do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e do Museu de arte de São Paulo.

internacionais. Foi organizado pela **AICA** (Associação Internacional de Críticos de Arte), teve a participação do crítico Mário Pedrosa que formulou a temática do Congresso: “*A cidade nova – síntese das Artes*”. Esse tema remetia à noção de 'síntese das artes', recorrente no projeto proposto para a criação de Brasília. O mesmo Congresso ocorreu também em São Paulo e Rio de Janeiro.

Então, numa cidade ainda não concluída, reuniram-se historiadores, críticos de arte, arquitetos e urbanistas de vários países com o objetivo de discutir a cidade nova, a partir do tema proposto e colocou Brasília sob a observação da crítica profissional estrangeira.

A arquiteta, Maria Beatriz C. Capello, narrou em seu artigo sobre a *Revista Brasília*, as opiniões que alguns críticos emitiram sobre Brasília:

“... as opiniões são todas positivas em relação a Brasília, salvo a de Bruno Zevi, único congressista a confrontar-se criticamente com a nova capital, assumindo uma atitude destoante da paralisia crítica dos demais, que pareciam ter se intimidado com a generosa hospitalidade do Brasil.”<sup>328</sup>

A autora apontou a postura acrítica dos participantes, no sentido de que eles tiveram somente opiniões positivas em relação à Brasília. Isso sugere que houve uma apreciação de pouca profundidade voltada para interesses adversos.

De acordo com o artigo citado da arquiteta, Bruno Zevi teria questionado sobre o plano de LC, se ele seria fechado ou aberto, ou se teria a inconveniência de ambos. O que leva a crer que os congressistas, de um modo geral, intimidaram-se diante da proposta de arte na cidade nova e se omitiram.

Segundo Mário Pedrosa, houve um evento representativo da arte em Brasília: IV Salão de Arte Moderna de Brasília no Teatro Nacional em 1967. Participaram desse acontecimento 1028 obras de 363 artistas provenientes do Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Minas Gerais, Bahia, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Paraná, Espírito Santo, Paraíba, Santa Catarina, Amapá e Mato Grosso.

Na voz de Pedrosa, a geografia de Brasília é um convite para se encontrar com o resto do Brasil. Essa seria a visão cultural da cidade que traz em seu interior o povo brasileiro. Anteriormente, em 1964 e 1965, já havia ocorrido o I e o II Salões de Arte Moderna do Distrito Federal, entretanto, pouco se sabe sobre esses eventos.

Pedrosa caracterizou o Plano Piloto como uma projeção ingênua para o futuro porque

---

328 CAPELLO, Maria B. Camargo. *A revista Brasília na construção da Nova Capital: Brasília (1957-1962)*, p. 50.

as cidades-satélites não seguiram a mesma proposta da cidade nova:

“Na sua periferia, o tempo é outro. Ali vem dar, sabe Deus como, o Brasil do Sertão, o Brasil do passado, o Brasil esquecido ou desconhecido. Não há entre o Plano Piloto e a periferia, onde brotou como cogumelo, ao tempo de sua construção, a “cidade livre”, isto é, entre o passado e o futuro, a mediação do presente.”<sup>329</sup>

Essa apreciação reporta-nos a falta de planejamento e infraestrutura a que foram submetidos os moradores das cidades-satélites. A periferia, representada pela Cidade Livre, é o presente dos trabalhadores, a realidade. Não se queria facilitar o acesso à casa-grande. Por isso o 'tempo' lá era diferente, aliás, era o inverso, lá estava o Brasil verdadeiro: tradicional, interiorano e desconhecido. Enquanto isso o 'tempo' no Plano Piloto era outro; o do futuro promissor, do conforto, de regalias e da fantasia.

Verificam-se dois tempos: a realidade do dia-a-dia da casa-grande que procura distanciar-se para manter suas regalias, e o tempo custoso, complicado da população das Senzalas.

A década de 1960 é marcada pela velocidade das vanguardas artísticas, que tem New York como capital cultural do século XX. Dentre as manifestações artísticas como Minimalismo, Op Art, Arte Cinética, Novo Realismo e Tropicália, a Pop Arte surgida na Inglaterra, mas apropriada e difundida pelos norte americanos foi a vanguarda mais decisiva da década.

Em 1968, no Salão de Brasília, o Porco Empalhado de Nelson Leirner, artista paulista integrante do Grupo Rex, não era apenas o questionamento da instituição arte, interrogava as outras instituições da sociedade, naquele contexto político.

O artista representou, na figura do porco empalhado dentro de um engradado de madeira, a população presa, desmoralizada, pobre e maltratada não só pela vida, mas pela ditadura em que se vivia no país. Foi bastante criticado, mas manteve o porco empalhado como arte exposto em Brasília e, hoje, sua obra polêmica vale uma fortuna.

Vejamos a ilustração da obra *O Porco*, de Nelson Leirner:

---

329 PEDROSA, Mário. *Dos murais de Portinari aos espaços de Brasília*, p. 247.



**Figura 39:** *O Porco* (1966), de Nelson Leimer

**Fonte:** [http://1.bp.blogspot.com/\\_4r7sxqI1xT8/TTLR-vL2OoI/AAAAAAAAAGNY/fYb0f-36few/s1600/nl%2Bporco.jpg](http://1.bp.blogspot.com/_4r7sxqI1xT8/TTLR-vL2OoI/AAAAAAAAAGNY/fYb0f-36few/s1600/nl%2Bporco.jpg) , acessado em 26/10/2012.

No IV Salão de Arte de Brasília, foram mostradas as divergências que cruzavam o Brasil. O maior impacto ficou com João Câmara Filho e Anchises de Azevedo, pernambucanos e, no lado oposto, o carioca Hélio Oiticica.

Segundo Almerinda S. Lopes, estudiosa de João Câmara, a premiação concedida a um autor desconhecido significava expor o nacionalismo:

“Em 1967, no *Salão de Arte Moderna de Brasília*, o júri tomava uma atitude inédita, ao premiar João Câmara e ao conceder apenas uma referência especial a Hélio Oiticica. Preterir um dos ícones de neovanguarda carioca em prol de um pintor quase desconhecido, interessado numa forma peculiar do realismo, implicava voltar a instaurar um debate recorrente no interior da arte brasileira: a oposição entre cosmopolitismo e nacionalismo.”<sup>330</sup>

A obra vitoriosa na exposição foi o tríptico “*Exposição e motivos da violência*” que foi escolhida pelo júri para representar ‘*a perspectiva de Brasília*’. Nesse aspecto, a cidade não representaria uma imaginação, mas uma possibilidade inovadora.

Assim, a arte surgia na capital com a função de mostrar o protesto social que representava a realidade nacional daquela época.

Com a inauguração da Universidade de Brasília em 1962, a cidade recebeu um grupo de artistas, convidados a construir o ensino das artes. O Instituto Central de Artes (ICA), que

<sup>330</sup> LOPES, Almerinda da Silva. *João Câmara: o revelador de paradoxos políticos sociais*, p.11.

incluía o ensino de todas as linguagens plásticas, além do cinema, da arquitetura e da música, contou com os artistas: Amélia Toledo, Cláudio Santoro, Marília Rodrigues, Gastão Manuel Henrique, Glênio Bianchetti, Maciej Babinski e do cineasta Nelson Pereira dos Santos e outros. Todos vieram dispostos a trabalhar pela capital e marcaram a cidade com suas ideias.

No entanto, num ato de revolta contra as intromissões militares na universidade, quase todos os artistas que lá estavam, sujeitaram-se a uma demissão coletiva (foram mais de 200 professores) em 1965. Essa atitude dos professores responsáveis pelo ensino de artes na capital confirmou a perspectiva artística inovadora que Brasília poderia assumir.

### **8.1.2 Artistas que marcaram Brasília**

Muitos artistas passaram por Brasília na época da construção e na década de 1960, período delimitado por esta pesquisa. Alguns deixaram muitas marcas, outros nem tanto. Procuraremos, na medida do possível, rememorar aqui os artistas que trabalharam pela capital durante a sua construção e estiveram, de alguma forma, em contato com sua população.

Brasília ganhou asas no plano de Lucio Costa apresentado aos jurados responsáveis pela escolha do projeto para a nova capital do Brasil em 1957.

Então, LC ficou responsável pelo urbanismo e o arquiteto, Oscar Niemeyer, pela concepção dos prédios e palácios que compunham a cidade projetada para ser a Capital da República.

Esses dois arquitetos assumiram uma posição de destaque maior na arquitetura brasileira, ou melhor, eles passaram a representar a arquitetura brasileira porque tiveram a chance de, enquanto arquitetos, participar de uma das arquiteturas símbolo do Brasil.

Rodrigo Queiroz, professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, esboçou assim suas ideias em relação aos construtores de Brasília:

“É complicado dizer onde termina o plano urbano e onde começa a arquitetura (...) O que caracteriza a arquitetura brasileira e o que a identifica como manifestação cultural para o mundo é a obra de Niemeyer chancelada pelo intelecto do Lucio Costa.”<sup>331</sup>

---

331 QUEIROZ, Rodrigo. *Brasília representa a maturidade de Oscar Niemeyer*. In Folha de São Paulo On Line. <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/podcasts/ult10065u723792.shtml>>, acessado em 10/08/2012.

A afirmativa de Queiroz é pertinente no que se refere ao ato da 'chancela' existente entre os dois arquitetos. Eles trabalhavam juntos desde 1934, quando Niemeyer formou-se na Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro.

Nessa mesma Escola, LC estudou pintura e arquitetura, formando-se em 1924. No início de sua carreira, sofreu influência da arquitetura eclética, mas prestigiou o movimento neoclássico. Entretanto, contagiou-se, numa viagem a Diamantina (MG), com a simplicidade da arquitetura do período colonial e passou a buscar uma tecnologia construtiva mais atual para seus projetos. Teve um momento de descoberta em 1930, em seu primeiro contato com a concepção estética modernista, durante sua permanência na direção da Escola Nacional de Belas Artes, quando reformulou o ensino dessa Escola de acordo com os contatos que mantinha com Le Corbusier.

De acordo com esclarecimentos anteriores, sabe-se que o início do modernismo brasileiro foi um tanto conturbado porque a 'expressão nacional' precisava ser interpretada de acordo com o momento que se vivia no Brasil. A arte, baseada nessa interpretação, surgiu após tentativas e críticas e ilustrou um grau real de complexidade, de adaptação da maioria dos artistas brasileiros que não conseguiam mostrar a realidade brasileira em suas obras.

Em torno de 1950, a arquitetura brasileira ansiava por mudanças, foi quando surgiu **Sérgio Bernardes** que trabalhava a questão da leveza propiciada pelas estruturas metálicas e buscava soluções que permitissem vãos livres cada vez maiores. Ele se destacou na arquitetura moderna e em Brasília.

**João Filgueiras Lima**, conhecido como Lelé, é um arquiteto que buscava resolver os problemas em seus projetos, colocando a tecnologia a serviço do bem-estar das pessoas. Foram as condições precárias do início da construção de Brasília que o levaram a se interessar pela pré-fabricação, pelo conforto térmico e pela ventilação natural nas edificações que projetava.

Lelé mudou-se para Brasília em 1957 e desenvolveu seus conhecimentos técnicos na construção da quadra 108 Sul. Na UnB, trabalhou com Niemeyer e foi o responsável pela difusão dos pré-moldados pesados de concreto. Entre outros, Lelé projetou apartamentos para os professores na UnB, o Hospital de Taguatinga e, mais tarde, os Hospitais da Rede Sarah com sede em várias capitais do país.

Em função de melhor entender o modernismo na arquitetura e urbanismo de Brasília, faremos um breve resumo da vida profissional do arquiteto Oscar Niemeyer.

Em 1937, Niemeyer fez sua primeira obra individual, usando concreto armado, já com influência de Le Corbusier, a quem fora apresentado por Lucio Costa com quem viajou a Nova York para elaboração do Projeto do Pavilhão Brasileiro na Feira Mundial em 1939.

Em 1940, foi convidado por JK, prefeito de Belo Horizonte na época, para fazer o projeto arquitetônico da Pampulha. Ele aceitou e a obra foi concluída e inaugurada em 1943, e se tornou referência para a arquitetura moderna brasileira.

Em 1956, já consagrado como um dos mais importantes arquitetos do Brasil, Niemeyer foi convidado novamente por JK, então Presidente do Brasil, para compor a equipe de construção da nova capital cujo plano urbanístico estava a cargo de LC.

Em 1958, foi nomeado arquiteto chefe da nova capital e mudou-se para Brasília. A partir de 1964, com o Golpe Militar no Brasil, Niemeyer teve de pedir demissão do Instituto de Arquitetura da UnB, onde era coordenador, juntamente com outros professores.

Niemeyer não teve condições de continuar no Brasil. Foi viver, inicialmente na França, depois em outros países, e dedicou-se a projetos internacionais ao longo dos quase 20 anos em que esteve afastado do Brasil. De volta, em 1980, reiniciou suas atividades e criou várias outras obras em Brasília e em outros estados brasileiros.

Faz-se necessário recordar que nosso objetivo não é mapear o ambiente cultural brasiliense, mas destacar os primórdios da cultura brasiliense e compreender as ligações da arquitetura com o povo, com o mundo e com o poder da nova capital diante das vozes e das vivências dos pioneiros entrevistados.

Mário Pedrosa relacionou a história da arquitetura moderna no Brasil ao pintor **Roberto Burle Marx**, que, em Brasília, viu a riqueza que a natureza oferecia à arte do paisagismo.

No entanto, Burle Marx teve uma relação conflituosa com Brasília desde o começo. Logo depois da divulgação do edital do concurso de criação do Plano Piloto, o paisagista criticou a falta de projeto paisagístico para a nova capital.

Após o desentendimento, recebeu o convite de Lucio Costa e projetou vários jardins em Brasília: os jardins do Palácio do Itamaraty, do Palácio da Justiça, do Palácio do Jaburu, do Teatro Nacional, do Tribunal de Contas da União, da Praça das Fontes (Parque da Cidade) e da Praça dos Cristais (no Setor Militar Urbano).

Ele também foi responsável pelo paisagismo da Superquadra 308 Sul, além das áreas verdes das embaixadas da Alemanha, dos Estados Unidos, do Irã e da Bélgica. O artista



deixou marcas de sua matéria-prima viva no Plano Piloto e inovou ao usar o buriti – uma espécie de palmeira – nos espaços urbanos.

Esse trabalho com a natureza deveria inspirar bem-estar, alegria e poderia alterar o cotidiano das pessoas que se deixam envolver pela Natureza se houvesse uma manutenção periódica nos jardins. Infelizmente, isso não ocorreu e pode-se ver em Brasília, A Praça das Fontes, por exemplo, totalmente abandonada.

A título de exemplificação da harmonia e beleza dos jardins de Burle Marx, segue a ilustração abaixo:



**Figura 40:** Praça dos cristais no Setor Militar Urbano – Brasília-DF

**Fonte:** [http://naterradoipe.files.wordpress.com/2011/08/dsc\\_0120.jpg?w=300&h=199](http://naterradoipe.files.wordpress.com/2011/08/dsc_0120.jpg?w=300&h=199) , acessado em 07/08/2012.

**Athos Bulcão** em 1958, entusiasmado com o sonho de Juscelino Kubitschek, transferiu-se para a nova capital. Em Brasília, foi parceiro, em várias obras, do arquiteto João Filgueiras Lima, colorindo edifícios com seus painéis. Com Oscar Niemeyer, deu luz, cor e vida a Brasília. Espalhado por jardins, igrejas, edifícios, e tudo o mais que pode ser chamado de espaço público, está o legado de Bulcão.

O artista, a convite de Darcy Ribeiro e Alcides da Rocha Miranda, lecionou, a partir de 1965, no Instituto Central de Artes da Universidade de Brasília. Seus trabalhos podem ser

vistos pela cidade de várias formas e em diversos lugares: fachada do Teatro Nacional, Memorial JK, sala de embarque do Aeroporto Internacional JK, paradas de serviço do Parque da Cidade, dentre outros.

Talvez este seja o artista que mais interage com a população de Brasília porque sua arte foi produzida industrialmente e utilizada pelos construtores de espaços populares por toda a cidade. É possível que se encontre muitas pessoas que não saibam da autoria dos azulejos, mas isso não impede que seus cotidianos sejam harmonizados pela alegria das cores e repetições das figuras de Athos Bulcão.

Exemplos da interferência da arte de Bulcão no dia-a-dia das pessoas podem ser vistos nas estações de metrô por toda a cidade. Na Igreja Nossa Senhora de Fátima está um de seus primeiros trabalhos em Brasília:



**Figura 41:** Pannel de azulejos de Athos Bulcão - Igreja Nossa Senhora de Fátima

**Fonte:** [http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/e/e0/Painel\\_de\\_azulejos\\_-\\_Athos\\_Bulcao\\_-\\_Brasilia.jpg/320px-Painel\\_de\\_azulejos\\_-\\_Athos\\_Bulcao\\_-\\_Brasilia.jpg](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/e/e0/Painel_de_azulejos_-_Athos_Bulcao_-_Brasilia.jpg/320px-Painel_de_azulejos_-_Athos_Bulcao_-_Brasilia.jpg), acessado em 20/10/2012.

Além dos painéis de azulejos, as obras de Bulcão acompanharam a modernidade e viraram logotipo de carro ( o Uno Mille), painéis de casas nobres e restaurantes requintados, como o Piantella e o Oliver, estampas de camisas, canecas, pratos, xícaras e o por último, em sandálias e tênis. Assim, a popularidade do artista ficou cada vez mais atual e de fácil acesso.

É possível ter nos pés vários painéis do artista como mostra ilustração:



**Figura 42:** Tênis com motivos de azulejos de Athos Bulcão

**Fonte:** <http://fundathos.org.br/loja/products/Skins.html#>, acessado em 20/10/2012.

Assim, pode-se afirmar que as obras de Burle Marx não atingiram a população como um todo porque os jardins de sua autoria foram mantidos somente os que estão em ambientes onde se concentram maior poder; no Itamaraty e em outros lugares. A Praça das Fontes, que poderia adicionar qualidade de vida ao povo, não atingiu sua função porque foi inteiramente abandonada.

Enquanto isso, as obras de Athos Bulcão atingiram a proporção popular, desejada pelos artistas, e ocupou vários espaços em Brasília, alegrando e modificando o cotidiano de quem transita pela cidade. Integrando arte e arquitetura, o artista agregou mais valor à arquitetura, contribuindo para a modelagem da visualidade de Brasília.

A população deve estar atenta para que não ocorra com as obras de Athos Bulcão o mesmo que ocorreu com alguns dos jardins de Burle Marx. É preciso proteger, conservar e valorizar as obras que fazem parte da história da capital.

### **8.1.3 Os pioneiros e a arte em Brasília**

Vários artistas elaboraram seus trabalhos voltados para os espaços ou os edifícios públicos da capital. Sabe-se que, por meio da arte, o homem pode compreender a realidade e transformá-la, se assim o desejar, e ela, que se apresenta como uma realidade social, precisa do artista consciente que exprime em sua obra os sentimentos, as relações e as condições da sociedade.

Nota-se que a arte tem a função social de trazer o conhecimento do mundo para que seja interpretado por certos observadores.

De acordo com a exposição sobre arte realizada nesta tese, Brasília foi um cenário onde estiveram a história e a arte como práticas sociais e culturais desde sua concepção,

inauguração e vivência durante a primeira década.

Não podemos nos esquecer dos artistas plásticos que deixaram suas obras de arte espalhadas por praças e prédios de Brasília. Destacam-se dentre as várias obras:

**Victor Brecheret:** *Eva e Nu Deitado* no Ministério das Relações Exteriores do Brasil; *Índia Potira* no auditório Dois Candangos da UnB; *A Justiça* na Praça dos Três Poderes e *Os Apóstolos* em frente à Catedral de Brasília.

**Marianne Perretti:** autora dos *Vitrais* da Catedral, do Panteão da Pátria, do Palácio do Jaburu, do Supremo Tribunal de Justiça, da Câmara dos Deputados, do Memorial JK e outros.

**Bruno Giorgi** deixou alguns monumentos públicos em Brasília: *Os Guerreiros*, conhecido como *Os Candangos*, na Praça dos Três Poderes, *Monumento à Cultura* na UnB e *Meteoro* no lago do edifício do Ministério das Relações Exteriores do Brasil.

A partir de agora, apresentaremos análises de obras e sobre as vivências de pioneiros entrevistados no sentido de que se possa entender melhor a produção escrita para e na capital.

Aline Feitosa, em sua monografia, fez uma afirmação com a qual concordam muitos estudiosos e pesquisadores:

“Brasília, mesmo antes de sua inauguração, já estava envolvida no mundo das artes. A cidade é considerada por muitos um museu a céu aberto, repleto de arte, encontrada desde sua arquitetura até os interiores de muitos prédios públicos e residenciais, nas praças e jardins permeados de esculturas”<sup>332</sup>

É provável que a expressão “um museu a céu aberto”, utilizada por Aline, traduza a ideia de que o projeto da nova capital ainda necessite de estudos voltados para a interferência da arquitetura e do urbanismo na vida dos habitantes da cidade.

É nesse sentido que iremos analisar a arte presente na memória dos habitantes e na leitura deles sobre a arquitetura de Brasília.

#### **8.1.4 Arte conforme conveniência**

Em busca da compreensão sobre a influência do Poder na arte produzida em Brasília, veremos como a arquitetura e o urbanismo da cidade refletiu nos pioneiros entrevistados a

---

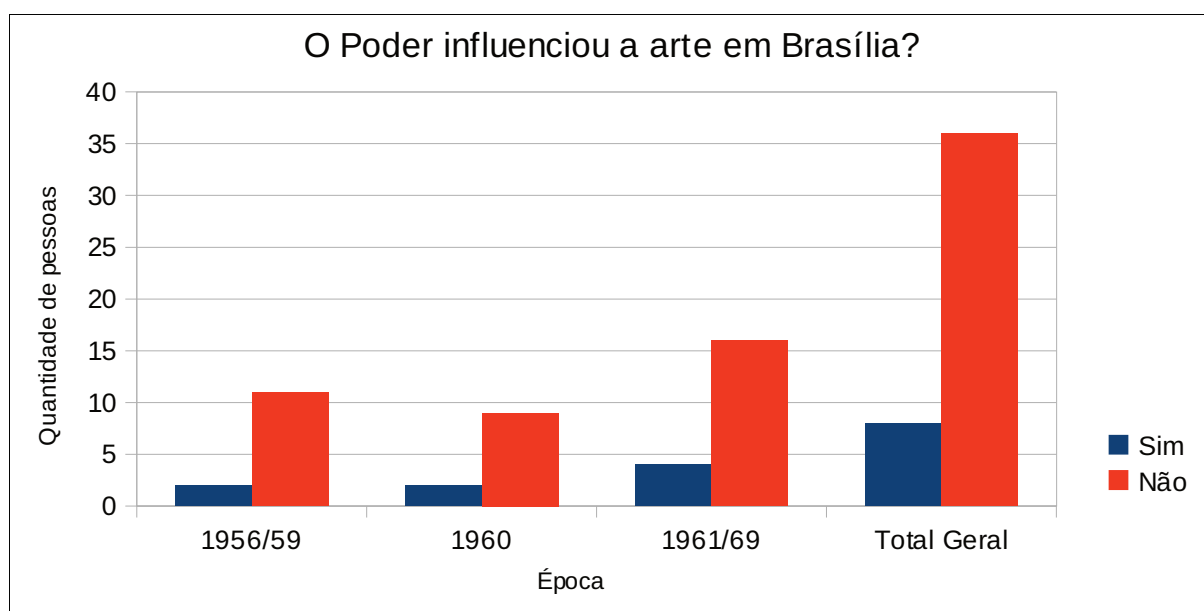
332 FEITOSA, Aline Nunes. *Athos Bulcão: sua arte e o turismo cultural em Brasília*, p. 12.

partir da análise da arte em suas vivências.

O urbanismo de Brasília será percebido como arte caso tenha sido pensado e organizado para o bem-estar das pessoas. Assim, a arquitetura representará o processo de organização da arte existente na cidade, e a vivência das pessoas deverá despertá-la.

Com o objetivo de visualizar melhor a análise sobre a influência do Poder na arte de Brasília, vejamos o gráfico.

**Gráfico XI – A influência do Poder na Arte de Brasília.**



Nota-se, que a maioria dos pioneiros entrevistados não reconheceram a influência do Poder na arte produzida em Brasília ou em seus artistas. São um total de 8 pioneiros que responderam positivamente, contra 36 que confirmaram não existir influência.

No período da construção da cidade, 1956-1959, somente 2 pioneiros entenderam que a arte é influenciada pelo Poder.

Para Frank Svensson, é muito comum em Brasília um artista produzir por conveniência:

“Isso existe, não são todos os artistas, mas é muito comum eles produzirem por conveniência. Brasília como capital também é privilegiada em receber manifestações artísticas de outros países de bom nível, dança, teatro, exposições. Eu tenho visto coisas sobre artistas que comprovam que eles usam de muitas artimanhas para conquistar posições e situações tanto no teatro como na música e na pintura também tem muita badalação.”<sup>333</sup>

A voz de Frank é clara. Viver junto ao Poder e não usufruir dele nas artes parece muito complicado. Ele sugeriu que as pessoas vivem superficialmente, de 'artimanhas', não investem em si, talvez não tenham ou não acreditem em seu potencial; pelo contrário, preferem buscar artifícios para conquistar um lugar na sociedade. Essa superficialidade é o que de verdade produzem e impõem à sociedade como se fosse arte. Essa cultura cômoda de aceitar a imposição do poder parece dominar Brasília.

No discurso de Fernando Lopes, cantor que chegou a Brasília em 1959, pode-se compreender melhor como o artista sobreviveu ao longo da construção:

“Observe bem, depende da pessoa, de como ela se projeta. Eu, por exemplo, fui, vamos dizer assim, da cozinha do Juscelino, convivi demais com os homens do poder. Depois veio a Revolução e eu, conhecido e taxado como 'puxa saco' do Juscelino, relatei-me muito bem com os elementos do poder militar. Cantei muito para dona Yolanda Costa e Silva. Nas festas beneficentes que ela produzia, eu estava junto, cantando. Então, é o cidadão que se aproxima, cada um é que tem de procurar seu lugar no espaço, eu cantei para o pessoal que derrubou o Juscelino. O poder não atrapalha a arte, o artista é independente em sua produção, o cantor em sua apresentação não diferencia o Presidente da República do candango.”<sup>334</sup>

Como o pioneiro disse, ele era da 'cozinha do presidente', ou seja, estava na posição de serviçal, e isso facilitava o exercício de sua função. Dessa ideia, desprende-se o modo pelo qual ele se projetou no Poder. Essa experiência é enfatizada por ele quando explica que 'cada um tem que procurar seu lugar no espaço' e conclui que ele soube cantar para JK e também para os militares, na época de Costa e Silva na presidência do Brasil.

Na verdade, o que o pioneiro está dizendo é que a concepção dele sobre arte é a da conveniência, ou seja, ele não praticava arte com liberdade, mas a vontade que o poder estampava nele.

Então, apesar de Fernando Lopes ter afirmado em sua entrevista que o artista era livre, inclusive na sua escolha de conformar-se com as conveniências que o Poder impõe, não foi o que de verdade ocorreu com ele.

---

333 Entrevista concedida à autora desta tese em 27/01/2010.

334 Idem, em 29/09/2010.



Considerando a voz do pioneiro, ele não exerceu a liberdade artística porque em nome da arte mostrou-se 'dependente' do Poder no momento em que cantava o que JK queria ouvir e depois adaptou-se à ditadura e continuou cantando o que eles queriam. Eram sistemas de governo diferentes, atendê-los de uma mesma forma é contraditório.

Ainda considerando os entrevistados durante a construção de Brasília, dos 13 no total, 11 revelaram que não havia nenhuma interferência do Poder na arte. Entre esses, alguns admitiram que a produção artística aumenta em momentos de crise no Poder, outros disseram que o contato direto com o Poder estimula o artista e pode servir de motivo para ele. Houve quem explicasse que o Estado não consegue atingir a todos e não tem esse controle.

Assim, percebe-se que a linha que unia o Poder aos artistas era densa e, mesmo quando se tentou negar, o Poder exercia muita influência na produção dos artistas desse período.

Prosseguindo com a análise sobre a influência do Poder na arte em Brasília, vejamos os pioneiros que chegaram no ano da inauguração, 1960. De um total de 11 pioneiros entrevistados, dois admitiram que o Poder influenciava na arte produzida na capital.

O discurso de Clóvis Sena é norteador para o entendimento dessa influência:

“Parece que Brasília leva o artista a ficar no 'fio da chapa branca', isto é, a coisa oficial, já conhecida. São sempre os mesmos ângulos, a cidade não oferece contraste, é sempre gente e paisagem. Só se alguém quiser pintar um mendigo em frente a cúpula do Congresso. Isso poderia ser demagógico também, o poder traz isso ao artista. Brasília tem esse perigo, esse risco, as formas de Brasília podem conduzir a arte.”<sup>335</sup>

'Chapa branca' remete-nos ao modelo oficial, de noticiário pró-governo. A expressão deriva das placas brancas que identificavam os veículos oficiais para a população. O que é oficial foi proposto pela autoridade ou pelo governo, não é, portanto, para ser debatido ou questionado.

Com a expressão 'fio da chapa branca', cotidiana para o jornalista, ele afirmou que Brasília não oferecia contraste, debate crítico ou antítese, o oficial era muito comum, igual e impedia a visualização da realidade, enfrentada pela população. A expressão é usada para dizer que não há lado político certo. O partido do governo é o melhor lado para se ficar, independente do partido que a pessoa pertença.

O Poder influenciava tanto que, na opinião do pioneiro, representava um risco para os

---

335 Idem, em 05/05/2010.

artistas que não tinham a liberdade necessária para produzir porque eram de alguma forma envolvidos pelo Estado, pela obrigatoriedade da tradução do 'oficial'.

O Poder e 'as formas de Brasília', a arquitetura e o urbanismo, portanto, podem atrair o artista e conduzir seu trabalho. Nesse sentido, a arquitetura da cidade seria o “risco” a que Sena se refere porque ela representa o Poder que impede o artista de criar e o remete a repetições ou a obras sem caráter artístico. Viver e trabalhar para a capital é complexo para o artista porque existe a interferência constante de uma 'maquiagem' na opinião do pioneiro.

Renée Simas, professora de artes, veio com a primeira turma de professores do Rio de Janeiro para Brasília em 1960. Ela narrou que seu desempenho profissional era difícil visto que preferia trabalhar com a criatividade dos alunos e, aqui, isso era complicado pois não havia empenho do MEC para as artes.

As escolas, de maneira geral, não ofereciam os instrumentos de que ela precisava para o desempenho do trabalho nem mesmo uma sala de aula destinada a esse fim.

“Eu só consegui pôr em prática aquilo que acreditava ser um ensino mais criativo porque uma das minhas alunas era filha de um dos coordenadores do sistema ligado ao MEC e ela tinha uma dificuldade motora com as mãos. Um dia, o pai dela entrou na sala e a menina estava rindo e desempenhando bem o trabalho com as mãos. Isso serviu para ele entender minhas solicitações e criar uma sala de artes específica para trabalharmos.”<sup>336</sup>

Mais uma vez, nota-se que a citação pode demonstrar o quanto o Poder influenciava na vivência, no cotidiano profissional de quem, de alguma forma, relacionava-se com arte.

No entanto, Renée, questionada sobre a influência do Poder na arte disse com toda segurança: “quem se sujeita ao poder não é artista. O artista é livre mesmo dentro de uma cela.”

Qualquer comentário é redundante diante da voz da pioneira. Ela é a comprovação de que a influência era um fato e que sua função, enquanto professora e cidadã, era exceder o limite do Poder. Antes, ela vivenciou o Poder representado por JK, “liberal de centro-direita e, em seguida, passou para a ditadura militar; autoritário de direita.

Outra pioneira dessa época, Maria Celi, sugeriu uma compreensão diferente sobre a questão. Segundo ela, Brasília ainda é recente para se afirmar sobre a influência do Poder na arte da cidade, entretanto admitiu que a proximidade do Poder, às vezes, motiva os artistas e, como exemplo, citou seus próprios documentários:

---

336 Idem, em 09/04/2010.



“... viver perto do poder não me inibe como artista, de jeito nenhum. Isso me anima e meus filmes são processos. Eu faço filmes como eu posso e outros vêm e estudam mais que eu estudei. (...) Aqui as pessoas e as culturas se misturam e nossos valores ficam mais firmes.”<sup>337</sup>

Na voz da pioneira, a liberdade que rege o artista é superior ao domínio do Poder, e essa foi a força surgida, de certa forma, a partir da miscigenação cultural que a capital proporcionou aos pioneiros. Maria Celi é autora de vários filmes sobre a capital, dentre eles está *Brasília feita por nós* de 1986. A autora mostrou o que existia no Planalto antes da construção da capital e a transformação do espaço em cidade.

Os outros entrevistados desse período disseram não perceber influências; admitiram não entender sobre o assunto, ou reforçaram que o artista tem liberdade para criar, fato que comprova o não entendimento deles sobre a questão feita.

Por fim, vejamos como os pioneiros entrevistados observaram o assunto durante a primeira década da existência da nova capital.

Desse período, 20 pioneiros foram entrevistados e, a maioria, 80% deles, responderam não à questão, enquanto somente 20%, disseram sim. Isso poderia confirmar a não interferência do Poder na arte, todavia, vejamos como alguns pioneiros responderam:

1 – Luís Humberto fez sua avaliação diante da realidade que observou em seu trabalho com a arte fotográfica exercida na UnB:

“... em determinados momentos, o poder se coloca como elemento restritivo ao processo de criação. A forma com que a Universidade de Brasília é tratada, ela que deveria ser uma fonte inspiradora e criadora, é um exemplo disso. Ela nunca tem verba para pagar luz, água e outras coisas porque o governo não repassa o dinheiro necessário.”<sup>338</sup>

Sabe-se que o conhecimento pode representar uma arma para o Poder. A UnB foi pensada e construída para servir de laboratório de experimentações para artistas de diversas áreas e, devido a essa proposta, sempre foi focada pelo Poder. Ato que prejudicou o funcionamento da instituição.

A voz de Luís Humberto é determinante: o Poder influencia tanto em Brasília que nem mesmo a inspiração do artista está livre dele.

2 – Gisele Santoro visualizou o tema sob outro aspecto:

---

337 Idem, em 10/06/2010.

338 Idem, em 06/04/2010.

“... as pessoas se apoiam no poder e a coisa fica muito limitada, fica-se dependente da vontade do governo porque não tem produtores com força suficiente porque o negócio é o seguinte: muitos produtores de outros estados já me disseram que eles não gostam de vir para Brasília, a não ser por prestígio em determinados momentos políticos, porque aqui acontece o que não ocorre em outros lugares. Quando eles chegam, se é um espetáculo de nome, muita gente pede ingresso, são muitos convidados e os lugares a venda ficam muito caros. (...)  
O nosso teatro é feito para a elite, não tem balcões, plateias e galerias. Assim mais pessoas teriam acesso ao bem cultural, iriam de acordo com suas possibilidades econômicas. ... O poder influencia até nisso, com um teatro pequeno, distribui-se entradas para autoridades, que são muitas e, às vezes, não comparecem, e ficam lugares vazios, fato que não transparece a realidade.”<sup>339</sup>

A pioneira também vivenciou o primeiro ano de funcionamento da UnB, mas falou nesse discurso, sobre sua experiência no Teatro Nacional. Segundo ela, o Poder impede que a população em geral frequente o teatro porque provoca um processo de elitização nas apresentações.

No discurso de Gisele, percebe-se que o Poder influenciou na cultura de forma definitiva. Será que essa interferência não teve início desde o lançamento das ideias para o projeto de Brasília?

3 – No que diz respeito à pintura, Glênio Bianchetti foi incisivo ao responder sobre o domínio da arte pelo Poder:

“Eu colocaria aí as conveniências de cada artista porque a criação depende de cada um. Por exemplo, eu nunca pensei no poder, nunca influenciou nem contra nem a favor. A produção precisa estar isenta de qualquer ligação com o poder. Há artista que vive do trivial, da aparência e são muito influenciados, são as pinturas que estão na moda.”

Na opinião de Bianchetti, o Poder não influencia o artista engajado na arte, mas em se tratando de pintores, ele afirmou que isso depende de cada um. Há pintores que se deixam influenciar porque lidam com a aparência, com a mediocridade e não com a arte.

Sabe-se que em toda a profissão existem os medíocres e, segundo Bianchetti, há os que pintam somente com o objetivo de venda ou porque determinado tema está na moda. E, em Brasília, isso também existe.

4 – Por último, Henrique Goulart Gonzaga Júnior, Gougou, quando entrevistado, disse sentir-se muito à vontade para tratar sobre esse assunto porque, como artista, sofreu essa influência. Ele atribuiu esse problema à forma com que o Poder procede em relação à cultura:

---

339 Idem, em 06/05/2010.

“Eu tenho muitas restrições ao poder público, sobretudo na área da cultura. Eu acho que eles manipulam. As pessoas destinadas a trabalhar com a cultura não têm nenhum compromisso e não entendem nada de cultura.

Na época da construção de Brasília, grandes artistas vieram para a cidade: Athos Bulcão, Bruno Giorgi e Alfredo Ceschiatti. Esses três foram os mais significativos, mais representativos, mas a arte não pode se resumir a três personagens. O tempo passou e Brasília já tem 50 anos e até hoje parece que não se criou outros artistas. Eu não acredito nisso. Não se deu espaço, é uma luta desigual que se dá entre o Estado e a arte, ... Eu acho que poderiam abrir todos os espaços vagos, como jardins ... para colocar obras de arte, mas não querem, a cidade fica engessada na arte moderna, não há nada para a arte contemporânea.<sup>340</sup>

Gougon acrescentou um fato novo à discussão: a questão da manipulação do artista pelo Poder. A cultura não é própria de um tempo ou de um espaço, ela é livre e mutável e, nesta tese, terá um conceito contemporâneo, baseado na arquitetura e no urbanismo da nova capital e na vivência de um grupo pioneiro entrevistado.

O pioneiro apontou uma luta entre o Poder e a arte cujo vencedor é o Poder que não permite a arte modificar-se e adequar-se à sociedade contemporânea. Ele, enquanto artista plástico, lutou e não conseguiu atingir seus objetivos e sentiu-se prejudicado de todas as formas pelo Estado.

Um total de 82% dos pioneiros entrevistados negaram a influência do governo na arte. Afirmaram que a liberdade dos artistas prevalece, que essa leitura é da cidade tradicional e não de uma cidade moderna como Brasília. Os outros 18% dos entrevistados admitiram a influência, mas disseram não se tratar de algo significativo.

Diante desse resultado e das vozes dos pioneiros, artistas de áreas diferentes, destacados acima, entende-se que a maioria dos entrevistados não compreenderam o sentido da pergunta e por isso disseram que a arte não sofreu influência do Poder em Brasília. É inegável que a arquitetura e o urbanismo da capital é a expressão direta do Poder. Todas as decisões para a construção e inauguração da cidade vieram do presidente JK. O todo da arte de Brasília tem origem no Poder, uma vez que os artistas foram convidados para prestarem serviços na e para a cidade.

Acredita-se, diante das vozes dos pioneiros entrevistados, que cada vez mais a arquitetura e o urbanismo da nova capital é percebida como influência direta do Poder na formação da sociedade cultural da cidade. E também, que a arquitetura e o urbanismo de Brasília contribuiu para a formação de uma sociedade elitizada e dominada pelo Poder preponderante na capital desde sua concepção.

---

340 Idem, em 29/06/2010.

### 8.1.5 A arte na Universidade de Brasília

Segundo Victor Alegria, morador da cidade desde 1963, “todo mundo participava da UnB” e ele observava muito entrosamento entre a população e a universidade.

Alguns dos pioneiros entrevistados relataram a importância da UnB para o desenvolvimento da arte e da cultura em Brasília. Entre eles estão três professores que participaram da fundação do Instituto de Artes e do Departamento de Letras da universidade: Glênio Bianchetti, Luís Humberto e Santiago Naud.

O primeiro semestre da UnB começou, logo após a inauguração, em abril de 1962. Foram 413 alunos matriculados, e as aulas eram ministradas, inicialmente, no 9º andar do Ministério da Saúde. Alguns professores discordavam dessa solução apresentada por Darcy Ribeiro por pensarem que a universidade como estava, em obras, servia como um aprendizado real, e as aulas para as disciplinas de Artes e de Arquitetura passaram a ser ministradas no campus.

A imagem mostra o estágio da obra do Minhocão logo após a inauguração da universidade.



**Figura 43:** Construção do Minhocão, principal prédio da UnB.

**Fonte:** [http://images.ig.com.br/publicador/ultimosegundo/453/202/0/7567056.minhocao\\_172\\_249.jpg](http://images.ig.com.br/publicador/ultimosegundo/453/202/0/7567056.minhocao_172_249.jpg), acessado em 10/11/2012.

Glênio Bianchetti, um dos fundadores do ICA (Instituto Central de Artes), foi um dos professores que preferiu ministrar aulas na própria UnB. Ele falou como foi seu trabalho inicial na universidade:

“Não havia sala de aula na UnB e as primeiras aulas que eu dei foram no cerrado com o pessoal sentado em baixo de árvores e as máquinas trabalhando na construção em volta. Era uma loucura mesmo, mas era bom. Nós acreditávamos no que fazíamos.”<sup>341</sup>

Por acreditar que Brasília, naquela época, representava um renascimento do Brasil, o artista plástico utilizou o campus como laboratório para difundir sua arte. Bianchetti disse que não conseguiria reproduzir aquela época, mas era magnífico o resultado de seu trabalho.

Luís Humberto, pioneiro entrevistado e professor do mesmo Instituto, confirmou o entusiasmo que pairava entre os docentes dessa época:

“O trabalho era qualquer coisa que enchia nosso coração, as condições eram muito boas e vivíamos um momento de paixão, algo muito forte e a consciência de que a gente estava fazendo alguma coisa e que era importante. Estava-se construindo uma grande reforma do ensino superior no Brasil.”<sup>342</sup>

O professor, além de ter certeza de que vivenciava um momento histórico único, pressentia sua participação num momento de transformação no ensino superior brasileiro que começava na capital, construída no interior, com probabilidade de irradiar-se por todo o país.

Ao tratar da reforma universitária, Darcy Ribeiro relacionou as várias tentativas já feitas de romper com uma estrutura obsoleta do ensino superior e as resistências que não foram vencidas. Ele afirmou que a UnB seria uma versão nova do ensino de que o Brasil precisava:

“Não se trata de saber se convém ou não criar mais uma universidade, nem de examinar a capacidade de recuperação das nossas escolas superiores, mas de reconhecer que, construindo-se uma cidade no centro do país e nela instalando o governo da República, se tornou inevitável a instituição ali de um núcleo cultural a que não pode faltar uma universidade.”<sup>343</sup>

Nota-se que a ideia de que a universidade exercesse o papel de fonte cultural para a cidade e para o país vem de sua origem, e a constituição de seu corpo docente foi voltada para esse fim.

Nesses parâmetros, o ICA pretendia unir a Escola de Belas Artes à Faculdade de Arquitetura e, para isso, o idealizador e reitor da UnB conseguiu montar uma equipe de talentos, a saber:

341 Idem, em 31/03/2010.

342 Idem, em 06/04/2010;

343 RIBEIRO, Darcy (org.). *Universidade de Brasília: projeto de organização, pronunciamento de educadores e cientistas e Lei nº 3.998 de 15 de dezembro de 1961*, p. 18.

“As aulas de escultura eram dadas por Alfredo Ceschiatti. Athos Bulcão e Glênio Bianchetti eram professores de pintura. Marília Rodrigues era a responsável pelas aulas de gravura em metal.

Luís Humberto Marins Pereira e Elvim Donald Dubugras, de Desenho e Plástica. Cláudio Santoro e os irmãos Duprat, Régis e Rogério, ensinavam música. O curso de Cinema tinha o cineasta Nelson Pereira dos Santos e o crítico Paulo Emílio Salles Gomes. O ICA contava ainda com professores como o artista plástico Hugo Mund Júnior e os célebres arquitetos Edgar de Albuquerque Graeff, José Zanine Caldas, João da Gama Filgueiras Lima (Lelé) e Oscar Niemeyer.”<sup>344</sup>

Santiago Naud trabalhava no curso de Letras da universidade e disse ter optado por continuar seu trabalho como forma de resistência:

“Eu não me demiti, em 1965, da UnB, porque minha resistência era o que eu podia oferecer aos outros professores. Eu não transformei a minha aula em doutrinação política, estudei e busquei a verdade científica do pensamento humano.”<sup>345</sup>

O professor acreditava que era possível vencer a estupidez do homem com o uso da inteligência. Com essa iniciativa ele permaneceu na UnB, durante a crise. O professor terminou saindo da universidade, porque o Centro de Estudos Clássicos e Lusitano foi extinto pelo interventor Azevedo. Contudo, o prof. Santiago já havia atingido seu objetivo e continuou sua vida profissional em outras instituições.

Outros pioneiros entrevistados participaram dessa instituição como estudantes. Rubem de Azevedo Lima afirmou ter feito parte da primeira turma:

“As pessoas vinham de longe e se conheciam aqui e a Universidade de Brasília era um espaço de encontro e de aprendizagem importante. Fui da primeira turma da universidade, de 1962, as aulas, em 1963, eram no auditório do Ministério da Saúde. Todos iam assistir às palestras de Agostinho da Silva, ele era muito admirado.”

Mesmo com as dificuldades do momento inicial, percebe-se, na voz do pioneiro, que as pessoas buscavam a universidade acreditando que ela representava uma cultura diferenciada. O pioneiro presenciou a disponibilidade das pessoas para que a UnB atingisse sua função maior, de gerar subsídios para um Estado brasileiro moderno e original, voltado para o bem da coletividade.

A integração entre professores e alunos era extraordinária e permitia uma troca constante de aprendizagem. As pessoas viviam na universidade, que funcionava em período

344 MAGNO, Ana Beatriz. *Universidade da Arte*. In Revista Darcy nº 4, agosto e setembro de 2010, p. 44.

345 Idem, em 06/10/2009.

integral, e havia projetos no ICA para incentivar o público da cidade e os artistas de fora a participarem do crescimento da UnB.

Gisele Santoro, que veio a Brasília para implantar o Departamento de Música na UnB, relatou que ela e Cláudio Santoro casaram-se em 1963 e viajaram para o exterior a fim de conseguir doações para o Departamento que estava em construção. Eles não mediram esforços para esse fim.

Maria Celi foi uma pioneira que também presenciou o princípio do ICA e falou sobre sua experiência:

“Na Universidade, eu podia estudar Língua Portuguesa com prof. Agostinho da Silva, os mitos gregos com Eudoro de Souza, podíamos transitar dentro da universidade. Nos sábados, pela manhã, havia concertos no Departamento de Música e nós íamos pra lá ouvir música. Eram muitas pessoas deitadas na grama, atentas às músicas do maestro Cláudio Santoro. Havia um curso de cinema na 308, dado por Paulo Emílio Sales, e todas as pessoas podiam fazer...”<sup>346</sup>

O relato da pioneira está repleto de boas lembranças de seus estudos na UnB. No entanto, essa universidade passou por circunstâncias críticas logo após o Golpe Militar. Ainda em fase de formação, ela sofreu ataques, invasões e os professores tiveram dificuldades para exercer suas funções conforme relataram alguns alunos que os apoiaram na época.

O sonho do ICA terminou em 1965 com a demissão de 223 professores, devido à perseguição política promovida pela ditadura militar que regia o país.

Gougon foi aluno da UnB em 1965, antes da demissão em massa dos professores, destacou a universidade como polo cultural da cidade:

“A UnB sempre foi um polo cultural e de discussão política. Eu, que morei lá dentro, por exemplo, muitas vezes ia à tarde para o Auditório Dois Candangos onde havia aula de Paulo Emílio Salles Gomes para alunos de cinema e curti muito as explicações. Nos anos 60, a Universidade funcionava assim, voltada para a comunidade. Todos os sábados pela manhã, no auditório de música tinha concertos da orquestra de cordas de Cláudio Santoro, e os estudantes enchiam todo o ambiente e ao redor para ouvir. Era uma vida cultural interessante na UnB. E me parece que isso acabou.”<sup>347</sup>

Gougon deixou transparecer sua alegria por ter assistido ao crescimento da universidade de perto e mostrou sua tristeza pela modificação e empobrecimento cultural que ele observa nos dias atuais na UnB.

---

346 Idem, em 10/06/2010.

347 Idem, em 29/06/2010.

As invasões de 1968 na UnB foram presenciadas por Antônio Carlos Carpintero, Lúcia Garofalo, Lucília Garcez e Jaime Almeida que não sofreram danos físicos visíveis, mas viveram num clima de muita pressão. As paralisações, que já ocorriam na universidade, prejudicavam os alunos; além disso, eles viviam em constante estado de tensão porque ouviam tiros durante as aulas e ocorria de não mais se encontrarem com determinados colegas.

A universidade possui um acervo de 1.100 obras de arte. O conjunto inclui as coleções de arte etnográfica e popular da Casa da Cultura da América Latina (CAL) e os livros da seção de obras raras da Biblioteca Central (BCE), mas possui também uma série de desenhos, gravuras e esculturas assinados pelos artistas mais importantes da história recente do Brasil. Foram catalogadas em 1996, por uma equipe de professores e funcionários da UnB ligados à área de conservação e restauro.

Algumas esculturas podem ser vistas pelo campus. Na frente do auditório Dois Candangos, por exemplo, está a Índia Potira, escultura em bronze de Victor Brecheret. Mais adiante, na Faculdade de Educação, o Monumento à Cultura, de Bruno Giorgi. É preciso força de vontade para apreciá-lo, já que o abandono e o descuido encobrem a peça. Na BCE, logo na praça da entrada, está a Minerva, de Alfredo Ceschiatti enfeitando o local.

Embora alguns bons exemplares do acervo estejam ao ar livre, é no interior dos prédios que está a maior parte desse tesouro. Quem circula pela reitoria e faz uma visita ao vice-reitor pode apreciar uma gravura de Tarsila do Amaral. O recinto das obras raras da BCE tem Di Cavalcanti, Livio Abramo, Mário Cravo Júnior, Iberê Camargo, Djanira, Aldemir Martins, Clóvis Graciano e Cândido Portinari. São gravuras concebidas para ilustrar edições especiais de livros de autores brasileiros.

Aos olhos dos pioneiros entrevistados que estiveram, de alguma forma envolvidos com a UnB, há uma unanimidade com relação aos grandes artistas que lá trabalharam e sobre a importância da universidade para a cultura de Brasília como afirmaram professores, estudantes e Gisele Santoro.



## 8.2 Documentários sobre Brasília

Vários são os pioneiros que homenagearam Brasília em suas obras. Uns escreveram poemas para a cidade, outros a retrataram em filmes, documentários ou em mosaicos distribuídos pelas ruas. Neusa França escreveu a letra do Hino de Brasília e vários outros hinos para escolas da cidade.

Vejamos alguns poemas e trabalhos realizados por pioneiros entrevistados que fazem parte da cultura primordial de Brasília:

### 8.2.1 Anderson Braga Horta

Seguindo a análise de obras voltadas para a construção e desenvolvimento da nova capital, em 1964, Anderson Braga Horta escreveu um poema pelos padrões modernos, constituído de onze fragmentos, intitulado “Altiplano”. O autor descreveu o poema como “uma espécie de saga de Brasília, o território, o ermo.”

Para a análise que se inicia, foram considerados apenas alguns fragmentos destacados do poema *Altiplano*:

“ANTES do começo,  
era o sertão, só e ríspido.  
Vegetais cheios de ódio fitando os céus impossíveis  
e apontando a terra sáfara.  
Dedos torcidos de séculos.  
Bênçãos dissimuladas sob a raiva.  
Natureza virgem à espera da posse.

( ... )

A EROSÃO comera o ventre da terra  
e chupara-lhe as lágrimas.  
De outras terras também calcinadas  
o húmus viria:  
mãos nodosas, magras mãos,  
mãos rudes, mãos férreas,  
- mãos -  
com o próprio  
sangue ralo de anemia  
regarão o alheio dia.

( ... )

E VIERAM os primeiros peões.  
E vieram  
e voltaram  
no périplo (sem portos)

da fortuna.  
 E vieram  
 e voltaram  
 e vieram  
 no fluxo e refluxo  
 da fome.  
 E vieram  
 e ficaram  
 plantados,  
 árvores migrantes  
 torcidas de séculos -  
 enraizando, úberes, dedos  
 salgando impossíveis céus.

TODAS as peças  
 no tabuleiro.  
 Reis, bispos, torres.  
 E os cavalos.  
 À frente – os peões.

A batalha começou  
 sem que ninguém desse por isso.  
 E em lances bruscos  
 a cavahada,  
 dos flancos,  
 da retaguarda,  
 salta  
 e atropela peões em marcha. ...”<sup>348</sup>

Antes de iniciar a análise do poema Altiplano, vejamos o Epitáfio de Rilke, um dos poemas mais contraditórios que conhecemos:

#### EPITÁFIO DE RILKE

Rainer Maria Rilke  
 4 de dezembro de 1875 – 29 de dezembro de 1926

ROSE, OH REINER WIDERSPRUCH, LUST  
 NIEMANDES SCHLAF ZU SEIN UNTER SOVIEL  
 LIDERN.

Rosa, oh pura contradição, prazer  
 de o sono de ninguém sob tantas  
 pálpebras ser.”<sup>349</sup>

Não nos propomos a analisar o poema de Rilke, que apesar de tão pequeno requer muita dedicação e inspiração para entender, mas somente apresentar a ideia central da contradição que ele traz. O Epitáfio de Rilke inspirou alguns poetas brasileiros. A rosa como

348 OLIVEIRA, Joanyr de. *Poemas para Brasília*, p.78-82.

349 RILKE, M. Rainer, *Poemas*, p. 281.

símbolo de vida e de morte revela a contradição entre sono (vida) e morte que ninguém consegue ver, mas que pode ser sentida.

O poema *Altiplano*, que se propõe a narrar a história da construção de Brasília, também é baseado em contradições reveladas sob outros aspectos. O poema é formado por onze partes, das quais foram destacadas para esta análise: a primeira, a quarta, a sexta e a sétima. Todas as partes são iniciadas com as palavras em caixa alta que remetem ao conteúdo da estrofe. Os versos são brancos e, na maioria, livres.

Trata-se de um poema narrativo com história, com descrição e com crítica. Mas é um poema com ideias contraditórias, salientando a construção e a sociedade dominante em Brasília e o período da ditadura. A cidade tinha ainda muito a realizar no sentido da afirmação nacional quando foi dominada pelos militares. O poema foi escrito em fevereiro de 1964, poucos dias antes da Revolução Militar, e este é o motivo das críticas surgirem de forma velada.

A primeira parte descreve o espaço escolhido para a construção da cidade, da aspereza do sertão, da terra deserta. É autoritário no início ao decretar: “ANTES do começo,/ era o sertão, só e ríspido. /Vegetais cheios de ódio...”. Antes do começo da construção da nova capital já havia coisas e pessoas no espaço escolhido e as árvores eram retorcidas porque estavam no cerrado e não por estarem com raiva. Muito pelo contrário, o espaço escolhido para a edificação da nova capital era rico e a natureza bela.

Essa primeira estrofe trata, também, do misticismo que havia em torno da construção depreendido a partir 'da bênção'. A história mística de Brasília conta que Dom Bosco dizia ter sonhado com uma espécie de terra prometida para uma civilização do futuro, de onde jorraria leite e mel, que nasceria situada entre os paralelos 15° e 20°, às margens de um lago. Isso ocorreu em 30 de agosto de 1883 e, por volta da inauguração de Brasília, falava-se muito sobre o sonho do santo. Além disso, 'a bênção' lembra o sinal da cruz, presente no projeto de LC e, nesse caso, indicaria posse.

A primeira estrofe tem início com o vocábulo 'ANTES', indicando o tempo anterior à construção da capital e denota a vida no interior do país, a natureza e o terreno. Nesse mesmo tempo, os vegetais têm sentimento ruim. Eles não deveriam sentir ódio porque o sertão e o céu eram deles. Há uma contradição entre o que está sendo dito e a natureza do interior do Brasil. A Sensação que se tem é que os vegetais foram animados com os sentimentos humanos daqueles que ocupavam o espaço antes da chegada dos urbanos.

Os 'dedos torcidos de séculos' surgem como referência ao cerrado que no poema está abençoando a natureza que está 'à espera da posse'. Essa ideia de espera é outra contradição porque a pureza da natureza denota que nunca fora explorada, mas isso não significa que ela esteja à espera para ser possuída por alguém.

A natureza pode também estar sendo comparada à Mãe de Jesus que tem o poder de abençoar a todos. Outra incoerência acompanha este ato porque esta mãe não abençoa com a pureza das mães, as bênçãos são 'dissimuladas sob a raiva'. Essa incoerência é que mostra as ideias que deram início à Brasília. Não parece real porque as dúvidas que se tinham em relação à construção não eram dissimuladas, mas reais, eram relacionadas ao melhor lugar; enfim, eram verdadeiras. Não transmitiam raiva ou outro sentimento.

Na quarta parte, observa-se o início da obra, representada pela 'EROSÃO' que leva o ventre da terra, mostrando a vastidão e a infertilidade do Planalto Central que assumiu o corpo de uma mulher. O trabalho de fecundar a terra é feito pela natureza humana, pelas “mãos nodosas/magras mãos”, ou seja, por homens acostumados a uma alimentação deficiente e a trabalho duro. O que leva a pensar que o filho pode nascer fraco, insalubre ou não vingar.

Dessa metonímia, figura de retórica que consiste no emprego de uma palavra por outra com a qual se liga por uma relação lógica ou de proximidade, entende-se que os operários envolvidos com a construção eram pessoas que chegaram do interior, acostumadas a todo tipo de trabalho pesado, por isso possuíam 'mãos nodosas e magras', calejadas pelo cotidiano difícil. Muitos eram agricultores porque foram descritos como rudes, adjetivo que denota indelicadeza, rispidez. Entretanto, surge uma contradição na representação dos operários eles são fortes (*mãos férreas*) e fracos (*mãos anêmicas*). Como imaginar uma criatura como essa?

Essa contradição pode denotar que os operários nem sempre eram bem recebidos ou que eram pessoas fortes que após a construção tornar-se-iam fracas, insalubres, devido ao grande esforço a que eram submetidos.

A força desses operários poderá ter sido gasta em vão, à medida que o sangue deles 'regarão ao alheio dia', ou seja, aos que os submetiam aos trabalhos pesados, à elite. Essa visão remete-nos aos trabalhos forçados a que os escravos foram submetidos no Brasil. Em seguida, observam-se as chegadas e saídas de pessoas à procura de trabalho, de uma vida digna, mas, principalmente, as chegadas dos mortos de fome que fugiam da seca nordestina: 'no fluxo e reflexo da fome'.

Houve aqueles que chegaram e não mais saíram, tornaram-se parte daquela natureza

narrada na primeira estrofe, e se enraizaram na capital.

Na parte final, observa-se um tabuleiro de xadrez completo: 'TODAS as peças/no tabuleiro'. Estranho esse tratamento, “peões”, porque em Brasília os operários da construção civil eram chamados 'candangos' e não peões. A palavra pode referir-se a peças menores do jogo de xadrez, a homens fortes, amansadores de cavalos ou burros; enfim, trabalhadores rurais.

Em ambos os sentidos 'peões' são peças de fácil manuseio, pessoas de pouca ambição e pouco valor, mas possuidoras de força braçal, representantes da maior urgência para a realização do desejo de JK e fazer conhecer o projeto de LC.

Trata-se de uma visão que parece remontar a origem, aos latifundiários, talvez borrifada por um certo preconceito, ou distanciamento e pouca intimidade com pessoas interioranas e, principalmente, a invasão do capitalismo na mente dos mais simples.

As idas e vindas dos peões são comparadas a viagens de circum-navegação da fortuna. São homens famintos à procura de melhorias ou de um lugar para ficar em definitivo. No final dessa parte, esses homens acabam plantados em terras férteis e se tornam árvores, produto natural do espaço. Essa é a representação quantitativa dos migrantes, trabalhadores da construção civil que doaram suas essências para a nova capital, fizeram parte dela como fertilizantes.

No jogo de xadrez, os peões estão à frente dos cavalos. Essa imagem poderia sugerir que os peões seriam os condutores da batalha que seria travada na construção, mas o que surge são cavalos atropelando os peões porque, como no jogo, os peões são em maior número e possuem menor valor. São os dominantes, os poderosos, dominando os operários. Trata-se, portanto, da imagem da Casa-Grande e Senzala tratada nesta tese, no sentido de que os moradores de classe social mais elevada estão sempre dominando os menores.

Nota-se, também, nessa passagem, uma crítica ao ocorrido com trabalhadores no refeitório da construtora Pacheco Fernandes, em que teria ocorrido um massacre, num embate entre operários (peões) e guardas (cavalos) da GEB – Guarda Especial de Brasília.

Assim, surge Brasília alheia a todos os acontecimentos, contraditória e alusiva ao futuro próspero que seus idealizadores esperavam. Descrita numa forma contraditória e, às vezes, difícil de compreender, numa visão de funcionário público que chegara a Brasília, em 1960, para servi-la e relatou, de sua maneira, o que pensava e vivenciava na capital recém-inaugurada.

### 8.2.2 Alan Viggiano

Outro pioneiro que se referiu à Brasília em sua obra foi Alan Viggiano. Em seu poema, “Uma canção das Estradas”, Alan busca a harmonia do amanhecer em Brasília a partir de uma viagem pelas ruas da poesia que o levam pelo Brasil afora e, mais tarde, de Minas Gerais a nova capital. Vejamos o excerto do poema que está num livro cujo título é o mesmo:

Uma Canção das Estradas

Da cidade geométrica  
sinfônica e patética  
o matutino esplendor.  
Ainda gritam céus e maios  
em crepuscular estertor.

(...)

A cidade nasce  
como o universo nasceu:  
vermelhos sóis explodindo,  
explodindo, explodindo...

Da minha cápsula  
de troglodita urbano,  
assisto ao genesíaco  
mergulho, resoluto,  
no atômico.

Da cidade geométrica,  
sinfônica e patética,  
o noturno esplendor.  
Inda gritam céus e maios  
em crepuscular estertor.<sup>350</sup>

No título, está a indicação de um procedimento para alcançar um fim, “Uma Canção da Estrada”. Assim, o som produzido pelo ir e vir de quem procura caminhos, soluções para suas vidas pode estar nas estradas que levam a vários lugares, no caso desse poema, as estradas levam à capital do país.

Na primeira estrofe, a canção surge das linhas proporcionais do projeto de Brasília e projeta o dia e a noite. O canto das linhas é percebido a partir de sons harmônicos, comoventes, associados ao nascimento do sol deslumbrante da cidade.

Nesse ambiente de harmonia, passa o dia e surge a noite, que deveria ser musical, mas ela grita, agonizante, talvez tenha urgência em demonstrar algo.

O substantivo 'céu' usado no plural pode exprimir admiração. O mês de maio traz para

---

350 VIGGIANO, Alan. *Uma Canção das Estradas*, p. 38-57.

os brasileiros grandes datas comemorativas: é o mês destinado a 'Maria', a mãe de Jesus, e por isso é também, o mês das noivas. O segundo domingo é destinado às mães. Enfim, acredita-se que esse mês é especial para a família brasileira.

Maio é o quinto mês do calendário gregoriano e possui, segundo registro na Wikipédia\*, duas origens. Na primeira versão, o nome seria derivado da deusa romana da fertilidade **Bona Dea**, e, na segunda, a origem teria sido da deusa grega **Maya**, mãe de Hermes. Maya é também deusa da fertilidade. Maio é época de beleza no Brasil, é o outono, véspera do inverno e as folhas das árvores estão amarelas, caindo, é um período lindo e não representa a morte, muito pelo contrário, traz a fartura das colheitas.

Nessa acepção, os gritos não seriam de agonia, mas de prazer durante uma noite de amor, num dia fértil da mulher, (a cidade) que deveria ser fecundada pela beleza e harmonia vista em seu brilho intenso.

Entretanto, o sol brilha para a cidade, representado o sol pelo amanhecer, mas traz a morte para a natureza que surge no anoitecer quando a escuridão não deixa o homem enxergar mais nada. O nascimento é representado por uma sequência de explosões que estão relacionadas com os fortes raios solares. O nascimento não transmite a alegria esperada e, também, não afetou o 'eu' por estar protegido pela 'cápsula de troglodita urbano'.

Há uma visão individualista do ser que se mantém protegido, a parte dos sofrimentos a que seres desprotegidos estão submissos.

O vocábulo troglodita confirma: o 'eu' sente-se distante, não pertence àquela realidade, mas observa a cidade ao mesmo tempo em que se entranha em seu projeto, em sua arquitetura, talvez em busca de refúgio para sua realidade.

Uma vez que o troglodita passa a pertencer à cidade, a música que ela produz e a vida que ela recebeu da prancheta do criador coincidem-se e surge Brasília. Nesse momento, o sol se põe e vem a noite, apesar dos gritos da natureza que não aprova a transformação de seu filho (o troglodita) e reclama, chora, sem ser ouvida.

Essa canção está embalada pela natureza, reclamando, despedindo-se ao ser tomada pela construção da capital. O 'eu' transmite o sofrimento da natureza ao pioneiro, que se identifica com a escuridão, com a morte e finaliza o poema mostrando dias e noites (matutino e noturno) numa constante agonia da natureza presenciada pelo homem que explode tudo para impor sua vontade.

---

\* Pesquisa realizada no site <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Maio>> , acessado em 30/10/2012.

Alan Viggiano mostrou em sua poesia uma certa angústia causada aos habitantes pela arquitetura e urbanismo de Brasília que parece não se identificar com a população como um todo. E, uma vez que ocorre essa falta de identificação, é como se a pessoa, o habitante, estivesse dentro de uma cápsula de onde lhe fosse possível observar e resguardar-se da ação da cidade.

A cápsula pode ser representada pelo serviço público que não permitiu ao 'eu' revelar coisas que o comprometeriam diante do Poder para o qual prestava serviços.

### 8.2.3 João Carlos Taveira

Mineiro, de Caratinga, Taveira mudou-se para Brasília em 1969, onde trabalhou como construtor, foi funcionário da VASP e dos correios e depois, revisor e coordenador editorial. Publicou livros de poesia e teve a oportunidade de cantar Brasília em alguns poemas. “A Flor Inevitável” foi o poema escolhido para revelar a Brasília, de Taveira:

A Flor Inevitável

I

Um dia  
plantou-se  
uma semente  
no meio do barro.

Hoje  
colhemos  
solidão  
por toda parte.

II

Os ângulos da dor  
foram urbanizados  
entre canteiros  
de obras  
e a (in)diferença  
dos homens.

Impune  
ergueu-se  
no asfalto  
esse monumento  
de silêncio.<sup>351</sup>

---

351 TAVEIRA, João Carlos. *Canto Só*, p. 40.



O poema é curto, constituído apenas de duas partes: a primeira, denota a plantação de uma semente e a abundância do produto colhido: solidão. A segunda, conta a história da urbanização da cidade. O urbanismo pensado a partir “dos ângulos” que constituem os espaços ocupados pela solidão “entre os canteiros de obras” e os sentimentos que movem os homens.

O título, “A flor inevitável”, é baseado numa contradição entre o existir e o não existir. O artigo definido determina a 'flor' que representa a parte do vegetal que dá origem ao fruto que, no caso, é evitável porque quando se tem algo determinado, se pode evitar sua existência.

Assim, a flor, que poderia não existir, tem sua origem determinada pelo artigo definido 'a'. O símbolo da flor remete àquilo que se traz de melhor: a beleza. Por sua natureza, a flor pode ser compreendida como símbolo da fugacidade das coisas e, nesse sentido, é inevitável porque tudo é transitório, principalmente ao estabelecer-se o tempo como margem para o pensamento como indica o primeiro verso: “Um dia”.

Se entendermos 'a flor' como imagem da nova capital, veremos que a semente responsável por sua origem foi determinada pela beleza necessária à capital do país, mas o fruto, a cidade administrativa, originário dessa flor poderia ter sido melhor, mais bonito e saboroso, no sentido de que exalasse mais aconchego e alegria de viver para sua população.

Da flor dita inevitável, brotou a história da construção da capital de forma indeterminada na primeira estrofe: “Um dia / plantou-se”. Não se sabe quem nem quando se plantou “uma semente / no meio do barro”. Apesar dessa indeterminação do sujeito e do tempo em que ocorreu a ação, o fato é que a semente plantada no barro nos remete à ideia da insignificância da matéria humana exaltada pelo Cristianismo de acordo com o *Antigo Testamento*:

“E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou-lhe nas narinas o fôlego da vida; e o homem tornou-se alma vivente.”<sup>352</sup>

Esse versículo de Gênesis mostra a simplicidade e a humildade que deveria compor o ser porque nasceu do pó e como um boneco de barro poderia não ser notado ou quebrar-se, mas apesar disso recebeu o que deveria ser seu tesouro: a vida.

Então, se a matéria (o corpo) do homem tem pouco valor, suas ações deveriam ser valorosas e a 'semente' plantada por ele deveria produzir algo bom, mas não foi o que ocorreu,

---

352 Bíblia Sagrada, Antigo Testamento. Gênesis, Cap. 2 versículo 7. In [www.bibliaon.com/genesis\\_2/](http://www.bibliaon.com/genesis_2/), acessado em 16/09/2012.

comprovando que existe maldade no interior do homem.

Na segunda estrofe, o tempo da colheita é determinado pelo tempo atual, “hoje” e o produto colhido em abundância foi confirmado: solidão.

Entende-se, então, que a plantação não foi bem sucedida porque o homem não trabalhou com vontade interior de produzir algo bom ou, talvez, a terra não tenha sido bem escolhida para o cultivo da 'semente'.

A história da capital continua na segunda parte do poema quando o eu lírico tenta solucionar ou explicar melhor a questão da solidão que se espalhou pela cidade. A cidade foi traçada a partir de um gesto simples, duas linhas encontraram-se em um ângulo reto. O criador explicou esse gesto como “gesto primário” que se segundo ele, deve ser entendido como simples, comum e simboliza o ato cristão, cotidiano de benzer-se com o sinal da cruz na testa como os católicos fazem em várias ocasiões. De volta ao poema, “os ângulos” formadores da cidade foram urbanizados com “dor” que rimou, perfeitamente, com 'flor'. Serão esses os ângulos da cruz, símbolo do Cristianismo?

Acredita-se que não porque esses ângulos são formados por duas linhas distintas: uma formada pelos “canteiros/de obras”, em que homens trabalham à exaustão, lembrando o ritmo de Brasília já descrito nesta tese. A outra linha é formada pela “(in)diferença/dos homens”, mostrando que os elementos formadores das linhas deveriam ser iguais, os homens, mas o interior de cada um é diferente, ou eles pensam que são diferentes porque retêm o poder.

Esses homens, embora tenham a mesma origem dos outros trabalhadores, agem com indiferença ou desprezo porque não consideram o sofrimento dos irmãos. Assim, revelam-se dois tipos de homens: o trabalhador, escravo; e o comandante, o capataz, que se vê diferente dos outros.

O urbanismo da nova capital é marcado, dessa forma, pela distinção social como se a origem dos homens fosse distinta: uns nasceram para sofrer e receber ordens no trabalho e outros, para mandar e coordenar esse trabalho.

A última estrofe do poema termina com o embate entre sofrimento e indiferença que ocorre impunemente e mostra o resultado final da obra: o monumental silêncio. Nota-se que a “(in)diferença” venceu e foi premiada com o “monumento” que a cidade representa para o mundo. Ele está repleto de “silêncio” que é a significação da matéria com que foi construído.

Eni P. Orlandi, estudiosa sobre os significados do silêncio, afirmou:

“... se há um silêncio que apaga, há um silêncio que explode os limites do significar.”<sup>353</sup>

A visão do monumento, Brasília, nos parece estar repleto de significados prontos para denotar imagens nas mentes de quem se mostrar disponível para pesquisar. Esse monumento, repleto de silêncio, traz consigo a possibilidade para se trabalhar a contradição e distinguir-se os vários sentidos que o “silêncio” proporciona.

É patente, portanto, a necessidade de discutir-se esses silêncios para atribuir significados à arquitetura e ao urbanismo da capital.

Seria essa a utopia de Brasília? Parece que sim, pois não é possível construir o futuro ou uma parte dele dentro de um presente real. E Brasília teve sua existência nesses parâmetros: imaginou-se uma cidade que representaria um futuro para o país e a construíram e urbanizaram assim, fora da realidade.

O poema de Taveira proporciona uma excelente oportunidade para uma leitura crítica e despretensiosa sobre a existência e a realidade que Brasília ofereceu e ainda oferece aos seus habitantes.

#### **8.2.4 José Santiago Naud**

Professor pioneiro do nível médio e fundador da UnB em 1962, Santiago Naud escreveu vários livros de poesia e romances em Brasília e também no exterior. No poema “Hino a Brasília”, ele propõe aos leitores uma reflexão sobre o que a cidade transmite a partir de seu delineamento inicial, no planejamento de LC, até o esforço árduo dos trabalhadores em sua construção.

O hino está escrito em três partes, entretanto, esta análise será focada apenas na parte II, conforme excerto abaixo:

“Aqui,  
frente à cruz  
que ao profano se arqueando  
o braço movimenta  
e voa  
ancorada,  
construo-me ao teu contato.

---

353 OLANDI, ENI P. *As formas do Silêncio: no movimento dos sentidos*, p. 87.

Ser no deserto  
 ordem no inerte  
 contraforte  
     da possessão do mar,  
 ó numerosa,  
 somos a razão vulnerável de te achar  
 una  
 após tantas mãos agitadas.  
 Eras de pedra  
 até o momento da nossa ausência,  
     ausência  
 das vozes pronunciadas sobre as tuas formas  
 como um signo inscrito,  
     rito  
 que o espaço te irrompe  
     quando  
 nua clara precisa  
 a saudade enfim te enlaçou  
 de frêmito e ânsia.  
 Em nosso território repetimos  
 teu puro existir  
 e assim nos arrastas, consentida,  
 razão edificada  
     ou vida sentida  
 entre tanta extensão  
 e silêncios tão árdusos.”<sup>354</sup>

Observa-se um eu lírico que se constrói a partir da primeira estrofe e é fundamentado em contrários (movimento/ancorar, deserto/mar), semelhante à cruz básica do projeto de Brasília que, segundo Lucio Costa, não representava a Religião Cristã, mas a religiosidade que deve existir nas pessoas.

Parece que esse signo aponta para o infinito, para a liberdade. Esse é o sentimento que representa ou deveria representar Brasília desde sua origem. O eu lírico constrói-se da reverência ao “profano”, o que é alheio à religião, ao contato com a cruz, “frente à cruz/que ao profano se arqueando”. E continua, ganha vida, no momento em que 'os braços' da cruz toma a forma de arco e se transforma em pássaro, voa e se transforma na cidade que estava “ancorada” (em terra) no “deserto” entre a natureza.

Nesse momento, a linguagem poética ganha força e demonstra que, na natureza deserta, as palavras alimentam-se do poder construtor da “pedra”, que impressiona o homem com sua dureza e duração, mas que se transforma em seu contrário, no pó, na areia e nas pedrinhas que são seus aspectos de degradação.

Essa degradação que é imediatamente modificada por “mãos agitadas” e vozes que imprimem na cidade seu “rito”, a religiosidade que adentra, sem pedir licença para se edificar

354 Hino a Brasília, In *Poemas para Brasília (antologia)*, pp. 286-289.

no espaço imenso da “utopia” que se tornou realidade após os trabalhos profícuos de brasileiros que acreditaram ser o Planalto Central o lugar ideal para representar o poder político do Brasil.

Brasília ganha vida a partir da visão irracional do pássaro que voa mesmo que a cruz (Brasília) esteja ancorada no mar que representa a infinitude e o horizonte da cidade, e pode remeter às inquietações e dificuldades a que eram submetidos os operários da obra da capital.

Ao mesmo tempo, esse aspecto pode conduzir o leitor a uma satisfação ausente de interesse, independente de inclinações ou de conceitos determinados, próprios da ideia do belo que Kant explica como beleza livre.

Assim, o pássaro percorre o espaço de Brasília, que se mostra em sua imensidão e pureza “entre tanta extensão / e silêncios tão árduos”. “O silêncio” nos remete a uma vivência misteriosa, que pode representar a realidade que liberta o homem, ou o pássaro livre que o leitor poderá sentir, ver e interpretar diante do projeto da nova capital.

Considerando-se que a figura da cruz é uma determinação do cristianismo, esse aspecto da visão do eu lírico nos traz o seguinte questionamento: isso não teria servido para justificar a cidade como espécie de construção sagrada?

Nesse caso, esse símbolo serviria para ocultar os problemas que os operários enfrentaram ao longo da construção, os erros já apontados no projeto da cidade, e a força dos poderosos que sempre impuseram suas vontades para que a construção de Brasília acontecesse.

Em sendo verdadeiro isso, a cidade teria sido planejada para consagrar e imortalizar algumas personagens participantes de sua construção, e não como ponto de difusão de desenvolvimento conforme o presidente JK tentou justificar desde o comício em Jataí, quando prometeu construir a nova capital.

### **8.2.5 Nonato Silva**

Nonato Silva dirigiu a revista *Brasília: arquitetura e urbanismo da Nova Capital* a partir do número 5, de acordo com artigo de Maria Beatriz Camargo Cappello:

“Os quatro primeiros números da revista *brasília*, de janeiro a abril de 1957, foram dirigidos por Paulo Rehfeld. A partir do número 5, de maio de 1957, a revista passa a ser dirigida por Nonato Silva.”<sup>355</sup>

A revista trazia artigos que defendiam a ideia da mudança da capital, relatava e mostrava fotos aéreas do cotidiano dos canteiros de obra de Brasília. Abordou a história da construção, inauguração e consolidação, acompanhando o dia-a-dia do nascimento da cidade.

Tratava-se, portanto, de uma revista voltada para a comunicação dos atos do governo; mantida por ele e não trazia artigos gerais para a população. Os poderosos tinham nessa revista a oportunidade de se auto ostentarem e de se promoverem cada vez que iniciavam ou terminavam uma nova etapa da obra.

Nonato falou sobre as dificuldades que enfrentou para editar as primeiras revistas em seu depoimento:

“No início, a gente ficava em Goiânia porque aqui não havia nada. Eu vinha e pegava as informações da construção e levava para editar no Rio. Nessa época, o assunto dominava o mundo e todos queriam saber o que estava acontecendo. A revista foi editada de janeiro/57 a dezembro/63, depois veio a Revolução e acabou com tudo.”<sup>356</sup>

Somente depois de 1960, quando a Imprensa Nacional e o Correio Braziliense iniciaram atividades na capital é que foi possível editar a revista em Brasília.

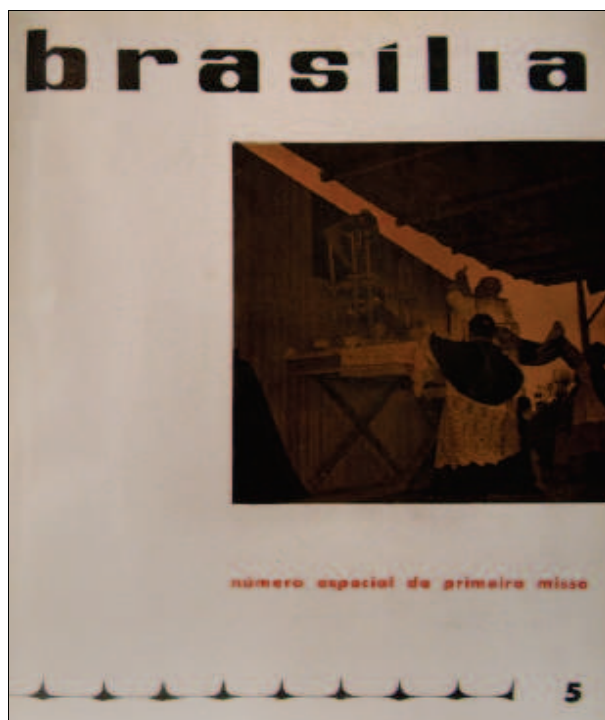
A partir do 1º número especial, Nonato Silva assumiu a direção da revista. Essa edição trouxe o relato da primeira missa realizada em Brasília. São descrições da construção da nova capital comparada ao início de uma grande epopeia no centro do Brasil.

Na capa da revista está o desenho, símbolo de Brasília, que representa o Brasão do Distrito Federal. Vejamos a ilustração:

---

355 Revista de pesquisa em arquitetura e urbanismo. *A revista brasília na construção da Nova Capital: Brasília (1957-1962)* p.44.

356 Entrevista concedida à autora desta tese em 04/02/2011.



**Figura 44:** Capa da Revista Brasília, nº 5, de maio de 1957.

**Fonte:** Maria Beatriz C. Cappello. *A revista brasília na construção da Nova Capital: Brasília (1957-1962)*.

A partir dessa edição, a revista teve como tema tudo o que ocorria na construção da nova capital e fatos marcantes do projeto. Descrevia as obras inauguradas e em andamento, acompanhadas de documentação fotográfica. Tratava-se da voz e da vontade dos poderosos.

Essa revista foi importante para Brasília, mesmo que tivesse um comprometimento com o governo, porque por meio dela o mundo podia tomar ciência dos fatos ocorridos na nova capital. Cabia ao leitor criticar ou não os artigos de acordo com os comentários surgidos na imprensa em geral.

As críticas surgiram, conforme mostramos nas análises dos poemas de pioneiros, mas infelizmente interpretar poesia não constitui uma prática popular e as ideias veladas que surgiam nas poesias eram compreendidas por poucos.

A Revista Brasília confirma a estranheza despertada na *Canção das Estradas*, de Alan Viggiano, uma vez que nela eram relatados somente textos informativos transmitidos pelo governo.

Assim, os fatos reais ocorridos em Brasília na época da construção não se tornavam públicos e a cultura inventada pelos habitantes da cidade era moldada de acordo com as conveniências do Poder.

### 8.2.6 *Henrique Goulart Gonzaga Júnior (Gougon)*

Em Brasília, cidade que habita desde a década de 60, Gougon engrandece a arte do mosaico de forma cativante, devido não somente ao trabalho, mas à dificuldade que enfrenta para divulgar sua arte. Enquanto jornalista apresentou e criticou os absurdos do Poder.

O mosaico tem vasto emprego, em geral associado à arquitetura e decoração. São ícones, faixas de piso, aparadores, quadros, tapetes, soleiras e outras peças delimitadas pela criatividade dos artistas.

Gougon trabalhou com mosaicos, que reproduziram textos de pessoas que se diziam poetas de Brasília, mas que de alguma forma contribuíram para a arte da cidade, e declarou sua indignação com relação à cultura da cidade:

“Há uns quatro anos eu resolvi colocar uns trabalhos de mosaico com poesias dos poetas da cidade nos pontos de ônibus. Fui fazendo e a cada um eu levava um serralheiro e ele colocava o quadro e soldava dentro de uma armação. Fiz uns oito pares desses mosaicos, mas o governador mandou retirar todas as minhas poesias e não me avisaram ... Consegui salvar somente uma poesia. E diante disso podemos ver como o poder influencia. Esse caso teve uma repercussão grande na mídia e todos ficaram solidários e hoje eu refiz algumas poesias coloquei na calçada da 509 Sul e nas paredes da Biblioteca da 504 Sul. Eu estou indo na contracorrente do poder porque se dependesse do Governo Federal eu estava no chão.”<sup>357</sup>

O artista plástico acredita na força das palavras, que pode ajudar as pessoas a se tornarem melhores, por isso ele espalhou seus trabalhos pelas ruas e paradas de ônibus de Brasília, mas parece que o governo não pensou da mesma forma e destruiu tudo.

As palavras têm poder porque trazem ideias que podem refletir em mudanças na vida das pessoas. Gougon parece ter acreditado na força das palavras, lidas rapidamente por pedestres numa calçada, olhadas, de relance, numa parede qualquer, e por isso tentou espalhar seus trabalhos.

Ele teve, por exemplo, esse trabalho exposto na calçada da W3 em Brasília:

---

357 Entrevista concedida à autora desta tese em 29/06/2010.





**Figura 45:** Homenagem ao poeta Ary Para-raios

**Fonte:** <http://gougoun2.tripod.com/id51.html>, acessado em 11/09/2012.

Com essas mensagens de paz, amor e vida inscritas na calçada é difícil que alguém não seja contaminado primeiro pela surpresa e depois pelos sentidos das palavras nas quais irão pisar. O que Gougoun chama de poesia não exerce essa função, mas as palavras podem significar algo bom para alguém. As paredes laterais da Biblioteca Demonstrativa de Brasília também receberam mosaicos que homenageiam escritores da capital como Nicolas Behr. As figuras e o colorido chamam a atenção da população e pode sugerir questionamentos.



**Figura 46:** Poemas de Nicolas Behr

**Fonte:** <http://mosaicodobrasil.tripod.com/id167.html>, acessado em 11/09/2012.

Aos poucos as paredes da Biblioteca Nacional estão sendo tomadas pelos mosaicos, de Gougon que encontraram um espaço privilegiado porque lá serão notadas, senão pela população pelo público que busca cultura na biblioteca.

### 8.2.7 *Mais algumas obras pioneiras*

Neusa França compôs a música do Hino que representa Brasília e convidou Jair Campos, poeta que também residia no Rio, para compor a letra. Ele aceitou e antes da inauguração, Brasília teve seu hino pronto, conforme narrou a pioneira:

“O Hino de Brasília foi o seguinte: estávamos no Rio, já com aquele ímpeto de vir pra cá. O casal Nunes Leal morava lá também, eles haviam me encomendado o hino e no trajeto de ônibus entre minha casa e a escola de música, onde eu trabalhava, comecei a pensar sobre a música. No dia seguinte toda a música do hino estava completa e entreguei para . ... eu não era poetisa, não compunha letra. ... precisávamos de um poeta muito bom para escrever o hino. Eu me lembrou de Jair Campos que ganhara alguns prêmios como poeta. Ligou e ele veio para um jantar conosco, ouviu o hino e gostou. Gravou a música e levou para trabalhar, e no dia seguinte ele me ligou e disse que a letra estava pronta.”<sup>358</sup>

A importância do Hino é indiscutível porque é uma composição musical que dignifica uma Nação, uma cidade e distingue as ações ou qualidades que notabilizam o objeto a que se refere.

Neusa França, após fixar-se na capital, exerceu atividades ligadas à arte e ministrou aulas de música no Centro Educacional Caseb, na Escola de Música e, mais tarde, participou da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional.

Hoje, já com idade avançada, ainda participa da vida cultural da cidade com apresentações em recitais que denominou de “Vamos ouvir música”, de acordo com Dib Santiago em sua dissertação de mestrado.

Adirson Vasconcelos, conhecido como Historiador de Brasília, contou em detalhes em seus livros, a história do Distrito Federal e suas satélites. Esse pioneiro retrata Brasília desde 1960, *O Homem e a cidade*; em 1978, traz *A mudança da Capital*; em 1992 lançou em dois volumes *Os pioneiros da construção de Brasília*. Enfim, são várias as obras editadas por esse pioneiro que se dedica ao estudo sobre Brasília.

O problema que se observa nessas obras é que existe um ufanismo grande em torno da

---

358 Idem. Op. Cit., em 28/05/2010.

criação da cidade e dos responsáveis pela construção o que impede a crítica de pontos importantes para Brasília.

Lucília Garcez preocupa-se com o ensino da história de Brasília para os brasilienses, por isso escreveu sobre o assunto para o público infantil e seus livros mostram, em linguagem infantil, os fatos relacionados à nova capital.

Finalmente, vale registrar que o pioneiro Judson Seraine, envolvido diretamente com a construção de Brasília, também homenageou a cidade que ele disse amar profundamente. Escreveu alguns textos que chamou de poemas, e alguns foram editados num dos livros que homenageou a cidade. Trata-se de descrições em versos com alto teor de ufanismo que demonstram seu envolvimento com a construção da cidade.

Esses são alguns dos pioneiros entrevistados que contribuíram para a cultura de Brasília, mas existem outros que, ao serem solicitados, negaram-se a participar, já tratado anteriormente, talvez não tenham se sentido à vontade para abordar o assunto e não tenham querido comprometer-se com a pesquisa.

Quando se faz uma pergunta direta ao pioneiro, no caso desta tese, ele tende a repetir aquilo que ouve, ou vê na mídia, ou em seu dia-a-dia e não, efetivamente, o que pensa.

O que se percebeu, diante dos textos e das obras de arte analisadas e da opinião que os pioneiros esboçaram às questões colocadas, é que Brasília está além do Estado. Ela se transformou e se consolidou, apesar de todos os problemas enfrentados, na memória e na visão de quem presenciou seu nascimento. Brasília pulsa. É maior que todos os problemas econômicos e periféricos. Ela sempre foi forte o suficiente para resistir e crescer como capital na memória e na realidade lírica dos artistas que a ela se referem em suas obras.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta autora não se considera detentora da verdade sobre Brasília, mas após as pesquisas, as entrevistas e as documentações apresentadas e analisadas nesta tese deseja expor informações com a finalidade de contribuir para que outros pesquisadores tenham a chance de refletir sobre outra ótica a história da cultura de Brasília.

De acordo com as análises iniciais da história da nova capital, vimos que as ideias acerca da necessidade da construção não coincidiram com a utopia de JK. A realidade histórica de Brasília indicava que o plano da capital deveria privilegiar moradias e locomoção para os futuros habitantes. No entanto, desde o projeto da cidade, previu-se uma capital que comportasse somente as pessoas envolvidas direta ou indiretamente com o Poder e julgaram 500 mil um número de habitantes ideal para a nova capital, o censo de 2010 apontou mais de 2.500 habitantes em Brasília.

Desde o projeto, pensava-se que o excesso de migrantes poderiam fixar-se ao redor da nova capital. Houve, sem dúvida, uma ideia de segregação predominante no Poder. O Governo impôs um “ritmo de trabalho para Brasília” durante a construção que permitiu a inauguração da cidade na data prevista por ele, mas trouxe perdas e algumas mortes de operários que trabalhavam num sistema desumano, muitas vezes ultrapassavam as 12 horas diárias, de esforço contínuo na obra.

Além do mais, esse processo de 'urgência' gerou inflação e corrupção que refletiu no Brasil, mas o mérito de toda a construção foi dado, principalmente, a JK e seus colaboradores diretos e não aos brasileiros como seria o esperado.

Com relação à corrupção, entendeu-se que houve uma resistência contra a construção e a implantação da capital no interior do Brasil, principalmente liderado por Carlos Lacerda, à frente da UDN, conforme registro histórico. Nada ofereceu obstáculo intransponível para JK que se propôs em público, durante um comício de campanha para a eleição de presidente em Goiás.

Pela época da inauguração da cidade, 1960, JK não podia 'obrigar' os funcionários, acostumados ao Rio de Janeiro, a se mudar para o interior do país. Nesse impasse, o presidente utilizou-se de um meio capaz de movê-los sem constrangimento: a dobradinha.

Alguns pioneiros entrevistados e outros críticos pesquisados confirmaram que a dobradinha foi o germe da corrupção instalado na nova capital. Outros pioneiros, inclusive

quem presenciou o fato durante seu cotidiano como funcionário da NOVACAP, afirmaram que a corrupção veio para Brasília durante a construção. Houve materiais importados a preço mais altos, proprietários de caminhões que enriqueceram de maneira ilícita enquanto transportavam materiais para a obra. Além de salários muito altos serem oferecidos para alguns funcionários.

Esses fatos circularam e Brasília ficou conhecida como a 'Ilha da Fantasia', onde se conseguia dinheiro fácil ocasionando grande procura por parte de imigrantes intencionados a enriquecerem.

De acordo com análises apresentadas, a noção de espaço utilizada nesta tese foi compreendida como uma relação de continente e conteúdo existente entre objetos. Ele não corresponde ao ambiente (real ou lógico) em que as coisas se encontram, mas o meio pelo qual a posição das coisas é viável. Então, o espaço está relacionado com as coisas dispostas num ambiente e nas relações sociais que as pessoas estabelecem em suas vivências.

Sob essa ótica, os pioneiros foram entrevistados indiscriminadamente e, com o objetivo de facilitar a análise e compreensão dos dados apresentados, foram organizadas tabelas distintas por períodos meramente didáticos: inicial (1956-1969), inauguração (1960) e após a inauguração (1961-1969).

Essas tabelas foram utilizadas ao longo das análises apresentadas na tese e enfocaram os dados necessários para o entendimento do espaço e da vivência na nova capital a partir da memória dos 44 pioneiros entrevistados. Sempre que necessário, gráficos foram elaborados para melhor visualização de determinados dados.

Desse modo, o Gráfico I demonstra que maioria dos pioneiros entrevistados vieram da Região Sudeste (27), seguidos pela Região Nordeste (11). Os demais, vieram da Região Sul (3), do Centro-Oeste (2) e um deles veio de Portugal.

As Tabelas I, II e III exibem o ano da chegada a Brasília, as idades e o grau de satisfação de cada pioneiro entrevistado para com a cidade. Vimos que a maioria dos pioneiros adultos mostraram-se satisfeitos ao chegar à capital. Entre esses, os 11 pioneiros que vieram transferidos pelo serviço público relataram satisfação.

De uma forma geral, o Gráfico II ilustrou satisfação dos pioneiros com a chegada à nova capital, o que gerou um nível de expectativa alto e fez com que os pioneiros fixassem moradia apesar das insatisfações narradas por alguns.

Ao se destacar as vozes dos pioneiros envolvidos diretamente com a construção da

cidade, daqueles que estavam ligados à administração e as vozes de quem chegou com a função de implantar e coordenar ideias para o desenvolvimento da capital, confirmou-se que as distinções sociais e culturais existiram desde sempre em Brasília.

Os operários envolvidos com a construção civil não eram chamados pelos próprios nomes, mas de acordo com as regiões de origem. Aqueles que se destacavam entre os demais tinham chances de melhorar no ofício e recebiam tratamento diferenciado.

O preconceito existiu, também, entre os funcionários, ocasionado pelo fato de eles trabalharem para a NOVACAP ou para empreiteiras. Na NOVACAP, eles tinham estabilidade e moradia enquanto nas empreiteiras quando o serviço terminava os operários eram dispensados e tinham que retornar para suas origens ou procurar outro emprego. Além disso, os empregados das empreiteiras não tinham moradia, o que reforçava a formação de ocupações ilegais ao redor da capital.

Como a maioria dos migrantes não tinham moradia e instalavam como podiam, surgiu a necessidade de construir as cidades-satélites. A ideia principal era preservar Brasília e sua população de 'primeira classe', impedindo que a pobreza brasileira convivesse com a elite administrativa do país.

A partir de então, as cidades-satélites tornaram-se realidades para abrigar trabalhadores que saíam pela manhã rumo ao Plano Piloto e retornavam à tarde, depois de cumprirem suas obrigações com a população funcional que crescia e precisava de serviços.

Gilberto Freyre criticou essa formação da capital desde seu início porque na sua concepção, dessa forma, Brasília não representava o Brasil. Ela não foi planejada levando em consideração as visões de sociólogos, antropólogos, biólogos; enfim, de profissionais que calculassem a sustentabilidade e a cultura para nova capital.

Em vez desses pensamentos, o que se observou durante a construção foi o aparecimento de um espaço privilegiado para uma determinada população e outro específico aos trabalhadores.

A questão que atormentava os brasileiros, desde que se iniciou o pensamento modernista no Brasil, foi o combate a privilégios e preconceitos de todos os tipos na sociedade brasileira. Com esse pensamento, o planejamento moderno da capital não poderia contemplar essa realidade colonial que ainda assolava a Nação.

O que se observou após analisar as vozes dos pioneiros, em conformidade com o Gráfico IV – Casa-Grande e Senzala e o projeto de Brasília – foi que no Plano Piloto foram

construídas as superquadras e prédios inferiores, nas quadras abaixo, as 400. Assim, a ocupação do Plano foi traçada e as pessoas passaram a ser reconhecidas como “de posse ou não”, dependendo da quadra em que moravam. A cidade foi planejada com distinção de classes sociais e o Plano Piloto foi elitizado. Dentro do próprio Plano há diferenças entre quadras: as destinadas aos políticos, aos funcionários do Banco do Brasil, aos militares e outras. Esse fato estabelecia diferenças de classes sociais da população que ocupava um mesmo espaço.

O processo de segregação teve início no Plano porque alguns funcionários, por exemplo, motoristas não conseguiram adaptar-se e buscaram outras moradias. Outro fato comum eram os funcionários que não recebiam apartamento do governo e não tinham posses para comprar um no Plano e iam viver nas cidades-satélites.

Dessa forma, confirma-se que a arquitetura e o urbanismo de Brasília privilegia a elite e exclui os pobres. O Plano Piloto foi planejada para os poderosos e as cidades-satélites foram surgindo para acolher os trabalhadores marginalizados que prestavam serviços para os poderosos.

Entendemos, diante dos depoimentos dos pioneiros entrevistados e das discussões críticas apresentadas, que o conceito de casa-grande e senzala adapta-se à ideia exposta e executada no Plano Piloto. A cidade não se consolidou como um centro moderno em que se pudesse discutir e resolver problemas nacionais, mas confirmou uma cultura colonial, não sustentável e de exclusão social.

Toda essa diferenciação social teve início com o projeto e continuou com a construção de Brasília quando os operários envolvidos diretamente com as obras chegavam, a maioria sozinhos, e não tinham condições básicas de sobrevivência enquanto doavam-se à exaustão para o êxito da promessa do presidente; inaugurar a nova capital no dia 21 de abril de 1960.

Enquanto isso, funcionários “mais graduados” como citou um dos pioneiros, tinham moradias e alimentação diferenciadas. Essa diferença aumentou depois da inauguração porque alguns funcionários públicos chegavam a Brasília não só com moradias garantidas, mas com tempo de serviço contado em dobro nos primeiros dois anos na cidade e com os salários também dobrados, a “dobradinha”. Havia uma corrupção de ambos os lados, dos corruptos e dos corruptores. Quem aceitava também era corrupto.

Logo após a inauguração, Brasília cresceu rapidamente e a migração também. As pessoas chegavam à procura de melhores condições de vida e sofriam com a falta de moradias

e com a pobreza que encontravam.

Da compreensão de que em Brasília a vida fluía melhor e mais fácil muitas pessoas encaminhavam-se para a capital e como o governo não conseguiu frear esse crescimento populacional várias ocupações irregulares surgiram ao redor da cidade e impulsionaram a criação das cidades-satélites.

Entretanto, o que ocorreu não foi uma transferência dessa população de forma adequada, as pessoas foram levadas em caminhões, juntamente com seus poucos pertences, e lançadas à própria sorte em terrenos sem infraestrutura alguma para recebê-las.

Era comum os pioneiros aceitarem e agradecer essas ações porque eles trabalhavam acreditando no sonho de um Brasil melhor que JK lhes transmitia a todo instante.

Esse sonho não se realizou na medida em que a educação e a saúde implantadas pelo Governo não receberam a atenção adequada para que os profissionais dessas áreas pudessem sobreviver e exercer suas funções. Eles não recebiam moradias ou o apartamento destinado a eles era muito pequeno, como relataram. Nas escolas, os professores não tinham incentivos e, às vezes, nem mesmo acomodações satisfatórias como relatou uma professora de artes que teve dificuldades para trabalhar com os alunos por falta de uma sala adequada em 1960.

Diante dessa negligência com a educação e com a saúde, professores e médicos fundaram associações e fizeram as primeiras greves da nova capital em 1960. Os profissionais insatisfeitos exigiam dignidade e mostravam que havia preconceitos na nova capital. Funcionários da Câmara dos Deputados ou do Senado, do Itamaraty e bancários não precisaram desse expediente, recebiam apartamentos grandes e, muitas vezes, mobiliados.

O que muitos insistem em não ver é que a ideia de igualdade social não vingou em Brasília e desde o plano da capital as diferenças sociais estavam marcadas na própria construção dos prédios destinados à moradia e na urbanização da cidade.

Outro fato importante para a formação cultural de Brasília foi a criação da UnB. A capital precisava de uma universidade, mas o Poder temia a interferência de estudantes politizados, devido às experiências anteriores no Rio de Janeiro. Por isso, a lei que criou a UnB foi sancionada somente em dezembro de 1961 e a construção e inauguração ocorreram em 21/04/1962.

Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira, mentores da UnB, não mediram esforços para implantar em Brasília uma universidade 'repensada', capaz de comprovar a capacidade intelectual dos brasileiros e de pensar sobre os problemas do Brasil. Ela foi concebida para ser



modelo educacional para o país.

Nas salas de aula da primeira década de Brasília, o Brasil estava representado, não por brasilienses, mas por mineiros, paulistas, nordestinos, enfim uma mistura de sotaques e costumes diferentes que passavam uns para os outros. O espírito que movia Brasília era diferente. As pessoas não tinham conforto, na escola, em casa, em lugar algum e não reclamavam. Os pioneiros trabalhavam muito e não tinham tempo para reclamações, quase todos tinham disposição para construir e vivenciar o que entendiam ser o futuro do Brasil.

O pioneiro Aloysio Campos da Paz, um dos que tentei entrevistar e não foi possível, falou para o *Correio Braziliense* que Brasília ensinou a ele, jovem médico recém-chegado do Rio de Janeiro, a entender melhor o Brasil:

“Meu horizonte era o Oceano Atlântico, eu vivia de costas para o país. Passei a conhecer o Brasil. O significado do Brasil foi esse: o Brasil dava as costas para o Brasil. A relação era com o oceano e com o que estava do outro lado do oceano. Não era com o país. Brasília obrigou o Brasil a se interiorizar, foi esse o grande significado dela, a conquista do país.”<sup>359</sup>

Brasília, na percepção do pioneiro, mostrou o Brasil para os brasileiros no sentido de que a cidade foi construída para todos e no centro do país. Essa sempre foi a ideia utópica, mas verdadeira que deveria ter sido compreendida pelos brasileiros caso o Poder não tivesse interferido de várias formas no cotidiano da sociedade brasiliense.

A universidade exerceu, desde sua origem, um papel fundamental na formação da cultura brasiliense. A tabela VI confirma isso quando mostra que 13 dos 20 pioneiros entrevistados trabalharam ou estudaram na UnB. Eles deram seus testemunhos da importância da instituição.

Apesar da sociedade elitista que assumia a nova capital, os pioneiros declaram que a convivência entre eles, na década de 1960, era harmônica e humanitária. A carona foi uma instituição própria da cidade. Quem passava de carro dava carona para aqueles que estavam a pé. As pessoas eram receptivas e se relacionavam muito bem.

Havia uma relação muito próxima entre professores e alunos na UnB e entre vizinhos de acordo com os depoimentos. Conceição Salles e Lúcia Garofalo confirmaram a formação de grupos de estudos na UnB que se mantinham unidos para se divertirem. Elas sentiam paz e amizade entre os alunos como numa família.

Em Taguatinga, conforme lembrou Clodo Ferreira, cidade em que morava, houve

---

359 DA PAZ, Aloysio Campos. In *Correio Braziliense*, publicado em 05/06/2010.

formação de grupos musicais que animavam também os programas de televisão que existiam no Plano Piloto.

Heitor Humberto, livreiro da Livraria Encontro, declarou que no início todos buscavam algo e se apoiavam para obterem êxito. Viver em Brasília era bom.

Victor Alegria declarou que muitos pioneiros como ele construíram suas vidas simultaneamente com a cidade e que se orgulhavam disso.

Houve pioneiros que discordaram desses depoimentos e afirmaram que havia um espírito de ajuda, mas a convivência entre os habitantes não existia. José Maria Leitão e Napoleão Valadares relataram falta de intimidade entre os vizinhos.

Mais de 90% dos pioneiros entrevistados consideraram-se parte do projeto histórico de Brasília. Eles entenderam a importância da dedicação deles para que a capital fosse criada e se efetivasse como agente modificador do Brasil. Não se pode esquecer que na participação dos pioneiros também foi registrada a questão discriminatória. Os migrantes participavam de formas diferentes à medida que eram ou não ligados ao Governo.

Então, quem determinou a participação de cada habitante da nova capital em sua história foi o Poder. Uns participavam de acordo com a vontade determinante de quem detinha o poder econômico ou político e outros obedeciam. Trata-se das leis impostas pela casa-grande e da obediência de quem ocupava as senzalas, ou seja, a ideia de dominantes e de dominados persistiram na formação cultural da sociedade da nova capital.

A arquitetura moderna surgiu no Brasil a partir da capacidade criativa de Lucio Costa e Oscar Niemeyer que buscaram uma arquitetura diferente da tradicional utilizada no Brasil. Construíram a Sede do Ministério da Educação e Saúde no Rio de Janeiro, em seguida o Complexo da Pampulha em Minas Gerais e mais tarde, Brasília.

O projeto da nova capital é baseado na setorização, prevista na *Carta de Atenas*, de Le Corbusier. e, de acordo com os pioneiros entrevistados, a capital não é operacional, o projeto da cidade dificulta a vivência dos habitantes em diversos aspectos. Alguns desacertos foram observados por eles no projeto de Brasília:

- As estradas são largas e retilíneas o que deveria proporcionar conforto para quem circulasse com seus automóveis, mas não há estacionamentos suficientes em parte alguma do Plano Piloto.
- O transporte coletivo não atendeu e ainda não atende à população de forma

adequada, não foram previstas ciclovias, nem espaço seguro para o pedestre caminhar.

- As moradias construídas no Plano eram preferencialmente para funcionários públicos graduados. Os pioneiros da construção civil ou técnicos foram marginalizados. Muitos moravam em invasões ao redor do Plano.
- Nas cidades-satélites, pensadas para solucionar esse problema, a população convivia com obstáculos a serem vencidos: falta de estruturas básicas, de higiene, saúde, educação e transporte. Os moradores das satélites sempre tiveram dificuldades de locomoção para o Plano Piloto onde trabalhavam.
- No cotidiano das superquadras do Plano Piloto, apesar de confortável, os pioneiros disseram que existe um certo isolamento entre os moradores. As justificativas apontadas para esse problema foram a disposição das quadras em relação ao centro, o tamanho dos apartamentos e se têm ou não elevadores e garagens cobertas. Essas características demonstram a classe social dos moradores e a causa da formação de grupos e isolamento entre eles.

Esses aspectos comprovam que Brasília foi projetada e construída de forma a proporcionar uma vida confortável ou não, de acordo com o poder aquisitivo dos habitantes que a procuraram.

Apesar de os pioneiros entrevistados compreenderem esses problemas relativos ao projeto da cidade, afirmaram ter aprendido a conviver com as limitações e deficiências da cidade. Eles se recusaram a se comprometer, admitindo a ideia totalitária do projeto da nova capital.

Nas leituras semióticas de alguns depoimentos percebemos que JK, LC, Niemeyer e outros envolvidos diretamente com a construção deixaram de considerar, algumas vezes, as necessidades dos brasileiros e impuseram suas vontades em suas criações.

A cultura foi imposta aos brasilienses pela setorização projetada por LC, pelo 'ritmo de Brasília' prescrito por JK, pelas alterações feitas no projeto da cidade durante a construção, pela criação de associações, combate e luta dos professores e alunos para garantir a educação e o funcionamento da UnB.

O temor, as dificuldades cotidianas e profissionais foram geradas durante a ditadura militar, a UnB e Brasília tiveram momentos de sofrimento e de agonia. O medo pairava entre os jovens da universidade e nas famílias que temiam repressão a todo instante. O governo

militar não investiu, tampouco amparou a cultura já implantada em Brasília, mas “trituro”, na voz de um pioneiro, a educação, a música, as artes em geral que estavam em desenvolvimento na capital.

O Gráfico X confirmou que os militares colaboram com a implantação e difusão da corrupção em Brasília. O índice de opinião positiva relacionada à corrupção foi de 63,6%. Os outros 36,3% dos pioneiros negaram ou preferiram omitir-se.

Todavia, o que se verificou foi que mesmo quando o pioneiro negou a existência da corrupção em Brasília, ela estava presente em sua voz. É importante compreender que a corrupção não é inerente à capital, mas está contida nela. A corrupção veio com algumas pessoas, frutificou em outras e cresceu no meio dos políticos que chegam à capital para exercerem seus mandatos, o Poder ainda precisa “lubrificar sua máquina”.

Em se tratando da convivência dos pioneiros entrevistados, vimos que inicialmente o lazer dos moradores ocorria em reuniões uns nas casas dos outros e enquanto trocavam ideias, discutiam assuntos cotidianos, produziam cultura. Momentos de descontração e harmonia cultural ocorriam inicialmente na capital durante as apresentações dos concertos oferecidos gratuitamente à comunidade pelo maestro, professor e coordenador do Departamento de Música da UnB, Cláudio Santoro.

Podemos afirmar que o projeto de Brasília favoreceu a formação de grupos entre os moradores. As diferenças sociais entre esses grupos foram estabelecidas pela ostentação existente na edificação dos prédios e nas posições espaciais em que as quadras foram dispostas e que prejudicou a socialização dos habitantes. Por sua vez, os habitantes interferiram no cotidiano da cidade e criaram modos de vida que os favorecessem.

Na pesquisa sobre artes em Brasília, percebemos a preocupação de JK com a estética da capital desde o início. O presidente e sua equipe convidaram artistas para trabalhar na arquitetura e no urbanismo da cidade e eles deixaram verdadeiros legados expostos pela capital. Esse fato constitui cultura porque narra o momento, a busca do que se entendia ser o melhor para a população e para a cidade e, ao mesmo tempo, representa o legado impresso na sociedade brasiliense.

Em se tratando da influência do Poder na arte produzida em Brasília, os pioneiros entrevistados não compreenderam o sentido do questionamento e, por isso, afirmaram que a arte não sofreu influência.

No entanto, vimos que a arquitetura e o urbanismo de Brasília exerce influência nos

artistas da cidade, podendo atrair e conduzir sua obra, reprimindo a criação mais livre. Desde os primórdios da construção, todas as decisões foram tomadas por JK e seus colaboradores diretos. Foram eles que convidaram os artistas para prestarem serviços para a capital. Essa ação contribuiu para a formação de uma sociedade elitizada e dominada pelo Poder como é percebida nas obras produzidas na cidade.

Na documentação investigada nesta tese sobre a vivência em Brasília encontramos alguns registros interessantes que foram expostos. Na análise do poema 'Altiplano', do pioneiro Anderson Braga Horta, percebemos a imagem da casa-grande e senzala estabelecida por esta tese. O Poder impôs sua vontade e os operários, os moradores das cidades-satélites obedeceram a ordem e se afastaram.

Alan Viggiano, funcionário do Senado Federal, documentou a capital no poema, 'Uma Canção das Estradas' em que o escritor revela a angústia da população diante da arquitetura e do urbanismo de Brasília com a qual não se identificaram.

João Carlos Taveira escreveu o poema 'A Flor Inevitável' cujo título sugere a contradição entre o existir e o não existir. Essa contradição é descrita em duas partes. Na primeira, uma semente é plantada e produz solidão. A segunda parte reproduz a história da urbanização da capital e indica que ela é marcada pela distinção social que diferencia um mandante dos serviços.

O professor José Santiago Naud escreveu o poema 'Hino a Brasília' que simboliza a construção da capital por meio de contrários. O símbolo da cruz no poema oculta os problemas que os operários enfrentaram nas obras da capital, os erros do projeto já observados e a imposição da vontade dos poderosos durante a construção.

Nonato Silva foi o responsável pelas edições da Revista Brasília a partir do número especial da primeira missa. Todo o conteúdo da revista girava em torno do governo, suas obras em andamento e inaugurações. Isso reforça a ideia de que a cultura implantada em Brasília foi moldada de acordo com as conveniências do Poder.

Assim, temos a cultura de Brasília germinada, alheia a todos os acontecimentos, contraditória e alusiva ao futuro próspero que seus idealizadores esperavam, mas descrita numa visão, nem sempre de fácil compreensão, de pioneiros que presenciaram e, alguns deles, registraram o nascer e o crescer da nova capital.

Temos a consciência de que a cultura implantada na década de 1960, analisada nesta tese não está completa, precisaria de um levantamento mais apurado sobre os grupos musicais

formados na época e de outros que agora não nos ativemos. No entanto, de acordo com as vozes dos pioneiros entrevistados e diante dos objetivos destacados por esta tese, a cultura implantada na nova capital sofreu o impacto do Poder desde o edital do projeto, durante a construção, na inauguração e na vivência que a arquitetura e o urbanismo da cidade impôs aos habitantes.

Ficou comprovado também que os pioneiros, mesmo os mais entusiasmados com a construção de Brasília, ao longo do tempo perceberam a realidade implantada na cidade.

Esta é a percepção semiótica do impacto que a arquitetura e o urbanismo causaram na vivência e na formação cultural da cidade planejada para ser a nova capital do Brasil.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALVES, Renato e Edson Luiz. *Linha do Tempo*, Cidades, Correio Braziliense, Brasília-DF, 08 de abril de 2012.

AMARAL, Aracy Abreu. *Arte para quê? A preocupação social na arte brasileira, 1930-1970*, São Paulo, Nobel, 1984.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia Completa*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2001.

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A Poética Clássica*, São Paulo, Cultrix, 1997.

AZEVEDO, Romildo (org.). *Adirson Vasconcelos, o historiador de Brasília*, Brasília-DF, Academia de Letras de Brasília, 2009.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*, tradução de Antônio de P. Danesi, São Paulo, Martins Fontes, 1993.

BARBOSA, João Alexandre. *A leitura do Intervalo: ensaios de crítica*, São Paulo-SP, Iluminuras, 1990.

BARNEY, Elvira. *Mulheres pioneiras de Brasília*, Brasília-DF, Thesaurus, 2001.

BARTHES, Roland. *Aula*, tradução de Leyla Perrone-Moisés, São Paulo-SP, Cultrix, 2001.

BARTHES, Roland. *Elementos de Semiologia*, tradução de Izidoro Blikstein, São Paulo-SP, Cultrix, s/d.

BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias*, Petrópolis-RJ, Vozes, 1986.

BRANT, Vera. *Ensolarando sombras*, São Paulo-SP, Cosac & Naify Edições, 1999.

BRANT, Vera. *JK: o reencontro com Brasília*, Rio de Janeiro-RJ, Record, 2002.

BRANT, Vera. *A ousadia na criação da UnB*, in Correio Braziliense de 29/02/2012.

BRONOQAKI, Jacob. *As Origens do Conhecimento e da Imaginação*, tradução de Maria Julieta A. C. Penteado. Brasília, UnB, 1997.

BUCHMANN, Armando José. *Lucio Costa - o inventor da cidade de Brasília: centenário de nascimento*, Brasília-DF, Thesaurus, 2002.

CAPELLO, Maria Beatriz Camargo. *A revista Brasília na construção da Nova*

*Capital: Brasília (1957-1962)*, Revista Risco 11, programa de pós-graduação do departamento de arquitetura e urbanismo, EESC-USP, p. 43-57, São Paulo, 2010.

CARDOSO, Christiane N. Travesedo. *O combate à corrupção no Brasil: desafios e perspectivas*, I Concurso de Monografia e Redações, Controladoria Geral da União, Tabatinga-AM, 2005.

CATALDO, Beth e Graça Ramos (organizadores). *Brasília aos 50 anos. Que cidade é essa?*, Brasília-DF, Tema Editorial, 2010.

CERQUEIRA, Luiz Egypto de. *Memórias do Distrito Federal: a luta pela autonomia política*, São Paulo: Museu da Pessoa; Brasília, DF: Fundação Banco do Brasil, 2009.

CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de Símbolos*, São Paulo, Ed. Moraes, 1984.

COELHO NETTO, J. Teixeira. *A construção do sentido na Arquitetura*, São Paulo-SP, Perspectiva, 1999.

COELHO, Polli Djalma. *Comissão de Estudos para localização da Nova Capital do Brasil, Relatório Técnico*, 1ª parte, vol. II, Rio de Janeiro, 1948. (versão digitalizada pela biblioteca do Senado).

COUTO, Ronaldo Costa. *Brasília Kubitschek de Oliveira*, Rio de Janeiro-RJ, Record, 2002.

CORBISIER, Roland. *Formação e problema da cultura brasileira*, Rio de Janeiro-RJ, Instituto Superior de Estudos Brasileiros, Ministério da Educação e Cultura, 1960.

CORBISIER, Roland. *Brasília e o Desenvolvimento Nacional*, Rio de Janeiro-RJ, Instituto Superior de Estudos Brasileiros, Ministério de Educação e Cultura, 1960.

COSTA, Lucio. *Relatório do Plano Piloto de Brasília*, elaborado pelo Ar PDF, CODEPLAN, DePHA, Brasília: GDF, 1991.

CRULS, Luiz. *Relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central: Relatório Cruls*, 6ª edição, Brasília-DF, CODEPLAN, 1995.

DILNOT, Clive at alli, *O texto decisivo: para iniciar a leitura de "Construir, Habitar, Pensar"*. In Revista Risco 9, 1/2009.

ECO, Humberto (org.). *História da feiura*, tradução de Eliana Aguiar, Rio de Janeiro-RJ, Record, 2007.

ECO, Humberto. *Tratado geral de semiótica*, tradução de Antônio de P. Danesi e Gilson C. C. De Souza, São Paulo, Perspectiva, 1980.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*, tradução de Sanda C. Branco, São Paulo,



UNESP, 2005.

FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. *Ver a cidade – cidade, imagem, leitura*, São Paulo, Nobel, 1988.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

FREITA, Conceição. *Brasília é a minha terra*. In *Correio Braziliense*, Bravos Candangos, publicado em 05/10/2010.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*, Rio de Janeiro-RJ, Record, 2000.

FREYRE, Gilberto. *Brasis, Brasil e Brasília*, 1ª edição, Rio de Janeiro-RJ, Record, 1968.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Foucault e a análise do discurso em educação*, Caderno de Pesquisa, São Paulo, n. 114, nov. 2001. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742001000300009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742001000300009&lng=pt&nrm=iso)>. acessado em 01 de agosto de 2012.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro-RJ, LTC, 1989.

GOROVITZ, Matheus. *Brasília, uma questão de escala*, São Paulo, Projeto, 1985.

GUARESCHI, Pedrinho e Sandra Jovchelovitch (org.). *Textos em representações sociais*, Petrópolis-RJ, Vozes, 2009.

GUIMARÃES, Pedro Paulino. *Configuração Urbana: evolução, avaliação, planejamento e urbanização*, São Paulo-SP, Prolivros, 2004.

GÜNTER, Weimer. *Arquitetura*, Porto Alegre-RS, Editora da UFRGS, 2006.

HABERMAS, Juergen, trad. Carlos Eduardo Jordão Machado. *Arquitetura moderna e pós-moderna*, Novos Estudos CEBRAP, nº 18, setembro de 1987, pp.115-124.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*, tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira L. Louro, Rio de Janeiro-RJ, DP&A, 1998.

HEIDEGGER, Martin. *Ser y Tiempo*, traduction de Jorge Eduardo Rivera, In Edición electrónica de <[www.philosophia.cl](http://www.philosophia.cl)>/ Escuela de Filosofía Universidad ARCIS.

HEGEL, G. W. Friedrich. *Estética – O belo artístico ou o ideal*, São Paulo, Nova Cultural, 1999.

HÉNAULT, Anne. *História Concisa da Semiótica*, tradução de Marcos Marcionilo, São Paulo-SP, Parábola Editorial, 2006.

HOLANDA, Aurélio Buarque. *Minidicionário da Língua Portuguesa*, Curitiba-PR, Ed.

Positivo, 2008.

HOLANDA, Frederico de (Org.). *Arquitetura & Urbanidade*, São Paulo, Pro editores, 2003.

HOLANDA, Frederico de. *Brasília – cidade moderna, cidade eterna*, Brasília: FAU UnB, 2010.

HELIODORO, Affonso. *O Memorial JK – um monumento e centro de cultura*, Brasília-DF, Verano Editora & Comunicação Ltda., 1996.

HELIODORO, Affonso. *JK, exemplo e desafio*, Brasília-DF, Thesaurus, 2005.

HOLSTON, James. *A cidade modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia*, trad. Marcelo Coelho, São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

HORTA, Anderson Braga. *Sob o signo da poesia: literatura em Brasília*, Brasília, Thesaurus, 2003.

J. TEIXEIRA, Coelho Netto. *A construção do sentido na arquitetura*, São Paulo – SP, Perspectiva, 1999.

JOFFILY, Geraldo Irenêo. *Brasília e sua ideologia*, Brasília-DF, Thesaurus, 1977.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*, São Paulo, Martin Claret, 2003.

KANT, Immanuel. *Crítica da Faculdade do Juízo*, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2008.

KANT, Immanuel. *Fundamentação da Metafísica dos costumes e outros escritos*, Tradução de Leopoldo Holzbach, São Paulo, Martin Claret, 2002.

KOTHE, Flávio R. *Fundamentos da Teoria Literária*, Brasília, Editora UnB, 2002.

KOTHE, Flávio R. *Literatura e sistemas intersemióticos*, São Paulo, Cortez, 1981.

KOTHE, Flávio R. *Ensaio de Semiótica da Cultura*, Brasília-DF, Editora UnB, 2011.

KOTHE, Flávio R. *O Cânone Republicano II*, Brasília-DF, Editora UnB, 2004.

KOTHE, Flávio R. *Pensando o Espaço*, palestra proferida na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília em 02/04/2012.

KOVADLOFF, Santiago. *O silêncio primordial*, tradução de Eric Nepomuceno e Luís Carlos Cabral, Rio de Janeiro-RJ, José Olympio, 2003.

KUBITSCHKEK, Juscelino. *Por que construí Brasília*, Brasília-DF, Senado Federal, 2006.

KUBITSCHKEK, Juscelino. *A Marcha do Amanhecer*, São Paulo-SP, Importadora de livros S.A., 1962.

LACOSTE, Jean. *A Filosofia da Arte*, tradução De Álvaro Cabral, Rio de Janeiro-RJ, Jorge Zahar, 1986.

LARAIA, Roque de Barros. Série Antropologia, *Candangos e Pioneiros*, Brasília-DF, 1996 (O artigo foi publicado somente na internet.).

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*, Rio de Janeiro-RJ, Jorge Zahar, 2001.

LE CORBUSIER. *A Carta de Atenas*, São Paulo, Hucitec Edusp, 1993.

LE CORBUSIER. *Urbanismo*, Tradução de Maria E. G. Pereira, São Paulo-SP, Martins Fontes, 1992.

LE CORBUSIER. *Planejamento Urbano*, São Paulo-SP, Perspectiva, 1984.

LOPES, Almerinda da Silva. *João Câmara: o revelador de paradoxos políticos sociais*, São Paulo-SP, Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

LOPES, Luís Carlos. *Brasília: o enigma da esfinge, a construção e os bastidores do poder*, Porto Alegre-RS, Ed. Universidade- UFRGS, 1996.

LOPEZ, Luiz Roberto. *História do Brasil Contemporâneo*, Porto Alegre-RS, Mercado Aberto, 1991.

LUZ, Clemente. *Invenção da Cidade*, Brasília-DF, Editora de Brasília S.A., 1967.

LUIZ, Edson. *Lei de Acesso – documentos mostram que militares temiam JK*. In Correio Braziliense, caderno de política, 1º de julho de 2012.

MAGNO, Ana Beatriz. *Universidade da arte*. In Revista Darcy nº 4, agosto e setembro de 2010, p.44.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*, Rio de Janeiro-RJ, Lucerna, 2007.

MARX, Karl e Friedrich Engels. *O Manifesto Comunista*, tradução de Maria Lúcia Como, Rio de Janeiro-RJ, Paz e Terra, 1998.

MELO NETO, João Cabral. *Obra Completa*, Rio de Janeiro, Nova Aguiar, 1994.

MELLO, Márcia Metran de. *Goiânia: cidade de pedras e de palavras*, Goiânia-GO, Ed. Da UFG, 2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*, Tradução de Carlos Alberto R. de Moura, São Paulo-SP, 2ª edição, Martins Fontes, 1999.

MILLER, John Lawrence, *Impacto Brasília*, Brasília-DF, Editora Ser, 2007.

MONNIER, Gérard.. *Le Corbusier-construir a modernidade*, tradução de. Maria Lucia

Machado, São Paulo-SP, Editora Brasiliense S.A., 1985.

NONATO, Alexandre Ferreira. *JK e os Bastidores da Construção de Brasília: sob a ótica da Conscienciologia*, Foz do Iguaçu-PR, Associação Internacional Editares, 2010.

NIEMEYER, Oscar. *A forma na arquitetura*, coleção depoimentos, Rio de Janeiro-RJ, Avenir Editora, 1978.

NUNES, Brasilmar Ferreira (Org.), et alii, *Brasília: a construção do cotidiano*, Brasília-DF, Paralelo 15, 1997.

NUNES, Brasilmar. *Brasília: a fantasia corporificada*, Brasília-DF, Paralelo 15, 2004.

NUNES, Brasilmar. *A Lógica Social do Espaço*. In Aldo Paviane e Luiz Alberto Gouvêa (organizadores). *Brasília: controvérsias ambientais*, Brasília-DF, Editora Universidade de Brasília, 2003.

ORICO, Osvaldo. *Brasil, Capital Brasília*, Rio de Janeiro-RJ, Record, 1961.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*, Campinas-SP, Pontes, 2000.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e leitura*, Campinas-SP, Editora da UNICAMP, 1988.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*, Petrópolis-RJ, Vozes, 1996.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As Formas do Silêncio: no movimento dos sentidos*, Campinas-SP, Editora da UNICAMP, 1992.

OLIVEIRA, Joanyr. *Brasília na Poesia Brasileira*, Rio de Janeiro, Cátedra, 1982.

OLIVEIRA, Joanyr. *Poesia de Brasília (antologia)*, Brasília-DF, Sette Letras, 1998.

OLIVEIRA, Joanyr. *Poemas para Brasília (antologia)*, Brasília, Projecto Editorial/Liv. Suspensa, 2004.

OLINTO, Heidrun Krieger. *Histórias de Literatura*, São Paulo-SP, Ática, 1996.

ORTIZ, Renato. *A consciência fragmentada*, Rio de Janeiro-RJ, Paz e Terra, 1980.

OSÓRIO, Antônio Carlos. *Brasília: diálogo com o futuro*, Brasília-DF, thesaurus, 1978.

PASTORE, José. *Brasília: a cidade e o homem – uma investigação sociológica sobre os processos de migração, adaptação e planejamento urbano*, Edusp, São Paulo, 1969.

PAVIANI, Aldo e Luiz A. C. Gouvea (org.). *Brasília: controvérsias ambientais*, Brasília-DF, Editora UnB, 2003.

PAVIANI, Aldo. *Brasília, a metrópole em crise: ensaios sobre urbanização*, Brasília-DF, Ed. UnB, 2ª edição, 2010.

PAVIANI, Aldo.(org.). *Brasília, moradia e exclusão*, Brasília-DF, Ed. UnB, 1996.

PAVIANI, Aldo.(org.) *Brasília, ideologia e realidade: espaço urbano em questão*, Brasília-DF, Editora UnB, 2010.

PAVIANI, Aldo. (org. et al.) *Brasília 50 anos: da capital a metrópole*, Brasília-DF, Editora UnB, 2010.

PAVIANI, Aldo. ( org.) *A conquista da cidade: movimentos populares em Brasília*, Brasília-DF, Editora UnB, 2010.

PLATÃO. *A República*, tradução de Enrico Corvisieri, São Paulo-SP, Editora Nova Cultural, 2000.

PEDROSA, Mário. *Dos murais de Portinari aos espaços de Brasília*, org. Aracy A. Amaral, São Paulo-SP, Perspectiva, 1981.

PEREIRA, Eva Waisros [et al.]..., organizadores. *Nas asas de Brasília: memórias de uma utopia educativa (1956-1964)*, Brasília-DF, Editora UnB, 2011.

PIGNATARI, Décio. *Semiótica da arte e da arquitetura*, São Paulo, Ateliê /editorial, 2004.

PIGNATARI, Décio. *Semiótica & literatura*, São Paulo, Ateliê Editorial, 2004.

PIMENTEL, Antonio M. De Azevedo. *A nova Capital Federal e o Planalto Central do Brasil*, (edição fac-similada da original de 1894), Brasília-DF, Thesaurus, 1985.

PORTO, Cláudia Estrela (org.). *Olhares: visões sobre a obra de João Filgueiras Lima / André Aranha C. do Lago ... [et al.]*, Brasília-DF, Editora da Universidade de Brasília, 2010.

PINTO, J. R. de Almeida. *Poesia de Brasília: duas tendências*, Brasília-DF, Thesaurus, 2002.

RAWET, Samuel. *Contos do Imigrante*, Rio de Janeiro-RJ, Coleção Prestígio, Ediouro, 1972.

RIBEIRO, Darcy. *Universidade para quê?*, Brasília-DF, Editora Universidade de Brasília, 1986.

RIBEIRO, Darcy (org.). *Universidade de Brasília: projeto de organização, pronunciamento de educadores e cientistas e Lei nº 3.998 de 15 de dezembro de 1961*, Brasília-DF, Editora da Universidade de Brasília, 2011.

RIBEIRO, Gustavo Lins. *O capital da esperança: a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília*, Brasília-DF, Ed. UnB, 2008.

RODRIGUES, Cristiane Moreira. *Cidade, Monumentalidade e Poder*, in *Geographia*, vol. 3, nº 6 (2001), Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense -RJ.

RILKE, Maria Rainer. *Poemas*, tradução de Paulo Quintela, (vol. 11, p. 281), Coimbra, 1967.

SALATA, André R. *Estudar X Trabalhar: as influências do local de moradia sobre as escolhas dos jovens no município do Rio de Janeiro*, p. 01. Pesquisado no site: [www.observatoriodasmetrolopoles.ufri.br/artigo](http://www.observatoriodasmetrolopoles.ufri.br/artigo), acessado em 21/11/2011.

SALMERON, Roberto A. *A universidade interrompida: Brasília 1964 – 1965*, Brasília-DF, Editora Universidade de Brasília, 2007.

SANTOS, Cecília Rodrigues dos ... [ et al.]. *Le Corbusier e o Brasil*, São Paulo-SP, Tessela: Projeto Editora, 1987.

SANTOS, Milton. *Espaço e Sociedade (ensaios)*, Petrópolis-RJ, Editora Vozes, 1979.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*, organizadores: Charles Bally e Albert Sechehaye, tradutores: Antônio Chelini, José Paulo Paes e outros, São Paulo-SP, Cultrix, 2006.

SENA, Clovis. *Fronteira Centro-Oeste*, Goiânia-GO, Editora Kelps, 1999.

SCHILLER, Friedrich. *Kallias ou sobre a Beleza: a correspondência entre Schiller e Körner, janeiro-fevereiro 1793*, tradução de Ricardo Barbosa, Rio de Janeiro-RJ, Jorge Zahar, 2002.

SCHELLING, F.W.J. *Filosofia da Arte*, São Paulo, EDUSP, 2001.

SCHWARTZMAN, Sinon at alli. *Tempos de Capanema*, Rio de Janeiro-RJ, Ed. Paz e Terra; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, Coleção Estudos Brasileiros; v. 81, 1984.

SCHIAVO, Cléia e Jayme Zetel (coordenadores). *Memória, Cidade e Cultura*, Rio de Janeiro-RJ, EdUERJ, 1997.

SCHILLER, Friedrich. *Cartas sobre a educação Estética da Humanidade*, São Paulo-SP, EPU. 1991.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, Petrópolis-RJ, Vozes, 2011.

SILVA, Ernesto. *História de Brasília: um sonho, uma esperança, uma realidade*, Brasília-DF, Coordenada – Editora de Brasília, s/d.

SOUSA, Nair Heloisa Bicalho. *Construtores de Brasília – estudo de operários e sua participação política*, Petrópolis-RJ, Vozes, 1983.

SOUZA, C. Ferraz e Sandra J. Pasavento (org.). *Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*, Porto Alegre-RS, Editora da Universidade/ UFRGS, 1997.

STUART, Hall. *A identidade cultural na pós-modernidade*, trad. Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro, Rio de Janeiro-RJ, DP&A editora, 1998.

SVENSSON, Frank. *Visão de Mundo: Arquitetura*, Brasília-DF, Edições Alva, 2001.

TAMANINI, Lourenço Fernando. *Memória da Construção: Brasília*, Brasília-DF, Ed. Royal Court, 1994.

TAVEIRA, João Carlos. *Canto Só*, Brasília-DF, Editora Regional, 1989.

TAVEIRA, João Carlos. *Na Concha das Palavras Azuis*, Brasília-DF, Thesaurus, 1987.

TAVEIRA, Tomás. *Discurso da Cidade*, Lisboa-Portugal, Novotipo, 1973.

TEIXEIRA, Anísio S. *A crise educacional brasileira*, Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, 2ª edição, Brasília-DF, v.80, n. 195, p. 310-326, maio/agosto de 1999.

TEIXEIRA, Hermes Aquino. *No tempo da GEB(1956-1960)- trabalho e violência na construção de Brasília*. Brasília-DF, Thesaurus, 1996.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro: apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas de 1857 até hoje*. Rio de Janeiro-RJ, Record, 1987.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo, Visconde de Porto Seguro. *A questão da Capital: Marítima ou no Interior?* 3ª edição, reprodução do texto da 2ª edição (1935) do Arquivo Nacional, Brasília-DF, Thesaurus, 1978.

VASCONCELOS, Adirson. *Brasil, Capital Brasília*, Brasília-DF, Thesaurus, 2007.

VASCONCELOS, Adirson. *O Homem e a Cidade*, União Editora, Edição fac-símile, Brasília-DF, 2000.

VASCONCELOS, Adirson. *Os pioneiros da construção de Brasília*, (vol. I e II), Brasília-DF, edição do autor, 1992.

VASCONCELOS, Adirson. *A Mudança da Capital*, 1ª edição, Brasília-DF, edição do autor, 1978.



VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1973.

VIDAL, Laurent. *De Nova Lisboa a Brasília: a invenção de uma capital (séculos XIX-XX)*, Tradução de Florence Marie Dravet, Brasília-DF, Editora Universidade de Brasília, 2009.

VIDESOTT, Luisa. *Os Candangos*. In *Risco – Revista de pesquisa em Arquitetura e Urbanismo*, p. 22.

VIGGIANO, Alan. *Uma Canção das Estradas*, Minas Gerais-MG, Editora Comunicação, 1983.

VITRUVIUS, Pollio. *Tratado de Arquitetura*, tradução de M. Justino Maciel, São Paulo, Martins, 2007.

WALTY, Ivete Lara Camargo. *Palavras e imagem: leituras cruzadas*, Belo Horizonte, Autêntica, 2000.

WEIMER, Günter. *Arquitetura*, Porto Alegre-RS, Editora da UFRGS, 2006.

XAVIER, Alberto (Org.). *Lucio Costa: sobre arquitetura [sic]*, Porto Alegre: UniRitter Ed., 2007.

ZEVI, Bruno. *Saber ver a arquitetura*, trad. Maria I. Gaspar e Gaëtan M. de Oliveira, São Paulo, Martins Fontes, 1996.

#### **OUTRAS FONTES DE PESQUISA:**

Arquivo Público do Distrito Federal: Giorgi, Bruno. *Depoimento – Programa de História Oral*. Brasília, 1989.

Bíblia Sagrada, Antigo Testamento. Gênesis, Cap. 2, versículo 7. In [www.bibliaon.com/genesis\\_2/](http://www.bibliaon.com/genesis_2/), acessado em 16/09/2012.

*Brasília Revisitada, 1985/87 – Anexo I do Decreto no 10.829/1987 – GDF e da Portaria nº 314/1992 – Iphan.*

Censo Experimental de Brasília – população e habitação, planejado e supervisionado pela Comissão Censitária Nacional, 1959.

Polícia Civil do Distrito Federal. *História da Polícia Civil de Brasília – aspectos estruturais (1957 – 1995)*, Academia de Polícia Civil, Brasília-DF, 1998.



### **Dissertações, Teses e Monografias:**

SANTOS, Michele dos. *A construção de Brasília nas tramas de imagens e memórias pela imprensa escrita (1956 – 1960)*, Dissertação (Mestrado em História), Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2008.

BATISTA, Ana Carolina Alves. *A Cidade do Futuro: que Sustentabilidade? Caso Estudo: Masdar, a cidade do deserto*. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Técnico, Universidade Técnica de Lisboa – Portugal, dezembro de 2008.

FEITOSA, Aline Nunes. *Athos Bulcão: sua arte e o turismo cultural em Brasília*, monografia apresentada ao Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília, 2005.

FRANCISS, Dib Santiago. *Neusa França: recortes de um Universo Musical*, dissertação apresentada ao Departamento de Música do Instituto de Artes da Universidade de Brasília-DF, agosto de 2007.

### **Jornais e Revistas:**

*Correio Brasileiro*, data das publicações: 05/06/2010, 11/08/2011, 02/10/2010, 26/06/2010, 29/02/2012.

*O Estado de São Paulo, Especial Brasília 50*, 21 de abril de 2010.

Encarte do *Correio Braziliense, Pioneiros, Histórias de quem fez Brasília*, 24/04/1996.

Revista *Humanidades* nº 56, *Brasília – Cidade – Pensamento*, Brasília-DF, Editora da UnB, dezembro 2009.

Revista *Risco*, número 11. Revista de pesquisa em Arquitetura e Urbanismo, programa de pós-graduação do departamento de arquitetura e urbanismo, EESC – USP, primeiro semestre/2010.

Revista *Risco*, número 9. Revista de pesquisa em Arquitetura e Urbanismo, programa de pós-graduação do departamento de arquitetura e urbanismo, EESC – USP, primeiro

semestre/2009.

Tempo Social – revista de sociologia da USP, São Paulo, Vol. 14 nº 2, pp. 187-207, outubro de 2002.

Secretaria de Estado de Cultura do Distrito Federal, Diretoria de Patrimônio Histórico e Artístico. *Patrimônio nas Ruas*, Brasília-DF, 2002.

### **Sites acessados:**

[www.cruzeiro.df.gov.br/005/00502001.asp?ttCD\\_CHAVE=3677](http://www.cruzeiro.df.gov.br/005/00502001.asp?ttCD_CHAVE=3677), acessado em 12/06/2012.

<http://valdoresende.files.wordpress.com/2010/anitapainel.jpg>, acessado em 27/06/2012.

<http://labirinto-mahara.blogspot.com.br/2009/03/abaporu-tarsila-do-amaral.html>, \_  
acessado em 25/06/2012.

[www.guiadigital.info](http://www.guiadigital.info) – acessado em 01/07/2010.

[www.unb.br/noticias](http://www.unb.br/noticias) – acessado em 15/08/2011.

<http://theurbneath.wordpress.com/tag/brasil-anos-60>, acessado em 15/08/2011.

[http://franklinmartins.com.br/estacao\\_historia\\_artigo](http://franklinmartins.com.br/estacao_historia_artigo), acessado em 15/08/2011.

[http://concursosdeprojeto.files.wordpress.com/2010/04/plano-piloto-brasil1.jpg?  
w=584](http://concursosdeprojeto.files.wordpress.com/2010/04/plano-piloto-brasil1.jpg?w=584), acessado em 08/09/2011.

[www.historianet.com.br/conteudo](http://www.historianet.com.br/conteudo) – acessado em 21/09/2011.

[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br) – acessado em 25/10/2011.

[www.brasilecola.com/0-crescimento-da-população-brasileir](http://www.brasilecola.com/0-crescimento-da-populacao-brasileir), acessado em 09/11/2011.

<http://mw2.google.com/mw-panoramio/photos/medium/44531733.jpg>, acessado em 12/11/2011.

[www.correiobraziliense.com.br/app/noticias/cidades](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticias/cidades)>, acessado em 17/11/2011.

[www.observatoriodasmetroplites.ufrj.br/artigo](http://www.observatoriodasmetroplites.ufrj.br/artigo) – acessado em 24/11/2011.

[www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069) – acessado em 25/11/2011.

[www.bvanisioteixeira.ufba.br/artigos/universidade.html](http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/artigos/universidade.html) – acessado em 13/12/2011.

<http://bd.camara.gov.br> – acessado em 06/01/2012.

[http://www.panoramio.com/user/262171?with\\_photo\\_id=27896682](http://www.panoramio.com/user/262171?with_photo_id=27896682) – acessado em 06/01/2012.

<http://noticias.r7.com/cidades/noticias/tribunal-de-contas> – acessado em 29/05/2012.

[http://www.cruzeiro.df.gov.br/005/00502001.asp?ttCD\\_CHAVE=3677](http://www.cruzeiro.df.gov.br/005/00502001.asp?ttCD_CHAVE=3677), acessado em 12/06/2012.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade\\_jardim\\_%28teoria%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade_jardim_%28teoria%29), acessado em 15/06/2012.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Abaporu>, acessado em 21/06/2012.

<http://valdoresende.files.wordpress.com/2012/02/anitapainel.jpg>, acessado em 27/06/12.

<http://www.infoescola.com/politica/populismo/>, acessado em 12/07/2012

<http://verabrant.com.br/1/principal.htm>, acessado em 16/07/2012.

[http://4.bp.blogspot.com/\\_24xN5ZIoNjQ/Rz7FRnDp\\_mI/AAAAAAAAAC4/75YzKg\\_x9pts/s1600/MES07.jpg](http://4.bp.blogspot.com/_24xN5ZIoNjQ/Rz7FRnDp_mI/AAAAAAAAAC4/75YzKg_x9pts/s1600/MES07.jpg), acessado em 30/07/2012.

[http://4.bp.blogspot.com/\\_SFdACDJLFQM/SLfsMOJm\\_PI/AAAAAAAAABnc/GNC-F6yYZ1g/s400/20080828195442793.jpg](http://4.bp.blogspot.com/_SFdACDJLFQM/SLfsMOJm_PI/AAAAAAAAABnc/GNC-F6yYZ1g/s400/20080828195442793.jpg), acessado em 30/07/2012.

[http://3.bp.blogspot.com/t7bqGTKYTks/T4Q6R2Z\\_\\_RI/AAAAAAAAAAco/CAMJZqWToEw/s1600/pedra\\_fundamental.jpg](http://3.bp.blogspot.com/t7bqGTKYTks/T4Q6R2Z__RI/AAAAAAAAAAco/CAMJZqWToEw/s1600/pedra_fundamental.jpg), acessado em 02/08/2012.

<http://www.adorobrasilia.com/images/museu-catetinho.jpg>, acessado em 04/08/2012.

<http://www.construirnoticias.com.br/figuras/51/pag57.jpg>, acessado em 04/08/2012.

<http://img.video.globo.com/GMC/foto/0,,1594011-EX,00.jpg>, acessado em 04/08/2012.

[http://naterradoipe.files.wordpress.com/2011/08/dsc\\_0120.jpg?w=300&h=199](http://naterradoipe.files.wordpress.com/2011/08/dsc_0120.jpg?w=300&h=199), acessado em 07/08/2012

<http://f.i.uol.com.br/folha/cotidiano/images/1122490.jpeg>, acessado em 04/10/2012.

[http://palavrastodaspalavras.files.wordpress.com/2008/06/1968-passeata-do-cem-mil-rj-sem-credito-1998-009917\\_pop.jpg](http://palavrastodaspalavras.files.wordpress.com/2008/06/1968-passeata-do-cem-mil-rj-sem-credito-1998-009917_pop.jpg), acessado em 04/10/2012.

<http://rizzolot.files.wordpress.com/2007/08/mimi.jpg>, acessado em 04/10/2012.

[http://www.vitruvius.com.br/media/images/magazines/grid\\_9/9ae2\\_arq111-03-04.jpg](http://www.vitruvius.com.br/media/images/magazines/grid_9/9ae2_arq111-03-04.jpg), acessado em 04/10/2012.

[http://1.bp.blogspot.com/\\_4r7sxqllxT8/TTLR-vL2OoI/AAAAAAAAAGNY/fYb0f-36few/s1600/nl%2Bporco.jpg](http://1.bp.blogspot.com/_4r7sxqllxT8/TTLR-vL2OoI/AAAAAAAAAGNY/fYb0f-36few/s1600/nl%2Bporco.jpg), acessado em 26/10/2012.

<http://fundathos.org.br/loja/products/Skins.html#>, acessado em 10/08/2012.

[http://atias.com.br/Atias\CMS/wp-content/uploads/2011/07/Construcao\\_Brasilia.jpg](http://atias.com.br/Atias\CMS/wp-content/uploads/2011/07/Construcao_Brasilia.jpg),  
acessado em 10/08/2012.

<http://museuvirtualbrasil.org.br> , acessado em 20/12/2012.

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/podcasts/ult10065u723792.shtml>, acessado em  
08/12/2012.

[http://www.bibliaon.com/genesis\\_2/](http://www.bibliaon.com/genesis_2/), acessado em 16/09/2012.

<http://www.construirnoticias.com.br/figuras/51/pag57.jpg>, acessado 16/09/2012.

[www4.planalto.gov.br](http://www4.planalto.gov.br), acessado em 16/09/2012.

<[www.philosophia.cl](http://www.philosophia.cl) >/ Escuela de Filosofía Universidad ARCIS, acessado em  
26/09/2012.

<http://mw2.google.com/mw-panoramio/photos/medium/44531733.jpg>, acessado em  
30/09/2012.

[http://www.portogente.com.br/arquivos/id\\_29569\\_u1.jpg](http://www.portogente.com.br/arquivos/id_29569_u1.jpg), acessado em 16/10/2012.

<http://doc.brazilia.jor.br/Construcao/img/vlAmaury.jpg> , acessado em 19/10/2012.

<http://4.bp.blogspot.com/> , acessado em 20/10/2012.

[www.brasilecola.com/0-crescimento-da-popula\u00e7\u00e3o-brasileira](http://www.brasilecola.com/0-crescimento-da-popula\u00e7\u00e3o-brasileira),  
acessado em  
09/11/2012.

[http://images.ig.com.br/publicador/ultimosegundo/453/202/0/7567056.minhocao\\_172\\_249.jpg](http://images.ig.com.br/publicador/ultimosegundo/453/202/0/7567056.minhocao_172_249.jpg),  
acessado em 10/11/2012.

<http://www.guara.df.gov.br/sites/100/181/imagens/Image3.gif>,  
acessado em  
21/12/2012.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade-sat%C3%A9lite#cite\\_note-1](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade-sat%C3%A9lite#cite_note-1), acessado em 14/12/2012.

[http://photos.wikimapia.org/p/00/00/25/40/11\\_big.jpg](http://photos.wikimapia.org/p/00/00/25/40/11_big.jpg), acessado em 16/12/2012.

<http://www.girafamania.com.br/nascimento/brasil-giba.jpg>, acessado em 16/12/2012.

**ANEXO A – QUESTIONÁRIO RESPONDIDO PELOS PIONEIROS**

- 2) Nome e cidade de origem.
- 3) Quando migrou para Brasília? Quantos anos tinha na época? Veio só ou com outras pessoas?
- 4) Há quantos anos mora em Brasília? Sua chegada foi ou não gratificante? Qual seu grau de satisfação por viver em um sistema social incipiente?
- 5) Veio para Brasília por razões profissionais? Qual a primeira ocupação profissional na nova Capital? Avalie suas condições de trabalho e moradia após a migração?
- 6) Qual sua avaliação em relação ao grau de satisfação/insatisfação nesta Capital:
  - a) com a construção, evolução ao longo do regime militar, a corrupção e o oportunismo político?
  - b) com a implantação de serviços em geral?
  - c) com o modo de convivência das pessoas, havia muita solidariedade inicialmente? Houve modificação no decorrer dos anos?
- 7) A construção de Brasília foi percebida como uma ação para atingir objetivos múltiplos. Você se sente parte do projeto histórico cidade?
- 8) Após meio século da inauguração, Brasília surge bastante diferente de seu projeto inicial. Considerando o desenvolvimento urbano da cidade, o que Brasília ganhou ou perdeu nesses anos de existência?
- 9) Na sua opinião, há falhas básicas no projeto inicial de Brasília, principalmente, no que diz respeito à locomoção dos moradores das Cidades-satélites para o Plano Piloto e no próprio Plano?
- 10) A respeito da vida cultural/literária de Brasília, como se desenvolvia na época inicial? E hoje, como se apresenta? Caso necessite de mudanças, o que poderia ser feito para melhorar?
- 11) Como é viver em Brasília? Compare-a com sua cidade de origem: sente-se, atualmente, menos feliz, igualmente feliz, ou mais feliz em Brasília? Brasília lhe parece uma cidade artificial?

- 12) Com relação ao nível de emprego/desemprego, como se apresentava a população nos primeiros anos de Brasília?
- 13) Pode-se supor que o DF se divide numa sucessão de “casa-grande e senzala”, em vez do projeto igualitário proposto inicialmente?
- 14) A arquitetura de BSB é especial para você, ou já lhe parece normal, ou artificial? Por quê? Essa arquitetura interfere na vivência dos habitantes da cidade?
- 15) Os habitantes de BSB lhe parecem diferentes, em relação aos moradores de outras cidades, no que diz respeito ao relacionamento entre eles?
- 16) Na sua opinião, vive-se bem em BSB nos dias atuais? O que lhe parece melhor ou pior no cotidiano da cidade?
- 17) Juscelino Kubitschek, com a construção de Brasília, e na sua opinião, colocou-se ao nível dos maiores estadistas que o Brasil já teve?
- 18) Brasília é uma fonte inspiradora para os artistas que nela vivem ou a presença próxima do poder gera inibição ou repressão na liberdade criativa necessária ao artista, induzindo-o a produzir conforme as conveniências do poder?
- 19) Como você viveu ou não, a diferença entre as esperanças da época de Juscelino e os anos de chumbo da Ditadura Militar em Brasília?
- 20) Quais obras literárias ou artísticas você citaria como representantes ou mais relevantes de Brasília?
- 21) Há alguma questão que você gostaria de acrescentar além das já feitas?



## ANEXO B – DEPOIMENTOS DOS PIONEIROS ENTREVISTADOS

### 01) ADIRSON VASCONCELOS – 15/04/2010

01 – José Adirson de Vasconcelos, eu sou um jornalista, em livros, sou Adirson Vasconcelos. Sou originário do Ceará, minha cidade se chama Santana do Acaraú. Santana porque é a santa padroeira e Acaraú porque passa lá um rio chamado Acaraú. É uma cidadezinha do Ceará, próximo da cidade grande de Sobral. Cedo, meu pai me mandou estudar fora, mandou o filho mais velho estudar medicina em Recife e aos 12 anos esse filho conseguiu uma vaga no Seminário dos Irmãos Maristas em Recife. Para onde eu fui transferido para viver interno no Seminário, fiquei lá até os 17 anos. Ao sair do seminário e fui encontrar o irmão. Saí por causa de paixão, a minha vocação não era muito aquilo, arranjei uma namorada. Então ele me encaminhou na vida. Uma das primeiras coisas que ele disse foi que eu fosse procurar um emprego. Como no seminário eles nos davam muito conhecimento de línguas, português, latim e francês, nós éramos obrigados a falar porque era de origem francesa. Eu saí de lá com uma boa bagagem. Eu fazia o jornalzinho do seminário. Então, eu falava isso e ele interpretou e intuiu, 'meu irmão, vai procurar emprego de jornalista'. E eu fui no melhor jornal e no mesmo dia comecei a trabalhar, sem fazer curso, sem nada, que naquele tempo não existia, mas eu tinha uma bagagem. Eu trabalhava primeiro na revisão, passei para tradutor e depois para repórter. Isso era no Jornal do Comércio. Em 1953 para 54 passei a trabalhar como repórter no Jornal Correio do Povo em Recife. Esse jornal me mandou fazer a cobertura da primeira missa de BSB em 03 de maio de 1957. E esse momento foi marcante na minha vida, eu sou antes e depois disso, marcou minha presença em Brasília. Em maio eu estive aqui para fazer essa cobertura. Foi um momento lindo. Na profecia de Dom Carmelo Mota, Brasília é o trampolim para a conquista da Amazônia e ocorreu. Naquele tempo isso era uma utopia, uma coisa não imaginária, porque na nossa mentalidade daquele tempo a Amazônia era uma floresta intransponível. Mas aconteceu com a Belém-Brasília no tempo de Juscelino.

02 – Eu vim e me entusiasmei com a ideia no final do ano, setembro, outubro de 1957, estava aqui como repórter, como jornalista, representando meu jornal. Em outubro eu vim em definitivo. O deputado que era o dono do jornal me deu o título de correspondente aqui, eu tinha o salário de lá e ele queria notícias, ele era amigo do Juscelino, queria notícias de Brasília, fazia as médias dele, sem dúvida, e porque ele era um entusiasta de Juscelino e de Brasília. Coincidência boa para mim, né? Coisa de Deus, me fez juntar a esse homem que foi maravilhoso comigo. Em setembro de 57, ele era deputado e conseguiu emprego público para mim aqui. Eu recebia como celetista, no Instituto dos Bancários para ser assessor de imprensa do presidente do instituto da 108 e mandar as notícias como assessor de imprensa de Brasília. Eu ganhava muito bem, logo eu comprei um jipe, e desbravava isso aqui tudo. Eu era muito fã de Juscelino. Fiquei amigo dele. A primeira vez que eu vim eu tinha 20 anos, na segunda, eu já tinha completado 21 anos. Vim sozinho.

03 – Há 53 anos, vi tudo, foi um privilégio de Deus. Ver todo esse caminhar de Brasília, principalmente, aquele que é imperdível. A história de Brasília tem um momento imperdível que quem não viveu pode ficar com uma santa inveja, que foi a construção. Uma coisa de

idealismo, que faz lembrar dos fugitivos do Egito, seguindo Moisés em rumo a Terra Prometida. Moisés era um grande líder, assim como aqui nós tínhamos um grande líder que era Juscelino Kubitschek. Para mim, toda a vida, até hoje eu agradeço a Deus. Vibrei com isso. Extraordinário desde aquele tempo porque eu vivi os jovens ideais que se apaixonam facilmente e eu me apaixonei por esse ideal de nós pioneiros, aqueles que estavam aqui, entregar ao Brasil a capital no interior. Isso era uma missão assim empolgante para todos nós. Não só eu, uma pessoa mais intelectualizada, engenheiro, médico, etc... inclusive, principalmente, para os candangos, os trabalhadores que eram aos milhares, nós vivíamos o mesmo instinto embora vivêssemos em castas sociais, intelectuais um pouco diversificadas, mas estávamos juntos. Nosso ideal era o mesmo e isso nos dava ao espírito o patriotismo e o Presidente Juscelino entusiasmando a todos naquele tempo. As palavras dele era de otimismo, de entusiasmo, de vibração, para que nós déssemos ao Brasil a Capital brasileira, a nova capital. “Ele se relacionava com as pessoas normalmente?” Não era normalmente, era abertamente, carinhosamente. Ele, num gesto de humildade ia àqueles acampamentos, eu assisti, muitas vezes, entrava no meio daqueles operários, aos milhares, sem segurança, quem acompanhava ele era o motorista do jipe e um oficial da Aeronáutica ou do Exército que conduzia uma pasta e ele saía lá do pedestal de Presidente e ficava no nível nosso, dos trabalhadores e dizia assim aos candangos: 'conto com vocês, para nós darmos ao Brasil essa cidade no ano de 1960.' “Isso aos trabalhadores braçais?” Braçais, empoeirados, sujos, enlameados, de macacão. Isso psicologicamente, um Presidente da República, dizendo 'conto com você para fazer isso, a gente arrepia'. Imagine você, Alexandrina, aqueles homens rudes que vieram do Nordeste, interior de Goiás, interior de Minas, pessoal da roça, pessoal despreparado que milagrosamente aqui se transformaram em carpinteiros, pedreiros. “Eles vinham sem saber fazer nada?” Vinham e aprendiam, rapidamente, um fenômeno. Então, isso para eles era uma coisa de doido, ficavam malucos com um negócio desses. O Presidente da República dizer tudo isso para eles, assim e abraçando, convivendo com eles, aproximando-se sem ter segurança pra cercar como hoje a gente observa, é o carisma, né?

04 – Foi, vim como jornalista. Tem sido minha ocupação esse tempo todo, inclusive como funcionário no tempo do EPB, eu era assessor de imprensa, vivo disso até hoje. Os candangos chegavam aqui aos milhares, eram caminhões, pau de arara e ônibus chegando. Eles iam todos para a Cidade Livre, hoje Núcleo Bandeirante. Era ali o centro e aquele rapaz, o Sena, tinha aquela voz de Brasília, no amplificador, ficava ali no centro, em frente ao supermercado diamantina. O pessoal ia chegando e ele dizia no microfone, 50 vagas para pedreiros, 50 de marceneiros, etc. Dizia muitas vagas para a companhia nacional e outras, em todas aquelas firmas construtoras que formavam aqui os grandes acampamentos. Acampamentos que tinham milhares de operários, eram aqueles alojamentos com imensos galpões com beliches. Tinha um refeitório para os operários e uma cantina para os engenheiros, para nós, pessoal de situação menos braçal. Então, esse pessoal se firmava assim. “Quem servia a comida nessa época?” Outros operários que vinham pra cá, porque tinham vagas também para cozinheiro, pra isso, pra aquilo. “Alguns vinham especificamente para a cozinha”. Eles vinham buscando um eldorado, entendeu? Como fugitivos do Egito que buscava a terra prometida. Vinham com fome porque a seca no Nordeste, cadente nesse tempo, e as condições no interior de Goiás e de Minas também não eram favoráveis para a mão de obra. Eles vinham sem preparação, nunca lá tiveram salário condigno, viviam de biscates, talvez, da roça e aqui passaram eram fichados, eles saíam dali, da Cidade Livre, fichados. Eles eram registrados todos lá, existia um órgão, veja só como era organizado o negócio. Veja a recepção: eles chegam e quem recebia era o Instituto Nacional de Imigração e Colonização que existia no Governo Federal (INIC).

Eles tinham uma mesa próxima, os espaços eram muitos pequenos na Cidade Livre e eles organizavam tudo. Tem 70 vagas na Pederneira e o caminhão já estava lá e eles iam já com o papelzinho entregar lá na Pederneira. Eles faziam a triagem e quando chegavam na Pederneira o chefe do escritório já tinha aquele papelzinho, já entregava para o encarregado do pessoal e ele já ia trabalhar como chefe de obras e etc., tinha serviço imediato. Iam buscar a cama no alojamento, era tudo na mesma hora e, começava a trabalhar. Ganhava-se bem e tinham aqueles que trabalhavam em mais de um turno, não sei como dormiam. Eles queriam mandar mais dinheiro para casa e faziam, ocorria isso, a agência do correio viu muito esse espetáculo. Chegando aqui, as pessoas de melhores condições ficavam nos acampamentos, os outros, nos alojamentos. Eu tinha direito de ficar no acampamento, mas eu gostava mais era de ficar em hotéis na Cidade Livre porque nos acampamentos era só barulho dia e noite, não parava, era 24 horas. A cidade era movimentada, tinha restaurantes, bares, diversão, tinha de tudo lá, lanche no hotel, resumindo, tinha até boate. Então tudo acontecia ali, naquele contexto do Núcleo Bandeirante e era ônibus e táxi para todos os lugares, tinha venda de passagem de avião. “O aeroporto foi logo construído?” A Construtora Metropolitana foi contratada para construir a pista de pouso, em dezembro de 1956, a primeira construtora a vir para cá. Essa pista entrou em funcionamento no dia 3 de maio de 1957. O Presidente Juscelino desceu nela junto com Dom Carmelo Mota que vinha de São Paulo, trazendo Nossa Senhora Aparecida e outras autoridades. Eu vim de ônibus, mas voltei de avião, quando eu soube fui ao aeroporto tentar uma carona no avião da FAB e fui para o Rio. Esses eram os acampamentos daqueles que chegavam, tinham uns acampamentos da NOVACAP que ficava perto da Cidade e tinha a Cidade Livre. Quem pegava um lote para por uma firma: Solomaq, Eldorado, etc. Esses iam para o lote faziam um tablado e iam dormir lá. Era difícil, não tinha limpeza pública e dava muito rato naquele tempo, cobras e todos os bichos. Assim eram adaptadas as pessoas que chegavam ao novo meio. Agora vejamos depois da cidade inaugurada. Antes de ser inaugurada muitas pessoas de melhor posição, engenheiro, médicos, advogados, pessoas ilustres, juiz de direito etc. Foram construídas 500 casas, às pressas, pela Fundação da Casa Popular na W3. As casas da 710, 711, 712 eram chamadas de 22, 23, 24 até 34. Em 1958 muitos foram alojados ali, eu mesmo fiquei um tempo na casa de um engenheiro, amigo meu, mas eu gostava de liberdade. Então esses primeiros adaptaram-se ali e era assim, havia um nível de intelectualidade e de função e adaptou muita gente, eram 500 casas. “Inaugurada Brasília, aos candangos da construção foram pra onde?” Aqueles apartamentos que os candangos fizeram foram ocupados por funcionários transferidos, Ministros etc. Alguns pioneiros do tempo da construção ganharam, outros mais. Eu ganhei lá na 412, apartamentos JK, pequenos, bom demais. Você sabia que os apartamentos da 412 e 413 foram chamados apartamentos JK ele ficaram prontos em 1959. Eu era muito movimentado, viajava muito para o Rio, precisava mesmo, tinha até passagem do próprio instituto para ir. Aqueles apartamentos foram ocupados por Ministros de diversos setores, os apartamentos JK prontos e havia mais uns 500 do IAPI, aqueles colados no chão. Esses apartamentos foram distribuídos de acordo com o tamanho da família. O Presidente Juscelino inaugurou, havia 49 jornalistas. Teve um tempo, em 1957, que era só eu de jornalista, depois chegaram outros, o Clemente etc. E nós nos adaptávamos muito bem, aqui era uma fraternidade. O clima de união entre todos os pioneiros era uma coisa extraordinária. Isso era até uma necessidade porque não tínhamos nenhum parente, a gente se apegava as outras pessoas, como uma integração, nós tínhamos um ideal, muita coisa na cabeça. Dizem que para não ficar depressivo todos devem ter um projeto, e aqui todos tinham esse projeto, um projeto também de ganhar dinheiro, um projeto pessoal. Os salários eram bons, não havia roubo, Israel Pinheiro era uma fera se ele soubesse de algo ele mandava a GEB, eles batiam mesmo. Então todos tinham o mesmo ideal e quando

isso ocorre a força é imensa, dava-se carona. Voltando a sua pergunta sobre os trabalhadores braçais, tem uma música que diz que o trabalhador que construiu o prédio ficava olhando e pensando que ele não tinha direito de morar. Aqui não ocorreu isso. Muitos trabalhadores que vieram, para trabalhar na obra, mas num carrinho vendiam 'marta rocha', outros bolos, café, etc. Então esses que vieram com outro espírito, para fazer outras coisas, com objetivos diferentes, e a Cidade Livre ficou superlotada. Eles fizeram uma invasão, ao lado direito do Núcleo Bandeirante e rapidamente crescia e não podia ocorrer isso. Dr. Israel não permitia, mandava a GEB, era uma briga danada. Sabe o que eles fizeram para evitar aquela confusão? O Juscelino era querido e atendia todo mundo, eles mandaram fazer uma faixa bem grande 'Vila Sara Kubitschek', a polícia não entrou mais lá. Tinham que resolver aquele problema. Que genialidade! 'Vila Sara Kubitschek' quem vai se meter a ocupar aquilo! Os candangos foram dignamente transferidos para um lote próprio, não na Cidade Livre que não podia ser maior do que estava, foram para Taguatinga em 1958, foi o Presidente que mandou. "Eles receberam um lote com casa?" Não, receberam madeira. Os representantes da Vila foram ao Presidente da NOVACAP e ao Juscelino e determinou que resolvesse o problema. Foram engenheiros que já conheciam aquele platô, e consideravam um bom lugar para uma cidade e tinha para alimentar o pessoal. Então eles correram, deslocaram daqui e fizeram um arruamento lá e transferiram todos para lá. As construtoras deram madeira, eles compraram, a NOVACAP também deu e todos se arrumaram. Você já imaginou? Chegar aqui, não ter lugar para morar e você ganhar um lote grande, é uma maravilha, né? "E sabiam trabalhar, né?" Eram gente que queria trabalhar e sabiam fazer. Continuando, ainda havia necessidade de mais lugar, abriram Sobradinho e o Gama, tudo em 1960. "Antes da inauguração?" Não, Sobradinho foi antes um pouquinho. Então, quando as construções começaram a rarear eles foram transferidos para esses lugares. Sobradinho tinha um outro projeto e teve que acomodar esse pessoal. Todos que construíram os prédios ganharam um espaço, o governo não deu uma casa, mas naquele tempo a construção aqui era de madeira, era fácil. Teve um camarada que escreveu para o Ceará, dizendo que fez a casa dele com 100 sacos de cimento, como o cimento custava caro, os pais dele ficaram admirados, pensando que o filho estivesse muito rico. Depois descobriram que eram 100 sacos vazios de cimento que ele havia usado para não molhar, o saco protege. Então o candango não ficou jogado como nossos escravos que tiveram a abolição e não tinham trabalho, comida, educação, nada. Foi bem diferente, comparando com o quadro do Brasil na escravatura.

05 – "Na construção de Brasília, me parece que houve um episódio importante, penso que o sr. possa falar melhor sobre isso." Eu fui repórter disso. Dia 08 de fevereiro de 1959, era um sábado, eu não estava aqui. Como eu tinha passagens para o Rio eu tinha ido passar o carnaval lá, claro. Voltei na terça-feira, o episódio foi no dia 08, quando eu cheguei, fui para o Hotel Souza e tinha um bilhete lá de um dos diretores da Associação Comercial, dizendo que tinha tido um problema da polícia com os operários na Pacheco Fernandes e que eu o procurasse. Procurei e ele me contou tudo que tinha ocorrido. Fui depressa à polícia, falei com o Cel Musa, meu amigo. Fiquei sabendo que tinha gente no hospital, fui até lá e comecei a entender o caso. Foram levados para o hospital mais de 40, escoriados, baleados. "Foram muitas pessoas feridas e os que morreram?" Isso é um mito, eu vi, tenho anotado. Lá no hospital me disseram, desses 48, mais ou menos, 44 foram liberados porque eram só pancadas, escoriações. E quatro estavam lá ainda porque receberam tiros nas coxas e nas pernas e estavam lá fazendo curativos. Nenhum recebeu tiro acima da barriga, todos nas pernas. Depois tem a história de um que morreu. Isso foi o que eu vi, o Dr. Arquelau, um amigo meu, advogado em Goiânia, veio para cá para ser corregedor de polícia. Isso foi no dia 08, no dia

09, ele mandou prender todos os policiais da GEB no Quartel do Exército para responder ao inquérito, porque a Associação Comercial pressionou. Depois fui falar com o juiz, Dr. Lúcio Aranha, em Planaltina. Ele disse que o processo estava ainda na polícia, ele não tinha recebido nada. Voltei e continuei acompanhando o fato. O que ocorreu foi que no dia 08 de fevereiro de 1959, sábado de carnaval, jantar no acampamento, centenas de operários no alojamento. Serviram a refeição: arroz, feijão, macarrão, isso não faltava, e carne geralmente de charque e, às vezes, tinha carne de gado que vinha de Goiás. 'Nas cantinas, a gente comia sempre carne de gado, eram os engenheiros, era um pratinho melhor'. Mas era um prato de substância, e comiam o quanto quisessem. Dois operários, um brasileiro e um português, tinham tomado um pouquinho, aqui se bebia muita cachaça à noite e fevereiro é um tempo de frio e de chuva. Eles estavam meio mole, pegaram o prato, acharam ruim, estavam desgostosos de alguma coisa, carnaval e eles estavam aqui numa luta danada, reclamaram para o encarregado do restaurante que a comida estava ruim. O encarregado chamou o cozinheiro, para explicar para ele, aí o cozinheiro veio, eles disseram que não queriam mais aquela porcaria e jogou na cara dele. Aí o chefe mandou chamar o motorista e disse, 'vai lá na polícia que está havendo um problema aqui'. Vieram três soldadinhos, soldados da GEB tinham entre 19 e 30 anos. Muitos eram meninos, saíam do cabo de guerra e entravam aqui. Os soldadinhos chegaram e chamaram os dois, o cozinheiro e mais o chefe do restaurante mais uma outra pessoa para irem à delegacia de polícia, registrar queixa, aquele negócio. Os dois disseram umas coisas, todo mundo cercado e repetindo: 'não, ele não vai'. Daí a pouco umas 700 pessoas estavam dizendo isso e cercaram os soldadinhos. O encarregado do restaurante disse ao mesmo motorista: 'vai lá dizer que eles vão matar os soldadinhos' e ele voltou lá. Aí veio um caminhão com todo o efetivo, 27 homens. Parece que 2 deles eram civis, recebendo orientação: operação resgate, era a ideia deles inicial, resgatar os três policiais porque a informação que eles receberam é que iriam matá-los, eles vieram a todo vapor. No caminho, o cara que orientava dizia 'chegar atirando para cima, ir entrando e, se alguém avançar, atirar nas pernas. Quando eles desceram e entraram começara a atirar para cima, depois a perícia mostrou tudo, foram muitos tiros e aqueles que avançavam levavam tiro, ou que fizesse qualquer gesto ameaçador. Bem, depois de acalmar, juntar os feridos, eles resgataram os três que se juntaram ao grupo e acabou. Muitos correram e se atropelaram, muitos foram para o hospital por isso, caíram no meio da multidão e os caras todos armados e eles não. Eu fiz essa reportagem e mandei a notícia, eu vi tudo e anotei, eu tenho apontamentos de todos os que foram parar no hospital. Por coincidência o Dr. João Palmeri, que era um oficial do Exército, era médico e exercia a função no hospital de médico legista. Quando morria um operário ele dava o laudo, morreu porque caiu do 28 etc., quebrou a cabeça... ele fazia o laudo, havia um outro lá. Ele fez de todos, mas um morreu. Por quê? Muita gente procurou se esconder, no acampamento um levou um tiro e correu para debaixo da cama, isso era 8 ou 9 horas, e ficou debaixo da cama enquanto havia barulho, e lá esvaiu-se em sangue e não teve força para sair. Após tudo, quando o pessoal foi dormir, viram uma poça de sangue nas tábuas, olharam, tinha um embaixo, puxaram e estava morto. Ele morreu de sangria na perna e uma hora da manhã levaram esse morto no caminhão para o hospital. Todos os feridos foram levados para o hospital de caminhão, foram três ou quatro caminhões de gente. O hospital era o IAPI junto à Cidade Livre, era onde hoje é o Museu da Memória Canganda. Então, o fato foi esse, Sebastião Rocha morreu, se ele tivesse ficado no meio dos outros, talvez não tivesse morrido, o pessoal tinha levado ele para o hospital. Por que tem esse negócio, operários metralhados, nas manchetes, no acampamento da Pacheco Fernandes, foram eles que construíram o Palácio do Planalto. Eles não tinham metralhadora, quem tinha era o Exército e a Aeronáutica, eles não foram metralhados, receberam tiros e os tiros foram todos para cima. Por que saíram



essas manchetes? Em 1958 Brasília estava repercutindo no mundo, tinha sido inaugurado, em junho, o Palácio da Alvorada. As colunas do Niemeyer surgiram como um fenômeno, pareciam voar, os jornais mundiais publicaram sobre o assunto, a partir de junho de 1958. Havia uma oposição ao Presidente que tinha permitido aprovar a lei, achando que isso era uma casca de banana para ele escorregar, porque se ele não termina no governo dele o outro não iria terminar. A UDN (União Democrática Popular) começou a se articular contra Brasília, eu ia muito ao Rio e sei disso, e tinha também contato com deputado juscelinista, eu estava muito bem informado. Então, os jornais que eram contra Brasília começaram a articular, isso é um motivo ótimo, principalmente porque veio logo aqui o Binômio, um jornal da UDN, adversário de Juscelino em Minas Gerais, não viram nada, eles chegaram aqui 10 dias depois e começaram a publicar escândalos, massacres e o mito vira lenda. Por exemplo, eu vi uma declaração de uma senhora na televisão, dizendo 'eu vi saíram 4 caminhões de cadáveres e foram jogados no lago'. Isso foi em fevereiro de 1959 e não tinha o lago ainda. Eu vi e consegui apurar no hospital, o Dr. João Palmeri meu deu o laudo de cada um e depois eu consegui a íntegra dos laudos. "Terminado isso eles voltaram ao trabalho sem revolta?" Aqui pouco repercutiu isso, nem se falava mais nisso, era muito trabalho. Alguns das construtoras com o movimento de polícia lá, saíram da construtora, talvez uma ou duas dezenas e foram trabalhar noutras. Por quê? Porque tinham algum problema que eles não queria mexer com polícia, eu calculei que fosse isso. Quando um sujeito vinha trabalhar aqui não se perguntava se tinha cometido crime ou outra coisa, queriam era o homem para trabalhar. Jornais mais sérios não deram essa ênfase, como O Globo, O Correio da Manhã, O Estado de São Paulo, que eram contra porque a mudança da capital iria tirar o foco do Rio de Janeiro.

Brasília é inaugurada, uma festa maravilhosa, a maioria dos pioneiros estavam assistindo e não acreditavam, o desfile militar e popular foi uma coisa louca, eu estava lá e assisti a todos os eventos da inauguração, nos dias 21, 22 e 23. Foi vibrante os operários desfilando, pareciam políticos, vibravam muito. Brasília é inaugurada com as coisas essenciais, podia funcionar, tinha todos os Ministérios, têm os palácios, tem água, esgoto, tem luz, telefone e tem residências. Faltavam muitas coisas, mais hospitais, mais escolas, mercados e transporte. Do dia para a noite chegaram aqui muitos funcionários transferidos que queria lazer, estavam acostumados a praia, no Rio de Janeiro. Juscelino fez muitas coisas em 60 ainda, mas claro que ficou faltando. Brasília que sempre foi protegida pela espiritualidade, o capeta chegou em 1961, foi Jânio Quadros. Foi uma transformação administrativa, econômica e sociológica ocorreu. Ele chegou contra Juscelino, contra Brasília, falso, queria fazer um discurso na posse, contra Juscelino, mas o Presidente soube disso e disse que ele podia fazer, mas quando ele terminasse iria receber um soco quando fosse receber a faixa presidencial. O Presidente Juscelino coroadado no Brasil e no exterior e era um homem autêntico. Então, Jânio mudou o discurso, mas quando o presidente saiu daqui, já estava no avião, indo para Paris passear, Jânio, à noite, na voz do Brasil, disse tudo que ele queria e não tinha dito no discurso e o Juscelino ouviu porque o comandante do avião que estava ouvindo a Voz do Brasil, chamou-o para ouvir. Brasília estava na apoteose, os jornais de todo o canto diziam que Brasília era obra do século e o Jânio entrou assim. Referindo-se a estrada Belém Brasília que Juscelino fez integrando a capital, aliás, Juscelino antes de entregar Brasília fez a integração com com todo o Brasil, disse que era a estrada de onça e naqueles bilhetezinhos dele, ridículos, ele mandou abrir comissão de sindicância em todos os órgãos da NOVACAP.

Não havia corrupção nessa época, após término das sindicâncias nada foi constatado e Israel Pinheiro era um homem muito sério e não aceitava presentes nem conversas, ele atendia as pessoas de pé e qualquer coisa ele cortava contato, ele era severo demais. Vou lhe contar um fato: a NOVACAP tinha as seguintes diretorias: administrativa, financeira e de obras. Dessas

diretorias o Juscelino indicou três, quatro com o Presidente, mas o diretor financeiro era do maior partido de oposição, da UDN, você acredita nisso? Quem cuidava do dinheiro, então? Era o adversário, o nome dele era Iris Menguele, o diretor executivo era Bernardo Sayão, um grande engenheiro, o diretor administrativo era Ernesto Silva e não tinha diretor de obras, era um departamento. Depois desse episódio do Jânio houve um baque e as verbas de Brasília foram trancadas, Brasília parou e o que mais se ouvia era 'retorno da Capital' em 1961. O Correio Braziliense, onde eu fui chefe de redação, exerceu um papel importante nisso, ele denunciava as manobras para a Capital voltar. Felizmente, o Jânio tomou uma carraspana maior em agosto, queria ser ditador e renunciou, achando que o povo ia trazê-lo de volta ao poder como ditador, governou menos de 9 meses. Assumi o vice, João Goulart, houve uma confusão com os militares, criou-se o Parlamentarismo. João Goulart foi um governo muito ineficiente administrativamente, mas ele gostava de Brasília e queria que o Itamaraty fosse transferido para a Capital e o Ministério das Relações Exteriores também, nenhum diplomata tinha vindo. Outros já estavam aqui, mas era preciso o todo dos Ministérios e esse problema com o Jânio atrapalhou muito. Jânio fez algumas coisas, inclusive colocou seus 2 filhos para estudar em escola pública em Brasília. Bem, nos anos de 62 e 63 Brasília ficou meio capenga, falava-se de retorno da Capital, o Correio Braziliense uma vez anunciou que três carretas iriam encostar no Congresso Nacional para levar caixas de documentos para o antigo Palácio de Tiradentes. Esse momento da fixação de Brasília foi muito difícil, veio a Revolução, para Brasília graças a Deus, foi muito bom. Tivemos problemas de ideologia, de política, não entro nisso, mas para a cidade foi bom, eu que gostava e era chefe de redação do Correio vibrei. “O sr. Começou a trabalhar no Correio logo após a inauguração?” Não em 1958 eu era correspondente aqui e trabalhava também nos Diários Associados e quando veio o Correio eu fiquei lá como chefe de redação. Então a palavra depois de Juscelino era retorno da Capital, era o que se ouvia, era a preocupação, a depressão que havia em todos aqui e outra coisa, os deputados que vinham pra cá, as mulheres não vinham, ficavam no Rio de Janeiro, aqui não tinha nada do que elas estavam acostumadas. Houve a Revolução, assume Castelo Branco que diz: 'Brasília é irreversível'. Acabou a campanha de retorno. Ele injetou dinheiro, colocou um prefeito, Plínio Catanhede que disse: eu vim para humanizar a cidade, mandou plantar grama, fazer jardins, concursos, o Correio Braziliense, a TV Brasília e eles davam prêmio para quem tivesse o melhor jardim em suas casas em Brasília, a cidade começou a se humanizar, havia muito dinheiro. Castelo Branco mandou construir o Palácio do Itamaraty, que João Goulart já tinha dado o primeiro passo, mandou reativar e também a vir os Ministérios pra cá, inclusive o do Exército, então começou a haver muitas transferências e construções de apartamentos, tudo acelerou do dia para a noite em 64 e 65. E todos os operários que haviam ido para as cidades-satélites voltaram a trabalhar, eu cheguei a dizer que voltou o ritmo Brasília naquela época porque passaram a construir muitos prédios de órgãos. E os outros governos deram continuidade, o complicado para a solidificação de Brasília em termos administrativo de Capital e consolidação como a grande Capital do Brasil era a vinda do Ministério das Relações Exteriores, porque Brasília não era Capital para todos os países, era somente para o Brasil porque tudo era no Rio de Janeiro. Às vezes, vinha um embaixador aqui, entregava a credencial, mas permanecia muita coisa no Rio, o Presidente ia para lá, havia duas Capitais, uma de direito e outra de fato. O Itamaraty vindo para cá vinham todos os diplomatas e eles não iam queriam vir para o cerrado, não têm espírito para isso, queriam era ficar nas bonanças do Rio de Janeiro, coquetéis, festas, recepções etc. “Eles vieram para cá efetivamente quando?” Em 1970, o Presidente Geisel, que é também da Revolução dando continuidade inaugurou o Palácio do Itamaraty com o decreto da transferência de todos os Ministérios da Relações Exteriores para cá e ao mesmo tempo tinha construído os prédios residenciais. Fez

uma coisa parecida com o Juscelino, a Revolução. “Então, a Revolução Militar para Brasília foi mais positiva que negativa?” Para Brasília foi altamente positiva, prenderam alguns que se irritavam e que falavam coisas, num regime de força, contra a força não há resistência. “Para o sr. que registrava os acontecimentos na época havia vantagens?” Sim, havia voltado o ritmo Brasília de construção. A Revolução retomou as obras. Belém Brasília, Juscelino abriu, mas foi Mário Andreazza quem asfaltou, ela estava meio abandonada pelos governos anteriores. Então, eles deram toda essa força para Brasília, uma coisa contra que eles fizeram e que surpreendeu a todos foi quando o Presidente Castelo Branco, em 1964, cassou o mandato de senador de Juscelino. Isso magoou todo mundo e deixou todos contra a Revolução, deixamos de ser simpatizantes. “Por que cassaram Juscelino?” A UDN queria assumir o governo e eles estavam muito infiltrados na Revolução. O próprio Castelo Branco se comprometeu com o Senador Juscelino de que ele assumiria o governo e depois passava para eleições civis e não comprometia as eleições de 1965. Castelo Branco não cumpriu o trato, mediante pressões, disse que fora por motivos políticos e Juscelino foi cassado. Juscelino foi exilado para a França, pobre. Dois jornalistas levaram dinheiro para ele, nesse época, Murilo Melo Filho, da Manchete e eu. Ele saiu daqui em junho/julho para Paris e em dezembro eu fui visitá-lo. Falei com uns amigos dele, inclusive com um primo, Felício dos Santos que eu ia fazer a visita. Fizeram uma cota entre os amigos aqui, juntaram muitos dólares e eu acrescentei mais uns e levei no bolso e não fui direto para Paris porque a Revolução tinha espiões e tudo que ia para o Presidente era vistoriado. Então eu fui para Frankfurt porque lá tem um trem que sai a noite e chega em Paris às 7 horas. Então eu peguei visto para todos os países da Europa para que ninguém soubesse para onde eu iria realmente e consegui, com o Secretário de Imprensa cartas para todos os embaixadores desses países que eu tinha visto. Era muito rigorosa a Revolução e jornalista era muito visado e esse era o mal da Revolução. Mas ela se redimiui adiante, o João Figueiredo que o último teve um gesto bonito 'eu faço a volta dos civis e quem for contra, que eram os militares eu prendo e arrevento'. Foi também que permitiu que se construísse aqui o Memorial JK contrariando muitos grupos das três Forças Armadas e por ação popular conseguiram o dinheiro e ele permitiu a construção.

Na volta de Juscelino para Brasília abriram inquérito contra ele dizendo que era corrupto, mas nada foi comprovado, não se via nada de corrupção no período inicial. Sobre o oportunismo vou lhe contar. A NOVACAP praticou um ato de oportunismo contra os deputados, de dinheiro não. Primeiramente, Juscelino era muito cativante, diziam que as mulheres gostavam de namorar com ele, mas os homens também, ele cativava a todos, ele não olhava sexo, ele cativava pela energia dele. Então, num ato de simpatia, para aqueles que viriam, a NOVACAP fez loteamentos de 20 mil metros e chamaram esses terrenos de 'mansões' e foram oferecidas, reservadas, para ministros e deputados, vendiam outros terrenos no Lago, mas as mansões não. Isso atraía as mulheres de deputados porque o nome 'mansão' era bonito. Oportunismo não vi nesse tempo. Houve um episódio em que um deputado da UDN naquele plano de sabotar Brasília, ele fez um pronunciamento em 1959 que abalou. Fez muitas denúncias contra Brasília, o presidente da NOVACAP foi lá e respondeu a todas, eram infundadas e acabou-se revelando que o deputado queria comprar muitos lotes porque ele tinha uma imobiliária. Cada pessoa só podia comprar um lote.

Eu já relatei mais ou menos. Por exemplo, todos tiveram direito a lotes ou à própria casa, isso é uma coisa rara de acontecer. Desde o tempo da construção o serviço de saúde aqui era uma beleza, as pessoas eram bem atendidas, tinha um posto grande na W3 para atender coisas mais emergenciais. Cada acampamento tinha um médico e dentista. Tinha uma equipe para aqueles atendimentos mais sérios no local, se houvesse necessidade levava para o hospital. Havia um avião a disposição para o médico mandar os casos graves para o hospital de Goiânia.



Educação, no tempo da construção foi uma preocupação primeira, contratar pessoal, não existia nem prédio para uma escola, mas a NOVACAP contratou professores aqui da região, construiu um alojamento só para professoras e a escola começou a funcionar na sala de reunião da NOVACAP, enquanto aprontavam a primeira escola. Esta se chamou Júlia Kubitschek, um projeto de Niemeyer, onde hoje é a Candangolândia. Alimentação, já em 1957, o governo mandou a SAPS construir aqui um imenso galpão para servir alimentação. O transporte não era problema porque cada construtora tinha o seu e havia ônibus também. “E o lazer, qual era nesse momento?” O trabalho se transformava num lazer, mas só isso não resolve. Em 1958 tivemos a Rádio Nacional de Brasília, tocando as músicas que nós gostávamos, principalmente para os candangos e estes podiam mandar recados para suas famílias. Tinha a vida na Cidade Livre, havia até boate, não eram para os candangos, eram para pessoas mais selecionadas. Nessas boates haviam moças bonitas da região, que vinham para cá dançar, sair e etc. Havia também famílias na época da construção e as mulheres podiam andar tranquilas, candangos não se aventuravam. Nunca ouvi falar de casos de estupro, nunca houve. Tínhamos um circo na Cidade Livre e dois cinemas, O Brasil Central e outro. Eles passavam, nas cantinas dos acampamentos, filmes. Havia uns shows, Grande Otelo, etc. Não havia muita preocupação de fazerem mega shows, mas vinham artistas e se apresentavam, Luís Gonzaga fez uma grande festa. “Eles se apresentavam sempre na Cidade Livre?” Não, às vezes, era nos acampamentos. Além das boates, havia, às escondidas, empresários que construíram grandes casas, com muitos quartos e traziam moças, trocavam ou traziam mais e os homens sem família e de melhor nível frequentavam essas casas. O ambiente era bom e as moças não tinham perspectivas de vida melhor. Outro lazer eram os banhos nos rios e nos finais de semana as construtoras liberavam os caminhões para que os candangos pudessem sair para as cidades mais próximas, que ampliaram seus serviços de bares com apresentações de mulheres. Outros saíam em horas de folga para passear em Formosa, Luziânia etc. Aconteciam muitos casamentos entre candangos ou pioneiros e moças de cidades próximas, como Formosa. Houve muita miscigenação de pessoas que vieram trabalhar e se casaram com outra da região. Existia também o Clube Paranoá que funcionava para o pessoal da NOVACAP que passavam o final de semana com suas famílias. Tinha-se pouco tempo para lazer, mas cobria-se as necessidades.

A solidariedade entre as pessoas iniciou com uma integração, todos viviam um espírito de solidariedade porque todos queriam a mesma coisa, ninguém buscava somente para si, buscava-se para todos, para o Brasil. Há um episódio que ilustra muito bem isso. A GEB era tida como violenta, mas se ela não fosse violenta ela apanhava porque ela pegava um cara bêbado e não sabia quem era ele, poderia ser uma pessoa muito perigosa de Goiás, de Minas ou do Nordeste, e eles entravam violentamente, tinham uns cassetetes de madeira e batiam muito até acalmar o cara. Os caras bêbados que iam presos, quando saíam, o chefe de polícia, o Cel. Moze, falava com cada um, doutrina para que eles não repetissem e não fossem presos novamente e depois mandava embora. “Onde era a delegacia de polícia?” Era na VELHACAP, onde hoje é a Candangolândia, tudo era lá, era o QG de Brasília. Era um galpão imenso, tudo se desenvolvia ali, a polícia tinha um acampamento próprio porque ela tinha muitos policiais.

06 – Lógico, faço parte do projeto histórico. Acompanhei toda a construção, procurei resgatar as origens, estudei muito as memórias desde o primeiro momento da ideia de interiorizar a Capital, escrevi muitos livros sobre o assunto ao longo de todo o tempo desde 1957.

07 – Perdeu muita coisa de seu projeto original, o idealismo, os prédios ficaram, a especulação

imobiliária causou alguns males. Salvou-se o Plano Piloto porque existia aqui um órgão que disciplinava o urbanismo e a arquitetura de Brasília para manter a originalidade do projeto. Esse órgão existiu até 1988, chamava-se CAU (Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Brasília), reuniam sete nomes importantes: Israel Pinheiro, Oscar, Lúcio Costa e outros indicados e não se fazia nada fora das normas de Brasília, sem passar por esse órgão e tínhamos também, até 1988 a Comissão do Distrito Federal no Senado da República, essa comissão representava os estados do Brasil e disciplinava a legislação do Distrito Federal. Assim ninguém podia construir fora do código de obras estabelecido pela comissão e havia um assessoramento antes da NOVACAP, depois da Prefeitura e depois do GDF. Isso ocorreu até o surgimento da Câmara Distrital, então acabou o órgão disciplinador, já existia uma estrutura de normatização e de cumprimento dos planos, bem, com a existência da Câmara Distrital toda a autonomia passou para ela e Brasília elegeu mais deputados e eles aprovaram muitas mudanças, contrariando inclusive o projeto de Brasília. A salvação da cidade foi que a UNESCO por meio do embaixador José Montero, por iniciativa de José Aparecido, governador nomeado por José Sarney, aprovou uma lei tombando o Plano Piloto, a primeira cidade moderna no mundo a ser tombada. A lei só tombava cidades antigas para ninguém mexer nos casarões, nas igrejas, naqueles monumentos que são irrecuperáveis, mas uma cidade moderna, o Plano Piloto foi tombado, e se isso não ocorresse eu acredito que já teriam construído nos espaços do Plano porque a especulação invadiu Brasília e prejudicou muito, são altos interesses de empresas construtoras e de outras pessoas e os condomínios que a mídia divulga como isso ocorreu, isso no urbanismo. Tão importante quanto isso são outros projetos de Brasília que são fundamentais não só para Brasília para qualquer Nação que queira ser grande, o projeto educacional e o de saúde. O projeto educacional de Brasília era uma coisa notável, tinha a escola classe em todas as quadras e isso iria se expandir para as cidades-satélites. No Plano de 4 em 4 quadras existia uma escola maior, parque. Pela manhã o menino estudava nas escolas as matérias e à tarde, nas escola parque, as matérias de evolução intelectual, artes, teatro, biblioteca etc. Esse plano foi proposto por Anísio Teixeira que também discutiu, com outros, a ideia da Universidade de Brasília. Era uma sociedade em prol da ciência, eles se reuniam, eram uns 12 intelectuais, cientistas, gente de visão, o plano foi implantado e houve um concurso nacional, do Amazonas ao Rio Grande do Sul, para contratar professores. Eles teriam passagens e apartamentos para virem exercer o magistério. Esse projeto teve uma repercussão enorme. Gilberto Freire quando veio fazer uma palestra na universidade pediu para conhecer o ensino de Brasília, mostrei as escolas e ele ficou encantado, isso em 1966, quando esse plano ainda existia. Infelizmente esse plano degradingolou, o plano de Anísio Teixeira que foi executado pelo Ministro da Educação, Clóvis Salgado.

O plano de saúde escrito por Bandeira de Melo, foi copiado de uma cidade americana. Consistia em hospitais distritais, por exemplo, Asa Sul, um hospital distrital, aqui outro, cada núcleo, cidade-satélite, teria um hospital distrital, depois construiria um grande hospital das clínicas, geral para atender aos hospitais distritais, nesses hospitais grandes estariam os especialistas. Esse seria o plano americano que deveria ser implantado em Brasília. Numa 'arrumação' construíram aquele hospital pequeno, o Hospital de Base, que deveria ser enorme e não somente para atendimento de bairros. Assim o plano de saúde se diluiu e nós que tínhamos uma missão de formar uma nova civilização não seguimos os projetos que propiciariam isso. Eu acho que os planos de Brasília, de saúde, de educação e urbanístico foram muito modificados e Graças a Deus Brasília é Patrimônio Cultural da Humanidade o que garantiu o Plano Piloto. Nas cidades-satélites há de mudanças de destinação e loteamentos. Um local é para tal coisa e, de repente, vai ser posto de gasolina, por quê?

Dinheiro. É para um clube de lazer, pode-se ver aqui mesmo, as administrações cederam espaço para grandes igrejas, onde deveriam ser clubes de vizinhança.

Há ganhos, o primeiro e grande ganho não para Brasília foi para o Brasil, é a própria implantação da Capital no interior onde antes não havia nada e tornou-se um foco, na visão de Juscelino, de desenvolvimento do Brasil. Imagine se não existisse Brasília, o estrangeiro estaria querendo, em vez da Amazônia, o centro-oeste. O Presidente Juscelino com sua visão de estadista criou as condições para o desenvolvimento: estrada Belém Brasília, ligou ao Norte, estrada Rio de Janeiro, estrada Cuiabá e estrada Porto Alegre, olha o Brasil numa cruz e Brasília caminhando para todos esses lugares. E ele não ficou satisfeito, fez uma estrada Brasília Fortaleza e abriu toda a região central do país. Em 1965 Juscelino, voltando ao poder, queria criar aqui a cada 100km uma agrovila para dar assistência às chácaras, seria uma reforma agrária de alto nível. Todas essas estradas foram inauguradas antes de BSB. A Caravana da Integração Nacional saiu no dia 03/02 de Belém.

Outro aspecto, a vida gregária, a vida de sociedade aqui é muito confortável, comércio muito perto, natureza, os encontros embaixo dos blocos, os clubes de vizinhança e as escolas parques que a especulação imobiliária e a incompetência dos governos seguintes não deram procedimentos. Então, houve administrações relapsas que não seguiram o plano, mas ainda há tempo de recuperar e construir as escolas parques e os clubes de vizinhança que a comunidade mantém, as áreas existem, mas estão sendo ocupadas por igrejas e a Câmara aprova. É preciso que nesse cinquentenário a gente pare, é momento de reflexão, vamos reavaliar Brasília, ver o que está certo ou errado, criar novos conceitos. Quando pregava-se a mudança da Capital do Rio de Janeiro, diziam que a Capital não podia ficar no Rio de Janeiro porque tem a 'gaiola de ouro', era a Câmara de Vereadores, porque ela excitava o pessoal, aprovava leis esdrúxulas, tanto é que o Rio de Janeiro teve que deixar de ser Capital e aqui não está caminhando para isso? Eu já pensei nessa ideia de uma nova Capital, há uma tendência. Então é hora de reavaliar, não vou dizer se sou a favor de Câmara ou contra, respeito a Constituição, tenho que respeitar como brasileiro, mas a Constituição pode ser mudada.

A questão de segurança é consequência da vida brasileira, há insegurança, falta de emprego, de escola. Isso só se resolvera com a construção de bibliotecas e escolas.

08 – O Plano foi muito bem delineado por Lúcio Costa, principalmente, as malhas rodoviárias. Veja a visão de estadista de Lúcio Costa: os dois eixos, o rodoviário e o monumental, ambos com uma largura imensa, não existia no Brasil uma avenida tão larga em nenhuma cidade, as tesourinhas para evitar os cruzamentos para entrar nas quadras. Quando ele fez isso, que era um exagero imenso para aquela época, porque o Brasil não produzia carros, mas com o tempo o Brasil estourou na indústria automobilística, todos os benefícios de governo para isso. Hoje há congestionamentos no Plano porque todos fazem suas coisas com carro, por quê? Porque os administradores não fizeram os caminhos comunitários, pequenos ônibus, com o sistema de integração, houve um projeto dos 'zebrinhas' que funcionava muito bem. Ainda há alguns, porque eu vou de carro, se posso pegar o ônibus perto e me leva para a W3 toda, para a Esplanada dos Ministérios, para a Praça dos Três Poderes e me leva até para o Aeroporto? O que falta? Um projeto que cubra bem as quadras no Plano. Não há motivação para isso porque os interesses econômicos não são satisfatórios, mas poderiam subsidiar para a comunidade ter esse conforto, você já imaginou as pessoas ficarem livres dos carros, é um problema para estacionar. Eu quando vou ao Congresso Nacional não vou de carro porque não tenho onde estacionar, eu tenho de ir e voltar de táxi, sai caro. Se o projeto de transporte funcionasse bem tudo estaria resolvido. Deveriam criar, nas cidades-satélites, vias exclusivas para o transporte coletivo, se pensassem o problema de transporte em Brasília poderia ser

resolvido e de estacionamento também, todos deixariam o carro na garagem. Se houvesse um esquema de malha viária também se resolveria, o metrô tem ajudado muito, mas isso foi pensado muito recentemente. Brasília é muito buscada pelo pessoal do entorno deveria haver uma política de integração, há uma estrada de ferro que liga Luziânia a Brasília, mas não é usada, porque há outros interesses, os das empresas de ônibus que são fontes para pessoas que não têm integridade ética e moral. Eu penso que se Brasília tivesse um Conselho de pessoas envolvidas com o passado, o presente e principalmente com o futuro, esses interesses especulativos poderiam não existir e as soluções aparecerem. Então, o que falta são escolas, quem está na escola, envolvido, não entra nessas jogadas. As cidades-satélites não foram criadas para serem dormitórios de Brasília como são hoje. Havia no plano original de Brasília uma faixa, parece que 20km em redor de Brasília, mas os administradores não deixaram, os loteamentos estão aqui ao redor cheias de casas, o que deveria ser 'cinturão verde'. A política, a especulação imobiliária fizeram loteamentos.

09 – Notável, na própria construção de Brasília já havia uma movimentação cultural boa. Havia escolas, associações desde a construção que era uma forma de congregar, fazer palestras etc. Existia na Cidade Livre a Associação dos Engenheiros, a Associação dos Médicos, a Associação dos Advogados (antes da OAB), tudo isso aglutinando pessoas, isso é também um aperfeiçoamento intelectual e até moral, as associações religiosas que também integravam, a Maçonaria presente na Cidade Livre, a igreja católica, com padre Roque, na Igreja D. Bosco, os evangélicos com o pastor Brito, isso são formas de cultura. Havia também cinemas, circo, escolas e uma coisa inusitada, a biblioteca Visconde de Porto Seguro na Cidade Livre, mantida pelo Ministério da Educação, e muitas dessas associações iam fazer suas reuniões lá. As escolas eram uma fonte, já havia o Colégio D. Bosco, o colégio das irmãs Imaculadas Conceição, perto da Cidade Livre, junto ao Hospital HJKO. Comunicação era a voz de Brasília, mas em maio chegou a Rádio Nacional, trazendo muita cultura, não só musical, mas também notícias, informações e crônicas, eu lembro bem que na Rádio Nacional todo dia às 12h nós tínhamos uma crônica linda, perfeita, de Clemente Luz que era um jornalista daqui, desde 1958. Aqui em Brasília nós tivemos pessoas que participavam de congressos e depois vinham visitar Brasília e passavam seus conhecimentos. E os professores primeiros que vieram para cá tinham direito a cursos de aperfeiçoamento, eles ficavam aqui, mas vários viajavam para São Paulo, por exemplo, para fazer curso. Contratavam outros para substituir esses, havia então uma política de aperfeiçoamento dos professores. Hoje não existe mais nada, mas pode ser recuperado.

Havia em Brasília visitas ilustres de literatos, a mais importante foi o sociólogo, filósofo, antropólogo, ministro da educação da França, maior figura da literatura mundial, veio aqui para lançar a pedra fundamental da Maison de França e fez um discurso cheio de otimismo com relação à cidade em 1959, ano em que a UDN e os adversários de Brasília combatiam sua criação e ele disse em seu discurso: essa é a “Capital da Esperança” e essa frase literária repercutiu no mundo e mudou a imagem de Brasília porque havia uma pressão muito grande contra a criação da Capital. Nos discursos de Juscelino ele dizia 'que nós temos grandes peças literárias' e todos os discursos dele são literários. Nos primeiros 5 anos de Brasília, os intelectuais de outras cidades mais os que estavam aqui começaram a fundar entidades e nós tivemos nessa época: o Instituto Histórico e Geográfico de Brasília, reunindo Ciro dos Anjos e etc., a Associação Nacional de Escritores e a Academia Brasiliense de Letras. Esses eram focos e paralelamente tinham outros focos de intelectualização, a OAB e as associações já citadas e uma avalanche de religiões vindo pra cá, desde a inauguração. Não tínhamos muitas oportunidades no campo das artes, a NOVACAP instalou o Cine Cultura na W3, que era um

lugar de reuniões, de shows, foi inaugurado também o Cine Brasília e todos os dias passavam um filme diferente. Quem definiu a vida cultural de Brasília foi a inauguração do Palácio do Itamaraty em 1970 porque com a chegada das embaixadas o governo teve que motivar a vida social em Brasília porque os embaixadores queriam isso, então o Teatro Nacional começou a receber peças de fora e shows. Hoje a vida cultural ainda não é satisfatória, a nossa política cultural é muito provinciana. A política não promove grandes eventos, não são injetados recursos. O FAC (Fundo de Apoio a Cultura) tem vários problemas, não atende as necessidades porque aqui há uma explosão de gente em todos os espaços, a juventude toda busca muito, mas não tem incentivo porque esse projeto do FAC não atente, é bom para uma cidade de interior, para nós não. A Secretaria de Cultura aqui tinha que ser aprimorada.

10 – Brasília é para mim esperança, eu fiz uns versos de amor a Brasília. Ela nunca foi artificial ela foi planejada. Essa palavra é muito usada, mas não se adequa à Brasília que foi planejada, sonhada, prevista com todas as condições para ser uma cidade agradável, própria ao trabalho eficiente e ordenado, mas ao mesmo tempo uma cidade própria ao devaneio, a especulação intelectual. Lúcio Costa planejou, uma vez conversando, em 66, com Gilberto Freire ele disse: “Adirson, eu uma vez reclamei ao Presidente que ele tinha esquecido do sociólogo em Brasília”, mas agora vendo tudo isso, esse pessoal, todos aqui são sociólogos.

11 – Aqui nunca houve senzalas, tivemos invasões, mas estas foram tratadas com dignidade e levadas, vamos dizer assim, para as casas que ficavam na casa-grande. Houve aqui uma grande senzala, a Vila do IAPI e o Morro do Urubu, que eram invasões próximas à Cidade Livre, eram em torno de 100 mil pessoas. Foram todas tratadas adequadamente, no governo do Hélio Prates, houve uma campanha de erradicação da invasões que eram um ambiente horrível, resquícios de sobras de Brasília. Veio, então, a Ceilândia e essas pessoas foram transferidas em carros do governo para seus lotes definitivos na Ceilândia e o governo com assistentes sociais, entre elas Maria de Lourdes Abadia, assistiram essas pessoas até que se fixassem e tiveram sua casa-grande. Hoje não existem senzalas somente casas-grandes. As senzalas seriam as drogas, a delinquência, a violência.

Arquitetura de Brasília nunca foi artificial, a beleza dela impregnou-se em mim e ficou, eu me integrei logo a tudo isso na primeira visão, toda a arquitetura me passou bem estar e eu acho que isso ocorre com todos os brasilienses. Essa arquitetura interfere na vida das pessoas pela beleza, tudo que é belo gera bem estar, as pessoas ficam orgulhosas.

14 – Depende da cidade, numa cidade como São Paulo, grande demais ninguém quer nada com ninguém, cidades menores a convivência é bem mais agradável. Eu acho que Brasília é uma mistura das duas e nós ainda temos resquícios daqueles primeiros momentos de Brasília. A geração nascida aqui é diferente, como eles são unidos, nas igrejas, nos cursinhos, nas quadras, escolas formaram uma nova sociedade em Brasília. Essa sociedade que está surgindo é a esperança, uma nova geração.

15 – Vive-se bem porque a própria cidade, o chão, o céu, o horizonte, o ar, tudo favorece uma vida de felicidade.

O melhor no cotidiano de Brasília é o que a cidade nos permite ainda pelo seu plano, pelas suas marcas de infraestrutura e nos oferece uma vida gregária boa, com qualidade e nos dá bem estar. As deficiências ocorrem pelas debilidades administrativas. Nas áreas significativas da sobrevivência humana são a saúde, a segurança, o emprego e etc. É preciso que as autoridades levem isso a sério e criem políticas de serviços públicos.



16 – O presidente Juscelino foi um homem que aparece assim de século em século ou de milênio em milênio, vejo só um homem que nasceu em uma família pobre, um pai mascate e uma mãe professora primária e ele conseguiu formar-se em medicina, teve muitas dificuldades. casa-grande Era um homem de visão futurista e ele sofreu, com essas ideias desenvolvimentistas e a construção de uma cidade em 3 anos e interligá-la ao restante do Brasil, foi um homem fora de seu tempo, entregou toda a cidade pronta. Ele era muito humano com as pessoas, amigos ou inimigos, era muito tolerante com os que se diziam seus inimigos. A tolerância é muito difícil com quem tem o poder na mão, as armas, o dinheiro e a força. O poder corrompe, inebria, empavona a pessoa, mas ele tratava bem aqueles que o perseguia. Tivemos no Brasil, duas rebeliões contra ele: Aragarças e Jacareacanga, promovidas pela Aeronáutica, o Exército dominou, eram rebeliões públicas. Nas Forças Armadas o insubordinado é punido com cadeia ou expulsão, o caso era de expulsão. O presidente queria arrumar um jeito para que os envolvidos não fossem expulsos, ele dizia que todos já tinham sido punidos o suficiente. Foi encontrado uma forma jurídica de o Presidente Juscelino mandar uma mensagem ao Congresso Nacional, pedindo a anistia daqueles e o Presidente mandou. Esse é um ato de estadista. Mais tarde estava na lista dos que podiam ser promovidos a Brigadeiro da Aeronáutica o Cel. Veloso, quem chefiara uma das rebeliões contra o Presidente, quem agora deveria assinar a promoção e Juscelino não se opôs à promoção dele.

17 – Não, os artistas de uma maneira geral são intelectuais estão numa esfera superior, estão acima de bem e do mal e, principalmente, das conveniências. A cidade é que exerceu muita influência nos artistas, porque ela é uma exposição de artes, todo o panorama, o céu, todo o contexto da cidade. A arquitetura e o urbanismo, as curvas da cidade, as tesourinhas, as ruas muito largas, isso encanta o artista e o leva ao devaneio, à criação.

18 – Os tempos de Juscelino foram de projetos, de sonhos, de idealizações, uma mistura de tudo isso e de momentos felizes. A ditadura conteve, trancou aqueles ímpetos de democracia, de entusiasmo porque as coisas ficaram muito normatizadas, havia muito rigor e pressão e assim os sonhos foram apagados porque sem liberdade é difícil sonhar. Como jornalista eu sofri pressões da censura, mas fazia parte daquele momento, não podia ir contra. Fui chamado na Polícia Federal, mas eu consegui conversar e não houve nada.

19 – Não, penso que você abordou um campo grande de colocações.

20 – Não sugeriu.

## **02 ) AFFONSO HELIODORO DOS SANTOS – 05/03/2010**

01 – Affonso Heliodoro dos Santos, Diamantina-MG

02 – Antes de Brasília inaugurada eu a visitei, várias vezes com o Presidente e; para a inauguração eu já estava morando aqui, vim um pouco antes com minha família. Tinha 44 anos de idade.

03 – Moro há pouco mais de 50 anos em Brasília. Quando veio o maldito Golpe de 64, o golpe entreguista. Foi a economia americana que deu o golpe aqui, o Presidente voltou para o

Rio e eu também, ele voltou candidato, porque antes do Golpe de 64 o Presidente já era candidato a reeleição em 65. Ele não aceitou, como fez o Fernando Henrique e o Lula, houve uma reunião no Palácio das Laranjeiras da qual eu participei em que vários deputados, senadores e ministros civis e militares propuseram ao Juscelino não dar posse ao Jânio Quadros porque ele era um bêbado. Juscelino respondeu que não porque a democracia está acima de tudo o que eu posso fazer é dar uma arma a cada um dos senhores para defender os direitos. Juscelino saiu em 1961, mas já candidato à eleição de 1965, mas houve o Golpe de 1964 e ele foi covarde e criminosamente cassado. Eu sei disso porque participei de uma reunião na casa do deputado Joaquim Ramos, antes eram candidatos à Presidência da República: Dutra, Krueel e Castelo Branco, o Dutra não aceitou. O Krueel era candidato e convidou o Presidente para ir à casa dele e eu fui junto, saímos da minha casa em Constante Ramos, fomos à 5 de Julho, onde morava o Krueel para esse encontro. Eu fiquei na sala e eles foram para o escritório e conversaram por um tempo, à saída, ainda na porta do Krueel, Juscelino virou para mim e disse: 'Affonso colocar mais um gaúcho aí serão mais 20 anos de ditadura'. Eu não sei qual foi a conversa que eles tiveram lá dentro para ele sair de lá com esse pensamento. Então, ele não apoiaria o Krueel. Dali passamos à minha casa, que era perto, para tomar uma água e fomos para o apartamento dele na Vieira Souto. Às 7h, mais ou menos, voltamos para à Constante Ramos para um encontro com Castelo Branco. Este foi promovido a General pelo Juscelino da seguinte maneira, isso é importante porque quando o Lote, Ministro da Guerra, levou uma relação dos coronéis que seriam promovidos ou passariam para a reserva, estávamos, o Presidente à cabeceira da mesa, o Lott ao lado e eu em pé, porque sempre que o Presidente precisava de alguma coisa eu estava ali. Quando chegaram no nome do Castelo Branco, o Lote falou: 'Presidente eu não promoveria o Castelo porque ele é lacerdistas e vai nos dá muito trabalho'. O Presidente perguntou como ele era como militar e o Lott respondeu que como militar ele participou da guerra, tem todos os cursos e o Presidente respondeu: 'o direito que ele tem de ser lacerdistas eu tenho de não ser, se ele é um bom militar vamos promovê-lo. Continuaram a leitura da relação e ao chegarem ao nome de Mourão Filho, o Lote disse: 'Presidente eu não promoveria o Mourão porque ele é louco' e o Presidente: 'mas ministro é o único diamantinense que vai a general, vamos promovê-lo' e os dois fizeram a Revolução de 64. Bem, isso foi antes de encontro que eu estava te contando na casa do dep. Joaquim Ramos. Chegamos lá e encontramos: Amaral Peixoto, do PSD; José Maria Alkmin, Frederico Schmidt e Joaquim Ramos, deputados, o Lalau, secretário do Amaral e eu. Sentaram-se os dois, o Juscelino e o Castelo e este pediu o apoio a Juscelino para sua eleição. Juscelino falou para ele o seguinte: 'General o senhor terá o meu apoio se comprometer-se a realizar as eleições em 1965'. Resposta textual do Castelo: 'Passarei a faixa presidencial para aquele que for eleito em 1965'. Então o senhor terá o meu apoio e já saímos dali da casa do Joaquim Ramos, o Juscelino ao telefone, convocou Carlos Murilo, Renato Azeredo, Alkmin, convocou todo mundo, veio para Brasília e agiu, só encontrou resistência do Tancredo que não queria votar em Castelo porque conhecia o caráter dele. O Castelo foi eleito Presidente da República pelas mãos do Juscelino e, no entanto, esse canalha assume o governo e o primeiro ato dele foi prorrogar a eleição e acabar com a de 65 que havia prometido na presença das pessoas que narrei, mas também no discurso do recebimento da faixa quando ele disse: 'Passarei a faixa presidencial para aquele que for eleito em 1965.' Um mês depois e prorroga seu mandato e acaba com a eleição de 65 e em junho cassa o Juscelino. Com relação ao novo sistema social foi um entusiasmo por ver uma obra que era fundamental para o Brasil. O carioca sempre esteve contra Brasília, o Rio foi capital por 200 anos e é um lugar fantástico. Agora não entendo porque o paulista também era, o Juscelino jamais teve voto em São Paulo e este estado foi bastante beneficiado com a indústria automobilística,

principalmente, que poderia ter sido levada para qualquer lugar. Brasília não foi só a capital, mas a ocupação do centro oeste, esta região eram 6 milhões e 500 mil metros quadrados de terra, havia aqui meio habitante por quilômetro quadrado, a segunda maior bacia hidrográfica do mundo.

04 – Vim acompanhando o Presidente, eu era chefe de gabinete dele. Eu morava num apartamento muito bom na 302, não me lembro muito bem porque fiquei pouco, mas era bem mobiliado, com telefone e quando Juscelino deixou o governo eu fui embora com ele, eu trabalhava com ele.

05 – A satisfação foi muito grande porque todos que viemos para cá tivemos condições muito boas, não só de moradias, mas de tudo. Havia a dobradinha, isso foi uma coisa mais ou menos, tirar o sujeito de Rio de Janeiro e trazer para cá, só com muito incentivo porque as pessoas deixam muitas coisas para trás, às vezes deixavam a família, a dobradinha deveria ter sido cortada depois. Hoje, Brasília paga esses salários e todas as vantagens que têm os parlamentares é absurdo. No início era preciso fazer alguma coisa; dar moradia e tal para as pessoas virem satisfeitas para cá porque era necessário que isso ocorresse.

Vou te contar sobre o Regime Militar. Por que eles vieram para Brasília? Os militares brasileiros sempre foram favoráveis à mudança da Capital, basta observar que havia sempre militares a frente dos projetos de transferência. Mas por que em 64 eles vieram pra cá? Porque tinha UNE do Rio de Janeiro. Eu participei das greves de estudantes do Rio e era um negócio de louco. Eu tenho retrato da Av. Rio Branco cheia de estudantes protestando contra a mudança, então, a mudança da Capital para os ditadores foi ótima porque aqui não tinha manifestação popular, todos eram funcionários públicos, a UnB era pequena, estava iniciando, não havia muitos colégios, não havia uma classe de estudantes e de trabalhadores aqui capazes de fazer greves com significação política como ocorria no Rio. Então, a vinda deles pra cá foi por essa razão, aqui eles tiveram tranquilidade para fazerem essa coisa que fizeram com o Brasil. Um desastre em que acabaram com todas as lideranças políticas e nós perdemos: Juscelino, Jango, Ademar, Plínio Salgado, Carlos Lacerda, todos morreram.

Vou te falar uma coisa esta casa não é minha, eu tive isso que lhe falei, verbas, obras das trinta metas mais Brasília, e moro numa casa de minha mulher, eu casei com uma viúva rica. Eu tenho em Brasília um lote, na Quinta da Alvorada, que me foi vendido na época do Figueiredo que era só mato e agora tem uma casinha que eu venho construindo desde 1986. A corrupção veio com a Ditadura, até esse momento não havia nada de corrupção em Brasília. O Pai de Israel Pinheiro era um homem rico, mas o Israel saiu do governo de Minas mais pobre, Juscelino morou em Paris, eu morei lá com ele, num apartamento de dois quartos com banheiro, uma sala de jantar e outra de visita, só, mais nada. Hoje, quando eu vejo essa roubalheira, uns salários, vantagens absurdas! Vê o que ganha um deputado, o que eles têm de funcionários é algo escandaloso e, na maioria, são pessoas descompromissadas com Brasília.

O funcionalismo público que era o que interessava foi todo muito bem instalado, eles tinham moradia e a dobradinha, muitos vieram para cá antes da inauguração e começaram seus trabalhos. Todas as repartições funcionavam muito bem, com relação aos construtores da cidade ocorre algo que as pessoas não levam em conta. Você sabe que Israel teve a preocupação de construir umas cidades, como a Candangolândia, para abrigar os candangos. Caso o Juscelino tivesse voltado em 1965, conforme planejava, isso teria tido um desenvolvimento racional, mas como ele não voltou essa coisa foi se desenvolvendo como toda cidade se desenvolve. O sujeito está lá no Nordeste, em Minas, em São Paulo, pelo Brasil afora, desempregado e ouve que em Brasília tem emprego, tá nascendo, então vamos pra lá.



Assim, Brasília ficou cheia de pessoas que vinham para trabalhar, depois em campanhas eleitorais de governos que precisavam de voto começaram a trazer todo mundo, como o Roriz, por exemplo. Ele dizia no palanque que o direito de ir e vir todo mundo tem, eu não posso tirar isso das pessoas. Ele atraía as pessoas que eram votos para ele, a votação dele foi espetacular e isso não foi bom para Brasília porque as pessoas ocuparam áreas que não deviam, que eram de preservação ambiental, as nossas nascentes estão prejudicadas e estamos ameaçados de ficar sem água daqui a uns dez anos por causa dessa ocupação inadequada. Dessa forma, chegando cada vez mais gente, nada é suficiente, está sempre faltando, saúde, escola e habitação. Essa ilusão que criaram de que Brasília tem tudo, emprego e terra para todos é criminosa porque Brasília é uma cidade igual as outras.

Havia uma solidariedade total, fazia-se reuniões alegres, festivas. Hoje é estranho, no início todos eram companheiros de trabalho então todo mundo se conhecia e se movimentava. Hoje eu moro há 30 anos aqui e estou num deserto. Tenho uns poucos vizinhos que mudaram mais ou menos junto comigo, esses ainda cumprimentam. Mas aqui não se vê ninguém na rua, a não ser alguém que passa, mas nem cumprimenta, a solidariedade acabou, é um isolamento total.

06 – Vim por causa do trabalho com o Presidente Juscelino. Sinto-me parte do projeto histórico por que eu participei da vida do maior Presidente que esse país já teve, o único que teve um projeto de governo, todos ao entrar prometem mil coisas mas tudo indefinido. Evidentemente todos fazem alguma coisa, mas nenhum governo traçou um plano de governo.

07 – Eu diria que Brasília perdeu mais que ganhou. Temos ainda uma qualidade de vida excepcional, além de termos esse espaço formidável, essas condições de vida fantásticas que temos aqui há um céu que substitui o mar. Brasília perdeu um pouco da qualidade de vida, perdeu a convivência, as invasões, como a Telebrasil, à beira do Lago Paranoá, os loteamentos que fizeram e tudo isso tem a ver com a qualidade de vida. Hoje, temos um trânsito insuportável, invasões no próprio Plano Piloto.

Brasília ganhou em cultura, temos várias entidades culturais, escolas e hospitais muito bons, a cidade ganhou uma dinâmica do crescimento natural das coisas vivas e Brasília é uma cidade viva, então se por um lado perdeu por outro ganhou também. A gente fica pesaroso quando vê esses ignorantes, com raras exceções, que assumiram os governos de Brasília e não respeitaram o projeto inicial da cidade.

08 – Falha de projeto não há, a falha é dos governantes, dos que foram e são responsáveis pela manutenção de Brasília como ela foi concebida. Brasília nasceu de uma cabeça privilegiada, Lúcio Costa, um urbanista respeitado no mundo. Com relação ao transporte não posso analisar porque não tive muito tempo para vivenciar essa realidade.

09 – No início tivemos grandes nomes da cultura que vieram com o governo de Juscelino e vários desses fundaram aqui academias e a Associação Nacional de Escritores. Essas pessoas com o Golpe de 64 voltaram para o Rio e Brasília empobreceu um pouco. Em compensação criou-se uma cultura nova aqui e hoje temos um número grande de Academias de Letras, temos editoras boas e uma produção literária muito grande, não digo que todos são bons escritores, mas temos vários muito bons. O que não temos é uma imprensa capaz de mostrar nossa cultura, falta uma campanha no sentido de divulgar a cultura que está em evolução em Brasília. Isso ocorria desde o início e foi interrompida no Golpe Militar.

10 – Para mim é ótimo viver em Brasília, aqui eu vivo muito tranquilo. Mais feliz era aquele tempo, nem se compara, a gente tinha um ideal a cumprir, tinha muito o que fazer. Brasília não é artificial ela é uma cidade de arte, uma obra de arte.

11 – Todos eram empregados, hoje há desempregados por causa desse acúmulo de pessoas que o Roriz trouxe para cá.

12 – O que ocorre em Brasília é o mesmo que acontece em todas as grandes cidades; é uma nata, uma casta, uma classe média e um outra pobre. Isso é próprio de ser humano. Os políticos com quem convivi eram pessoas compromissadas como o povo e tinham projetos, eram diferentes de hoje.

13 – Não é artificial, é artística porque as obras do Niemeyer têm a sensibilidade do artista. Às vezes, um prédio apresenta problemas como o calor, ele usa muito vidro e as salas ficam muito quentes, mas Brasília é uma obra de arte. “O senhor conviveu com Niemeyer? Ele tinha noção de que estava realizando arte em Brasília?” Convivi minha vida inteira e ele tinha noção disso sim, ele sabe o que faz, veio morar aqui para cuidar de sua obra porque tinha medo de viajar de avião, até hoje ele tem desenhos aproveitados pelos auxiliares dele.

Pode interferir porque a boa arte emociona as pessoas, faz bem. Em Brasília a gente se compraz olhando as coisas, eu acho esta cidade encantadora.

14 – Completamente, como eu lhe falei no princípio, eu moro há 30 anos aqui e não tenho vizinho, esse é um comportamento diferente. Por exemplo, eu morei em Diamantina, em Pirapora, em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro. Em Diamantina, nas noites de lua ou nas tardes de verão, as pessoas ficam à porta tacando violão e cantando, comendo doce ou bebendo uma cachaça com a vizinhança. Em Pirapora também a convivência era muito boa, havia muita amizade entre os vizinhos, em Belo Horizonte também a sociedade era muito mineira e os vizinhos se visitavam e se cumprimentavam, havia muita interação. O Rio era um encanto, as pessoas se cumprimentam, aqui em Brasília ninguém se cumprimenta, a sociedade é seca, sem o calor da convivência, mas nas outras cidades em que vivi não, todas tinham. Eu acho que isso é culpa da cidade porque as pessoas chegam em suas casas de carro, entram na garagem e vão para dentro de casa, não vê ninguém. Pela manhã é a mesma coisa, sai com os vidros do carro fechado e não vê ninguém. As pessoas não saem de casa e não se preocupam com os vizinhos.

15 – Eu acho que sim, você tem diversão a vontade, cultura, comércio variado, você tem tudo hoje em Brasília. O pior em Brasília é o relacionamento, a população é diferente cada um cuidando de si. De melhor eu acho o clima, não gosto de frio, apesar de que Brasília no início era muito fria.

16 – Do Brasil ele é o maior, Juscelino é o maior estadista do mundo.

17 – Há um artista que é profissional do dinheiro, esse produz de acordo com o poder e para esse a proximidade do poder é boa. Um artista que faz o que gosta não depende de governo, de nada. Eu pinto, mas não dependo de nada para isso, a arte não depende da condição econômica.

18 – Vivi sofrendo terrivelmente, primeiro por que vi a ingratidão e a injustiça sendo

cometidas com o maior brasileiro que já tivemos, Juscelino Kubitschek. Ele foi expulso e perseguido vilmente pela Ditadura porque foi um grande homem. Então, eu vivi e sofri amargamente esse período da cassação até a morte dele, foi um sofrimento muito grande e o Brasil foi a maior vítima disso.

19 – Não

20 – Carlos Magalhães, Ronaldo Costa Couto, Paulo Castelo Branco, França Campos.

### 3) **ALAN VIGGIANO** – 21/04/2010

01 – Alan Viggiano – Inhapim – MG. Vim em 31 de maio de 1963 e tinha 31 anos de idade.

02 – Vim com a família formada, mulher e dois filhos, mais tarde nasceu a 3ª filha.

03 – Moro em BSB há 47 anos. Foi uma coisa quase que fatal porque eu era taquígrafo da Assembleia Legislativa de Minas Gerais, fiz um concurso para o Senado, passei e fui nomeado. Tomei posse e não houve nenhum choque porque eu já havia visitado BSB, enquanto fazia o concurso, várias vezes, e dentro da minha profissão foi tudo muito natural. Não houve uma diferença fundamental, o ambiente literário e o ambiente social de BSB já eram mais ou menos comum. Houve, não chegou a ser um choque, mas uma constatação que todo mundo fazia quando chegava em BSB: muita poeira e pessoas diferentes foram consequências naturais.

04 – Vim por razões profissionais. Taquígrafo no Senado Federal. As condições de trabalho eram as mesmas de Belo Horizonte por que lá eu já era taquígrafo, aqui era um pouco mais difícil e penoso porque o trabalho de taquígrafo é muito estressante, mas do ponto de vista profissional não houve grandes mudanças. Sobre a moradia, quando eu cheguei recebi um apartamento. A única diferença é o relacionamento com as pessoas, havia um nível mais elevado e mais sofisticado. Era uma tradição vinda do Rio de Janeiro quase secular. No meu trabalho, as pessoas eram mais sofisticadas e nem sempre boas, às vezes, com uns vícios de cidade grande e de repartição pública já centenária.

05 – a) Tudo foi muito natural, não foi bom, nem mal. Eu já sabia de toda a história de BSB por que trabalhava num ambiente político, soube da inauguração, o Brasil todo ficou sabendo. Questões mínimas, por exemplo, o relacionamento entre as pessoas, no início da cidade era muito diferente do de hoje, havia muita camaradagem, era mais cordial, mesmo entre as pessoas mais importantes com as quais eu convivia. Elas andavam pelas ruas, tomavam cachaça nos botequins e todos foram para a 1ª Academia fundada em BSB. O transporte era muito precário e todo mundo dava carona e isso fazia uma diferença patente. Havia poucos prédios construídos e muita poeira, mas isso não me chocou. Eu já tinha tido choques muito mais fortes, o sistema de vida era diferente, não era uma cidade organizada.

Na cidade, havia o mínimo de construção necessária para o poder se acomodar e na época da Revolução, por uma questão até de sobrevivência deles, fizeram questão de tocar as obras da cidade. Isso foi bem claro porque havia uma reação muito forte para voltarem com a Capital para o Rio de Janeiro. Então, para o próprio prestígio, nos primeiros quatro ou cinco anos, a

RM continuou as obras e terminaram os prédios, a cidade prosperava.

O ideário da RM era contra a corrupção, ao alcoolismo e ao homossexualismo (hoje um absurdo), eles combatiam violentamente. Houve muitos casos de homossexuais, alcoólatras, afastados do trabalho e do ponto de vista da corrupção institucional, evidentemente foi, pelos menos no começo, muito escondido e ninguém tomava conhecimento de nada. Os jornais não publicavam e, penso que a corrupção diminuiu muito. Depois do AI5 tudo ficou mais escondido, havia mais violência e muitos anos depois a gente viu que foi muito maior a questão da corrupção, mas aparentemente era tudo escondido e muito menor.

b) Como eu disse, na ditadura tudo foi melhorado por uma questão de prestar contas à população, e da própria sobrevivência refletiu nos serviços gerais, a construção foi levada adiante, os serviços foram implantados e a cultura foi muito incentivada.

c) As pessoas de poder aquisitivo e político andavam pelas ruas e davam carona. Houve um caso interessante de um Ministro do Supremo que foi abordado por uma vizinha que tinha um problema de vazamento em sua casa. Ela pensou que o Ministro era um operário e pediu a ele para resolver o problema. Ele agiu como operário, constatou e resolveu o problema e a mulher nem ficou sabendo do ocorrido. As pessoas eram mais simples e solidárias. Houve muita modificação no decorrer dos anos, hoje a situação é outra, principalmente por causa da diversificação e da monumentalidade que a cidade assumiu. Todos os prédios foram construídos, a cidade está cheia de automóveis, as fotografias mostram isso. Essa modificação mudou a convivência dos habitantes na cidade e hoje a gente não conhece o vizinho no prédio em que mora. Morei 20 anos na 211 Sul e quando eu saí de lá, tinha uma amiga no prédio, com os outros vizinhos havia somente um relacionamento comum de condomínio.

06 – Do ponto de vista literário e cultural eu faço parte da construção e da organização de BSB e do ponto de vista político também, no setor profissional. Eu contribuí ao longo dos 47 anos ativos na cidade.

07 – BSB ganhou o 'status' de Capital para o mundo inteiro e perdeu em convivência humana. Um aspecto muito interessante e que ninguém fala nele é o seguinte: BSB foi construída para os que moravam nela, hoje as pessoas que ajudaram na construção, de nível funcional mais baixo, desapareceram do Plano Piloto. Eles e os parentes deles estão morando nas periferias. Antes, um contínuo era meu vizinho de apartamento e teve que vender o imóvel e ir morar em Taguatinga e hoje nem lá ele poderia morar. Ele vendeu o apartamento, na época, por que os preços de condomínio, de impostos e outros fizeram-no entender que morar no Plano não era adequado para ele. O espírito inicial de BSB era de uma convivência social igualitária. Os funcionários que receberam apartamentos no Plano não tinham condições econômica, nem social para assumir a moradia. Eles não se sentiam à vontade no ambiente em que moravam.

08 – Falhas básicas existiram desde o começo de BSB por que houve um certo tumulto na cidade como ainda hoje existe. Isso influencia na questão do trânsito e nas moradias. Aqui chegavam e ainda chegam pessoas além das esperadas. Não havia como não ocorrer falhas básicas com um número muito elevado de pessoas. Houve fatos muito graves de morte (Bernardo Sayão), fatos de relacionamento e isso os jornais publicavam e não havia como ser diferente devido a utopia de Brasília e a época em que tudo ocorria, o Brasil não estava preparado para tantas modificações.

09 – Surpreendentemente houve uma revolução literária e cultural. As pessoas que ocupavam o poder tinham necessidade de provar à Nação que tinham bons propósitos no início de BSB. Então, eles organizaram, deram vida à cidade. Por exemplo, o governador nomeado participava de todas as reuniões, dava recepções no Palácio. Durante o Encontro Nacional de Escritores anual que incentivava muito a cultura brasiliense. Para esse encontro eram convidados grandes escritores de outras regiões que tinham suas despesas pagas com dinheiro público. Essa efervescência cultural do início de BSB deve-se, principalmente, por que vieram artistas com a Presidência e a necessidade de prestígio que a RM julgava importante, devido às reações contra a Capital. Esses escritores que vieram para cá começaram a fundar entidades e a participar delas. Nesse período foram fundadas, a Academia Brasiliense de Letras, a Associação Nacional de Escritores e o Sindicato dos Escritores de Brasília. Participei dessas três entidades no miolo. A ANE foi fundada em 1963 e não participei imediatamente porque não tinha livro editado neste momento, em seguida publiquei e entrei como membro dessa Associação. Alan narrou todas as histórias da ANE, da ABL e do Sindicato dos Escritores que não foram transcritas. Almeida Fisher era a alma da literatura em BSB e deve ser destacado. Do ponto de vista cultural essas entidades não existem hoje. Só há rock, por questão comercial o rock é financiado e acaba com todas as músicas. Poucas cidades conseguiram reagir, a maioria têm somente uma cultura marginal. A influência maior vem dos EUA, pela língua e pela importância econômica que eles detêm no mundo. A cultura brasileira é muito desprezada e desconsiderada em todo o Brasil.

Poema: “Uma canção das estradas” está num livro de mesmo nome, o poema trata de uma viagem 'Da cidade geométrica, sinfônica e patética, o matutino esplendor / Ainda gritam céus e mares em crepuscular estertor / ...

10 – Vivo muito bem em BSB porque fiz concurso público e ganhava bem, tenho conforto. A minha vivência em BH já se perdeu no tempo, em BSB vivo bem, há momentos trágicos, de satisfação e assim vivo. Eu vim pra cá sem sonhos, de acordo com minha realidade.

11 – Acho que não existia esse problema de desemprego, todo mundo tinha emprego.

12 – Perfeitamente. O sistema de escalas sociais de BSB nessa época continua o mesmo do tempo da escravidão, não houve nenhuma modificação fundamental. Depois dos direitos adquiridos pela mulher, pelos operários, com a criação de entidades que defendem os direitos humanos houve uma melhoria sensível. Hoje, existem muitos desempregados, mendigos e ninguém se preocupa muito com isso. A casa-grande de BSB é repleta pelos políticos, pelos poderosos e as senzalas pelos assalariados, pobres e marginalizados.

13 – A arquitetura de BSB é copiada como tudo que se faz hoje, ela é especial por causa do espírito da cidade, foi uma coisa totalmente revolucionária. Ela é especial por que foi feita, é real, mas se você procurar irá encontrar protótipos de BSB na arquitetura mundial. Na verdade, não existe nada de original, mas BSB é original em relação ao ideal da construção. A arquitetura não é artificial. Ela interfere nos habitantes, é inteiramente nova, não é original, mas é nova no Brasil. Constitui arte, é toda uma estrutura artística. O Teatro Nacional, por exemplo, é cópia de um teatro do Egito, mas é algo monumental, fabuloso, implantado em pleno cerrado. Os habitantes nunca tinham visto isso e, certamente, não irão ver porque não têm oportunidade para isso. Essa interferência gera orgulho e inveja que refletem numa hostilidade nas pessoas que nunca vieram em BSB e que a gente observa isso quando viaja e no noticiário da televisão. Eles consideram a corrupção de BSB e, na maioria das vezes, as

peças que vieram para a cidade em função da política é que são corruptas. Isso não é inerente à BSB como se fala, a corrupção vem de SP, do RJ e de várias outras cidades. A ideia de corrupção foi imposta à BSB, mas não é própria dela.

Há vários tipos de curiosidades com relação à BSB. Há pessoas que admiram a cidade, que falam que têm vontade de conhecê-la. Isso agora está se diluindo porque BSB está começando a ser o próprio Brasil, já deixou de ser BSB não tem mais aquela mística, mas isso vai acabar, esse espírito de hostilidade é devido a grande corrupção que ocorreu aqui, a mídia é responsável por isso por que trabalha contra BSB e não mostram os fatos exatamente como se apresentam, mostram um exagero para o mundo. Isso eu pude constatar nas últimas viagens que fiz, quando se fala em BSB somos vistos como um corrupto.

14 – No começo sim, hoje BSB tornou-se uma grande cidade brasileira com defeitos e virtudes.

15 – Quem tem dinheiro vive bem, quem não tem vive mal. São três os seguimentos: aqueles que vivem na cidade em si, os intermediários e os que não têm quase nada. Existe muita cumplicidade para a sobrevivência e os governos são dominados por uma minoria de empresários e políticos e o povo não tem voz ativa. A Democracia é uma utopia.

O melhor na cidade é o espírito de solidariedade que ainda existe em festas de condomínios. Há um esforço geral para que BSB se torne uma cidade ideal. O pior é a quantidade de automóveis que há na cidade, vem muita gente com poder aquisitivo grande para BSB e isso aumenta o problema.

16 – JK foi um presidente diferente de todos os outros, foi um estadista. Fez uma revolução, talvez seja o maior estadista brasileiro. O Brasil começou a ser diferente em 1930 com Getúlio Vargas e evoluiu com JK. Depois dele tivemos um outro Brasil, ele deu dinamismo as ideias anteriores e implantou novas. Muitas pessoas ajudaram-no nas grandes conquistas, JK tinha um espírito novo e brincalhão e não considerava os problemas.

17 – Isso não existe, os artistas brasileiros são inteiramente livres, eles se aproveitam do poder a medida em que eles se relacionam com o poder. Não há repressão artística, os artistas são brincalhões, eles criticam o poder quando querem. Recentemente, tivemos uma demonstração dessa liberdade. Houve uma ópera de rua, organizada e escrita pelo maestro Jorge Antunes e ele critica a sociedade e o poder em BSB. Ele está apresentando essa ópera livremente.

18 – Eu vivi com uma certa indiferença, eu era funcionário do Senado. Então não me manifestava politicamente, não participava de manifestações populares. Sofri críticas sobre meu trabalho intelectual, mas ninguém tinha coragem de falar para mim que eu era um subversivo, mas falavam. Ao mesmo tempo que eu fui taquígrafo de depoimentos nos casos de pessoas presas pelo sistema, eu estava na casa do Ziraldo, no Rio, quando recebemos a notícia de que ele seria solto. Ele era considerado comunista por causa do Pasquim e foi preso várias vezes. Houve rumores, nessa época, de que eu teria meu nome registrado, mas nada ficou comprovado. O clima no Senado era pesado, eu assisti a um tiroteio em plenário, havia muita tensão. Eu consegui equilibrar minha participação como escritor e funcionário público.

19 – Não sugeriu.



20 – Viúva do Fischer, Milena Fischer, Wladimir Carvalho, Danilo Gomes, Napoleão Valadares e Lina Tâmega Peixoto.

4) **ALCIDES KRONENBERGER** – 13/10/2010

01 – Alcides José Kronenberger. Vim de Petrópolis.

02 – 15 de abril de 1960, aos 27 anos, vim com a família. Recebeu apartamento na 414 Sul.

03 – Moro em Brasília há 50 anos. Foi gratificante sob todos os aspectos, independente de ficarmos completamente fora do ambiente da cidade em que se vivia, porque Petrópolis era muito próximo do Rio de Janeiro. Quando cheguei, transferido para a Imprensa Nacional, o prédio ainda estava em obras e naquela mesma quadra do SIA só havia esse prédio e o do Correio Braziliense. Não havia condução nenhuma praticamente, a não ser o ônibus que a Imprensa colocava a disposição da gente, eles vinham pela manhã e voltavam a tarde. O almoço nós tínhamos lá, algum funcionário pegava no antigo restaurante do IAPETEC que ficava na quadra 304 ou 104. Você sabe que as quadras de Brasília foram construídas pelos Institutos de Aposentadoria, inclusive acusaram Juscelino de estar acabando com as aposentadorias porque estava gastando todo o dinheiro dos institutos. Mas não foi nada disso, ele fez Brasília e não faliu nada. Depois, bem mais a frente foram eliminados os institutos e criou-se só um, a Previdência Social. “Os outros institutos terminaram após a construção de Brasília?” Praticamente os institutos construíram todas as quadras de Brasília, tanto as da Asa Sul quanto as da Asa Norte e as quadras que sobraram foram construídas pela NOVACAP mais tarde. Nós gostamos de Brasília porque era uma novidade e ao mesmo tempo uma aventura. Éramos pioneiros e abrimos uma perspectiva nova de se ter melhores condições de vida. Quando chegamos aqui, percebemos que isso iria acontecer. “Os pioneiros na época pensavam dessa forma, vieram a procura de melhorias?” Sim, porque Petrópolis tinha muita fábrica de tecidos, então quem gostava de trabalhar nessas fábricas tinha muito emprego, mas eu só tinha na Tribuna de Petrópolis. “O sr. é jornalista?” Agora sou, mas na ocasião não era. Quando eu saí da Imprensa Nacional e fui para o Senado, que foi praticamente contingenciado a fazer uma gráfica porque a Imprensa Nacional não estava mais comportando, isso em 1968. Lá não havia quase profissionais disponíveis e eu tive a oportunidade de trabalhar na revisão e me aposentei no Senado, mas eu já tinha saído da gráfica e ido para outra diretoria do Senado.

04 – Vim para Brasília por razões profissionais, trabalhava na Imprensa Nacional, era notipista. “como era essa profissão?” Era um tipo de teclado, mas uma máquina maior com chumbo e as letras ficavam gravadas ali, tínhamos então o texto do jornal. O trabalho era um pouco exaustivo porque a Imprensa Nacional não estava ainda completa, como lhe falei, tudo estava sendo adaptado ao prédio porque tudo tinha de ficar pronto e nem todos os funcionários do Rio de Janeiro vieram para cá, veio um grupo mínimo. O carioca não queria saber de vir e muitos que vieram acabavam voltando por problemas dele ou em virtude da mulher, porque elas não gostavam e queriam voltar. “Eles alegavam o que para voltar?” Saudades da praia. Teve um colega que morava em Copacabana e ia para a Praça Mauá, onde ficava o prédio da Imprensa de terno branco e quando chegou aqui, ao descer no aeroporto e ver aquela poeira começou a ficar meio debilitado e logo voltou para o Rio. Eu e minha família gostamos, ninguém teve dificuldades para se adaptar em Brasília. Eles gostaram muito do clima, aqui era

mais quente que Petrópolis.

05 – Eu tive a satisfação de ver os prédios novos a cada dia acender mais uma luz, significava que estava chegando mais gente do Rio para cá, não só da Imprensa mas também dos Ministérios. Os que vieram direto para cá foram os do Senado e da Câmara e me parece que uma agência do Banco do Brasil. Durante a Revolução Militar a construção continuou no mesmo ritmo, o que ocorreu foi o contrário, houve evolução porque quando o Presidente Costa e Silva morreu, estava voltando para o Rio para ser tratado lá, mas não resistiu. Em Brasília assumiu o chamado Triunvirato militar, eram três ministros: da Guerra, da Marinha e da Aeronáutica, naquele tempo não existia decreto lei, era Ato Institucional. Aqui em Brasília o tempo passava, mas toda a quinta-feira era o dia do boato, e o boato era o mesmo 'a Capital vai voltar para o Rio'. Isso ocorria semanalmente, então, às vezes, com um colega carioca, eu falava alguma coisa sobre a cidade e eles diziam que eu não iria ficar no mato, vai voltar para o Rio de Janeiro. Essa conversa era frequente porque muitos queriam que isso ocorresse para eles voltarem para o Rio. Em 1969, os militares baixaram o AI5, dizendo que Brasília era intransferível e que a Capital seria aqui no Planalto e que não teria como retornar mais. Nas semanas seguintes sessaram-se os comentários e pessoas novas chegavam. “O sr. observava que as pessoas estavam deixando de vir para Brasília?” Sim, não os funcionários, porque esses chegavam sem parar, eram muitos os Ministérios e Autarquias. Uma vez eu estava a passeio em Petrópolis e fui visitar a Tribuna e um diretor me disse que eu tinha ido morar numa cidade de índio. Eu respondi pra ele que Brasília era tão ruim que nem índio não tinha. Precisava falar algo, eu estava gostando e o camarada vem falar aquilo. Não existia corrupção no período inicial de Brasília.

'Como as pessoas assumiam os cargos políticos, em 1960, aqui?' No escalão maior eram todos militares, para os civis já havia concursos, não me lembro exatamente quando começou, mas foi logo após a inauguração. Os aprovados eram nomeados e nos Ministérios existiam normas, os diretores eram nomeados. Com relação à construção houve boatos sobre corrupção, mas nada foi comprovado, era ritmo acelerado de trabalho. “O sr. Assistiu a inauguração de Brasília?” Assisti, mas eu não estava no Palácio, fui à Praça dos Três Poderes, vi tudo e fui embora, havia muitos candangos presentes.

A mão de obra vinha muito de Goiás e do Ceará, eram muitas vagas para pintor, carpinteiro, pedreiro etc. Só havia o Hospital de Base, funcionava muito bem, atendia no dia-a-dia das pessoas. Eu tive muito prazer de ter colocado meu filho no Colégio D. Bosco, era um colégio particular, e ele teve uma educação muito boa. “Por que o sr. Não colocou seu filho na rede pública de ensino?” Eu sabia que o CASEB era uma boa escola, mas eu coloquei meu filho em outro colégio porque minha educação foi religiosa, com os padres franciscanos e eu queria o mesmo para meu filho.

O lazer só havia um clube, que existe até hoje, o Clube de Vizinhança da Asa Sul, é o nº 1, não construíram outros, mas deveriam, outras entrequadradas deveriam ter seus clubes de vizinhança. O nosso lazer era esse, íamos muito. “Todos frequentavam esse clube?” Não, eram somente os sócios, mas de um modo geral era para os funcionários, para os candangos não existia. Além desse clube, lá, em Sobradinho tinha um clube da representação da Amazônia, me parece, e esse clube era muito frequentado. Eu não tinha automóvel, mas tinha um amigo meu, de Juiz de Fora, que morava aqui e ele todos os domingos passava lá em casa e nós íamos, os meninos dele tinham a mesma idade dos meus. Então nós íamos para o Bancrévia, em Sobradinho. “E com relação a compras em geral havia alguma dificuldade?” No Plano Piloto, quando chegamos, não existia nada para compra nós tínhamos todos que ir à Cidade Livre, ela é que guarnecia Brasília de tudo, inclusive se quiséssemos viajar para o Rio, de



avião, comprávamos a passagem lá. Após a inauguração, a Cidade Livre não podia continuar, principalmente com esse nome porque lá não se pagavam encargos, tudo era fornecido pela NOVACAP. Toda a cidade deveria ser transferida para Taguatinga, mas começou uma grande resistência de comerciantes que estavam muito bem e acabaram ficando e fundaram o Núcleo Bandeirante.

Locomover-se na cidade era muito difícil, íamos a pé, aos domingos, ao cinema na W3 Sul, na 507, eu, minha esposa e nosso filho, mas havia um problema, todos estavam assistindo e a luz acabava, o filme ficava para a semana seguinte e isso ocorria com frequência. Fazíamos o trajeto a pé da 414 a 507, várias vezes, até terminarmos de assistir ao filme. Era tranquilo porque não havia quase carros, atravessávamos o eixo e íamos. Ainda não havia teatro, depois é que foi construído o Teatro Nacional é que se passou a ver boas peças, eu assisti algumas. “E para levar as crianças para a escola, iam a pé?” Meu filho ia no ônibus a Imprensa pela manhã e a tarde voltava também, os horários coincidiam.

Existia muita solidariedade inicialmente, a amizade continuou, aquelas gentilezas, aniversários, as pessoas se davam muito bem. Havia alto grau de aceitabilidade entre as pessoas, os vizinhos participavam, havia um bom relacionamento.

06 – Eu me sentia gratificante porque eu estava num local onde havia um futuro pela frente, havia uma expectativa de progresso, de melhoria, não só a minha profissionalmente, mas para minha família. O Rio de Janeiro naquela época já estava saturado não tinha mais como fazer, o Senado Federal, por exemplo, estava no final da Avenida Rio Branco e já estava pequeno, o Senado hoje é uma imensidão, tem lugar para todos e no Rio de Janeiro não teria condições. Eu sentia e observava que seria um futuro de maiores condições para os filhos, eles teriam emprego. Creio que naquela ocasião eu trabalhava mais para a cidade porque eu estava aqui com a família.

07 – Naquela ocasião não se tinha noção da intensidade de tráfico porque não tínhamos fábricas de carro no Brasil e eram poucos carros em Brasília. A grande quantidade de carros na cidade é uma perda porque hoje há muitos congestionamentos. O projeto de Lúcio Costa era que o asfalto fosse seguido pela grama, sem meio fio para separar, mas logo que os carros começaram a chegar na cidade começaram também a parar encima da grama e a NOVACAP mandou colocar o meio fio. A população temia a volta da poeira vermelha que tomava conta da cidade quando não havia grama. Nessa época existia muito vento e um rodaminho que o povo apelidou de 'lacerdinha'. Lacerda era uma voz ativa de uma capacidade muito grande de discurso e para enfrentá-lo tinha que tomar cuidado. Por isso o apelido, o rodaminho quando entrava pela casa era poeira de toda a espécie, a mulher em casa tinha que está sempre tirando poeira, porque não era brincadeira não, o lacerdinha era brabo. Brasília ganhou com o Teatro Nacional, com o crescimento da cidade melhorou muito a qualidade de vida. As pessoas que continuavam chegando para os Ministérios e chegavam muitas pessoas de Minas e Goiás, principalmente, e já se via o progresso da cidade nas próprias pessoas.

08 – A dificuldade que havia era no transporte que naquela ocasião, em Brasília, não existia, só com os passar dos anos, 4 ou 5, foi que começou a aparecer uma ou outra linha de ônibus e começou a melhorar, mas na início não existia nada. Isso mostrava a falta de interesse do particular, mesmo para o Rio de Janeiro só havia um ônibus que fazia a linha, ele saía da rodoviária às 1h30 e ia quebrando pelo caminho a fora, levava-se no mínimo 24 horas para chegar ao Rio de Janeiro. Havia, então, um receio dos empresários de investirem no transporte de Brasília por causa dos boatos de que a Capital votaria para o Rio e não haveria, então,

gente na cidade. Isso melhorou a medida que Brasília foi se confirmando, principalmente, em 1969 com os atos dos militares.

09 – Praticamente só tínhamos um jornal que era o Correio Braziliense, podia-se comprar revistas e jornais, como O Globo nas bancas, em todas as entre quadras havia uma banca de jornal. O Correio trazia muita cultura, porque ele era e continua sendo um jornal muito bom. Ele estava sempre voltado para o desenvolvimento da cidade e creio que ele trazia muita cultura para Brasília. Revista particular ainda não tínhamos, embora houve bons jornalistas que tinham vindo do Rio e de São Paulo. “E com relação à literatura?” Nós tínhamos uma livraria muito boa no Conjunto Nacional, que ainda existe até hoje, não lembro o nome dela. Já tínhamos, então, condições de adquirir bons livros. Até hoje ainda temos escritores daquela época, Adirson Vasconcelos, que é um escritor muito bom e que escreveu vários livros sobre Brasília e mostrou sua evolução. Muitas gráficas começaram a se instalar no Setor Gráfico. Hoje a cidade é independente, ela pode-se mover e continuar com o crescimento. Algumas coisas ainda precisam aprimorar: o sistema político precisa melhorar, não havia corruptos, mas hoje há muitos. Essa corrupção me parece ter começado logo após a Revolução, em 1980, ao término do governo dos militares.

10 – Brasília é boa para se viver primeiramente pelo clima, tem um frio ameno e bom e é uma cidade ainda muito tradicional, pode-se ir ao clube, à churrascaria, ao cinema. “Havia muito problema de comunicação no início de Brasília?” Em 1960, quando cheguei já comprei televisão aqui, mas os canais eram poucos, o telefone quando se instalou eu já estava morando na 105 Norte e ali funcionava bem e os Correios também eram bons.

Sinto-me mais feliz em Brasília que em Petrópolis, cidade de origem, atingi meu objetivo porque meus filhos estão bem colocados e eu evoluí também.

Eu não senti esse aspecto nem quando cheguei, acho que Brasília é uma cidade humana como uma outra qualquer. Não é artificial não, independente da construção ser diferente, mas eu nunca percebi artificialidade. “As pessoas sentiam-se muito só aqui, o sr. atribui isso a quê?” Era saudade que sentiam de seu grupo familiar. Eu, por exemplo, ia 3 vezes ao ano a Petrópolis, em janeiro, depois em junho/julho, tinha um recesso no Congresso e depois até o final do ano mais uma vez. Isso depois que eu comprei carro, antes íamos uma vez só e muitas pessoas não se adaptavam, eram saudosos de suas origens. Alguns que eu conheci iam para o Rio porque a esposa tinha ficado lá, não queria vir. “Formava-se grupinhos de amigos para tentar resolver essa questão?” Sim, lá na Imprensa nós tínhamos um grupo de futebol e todos os domingos íamos jogar.

11 – O pessoal que tinha mão de obra qualificada para construção civil chegavam e eram logo empregados, não tinha problemas. Em outras áreas era mais difícil porque praticamente tudo era do governo e havia concursos e nem todos estavam preparados para isso. “o Sr. observava nessa época pedintes pelas ruas?” Não havia, quem não conseguia emprego retornava para seus estados.

12 – Casa-grande e senzala eu acho que não. O projeto de Lúcio Costa não previa uma classe social separada, mas todos unidos, deveria morar no mesmo prédio um Ministro, o motorista e alguém da Imprensa, por exemplo. Não funcionou porque conforme as pessoas conheciam Brasília por meio de alguém da família ou de um amigo, quando eles saíam do Rio de Janeiro eles já sabiam o que iam pedir, chegavam com uma expectativa de morar numa quadra perto da escola, mais próximo da Esplanada, então essas quadras eram as preferidas, as últimas da

Asa Sul não eram escolhidas. Quando nós recebíamos o apartamento pagávamos um aluguel para o instituto que tinha construído a quadra, nós éramos inquilinos dos institutos. Em 1969 os militares baixaram aquele ato para terminar com os boatos e logo em seguida colocou os apartamentos a venda e as quadras que tinham os apartamentos melhores ficaram para Juízes, Ministros, etc. Nesse momento houve uma seleção de bens e de classes sociais. Com a venda desses imóveis começou a exploração imobiliária porque o motorista que morava perto do Ministro do Supremo, comprou seu imóvel e logo em seguida, sentindo-se talvez deslocado com sua situação, vendeu seu apartamento e foi morar em outro lugar. “O Sr. Conheceu pessoas que passaram por essa situação?” Eu posso lhe dizer o seguinte, muitos casais que vieram do Rio como funcionários para cá, cada um tinha direito a um apartamento. Muitas vezes o marido comprava um apartamento que tinha direito e a esposa escolhia e ficava com o outro da mesma prumada, frente com frente e faziam um só apartamento, com os dois. “Era permitido uma família comprar dois apartamentos?” Sim, eram os casais que já estavam aqui ou vieram logo após ter saído a venda dos imóveis. Eu me lembro, quando começaram a formar o Guará, o projeto estava lá na gráfica, o Senador Petrônio Portela fez a inauguração de uma quadra, parece que era a 13, eram casas que o Senado adquiriu para os funcionários. Muitos funcionários que saíam das quadras do Plano também iam para uma casa no Guará, outros para Taguatinga ou para Sobradinho. Eu acho que as pessoas que tinham menos status sentiam-se incomodados ao morar no Plano, numa mesma quadra que um Ministro. Eles vendiam seus apartamentos e compravam uma casa no Guará, por exemplo, mais barata e compravam ainda um carro. Então o plano igualitário de Lúcio Costa não funcionou em Brasília.

13 – É especial. Na Esplanada, por exemplo, todos os Ministérios têm aquela mesma disposição, os Palácios são deslumbrantes. A Torre de Televisão também é um destaque na cidade. A arquitetura interfere na vivência das pessoas porque os habitantes se sentem orgulhosos, ufanistas, da cidade em que vivem.

14 – Eu acho que a cidade ainda tem os mesmos princípios de antes, falta uma identidade para o povo de Brasília. Agora está começando uma geração nova de brasilienses e isso modifica o relacionamento entre as pessoas. “As pessoas são muito frias em Brasília?” Não, talvez no início tenham sido, mas hoje não, pelo contrário as pessoas são até ardentes e procuram clubes e músicas, Brasília já tem essa cultura musical.

15- Vive-se bem, muito bem. Há vários tipos de restaurantes, estamos bem servidos também na cultura, que tem sido muito progressiva em função das várias faculdades que existem em Brasília e mais a UnB. O que eu sinto de melhor em Brasília é a sociedade que está muito bem estruturada, podemos procurar bons profissionais em todas as áreas que iremos encontrar e isso é muito positivo. Negativo é com relação ao governo que não oferece segurança pública, saúde e educação de qualidade para a população.

16 – Para mim sim, foi algo excepcional o governo de Juscelino para os anos de 1960.

17 – Acho que influencia porque quando eles começam a fazer algo somente a sua maneira sem ir buscar lá na fonte e fazem por conta própria. O Sr. Alcides não entendeu a pergunta e respondeu com outras ideias.

18 – Não sofri nenhuma modificação no dia-a-dia da família. No Congresso eu senti quando

os militares invadiram porque tinha um cantor famoso que tinha feito uma música e pedia para os civis, principalmente para as moças, não dançarem com os militares, o cantor era Geraldo Vandré, ele levou um banho na Ditadura e me parece que hoje ele já voltou a compor novamente. Antes de fecharem o Congresso muitos Senadores e deputados tiveram de correr e os mais visados foram perseguidos pelos militares. No meu trabalho teve uma vez em que um cidadão, descendente de japoneses, foi citado como comunista e teve que sair fugido. Naquela ocasião eu assisti a muitas coisas, quando fecharam o Congresso nossos serviços na gráfica diminuiu muito porque não tinha mais o jornal da Câmara nem o do Senado pra se fazer porque não havia sessões.

19 – Não, acho que Brasília foi muito bem passada por você. “O Sr. sabe alguma coisa sobre a GEB?” Ela veio do Rio de Janeiro pra cá porque aqui não existia policiais, a GEB já funcionava no Rio, os policiais foram transferidos para Brasília e aqui se adaptou à nova sociedade.

20 – Não houve indicações.

#### **05) ANDERSON BRAGA HORTA - 19/02/2010**

01 – Anderson Braga Horta – Carangola – MG.

02 – Eu tinha 25 anos completos. Vim só, transferido para a Câmara dos Deputados, onde era funcionário desde 1957. Não vim obrigado, eu sempre pus muita fé em Brasília, fiquei entusiasmado desde sempre com a ideia da interiorização da Capital. Eu já tinha morado no Planalto Central, em Goiânia e em Goiás Velho com minha família. Então, não era um absurdo sair do Rio de Janeiro pra cá. Eu poderia, talvez ter tentado ficar no Rio de Janeiro, mas vim entusiasmado e é claro, atraído também pelas vantagens oferecidas, eu estava em vésperas de ficar noivo, começando uma carreira na Câmara, recém-formado em Direito, as vantagens aqui eram boas no começo. No começo quem viesse para Brasília contaria os 2 primeiros anos em dobro para a aposentadoria, ganhava também salário em dobro (a dobradinha), naturalmente davam residência pra gente, um apartamento no Plano Piloto, também, não havia muita opção, um bom apartamento, mediante uma módica taxa de ocupação, era vantajoso pra quem estava iniciando e precisando de faturar um pouco mais, já que ia se casar. Nesse aspecto também foi interessante. Na verdade isso atraiu muita gente, de outro modo poderia ter esperneado um pouco, muitos tentaram ficar no Rio e conseguiram, pelo menos na Câmara alguns conseguiram.

03 – Moro em Brasília, desde 1960, há 50 anos. A chegada foi uma novidade. chegando de avião, vendo esse cerrado despovoado, algo parecido com uma maquete, Brasília principiante, foi muito interessante. Eu tive alguns probleminhas, no aeroporto haveria uma comissão de recepção ou pelo menos uma pessoa pra me receber e me encaminhar e não havia ninguém. Eu só me lembro de estar eu da Câmara, não me lembro de mais ninguém porque senão nós nos comunicaríamos, resolveríamos esse problema conjuntamente, era só eu. Eu peguei um táxi que me levou à Cidade Livre, Núcleo Bandeirante, naquele tempo. O táxi se perdeu no meio do cerrado, foi parar em cercas de propriedades rurais, foi uma coisa curiosíssima, demoramos um pouquinho, mas chegamos ao Núcleo Bandeirante. Lá, procurei um hotel, era

de madeira e passei a noite assim órfão. No dia seguinte, comuniquei-me com o pessoal da Câmara e eles me pegaram e providenciaram o que precisava, o apartamento, levaram à Câmara, a burocracia cabível na ocasião. Foi realmente um começo pioneiro muito interessante, gratificante nesse sentido, houve esse percalço, mas no fim foi gratificante por ser uma aventura. Brasília naquela época não tinha praticamente nada. O que de cara era impactante era a solidão de uma cidade nova, incipiente, cheia de lama nas quadras, não estavam ainda todas asfaltadas, a W3 tinha uma pequena faixa de asfalto que ia até a 509 mais ou menos, até a 505 era asfaltado. Quando eu cheguei em 1960, mesmo quando a Célia (esposa) chegou, porque nós nos casamos em 1962, era muito pó e muita lama, dependia do tempo. Não se conseguia comprar nada no Plano Piloto, era praticamente só a Asa Sul, a Asa Norte ainda era meio projeto. Tinha um caminhão que passava de manhã com verduras e frutas, parava nas quadras. Se você quisesse comprar um prato, uma xícara tinha que ir à Cidade Livre. Já havia algum comércio, era mais padarias e restaurantes. Apesar das dificuldades ou até por elas mesmas, havia no começo de Brasília muita solidariedade entre as pessoas que vieram habitar a cidade, muito mais coleguismo e camaradagem. Ir da 107/sul para a Câmara dos Deputados era muito distante. Tudo tem seus aspectos positivos e negativos, então, havia essa solidariedade em Brasília.

04 – Vim por razões profissionais, trabalhar na Câmara. Exerci outra profissão, trabalhei em jornal, vim como 'copy desk' de *O Globo*, já trabalhava no Rio e fiquei algum tempo aqui também, não foi muito tempo. Uma experiência muito enriquecedora pra mim, estive ligeiramente em outros jornais, acabei não continuando, foi ficando difícil de conciliar com minha atividade na Câmara, então tive que deixar o jornal, mas passei por alguns até me convencer de que não dava certo.

As condições de trabalho eram boas, chegamos aqui e já encontramos o edifício do Congresso pronto, com instalações funcionando e, como eu disse no início, viemos para cá com moradia assegurada, eu vim com um bom apartamento na 107, a quadra ainda por asfaltar, para 'arruar', digamos assim, mas os edifícios prontos, bons apartamentos, são os mesmos que existem até hoje. Quem vinha para cá como funcionário público vinha com moradia garantida. Alguns vinham tentar a vida, mas eu não tinha contato com esse pessoal fora do âmbito do serviço público, esses em geral iam tentar o comércio no Núcleo Bandeirante, ficavam um pouco distantes.

05 – A construção foi acelerada, temos aqui aspectos arquitetônicos maravilhosos, às vezes, até monumentais, uma cidade urbanística e arquitetonicamente muito bonita nos seus primórdios. Tinha o desenho da cidade, muitos edifícios públicos principais, uma noção do que seria a cara da cidade. Então, quanto a esse aspecto, construção, nenhuma observação negativa, pelo contrário. Cerca de 3 anos e meio depois, tivemos o Regime Militar isso foi uma surpresa e uma paulada na cabeça, foi uma coisa terrível. O Regime Militar prejudicou a cidade, como prejudicou o país, na minha ótica, em muitos aspectos. A cidade ainda estava em construção, mas em 1964 já estava bem mais adiantada, de 60 para 64 já tinha havido um crescimento grande, melhoramentos mais do que sensíveis no aspecto de arruamento, de comércio, etc. Com a chegada do Regime Militar houve aquela decepção. Mais um pouquinho de digressão. Eu aqui em Brasília, antes de me casar, em contato com alguns colegas vindos do Rio, me deram a ideia, vamos fazer o primeiro vestibular da UnB e fizemos. Eu entrei pra UnB para fazer o curso de Letras Brasileiras e comecei a fazer numa universidade nova, de projeto muito ambicioso, uma estrutura diferente e com um grupo de professores extraordinários, aquele grupo inicial de professores da UnB era fabuloso, gente como: Nelson

Rossi, na Linguística, Sara Gudinsk, uma americana que era linguista, o famoso educador português, escritor, poeta, filósofo, Agostinho da Silva que era chefe do Departamento de Letras, Literatura Portuguesa, foi meu professor também, com o seu assistente o professor Santiago Naud, grande poeta, que está entre nós, para nossa alegria, Rui Mourão, assistente na área de Literatura Brasileira e que dirige hoje o Museu da Inconfidência em Ouro Preto, romancista. Não interessa arrolar nomes, mas havia nomes e nomes da maior importância. Esse projeto sofreu uma interrupção violenta com o advento do Golpe de 1964. Permita-me falar assim, você leciona num estabelecimento militar, não sei quais são suas convicções, mas eu estou falando de acordo com as minhas, a essa altura dos acontecimentos tantos anos depois, e sem nada de pessoal porque eu não sofri na carne, nada dessa revolução. Então houve essa decepção, o empreendimento UnB foi violentamente cortado, os professores foram dispensados de uma maneira ou de outra, direta ou indiretamente, alguns perseguidos, punidos, os alunos vieram a ser punidos de maneira violentíssima também, a história é mais esse é mais ou menos recente e sabida. Depois foi renascendo, sendo reconstruída, aos poucos, eu estou usando a palavra reconstrução de propósito porque foi uma desconstrução o que se fez no começo da Revolução. Eu acredito que a Universidade tenha se recuperado, cresceu, é uma potência hoje, mas seguramente alguma coisa mudou em relação ao seus rumos iniciais. Mas o que eu quero dizer é que houve essa decepção cultural e social violenta em 1964. E eu tenho uma coisa também curiosa a dizer, em fevereiro de 1964 eu escrevi um poema pelos padrões modernos, um poema longo em 11 fragmentos, intitulado Altiplano, que nucleou o meu primeiro livro publicado *Altiplano e outros poemas*, um poema que me deu muita alegria, muita sorte, foi várias vezes premiado, divulgado, esse livro que ele abriu foi premiado com parecer de Drummond, muito favorável, lembro isso sem querer fazer auto elogio como diversas alegrias que eu tive com esse poema. É um poema em que eu faço uma espécie de saga de Brasília, o território, o ermo. Ele está em várias antologias minhas, uma dessas antologias eu tenho aqui e vou de te dar um exemplar. Eu faço um poema em que exalto os aspectos, exalto e critico também, a movimentação de operários, o tratamento recebido por esses operários, é uma alusão velada porque eu tinha noção de que estava escrevendo um poema e não um panfleto, ao massacre, o famoso massacre de operários da GEB (Guarda Especial de Brasília) do acampamento da Pacheco Fernandes, uma construtora. O caso é o seguinte, era uma construtora tinha um acampamento de operários e um belo dia os operários se revoltaram com a qualidade da comida, protestaram, esse protesto foi julgado um pouco exagerado, não se sabe muita coisa a respeito, houve uma queixa à GEB, a guarda foi movimentada, e houve um confronto entre essa guarda e os operários e desse confronto resultaram feridos e mortos, consta que muitos mortos, consta que foi uma carnificina. Você encontra depoimentos, por exemplo, do Adirson Vasconcelos, que é historiador de Brasília, se você tiver interesse nesse episódio, é uma pessoa que interessa também a sua pesquisa por que ele é um dos primeiros escritores de Brasília, não na área literária, mas na história, primeiro livro editado em Brasília é o dele. O primeiro livro literário editado em Brasília, é de Joanyr de Oliveira. Vou te dar esses jornais que tem artigos sobre a morte dele, meu e do Taveira. Ele tem várias antologias de poetas brasilienses e de poemas escritos sobre Brasília. Essas antologias são importantes para o seu projeto, especialmente esse *Poetas de Brasília*, o primeiro livro literário editado em Brasília, pela editora Dom Bosco que era de uma livraria antes da Eudorado, Francisco Cartesin que era goiano e o livro foi impresso em Goiânia, mas a editora era daqui. No meu Altiplano, saga de Brasília, em que falo nos ermos, no cerrado, na natureza, na migração de operários pra cá, no problema social, falo no sentido de Brasília, no seu sentido social e até místico, falava-se muito nos sonhos de Dom Bosco na ocasião, sempre se falou, mas próximo a inauguração falava-se mais insistentemente. Fiz um poema com



história, com descrição, com narrativa, com crítica, mas um poema profundamente positivo, otimista salientando o papel altamente criativo que Brasília tinha e estava realizando e tinha ainda a realizar no sentido da afirmação nacional, isso foi em fevereiro de 1964, poucos dias antes da Revolução. O que estava escrito no poema continuou válido no meu entender, houve passos para trás, mas Brasília continua merecendo o que se disse de positivo sobre ela, no sentido de que o agente da conquista de nosso interior, o alargamento real de nossas fronteiras de nossos vizinhos irmãos da América Latina. Algo no sentido da melhoria das relações intersociais e internacionais, enfim, continuo achando que Brasília teve e tem essa importância toda, eu sou fã da ideia e da cidade e isso, então, responde a segunda parte de sua pergunta.

A corrupção e oportunismo não são fenômenos brasilienses há uma tendência nacional, talvez não, uma tendência muito localizada em Rio, São Paulo, Rio Grande do Sul, sei lá, especialmente em São Paulo me parece, há uma tendência a culpar Brasília por tudo de ruim que acontece nesse país. Brasília é uma cidade de corruptos, isso é um absurdo e uma burrice que me deixa indignado. A corrupção de políticos se verifica aqui, mas esses políticos vem de todas as partes do país. Os que nasceram aqui talvez nenhum, não sei, os que se criaram aqui pouquíssimos. Os políticos corruptos ou não que atuam em Brasília, vem praticamente todos, quase a totalidade, porque não sei se haverá algum nascido aqui, vem de fora, dos outros estados, a corrupção vem de lá. Existe uma corrupção endêmica? Sim à medida que a corrupção é endêmica no Brasil. É um fenômeno brasiliense? Não. A corrupção sempre existiu certamente menos visível antes de Brasília por uma série de razões. Não vamos fazer esse histórico sociológico que isso não interessa a você, mas sempre existiu e me parece que alguns fatores têm contribuído para o agravamento desse problema da corrupção, não só em Brasília, em todo o Brasil, o declínio vertiginoso da educação no país, a partir de 1964, a Revolução, entre aspas, tem culpa nisso. O declínio da educação, não só por um efeito exemplo, a quebra das instituições por parte dos militares, a tomada do poder, a permanência no poder por 20 anos, as agressões aos direitos humanos que se praticaram durante esse período ditatorial, tudo isso contribui para a deslocação do país, mas também o sistema educacional como tal foi muito prejudicado por reformas que se fizeram a partir do Golpe de 1964. Um outro fenômeno ligado a esse é a expansão dos meios de comunicação visuais, a televisão, a expansão desses meios com a queda da educação, você imagina, a deseducação foi se tornando presente nos lares à medida que essa mídia se desenvolvia, se tornava barata e se tornava indispensável. Então, eu não vejo esse fenômeno corrupção, oportunismo e corrupção, são praticamente a mesma coisa, ou oportunismo como corrupção, como veículo, porta para a corrupção, não vejo isso como um fenômeno brasiliense, é um fenômeno nacional, no momento Brasília está na berlinda, mas continuo dizendo, não é fenômeno de Brasília, mas do Brasil. Infelizmente, porque se fosse só de Brasília, seria fácil de localizar e uma interdição resolveria, se fosse o caso, mas não é, uma interdição seria um absurdo. Não é necessário, não resolve e só vai prejudicar Brasília.

Sempre se falou em corrupção no Brasil, já havia escândalos, e em Brasília também, havia muitas denúncias na própria construção. Denúncias de furto de material, de superfaturamento e coisas de outra natureza, de propina. Com essa frente de construção que havia aqui realmente isso facilitava a questão da propina, que é uma instituição, infelizmente, que vem de longa data. Então, essas acusações, essas notícias, mais ou menos fundadas, fundadas ou não, não sei, essas notícias, esses boatos, essas conversas já existiam no comecinho de Brasília e antes dela, o que reforça minha tese, é um fenômeno infelizmente nacional. E quanto maior o Estado, voltando ao Brasil, mais corrupção existe nele, infelizmente é assim, tem sido assim. Voltando a conversa sobre o curso de Letras entrei na UnB, fiz alguns

semestres, me casei, fiz um esforço para continuar, mas um dia minha mulher estava hospitalizada num hospital que ficava no fim da W3 Sul e eu venho do quarto e na porta do hospital e dei de cara com um tanques passeando na W3. Com essa intervenção da Revolução de 64 na UnB, somado aos meus problemas, de recém casado, pai de um casal de gêmeos, sem ninguém mais da família aqui, eu me senti obrigado a interromper o curso, que não tinha nenhuma finalidade prática para mim. Eu já tinha curso de Direito feito no Rio não exercia a advocacia, mas esse curso foi importante pra mim como funcionário, foi importante sempre, o curso e os conhecimentos adquiridos foram importantes para mim. Então a importância prática de um diploma era o que me fornecia o da Faculdade Nacional de Direito do Rio de Janeiro. O curso da UnB seria uma sobremesa que o poeta queria se oferecer, mas infelizmente não deu. Eu já escrevia e publicava desde que vim para Brasília, com 25 para 26 anos, eu já escrevia e publicava, principalmente poesia. A parte de transporte sempre foi problemática e ainda é. A parte de saúde se desenvolveu melhor, a educação também, não tenho grandes críticas a fazer, considerando Brasília no seu contexto nacional, brasileiro. Quanto ao transporte sim, sempre foi um problema crítico, Brasília ficou dependente do automóvel, e é cada vez mais um erro, um erro patente, tem um metrô insipiente, fala-se no transporte com veículos leves, mas são infelizmente paliativos, a grande solução para Brasília ainda é caríssima, mas é um grande metrô, a verdade é essa. Você vai ao Rio de Janeiro é fraco de metrô, mas São Paulo já tem. Em Paris, Roma você vai a qualquer canto de metrô. Brasília precisaria de um grande sistema metroviário, não sei se seria tão caro, porque a maior parte do percurso seria o chamado metrô de superfície, acho que não seria tão caro assim. Algo que teria de ser encarado pelas administrações, como uma obra a ser realizada ao longo de várias administrações, com grande empate de recursos, com planejamento meticuloso, estou entrando numa área que não é a minha. Esse é um problema que não tem sido resolvido de maneira satisfatória pelo contrário. “Esse problema grave de transporte não foi gerado pelo próprio projeto da cidade?” No começo de Brasília ainda não existia ou estava muito insipiente a indústria automobilística nacional, o automóvel ainda era quase que uma raridade, até 1960 o automóvel tinha que ser importado era caríssimo, pouca gente tinha. Mais ou menos em 1960 mesmo, coincidindo com Brasília. “Será que a ideia não era essa, trazer muitos automóveis para Brasília?” Eu acho que não, acho que o construtor de BSB não previu o bum automobilístico de Brasília. A explosão automobilística que estamos vivendo é muito grande acho que não foi prevista não.

c)Havia muita solidariedade, muita carona, oferecia-se carona, pessoas desconhecidas paravam com o carro vendo que a gente estava andando, aceita uma carona? Porque era necessário e porque sei lá, a necessidade, a solidão, os problemas, faziam as pessoas mais solidárias. Por outro lado não havia o problema de violência urbana, hoje você tem medo de dar carona, medo justificado. Isso diminuiu ao longo do tempo à medida que a cidade foi crescendo e foi se densificando, foi se tornando uma grande metrópole, de maneira imperceptível, foi se modificando. Quando cheguei o apto estava lá, a 107, 108, 106, 105 vieram depois, umas casas germinadas, da W3. Acho que a convivência era um pouco mais solidária no começo, havia mais relacionamento entre os vizinhos. Acho que havia mais relacionamento entre os vizinhos, isso foi sendo modificado, há uma certa frieza no tratamento entre as pessoas. No começo era menos gente e mais aproximação entre vizinhos.

06 – O motivo que me trouxe pra cá foi profissional, coincidiu com um idealismo, mas o que determinou foi a profissão. Seguramente eu fui parte de um projeto histórico, nós somos ainda parte de um projeto histórico. Mas eu não me lembro eu escrevi um poema e podia se dizer,



eu podia talvez responder afirmativamente baseado neste poema que eu escrevi em 1964, mas eu não me lembro de ter me sentido assim, de ter me pensado nesses termos, a gente não pensa assim, acho que não. Mas hoje vejo que isso é uma realidade sim, claro que eu fiz parte, muito modestamente, mas como uma gota no oceano, mas enfim estava aqui. Quero insistir nisso, sem nenhuma pretensão de ter sido parte saliente, parte perceptível, mas parte, enfim parte minúscula nós todos somos, quase todos nesse mesmo grau, minúsculo, que é o normal não há nenhuma auto depreciação nem apreciação de ninguém nesse adjetivo, esse é o normal.

07 – Perdeu uma certa simplicidade, perdeu em solidariedade, perdeu em tranquilidade. Em 1963 nasceram os nossos filhos, Brasília no começo era ideal para criar filhos, escolas, atendimento de saúde, tranquilidade, apesar dos problemas, como do acampamento da Pacheco Fernandes, eram problemas localizados, a vida social era tranquila, nisso aí houve perdas, ocorrem essas perdas. Ganhos? Os confortos da modernidade de uma metrópole, Brasília que era uma cidade insípiente hoje é uma metrópole, é uma grande cidade com todos os confortos e todos os problemas das grandes cidades. Alguns grandes problemas ainda não se fazem sentir tão notoriamente em Brasília como o tipo de favelamento ocorrente no Rio de Janeiro e em São Paulo. Ainda não chegou aqui, nesses mesmos termos não com tudo que gira em torno desse tipo de favelização, com toda a delinquência que se oculta nas favelas. Nada contra o favelado, mas se oculta no meio deles, se aproveita das circunstâncias, especialmente onde há os morros no Rio, se oculta o pior da delinquência, o tráfico de drogas, etc.

08 – De cara no próprio Plano, eu creio, ao contrário da sua ideia, eu creio mesmo que o Plano Piloto não foi feito com vistas voltadas para o domínio do automóvel, porque ele apresenta certas dificuldades ao transporte rodoviário, essas dificuldades que você mesma apontou. Se tivesse, se Lúcio Costa tivesse previsto o extraordinário crescimento automobilístico do país alguma coisa teria sido facilitada para o tráfico, especialmente o transporte urbano, enfim. Essa deficiência então, existe desde a semente, quanto ao transporte entre o Plano Piloto e as cidades-satélites, não creio que haja alguma coisa a acrescentar não. Acho que algumas soluções têm sido tomadas, como ampliação e multiplicação de pistas, mas acredito ainda que o transporte, vamos chamar de metroviário, bem planejados é que seria a melhor solução.

09 – Um pouco caótica no começo, né. Mas logo começou-se a organizar um que outro núcleo, por exemplo, a primeira instituição realmente grande, talvez a primeiríssima instituição de agregação cultural em Brasília, de escritores, particularmente, foi a Associação Nacional de Escritores, a ANE. Graças ao trabalho pioneiro de Almeida Fischer, uma figura importantíssima para esse aspecto, desenvolvimento cultural da cidade. Ele promoveu a fundação da ANE em 1963, depois promoveu a fundação da Academia Brasiliense de Letras, depois ainda fundou uma outra academia, a Academia de Letras do Brasil. Almeida Fischer participou na instituição e na manutenção dos encontros de escritores que se faziam em tempos idos, você não pegou isso, né? Encontros promovidos pela Fundação Cultural do Distrito Federal, traziam escritores de todo o país. Havia prêmios da Fundação Cultural, prêmios nacionais, enfim. Cedo, a partir pelo menos de 1963, foram se organizando núcleos, entidades, eu insisto em destacar a figura de Almeida Fischer, que foram tomando em seu cargo uma boa parte da tarefa de dar alguma sistematização ao crescimento cultural da cidade. Importante também disso é o aparecimento de suplementos literários na imprensa local. Muitos desses suplementos, uns dois ou três pelo menos, foram fundados por Almeida Fischer

em jornais que já desapareceram. Pouco depois surgiu um grande suplemento literário no Correio Braziliense, talvez você nunca tenha nem ouvido falar nesse suplemento. Era um suplemento literário como eram os de antigamente, propriamente literário, eram de boa qualidade sim, o do Correio era e sempre foi o maior jornal local, era um suplemento grande, de boa qualidade sim, não voltado exclusivamente para Brasília, como convinha que não fosse mesmo, mas dando muita ênfase, dando abrigo a manifestações culturais locais, foram importantes. Em 1963 a ANE foi criada e os encontros foram patrocinados pela Fundação Cultural do Distrito Federal, mas com a participação de elementos da ANE. Hoje esta vida cultural está bastante diversificada, as entidades que eu mencionei, persistem e há uma série de academias existe o sindicato de escritores que por circunstâncias da baixa profissionalização da atividade de escritor no Brasil não cresceu como se esperava, mas existe ainda também, funciona, e enfim, um mundo de gente escrevendo de todas as gerações e convivendo e, às vezes, se desconhecendo porque a cidade cresceu muito como Rio, São Paulo, Belo Horizonte. “Não é mais como em 60 que as pessoas podiam se encontrar e se conhecer mais facilmente”. Esses encontros locais com gente de fora também, esses encontros congregavam os autores, enfim, as pessoas que faziam cultura em Brasília. É uma pena que eles tenham desaparecido, esses encontros de escritores nos moldes daquele tempo. “Pensa que para melhorar a cultura deveriam existir ainda?” Não sei se melhoraria a cultura, mas isso não influi diretamente na produção cultural, mas congrega pessoas faz com pessoas se envolvem, conversem, discutam, às vezes, não sei se é apenas saudosismo da minha parte, mas eu acho uma pena que eles tenham acabado. “A ANE não funciona mais dessa mesma forma, com esse mesmo objetivo?” Ela não tem condições de promover encontros dessa natureza que custam muito dinheiro, a ANE não é uma entidade rica, é uma entidade pobre que conseguiu um edifício. Você conhece? “conheço”. Mas é mantida com a contribuição dos membros, dos sócios, é pobre não tem condições de promover coisas desse tipo não. Ela promove semana sim, semana não, palestras literárias, culturais, dia 25 semana que vem eu vou falar sobre Valdemar Lopes, grande poeta, grande sonetista, que morou em Brasília, uma figura extraordinária. 25 na ANE, a partir das 19 horas, você já está convidada. “Então são sempre só palestras semana sim, outra não, e os membros é que fazem?” Os membros e também as pessoas convidados, há pessoas convidados também. Eventualmente se fazem concursos literários quando a ANE consegue, às vezes, a Thesaurus tem sido aliada da ANE no patrocínio e, às vezes, até no patrocínio da obra de concursos literários. “Eu estive lá semana passada e conversei com Victor Alegria”. Ele também é membro da ANE.

10 – Eu estou quase toda a minha vida em Brasília, dos meus 75 anos estou a praticamente 50 aqui. Eu sou um candango, mais do que mineiro, mais do que goiano, onde morei também, mais do que carioca, sou tudo isso, sou um brasileiro radicado em Brasília. Gosto da cidade, sinto-me bem aqui, minha família está aqui, meus filhos, minha neta, sempre moramos aqui. A minha cidade de origem, praticamente não conheço, voltei lá uma única vez depois da adolescência estive lá rapidamente pra acertar um problema, havia um erro na minha certidão de nascimento. Mas Carangola, naquele tempo, parece que era uma cidade relativamente próspera, era um centro de produção, de cultura mesmo na Zona da Mata de Minas Gerais, mas era uma cidade pequena, como todas cidades da região, a grande cidade lá era Juiz de Fora naquelas proximidades. É uma cidade pequena ainda. “Morava no Rio ou em Goiânia quando veio pra cá?” No Rio. Aqui eu constituí minha vida. Meus pais e irmãos vieram todos pra cá depois, aqui tenho filhos e neta, aqui aumentei o meu círculo de amigos, aprofundei amizades, a minha vida litero social, se você me permite, um adjetivo composto meio bobinho, cresceu muito em Brasília, no Rio eu era muito solitário. Comecei a publicar livros

solo aqui em Brasília, já tinha participação em antologias, publicações em periódicos desde o Rio, mas comecei a publicar, aliás tardiamente, comecei em 1971 a publicar uma edição, comecei tarde. Então eu me sinto mais realizado em Brasília, mas as lembranças que eu tenho do Rio é muito gratificante, o Rio era realmente, uma cidade maravilhosa, e apesar dos pesares ainda é, eu gosto muito do Rio de Janeiro. É uma cidade belíssima, encantadora, quentíssima, mas o que fazer né! Nem tudo é perfeito, tem seus problemas sérios, mais do que sérios mas é uma cidade maravilhosa. “Mas não moraria no Rio mais?” Acho que não teria mais sentido sair daqui, mas eu moraria bem no Rio sim, se fosse necessário morar no Rio eu moraria com prazer, não tenho nenhuma objeção não.

Brasília é uma cidade artificial, foi criada, saiu do papel para ser a Capital do país, plantada aqui, no meio cerrado, no meio do deserto, de certa maneira, então ela é uma cidade artificial e essa artificialidade se reflete em alguma coisa da vida, do cotidiano, mas já são 50 anos de vida e muito do que uma cidade não artificial, de uma cidade brotada, crescida, naturalmente, Brasília conquistou. Talvez seja mais fácil para uma pessoa de fora dizer alguma coisa a respeito do que uma pessoa que está aqui desde o começo dela, mas eu acho que sim, acho que perdeu muito dessa condição, a que nós estamos atribuindo um sinal negativo.

11 – Nos primeiros anos praticamente não havia esse problema, o pessoal que morava em Brasília de um lado eram os operários e para eles havia pleno emprego na ocasião. De outro lado, os funcionários que vinham com seus empregos garantidos, eram os transferidos. Dos que vinham tentar a sorte aqui, no comércio, na área de serviços, etc., vinham e se instalavam, população desempregada aqui eu acho que era o mínimo, nos primeiros tempos eu acho que não havia esse problema.

12 – Casa-grande e senzala me parece demais, parece exagerado, o projeto igualitário proposto inicialmente era artificial, era generoso, mas era artificial, nunca funcionou como no papel, nunca funcionou na realidade como devia funcionar, como funcionava na mente dos que o idearam, porque a realidade social não permitia isso, a realidade social era e ainda é de classe rica, classe média, classe pobre, capitalista e operário. Aquela tentativa de colocar pessoas de níveis diferentes em termos econômicos e culturais também funcionou muito pouco. A verdade é que já havia um certo escalonamento social desde os primeiros tempos, e assim como havia apartamentos tipicamente classe média, e as casinhas germinadas também de classe média, havia edificações mais econômicas, blocos de 3, em vez de 6 andares, para não terem elevador, blocos sem pilotis, por exemplo, no próprio Plano Piloto. Então, desde o começo se mostrou, aliás, desde o papel havia essa contradição até na ideia dos criadores de Brasília, eles queriam uma integração social, mas eles mesmos viam nos termos que supunham ideais que isso não era possível. Eu sempre tive uma tendência socialista, no sentido muito amplo da palavra, mas eu também acho que a integração não pode ser resolvida em termos da igualização, nós não somos iguais como indivíduos, não podemos ser tratados de maneira exatamente igual. Isso não é um ideal racional, o que nós devemos entender por igualitarismo, por socialismo é algo que seja mais factível, mais de acordo com a realidade. Comida pra todos, educação, saúde, mas isso em termos de qualidade não em termos de farsa. A saúde não é distribuída de maneira igual para a população toda, aí sim deveria haver igualitarismo, igualdade social, aí sim, em termos de saúde, em termos de educação, em termos de alimentação. “Moradia não seria o caso”? Moradia também, não há igualdade. Você não pode obrigar a todos, aí acho que seria um erro, que todos morassem em casas padronizadas. O que pode e deve tentar propiciar ao povo é o mínimo de qualidade para toda a população, para as camadas mais carentes, menos aquinhoadas da população, um mínimo de

qualidade, em termos de construção, de espaço, de sanitarismo, de arruamento, de comércio. Esse mínimo Brasília se propôs a realizar, infelizmente, não chegamos a tanto, mas pelo menos está na base ideal da cidade. “Mesmo assim, esse pensamento de casa-grande e senzala, nessa concepção, seria um exagero?” Eu acho que sim porque casa-grande e senzala são os senhores e os escravos, acho que não devemos partir para esse tipo de exagero não, houve algum progresso desde a escravidão, algum progresso houve, sem dúvida.

13 – No começo, as edificações de Brasília, a maioria ainda em fase de acabamento, as suas ruas, suas avenidas ainda inconclusas, davam uma ideia assim de coisa de outro mundo, de coisa de outro planeta, coisa de Marte, a cidade marciana, assim se falava. Era realmente uma coisa muito diferente, hoje nem tanto porque esse tipo de arquitetura e de urbanismo avançado de Brasília já são mais difundidos, mais conhecidos, mais praticados em todo o mundo e depois a gente se acostuma a ver as coisas todo dia e deixa de causar aquele impacto inicial. “Essa arquitetura interfere na vivência dos habitantes da cidade?” Seguramente interfere. “Como?” Veja só. As cidades tradicionais têm ruas e casas de ambos os lados e não há, em geral, um espaço entre as casas. Em Brasília existem as super quadras, os edifícios residenciais são claramente bastante separados há muito espaço entre eles, a arborização e o ajardinamento, em todas essas unidades residenciais, coisa que dificilmente se encontra em outras grandes cidades e quando se encontra é exceção. Esse é um aspecto positivo. O tipo de construção que se adotou na Asa Sul, a construção comercial, aí já me parece algo negativo, aqueles bloquinhos pequenos com uma sobreloja e um porão, isso me pareceu mal bolado, isso foi parcialmente resolvido na Asa Norte. Na Asa Norte evitou em parte esse problema de construções comerciais da Asa Sul. Isso tudo influencia, é arquitetura de Brasília, é claro que isso tudo influi na maneira de viver de uma cidade. Até que ponto isso diferencia a maneira de viver do brasiliense, em relação a maneira de viver do carioca, do belo horizontino, do paulistano, eu não sei, aí é difícil de especificar, mas alguma diferença existe sim.

14 – Uma pergunta difícil porque eu não conheço tão bem outras cidades. São Paulo, por exemplo, eu conheço pouco, eu conheço bem o Rio, uma cidade em que o relacionamento é fácil, é caloroso. Eu acho que em Brasília, nenhuma outra cidade tem esse calor, essa facilidade de relacionamento que encontramos no Rio, pelo menos nos pontos mais conhecidos do Rio, não sei se em toda a cidade do Rio de Janeiro. Mas não creio que aqui aja uma frieza maior que nas generalidades das cidades brasileiras, não. Eu acho que o brasileiro em geral tem um bom relacionamento com as outras pessoas. Acho que o relacionamento interpessoal no Brasil, ao que as leituras e um pouquinho de conhecimento próprio me indicam é melhor do que em cidades Norte Americanas e em grandes cidades da Europa também. É alguma coisa meio fugidia, deve haver algum estudo a respeito que eu não conheço também. “Será que os brasilienses ou as pessoas que moram aqui por muito tempo são vistas, dentro do próprio Brasil, de maneira diferente por estar mais próximos da política, ou por estar na cidade onde o poder existe verdadeiramente?” É possível, não vou dizer taxativamente. Alguns brasilienses, fora daqui, têm se ressentido de um tratamento preconceituoso, você é de Brasília, essa cidade, como você mesma disse, a cidade da corrupção, e ao dizer isso a pessoa está, mesmo sem querer, está contaminando você com essa mácula, que nem brasiliense genuína é, mas está contaminando você, é como se dissesse você também é corrupta. Isso existe, mas eu acredito que não seja em grau assustadoramente elevado não, eu acredito que isso seja exceção. Mas eu estou no puro impressionismo.

15 – Vive-se bem, nós temos algumas facilidades em termos de saúde, de educação, apesar

dos pesares, de transporte, há cidades piores que Brasília, em matéria de transporte urbano, há cidades piores que Brasília em matéria de violência urbana. Eu acho que se vive relativamente bem em Brasília sim, o nível de remuneração aqui parece que é a média mais alta que a maioria do país. Eu diria que sim. “O que lhe parece melhor ou pior no cotidiano da cidade?” Discriminar é difícil, né? Não está me ocorrendo. O quê que é pior? Eu vou eleger o transporte como o pior porque nós temos carro, mas dependemos dele, eu gostaria de não precisar saindo no meu carro, dirigindo por aí, eu gostaria de poder fazer como no Rio. Eu estou no Catete e quero ir a Copacabana é só pegar o metrô ou o ônibus, aqui nem ônibus nem metrô. O metrô não nos atente aqui, onde estamos, ônibus também não, é difícil. Então, eu elegeria como aspecto negativo o transporte urbano. “E como aspecto positivo, o melhor que nós temos?”. O aspecto melhor eu ainda vou ficar com a paz urbana, com a tranquilidade urbana, apesar dos pesares, Brasília está se tornando dia-a-dia mais violenta, mas ainda não chegou ao nível de violência de cidades, de outras grandes cidades brasileiras mesmo.

16 – Com certeza, não só por isso. Brasília foi um marco. O antes e o depois de Brasília. Eu digo aí nesse livro que você trouxe, *Sob o signo da poesia*, Brasília significou alguma coisa que mostrou ao brasileiro que ele podia acreditar em si mesmo e ele passou a acreditar em si mesmo mais do que antes, passou a ter fé no seu próprio trabalho, na sua própria vontade, na sua capacidade e isso é uma das coisas mais importantes que nós podemos atribuir à Brasília. E bastaria, Brasília, por isso e por todas as suas qualidades, por todas as suas funcionalidades a que nós já nos referimos antes para justificar que a criação de Brasília foi um dos fatores que fizeram de Juscelino um grande estadista, mas não foi o único, ele foi grande também porque foi um democrata em relação a todos os outros presidentes. Fica difícil de lembrar, de atribuir a Juscelino atos de força, atos de discricionariedade, atos menos democráticos. Ele foi um homem tolerante, foi um homem que fazia da tolerância uma meta, não só uma meta, uma atitude, no seu dia-a-dia como político, sem querer endeusá-lo, sem querer dizer que ele não tivesse defeitos, mas as suas qualidades superam em muitos e eventuais defeitos que todos nós temos, toda pessoa pública ou comum tem. Eu acho que não só por Brasília, mas um conjunto de qualidades de homem e de chefe do governo, chefe de Estado, ele merece a reputação que tem de grande estadista.

17 – Não vejo isso, não percebo isso não. Em que a proximidade do poder impedir o trabalho do pintor, do músico, do ficcionista, do poeta, não vejo isso. Não percebo essa dificuldade. “Não existe nenhuma relação do ato de criação?” Se você se reportar ao período da Ditadura Militar é diferente, mas tirando isso, acho que não, isso foi uma limitação brava, de vinte anos. “Então nunca se sentiu tolido a escrever o que vinha pela imaginação, por conta desse poder que sempre existiu em Brasília?” Nunca, eu escrevi alguma coisa que não poderia publicar na ocasião da Ditadura, aí era diferente. Escrevi, exatamente por que estava vivendo sob a Ditadura, coisa que não escreveria hoje, porque hoje não tem sentido. Alguns poemas que depois eu vim a publicar. Na ocasião não publicaria, primeiro porque não seriam aceitos, segundo porque se publicasse eu seria prejudicado. “Com a Ditadura teve algum constrangimento, proibição no ato da escrita?” Não, não tive. Quando eu me candidatei pela primeira vez, indicado por Almeida Fischer, a Academia Brasileira de Letras não tive a votação necessária, houve a alegação do então presidente Pereira Lira de que eu teria uma ficha rosa no SNI e minha eleição foi prejudicada por isso. A única coisa de que tenho notícia e pode ter acontecido contra mim foi isso. É muito pouco se você considerar que muita gente perdeu emprego, muita gente foi banida, foi torturada, foi assassinada, não é? É muito pouco, não é nada. “Nem na própria UnB onde houve uma repressão muito grande o sr. não sofreu

nada?” Não eu não já não estava na UnB, quando houve aquela repressão eu já tinha saído.

18 – Com a tristeza de ver que aquelas esperanças estavam pelo menos provisoriamente cortadas e nós teríamos que reconquistar o ar que respirávamos para depois voltar a pensar em coisas transcendentais, em coisas mais altas. Nas verdade nunca deixamos de pensar nessas coisas mais altas. Essa é a diferença, é a diferença dos fatos, a diferença que havia uma liberdade que de repente deixou de existir e surgiu um tipo de repressão que antes não conhecíamos, pelo menos os de nossa geração. Houve ditaduras anteriores, mas o mundo era menor, o Brasil era menor. Houve coisas absurdas na ditadura de Vargas, que foi um estadista, mas houve coisas terrivelmente absurdas durante o seu governo ditatorial, mas nada parecido, nada no mesmo nível da Ditadura Militar. “As pessoas viviam com muito medo nesse período inicial da Ditadura Militar?” Eu não digo que as pessoas de maneira geral vivessem assustadas, viviam normalmente, você vive cuidando de ganhar o pão, de levar os filhos para a escola, de cuidar da saúde, etc., mas havia certos receios. O receio de possuir em casa livros que pudessem ser considerados subversivos, isso poderia lhe dar uma tremenda dor de cabeça, havia esse medo e essa restrição. “Eles entravam nas casas das pessoas para observar isso?” É claro que não iam à minha casa, eu não era ninguém, mas à casa de políticos sim. E muita estupidez foi cometida nesse período. Havia o problema da delação, era preciso ter cuidado com delatores em toda a parte do serviço público também e principalmente, havia delatores sim. Pessoas que achavam de sua obrigação denunciar colegas que eles imaginavam, acreditavam que fossem subversivos. Isso existia sim, então isso podia gerar e provavelmente gerava uma certa cautela maior no relacionamento interpessoal. “Na Câmara dos Deputados como as pessoas reagem a isso?” A Câmara sempre foi uma casa muito aberta, não tinha os problemas que começaram a aparecer. No Congresso depois e ainda não se manifestavam nesse teor de escândalo, mas era e é, a Câmara é uma casa muito aberta, uma casa com representantes do povo de todas as condições, de todas as origens. Mas também na casa havia delatores, eu sei de um pelo menos que era até uma pessoa com quem eu me dava bem, me tratava bem e eu também, mesmo depois de saber que ele era delator, não houve nada de pessoal comigo, não. Mas o fato existia e havia esse tipo de pessoa sim. Isso tem em toda a parte do mundo, né? Quando existe ocasião aparece o ladrão. A ocasião dá chance ao ladrão de se manifestar.

19 – Eu acho que falei demais. Não sei. Eu podia resumir dizendo que acho que Brasília tem atividade culta, tem uma boa vida cultural. Não tem uma vida editorial comparada ao do Rio e São Paulo e mesmo de outros centros menores como Belo Horizonte e Porto Alegre, mas é uma cidade em que há uma boa produção cultural, é uma cidade em que o modo de vida é relativamente tranquilo, é bom e continuo acreditando na transcendência do papel de Brasília em relação ao do país. Em relação ao futuro de nosso país. Não me ocorre mais nada.

20 – Adirson Vasconcelos, Santiago Naud, Napoleão Valadares. Tem um livro do Luís Carlos G. da Costa, que morreu prematuramente, *História da Literatura Brasiliense*, Fontes de Alencar. Uma pessoa de grande vivência brasiliense é o Raimundo Nonato, Wilson Pereira, Francisco Alvim, embaixador aposentado, Alan Viggiano, Clovis Sena, Margarida Patriota.



**06) ANTÔNIO CARLOS CABRAL CARPINTERO – 29/01/2010**

Eu diria que a formação da cultura de Brasília é de mineiros e cariocas, os nordestinos estão na faixa do trabalho real e o trabalho intelectual é produto de mineiros e cariocas basicamente, nunca foram só eles, mas eles formam o caldo cultural de Brasília. Eu vim pra cá, para a Escola, em 1965, vim estudar aqui, só fiz esse vestibular na minha vida, passei para Arquitetura como eu queria, vim pra cá. Cheguei no dia 11 de março de 1965 para iniciar as aulas e vi Brasília se construir. Naquela época, o primeiro grupo com quem convivi era de mineiros, gente que estava estudando medicina e outras coisas por aí, mas eram mineiros.

01 – Antônio Carlos Cabral Carpintero, nascido em Marília-SP, mas criado em Campinas, eu digo que minha cidade de origem é Campinas.

02 – Vim no dia 16 de janeiro de 1965 para fazer o vestibular, aos 19 anos de idade, sozinho.

03 – A chegada em Brasília foi extremamente gratificante, na época eu não reconhecia isso, eu dava razões mais objetivas para querer vir para Brasília. O reitor da UnB era Darcy Ribeiro e o vice-reitor era Oscar Niemeyer e para um garoto de 19 anos que está fazendo o vestibular isso enchia os olhos. Não me arrependi de ter vindo em hipótese alguma por que foi quando desabrochou, mudou muita coisa em minha cabeça, embora o Darcy e o Niemeyer não estivessem mais na reitoria quando eu cheguei em 65. Eles já tinham sido afastados pela Revolução e o reitor era o Zeferino Vaz que foi o segundo reitor da Universidade.

Eu cheguei em Brasília para fazer o vestibular com um grupo de colegas do colégio. O pai de um deles já conhecia Brasília, na época da construção tinha trabalhado aqui. Éramos um grupo de uns 9 estudantes e esse senhor trouxe a gente, numa combi, de Campinas até aqui para fazer vestibular. A primeira noite eu e outro colega dormimos dentro da combi num estacionamento da W3. Na segunda noite, eu já dormi num sofá, na casa de um conhecido desse senhor, uma parte do grupo ficou lá, mas as casas eram pequenas e não deu para todos. No terceiro dia, eu tinha chegado no dia 16 de janeiro, num sábado, a combi chegou no alto do Riacho Fundo e lá não tinha nada construído. Então, tinha-se a vista do Plano Piloto, todo iluminado com luz branca, naquele vermelhão de fim de tarde de janeiro com muito sol, eu me apaixonei e nunca mais esqueci e cada vez que eu falo disso ainda sinto muito. Eu vim com disposição para gostar de Brasília, com o encantamento pela cidade nova, eu não tenho dúvida de que a paixão foi imediata. Hoje, eu trabalho com Brasília como um dos meus focos de pesquisa e tenho mais clareza sobre as coisas e faço algumas observações sobre a cidade. Na realidade, Brasília foi um momento do Brasil muito particular por que o Getúlio preparou todo o caminho da construção. No governo de Getúlio, em 1950, preparou-se o processo de construção de Brasília, contratou-se o relatório Belga que escolheu os cinco sítios que foi o último passo necessário para começar a construção. Quando Juscelino assumiu o governo tudo já tinha um início. Getúlio estava num processo e Brasília faz parte disso ele estava numa contradição ou numa dicotomia, não sei com clareza o que é efetivamente isso, mas havia um choque de duas forças políticas no Brasil: os desenvolvimentistas e os anti desenvolvimentistas que eram os liberais que trabalhavam com a ideia de que as forças de mercado deveriam resolver os problemas e o mercado no Brasil estava na costa e não via nenhum sentido na mudança da Capital. Eu estava entusiasmado com essa dicotomia que produziu Brasília. Estudando a gente percebe com clareza que Getúlio preparou as bases do que está acontecendo hoje no Brasil, o presidente Lula está dando forças para um trabalho que

foi gerado na década de 30 quando foram construídos os fundamentos da sociedade brasileira moderna, foi o Getúlio quem construiu isso com todas as contradições que cabem. Quando Juscelino encampou a ideia de mudança da Capital fez duas coisas: primeiro é que com o suicídio de Getúlio ficou patente a insegurança das edificações governamentais no Rio de Janeiro, eles não conseguiram fazer o enterro de estado do Getúlio. A população tomou conta e o caixão de Getúlio foi levado praticamente pelo povo do Catete para o Santos Dumont onde ele ia embarcar para o Rio Grande do Sul para ser enterrado em São Borja, cidade natal dele. Nesse momento reforçou algo que já estava sendo falado, o governo não tinha segurança, o Rio de Janeiro precisaria de uma mudança muito grande para se tornar de fato uma capital de um país moderno. Houve, então, uma razão política imediata para esse movimento do Juscelino de mudança da Capital, não só apenas a ocupação do interior, o país estava dilacerado com a oposição política, entre o partido Liberal e o governo, digamos, desenvolvimentista. Na hora que Juscelino falou em construir a Capital, o país inteiro se entusiasmou e veio para cá e eu vim nesse entusiasmo nacional. Só se falava em Brasília nas revistas, em todos os meios de comunicação, contra ou a favor, Brasília constituiu um foco político do governo de Juscelino e ninguém prestou atenção em outras coisas, talvez, tão importantes quanto Brasília, a construção de estradas, de hidrelétricas e a indústria automobilística. O plano de Lúcio Costa foi o escolhido, sem dúvida, porque era o único que colocava o automóvel no foco da composição, não vou dizer que ele fez com essa intenção, mas seguramente ele foi visto e utilizado como *market* da indústria automobilística nacional que iniciava e tinha uma cidade feita para o automóvel individual, todo esse processo deu um entusiasmo nacional, mas não significou uma adesão política nacional. O candidato do Juscelino à presidência foi o Lott, o mesmo que tinha dado o golpe para garantir a posse de Juscelino, mas o vencedor foi Jânio Quadros, que era o candidato da UDN, da oposição liberal.

A primeira ocupação foi estudante, como profissional eu só vim para Brasília em 1977/78, mas eu fazia um trabalho para Rondônia. Em 1988 eu vim definitivamente para trabalhar na Universidade de Brasília.

Eu me senti tão bem em Brasília, cheguei com a mala na mão para estudar, no terceiro dia, após a chegada, eu estava aqui num barraco de madeira que sobrara da construção da universidade, tomando uma coca cola, olhei para o lado, vi e reconheci um professor de Campinas, falei com ele e fiquei hospedado na Colina durante o período do vestibular. Esse acolhimento colaborou para que eu me sentisse melhor ainda em Brasília. Eu me filiei a JUC (Juventude Universitária Católica) e por meio dela eu tive contato imediato com o vice-reitor da universidade, Frei Mateus Rocha. Há uma história interessante sobre a UnB, Darcy Ribeiro fez um acordo com a Igreja Católica que queria colocar aqui uma universidade de jesuítas. Darcy conseguiu fazer um acordo com a Igreja e construiu, como anexo da universidade, mas independente, o prédio que é hoje a Secretaria de Educação, entre a L2 e a L3, foi feito para o Instituto de Teologia da UnB e tinha um projeto de Oscar Niemeyer de uma capela barroca, um lindo projeto, construíram uma parte central que seria o convento. Hoje é a Secretaria. Essa ideia foi uma das primeiras coisas que o Golpe Militar de 1964 exterminou e a universidade ficou laica. Então, o acordo de Darcy era essa construção do Instituto Católico dentro da universidade, mas não seria uma Universidade Católica. No terceiro ano da faculdade eu já estava desligado da JUC e da Igreja Católica e toquei minha vida sem religião.

05 – Eu tenho muita dúvida ainda sobre a construção de Brasília porque se fala muito de corrupção no período da construção, diziam que o caminhão entrava e saía com o mesmo material, várias vezes, e recebia cada vez que entrava. Eu não tenho nenhuma informação



direta sobre isso, mas também não tenho nenhuma comprovação contrária. Nunca ouvi ninguém que tivesse visto isto acontecer e tenha me dito, mas essas acusações de corrupção são típicas do Liberalismo e fica na suposição. Eu penso que é preciso estudar muito bem para afirmar se houve ou não corrupção na época da construção de Brasília. Eu tenho uma informação segura, os americanos, para financiar a construção de Brasília, exigiram que o Brasil comprasse estruturas de aço nos EUA. Já existia a Siderúrgica Nacional e a Torre de Televisão foi construída com estruturas dessa siderúrgica. Os onze Ministérios iniciais e o Congresso foram construídos com estruturas importadas. Eles ajudaram mediante uma troca. Juscelino fez uma costura política muito cuidadosa, quando ele constituiu a NOVACAP a primeira diretoria incluía um senador da UDN na administração, Juscelino era muito cuidadoso. Há rastros de ações de Israel Pinheiro que deformaram Brasília, definitivamente, por exemplo, a plataforma da rodoviária era para ser fechada, ou seja, seria a praça central da Capital da República, seria o lugar das manifestações. Israel Pinheiro abriu o vão central, acabou com a praça popular e Brasília ficou sem centro e não há lugar para as manifestações do povo. Há uma série de coisas que vemos no urbanismo da cidade que se deformaram por causa dessa contradição. Outra coisa muito grave que aconteceu foi a construção de casas térreas e sobrados na W3, no plano de Lúcio Costa ali seria o espaço para hortigranjeiros e pomares, mas o Israel Pinheiro mandou construir casas para técnicos. Então construíram casas diferentes das superquadras, sem comércio nem escolas e as necessidades dos moradores da W3 criou um fluxo transversal na cidade que mudou o caráter das ruas de acessos locais para ruas de comércio geral e surgiram vários transtornos no trânsito e nos estacionamentos.

Assistir ao Golpe Militar em Campinas. Venho de uma família de militares e, na invasão que a UnB sofreu em 1968, os tanques eram comandados por um primo meu, mas eu só soube disso um ano depois. Minha relação com o Regime Militar é de proximidade pela família, mas eu questionava muito. Eu assisti às invasões, fui preso na quadra de esportes, mas não tive maiores problemas, vi colegas sendo presos e agredidos na universidade. Em 10 de outubro de 1965, mais de 200 professores da universidade pediram demissão porque estavam insatisfeitos com as ações militares e isso gerou, em 1968, o AI5. A UnB foi a primeira universidade do Brasil a ser invadida e, para que os cursos não fechassem, a reitoria colocou, falo agora da Faculdade de Arquitetura, qualquer um para dar aula, uma vez que não havia profissionais gabaritados para tal. Em 1967 esses professores apresentavam dificuldades de relacionamento com os alunos porque esses professores eram muito precários e os alunos se rebelaram e fecharam as portas da faculdade. Esse processo durou um ano inteiro e a reitoria apurou em inquérito que os alunos tinham razão nas reclamações contra os professores e houve um trabalho entre alunos e reitoria no processo de reabertura da escola.

Eu coloco a construção de Brasília dentro de um quadro político de confronto entre Liberais e Desenvolvimentistas e, nesse quadro, as coisas aparecem em momentos diversos. Os militares não reduziram a corrupção, mas era um outro plano, as associações que se formava no período militar precisavam ser buscadas nos alunos da AMAN (Academia Militar das Agulhas Negras). Cada Presidente que assumia observa-se que chegavam outros tantos da Academia e assumiam cargos. O que predominou na cena da política brasileira era o jogo dos militares e o anticomunismo muito forte que surgia. É preciso olhar a corrupção em dois ângulos, há uma corrupção estúpida e outra, que muitas vezes é apenas uma aplicação de recursos em atividades que não interessam a um lado político, o da esquerda ou o da direita. Esse moralismo não é bom porque desta forma não se pode trabalhar, um sempre estará acusando o outro.

Os serviços eram mais satisfatórios que hoje, estavam precários por que a cidade estava em construção, então a gente não tinha aquela expectativa pelos serviços. Hoje, acho que o

serviço de transporte de Brasília é o pior do Brasil, é absolutamente insatisfatório e não confiável. A saúde era muito melhor que hoje também, os postos de saúde funcionavam. O sistema educacional é o caso mais gritante da história. Anísio Teixeira fez um projeto do sistema escola classe e escola parque. O aluno diariamente estaria pela manhã na escola classe para estudar as disciplinas tradicionais e a tarde ele estaria na escola parque para entrar em contato com arte, música, esporte, motivação profissional e isso ocuparia todo o dia do aluno. Hoje, a classe social que ocupou o Plano Piloto e que expulsou todos os outros, é uma classe que não aceita a escola pública, há algumas superquadras que não querem escola pública por que os filhos estudam nas melhores escolas particulares de Brasília.

Era prática corrente em Brasília a carona e isso perdurou até 1969, talvez 1970. Havia uma convivência muito próxima entre professores e alunos e tudo isso começou a se perder e ficou como hoje, não há proximidade entre ninguém.

06 – No momento que eu decidi vir pra cá por causa de Oscar Niemeyer e Darcy Ribeiro, aderi Brasília e sou parte dela principalmente por que participei do processo de reconstrução da Faculdade de Arquitetura. Hoje, penso que direitos tinha eu, um estudante de 3º ano de opinar na melhor condução para a faculdade, mas tinha e a gente fazia isso, tínhamos uma proposta crítica forte e estávamos compromissados com a universidade e com o Brasil.

07 – A perda fundamental foi a convivência pessoal entre habitantes, a cidade cresceu sem organização, na realidade, todo o erro de Brasília foi não ter feito um planejamento para garantir a ocupação regional. Fizeram um projeto para a cidade e não fizeram um planejamento, então veio muita gente do nordeste que estava em período de seca para a construção da cidade e não foram mais embora. Muitos chegavam de todos os lugares do país e ficavam na cidade que tinha sido planejada para 500 mil habitantes e no dia de sua inauguração já tinha quase atingido sua meta. Hoje, no Plano Piloto, há em torno de 300 mil habitantes, então a falta de planejamento pode ser percebida e nunca foi corrigido.

O ganho fundamental que Brasília atingiu é a ocupação do território brasileiro, o que se vê hoje como desmatamento da Amazônia se não existisse Brasília não haveria essa ocupação. Isso é a prova de que Brasília deu certo por que se estão ocupando as encostas baixas do Vale do Planalto brasileiro. Pode-se não concordar como está sendo feito esse desmatamento, mas é fato que surge como resultado da construção de Brasília que possibilitou esse crescimento.

08 – As cidades-satélites não são do plano original, já é uma modificação do plano. O que a gente chama de projeto de Lúcio Costa é um estudo preliminar, são riscos que foram mal detalhados. Há alguns problemas específicos nele, primeiro deslocaram o plano para leste, cerca de 800m, nesse deslocamento o Setor Bancário Norte e Sul caíram em buracos. Eles seriam onde estão os hotéis. A rodoviária deveria estar onde o eixo e a W3 se cruzam e não onde está, esta modificação foi feita pela NOVACAP a revelia de Lúcio Costa, ele teve que aceitar. Parece que houve pressões dos setores de Segurança Nacional para diminuir as concentrações de pessoas e por isso Brasília não tem centro.

Há falhas no plano de Lúcio Costa, não sei até que pontos esses erros são conscientes ou não, mas por exemplo, a cidade isolou os operários do conjunto urbano com o Setor Militar no meio, este fica entre o Setor de Indústrias e o Plano, isso eu considero um erro estratégico porque significa aleijar os operários do convívio da cidade. Esta não é feita para os operários. Outro fato, hoje a L2 Sul e Norte são ligadas por baixo da Esplanada, no projeto de Lúcio Costa, naquela mesma localização, junto da Catedral, ou seja, no início da Esplanada dos Ministérios havia uma passagem de pedestres aberta. A Esplanada é um apêndice da cidade,

ela fica totalmente separada da parte residencial da cidade e aterrada, 6m ao nível do chão. Então, ela foi feita como uma fortaleza medieval, a ideia é de que o poder fique extremamente seguro e isso é do plano de Lúcio Costa. A setorização de funções é outra coisa que não foi bem compreendida, em nenhum momento LC disse, por exemplo, que não podia ter bar no Setor Bancário foram as pessoas que detalharam o plano, fizeram assim e segregaram as funções sociais em cada setor.

Lúcio Costa projetou ligando todos os Ministérios uma cobertura com um andar, o pedestre poderia entrar por baixo da Catedral, ir por baixo dessa cobertura até o Itamaraty, passando por dentro das entradas dos Ministérios. A construção não foi feita conforme o projeto que teria inclusive lanchonetes, restaurantes, bancos, farmácias e tudo mais que os funcionários precisam em seus cotidianos. Esses espaços não existem, esse andar está dentro dos Ministérios, num espaço que poderia ser destinado a outra atividade.

09 – Literária eu não sei muito bem, eu me lembro de muitos concertos, de cinema, de exposição de artes, mas a vida literária e não sei. A vida cultural em Brasília era muito rica, todos estavam encantados. Vi coisas aqui que eu nunca vi noutra lugar, por exemplo, “*Um dia um gato*”, um desenho animado, Theco, uma mistura de desenho e filmagem, com fotografias diretas, um trabalho belíssimo. A história de um gato que precisava de usar óculos por que ele olhava nas pessoas e via nelas as cores do que estavam sentindo, então as pessoas assumiam cores diferentes. Nunca vi um outro trabalho parecido lugar algum. Em 1965, na universidade, às 11h de sábado, havia um concerto, todos paravam e iam para o concerto no auditório de música. Cláudio Santoro regeu a primeira apresentação de sua peça aqui, eu me lembro disso perfeitamente, era um acontecimento para toda a universidade. Essa atividade era constante no Departamento de Música, eu tenho uma boa coleção dos programas que foram apresentados. Havia também festivais de cinema em Brasília, o primeiro foi organizado por Paulo Emílio, que era da universidade, tivemos filmes de Rui Guerra, *Os fuzis*, *O menino de engenho*, *A hora e a vez de Augusto Matraga*, *A vereda da salvação*, e outros. Tudo isso em plena ditadura, foi em novembro de 1965. Não havia embaixadas ainda em Brasília, mas o governo já estava aqui e outros países mandavam coisas para cá, a vida cultural era bastante fomentada. Brasília ainda é privilegiada em termos de cultura e tem muita qualidade de vida.

10 – Eu decidi viver em Brasília e não troco essa cidade por nenhuma outra. Talvez, depois de aposentado, eu tenha que sair de Brasília por que o salário poderá não ser suficiente para eu me manter aqui. A qualidade de vida é muito boa e, ao mesmo tempo, eu tenho uma quantidade de informação suficiente para viver. Sou muito mais feliz em Brasília que em minha cidade de origem, Campinas. Eu não vejo Brasília artificial, ela é humana.

11 – É difícil de responder por que eu não estava no mercado de trabalho, a visão que eu tenho é a de estudante e pode ser meio duvidosa, de qualquer forma eu via que tinha um fluxo de gente muito grande e não havia trabalho suficiente para todos porque a construção estava declinando. A população de operários sofreu com a queda da construção e se criou uma massa de desempregados significativa em Brasília.

12 – O igualitário de Lúcio Costa é romântico, ele não tinha a menor noção da sociedade brasileira na hora que ele propôs superquadras para morar o Presidente do Banco do Brasil e o motorista na mesma prumada. A classe dominante brasileira exclui as outras e o que ocorreu foi que o Plano Piloto como um todo tornou-se o foco de uma burguesia. Eu acho que Brasília é uma casa-grande e as senzalas são as cidades-satélites, onde estão os trabalhadores. Hoje

estão fazendo coisas hediondas a título de integrar essa população, mas o sentido de casa-grande permanece.

13 – Para quem mora aqui é uma arquitetura absolutamente normal, eu ainda levo pessoas de fora para visitar Brasília, ao Palácio do Itamaraty por que eu acho que a melhor e mais requintada obra de Oscar Niemeyer e levo às cidades-satélites para que vejam como é a vida real da população. Brasília não é uma coisa ou outra é as duas, é como o Plano Piloto foi absorvido numa sociedade de classe. Eu tenho a impressão de que as superquadras é um esquema de vida diferenciado, a garotada se sente fora do controle da família e esta não se sente perdida no controle dos filhos por que estes estão no alcance do olhar deles. Ali todos se misturam e se conhecem, mas são todos da mesma casta, no Brasil todo não há esse tipo de habitação e isso traz mais vantagens que desvantagens.

14 – Tenho a impressão que sim. Vou lhe dizer uma coisa, uma colega minha viajou com seus filhos para Londres e quando chegaram lá o garoto falou: 'gente, que bagunça'. Outro caso ocorreu ao contrário, veio de São Paulo pra cá um outro garoto e chegando falou: 'nossa parece que fizeram assim com os prédios', referindo-se à organização da cidade. Isso ocorreu com crianças de amigos meus e elas são muito puras nas reações, então acho interessante observar suas vozes.

15 – Já existem dificuldades, mas ainda se vive bem porque é agradável ao descer de casa e ter um pilotis aberto, uma superquadra, mas isso no Plano Piloto.

O melhor na cidade eu acho que é uma dispersão de equipamentos urbanos suficientemente grande para não haver necessidade de pontos de multidão, mas isso é o maior defeito também por que essa deficiência urbana e a falta do centro não permite a convivência geral, no sentido amplo. Eu não sei se a vida é boa também, no Lago, nos novos condomínios, cheios de muros, eu não considero isso bom, no Plano Piloto há liberdade, os indivíduos podem ir e vir a vontade e isso é que considero viver bem, é particular do Plano.

16 – Se colocarmos Juscelino ao lado de Getúlio Vargas eu acho que sim, mas só o Juscelino eu digo que não. A visão de Brasília quem construiu foi Getúlio, Juscelino tem um papel fundamental na construção. Vivemos numa sociedade que só sabe trabalhar com heróis, tem-se heróis ou vilões, não há meio termo, então é preciso fazer heróis. Eu prefiro Oscar e Lúcio a alguns deputados de Brasília que são patéticos. O pior que ocorre em Brasília não é a corrupção, mas o que estão fazendo com a cidade e enganando as pessoas de baixa renda, a construção de Águas Claras, por exemplo.

17 – Essa leitura é da cidade tradicional, eu acho que a destruição do espaço e da liberdade de Brasília é a destruição do papel de Brasília no cenário nacional. Brasília não é propriedade do povo da cidade, ela é propriedade do povo brasileiro. Penso que deveria ter uma representação política do Brasil todo participando da administração direta de Brasília, o que diminuiria esse processo de confronto que hoje concentrou aqui com políticos de todas as ordens.

18 – Eu não peguei os anos de Juscelino em Brasília, mas vim pra cidade com muita esperança e cheguei no período militar. Acho que a Ditadura em si não quebrou a expectativa de se fazer algo grande, o que se quebrou foi a liberação do sistema econômico brasileiro.

19 – Parece que falamos o bastante, não há nada a acrescentar.

20 – Observar os objetos de arte espalhados pela cidade e as próprias obras de Brasília.

7) **ANTÔNIO CARLOS OSÓRIO** – 07/04/2011

01 – Antônio Carlos Elizaud Osório – Quaraí- RS

02 – Vim para Brasília em 1957 – já havia o Núcleo Bandeirante, a rodoviária, o Palácio da Alvorada, estavam começando a construir os ministérios e não tinha mais nada. Eu morei 3 anos no Núcleo Bandeirante, em barraco de madeira. Eu comecei meu escritório lá, na Av. Central. Eu tinha 24 para 25 anos na época. Vim sozinho. Moro em Brasília há 53 anos. A chegada em si não foi gratificante, mas foi uma coisa fascinante morar no Núcleo Bandeirante, porque Brasília era uma aventura fantástica, foi uma ousadia do Presidente Juscelino que deu certo. E eu, desde menino, tinha um entusiasmo pela ideia da nova capital, que ela viesse para o Centro-Oeste. Meus pais e meus tios já tinham essa ideia, por que essa ideia era muito antiga.

03 – Foi uma época fascinante, conhecer os operários, os comerciantes que estavam iniciando suas lojinhas, tudo em barracos de madeira no Núcleo Bandeirante.

04 – Eu vim para Brasília por que queria conhecer a nova capital, a obra, e era fascinado pelo Centro-Oeste, vim por isso. Eu sempre fui advogado. “Então o Sr. chegou para conhecer, gostou, fixou-se e começou a trabalhar?” Sim. As condições eram precárias, eu morava em hotelzinho de madeira e no fim de semana ia para Goiânia, eu tinha um carro. “Havia poucas pessoas com carro aqui na época?” Não já havia muitas pessoas com carro, mas eu ia para Goiânia e lá eu conheci minha mulher com a qual casei em 1959. Eu ia no sábado e voltava no domingo à noite, ou na segunda-feira. “E o trabalho como era?” O trabalho era no escritório e na Comarca de Planaltina, que era na atual Planaltina, dentro de Distrito Federal. O Núcleo Bandeirante era pertencente à Comarca de Luziânia, o núcleo em si, mas o local da construção era da Comarca de Planaltina e o trabalho forense era lá. “Havia muitos casos que necessitava de advogados nessa época?” Não havia muitos, mas havia o suficiente, eu era advogado, principalmente, de operários, de pequenos comerciantes. Alguns deles se tornaram grandes depois e continuaram meus clientes. As causas eram cíveis comuns e causas criminais também. “O Sr. Era o único advogado aqui na época?” Quando eu cheguei era o único, um ano depois chegou uma moça, paulista, Dr<sup>a</sup> Leopoldina Eugênia de Moraes. Depois, já em 1959, chegou o Dr. Pena Marinho, ambos já falecidos há muitos anos.

05 – É grande, a obra foi um sucesso e a arquitetura é belíssima. Não notei diferença, no Regime Militar continuaram as obras normalmente. Eu fui presidente da ordem aqui de 1969 a 1971, tive alguns problemas com o Regime Militar, mas foram resolvidos. Acompanhei até prisões de advogados que eram acusados de subversão, de serem comunistas, mas tudo ficou resolvido com o tempo. Não havia corrupção, nunca ouvi falar de corrupção, nada. “O Sr. Tinha relacionamento com o Presidente Juscelino?” Não, não tinha relacionamento. O Israel Pinheiro eu conheci, mas conheci principalmente, Ernesto Silva, falecido há poucos meses, aos 95 anos um homem admirável. Os serviços eram razoáveis, nada de especial, já havia energia elétrica, no Núcleo Bandeirante não havia energia elétrica, a energia era de geradores a diesel, era muito precária, mas em seguida começou a Usina de Saia Velha e depois a Usina

do Paranoá, alimentada pelas águas do Lago e a partir daí ficou normal. Hoje é alimentado por Furnas, antes disso foi a Cachoeira Dourada, uma Usina de Goiás, usinas médias, mas o suficiente para abastecer Brasília. “E os atendimentos em geral para a população, eram satisfatórios?” Não sei, penso que sim. “E a convivência com as pessoas nesse período inicial?” Havia um clima de entusiasmo pela obra, as pessoas eram solidárias umas com as outras.

06 – De certa forma sou inevitavelmente, sou parte da história de Brasília. Brasília ficou desnaturada pela exploração, especulação imobiliária e por uma pressão migratória que não foi contida e que tornou Brasília hoje em dia uma megalópole onde o Plano Piloto é cercado por cidades-satélites e muitas delas em condições muito precária. “O sr. tem alguma colaboração escrita para Brasília?” Tenho, eu escrevi um livro e escrevi várias coisas sobre Brasília, inclusive um livro inteiro, que se chama *Brasília um diálogo com o futuro*. Nesse livro existem dois trabalhos que são importantes. Um deles é minha lembrança do período que eu morei no Núcleo Bandeirantes, que se chama 'em memória e elogio de Brasília nascente' e o outro é 'especulação sobre as ideias matrizes da nova capital'. São duas ideias matrizes divergentes e contraditórias, uma delas o destino de Brasília de ser capital do país e outra é a ideia de Polo de Desenvolvimento. Ideia que entra em conflito com a da nova capital. Isso está no meu livro.

07 – Acho que Brasília perdeu muito desde a inauguração. Uma vez numa resposta a um jornalista, amigo meu, Gilberto Amaral, ele me perguntou para eu resumir numa frase a minha experiência de Brasília e eu resumi nesta frase: Brasília é um sonho que se tornou um pesadelo. “Por quê?” (ele não respondeu) Há um ganho substancial, um ganho importante que foi a transferência da capital para a cidade, mas a especulação imobiliária continua a ameaçar terrivelmente Brasília e a pressão migratória que não foi prevista inicialmente era inevitável, pressão que veio dos estados vizinhos, muito do nordeste e tornou Brasília uma cidade que tem hoje contando o Plano Piloto e as cidades- satélites, quase 3 milhões de habitantes o que é uma enormidade.

08 – Não, eu não tenho autoridade para falar sobre isso. Embora eu tenha sido advogado durante muitos anos da principais empresas de ônibus de Brasília. Durante 25 ou 30 anos fui advogado da maior empresa de transporte coletivo urbano. “O que é que faz com o transporte de Brasília seja tão ineficiente?” Não sei.

09 – Na época inicial quase não havia vida cultural propriamente, devido à fascinação da vida em Brasília inicial e por outras razões. Eu que sempre fui mais interessado em poesia e filosofia que em Direito propriamente, comecei a escrever livros e tenho 11 livros publicados, sendo 5 ou 6 de poesias, outros de ensaios e prosas, contos. Naquela época eu não tinha convívio em Brasília, só em Goiânia. “Quando começou a existir algo voltado para cultura em Brasília?” Em 1961/62, e meus livros foram publicados anos depois. “O sr. tem alguma poesia que tenha escrito para Brasília?” É curioso, mas minha poesia é uma poesia de vida interior, de vida espiritual e, apesar dessa profunda impressão que Brasília me causou antes e depois eu não tenho praticamente poesia com motivação, com temática, Brasília. “O sr. pensa que é necessário um trabalho para melhorar a cultura em Brasília, ou está bem como está?” Não, há sempre muita coisa para melhorar. Eu me tornei um poeta pouco conhecido nacionalmente, mas ganhei um grande prêmio de poesia da Academia Brasileira de Letras, o prêmio Olavo Bilac em 1993 e sou presidente da Academia Brasiliense de Letras desde 1984



e acho que há sempre muita coisa a fazer pela cultura. A Secretaria de Cultura tem feito um trabalho muito bom, publicando livros e promovendo e a Academia Brasiliense de Letras, da qual sou presidente, publicou uma revista que todos os números foram feitos por mim, está no nº 20 e é uma revista literária muito boa, uma revista mais do que literária, uma revista cultural em geral, principalmente com poesia, contos, etc. “A gente tem acesso a essa revista?” A revista foi distribuída na ocasião, o último nº saiu há 2 anos já. “Tem algum arquivo que possa ser pesquisado?” A UnB deve ter, mas eu vou te dar um exemplar mais recente da revista. “Essa revista é lançada de quanto em quanto tempo?” Não tem periodicidade porque não temos verba destinada para isso. Então a revista é editada com a colaboração dos escritores que participam.

10 – Continua muito interessante. Eu criei meus filhos aqui, eu tenho 5 filhos, todos adultos. A felicidade é um conceito muito relativo, aliás eu não acredito nesse conceito de felicidade. Não posso fazer essa comparação. Brasília é uma cidade artificial, mas com o tempo, o que é artificial na cidade se torna natural. “O sr. acha que a cidade já se tornou natural?” Já, devido ao tempo que moro na cidade.

11 – Não havia desemprego absolutamente. Até 1963/64 não havia nenhum desemprego em Brasília. Depois, com a chegada de massa populacional migratória é que começou a haver desemprego. “Por que essa massa aumentou tanto?” Isso é natural, é a atração da cidade sob o campo e a atração de uma região nova, próspera sobre regiões pobres. O interior de Minas, do Nordeste, da Bahia, de Goiás, é natural e inevitável. “Então o sr. não pensa que possa ter havido uma causa externa, maior para que isso acontecesse em Brasília?” Não é causa externa, é externa de certa maneira por que vem de fora, mas não houve uma provocação.

12 – A ideia de uma cidade com igualdade social absoluta, não é de Lúcio Costa nem de Oscar Niemeyer, é sem muito fundamento e nunca deu certo. As superquadras destinavam-se a ter uma parte para a população de classe média e outra parte para a população de classe baixa, mas isso não funciona em lugar nenhum do mundo e não funcionou em Brasília também. Existe uma separação natural pelo nível de renda das pessoas, pelo nível de interesse cultural das pessoas entre os vários grupos sociais. “Então o senhor não crê que a cidade possa ser dividida em casa-grande e senzala?” Não, não vejo relação nenhuma entre casa-grande e senzala.

13 – Não, é muito especial, as obras arquitetônicas, principalmente as do Niemeyer são admiráveis, são obras primas. “O sr. acredita que elas são realmente artísticas no sentido de belas artes?” Claro, são. Aliás, a maioria é mais escultural que arquitetônica. A arquitetura de Niemeyer se algum defeito tem é ser demasiado escultural e menos funcionalidades. Acho que sim, mas não posso avaliar, isso aí só uma estudo sociológico é que pode avaliar, eu não posso. “Pela vivência sua em Brasília, o sr. percebe que as pessoas sente-se melhor vivendo aqui por causa da beleza da cidade?” Eu acho que sim.

14 – Não sei, não posso avaliar. Desde que vim para Brasília só morei em Brasília, viajei bastante nesse período, ia sempre no Rio Grande do Sul, no meu estado natal e para a Europa fui muitas vezes a passeio. Morei na França durante 4 anos, antes de Brasília, estudando e trabalhando na França, em Paris, e aí viajei toda a Europa. Não há sentido fazer uma comparação. “O sr. observa quando está em outro estado, aqui no Brasil ou fora, as pessoas que vivem em Brasília são discriminadas?” Não, acho que não. Discriminadas como? Elas

não são discriminadas. “Por exemplo, você vem daquela cidade onde só tem corruptos?” Não, nunca notei isso, não existe isso. A palavra corrupção é recente em Brasília. A corrupção que se revelou no escândalo do 'mensalão do DEM', mas não, nada de especial, não existe corrupção. “Essa corrupção que agora se declara o sr. não acredita que ela tenha vindo de muitos anos?” Não, isso é dos últimos 6 ou 7 anos só. No início de Brasília não havia corrupção nenhuma.

15 – Claro que sim. Eu moro há muitos anos, morei no Plano Piloto, em vários lugares no Plano, construí duas casas lá. Desde há muitos anos moro no Lago Sul onde construí duas casas também, uma na QI 15 e outra no Setor de Mansões Dom Bosco onde resido atualmente. Nada, não posso fazer entre o que é melhor ou o que é pior.

16 – Sem dúvida, um estadista notabilíssimo.

17 – Não, acho que não. A produção artística em geral é mais frequente e mais fecunda exatamente nos períodos de crise, nos períodos de turbulência, isso somente contribuiria para o enriquecimento da produção de Brasília. “O sr. acha que o poder não altera a produção de uma artista de qualquer área?” Acho que altera sim, mas altera ora num sentido ora noutro. “Mas não tira a liberdade criativa, ou pode tirar?” Pode tentar tirar, mas não tira.

18 – Eu não distingo entre uma coisa e outra, a Ditadura Militar, aliás eu não gosto de chamar assim, não foi propriamente uma Ditadura porque o Congresso, embora com menos poder, continuava funcionando. Os Tribunais continuaram funcionando normalmente, houve algumas cassações injustas, mas eu não chamo de Ditadura Militar, é Período Militar. Eu fui favorável à Revolução de 1964 porque o João Goulart estava levando o país para um desastre, com o sindicalismo idiota que ele incentivava e pregava. “Então o sr. acha que não foi ruim para o Brasil e nem para Brasília, o período Militar?” Não foi ruim. O período militar foi um período de grande progresso para o Brasil, o período do Geisel, particularmente, o Médici também foram períodos de grande progresso. Foi lá que se construíram grandes obras, Itaipu, por exemplo, foi uma obra toda do período militar. “O sr. sofreu nenhum problema?” Eu, pessoalmente, não. Embora tenha sido presidente da ordem, me opus a muitas medidas da Revolução, nunca sofri pessoalmente nenhum constrangimento.

19 – Não.

20 – Não, de momento não me ocorre.

## **08) ARLINDO RAPOSO – 03 /05 /2010**

01 – Arlindo Martins Raposo. Cheguei no dia 23 de maio de 1960.

02 – Vim de Recife, aos 35 anos de idade e sozinho, minha família veio posteriormente, quando eu tive férias. Vou lhe dizer algo interessante, os alunos daqui fizeram um jornal e um rapaz criou uma frase que marcou muito: 'As férias de julho só não fora a gosto porque foram em setembro.' Sempre há férias em julho, mas como nós começamos em maio e em julho não podia ter férias, nós tivemos e férias em setembro.



03 – Moro em Brasília há 50 anos. Para mim foi excelente. Aqui não havia propriamente uma sociedade por que isso tudo aqui era terra de ninguém. Veio gente de todo o Brasil e se juntou aqui, nós não podemos dizer que havia uma sociedade. Aqui foi uma reunião esporádica de muita gente e foi-se criando um sistema. Era muito bom conviver com essas pessoas. “O que mais lhe chamava atenção nessa convivência?” É que todos estavam com muita esperança, com pensamentos de progresso, de melhorar suas vidas. Pra mim foi uma melhora de vida muito grande, antes de vir pra cá eu era diretor de um ginásio evangélico lá, mas eu não estava satisfeito e desisti do ginásio. Então, veio a ideia de fazer o concurso para professor em Brasília. “Como o sr. tomou conhecimento desse concurso?” Pelo noticiário de jornal e rádio eu soube que o concurso estava aberto, fiz e passei. Já tinha deixado o colégio e eu era uma pessoa animada por Brasília e por Juscelino e achava que seria uma grande oportunidade, então vim pra cá disposto a tudo. Outra coisa diferente foi o salário. Lá o salário de professor era ridículo, prof. não ganhava nada, tinha respeito, mas não tinha valor nenhum. Saí de lá ganhando mais e aconteceu uma coisa fabulosa, o salário em Brasília era dobrado. Todos os empregos do governo tinha a 'dobradinha', mas esse salário a mais era redutível, quando o salário sofria aumento a gratificação diminuía na mesma proporção e isso foi acontecendo até o momento em que não tivemos mais a dobradinha. Dessa forma nosso salário ficou fixo até atingir o que recebíamos com a dobradinha. A situação era fantástica, para mim era fantástica, basta dizer que quando ia a Recife nunca dizia a ninguém meu salário, ficava sem jeito por que humilharia os outros professores. Eu me sentia abençoado por ter tido essa chance. Outra coisa que me faz sentir assim é essa casa em que moro. Depois que eu cheguei, os professores estavam em dificuldades porque não tinham onde morar, meu irmão tinha vindo com sua esposa que tinha apartamento e eu fui morar com eles, depois eu recebi um apartamento JK e me mudei para lá. Eu disse a minha esposa, que estava em Recife, que vendesse tudo que pudesse porque eu não ia poder mandar dinheiro para ela porque eu tinha intensão de juntar um dinheiro e comprar uma moradia aqui e fiz assim. Essa casas aqui da W3 foram criadas e destinadas aos subalternos do Senado e eles não quiseram por que também para eles havia outras casas de mais de um andar, nas quadras 6 e 7, em que já havia moradores, então eles não aceitaram receber essas. O governo estava com problemas com os professores em relação à moradia e resolveram dar essas casas para os professores que se reuniram e fizeram um sorteio pra ver qual casa se destinaria a quem e eu recebi esta onde vivo até hoje. Isso era com o custeio da Caixa Econômica, quer dizer, era muita facilidade, recebemos essa casa e ficamos de pagar em 30 anos, eu não quis em 30, quis em 20 anos. Isso contribuiu para minha motivação, quando que eu iria conseguir uma casa dessa?

04 – Vim por razões profissionais, para assumir o concurso de professor no CASEB, lecionava matemática. A moradia foi difícil conforme relatei acima.

05 – Quando cheguei a parte principal já estava pronta, inclusive essas casas aqui e tantas outras, ocupadas por funcionários do Senado ou da Câmara ou 'arranjadas para outros'. Eu me decepcionei com Brasília pelo seguinte, eu lia tudo que se falava da cidade. Havia uma coisa que eu achei importante e pensava que deveria ser para todo o Brasil. Antes de escolherem o local adequado para construir a Capital, vieram para cá engenheiros de alto gabarito, agrônomos, muitos profissionais, tudo foi muito bem feito. E se estabeleceu o seguinte: a área de criação e produção agrária não seria vendida, a pessoa recebia a área e a indicação do que deveria ser plantado lá. Eu sempre achei que deveria ser assim em todo o lugar do mundo, o indivíduo que comprasse uma área destinada à fazenda deveria pagar aquilo e receber uma informação sobre o que de melhor aquela região poderia produzir. Eu fiquei empolgado com

isso, nunca tinha vista outro local que agisse dessa forma. E o pagamento seria realizado de acordo com a produção e o sujeito teria de produzir, caso contrário sairia muito caro pra ele. Se eu tenho um terreno e pago uma taxa cara por ele, eu tenho que produzir algo para custear isso, e quanto mais eu produzisse mais eu teria lucro. Só que nada disso aconteceu, alguns arrendaram terrenos, mas em seguida decidiram que poderia vender e os indivíduos que tiveram a sorte de pegar áreas boas, compraram muito barato, mas não prevaleceu aquela obrigação de produzir nada. Então o que o indivíduo fazia? Ele pegava uma área imensa, fazia uma casa boa para ele, mas não produzia nada. Com o tempo esses proprietários de áreas imensas dividiram suas propriedades em lotes, frações e venderam. E Brasília ficou com muita gente sem ter o que fazer e hoje só quem tem dinheiro pode se fixar na cidade os outros estão perdidos. Essa foi uma das decepções que tive com Brasília.

O Regime Militar para mim não influenciou muito Brasília, foi no país todo. Não marcou mais que no restante do país. A corrupção e o oportunismo político em Brasília, no início, era muito bem feito, não existia como hoje. Deputados, Senadores tinham vantagens, mas era mais discreto. Naquele tempo o Deputado também arranjava emprego para quem lhe interessava. Quando me aposentei, em 1970, fui para Nova Viçosa, onde morei por 5 anos e depois voltei para Brasília e lá eu conheci uma senhora que era funcionária da Câmara, recebia seu salário, mas o que me scandalizou foi que ela me disse que não conhecia Brasília. Tempos depois essa coisa apareceu nos jornais, outros casos como o daquela senhora, e ela foi chamada e veio a Brasília, assinou, tomou posse e voltou para casa em Nova Viçosa e seu salário continuou sendo depositado no banco em que tinha conta em Brasília. Na construção da cidade eu nunca percebi nada, a gente sabe que havia corrupção, mas eram arranjos, se alguma coisa custasse X para um particular, o governo pagaria pelo mesmo objeto o dobro, por exemplo. Essas coisas que a gente fica sabendo e se decepçiona.

Considerando que era um começo num lugar que não tinha nada eu acho que em Brasília estava muito bem em todos os campos, inclusive no transporte. “Quando os serviços começaram a ficar deficientes?” Quando a gente muda para uma cidade e consegue um lugar para morar e todo o resto, pode não ser muito satisfatório, mas naquele momento satisfaz, pode melhorar, mas foi isso que ocorreu aqui no início. Só que a melhora não surgiu e o que era bom piorou em todas as áreas. Brasília cresceu e os serviços não acompanharam a cidade. O que no princípio era suficiente para todos passou a atender somente alguns privilegiados e o povo ficou prejudicado.

Havia solidariedade no início, os professores viviam muito unidos, depois tudo foi mudando. Todos os professores iam e voltavam no mesmo ônibus para a escola, pouquíssimos tinham carro próprio, com o crescimento da cidade, algumas pessoas foram mais favorecidas e surgiram as diferenças. Mas não podemos comparar o começo de Brasília com a situação atual. Com a evolução tudo foi piorando, mas esperávamos melhorias.

06 – No começo sim, eu me sentia porque eu vim pra cá pensando muito na educação e tudo girava dentro desse espírito, mas a coisa mudou e hoje em dia eu dou graças a Deus por estar aposentado. O filho do Presidente Fernando Collor foi meu aluno, isso era comum em Brasília. “Havia um tratamento igualitário entre esses alunos e os outros?” Havia, no começo não havia diferença nem entre alunos, nem entre professores, isso perdurou até mais ou menos os anos 70.

07 – Eu acho que Brasília mais perdeu do que ganhou e tudo foi acontecendo aos poucos.

08 – É muito difícil responder isso por que no projeto inicial estava tudo previsto, mas os

fatos não aconteceram como se previa. As escolas, no começo, eram muito mais sérias e funcionavam melhor. Não respeitaram o plano.

09 – Na realidade existia pouca coisa e isso acabou se dissipando, houve um progresso, mas aqui eu observei que tudo começou com boas intenções e isso parece que desapareceu e tudo ficou igual ou pior do que qualquer outro lugar.

10 – Para quem veio logo no começo eu acho que é ótimo, para quem chegou depois eu não sei. Eu sou muito mais feliz em Brasília que era em Recife. Brasília é uma cidade artificial, ela foi criada assim.

11 – A possibilidade de emprego era muito maior, tudo estava começando. Precisava-se mais de médico, professor, engenheiro, precisava-se de todos. Não havia desemprego.

12 – O projeto inicial não era igualitário. A prova disso é que esta casa era destinada aos subalternos do Senado, é claro que os altos funcionários não viriam morar aqui, tinham casas melhores para eles. Não era igualitário, mas o desnível era menor, havia casas para as diferentes funções. Eu acho que havia mais oportunidades. “Os professores todos conseguiram uma casa nessas quadras?” Sim, aqueles que não conseguiram aqui tiveram outras casas.

13 – Quando se faz algo e para isso contrata-se muitos técnicos é diferente de quando já está tudo feito. No início o plano era magnífico, tudo muito bem pensado, mas não foi respeitado, inclusive a arquitetura. Por exemplo, essas casas aqui não deveriam ter andares, eram casas térreas para pessoas de menor nível, hoje em dia tem ricos morando aqui. “O prof. era considerado de menor nível econômico?” Na época inicial não por causa da 'dobradinha', mas quando ela acabou o prof. ficou parado e os outros prosseguiram. Tanto que os salários dos professores em Brasília comparados com os de outros lugares ainda é muito bom. Isso não é por que aqui são bons, mas por que os de lá são piores. Acho que a arquitetura não interfere, os habitantes que não participam da vida social da cidade nada muda. Para mim pouco significa a Catedral ou o Teatro Nacional.

14 – Não sei comparar por que eu sempre morei aqui, há 50 anos.

15 – Alguns vivem muito bem, os mais privilegiados politicamente, mas os trabalhadores, aqueles não especializados, vivem muito mal. Muito pior na cidade é o transporte, o melhor não sei dizer.

16 – Para mim sim, os que eu conheci foram Getúlio Vargas e depois Juscelino. Getúlio modificou, fez muitas obras, depois veio o Juscelino e fora isso só vieram governos comuns.

17 – Não sei, eu não entro nessa fase artística, não participei de nada.

18 – Eu acho que a Ditadura foi um tipo de retardo para o Brasil e para Brasília. Sem liberdade nada desenvolve. Os professores tinham liberdade para trabalhar, depois todos foram seciados, perseguidos. Muitos foram presos e perseguidos, sofreram muito por suas posturas em sala de aula ou política. Eu tive restrições na escola, mas nunca sofri nada, vários colegas sofreram muito. Nós praticamente não nos reuníamos mais, os professores não

tinham nenhuma liberdade, as pessoas eram sempre vigiadas.

19 – Não sei.

20 – Não houve sugestões.

### **09) CLODOMIR SOUZA FERREIRA (CLODO) – 22/10/2010**

01 – Clodomir Souza Ferreira, sou chamado de Clodo Ferreira, nasci em Teresina-PI.

02 – Mudei em meados de 1965, tinha uns 13 anos de idade mais ou menos, vim com a família, já tinha um irmão mais velho que morava aqui juntamente com umas tias, a família foi chegando aos poucos e o pai achou melhor vir também para juntar a eles.

03 – Moro em Brasília há 48 anos, a chegada foi gratificante, toda a família falava que viríamos para um lugar bom e havia muita esperança. Ainda havia um clima de construção na cidade, as ruas ainda estavam por ser asfaltadas, Taguatinga, onde fui morar, na QNB 08, eram 12 quadras no total. Hoje a QNB 08 é o centro da cidade. Sempre algo acontecia de bom, Taguatinga, na época, tinha o slogan de ser a cidade que mais crescia no país e nós tínhamos orgulho disso.

04 – Ocupação propriamente dita foi pelos meus 18 anos, como redator publicitário. Quando chegamos morávamos num lote, num barraco, de alvenaria mas de fundos, o hábito era construir um barraco de fundos e quando desse construiria a casa definitiva na frente. Nós não chegamos a construir essa casa.

05 – Brasília era encantadora. As ruas largas davam uma sensação boa, de bem estar, embora minha casa fosse pequena, não era deprimente, a gente arrumava. A questão da Revolução de 64 não foi da minha vivência, porque eu ainda era muito jovem. Eu ouvia falar e ninguém da minha família sofreu algum tipo de perseguição política. Não me lembro de corrupção que afetasse ou fosse grande naquela época.

Eu estudava em Taguatinga, as escolas públicas eram boas e respeitadas. Depois, eu estudei no Elefante Branco, que era uma escola conceituada, estudar lá dava um certo status. Havia transporte coletivo, mas em determinados horários eram poucos ou nenhum ônibus circulando. Então, o problema era de horário, entre 12 e 4 horas da manhã não havia ônibus. Eu sei disso por que eu tocava em bandas e esse foi um dos motivos que meu pai pediu para eu parar de tocar porque a banda foi se profissionalizando e tocava em bailes e não tinha ônibus para voltar a não ser às 4 h da manhã. Havia esse horário que era sem serviço nenhum de linhas de ônibus, durante o dia não havia problema por que eu ia a pé para a escola que ficava perto de casa.

Uma coisa que eu penso seja interessante foi quando eu mudei em 1968, para o Plano Piloto, fomos para a 312. Na Asa Norte havia a 312 e a 306 e no espaço entre elas não havia nada construído, entre essas quadras, na W3 havia umas casas de madeira. Quando a gente olhava de longe a 312 parecia um castelo, só havia ela e ao seu redor só mato, mas tinha quase 5 mil moradores, o comércio funcionava bem, tinha uma fama péssima, era chamada de 'Vietnã Mirim', ou 'Ceará Mirim', a fama era de local perigoso, violento. Eu morei lá e não tinha essa

perspectiva ruim, tudo que tinha lá era comum em qualquer lugar. Mais tarde, a quadra ganhou a fama de ser um local cultural, havia muitos artistas lá. Eram artistas plásticos, pintores, compositores importantes, há um livro do T-Bone sobre isso, a vida comunitária daquela quadra quase como uma cidade a parte por que durante uns quase 10 anos ela ficou isolada, na primeira década, ela era visualmente longe e isolada, quem pudesse escolhia a Asa Sul. Meu pai era funcionário do Ministério da Saúde e teve a chance de comprar um apartamento lá, então fomos os primeiros moradores do apartamento.

Lembro de muita solidariedade sim. Naqueles anos (1965-1969) havia muita produção musical em Taguatinga, há pesquisas que apontam a cidade como primeiro foco de produção musical de Brasília. Eu trabalho com música e comecei lá, aos 14 anos de idade, havia grupos, bandas de músicas, eram muito intensos os movimentos em Taguatinga. A gente vinha para o Plano Piloto tocar nos programas de TV que aceitavam artistas ao vivo e nós, jovens, vínhamos e nos apresentávamos nos programas ao vivo e voltávamos para casa. Eram muitas as bandas que faziam isso, depois algumas se profissionalizaram. A Banda do Esquema Seis é dessa época, das bandas iniciais de Taguatinga. O primeiro disco independente de Brasília foi gravado em 1967/68 por uma banda chamada 'Os quadrados' e eu era dessa banda e tive que sair pela questão já exposta, meu pai não aceitou. Eu tinha 16 anos de idade e já compunha letras de música, inclusive nessa gravação havia músicas minhas.

Houve mudanças, a primeira foi que tanto Taguatinga quanto a 312 perderam um pouco da liberdade na comunidade. Por exemplo, eu estudava no Elefante Branco e eu ia ou vinha muitas vezes a pé para a 312 e não tinha medo, vinha conversando com colegas, todos completamente desarmados, sem preocupação com os outros que podiam passar. Isso é uma coisa que eu acho marcante, essa sensação de paz, não havia esse medo urbano que existe hoje. Pode ser que a perda disso tenha coincidido com o crescimento urbano propriamente dito. Eu me lembro de Brasília sempre nucleada em grupos, formávamos grupos para estudar, passear, os grupos se formavam por afinidades, as pessoas se juntavam em torno de seus interesses.

06 – Sinto-me parte do projeto histórico no sentido de que eu tinha a sensação de que Brasília não era uma cidade comum. Teresina também foi uma cidade construída há anos, mas lá eu não sentia a mesma sensação que tive em Brasília. Aqui, a gente tinha a certeza de que estávamos fazendo algo porque não havia nada anterior. Quando comecei a fazer música em Taguatinga não havia nada, nenhuma tradição musical. Havia alguns músicos que tinham vindo de fora e estavam trabalhando em Brasília, chegaram prontos e se apresentavam em bares e etc. A minha turma começou do zero e, na época, não tínhamos nem muita consciência disso, começamos a fazer e fomos nos conhecendo, agrupando, não havia um projeto para fazer cultura, mas fazíamos. Para nós era normal pegar um violão e cantar na TV, por exemplo, ou em outro lugar, não havia a consciência de que estávamos fazendo cultura. O grande barato da época era dublar, as pessoas punham um disco e começavam a cantar igual aos cantores. Atualmente ainda me surpreendo quando as pessoas percebem que a música de Brasília começou naquela época, que não havia uma tradição anterior que a influência era exterior e não da cidade, e que eu participei disso. Eu tomei consciência de que eu tinha participado do 1º disco independente de Brasília quando fiz minha dissertação de mestrado sobre música e fui pesquisar sobre a origem musical da cidade.

07 – Na minha visão Brasília está se tornando uma referência mais cultural que qualquer outra coisa. Brasília perdeu a visão harmônica, ela ficou mal vista por causa da política, mas

eu acho que a política é uma ilha dentro dos quase 2 milhões de pessoas que vivem aqui. Essa visão de que Brasília é um eterno comboio político prejudica a cidade, isso não é a cidade, é o eixo administrativo, o restante da cidade não é assim. Esse ponto foi muito negativo e poderia ter sido positivo. Tudo que se vê de mal associa-se a Brasília, a parte ruim é o poder político que existe nela, mas não é ela como um todo. É preciso lembrar que na época em que Brasília era associada a Juscelino era vista com esperança, a mudança da Capital para um lugar que serviria de alavanca, o laboratório para tudo de bom. Nos governos militares ela passou a ser vista como centro de poder e isso foi ruim para a cidade. Há um outro lado positivo, Brasília está descobrindo mais seu lado cultural, pode-se ver isso no cinema e muito na música.

08 – Eu acho que não foi uma falha técnica do projeto da cidade, foi uma deturpação do uso da cidade. Caso ela tivesse sido preservada para 500 mil habitantes conforme era no projeto eu acho que ela não seria como hoje. O excesso de pessoas vindo para cá todos os anos não fazia parte do projeto original de Brasília. Ao fazer uma crítica à metropolização excessiva da cidade não podemos culpar o projeto inicial. No contexto histórico da época o projeto estava razoável, o problema é que as coisas não se desenvolveram como eram previstas e por isso houve a super lotação da cidade, falta empregos. Há uma quantidade muito grande de prestação de serviços em Brasília, mas de onde virá dinheiro para se pagar por esses serviços. Talvez o erro seja esse não houve o controle populacional previsto.

09 – A cultura se desenvolvia de uma forma amadora, espontânea, ela não era fruto de uma política específica. A falta de uma tradição anterior foi interessante e permitiu que as coisas acontecessem de uma forma nova, sem características anteriores. Brasília é por natureza não típica de um gênero: tem frevo, chorinho, rock. A cidade não foi feita pra isso, foi feita para ser híbrida, misturada.

É difícil imaginar política para organizar cultura, é muito complicado isso, mas na minha opinião Brasília não precisa de apoio para produção cultural, as pessoas produzem, há muitos discos independentes, livros. O que nós precisamos é de uma política de divulgação desse material, fazer com que chegue ao público. Existe uma produção, um público, mas não há como o material chegar até ao público, as obras não são divulgadas. A política deve ser voltada para a divulgação e não para a produção artística.

10 – Hoje, para mim, é impensável sair daqui eu acho que introjetei o modo de viver de Brasília, por exemplo, a amizade é de longo prazo, mas não cotidiana. Nas outras cidades os amigos têm que se ver todos os dias, senão as pessoas entram em crise de amizade. Aqui a gente não precisa encontrar os amigos com tanta frequência porque os vínculos não são diários, aqui há uma certa independência, as relações se dão num espaço mais alongado, não há necessidades de autoafirmar a amizade. É uma forma nova, diferente de se relacionar que eu acho que é reflexo da própria estrutura da cidade, ela é gregária de outra forma. As pessoas não de obrigam a usar o comércio de sua própria quadra ou a ir à Igreja mais próxima. As pessoas estão desmentindo um pouco a ideia inicial de serem confinadas em suas quadras, com seu comércio, sua escola, sua vida independente, elas se rebelam, intuitivamente, mas não usam somente os serviços que foram planejados para elas, não convivem somente com os mais próximos. Os moradores não frequentam os bares de sua quadra, evitam a rotina e esses recebem pessoas de outras quadras. Brasília foi pensada para agregar mais as pessoas, mas essas sem perceberem se rebelam contra isso.

Em minha época de colégio, no Elefante Branco havia alunos de classes sociais diferentes e eu me lembro que quando cheguei de Taguatinga senti como se eu viesse de um lugar inferior



e o Plano fosse superior. Eu notava isso, o assunto das pessoas eram outros, o pessoal do Plano era muito mais politizado e de classe social alta por que o colégio era bom e não havia os particulares, fato que obrigava a todos estudarem no mesmo colégio.

Brasília hoje está bem diferenciada, há segmentos distintos, ou pelo poder econômico ou por gostos. Pode-se observar que os cinemas são diferenciados, por exemplo, há cinemas mais elitizados e outros mais comerciais, isso está bem definido, antigamente isso não existia e assistir a um filme era motivo de união. Havia em Brasília uma vivência muito grande de lazer em clubes, encontros, festas de final de ano, carnaval e as pessoas participavam muito. Nesse ponto de vista Brasília é igual às outras cidades. Um fato que ocorria em Taguatinga, não sei se isto existia noutro lugar, mas era muito comum os rapazes saírem na rua à procura de alguma festa e onde encontrássemos entrávamos em grupo e se não houvesse reação a gente ficava e se divertia. Então, quando a gente saía em final de semana, sem saber aonde íamos, lembro um pouco também de assistir televisão na casa dos outros, nem todos tinham TV e quem tinha era flexível, a vizinhança ficava na janela assistindo e a família aceitava bem. São coisas interioranas, mas existiam em Taguatinga e não existiam no Plano, as pessoas não se sentiam ameaçadas umas pelas outras, havia uma convivência, mesmo entre aqueles que não se conheciam.

No meu caso, sou mais feliz em Brasília que na minha cidade de origem por que eu saí muito novo e não tinha vínculos muito forte ainda.

Eu acho Brasília artificial, tem uma música minha que eu falo: 'parece que nasceu para não ser habitada'. Eu sinto isso, a gente que mora aqui é que tem de criar um jeito de viver nela. Parece que há um excesso de limpeza, de clareza que dificulta para o ser humano viver. As pessoas precisam de mais intimidade com o espaço e Brasília, a princípio não proporciona isso, então vive-se sem apego, não dá para ser apegado aqui nessa cidade. Nesse sentido ela é artificial, permite pouca intervenção nossa. Por isso, estamos sempre criando um novo jeito de viver aqui, é uma nova intimidade com a cidade, em que ninguém sabe muito da vida dos outros. Isso aparece nas músicas, Brasília surge com toda a intimidade, própria somente para quem a conhece bem, conviveu com ela, cresceu nela. Brasília interfere na vida de seus moradores e quem não está acostumado com isso acha insuportável, é muito solitário. Eu, em sala de aula, nunca sei com quem estou falando quando me refiro a alunos, às vezes, descubro alguém que é filho de conhecido ou de um senador, mas isso não pesa em sala de aula, eu não sinto isso aqui na UnB. Talvez seja por causa da banalização que representa ser filho de autoridade na cidade, essa tradição familiar não altera nada. Em outras cidades o nome da família representa muito, há uma tradição. Em Brasília não há uma tradição para se preservar.

11 – Não havia desemprego, sempre havia uma construção, alguma coisa acontecendo e a população não era tão numerosa como hoje. Eu ouvia histórias de pessoas que rejeitavam receber lotes em Taguatinga por que era muito longe do Plano, havia a 'dobradinha', o governo oferecia vantagens para quem viesse para Brasília, então não havia desemprego, pelo contrário.

12 – Eu não chamaria de casa-grande e senzala, falaria na questão da favelização, dos subúrbios, de um centro, parece ser a mesma coisa, mas casa-grande lembra os grandes proprietários, aqui não vejo isso, tem uma classe média numerosa, penso que temos um cinturão urbano. Aos poucos essa classe está sendo expulsa pelo preço da terra no Plano Piloto, dizem que o metro quadrado da Asa Norte é o mais caro do Brasil. Antes o Plano era ocupado por funcionários públicos de classe média, os prédios eram funcionais, com o tempo essas pessoas começaram a sair e ocupar os melhores lugares das Satélites e o Plano foi se

elitizando. Basicamente Brasília é casa -grande e senzala.

13 – Eu ainda acho diferente, já me adaptei a essa arquitetura, mas sempre que eu vejo foto eu me impressiono com a beleza, com os espaços. Quando eu viajo, na volta eu sofro impacto do tamanho das ruas, Brasília não se naturalizou e obriga as pessoas a se relacionarem diferente, então ela influencia na vivência da população, ela não é igual as outras grandes cidades. As pessoas estão procurando muito uma história para Brasília e me parece que isso é uma busca de tradições, de saber quem somos nós, quais são nossos artistas, qual é nossa história? Não se junta 2 milhões de pessoas sem que uma história apareça um caldo cultural. É preciso aceitar que em Brasília é diferente e procurar o que ela oferece e não em que ela é igual a outras cidades.

14 – Eu acho que sim, sinto que a falta de tradição torna o pessoal daqui diferente. As pessoas em Brasília são mais adaptáveis, quando as pessoas chegam aqui ficam muito desestruturadas, eu percebo isso, elas ficam ansiosas. Isso ocorre muito no Plano, mas nas cidades-satélites eu acho que não ocorre assim, as pessoas se comportam muito como nas outras cidades. Os moradores são percebidos por outras pessoas também de forma diferente, quando não associadas à política porque quando isso ocorre somos todos mal vistos. Isso não é típico da cidade, mas ela sofre.

15 – Vive-se bem no sentido de que é uma cidade bem servida para quem tem condições por que tem um padrão de vida alto, se você tiver dinheiro tem assistência em todos os sentidos. No caso da felicidade eu acho mais complicado responder, por exemplo, a busca por referências afetivas estão mais presentes em alguns pontos da cidade. 'O Beirute' está servindo de ponto de encontro, um local que mostra o desejo de continuidade. O pior em Brasília é essa separação brutal de condições de vida, essa foi a antiutopia, digamos, são muitas pessoas sem condições muito próximas de quem tem muito e vive no conforto. Essa é a realidade das grandes capitais, só que aqui há uma concentração e nas outras cidades fica mais disperso. Em Brasília há uma diferença social muito grande num espaço pequeno. De melhor são as possibilidades de melhoria reais que existem para a cidade porque nossas condições geográfica são mais favoráveis que em outras cidades. Os problemas maiores são os sociais, e se fizerem uma política urbana boa, aqui é o melhor lugar para morar.

16 – Juscelino é um estadista só no ponto de vista simbólico, foi um ato de coragem, concretizou uma possibilidade das coisas serem diferentes. Fica difícil julgar porque muito do que ele propôs foi cortado, não sei se o erro foi ele sonhar muito.

17 – O poder não influencia nos artistas porque muitos deles são independentes, fazem suas próprias apresentações. Não há um vínculo de subordinação nos artistas, o que eu lamento é que Brasília ainda não explodiu para as artes, como no Rio de Janeiro, por exemplo. Ainda não nos beneficiamos pelo fato de estarmos na Capital do país. Eu espero que isso ainda ocorra em Brasília, que sejamos a capital em todos os sentidos e que possamos irradiar arte para o Brasil como era em Salvador e no Rio quando estas cidades eram Capitais. Brasília inspira artistas, mas ainda não se tornou um tema nacional, mas nossa arte repercute mesmo assim e é nesse sentido que a cultura de Brasília é diferente.

18 – Pelo pouco que me lembro, eu era muito novo, as músicas ficaram mais densas, as



palavras eram pesadas e a juventude se identificava muito com isso, foi uma época densa, a música perdeu muito de sua leveza. As pessoas ficaram com medo de estar juntos, de participar de tudo e ser repreendido e isso tornou as coisas mais densas e menos festivas. Grande parte das músicas eram cifradas e quem fugisse disso era preso.

19 – A questão que eu tenho me colocado é: 'será que nós não estamos procurando em Brasília uma coisa que não está nela?' 'Será que não estamos fazendo as perguntas erradas, isso é para todos nós que pensamos Brasília. Eu não acredito que não tenha uma história cultural nessa cidade, não sei, eu tenho pensado muito sobre os critérios das perguntas. Imaginar que o poder está aqui logo influencia a arte, não é bem assim. Eu penso que o efeito da Ditadura sobre a arte ou o efeito do período de abertura, eu acho que Brasília não sofreu mais por isso, talvez seja um problema geracional, a proximidade com o poder não se corporifica dessa forma, eu acho. Quando a gente descreve o que teve em Brasília nesse período e pega qualquer outra cidade grande ou média, elas serão muito parecidas. Ver a questão das identidades de Stuart Hall, eu usei na minha tese o conceito de 'diáspora' dele que se refere a culturas afastadas de seus locais e em outros locais ela não é mais a dela e nem uma nova, então isso é uma cultura de diáspora. Eu acho que Brasília é híbrida nesse sentido, foi formada por muitas partes, transplantadas, não é mais o original e esse novo não é típico dela.

20 – Wladimir Carvalho, Luiz Humberto, José Carlos Coutinho (ex-professor da UnB).

## 10) CLÓVIS SENA – 05/05/2010

01 – Clóvis Sena, vim de São Luís-MA

02 – Eu vim fazer reportagem da inauguração de Brasília em 1960, aos 30 anos de idade. Ainda não pensava em morar em Brasília nessa época, eu trabalhava no Rio de Janeiro e era noivo em S. Luís. Fui diretor da UNE (União Nacional dos Estudantes) nos anos 50 e nos papeis timbrados de uso para correspondência da UNE, em baixo estava escrito '*O Planalto Central será a sede na nova Capital do Brasil*'. Em 1959 fiz uma viagem, um grupo de jornalistas do Norte e Nordeste, por ocasião do cinquentenário da Associação Brasileira de Imprensa, recebemos passagens de aviação para o Rio e, de lá, viríamos conhecer as obras da nova capital. Em janeiro de 1959, então, passei um dia em Brasília e quando retornei para o Rio, um rapaz do Jornal do Brasil, Nonato Maçom, perguntou o que eu tinha achado de Brasília. Eu respondi que tudo que eu havia visto em Brasília era, aqui vai ser, aqui será e fiz um humor com isso. Ele quis me entrevistar, fez uma matéria ampla, de página inteira, baseado no humor que eu fiz. “E qual foi a real impressão do sr. sobre Brasília?” foi assim, poeira, terra, não tinha nada pronto, só havia a Igrejinha e o Palácio da Alvorada, o resto era construção ou então, aqui vai ser.

03 – Moro desde 1960. Quando vim para a inauguração eu já estava interessado, mas não decidido a ficar. Queria participar da inauguração por que Brasília é diferente, foi construída para, a partir da inauguração, ser a Capital da República. Vim de carro do Rio por que eu queria estrear uma estrada novinha, de Belo Horizonte pra cá era cheiro de asfalto. O Brasil tinha poucas estradas asfaltadas, a Petrobras mal começava, asfalto era caro demais, tinha que

ser importado. Devemos reconhecer o trabalho de Getúlio, ele deu a base para o Brasil moderno, sempre lembro isso, sem Getúlio não haveria a glória de Juscelino. Tudo começou com o aço, o petróleo, a eletricidade, sem essa consciência Juscelino não poderia ter feito o que fez. Então eu vi o asfalto e já fiquei deslumbrado ali. O carro chegou e nos levou em frente aquela rampa do Congresso. Eu subi a rampa e fiquei naquele platô, dei uma olhada e estava vendo o céu em 360 graus, aquela intimidade com o céu, estava perto da gente, essa era a sensação e eu pensei 'é aqui'. Só faltava combinar com a noiva, não estava em nossos planos vir morar em Brasília, mas sim no Rio de Janeiro que é o fascínio de todo o brasileiro. Passei um telegrama para ela, a ligação interurbana era muito difícil, 'queres morar em Brasília?' Ela me respondeu: 'contigo eu vou até para a China'. Então, nos casamos e ela desembarcou aqui, já partidária de Brasília.

Minha chegada foi gratificante, gostei muito. Em 1960 já havia a ideia concreta.

04 – Aqui todos eram de fora e isso era o 'chique' de Brasília, a terra era de todos. E a gente era cruel com o goiano, quando se chamava o outro de goiano era uma ofensa, havia um preconceito e eles deram a terra deles pra nós. Tudo de errado era coisa de goiano.

Foi a simpatia, aquele impacto do visual que me trouxe para cá. Decidimos iniciar uma vida nova num novo lugar. Trabalhava em jornal, na Câmara, no Debate Parlamentar, no *Correio Braziliense* e noutros jornais que não existem mais. Fui contratado para fazer o noticiário parlamentar para o *Correio do Povo*, de Porto Alegre, que me pagava bem. Eu enviava a reportagem telegraficamente.

As condições de trabalho eram boas, eu estava empolgado. Aluguei um apartamento de três quartos, na 306 Sul, que era a quadra destinada a jornalistas, para começar uma família estava ótimo. O comércio da quadra já funcionava e tudo estava bem, todos cheios de sonhos. 'Havia muitos jornalistas em Brasília, no período inicial?' Eram muitos: Dalembert Jacu, Benedito Coutinho, Carlos Castelo Branco, Rubem Azevedo Lima e outros.

05 – Quem sou eu para criticar a construção de Brasília. Tenho alguns reparos culturais. Eu vou, toda terça-feira, ao Teatro Nacional e sofro muito com o desconforto do teatro, mas é difícil criticar por que criou-se um mito aqui em Brasília, se é de Niemeyer. O visual é bonito, mas e a funcionalidade? A acústica do teatro é um horror, eu vou assistir à Orquestra Sinfônica que é a melhor do Brasil atualmente e sinto isso.

Durante a Revolução Militar a construção de Brasília prosseguiu, o Monumento a JK é dessa época. Agora você vê, Juscelino colocado numa foice e ficou por que há uma mística por Niemeyer, não se discute, ele não fez aquilo de 'anjinho' não, ele é um comunista assumido e fez aquilo em pleno Regime Militar. Entende-se que o Regime não atrapalhou em nada a construção de Brasília. O Juscelino tem suas culpas, é sempre escondido, mas eu sou jornalista, acompanhava as coisas no dia-a-dia, fazia as notícias. Juscelino, antes de terminar o mandato e partir, fez algumas coisas condenáveis. Ele queria um mandato de Senador e comprou, usando seu poder, um senador de Goiás para dar a vaga para ele. No fim de seu governo, ao passar o poder a Jânio Quadros, haveria uma eleição para o Senado. Então, o senador, não me lembro mais dos nomes, mas o senador titular deveria renunciar e ganharia um cartório, um suplente ganhou o cargo de Ministro de Tribunal da União e o outro Ministro de Tribunal do Distrito Federal. Com a desistência dos três, ele, o Juscelino, que havia manobrado isso, iria assumir. Outro problema foi na construção da Ponte Brasil – Paraguai, a construtora presenteou Juscelino com um apartamento, de andar inteiro, em Ipanema, à beira mar. Com o término do período presidencial ele mudou-se para lá com a família. Existia sim, muita corrupção no governo de Juscelino. Isso humilha o país, um presidente não pode

receber presente de construtora. Outro fato foi na própria política, ele foi contra a Reforma Agrária, não querem que se diga isso, eu sou do Instituto Histórico de Brasília e quando eu levanto essas questões eles ficam umas feras comigo. Todos os participantes do Instituto são juscelinistas, eu entendo isso, mas o problema é que o Instituto Histórico foi transformado num templo a Juscelino, não se discute mais o Brasil, nem Brasília, só se fala em Juscelino o tempo todo. Nos dias em que sucederam a inauguração de Brasília eu li um texto de um crítico de arte importante, Mário Pedrosa. Eu me lembro que ilustrando o texto dele estava aquela cabeça de Juscelino, a que está na Praça dos Três Poderes e ele dizia: 'isso é que é o moderno?' Ele coloca que era só a casca do moderno, era o culto ao homem, culto à personalidade. Já pensou se ele estivesse vivo, estátuas dele por todos os lados, o Brasil está perdendo a história em torno de Juscelino, há um endeusamento de Juscelino. Nós temos que discutir Brasília e o Brasil, temos que assumir isso e não viver em torno de Juscelino, ele não pode ser símbolo, é difícil mudar isso, está no ego das pessoas. No ato da construção de Brasília, Juscelino cumpriu o seu dever de governante do país e mais, ele não inventou Brasília, havia um anseio de mudança. Na Câmara, quando Getúlio morreu, deixou aquela carta, formaram-se dois grupos, um liderado por Arthur Bernardes, um mineiro, Ex-Presidente da República e outro de outros partidos e foram reunir-se na casa de Josué de Castro, um médico voltado para a questão da fome no mundo e morreu no exílio. Das conclusões desses dois grupos é fundada a Frente Parlamentar Nacionalista, isso em 1954 na Câmara dos Deputados. Um dos itens discutidos foi a transferência da Capital para o Planalto Central, os dois grupos citados passaram a confrontar os anseios e fizeram um manifesto para a fundação da Frente Parlamentar Nacionalista. Esse foi um grupo que exerceu uma grande influência na Câmara naquele tempo e por isso todos foram cassados 10 anos depois, em 1964, quando os inimigos deles tomaram posse. Isso mostra o tanto que eles incomodavam o governo. Então, era um assunto um tanto elitista por que estava nas cúpulas ainda e foi, gradualmente popularizando-se, entrou para os debates e a partir daí e a transferência da Capital deixou de ser uma aspiração goiana para ser um anseio nacional. Antes, nenhum deputado, fora de Goiás, reivindicava, pleiteava sobre o assunto. Quando chegou a eleição para Presidente da República, em 1955, estava na pauta de todos os candidatos, em maior ou menor grau a mudança da capital. É injusto à memória dos outros citar somente o Juscelino, eu admito que ele tenha acordado para isso por que os mineiros, em tese, eram contra a mudança. Na Constituinte de 1946, o então deputado, Israel Pinheiro propôs que a nova capital fosse construída no Triângulo Mineiro por várias razões, mas preponderou o Quadrilátero Cruls, demarcado desde o início do século pela Missão Luiz Cruls. O projeto de Israel Pinheiro foi rejeitado e por isso Juscelino iniciou sua campanha, sem incluir a mudança da capital, trazia como lema principal a energia e o transporte. Quando apareceu aquela história do comício de Jataí, o Juscelino acordou, ele era muito vivo. Bem, por causa da Reforma Agrária, João Goulart saiu do poder por que a Constituição de 1946 dificultava a Reforma Agrária e Juscelino era contra, mas nunca assumiu isso, pelo contrário, ele dizia lutar a favor da reforma. Esse era o histórico e havia muita terra devoluta no Brasil. Eu me lembro que na Câmara, na mesa de cada jornalista, Juscelino mandou o contínuo deixar um papel em que conclamava o pessoal do partido dele a votar contra a Reforma Agrária. Nesse mesmo dia, quando eu cheguei no café, encontrei o Senador Juscelino, eu olhei e falei: 'senador, às vezes a gente falava senador outras presidente, variava, o Sr. é contra a Reforma Agrária? Não era meu dever questionar, mas eu estava muito emocionado pela causa da Reforma; ele disse; "Reforma Agrária não é um assunto do apreço da gente mineira". Ele me respondeu assim, eu tinha votado nele para presidente, nunca mais vou esquecer aquela frase. Acho que eu fiz uma matéria, não sei, eu não guardo minhas coisas, era o meu dia-a-dia. Hoje

eu tenho pena de certas coisas que perdi, preciso ir ao jornal, a arquivos procurar, não tenho mais saúde para isso. Claro que havia passeata contra a Reforma Agrária, mas um líder precisa conduzir não podia aceitar, ele podia ter se mostrado favorável e pelo menos metade seguiria. Tem outra coisa, ele passou a se compor com o adversário dele, o PSD que era contra todas as reformas e eram unidos para apoiar a ditadura. Juscelino votou no Castelo Branco que o cassou duas semanas depois e, politicamente falando foi a melhor coisa que fizeram, caso contrário seria a decadência para Juscelino. Reinaldo Ribeiro, outro jornalista da época, era presidente do Comitê de Imprensa, ele era do *Correio da Manhã*, fez aqui de Brasília a *Folha de São Paulo* e tinha trabalhos culturais. No dia em que Juscelino foi cassado, o Reinaldo me avistou e fez um gesto obscuro com a mão referindo-se a Juscelino e eu respondi para ele: agora vamos ajudá-lo a crescer. Juscelino acreditava que seria o sucessor do Castelo Branco e ele o cassou. Daí eu pensar que o traço forte de Juscelino é o animador, não é o estadista, ele é fraco como estadista, é forte como um tocador de obra, essa é a principal marca dele.

Havia muita solidariedade, na época. Eu não dirijo, quantas vezes aconteceu comigo de pegar carona, o pessoal oferecia e a gente ia conversando e não era preciso conhecer as pessoas. Isso durou uns 10 anos e gradualmente foi acabando.

06 – Eu sou por que moro em Brasília desde a véspera de sua inauguração, a maior parte de minha vida estou aqui, eu trabalhei por ela também.

07 – Brasília perdeu um bem muito caro, a solidariedade. Houve uma invasão, olha o Lago, grades por todo o lado, isso não havia, era tão lindo! Brasília perdeu na estética. Há perdas culturais. Somente os festivais de cinema sobrevivem, havia encontro nacional de escritores e nesse encontro, concurso nacional de literatura, isso se perdeu. A Orquestra Sinfônica de Brasília está ameaçada, o maestro está com problemas para se manter na orquestra e eu tenho pena que a cidade perca esse profissional capaz. Assim como esse, o maestro Cláudio Santoro constitui um ganho para Brasília. Há um livro *Brasília Kubitschek de Oliveira*, de Ronaldo Costa Couto, está bem feito, mas é um livro sobre Juscelino, tem muito oba, oba, eu leio criticamente por que eu fui crítico de cinema e de político por muitos anos de minha vida, mas me considero um animador cultural. Esse autor diz: 'Brasília é Niemeyer, Lúcio Costa, Israel Pinheiro, Bernardo Sayão, Ernesto Silva, Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro, Burle Max, Alfredo Volpi, Bruno Giorgi, Alfredo Ceschiatti, Athos Bulcão, Marianne Perretti, José Pedrosa, Onório Peçanha, Sérgio Bernardes e outros grandes intelectuais e artistas.' Repara que ele destaca só o visual. Não destacou um músico, tendo Cláudio Santoro, um grande músico em Brasília. Aqui não há um festival de música, há um curso de verão na Escola de Música.

08 – Houve uma falha, mas eu entendo que era difícil, havia muitos deputados agitadores em Brasília. Todos quiseram ser bons e as invasões estão aí, a cidade deveria ter se mantido como era e não como está, desvirtuada de seu plano inicial.

09 – Tinha sempre atividades, não muitas, mas havia orquestras, teatros, óperas. Em 1960 tivemos uma temporada de óperas, as apresentações eram no antigo auditório da Rádio Nacional, depois foi para o Cine Cultura, na W3 Sul, na quadra 507. A NOVACAP tinha feito uma obra e o auditório se transformou num cinema requintado com programações muito boas, filmes raros. O outro espaço era o teatro da Escola Parque da 308 Sul, tudo novo. Hoje, a cidade ainda precisa melhorar, nas principais cidades-satélites deveria haver orquestras

sinfônicas, porque música é cultura. Precisaria de mais teatros populares, as peças chegam em Brasília muito caras, é preciso entender que cultura não é luxo.

10 – Eu não sei nem explicar, eu gosto tanto, é bom demais, não me dou bem noutra cidade, só a passeio, Brasília é a minha terra. Não dá para comparar com minha terra de origem, quero que Brasília tenha mais cultura.

No início, havia a concepção de artificialidade, hoje, Brasília já ganhou limo. Ela precisa ser completada, em cada cidade-satélite deveria haver um plano urbanístico para melhorar para a população.

11 – Não havia desemprego. Há um fato interessante, quando eu pegava táxi, havia um motorista que fazia ponto na 306 e eu gosto, quando estou num táxi, de conversar com o motorista e ele me falava que com aquele carro havia comprado uma casa na W3. Então veja como as pessoas trabalhavam e venciam em Brasília.

12 – Por sinal, Lúcio Costa e Gilberto Freyre não se gostavam por que o Freyre havia reclamado, dizia que o projeto de Brasília havia sido feito somente por arquiteto, sem considerar a visão de sociólogos e Lúcio Costa ficou uma fúria. Ele contou isso numa exposição na Câmara e declarou que 'a opinião de Gilberto Freire não me interessa'. As cidades-satélites dão essa visão de casa-grande e senzala para Brasília. As senzalas são representadas pelo Brasil com suas várias cidades em torno de Brasília, o Brasil é assim, desigual. No projeto de Brasília, Lúcio Costa pensou na igualdade para Brasília e não para o Brasil, ele era um elitista e fazia a cabeça dos arquitetos. Ele foi o diretor da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro onde Oscar Niemeyer estudava, Juscelino fora buscar um arquiteto, na época da construção da Pampulha, e iniciou aí a amizade com Niemeyer. Ele constrói prédios muito bonitos, mas de pouca funcionalidade, são artes plásticas como a formação previa de Oscar, eu já ouvi do próprio Juscelino tudo isso. O desenho dos projetos de Oscar são lindos, mas é só, ele faz obras de arte.

13 – A arquitetura dos prédios públicos é muito bonita, os Ministérios parecem fileiras de soldados, tudo certinho, eu acho que isso é discutível, é muito do Partido Comunista, tem que ser tudo muito certo, a vida não é assim, nosso país é de outro jeito. Oscar se entrega no momento em que pôs Juscelino em cima daquela foice, ele sabia o que estava fazendo. Brasília tem muito de arquitetura bela e isso ajuda na vivência dos habitantes, traz poesia para a vida. Aquela ideia de Lúcio Costa da mãe da janela controlar o filho embaixo, no gramado é pura poesia, não se pode fazer isso na realidade.

14 – A própria cidade faz isso, não há mais o vizinho, Brasília é diferente para se morar, depois que se adapta não se quer mais sair. Brasília tem qualidade de vida e somos vistos como privilegiados.

15 – Vive-se bem em Brasília. A falta de gente na rua é positivo e negativo.

16 – Admito que sim, não o maior, mas um dos maiores. Faltou para ele tino político, fico pensando se Juscelino tivesse chamado Darcy Ribeiro para ser secretário de educação, não teríamos analfabetos no Brasil. Ele era muito dinâmico, lutou pela Universidade de Brasília. Juscelino é mais pelo visual, não fez nada para a infraestrutura ou para a cultura, mas ele é uma personalidade com quem a gente gostava de conversar, interessante, muito agradável,

tinha um fascínio pessoal, ele foi um enorme tocador de obras, faltou-lhe tato político, ele não valeu como político, valeu como administrador, tocador de obras. Isso ele fez em Minas Gerais e depois em Brasília, eu vejo assim. E lembro que ele e Israel Pinheiro eram contra a construção da Universidade de Brasília, eles diziam que haveria muita bagunça e agitação na cidade.

17 – Parece que Brasília leva o artista a ficar no 'fio da chapa branca', isto é, a coisa oficial, já conhecida. São sempre os mesmos ângulos, não oferece contraste, é sempre gente e paisagem. Só se alguém quiser pintar um mendigo em frente a cúpula do Congresso. Isso poderia ser demagógico também, o poder traz isso ao artista. Brasília tem esse perigo, esse risco, as formas de Brasília podem conduzir a arte.

18 – Eu era um revoltado, senti uma frustração, o Brasil indo para traz, não quer dizer que os militares tenham sido contra Brasília, mas houve um desapontamento geral para o Brasil.

19 – Eu quero reforçar uma coisa que me sensibiliza, deveria haver atividades teatrais, de cinema e orquestras em todas as cidades-satélites. Deveriam retomar os concursos nacionais de escritores que davam ênfase ao Brasil e outras coisas mais para movimentar a cultura e o ensino de artes deveria ser obrigado nas escolas.

20 – Glênio Bianchetti, uma pessoa importante na mudança foi Neiva Moreira, mas mora em S. Luís e está cego.

## **11) FERNANDO LOPES – 29 /09 /2010**

01 – Eduardo Gomes de Faria, sou de Piracanjuba-GO e nasci em 18/4/1932. Aqui em Brasília que me deram esse nome de Fernando Lopes.

02 – Vim para Brasília em 1959, aos 27 anos de idade, sozinho, para essa aventura de ser cantor da Rádio Nacional que era um sonho para mim que vinha do interior de Goiás.

03 – Moro em Brasília há 52 anos. Foi a melhor coisa que me aconteceu na vida, eu não sabia sair de casa. Vim para o Núcleo Bandeirante, a famosa Cidade Livre e procurei logo um lugar para morar, só tinha uma pensão, Maracangalha, toda em madeira, não existia nada em alvenaria aqui. Acontecia uma coisa interessante, a madeira que era colocada unida na construção, com o clima seco de Brasília, as tábuas se separavam e dava mais ou menos 1cm e meio de diferença e, naquela época, ventava muito nessa cidade e era absurdo o frio. Fui obrigado a cobrir meu quarto com jornal para me proteger do frio. Fiquei ali pouco tempo, depois eu passei para os alojamentos da NOVACAP. Bem, eu cantava na Rádio à noite e, durante o dia, eu tinha de fazer alguma coisa, foi aí que eu conheci Alfredo Ribeiro. Ele era ligado ao teatro de revista no Rio de Janeiro, muito dedicado a grandes produções, escrevia peças teatrais muito bem, e veio pra cá trabalhar com Dr. Ernesto Silva que era o diretor administrativo da NOVACAP. A posição na época era assim: primeiro o presidente Juscelino, segundo o Israel Pinheiro que era o grande capataz da obra e a direção administrativa de tudo ficou a cargo do Dr. Ernesto Silva e ele pôs o Alfredo Ribeiro dirigindo o Departamento de Educação e Difusão Cultural (DEDC). Correspondia, mais ou menos, a Secretaria de



Educação, de Turismo e de Cultura, tudo englobado na mesma área e ele precisava de mão de obra e não tinha por que a mão de obra daqui era mais braçal, era serviço pesado, o engenheiro para projetar, dirigir e comandar a construção e o peão, o candango, era o mais usado, em maior proporção para que pudessem erguer a Capital da República. O Alfredo Ribeiro era ligado a artes minuciosas, escrevia programa na Rádio Nacional de Brasília, eu o conheci logo quando cheguei e ele me falou que eu era o tipo da pessoa que ele estava precisando, tem um nível cultural superior ao que usa-se por aqui. Antes, no interior, eu tinha vivência de artes, fazia teatro e trabalhava em rádio, sempre fui muito voltado para as artes, tinha uma noção de tudo que ele precisava e ele me mandou ir à NOVACAP para ser fichado. A palavra chave era 'fichar' na NOVACAP, eu estava empregado durante o dia. Uma das primeiras missões que eu recebi foi confeccionar o primeiro carro alegórico de Brasília, eu tenho até a foto do evento, isso foi feito em 1961. Nós fizemos um carro com o símbolo da indústria, na fachada de um dos Ministérios foi pintado o retrato de Juscelino Kubitschek e, nas laterais, como o assunto era cultura, desenhamos livros deixando a mensagem da educação. Antes desse movimento, tivemos que fazer a decoração do banquete de recepção do Presidente Dwight Eisenhower, que esteve aqui para colocar a pedra fundamental da futura Embaixada Americana no Brasil. Precisávamos de flores para enfeitar e em Brasília não havia, era preciso buscar no Rio, o que seria difícil porque as flores não resistiriam a viagem. Então tivemos que pensar em algo diferente e eu tive a ideia de usar as flores secas do cerrado de Brasília. Assim fizemos os arranjos de mesa e foi aí que surgiram as flores secas de Brasília que até hoje são comercializadas.

Você pode imaginar, eu tinha vindo do interior, de família muito humilde e, de repente, vim para Brasília e conheci o Presidente do Brasil. Isso foi fora de série, o maestro que fez o meu teste de admissão na Rádio disse que iria me apresentar a um amigo dele. No dia seguinte eu me arrumei melhor e fui. O encontro com o Presidente Juscelino era no Catetinho, eu tremi feito uma vara verde, 'meu Deus do céu o que é que eu faço agora!' Quando ele falou comigo, era um sorriso, o Juscelino não precisava de falar nada, ele olhava para você e sorria, te ganhava. Ele tinha um olhar penetrante, olhava nos seus olhos, no fundo de sua alma; 'então o sr. canta é, muito bem, vamos ver. Eu cantei 'granada' para Juscelino Kubitschek e ele ficou olhando para mim, eu não sabia que era a música da paixão dele. Eu cantava 'granada', tinha o César Prates que era um seresteiro de Minas Gerais, amigo dele, inclusive ganhou de Juscelino um cartório em Brasília. Ele veio de Minas com Juscelino, quase que exclusivamente para cantar granada, que era a paixão do Juscelino. Quando eu terminei de cantar ele veio e deu um abraço em mim e eu chorei muito e pensei na minha origem, na minha família e naquilo que estava acontecendo, eu abraçado com o homem mais importante do Brasil, fiquei muito emocionado e nunca mais eu esqueci desse momento, acho que para mim foi o momento mais importante da minha vida. A partir daí eu passei a conviver com ele, toda hora ele mandava me chamar, quando viajava ele me levava, a mim e o Dilermano Reis que era prof. de violão de Juscelino, mas ele não tocava bem não, era só pra lazer. Quase todo dia tínhamos uma seresta no Catetinho por que Juscelino não podia estar todos os dias em todas as obras, então ele reunia com os engenheiros pra que contassem sobre o andamento das obras pra ele, para traçarem planos. O Israel Pinheiro, Dr. Ernesto Silva e Cel. Heliodoro, estava ali toda a patota e lá no fundo estava uma mesa e nós, ele vinha tomava um vinho e voltava para a conversa, era o *relax* dele e nós estávamos lá para agradar o homem. E nossa vida foi assim inicialmente.

04 – Vim para ser contratado pela Rádio Nacional, como cantor, submeti-me a um teste com o maestro russo, Isaac Kolmo, que trabalhava na Rádio Nacional do Rio e estava aqui para

dirigir a parte musical da rádio de Brasília, fiz o teste com ele e fui cantar, em 21/03/1959. Em seguida, trabalhei na NOVACAP, na Rádio Nacional vinham muitos amigos dos engenheiros, amigos de Juscelino ou amigo do amigo de fulano, que cantava na noite do Rio e era convidado como atração aqui da Rádio Nacional. Quando eu cheguei, trazido pelo jornalista Américo Fernandes, já existia aqui um cantor com o nome de Eduardo, não havia, então, possibilidade de lançar dois artistas com o mesmo nome. Eu havia me especializado em cantar músicas mexicanas, no interior do Goiás, decidiram me dar esse nome, Fernando Lopes.

As condições de trabalho e moradia não eram boas porque nós morávamos em alojamentos, no fundo da NOVACAP, na Candangolândia. Os engenheiros tinham seus alojamentos, havia outros tipos de alojamentos na outra ala, alguns deles vieram morar na Vila Planalto, nas casas de madeira, construídas pra isso e estão lá até hoje. As condições de moradia eram muito ruins, ficamos morando em alojamentos por muito tempo e depois fomos, numa invasão, para a 410. Nós, da Rádio Nacional, invadimos a 410 Sul e ficamos, estava nas vésperas da saída de Juscelino e não tínhamos conseguido moradia. Alguns empregados da Rádio moravam na 708/709 que eram as casas da habitação nacional, mas um outro grupo em que eu estava incluído não tínhamos onde morar, na 410 havia um prédio e nós resolvemos morar lá. A imprensa propagou muito esse movimento que não era interessante para o governo. Tentaram marcar um encontro nosso com Juscelino, mas não era possível por que o presidente já estava preparando para entregar o governo, Jânio Quadros já tinha sido eleito. Nós decidimos, então, ir para a porta do Palácio da Alvorada, sabíamos que Juscelino estava em Brasília. Pusemos à frente o Sr. João Tomé, de quem Juscelino gostava muito. João Tomé era cego de nascença, mas foi uma pessoa importante para a música, foi ele quem criou o braille para música e os cegos puderam ler pautas musicais. Hoje, isso está sendo reconhecido no mundo todo. Então, quando Juscelino ia entrar de carro e viu João Tomé foi falar com ele, aí todos nós nos aproximamos e falamos com ele sobre nosso caso. Saímos de lá com nossas moradias garantidas na 403 norte.

O trabalho era muito bom, a Rádio Nacional respeitava muito seus operários, e a NOVACAP era uma empresa que precisava da gente e eu continuei. Os salários eram muito bons, melhor que qualquer um do interior do Brasil.

05 – Eu acho que nós somos responsáveis por esse monumento que é Brasília, era trabalhoso, mas dava muito prazer ajudar Juscelino nessa obra, todos eram bem remunerados e trabalhavam muito. No Regime Militar, as obras deram uma paralisação, o impulso da cidade diminuiu, mas prosseguiu. Naquela época, não tinha corrupção, podia existir muito reservado, mas eu não sentia isso na administração de Juscelino e nem depois no governo militar. Poderia acontecer no alto escalão, isso a gente não tinha como saber.

“O Sr. tinha contato com os Candangos?” Todos os sábados ou domingos nós vínhamos num caminhão com um conjunto musical dirigido por João Tomé, eu, Glória Maria, José Lourenço, cantávamos nos acampamentos dos candangos. Tudo era transmitido pela Rádio Nacional, dávamos a oportunidade para os candangos usar o microfone e mandar recados para a família deles que tinham ficado em outras cidades. Eles falavam: 'mamãe eu estou bem de saúde, sou fulano de tal lugar, eu sei que a senhora está ouvindo a rádio, eu tô mandando o dinheiro daquele jeito que eu combinei com a senhora.'. Eles tinham medo do correio, então eles arrumavam um mensageiro que levava pra todos. Eles diziam também: 'a senhora fala para o Toinho que ele pode vir pra cá que eu ficho ele'. Chamavam, assim, mão de obra para a construção, essas eram as funções maiores da Rádio Nacional, ela divertia, fazia a comunicação social e ainda trazia mão de obra que Brasília carecia na época, essa era



a missão da Rádio. Ela foi um veículo muito importante para a construção de Brasília. Os candangos recebiam muito bem pelos serviços e viviam satisfeitos por que o negócio era ganhar dinheiro. Eu também trabalhava dia e noite, havia umas 40 boates no Núcleo Bandeirante e eu cantava muito em minhas noites livres.

Os serviços estavam disponíveis em cada acampamento, de acordo com as necessidades, o Dr. Ernesto mandava colocar escola e outros atendimentos. Depois foi criado o sistema de escola classe que vingou e até hoje é exemplo para o Brasil todo.

Todos eram amigos, todos se conheciam. Tinha duas camadas: os de melhor situação e a mão de obra mais pesada, o pessoal, vamos dizer da área mais intelectualizada se dava bem, frequentavam o mesmo ambiente. Por exemplo, o Brasília Palace tinha uma piscina muito boa, procurávamos nos encontrar lá. À noite, nas boates do Núcleo Bandeirante, depois começaram a implantar boates aqui no centro da cidade, o grupo que frequentava era de amigos, você pode ver nos encontros de pioneiros que se fazem, todos se conhecem e convivem ainda hoje. A solidariedade mudou com o passar do tempo, no governo de Jânio Quadros já começou a mudar. Vinham muitos oportunistas, somente para ganhar dinheiro, não vinham para progredir e vivenciar a construção. Em nossa época havia sofrimento e amor a causa por que não morávamos bem, muito pó, era uma aventura prazerosa, depois só queriam dinheiro, acabou aquele espírito.

06 – Eu me considero parte histórica, até me gozam, dizendo que eu sou o cantor mumificado, por que de todos os outros cantores que estiveram aqui no período de 1959 só resta eu, sou a memória viva daquele tempo.

07 – Foi isso que maltratou demais o Dr. Ernesto Silva. Ele sempre quis obedecer rigorosamente o projeto original e, hoje, o interesse comercial a invasão de área pública que seriam parques foram loteados e sabemos que era quem estava lado a lado com o governo que conseguiram esses benefícios próprios. Não podemos aceitar isso, mas o poder financeiro é muito maior, não adianta gritar contra ele, faz dó, não aceitamos, mas não temos mais força para gritar contra as perdas do plano original de Brasília.

Houve ganho porque o projeto da cidade é respeitado pelo mundo todo. As definições das áreas por setores, tudo marcado, se tudo fosse obedecido seria uma maravilha.

08 – Não foi pensado em facilitar a locomoção, como em algumas cidades do país. Estamos prejudicados com o transporte na cidade, precisamos de carro para tudo. Não foi projetado nada porque a cidade não foi planejada para crescer tando, ela inchou e não temos garagem subterrâneas, edifícios de garagem e estamos em dificuldades.

09 – Tínhamos atrações trazidas, principalmente, pelas Embaixadas que já estavam aqui. Eles faziam recepções e nós víamos algumas demonstrações culturais. Depois, com o Teatro Nacional e outras salas, desenvolveram o canto lírico, a Escola de Música de Brasília cooperou muito para a evolução da tendência musical da cidade que aflorou bastante. Hoje, eu tenho Brasília como uma cidade artisticamente bem representada. Primeiro, Brasília se consagrou como a capital do rock, daqui exportou Renato Russo, Wagner, e outros. Daqui surgiu o fenômeno Ney Matogrosso, Osvaldo Montenegro, eles todos iam para o Rio de Janeiro ou São Paulo porque lá é que está a massa divulgadora dos artistas, não adianta querer fazer isso daqui. Jessé, vencedor de um festival da MPB no Rio também é daqui, vários cantores sertanejos também surgiram aqui, Brasília desenvolveu muito e propagou demais a arte musical.

Existe a profecia de Dom Bosco que diz que desse cidade correrá leite e mel e num trecho mais profundo diz que a juventude de Brasília será a que mais se destacará no cenário nacional. Temos demonstrações disso, se você for raciocinar de uma cidade com apenas 50 anos de existência, olha o tanto de artistas que nós mandamos pra fora. Veja você, 'Cacá', o jogador, nasceu aqui, Lúcio, de Planaltina, Oscar, o mão santa do basquete, jogadores de basquete e de vôlei também saíram daqui.

A nossa autoridade precisa deixar de ganhar dinheiro fácil e incentivar a cultura e os esportes em Brasília que representa a força da juventude que aqui vive.

10 – É a melhor coisa do mundo viver em Brasília, minha cidade natal é distante daqui uns 300km, eu não tenho coragem de voltar a morar lá. Para mim Brasília é uma paixão nacional, ela está no meu coração.

Brasília não é artificial ela tem uma pulsação muito forte. Muita gente gosta daquela imagem do bate-papo da esquina, Brasília não aceita isso, é diferente, por exemplo, se você faz um evento em Taguatinga, num local bem escolhido para aquele evento, a população comparece. Se você faz aqui um evento, na Torre de Televisão, a população também comparece, Brasília é ciosa por atrações porque nós temos a diversificação de raças.

11 – Não havia desemprego, quanto mais gente viesse para auxiliar a obra era melhor.

12 – É, a ideia é verdadeira, se eu for do time do governo estou bem, senão é sub-raça, isso acontece aqui.

13 – Hoje a arquitetura de Brasília me parece normal por que eu ajudei, presenciei a construção, eu vi o levantamento da pirâmide do Teatro Nacional, até então eu achava aquilo um monte de cimento, depois com o trabalho de Athos Bulcão, aqueles quadrados em cima, deu vista e a construção cresceu para meus olhos. O Museu Nacional, eu achava que Niemeyer era um doido, quando construíram a rampa, que leveza ficou tudo aquilo. Brasília nos surpreende, olha o Congresso Nacional, de longe a gente vê ele surgindo da água, que bonito aquelas peças colocadas lá, a gente tem que parar, olhar e analisar, Brasília não pode ser vista simplesmente no movimento do carro. A beleza daquela água circulando e caindo naquela cataratas é leveza, a gente tem de analisar aquilo, parar e pensar. Brasília não pode ser vista numa fotografia, olhar um ângulo, é preciso ver o conjunto com toda sua leveza.

Eu acho que essa arquitetura interfere na vida das pessoas, faz com que elas se sintam grandes, tenham prazer em viver num lugar como esse.

14 – É como eu já falei, se você se abrir para seus vizinhos, seus colegas de trabalho, você terá uma comunidade, uma convivência muito boa, mas se você se fechar entre a família, aí não dá. O Rio tem muito de comunidade, os vizinhos são muito amigos, Brasília não tem muito isso nos apartamentos, mas nas casas já está acontecendo.

15 – Quem tem moradia vive bem, quem paga aluguel tem dificuldades. Os aluguéis são caros e longe e quanto mais morar distante pior é para sua vida por que a locomoção é difícil. Pior é a situação do transporte, a moradia cara, o sistema hospitalar por que os hospitais de Brasília atendem as pessoas de fora da cidade. Melhor é o sistema de ensino, a vida cultural de Brasília é ótima. Em Brasília é preciso analisar, tem altos e baixos.

16 – Eu sou suspeito de falar sobre isso porque eu sou macaco de auditório do Juscelino. Para

mim ele foi um dos maiores estadistas que o Brasil já teve e o mais interessante é que ele fez tudo e morreu pobre e dona Sarah (esposa dele) também morreu pobre. O maior patrimônio de Juscelino era a honestidade.

17 – Observe bem, depende da pessoa, de como ela se projeta. Eu, por exemplo, fui, vamos dizer assim, da cozinha do Juscelino, convivi demais com os homens do poder, depois veio a Revolução, eu conhecido e taxado como 'puxa saco' do Juscelino, relatei-me muito bem com os elementos do poder militar. Eu me relatei muito bem com dona Yolanda Costa e Silva, cantei muito pra ela, as festas beneficentes que ela produzia eu estava junto, cantando. Então, é o cidadão que se aproxima, cada um é que tem de procurar seu lugar no espaço, eu cantei para o pessoal que derrubou o Juscelino. O poder não atrapalha a arte, o artista é independente em sua produção, o cantor em sua apresentação não diferencia o Presidente da República do candango.

18 – A gente teve de por uma mordaca, frear a língua por que no período do Juscelino foi uma liberdade total, principalmente para nós que convivíamos com ele. Na repressão nós não podíamos agredir porque sabíamos entender a autoridade constituída. Os homens da Revolução eram a lei no momento, quem sou eu para desobedecê-los, então eu tive de por um freio na minha língua, falar menos e ouvir mais, tocar ou dançar conforme a música. Assim eu não tive problemas, cantei pra eles como fiz para Juscelino

19 – Não há o que acrescentar, seu roteiro está muito bom. Quero só dizer uma coisa para finalizar, hoje eu estou com 78 anos e se fosse necessário, se houvesse outra pessoa com o espírito, dignidade, moral e sensibilidade de Juscelino e quisesse criar uma outra Brasília em qualquer lugar eu iria ajudar a construção, não me arrependo nada do que fiz e recomencaria tudo outra vez.

20 – Adirson Vasconcelos, Jarbas Marques, Carlos Murilo (primo de Juscelino), Gilberto Amaral (trabalhou na Rádio Nacional), Vanda Oiticica.

## **12) FRANK ALGOT SVENSSON – 27/01/2010**

01- Frank Algot Eugen Svensson – nasci em Belo Horizonte- MG, sou o único brasileiro de uma família sueca.

02 – Eu vim para Brasília em 1958, aos 24 anos de idade, com um grupo de estudantes irmanados nas andanças e atividades. Escolhi fazer Arquitetura, trabalhava numa firma de construção desde 16 anos de idade, estudava à noite, o científico, depois fiz o vestibular, mas antes fiz o serviço militar na Pampulha, na Aeronáutica. Sou o único de formação universitária de minha família, ela é de origem proletária. Eu tinha um certo receio de disciplinas ligadas a cálculo e alguém me disse que Arquitetura era mais fácil, a Pampulha já estava sendo construída, eu admirava a construção de Niemeyer. Mas no 1º vestibular fui reprovado em desenho artístico, então entrei numa Escola de Belas Artes para aprender a desenhar e, no ano seguinte, passei. Arquitetura só fui entender mesmo depois de formado por que em função da construção de Pampulha foi criado o curso de Arquitetura de Belo Horizonte, mas os professores eram quase todos engenheiros, então o lado da construção era

muito forte, mas tinha um artista italiano e alguém que trabalhava com modelagem e desenho a mão livre e o diretor era um artista plástico bastante conhecido do realismo mineiro, Aníbal Matos. Na aula inaugural ele nos advertiu com relação ao franco suíço com nome Le Corbusier que estava pervertendo as qualidades da arquitetura, então mais curioso nós ficamos. Muito bem, então eu fiz arquitetura e como BH era a escola mais próxima de Brasília, coincidiu de nós, por curiosidade e por convite, vir praticar nos período das férias escolares aqui. O primeiro foi antes da universidade daqui existir, na época da construção da cidade. Nós tínhamos um professor de São Paulo, livre docente em teoria e história da Arquitetura, que estava trabalhando para o governo Mário Borges, ele nos convidou para fazer um trabalho de levantamento da arquitetura colonial de Pirenópolis, passamos 40 dias lá, medindo, fotografando e desenhando, e para chegar a Pirenópolis passamos por aqui na ida e na volta, estavam começando a terraplanagem, muito pó, dormimos num hotel de tábua no Núcleo Bandeirante e esse foi o primeiro contato. Depois, eu ingressei no Partido Comunista Brasileiro, como estudante, em 1959 e Oscar Niemeyer passava regularmente por BH quando vinha pra Brasília de carro, ele tinha medo de andar de aviação, ou pelo menos anuncia isso, não sei, pode ser um pouco de charme também, alguém morreu num desastre de avião, dos arquitetos cariocas nos anos 30, não me lembro bem. Então ele vinha no carrinho dele e dormia num hotel na avenida Amazonas e, em 1959 um grupo de alunos, acho que nós éramos 4, fomos ao hotel e perguntamos a ele se era possível conhecer o trabalho em Brasília. Ele respondeu que podíamos ir que nos receberiam lá, então eu vim. Ele trabalhava num galpão grande de tábua, perto do 1º hotel de Brasília, hoje é o Palace Hotel. Lá, ele designou um arquiteto, assistente dele, de nome Gládston da Rocha, para nos orientar. Ele nos oferecia um desenho de um prédio em construção, nós examinávamos o desenho depois visitávamos a obra e, voltando, entregávamos um relatório do que nós constatamos e pegávamos um novo desenho. Com isso passamos as férias, uns 40 dias, conhecendo os prédios de Oscar que estavam em andamento e esse foi meu contato com Brasília e a arquitetura de Oscar. Antes, eu já tinha, como estudante, estado no Rio com um grupo e entrevistado Lúcio Costa, de modo que sei alguma coisa complementado depois com informações e por fim um vídeo que deve existir no CEDIART que é uma entrevista com LC quando ele aqui comemorou 90 anos. Os estudantes trouxeram o LC aqui para comemorar os 90 anos, ele havia caído em desgraça na faculdade de arquitetura, num tempo em que o modernismo e funcionalismo eram duramente questionados, para não dizer criticados, como uma arquitetura impositiva, se usou até o termo fascista em alguns contextos, não entenderam a visão histórica do modernismo, até hoje as posturas vitalistas de como eu sinto o espaço, a obra, a fruição da arquitetura faz esquecer de que ela é resultado de necessidades e de uso.

Nasci em 34 e vim para BSB em 1958, éramos 5 ou 6 estudantes irmanados em atividades. Isso tudo por que em BH nós nos definimos pela esquerda e fizemos uma série de coisas, mas caímos em desgraça e perdemos a próxima eleição. Em BH se deu uma cisão entre a esquerda universitária de orientação do PCB (Partido Comunista Brasileiro) e o surgimento da ação popular da esquerda da Igreja, Betinho, Caldeira Branca. A JUC tinha sido elevada a condição de uma Federação Política. A Universidade fez um convênio com a Universidade de LUVAN, na Bélgica que era um dos centros neo jesuítas do mundo e vieram professores, para apoiar essa formação da JUC (Juventude Universitária Católica) numa agremiação política – ação popular. A universidade em convênio com isso concedeu 200 bolsas de horário integral para a Faculdade de Ciências Econômicas Sociais e Administrativas. Então, eles ficavam em horário integral estudando Filosofia, Economia e, dessa época, surgiram nomes que depois se despontaram na política desse país e surgiram também uma 3ª linha neo troquista por nome PROLOP -Política Operária, acho que não existe mais. Os expoentes eram: Simon Swatman,

que até recentemente estava no IBGE, Mário Marine, que morreu de infarto há pouco tempo, um ex seminarista que estudou economia, a assessora do PDT, a memória está me falhando, eu estou vendo a pessoa e não consigo lembrar o nome. (Houve uma interrupção, o telefone de Frank tocou e ele foi atender) Essa turma dos 5 caiu em desgraça, a esquerda católica fez tudo para ocupar o espaço deles e a esquerda aceita tudo menos que pulem para o campo do pensamento objetivo crítico porque entra a questão da mística da religião e a postura laica se enfraquece. Então, nós disparamos a trabalhar na 6ª Bienal de São Paulo e propusemos uma Universidade popular para a cidade de Governador Valadares que veio a ser construída, mas não com esse nome que era uma universidade que considerava as profissões do minério de ferro, a Vale do Rio Doce, que ainda não existia com esse nome, mais a Belgo Mineira e nós ganhamos o 1º prêmio internacional, concorrendo com 19 países, ficamos orgulhosos, mas causamos inveja. A direção da escola e nós fomos a São Paulo, receberam o prêmio de não sei quantos mil réis da época, não vimos nada disso que ficou para a própria escola e nunca fomos nem mesmo mencionados. Depois a escola, no mesmo ano, ganhou a Comenda da Inconfidência que é dada em Ouro Preto em 21 de abril. Ganhamos um certo status, uma auto confiança e, em função disso, fui convidado em 1962 para fazer o mestrado na UnB, o 1º mestrado de Arquitetura do Brasil foi em BSB. A universidade estava se constituindo e estavam aqui como dirigentes Alcides da Rocha Miranda que veio implantar o patrimônio histórico no Brasil Central. Ele era um humanista católico, um modernista, interessado também em trabalho de restauro, tinha uma vasta biblioteca que colocou a disposição do curso de arquitetura. Veio também Oscar Niemeyer trazendo seu escritório para dirigir trabalhos práticos de mestrado. Ele me dizia não ser professor e que não queria ser, mas se fosse para orientar projeção ele aceitava. O motivo era político porque naquele tempo era vantajoso ter no currículo um engajamento político progressista e aqui havia mestrados das mais diversas orientações políticas: mestrados da juventude do PTB, dos Sociais Democratas, de Juscelino, tinha gente do partidão e outros. De formas que a conversa antes de 1964 era bastante ventilada, os propósitos e tudo. Em função um pouco disso eu recebi o convite para fazer o mestrado aqui, vim conversar com Edgar Greif, prof. de teoria e história, que tinha vindo de Porto Alegre, mas eu tinha recebido também um convite para a divisão de construção escolar da SUDENE no Recife, eu sentia muita falta de conhecimento do meu Brasil. Achei que isso aqui era moderno demais, era exclusivo demais e preferi o convite da SUDENE e fui para Recife e não me arrependo foi uma lição que marcou minha vida e que depois me trouxe de volta para a UnB. Sob a orientação de Celso Furtado e Francisco de Oliveira, seu adjunto, fizemos um belo trabalho de documentação da realidade do Nordeste e de proposta de intervenção as ameaças ao desenvolvimento. A caminho do Recife, passei por aqui para conversar principalmente com Greif e ele achou certa minha decisão. Eu era filho de estrangeiros e sentia falta de conhecer valores de brasilidade, eu só conhecia Minas Gerais. Meu pai havia falecido e fomos eu e minha mãe para o Recife. Trabalhei 8 anos e meio como funcionário da SUDENE e exerci vários cargos. Os primeiros 3 anos na divisão de construção escolares, construímos muitas escolas pelo nordeste afora. Instituímos divisões de arquitetura em estados onde nunca tinha havido um arquiteto, Sergipe, Piauí e Maranhão, hoje todas tem Faculdades de Arquitetura. Depois, assumi a chefia da divisão de habitação, fundamos cooperativas habitacionais em todas as capitais do Nordeste. Isso foi antes de surgir o BNH (Banco Nacional de Habitação) que é uma criação do Regime Militar. Antes disso, nós estruturamos as cooperativas habitacionais para a população de baixa renda, a experiência que havia no país era pequena tinha a Fundação da Casa Popular no Rio de Janeiro, o serviço social no Recife que foi o primeiro instituído no país e pouca coisa mais. O que tinha muito eram arquiteturas filantrópicas de grandes empresas que faziam

vilas operárias para seus operários. Depois foram surgir os IAPs, IAPI, IAPC, IABB (Institutos de Aposentadoria dos Operários) que foram as instituições que vieram a construir as quadras de Brasília.

Qual foi a sua impressão após os estudos dos projetos de Brasília quando viera para cá em 1959?

Eu tinha todo um entusiasmo de cidadania de que arquitetos brasileiros estavam projetando a capital de seu próprio país e chamando a atenção do mundo para a expressão da arquitetura avançada, modernista para um país mais periférico e aprendi muita coisa, mas eu só vim a ter consciência dos valores básicos da arquitetura já no Recife, eu era muito 'engenerático', na minha formação. Eu tinha a referência nórdica porque fui ao enterro de meu pai e pude visitar o que de mais atual havia naquela época Suécia e na Finlândia.

Em 1968, eu estava em BSB e se deu uma mudança no governo brasileiro, a tensão entre os oficiais nacionalistas tecnocratas e os abertos ao capital estrangeiro ficaram muito fortes. Os que se abriam a entrada livre do capital estrangeiro tinham como líder o Ernesto Geisel e os tecnocratas nacionalistas tinham como líder o Médici que estava no governo. Esteve aqui o presidente do Banco Mundial e tiveram outras personagens, inclusive a rainha da Inglaterra. Foi se consolidando uma exigência de que no Brasil havia uma mudança de modelo econômico e foi se desmontando a proposta liderada por Celso Furtado, ministro do planejamento, que tinha dividido o PADIS em grandes regiões: SUDENE, SUDAM, SUDECO, SUDESUL, acho que eram essas quatro, aqui era da SUDECO. O ministro Albuquerque Lima que era o ministro do interior, nacionalista, em função dessa exigência a qual o governo se curvou passou a adotar o modelo que na época era chamado de a gota de óleo que pingada sobre SP espalharia as suas benéficas para o resto do país. Abriu-se a licença para importação de capital e isso só vai ganhar sua plenitude em 1972 com a substituição do Médici pelo Geisel como Presidente da República. Nessa tensão a SUDENE começa a se esvaziar e, no final de 1969, tanto eu fui convidado aqui como o Partidão pediu para eu vir para cá assessorar três deputados do PMDB, Francisco (da Bahia), o médico Santilho, de São Paulo e Marcos Freire, da igreja. Chegando aqui já tinham espalhado o boato de que eu tinha vindo pra isso e eu me recolhi, não me expus e fiquei só na faculdade e lá minha missão era estimular a interdisciplinaridade, a experiência da SUDENE que aqui não havia, os profissionais vinham todos da profissão liberal e alguns no serviço público. A reabertura da faculdade de arquitetura que fechara por um tempo, se deu com arquitetos jovens mais ou menos consentidos pelo regime militar e todos vieram de seus escritórios particulares de Porto Alegre, São Paulo, depois vieram dois nordestinos, e eu fui eleito diretor do então Departamento de Arquitetura e durante três anos tentei estimular essa experiência de formação interdisciplinar da arquitetura. Eu penso que pela diferença a gente se aprofunda muito melhor, eu me tornei muito melhor arquiteto sofrendo as diferenças que me refugiando num escritório exclusivo.

03 – No princípio, vim com muito gás e achei muito interessante o resultado com os alunos, mesmo o convívio com os professores, claro que a gente era cauteloso, mas no fim de 1972 eu fui demitido. Fui o único professor de toda a Universidade de Brasília enquadrado no ato AI5 por causa da politização de meus alunos. Por meio do trabalho interdisciplinar, eles foram conhecendo a realidade interiorana e deixaram de ser só pasteleiros, convivendo com as profissões entre si, eu não sei de nenhum que tenha vindo para o PCB, mas que eles se engajaram por aí, ocorreu. Saí de BSB em 1972, acusado de ter tentado organizar um partido ilegal na UnB, o que era verdade. Fui proibido de lecionar em todo o território nacional pelo ministro Jarbas Passarinho. Eu só fui reintegrado em 1988, após 16 anos. Nesse tempo, eu



sem emprego, fui para a casa da mamãe na Suécia. Depois de uns 2 ou 3 meses recebi um convite da França, um adido cultural francês me conhecia daqui, soube da minha situação e arranhou um contrato para professor visitante para as Escolas de Estrasburgo e de Nancy, trabalhei 2 anos na França como professor, aprendi francês e muito de história da arquitetura europeia que eu não sabia. Eu não me arrependo não, o sofrimento maior foi na escala íntima, pessoal, quem mais sofreu foi um filho meu, mas ele está bem agora, está em Portugal atualmente. Depois eu recebi um convite do ON para dar jeito numa situação na Argélia, ele vivia nessa mesma época em Paris, quem pagava o aluguel dele na, Champs Élyzées, em Paris era o governo argelino que era solidário com ele. Esse escritório servia como local de encontro dos políticos exilados na Europa. Então eu trabalhei um ano na Argélia, com Oscar, uma experiência curiosa e interessante, mas nós éramos assalariados pelo governo Argelino e a Embaixada Brasileira se negava a renovar nossos passaportes, eles alegavam um parágrafo da Constituição da época de que um cidadão brasileiro só poderia trabalhar para o governo de outro país com o consentimento do governo brasileiro e isso nós não tínhamos. Eu pedi ao Oscar para me deixar na Suécia por eu tinha direito à cidadania por ser filho de sueco, então esclareci essa situação e me tornei de dupla nacionalidade, era intenção voltar para a Argélia, mas houve uma série de injunções, eu tenho a maior consideração pelo rei Oscar, mas a corte dele é muito complicada. Gente que quer se valorizar por ter trabalhado com ele, gente que acha que é dono da amizade com Oscar. Preferi não voltar. Eu tinha um convite na Argélia, de um angolano, que estava voltando para a Angola. Recebi um convite através de Miguel Arrás que fazia a ligação entre o governo argelino e outros países de língua portuguesa, um movimento de libertação da língua, recebi um convite para participar do desenvolvimento de um curso de nível médio, de planejamento físico na realidade de fontes destratas, para um curso de planejamento físico de arquitetura e fui contratado em Angola e passei 3 anos morando na Suécia, mas nos semestres letivos trabalhando em Luanda. Foi uma experiência muito rica, surpreende, mas rica. Depois voltei para Suécia, fiquei 10 anos e foi lá que recebi a notícia de reintegração na UnB em novembro de 1988. Pedi 1 ano uma licença sabática, fiz umas pesquisas que justificassem a licença, liquidei minhas dívidas de cartão de crédito e estou aqui desde março de 1989. A volta para BSB foi por razões profissionais e de sobrevivência por que na Suécia eu tinha contrato renovável de auxiliar de pesquisador. Eu concorri a duas cátedras e fui considerado apto em ambos os concursos, mas lá quem decide a cátedra é o governo, a universidade informa ao governo que tais pessoas estão aptas a serem catedráticas e eu não segui duas regras de ouro para ser admitido na Suécia, eu não entrei para o coro da igreja luterana e nem para o partido social democrata, fui muito considerado, mas não ganhei o cargo vitalício de professor catedrático. Com a notícia da readmissão eu pensei que não saberia conviver com a ideia de não ter considerado a possibilidade de voltar, então aluguei um contêiner de um navio de café, que volta vazio para o Rio, coloquei minhas coisas e voltei.

04 - Minha volta para a UnB não foi indolor, 16 anos de diferenças entre mim e o Brasil, eram pessoas novas na faculdade e houve muita reação à reintegração, “lá vem eles querendo pegar nossos lugares”, era mais ou menos esse o pensamento. Eu consegui me integrar sem pretensões e com muito cuidado para não contar tudo que eu sabia para não parecer presunçoso. Quem sabe muito atrapalha, saber muito e ser correto atrapalha. Depois havia um frenesi de captação de recursos que só Deus sabe como eram implantados e eu não participei disso e esse fato já dava um contraste.

As condições de trabalho, eu tinha amalhado muita informação, eu tinha um material para transformar em material didático. Pediram-me para constituir duas disciplinas que não tinham

conseguido montar, uma era história da arquitetura do período industrial e a outra era uma disciplina de metodologia dos espaços construído. O título não é meu, impuseram esses títulos. Então, essas duas disciplinas me fizeram estudar bastante e em vez de uma metodologia eu montei um curso sobre a história das teorias do conhecimento em relação à arquitetura e isso coincidiu um pouco com a chegada do período industrial. Diante do espanto do que seria a sociedade industrial surgiu uma inquietação e conceituação muito grande com relação à arquitetura e a configuração das cidades de formas que eu lucrei bastante em termos de estudos próprios para essa disciplina. Montei um acervo bastante grande de documentos e de slides, escrevi alguns artigos e transcrevi minha tese em livro, mas está esgotado há muito tempo. Depois, me pediram para dirigir o Boletim da FAU, mas ninguém escrevia e eu comecei a escrever bastante nessa revista e comecei a ser criticado como tendo me apoderado da revista, mas eles não escreviam. Nós publicamos uns exemplares semestrais que tem coisas minhas. Quando me aposentei escrevi um livro: *Visão de mundo e arquitetura*, eu queria deixar um rastro e abordei alguns problemas sofridos nos últimos anos. Com relação a moradia, eu aluguei um apartamento, mobiliado, na 312 Norte, inscrevi-me para moradia na Colina e fui o primeiro morador da nova colina.

05 – a) Eu dificilmente moraria noutra cidade. Passei pelos países nórdicos, fiz cursos nos chamados países do leste, e lá o que dominava era esse funcionalismo e uma coisa muito importante que está se esquecendo em Brasília. Lúcio Costa que propõe BSB, o Niemeyer é dos prédios monumentais, mas a cidade é do Lúcio. Ele se formou na Europa convivendo com as novas teorias humanísticas que visavam o período industrial do capitalismo na França e na Inglaterra, ele conhecia muito bem as teorias das Gales inglesas, ele conhecia o engenheiro arquiteto de Lion, Camilo City. Ele estava muito ambientado com as novidades que estavam surgindo e, quando ele propõe BSB, reflete aqui muito dessas teorias, essa história de que BSB é de Le Corbusier é balela, na arquitetura sim, aparecem coisas, mas ele propõe um projeto prevendo o imprevisível, daí ser um projeto piloto que pressupunha um acompanhamento de aferição das implicações de sua aplicação que foram castradas depois pelo Regime Militar. Ele propõe dois grandes eixos que se cruzam marcando um ponto, dizendo é aqui, depois o lugar exato talvez não seja aquele tecnicamente aconselhado. Vamos a uma outra ideia, aqui tem a ideia da solução linear, depois a curva de nível faz com ele curve um dos eixos um pouco, não tem nada a ver com um avião. Esses eixos são o do país e o da cidade. Ao longo dessa faixa ele propõe a repetição de algo que vinha sendo desenvolvido nas gardens cities inglesas e também nos EUA a partir da escola de Chicago que é a teoria de vizinhança, uma moradia mais outra não são duas, são duas e algo mais, a vizinhança. Em que consiste a vizinhança? As ideias mais avançadas e resgata por Leon ...que esteve aqui no juri do projeto de Brasília, eram a adoção da escola como estruturadora do espaço urbano. Antes, tinha sido a Igreja, desde a Idade Média, depois foi a fábrica, no início da sociedade, depois os grandes mercados de exposições internacionais, mas ele propõe a escola, a primeira grande experiência se dá no México o dimensionamento do equipamento da cidade é a partir da ideia da escola, jardim da infância e a escola primária, naquele tempo 4 anos. Então os mexicanos calcularam que uma escola plenamente utilizada em termos de professores, zeladores (faxineiros) e administração seria uma escola de seis salas com 40 alunos cada. Se fizessem uma escola de 8 salas teria que contratar mais gente e não seria plenamente ocupada. E o elo no pedestre, naquele tempo o automóvel mal tinha começado a ser produzido no Brasil, aconselhava que uma criança não andasse mais do que uns 800 metros no máximo. Isso em torno de uma escola de 6 salas de aula ia dar uma população em torno de 3000 pessoas, 20% em idade escolar. A ideia de superquadra parte daí depois tem



uns problemas de trânsito, mas o dimensionamento básico é esse. E, 4 quadras com 3000 pessoas que dá um total de 12000 pessoas justificaria uma rua de serviços, o comércio das entre quadras, que na ideia do LC era para servir as quadras, isso aqui era uma rua de carga e descarga a única assim é essa em que as vitrines são voltadas para dentro da quadra e por isso ninguém usa por que a força da tradição da rua como frente das lojas tomou conta de tudo. O comércio é que fez as grandes primeiras alterações no Plano Piloto, a W3 virou uma rua de atacadista ou era pra ser e virou uma rua de lojas de luxo, no início, depois surgiu o Conjunto Nacional e absorveu um pouco. E 12 quadras dariam direito a uma unidade de vizinhança em termos de ensino secundário, ambulatório médico e dentário, praça de esportes, a única que foi construída foi a da 208/Sul, perto da Igrejinha. Durante o Regime Militar isso foi visto como ato subversivo, socializante, mas não foi somente o RM que fez isso. Aqui chegaram uns negociantes que entendiam muito de ganhar dinheiro, mas nada de urbanismo: Gilberto Salomão, Baracarti, Venâncio, esses é que começaram a estourar o Plano Piloto onde era previsto muito cooperativismo, a SAB (Serviço de Abastecimento de Brasília). Existem uma série de ideias avançadas no início do projeto que de certa forma foram sendo modificadas ou esquecidas, então, a propriedade privada do solo urbano foi liberada. BSB foi toda desapropriada para formas cooperativas, associação de moradores, sindicatos, formas socialmente organizadas participarem do desenvolvimento da cidade, na medida em que isso foi sendo desmantelado, começaram a invadir os cartório em busca de documentos antigos para justificar invasões. Não tendo sido permitido a existência de fábricas em BSB, principalmente, para não se criar aqui uma classe operária reivindicativa, assim como no início não se queria a Universidade também, que deveria ser lá na fazenda experimental, em campos tranquilos para pensar e ensinar. Devemos a Rocha Miranda o empenho para que ela viesse para onde está hoje. Como se formou a elite política de BSB? Construtores, especuladores imobiliários, donos de empresas de transporte e a classe trabalhadora, não operária se contentou com o planejamento filantrópico de casa para habitação popular. Esse povo que veio para BSB não encontrando trabalho, mas atraído pela rede hospitalar, educação, pelo glamour da capital foram vivendo de troca, gente que vinha dos arredores do interior, os mais pobres iam ao SEASA compravam laranja e banana e iam vender na porta, depois trocavam por uns 500 tijolos, podiam comprar uma bicicleta, uma garrucha e vivia de troca e isso é um terreno fértil para a pequena criminalidade. Depois chegou a droga, os acertos de contas, matando os jovens, perdendo toda uma juventude. Vem depois um fenômeno que é o dos fundamentalismos religiosos trocar o conhecimento da realidade difícil pela uma imagem da vida futura. Tinha um pastor em Valparaíso que vendia lote no céu. Compravam para sentir tranquilos, estou sofrendo aqui mas logo será bom. Isso criou uma série de dificuldades, porque o jovem é atraído pelo fato dos evangélicos, eu já fui evangélico, não fumam, não bebem, acabam namorando uma menina da igreja, e ela tem presa de segurar o marido. Depois ele vem para a universidade ou então, para uma instituição pública e aí dá um curto circuito danado, ou ele evangeliza a universidade, ou ele laiciza a sua igreja, ou então ele guarda essa tensão dentro de si mesmo e sofre.

Nessa onda de privatização foi sendo desmontando todo o espírito cooperativista que se queria estimular, escolas e hospitais particulares, a rede pública ainda tem um certo nível de qualidade, mas é superpovoada e muito concorrida por fora e por dentro. Os professores da universidade todos tem clínicas particulares, mas são professores de horário integral na UnB. Eu não sei o que vai vir, a História costuma corrigir situações, às vezes de forma drástica. Na minha infância eu conheci algumas coisas da 2ª Guerra Mundial e depois houve uma revirada até positiva, mas o que vem por aí eu não sei. Essa beatificação do Lula vai ser substituída por quê? Eu vejo a situação com certo pessimismo e tomo umas pílulas para não ficar

deprimido. Eu venho de uma juventude esperançosa, eu pensava que nessa altura o Brasil não teria mais favelas. Há um desleixo da ocupação do terreno, qualquer chuva está arrastando as casas e matando gente por erro de localização, não há cultura urbana, os arquitetos se formaram em arquitetura mas não contribuíram para a conscientização da sociedade a respeito. Arrancam as árvores, a terra deixa de estar amarrada pelas raízes.

Havia mais era um entusiasmo pioneiro, nós estamos fazendo alguma coisa, construindo a capital do país e com ideais distintos do corriqueiro, não sei se chamaria de solidariedade, mas havia muito companheirismo. Havia um espírito de construção de um Brasil novo. Houve muita reação a Brasília, eu acho que era uma quebra de hábitos da grande cidade baseada em serviços domésticos, em ter uma geografia comercial mais diversificada e chegou aqui muito 'pão pão, queijo queijo' e isso foi encantando a juventude e se você conversar com as gerações nascidas aqui elas não querem voltar para SP ou RJ, o índice de satisfação é bastante alto.

06 – Foi o desenvolvimento na minha profissão, era uma perspectiva e eu já estava chegando num ponto que podia aprender ensinando também. Eu me senti parte de uma oposição histórica. Para essa oposição de haver aspectos psicológicos, mas tem aspectos subjetivos também. Vou narrar um fato: eu conheci Luís Carlos Prestes em BSB, num dos estúdios aqui eu fiquei hospedado na casa de um juiz chamado Geraldo Jofrey, diretor nacional do juizado de menores, na 206. Lá, reuniam-se muitos, tanto do Partido Comunista como outros simpatizantes, lá frequentava, por exemplo, o diretor do hospital de Base, uma pessoa do Banco Central que agora não me lembro o nome. Um dia ele perguntou se nós queríamos conhecer o Prestes. Eu, de certa forma me assustei. Hoje à noite vamos conversar com ele. Depois do jantar ele nos levou à casa de uma poetiza chamada Maria Las Casas, esposa do jurista Las Casas que foi o 1º que foi preso aqui na UnB. Fomos introduzidos na sala, de repente da porta da cozinha vinham dois caras, eles olham e cumprimentam a gente e depois voltam e trazem o Prestes, ele era baixinho, o cavaleiro da esperança, pra mim era um homem grande. Ele vinha segurando as mãos, depois me explicaram que ele ocultava as unhas porque tentaram arrancá-las numa prisão certa época. Então, vocês são do partido aqui em Brasília? Respondemos que sim, eram de Belo Horizonte mas estavam aqui num estúdio com Oscar Niemeyer. Depois ele perguntou e o que vocês acham da capital? Aí, fui eu que respondi: nós estamos muito orgulhosos de arquitetos brasileiros estarem projetando sua própria Capital. É nós andamos por aqui, disse ele, e vimos a miséria e a pobreza do interior que precisa ser desenvolvida com cidades do trabalho, não precisava necessariamente ter a capital por aqui. Por quê? Porque tiraram o governo do Brasil de uma cidade mais politizada para ficar mais tranquila aqui no cerrado, sem pressão popular, eu nunca tinha pensado nisso. Mas nunca esqueci também essa posição e cada vez fica mais evidente, né. A população engajada era muito mais presente em fazer pressão sobre o governo no Rio de Janeiro.

07 – BSB ainda é uma referência histórica para dias melhores, há muita coisa a considerar, não copiar literalmente, mas levar em conta e, talvez, rememorar as ideias que nortearam a criação que hoje quase ninguém conhece. Eu pude estabelecer uma geografia até confortável, depois de 15 anos recebi uma indenização e pude comprar esse apartamento, ele estava ruim, mas eu que já trabalhei muito com construção, achei bom por que eu fiz como eu queria e esse prédio que é de Milton Ramos, que faleceu no ano passado, é exemplo de uma preocupação dos anos 60 do morador poder alterar o plano do prédio, a estrutura dele é toda externa e eu pude modificá-lo de acordo com meu gosto. Moro perto da UnB para onde vou cotidianamente. Essa quadra é bem equipada e temos boas relações com a vizinhança. BSB

perdeu muito com a centralidade, o Plano Piloto recebe 3 a 4 vezes a população que tem todo dia. A descentralização de serviços é uma necessidade. Deveria ter 150 cidades outras no Centro-Oeste, mas poucas foram construídas e as que foram recebeu uma espécie de Núcleo Bandeirante ao lado que muitas vezes é maior que elas.

No início a UnB era uma universidade nacional, agora que ela está se ingressando pelas cidades- satélites. Eu fui proibido, como aposentado de votar no Reitor. Nós aposentados agora que estamos sabendo das coisas não nos foi permitido participar da eleição. Agora, muitos jovens com novos hábitos, no início eles trazem entusiasmo, mas depois vão se viciando. Não sei como está na Arquitetura, quando me convidam eu vou, hoje me dedico mais à política, com todas suas limitações. Sua pergunta é difícil por que BSB podia ser melhor. A questão de transporte urbano, em matéria de segurança, está se congestionando muito, poderia estar melhor. Se eu comparar com muitas cidades acho que ela é melhor. Eu gosto muito do Recife, ele tem história, os recifenses tem uma auto identidade muito consciente, mas BSB é capital e ao mesmo tempo é aldeia. Ela é única e o Presidente Juscelino estimulou enormemente o país a sustentar o governo por que a vontade de derrubar o governo em favor do capital estrangeiro era muito forte. E com os seus projetos de impacto, SUDENE, industrialização, estradas, energia, comunicação, capital e universidade novas, com isso ele garantiu um apoio político que estava perigando. Eu não sei responder essa pergunta. O maior mérito de BSB é que ela se fez, com todos os seus defeitos ela está aí, nem tudo está perdido.

08 – O projeto de Brasília é um projeto positivista de ordenação de seus componentes, ele segue o lema da bandeira nacional 'ordem e progresso' e o positivismo tem de positivo justamente esta preocupação de observar a realidade e ordená-la, mas ele é fraco na busca do conhecimento da mudança, da transformação e a partir do presente esclarecer um pouco o próximo passo e a mudança, nisso Brasília ficou muito cristalizada, não se previu muitas coisas. As grandes ameaças a BSB é o problema do transporte, da circulação, que não está sendo atacado. Uma medida urgente seria o metrô passar pela Esplanada e pela universidade, isso implica numa mudança de cultura, de não ter vergonha de andar de transporte coletivo. É uma questão de cultura, como se aprendeu a atravessar a rua nas faixas é de se esperar que talvez a educação possa ajudar. Outra coisa é que desde o ensino básico até o superior deveria incluir a problemática da cidadania e do uso da cidade.

09 – Eu me lembro daquele tempo o começo dos festivais de cinema, estes eram muito concorridos, os concertos musicais do Santoro, às quartas-feiras no auditório de música. Tiveram artistas proeminentes no início, escultores, as obras de arte no Campus não estão bem documentadas e tinham uns sarais. Depois, frequentava-se muito as casas uns dos outros. De literatura não me lembro de muita coisa não, alguns documentários. Aqui tinha um português que era bastante dimensionado como professor de literatura e vieram alguns novos, de outros locais. Com o Regime Militar esvaziou bastante. O cinema teve muita presença, as Embaixadas traziam muitos filmes, o Cine Brasília era um senhor cinema, aqui tinha cinema polonês e outros e a gente ia muito. Eram documentários, filmes expressivos, italianos, franceses. Brasília chamou muitas expressões mundiais e o Brasil começou a aparecer culturalmente. Eu considero que o projeto de BSB como uma reinterpretação de tradições brasileiras em linguagem moderna bastante feliz. Aqui passou um jornalista sueco que depois publicou que BSB era uma lápide do modernismo. Eu diria que é uma experiência historicamente significativa e para qualquer solução de reforma e planejamento urbano mais avançado nesse país, vai ser levado em conta, não vai ser repetido, mas será levado em conta,

pode-se ver isso em Palmas-MT. Muita coisa tem mudado também na ação do Oscar, e a massa crítica em torno dele já morreu, há muito do que se fora o Oscar, é um lado negativo por que vai se desenvolvendo uma arquitetura muito anticognitiva, mas o Oscar dividiu a vida dele entre ser um arquiteto de qualidade e a militância política partidária, essa é pouco conhecida. Eu tentei escrever um artigo, mas nunca publicaram. O Oscar tinha um convívio muito interessante de intelectuais, frequentavam Horário Macedo, Nelson Sodré, o historiador, João Saldanha. Eu percebo que Oscar sabe uma série de coisas do debate est tico da arquitetura, do ponto de vista marxista, mas um pouco de ouvir falar. Ele, por exemplo, leva muito a sério umas coloca es do Jorge Luckson, um pensador húngaro, que salienta a importância da contribui o de Euclides com a sua geometria. Euclides tornou possível o cáculo, o dimensionamento, a configura o dos objetos, das coisas, isso foi um avanço muito grande. Ele ajudou também depois as experiências do desenho perspectivo, da capta o da profundidade, recursos importantes para o saber projetar. Mas ao mesmo tempo ele imp o o terrorismo do ângulo reto, da linha reta, das formas puras, que não existem na natureza, são resultados da capacidade de abstra o do homem. O Niemeyer sempre levou isso em conta, ele sempre falou bem das curvas, depois ele romantiza isso dizendo que   a curva das montanhas, das mulatas, da mulher etc. Ele tem uma busca constante de não se escravizar por uma geometria puramente abstrata e, por isso ele usa o concreto que   altamente moldável, ganha a forma da forma. Hoje, com a computa o se torna mais fácil, mas no meu tempo quatro incógnitas já era praticamente impossível para gente calcular as estruturas e a resistência dos materiais. Nós passamos um tempo muito limitados da rela o entre o objeto proposto e a natureza. Isso   uma constante na obra dele. Outra coisa   que ele ouviu falar ou leu que a emo o diante de um objeto artístico   parente da emo o diante de um desafio est tico, ele faz v os enormes surpreendentes, o museu em Niterói, parece um cálice, ou ele faz grandes arcos de concreto nos quais ele dependura os edifícios, você já viu aquelas panela de pressão que tem no Ministério da Justiça, olha por baixo, tudo livre, elas estão penduradas numa estrutura central, então a surpresa, o desafio dos esforços   uma constante na arquitetura. Ele tem clientes que permitem n , ele   arquiteto da burguesia e dos governos. Eu visitei o palácio de Mondadori, em Milão, que eu julgo uma das melhores obras dele e quando o Mondadori esteve aqui e viu o Palácio da Justiça e do Itamarati e quis conhecer o Oscar e encomendar uma obra que ele deixasse como marco da vida dele, o maior editor italiano. Oscar aceitou e fez. Isso foi num setor de imprensa cujo terreno vizinho era da IBM que procurou Oscar para também fazer um projeto para eles e Oscar disse que não fazia por que não trabalhava para multinacional. Quer dizer que o limite ideológico dele ia até ali, ele trabalhava para a burguesia nacional, para a internacional não. Ele não era de muita leitura não, mas eu nunca encontrei alguém que desenvolvesse uma higiene pessoal em rela o ao pensamento tão evidente como o Oscar. L  na Argélia, ele me dizia para irmos pela praia, '  tão mais bonito', assim a gente escapa desses congestionamentos. Primeiro o massagista fazia massagem nele, bem cedo, ele tomava banho, começava a desenhar, depois tomava café e o carro vinha e o levava para o canteiro de obras. Chegando lá ele me dava uns rabiscos e falava 'bota isso numa escala 1 pra 25', ele queria uns desenhos grandes. Depois, ele ficava olhando os desenhos para ver o que o próprio desenho sugeria em termos de equilíbrio, de composi o. Ele mandava desligar os rádios para ficar em silêncio, não aceitava que os desenhistas e arquitetos se ocupassem separadamente, depois ele dizia vamos lá na Fátima, l    bom por que não tem música. Ele cuidava muito de si para não se perturbar. Ele herdou o dom artístico da mãe, que era professora de desenho, mas ele   um mestre em propor es, escalas, fluidez espacial, isso ele  , às vezes ele   vítima de erros técnicos por falta de assessoramento, ao contrário do Lel  que sabe constru o a tal ponto para construir com arte.

O arquiteto Lelé foi aluno de mestrado de Niemeyer.

10 – Eu me esforço cada vez menos em sair daqui, me habituei, tenho um certo receio de viajar sozinho atualmente, mas quando recebo um convite viajo. Brasília é meu lugar, pensei numa época, depois de aposentado em voltar para Suécia, mas eu tenho um medo incrível da solidão na Suécia. Lá ninguém nos ouve. BSB para mim é melhor que Belo Horizonte, cidade de origem. Sinto melhor que qualquer outro lugar do mundo, BSB é o meu lugar. BSB é artificial porque cidade é sempre um artefato, o maior artefato do humano geralmente é a cidade.

11 – Havia muita necessidade de gente, então havia muita facilidade de emprego. Naquele tempo aceitava-se o notório saber tinha muita gente que foi convidada por sua competência profissional, Vladimir de Carvalho foi professor aqui e não tinha curso universitário.

12 – Não sei se tende a uma solução tão drástica assim, casa-grande senzala parece mais com o Haiti que com Brasília. Mesmo os trabalhadores, os serviços domésticos que estão lá embaixo na escala, eles são muito mais donos de si aqui do que em muitas cidades do Nordeste. É impressionante o quanto essa relação em Pernambuco, por exemplo, ou na Paraíba, ainda perdura. Eu tenho um amigo em Fortaleza que no sábado aluga um menino de uns 13 anos para fazer cócegas nas costas dele, coisa como essa jamais aconteceria aqui. Eu escrevi um artigo há pouco tempo que eu fiz pra FASUBRA em que eles me perguntaram se funcionário público era proletário. Uma coisa é você ser trabalhador na produção material outra coisa é você ser intermediário entre o governo e a ordenação da sociedade, são coisas diferentes e dão morais diferentes e hábitos diferentes, isso um pouco atacando essa mentalidade de que a UnB em tempos de greve se comporta como uma fábrica. Fábrica de que? De produção de conhecimentos? BSB é muito marcada por essa indefinição de classe, existe, naturalmente, mas não é tão nítida como casa-grande e senzala. O flunar nos Ministérios para ter uma chance num projeto grandioso é muito comum, assim como conseguir um convite numa Embaixada, mas sempre é muito interessado em relação a poder, status. Poder dizer que estive na Embaixada cria uma certa sensação para os outros. De vez em quando um motorista do Senado me ajuda, ele sabe das tramoias dos corredores, faz comentários e consegue tudo que ele precisa, então eu tenho uma ideia de como funciona aquela cidade interna do Congresso. A humildade proletária é coisa rara atualmente, a esquerda se formou muito academicamente, então são pessoas que querem sobressair com ideias supostamente brilhantes. Eu conheço muito de perto Cristovam Buarque, ele era estudante de engenharia no Recife quando eu animava lá um grupo de estudos. Ele não sabe mais quem é, vive em função de quem imagina ser. Ele é um engenheiro mecânico que nunca fez uma engrenagem e quer ser Presidente da República em função do sobrenome, Buarque de Holanda.

13 – Nas suas grandes linhas e espírito sim, mas ela está sendo vitimada por uma execução muito interessada. Se você vai comprar um apartamento novo em BSB hoje, o prédio tem a fachada toda elaborada, mas quando entra no apartamento comum, a cozinha não permite que o marido ajude a esposa não, é de uma mesquinhez, a qualidade de vida está piorando. Hoje, é melhor comprar um apartamento antigo. Os prédios estão cada vez mais perto um do outro dá quase pra conversar com o vizinho. Ninguém mais pensa em área verde, a água não tem por onde infiltrar no solo.

Estacionamento de automóveis é um problema aqui, sempre falta vaga para os moradores,



gera um certo atrito em relação a isso. Como o comércio da quadra nem sempre serve a seus moradores, as pessoas precisam sair de sua quadra e resolver seus problemas em outra e isso gera um certo transtorno no trânsito. No início cada rua tinha seu conjunto. Isso é que eu chamo de positivismo, não previu-se as mudanças que iriam ocorrer. O surgimento do supermercado ou do shopping que você entra e tem contato direto com a mercadoria, antigamente era tudo por trás do balcão. A biblioteca da universidade foi feita pra ser um supermercado, ela não fechava durante a noite, no início, você ia estudar e tinha uma lanchonete pra comer algo. Depois começaram a fechar. Os livros começaram a sumir, o índice de roubo é muito alto. Há um certo desleixo na devolução dos livros.

14 – São impressões minhas, eu sou muito bem atendido quando chego numa loja no Recife, aqui eu encontro uma certa indiferença, menos do que em São Paulo. O governo tem educado certos setores, atualmente ir a CAESB é ser bem atendido, no trânsito também, o departamento de trânsito melhorou muito, estão adquirindo certos hábitos no atendimento. Em Brasília, os funcionários públicos têm comportamento elitista, mas não é muito genérico. Há situações de inveja, de querer passar os outros para trás, muito comum na universidade. É mais comum por causa das estruturas, a universidade se recolheu a um lugar das ideias sem prática, tem muitas atitudes de como se fora, sem profundidade, sem experiência maior. Nas profissões de performance tem muito: música, comunicação social, arquitetura, tem muita falta de consistência, muitos artifícios para se fazer poderosos. São marcados pela política do governo federal, isso ocorre mais agora, artimanhas para se valorizar, manter o poder e a riqueza é muito comum. A TERRACAP perdeu muito suas intenções iniciais.

15 – Eu ando sempre atento, é menos ruim morar em Brasília. A disponibilidade de bens de necessidades imediatas, parece estar bem resolvida, os serviços operacionais da vida acadêmica, também, a saúde é satisfatória. Não sei para o povo, na totalidade, mas eu resolvo e estou bem.

16 – Acho Vargas mais estadista que o Juscelino, ele fez coisas mais básicas e fundamentais e Juscelino depois completou. Vargas criou a Siderúrgica Nacional, a Petrobras, uma série de instituições de economia mista, se valeu muito dos militares da Coluna Prestes para inovações no país, deu direito de voto à mulher, aos analfabetos. O Vargas está muito esquecido, ele fez muitas coisas e o Juscelino veio complementar uma série de coisas. Eu conheço bem a história do Juscelino, meu pai foi paciente dele no hospital militar de Belo Horizonte. Juscelino era urólogo, mas aconselhava meu pai, que sofria de reumatismo, a usar um emplasto que cheirava a casa toda. Ele era muito simpático, era um típico filho de imigrantes. Os meus alunos imigrantes na UnB eram todos ótimos, eles querem vencer, querem ganhar um lugar na sociedade brasileira, muito melhor que filhos de deputados federais, são todos acomodados. Juscelino era um pouco isso, era filho de cigano vindo da Europa central. Juscelino tinha uma visão muito abrangente de olhar o mundo e muito cedo ele se tornou líder da juventude do partido social democrata de Belo Horizonte. Depois ele foi Prefeito, Governador, Presidente do Partido Social Democrata que não era o Partido Trabalhista mas era da burguesia nacional.

17 – Isso existe, não são todos os artistas, mas é muito comum eles produzirem por conveniência. Brasília como capital também é privilegiada em receber manifestações artísticas de outros países de bom nível, dança, teatro, exposições. Eu tenho visto coisas sobre artistas que comprovam que eles usam de muitas artimanhas para conquistar posições e

situações. Tanto no teatro como na música, na pintura também tem muita badalação. Alguns adquirem certa habilidade técnica, o Bianchetti por exemplo, pinta com domínio da pintura, outros me parecem muito triviais.

18 – Bom, eu já falei um pouco o que aconteceu comigo. A gente ganhou certo conhecimento e hábitos pra conviver com a Ditadura. Eu passei muito tempo com dificuldades de procurar uma autoridade qualquer que fosse. Mesmo não tendo motivos, eu tinha uma certa reação, depois de ter sido preso e ouvido. Quando cheguei na Europa, sonhei muito que estava voltando para o Brasil e sendo preso, tive que me trabalhar muito, e me tornei um tipo muito desconfiado. Na universidade estava ficando muito difícil e eu estava ficando muito incomodado, ali era um balaio de vaidades. Na minha volta, encontrei o mesmo, mas eu estava mais armado para me defender. Eu não deixo de ter certo ressentimentos, quando eu vejo os atalhos que as pessoas usam para conseguir as coisas, eu sei o preço que eu paguei para chegar onde cheguei, é presunçoso dizer isso, mas é verdade. Outro dia o Buzar (prof. do Departamento de Arquitetura e Urbanismo) me procurou e eu disse que ele deveria problematizar o ensino e o aprendizado com coisas mais práticas para dar um teor de realidade maior senão fica essa carga subjetiva superficial muito forte na escola, ele estava pensando principalmente na pós graduação porque fica um psicologismo mal digeridos nas teses.

19 – Não sei se tem obras literárias, mas tem alguns comentários, tem um livro do Geraldo Jofrey, pequeno, mas interessante sobre a experiência dele em Brasília, os trabalhos do Aldo Paviani. Tem muitas dissertações de mestrado, mas não me lembro de títulos e há também uns livros clássicos. Tem um livro publicado pelo Senado chamado *Brasília Revisitada*.

20 – Brasília está sendo invadida pela ideologia da não ideologia que também é uma ideologia. A nossa juventude foi estimulada a não pensar em política, pensamentos objetivos críticos há uma de conhecimento e de pensamento que me preocupa muito.

### **13) GERALDO SILVA – 11/04/2011**

01 – Geraldo Silva, vim de Ilhéus-BA.

02 – Cheguei a Brasília dia 17 de abril de 1960, tinha uns 32 anos de idade. Vim só, eu era solteiro.

03 – Moro em Brasília há 51 anos. Foi gratificante, o aeroporto era de madeira, ficava onde é a Base Aérea hoje, havia muita movimentação.

04 – Eu vim para iniciar uma nova profissão por que eu era 1º Ten da reserva do Exército e o comandante da região estava chamando voluntários para formar o corpo de oficiais da Guarda Especial de Brasília. Durante 5 anos eu fui administrador de fazendas de cacau de um tio meu em Ilhéus e dessa mordomia de administrador, deixei tudo e vim para a poeira de Brasília, vim com alegria e estou até hoje e foi bom eu ter vindo.

Quando cheguei fui para o Quartel da GEB que ficava perto da Cidade Livre, meu alojamento era de madeira. O trabalho era bom, eu entrei logo em cena, policiando a inauguração de

Brasília.

Antes da GEB, que foi criada em 1959, era uma organização, uma guarda da NOVACAP, não era militar, era fardada e comandada por um major da ativa do Exército. Antes da inauguração era o Dep. Regional de Polícia de Brasília, legislado pela Câmara de Deputados de Goiás a pedido do Governo Federal porque aqui ainda era Goiás e dentro desse departamento tinha a Guarda Especial de Brasília (GEB), a Polícia Militar veio para cá em 1967.

05 – Na época se falava muito no ritmo de Brasília, eu nunca vi muitas confusões, eu comandi em 1961 a transferência da Cidade Livre, era pleno emprego aqui. O ritmo de trabalho eram turnos de 8 em 8 horas, não parava a construção e as quadras eram cercadas como se fosse uma mini cidade onde tinha alojamento e comida (no rancho) para os operários, nos turnos mudavam os operários e os engenheiros.

Após a Revolução Militar não alterou nada, ao contrário, o Presidente Castelo Branco dizia não era preciso continuar Brasília porque não havia motivo para parar. O General Médici, em seu governo, obrigou as Embaixadas a virem pra cá dizendo que não mais atenderia os embaixadores caso isso não ocorresse. Essa atitude consolidou Brasília.

O Hospital de Base de Brasília funcionava, o que ocorreu foi que a cidade tinha um serviço de 1º mundo e vinha gente de todo o Brasil, principalmente, das regiões interioranas para serem atendidos no hospital, como ocorre ainda hoje, então superlotou os hospitais de Brasília e a qualidade dos atendimentos foi embora. A educação era muito boa, minhas filhas estudaram na Escola Classe daqui. A limpeza pública e a polícia também funcionavam bem. Hoje, com a corrupção na cidade nada funciona. A Brasília inicial era 1º mundo, esta acabou, hoje temos outra Brasília.

A convivência era muito boa, eu era tenente e policiava a Cidade Livre e eu dava carona às pessoas no meu jipe, enquanto fazia a ronda. Havia muita solidariedade, em todos os órgãos havia um bom atendimento ao público. Eu fui Diretor Geral do DETRAN em 1964 e a porta do meu gabinete era aberta, entravam candangos e deputados, todos podiam entrar e eram bem atendidos. “Havia muitas ocorrências na cidade nesse período?” Não havia, naquela época o pessoal era mais ordeiro, não existia a droga e a violência não era transmitida fácil como hoje, então o povo era mais manso e ordeiro. Não existiam assaltos, mas acidentes de carro havia, pelo excesso de velocidade.

06 – Sinto, eu plantei muito. Eu organizei a 1ª guarda de trânsito de Brasília e fui o 1º Diretor de Trânsito da cidade. Sou fundador do Lions Clube de Brasília, a Sociedade Hípica, participei de muita coisa em Brasília.

07 – Eu me lembro do sonho de Dom Bosco, ele disse, há 100 anos, que entre os paralelos 15 e 20 nascerá uma cidade e aqui haverá uma grande civilização. Já estamos nessa civilização, mas ainda não está completa, há muito desamor. O topo do serviço público nos três poderes estão aqui, ganhando o maior nível e mais 180 embaixadas gastam em dólar aqui, então aqui corre 'leite e mel' conforme havia previsto o sonho, porque aqui é a Sede do Poder. Vem muita gente a procura de viver melhor, mas não temos indústrias, só prestação de serviços e isto é um problema. Brasília perdeu a solidariedade e a boa convivência das pessoas.

08 – Brasília não tem um bom transporte coletivo, isso prejudica por que individualiza o transporte. Há muitos carros na rua com uma única pessoa, não há transporte solidário. É preciso criar uma cultura, a solidariedade é uma cultura. Uma falha que eu notei quando fui Diretor de Trânsito é que as ruas foram pouco dimensionadas, a W3 é estreita, a W2 não



comporta o trânsito. Outra coisa, houve uma intencionalidade, a frente das lojas, no comércio das quadras, foi projetada para serem voltadas para as casas e não para as ruas. As pessoas inverteram e o governo não teve tempo de impor. O que é frente da loja hoje seria carga e descarga. Na W3 seria a mesma coisa, a W2 deveria ser a frente das lojas e a W3 seria carga e descarga. Isso não existe e a W3 deixou de ser uma rua de serviços, como as casas que existem na via, e ficaria fundo com fundo. Ou seja, quem projetou Brasília pensou na convivência, a frente das casas se encontram para que os vizinhos se encontrem, no Plano, o comércio local é a mesma coisa. Foi criada uma filosofia nova para Brasília, mas inverteram. Eles tinham estudado que delegacia de polícia no meio de residência dava confusão e fizeram diferente aqui, as delegacias estão bem afastadas das casas. Depois os governos complicaram e criaram um Quartel da Polícia de Trânsito na 207 sul, na Asa Norte fizeram uma Delegacia da Mulher, assim os governantes começaram a quebrar a filosofia de Brasília. Eu estou fazendo um livrinho, que se chamará, “Antes que eu me esqueça” para contar tudo isso.

09 – Havia pouca coisa, cinema, teatro não tinha, um ou outro show que vinha do Rio de Janeiro. Hoje está plena a cultura, uma beleza. No início as pessoas tinham poucas opções.

10 – Eu estou aposentado, mas tenho muitas atividades. Artificial foi o lago, Brasília não, progrediu. Vamos imaginar quem era Goiás, Amazonas, o Brasil antes de Brasília, não sei se a Amazônia seria nossa, se não existisse Brasília.

11 – Nos primeiros anos não havia desemprego.

12 – Senzala não, tá muito forte isso. Olha aqui em casa, não é uma senzala, essa moça veio de Pernambuco e está há 37 anos conosco, ela já tem um apartamento, já está aposentada e continua trabalhando, tem dois salários. Eu a ajudei empregar uns parentes, que senzala é essa? Essa ideia não se aplica aqui, mas a gente observa que o poder se comunica pouco com o povo, falta isso.

13 – Uma quadra como esta, que coisa linda! O bacana é o seguinte, estamos numa floresta, Brasília é uma floresta. Os prédios são separados uns dos outros, já reparou? Ninguém perturba ninguém, o trânsito nas quadras é somente para os moradores ou quem tem algum interesse, não há trânsito intenso. A arquitetura de Brasília interfere na vida das pessoas para o bem, proporciona qualidade de vida à população.

14 – Há uns 10 anos eu sinto uma diferença enorme, parece que eu estou em São Paulo, parece que Brasília mudou. Eu penso que as pessoas que chegam têm que se moldar ao lugar, ao povo da cidade e não ficar diferente, quem vem para Brasília tem que ser brasileiro.

15 – Vive-se muito bem, aqui a vida é mais barata que em Salvador. Muito bom é a tranquilidade, eu políciei a cidade e ando em qualquer lugar sem medo. Pior é o craque, as drogas que estão entrando na cidade. A prostituição da juventude é uma coisa séria no Brasil.

16 – Juscelino foi sim um grande estadista, era um homem humano e realizador. “O sr. teve contato com ele?” Só uma vez, num encontro religioso.

17 – Não, todos os artistas têm liberdade, a população de Brasília vê os poderosos pela TV, não se tem contato com os representantes do poder. Às vezes, as pessoas pensam que Brasília

é uma pracinha e que encontramos todos os dias com o Presidente da República.

18 – Na época da Ditadura eu não recebi, nem joguei chumbo em ninguém. O problema foi ideológico. Uma ideologia usada pela direita e outra pela esquerda, essas ideologias se chocam nas pessoas armadas ou não. Eu me lembro que eu policiando a Cidade Livre, houve um confronto, tinha um chefe de polícia, um major do Exército que era da esquerda dava ordem contrária contra a gente, para o povo avançar. Eu era militar e continuei meu trabalho, em Brasília eu não vi nada diferente, o meu trabalho era com o trânsito.

19 – Não, já falei tudo. Ver livro sobre 50 anos de fotografia.

20 – Eu posso ligar depois.

#### 14) GISELE SANTORO – 06/05/2010

**Preâmbulo da entrevista.** Você estava se queixando que não estava conseguindo mulheres para conversar sobre o princípio da cidade e eu estava lhe contando que realmente não existiam mulheres na cidade praticamente. O meu marido que foi um dos fundadores da Universidade de Brasília, o maestro Cláudio Santoro, tinha um amigo que era médico do Hospital de Base e esse amigo dizia pra ele: 'Santoro, meu filho, se você estiver andando pela W3 e vier um rapaz em sua direção e você achar bonito, pega o 1º avião para o Rio de Janeiro que você chegou na fronteira'. Realmente, qualquer mulher que chegava por aqui tinha pretendente a não poder mais, porque não tinha, era objeto raro. Claro que com os professores que vieram para a universidade vieram as esposas, e eu não me lembro de mulheres na universidade, os coordenadores todos eram homens. As pessoas que vieram pra cá eram as que tinham o sonho de fazer 'a universidade' e que por isso deixaram seus postos, até fora do Brasil, para vir. Depois desse núcleo de sonhadores, apaixonados que vieram e eram os coordenadores e grandes nomes da universidade era muito difícil trazer gente pra cá porque não se acreditava naquela época que Brasília ia vingar. As pessoas exitavam em deixar o certo pelo duvidoso. Estava tudo por fazer aqui, nós experimentamos muito isso, no Departamento de Música havia especialmente para os músicos, dificuldades, por exemplo, um bom violinista de orquestra, um bom professor de violino, digamos no Rio de Janeiro, ele tocava no Teatro Municipal, tocava na Sinfônica Brasileira, era professor no Conservatório de Música, ainda tocava para filmes, TV, rádios, quer dizer, ele tinha um mega salário, feito de mil bicos, mas que não deixava de ser um mega salário e para cá ele vinha com um salário pequeno. Os salários da universidade não eram maravilhosos, eram muito menores do que o pessoal ganhava no exterior ou em outra cidade do país. “Aqui na universidade não havia a dobradinha?”! Não, o projeto da universidade no princípio era tempo integral, tanto alunos como professores ficavam o tempo todo estudando. No Departamento de Música você podia chegar lá às 10h da noite que tinha gente lá, estudando ou tendo aula. Os professores eram dedicação exclusiva com tempo integral. Quem ganhava salário dobrado eram os funcionários da Câmara, os ligados a políticos, eu sei porque minha mãe era diretora da Câmara e tinha muitas mordomias exatamente por aquela coisa de achar que Brasília não ia vingar, então tinha que haver uma compensação. A minha mãe se aposentou poucos anos depois de vir pra cá porque ela teve um tempo contado em dobro, embora ela tenha entrado com 17 anos na Câmara, ela se aposentou relativamente jovem, foi em 65 e ela tinha 42, 43 anos, por aí.

01 – Gisele Loise de Azevedo Santoro, nasci no Rio de Janeiro no dia 11 de março de 1939.

02 – Vim pra Brasília, quando me casei com Cláudio, em 1963. Embora eu tenha dançado na inauguração da cidade. No grande espetáculo de inauguração, fui uma das bailarinas, dancei em cima do Congresso. Eu tinha 21 anos e assisti toda a festa.

03 – Eu tive residência aqui por 47 anos, mas nesse tempo de Brasília, estivemos no exílio durante 10 anos, depois que o Cláudio morreu, eu trabalhei por 2 anos na Alemanha e 8 meses nos Estados Unidos, mas sempre continuando com a residência aqui, menos no período do exílio porque nosso apartamento foi invadido e perdemos tudo.

04 – Conheci o Cláudio em 1962 quando ele trouxe a companhia em que eu estava trabalhando para dançar em Brasília. Éramos três casais e eu era uma das moças, dançávamos um balé de autoria dele. Em 1963, quando casamos e viemos pra cá, primeiro passamos 6 meses no exterior, a serviço do Ministério de Relações de Exteriores e da universidade, porque estava em fase de implantação do Departamento e o Cláudio foi pra conseguir apoio, doações. Nesses 6 meses, de maio a novembro, que ficamos fora em 1963, estivemos em vários países da Europa e conseguimos doações de instrumentos, de partituras, de gravações, nós fomos a várias instituições pelo mundo conseguir doações para o Departamento de Música. Então, eu me instalei mesmo em Brasília em fins de 63 quando voltamos dessa viagem. Tivemos o período de preparação do departamento e em 64 aconteceu a Revolução. Além do Departamento de Música, que estava em construção naquela época, foi nomeado Secretário de Educação e Cultura, Pompeu de Souza que também era prof. da universidade e convidou o Cláudio para ser o diretor do serviço extraescolar da Prefeitura. A ideia era fazer um projeto de escola de dança e de música nas cidades e para isso foi feito um concurso público na área de dança e de música e esse concurso se realizou exatamente no dia da Revolução. Os artistas de fora da cidade não puderam vir por que os aeroportos estavam fechados. Assim o pessoal da dança não veio, duas pessoas de Brasília fizeram, mas não passaram, de música já havia alguns na cidade, porque naquela época Brasília só tinha escolas públicas e tinha algumas pessoas de música e o Cláudio aprovou uma meia dúzia de músicos que foram professores do Elefante Branco e que depois constituíram o núcleo da Escola de Música, com o tempo. Bem, obviamente com a Revolução, Pompeu e Cláudio saíram e o projeto passou para a Universidade e trocaram o Reitor, saiu o Anísio Teixeira e entrou Zeferino Vaz que foi quem construiu a universidade de Campinas e que deu muito impulso à universidade, ao Departamento de Música ele deu muita força e foi aí que a gente conseguiu a contratação dos músicos para virem formar os professores para o Departamento, até então só havia o Cláudio que tinha um título extraordinário que o Darcy tinha dado, ele era coordenador para os assuntos musicais da Universidade de Brasília. Os coordenadores coordenavam os Institutos Centrais e o Departamento de Música fica, obviamente, dentro de Instituto Central de Artes. O título foi dado ao Cláudio mas não era, digamos assim, um título normal na universidade. Na gestão do Zeferino Vaz o Departamento começou a ser montado, fundamos uma orquestra de câmara, fizemos um conjunto experimental. No período de 1 ano, tivemos essa orquestra de câmara que dava concerto, todos os sábados a cidade se reunia para assistir no auditório de música. Era muito bonito por que o auditório é muito pequeno, mas tem aquelas portas que se abriam para o jardim e todos se sentavam lá, na grama, em volta e ficavam ouvindo. Os professores interrompiam a aula com uma hora de antecedência para garantirem o lugar no concerto e vinha muita gente da cidade para o concerto. Tínhamos um conjunto de músicas antigas com instrumentos doados pela Alemanha, um conjunto de

música instrumental com compositores que colocavam liquidificadores tocando, as coisas mais loucas que você possa imaginar na época, era uma coisa muito ativa. Naquela época qualquer visita oficial de autoridades no Brasil era um quarteto de cordas da universidade que tocava na recepção. Sempre tinha um momento cultural de alto nível, era uma coisa muito respeitada, mas infelizmente os militares continuaram fazendo pressão, tiraram o Zeferino Vaz e puseram um que era totalmente manipulado, bebia e aparecia bêbado nas reuniões de coordenadores e dizia que ele era a universidade, ele não ficou muito tempo, não me lembro o nome dele. A universidade estava disparada, tínhamos alunos de física que queria estudar violão, mas o Cláudio só deixava estudar instrumento depois de passar dois semestres estudando teoria musical. Eles aceitavam passar os dois semestres, sem ganhar os créditos, para depois pegar o instrumento e aí ter créditos. Eram muitos movimentos artísticos na cidade, nós tínhamos festivais de cinema com filmes do exterior, muita coisa. Na nossa área tinha muitas pesquisas internacionais de alto nível por que o pessoal que estava aqui era muito bom. Com a crise da universidade, o que os professores reivindicavam com os militares é que se eles quisessem processar alguém por ideias políticas que o fizessem, mas não dispensar alegando incapacidade ou coisas desse gênero sem que houvesse um processo formal. Foi uma época muito difícil por que esses coordenadores tinham um prestígio imenso na universidade eram o miolo do sanduíche, debaixo a pressão dos estudantes, encima a pressão dos militares e a gente aguentando tudo para evitar que a universidade estourasse. Cláudio tinha um ensaio num departamento, a gente ia pra casa almoçar, o cel. chefe do batalhão presidencial telefonava e repetia tudo que o Cláudio tinha dito no ensaio, até os palavrões. Eles tinham informantes de tudo, a gente fez um concerto de música polonesa e fomos chamados no batalhão para explicar por que e o Cláudio falou que se ele não pudesse tocar Chopin, Tchaicovsky, avisa logo. Eu me lembro que a gente saiu com Salmeron que era o coordenador de toda a ciência e ele disse ao Cláudio que a universidade tinha acabado onde estava a independência da universidade. Ao mesmo tempo se a gente fazia um concerto de música americana eram os estudantes que faziam onda, o clima era muito pesado. Até que chegou em novembro e teve a grande crise. Eu me lembro como se fosse hoje, a gente chegando em casa, o Cláudio ligando o rádio e ouvindo sobre a demissão de 15 professores, inclusive o Pompeu de Sousa, alguns coordenadores. “A senhora também trabalhava na universidade?” Não, eu acompanhava pelo seguinte, quando a universidade começou, é uma coisa que a gente sente até hoje, eu acho, o 2º e o 3º escalão eram horríveis, eu não permitia que saísse um memorando do Cláudio sem que eu lesse, por que os erros de português eram terríveis e eu não queria que saísse coisas ruins. Então, eu era aluna do departamento e 24h por dia atenta, era eu quem batia, à máquina, toda a programação, escrevia os memorandos, como eu era concertista também e estava na área, eu acompanhava tudo. Bem, os coordenadores se reuniram e disseram que não aceitavam aquela demissão e todos pediram pra sair, os professores disseram que não aceitavam outros coordenadores e os alunos se reuniram e disseram que também não aceitavam nem outros coordenador e nem outros professores. Foi uma grande crise, mais de 200 professores pediram demissão da universidade e os grandes cientista que tinham vindo do exterior, voltaram para suas origens, o sonho estava destruído. Foi muito engraçado que nunca se perdeu o cordão umbilical com Brasília porque esse sonho marcou muito, era um filho da gente. A universidade praticamente parou, um farmacêutico de Goiânia veio dar aula, aluno de 4º semestre de medicina assumiu a coordenação de departamento, foi uma loucura. Foram muitos anos para a universidade começar a se recuperar, isso aconteceu junto com o desenvolvimento da cidade, mas o espírito, a metodologia da universidade é completamente diferente hoje em dia. A turma que veio depois interpretou inclusive errada a concepção dos primeiros formadores.

05 – Era maravilhoso por que todo mundo, pelo menos no nível intelectual que a gente circulava, se conhecia, quando a gente passava na rua as pessoas chamavam pelo nome e oferecia carona, todo mundo se conhecia e se frequentava. Tínhamos menos lazer, só tinha uma boate, o Hotel Nacional, lugar que você podia ir jantar e dançar, o Brasília Palace logo queimou. Então, a vida era muito de você ir à casa de um outro professor e falar, conversar sobre coisas que realmente eram interessantes. A cultura era muito produtiva, dentro daquele espírito da universidade, a gente tem que lembrar que a maioria daqueles coordenadores e professores que vieram pra cá tinham uma vivência europeia ou americana. O Salmeron, por exemplo, da física nos contou que ele aceitou o convite da universidade quando ele soube que Cláudio já estava aqui, ele ainda não o conhecia, mas ele disse que pensou, se o Santoro já está lá a coisa é séria e veio. Esse pessoal estava acostumado a frequentar o concertos, a visitar museus, a ler livros, eram pessoas intelectuais e o relacionamento com elas era extremamente satisfatório, enriquecedor, foi uma chance de você conhecer grande personagens da cultura brasileira em outras áreas. A UnB agregou muita cultura e oferecia isso à Brasília. O número de jovens aqui era muito grande, nós tínhamos alunos de música com 4 anos de idade, nós tínhamos três turmas de iniciação musical experimentais para três métodos diferentes para depois fazer a opção. Tínhamos alunos do 2º grau, o aluno entrava no departamento e poderia sair de lá com o mestrado, com a mesma linha de pesquisa, era uma coisa fabulosa.

A primeira ocupação profissional foi como professora de dança, enquanto eu esperava a criação da faculdade de dança. Eu consegui uma sala na W3 e dava aula de balé lá.

A moradia para o Cláudio, no princípio, foi difícil por que a cidade estava em construção e os professores que vinham tinham que esperar terminar o apartamento em que eles iam morar. Cláudio morou inicialmente onde hoje é o Centro de Dança de Brasília, ele ficou lá até o apartamento da 305 ficar pronto, isso ocorreu pouco antes de nos casarmos, em 1963.

05 – Na época, a gente achava tudo flores, não existia sinal de trânsito em Brasília, tudo fazia parte de um sonho maravilhoso, todos se conheciam, era super seguro. Ao longo do Regime Militar eu estava no exterior, voltamos no início de 1968 e tudo que tentávamos fazer não dava certo.

Eu não senti muito, a gente estava envolvida pelos sonhos.

Os serviços eram precários, não havia um supermercado na cidade, para comprar qualquer coisa tínhamos que ir à Cidade Livre.

A convivência era muito boa, todos se ajudavam, ofereciam carona.

06 – Sim, pela vivência, por tudo de cultura, de extraordinário que foi o princípio dessa cidade e que justificou, desde a ideia de Juscelino de construir Brasília, de Darcy e todos os outros que junto com ele construíram essa universidade.

07 – Brasília inchou, não era uma cidade concebida para isso, era para ter uma elite intelectual e administrativa e, que por motivos políticos, foram fazendo esses bolsões de miséria em volta, destruindo as vilas agrárias que existiam e viraram condomínios, a especulação imobiliária é enorme e os imóveis ficaram muito caros e afastaram as pessoas, as classes sociais se distanciaram. O trânsito ficou insuportável, os serviços sociais não dão conta mais da população. O Hospital de Base era considerado um dos melhores hospitais da América Latina na época por que o pessoal que veio para trabalhar era de alto nível.

O que nós temos de melhor é a natureza que rodeia o Plano e a paz que isso proporciona.

08 – A locomoção desde o início foi muito difícil. Essa história de cabeça, tronco e rodas vem desde o início da cidade. No meu entender, eu não sou uma especialista, mas eu acho que o tipo, o formato da cidade não é propício ao transporte coletivo a não ser que se tivessem pensado no metrô desde a origem da cidade, que ligasse todo o eixo e em cada quadra um ônibus que fosse das 600 às 300. Assim não teria problema, em dois minutos se atravessaria a cidade. É muito utópico construir uma superquadra com um comércio que seja para servir somente aos moradores da quadra e por isso ela não tem estacionamento e deveria ter a frente voltada para as quadras. A ideia era construir mini cidades que deveriam se prover. Isso não se concretizou e a comercial das quadras é muito pequena, não tem estacionamento suficiente e, de repente, uma rede pega várias lojas e aumenta, em muito o movimento da quadra. O pensamento de Lúcio Costa era muito lindo e funcionou muito bem no princípio, óbvio que funcionou porque havia poucas pessoas, a Asa Norte não existia. O próprio traçado da cidade gera essa dificuldade de locomoção, para você chegar onde quer é preciso dar muitas voltas, as quadras são fechadas de 4 em 4 porque era para a cada 4 quadras ser uma mini cidade, com escola, clube de vizinhança, comércio, ter tudo e só quem morasse nela ou fosse visitar é que iria até ela, não ocorreria esse tráfego alucinado.

09 – Havia muitos escritores na cidade e muitas representações de estados, como a Casa do Ceará. Frequentava-se muito as casas uns dos outros para ouvir música, discutir leituras, havia grande movimento intelectual e literário. Brasília era uma cidade propícia para a produção intelectual por que não se tinha muita distração. Eram poucos cinemas, televisão era muito insipiente, os concertos da universidade ficavam super lotados.

Hoje, precisa melhorar muito, houve muitos que vieram por que aqui não tinha nada e onde não tem nada qualquer coisa serve. O grande problema de Brasília, no meu entender, principalmente agora, cristalizou-se com o tempo, é que é uma cidade em que as pessoas se aproximam muito do poder. No Rio de Janeiro, uma cidade grande, as pessoas não conheciam os políticos importantes da cidade, isso não era uma coisa do dia-a-dia, a vida seguia e os políticos estavam lá. Em Brasília, fulano vai à Academia de Tênis e encontra com o Lula, vai ao cabeleireiro e tá Dona Marisa, o que acontece, as pessoas começam a se conhecer e daqui a pouco é padrinho do filho e isso passou a ser currículo, é a história do QI- quem indica, esse é o grande problema da cidade. Aqui tudo gira em torno da parte política da cidade, o que não acontecia no Rio, a gente não sentia isso no Rio enquanto era capital e sente aqui. As pessoas, o tempo todo ficam 'puxando o saco, visitando e dando um jeito de está perto, isso acresce mais ainda com as Embaixadas que também eram muito pulverizadas no Rio e aqui estão muito próximas. O que o pessoal das Embaixadas faz, já que a cidade, principalmente no início, não tinha uma grande vida cultural, um negócio de mil recepções, mil convitinhos, e o pessoal fica circulando naquele meio e quem tem uma posição pública é convidado e vão ocorrendo contatos que não são baseados no que a pessoa pode realmente oferecer, mas se ela é protegida do deputado, ou do ministro tal ela é privilegiada e vai adquirindo posições também, inclusive na vida pública. Uma pessoa pode ser nomeada para o cargo de Secretário de Cultura sem entender nada de cultura, as decisões não são comunitárias.

10 – Você sabe aquele ditado 'ser mãe é padecer no paraíso'? Eu me sinto mais ou menos assim, eu adoro, como eu já disse pra mim e para o Cláudio era como um filho que a gente teve de abandonar, mas que nunca esqueceu. Nós tínhamos o espírito de construir o que faltava para a arte da cidade, é aquela coisa que mostra que temos como contribuir, isso me move em Brasília até hoje, se eu não fizer, muita gente não terá noção do que é e deve ser a arte e por essa razão vale a pena tudo. Eu gosto muito desse verde, dessa qualidade de vida de



Brasília, agora é uma cidade difícil por causa dessa coisa política, a gente tem que se acotovelar com o poder, as decisões não são tomadas pelo mérito dos projetos das pessoas, mas sim pelos interesses políticos, pessoais, financeiros, não interessa quais.

Eu me sinto mais feliz aqui, morei no Rio numa época muito boa, a gente ia pra praia de Copacabana com um violão e passava a madrugada toda cantando, sem o menor medo ou perigo, era uma cidade muito gostosa de se viver, foram estragando a cidade, aos poucos, superpovoada, insegurança, sujeira, não é mais o meu Rio. Em Brasília, por enquanto, a gente não sente tanto isso.

Brasília não é artificial por tudo de natureza que tem nela.

11 – Nos primeiros anos de Brasília todo mundo trabalhava para o governo acredito que não havia desemprego porque mesmo os candangos que vieram para a construção, continuavam construindo, a cidade ainda se constrói até hoje, mesmo aqui no Plano há muita construção.

12 – Sim. As senzalas seriam todas as invasões, as cidades que não têm estruturas nem vida própria. Eu acho inadmissível que perto de uma cidade planejada como essa, se tenha permitido que as pessoas vivessem sem planejamento. Deveriam ter organizado de maneira que as pessoas tivessem suas casas com jardim, uma qualidade de vida um pouco melhor. O Plano representa a casa-grande e as senzalas estão ao lado, porque mesmo as que vivem em cidades maiores, como Taguatinga, têm gente mal instalada, a gente não vê, num lugar que tem tanta terra por que as essas casas não têm área verde, o que é obrigado por lei para o Plano. Isso é qualidade de vida, mas deixam o pessoal se amontoar como bicho, constroem uma casa apertada em cima de outra e tudo gradeado, não tem quintal para as crianças brincarem, não tem um verde, era preciso ter deixado a ideia da necessidade de qualidade de vida. As pessoas se sujeitam a qualquer coisa, por isso que gente como o Roriz fez tanto sucesso, o que mais importa para a população é o instinto mais básico que vem do animal que é sua terra. Todo bicho defende seu espaço vital, sua terra e qualidade de vida pra ele não interessa e depois desse espaço estar constituído é mais difícil derrubar tudo e consertar. Nós viemos para Brasília por isso porque era tudo novo e nós íamos construir, o que a gente tentou fazer aqui se fosse na Universidade de São Paulo não iria funcionar porque lá já tinham os hábitos, os donos do poder e as sumidades que iam se sentir mal. Nesse sentido a Revolução atrapalhou muito porque para ela não interessava se o sujeito era brilhante ou não, mas se ele era Comunista ou não.

13 – A arquitetura de Brasília é especial, embora eu tenha milhões de restrições a fazer, mas é especial. Eu acho que os grandes monumentos de Brasília são grandes esculturas, não são pensados pra você viver e trabalhar neles. O teatro é uma tragédia, a acústica é péssima porque tem duas entradas laterais para os camarins, o som vai todo pra lá, isso acaba com a mágica do teatro, você acaba um concerto, um espetáculo no teatro e todos estão no palco, mexendo no cenário, nos instrumentos, falando com os artistas, não tem como você impedir. Isso é errado, nenhum teatro no mundo é assim, aquela mística, aquele mistério da coisa teatral tem que ser preservada, imagina se a Madona faz um show lá quem vai segurar a turma para não entrar, não segura. Você senta nas últimas filas do teatro você ouve todos que vão ao banheiro, dão descarga, usa a pia porque o banheiro não é fechado. Os camarins não cabem as pessoas, já viraram até parte de administração, são todos fechados, não têm janelas. Num teatro, a parte cênica é toda preservada, ela tem que ser fechada porque ela não pode sofrer influência de fora, mas o camarim não tem nada a ver com isso. Aquele teatro funciona com luz e ar artificial que é péssimo, a sala de balé é única no mundo que tem o formato de

piano de cauda, no ensaio não dá para perceber a posição correta dos alunos, há uma ilusão de ótica e não há uma janela o que obriga a usar ar condicionado que é péssimo para a musculatura que não se mantém quente. Lá dentro tudo é errado por que o Niemeyer é gênio e não consulta as pessoas que entendem do assunto. Nos ministérios são necessários três aparelhos de ar condicionado porque pega o sol na nascente e no poente e ninguém aguenta o calor. Dizem que no Palácio da Alvorada quando se cozinha todo o Palácio fica cheirando a cozinha. Todos os prédios que você for ver, a grande maioria, o novo Museu, aquele redondo, a primeira chuva que deu inundou todo, entrava água em cachoeira, tudo é assim na cidade. É lindo para você ver e foi uma das coisas que entusiasmou a gente no princípio quando a gente chegava naquela cidade com aquelas formas maravilhosas, aquela amplidão de horizontes, Brasília pra mim é céu, eu não aguento mais cidade grande por causa disso você não tem isso, aqui a gente está vendo sempre o céu. Na cidade não se permite reparos, mudanças e há muita coisa que não funciona, arquitetura não é isso pra mim, primeiro ela tem que ser funcional e depois você enfeita. O Cláudio dizia que Niemeyer tinha complexo de tatu, tudo era subterrâneo. Eu entenderia isso no Rio de Janeiro que não tem um centímetro de terra, mas Brasília que tem uma luminosidade fora do comum, espaços abertos e você não aproveitar isso na arquitetura é um desperdício, se você pudesse dançar olhando para o verde seria muito melhor que estar sempre embaixo da terra precisando de ar condicionado e luz artificial, é ruim para a saúde, gasta energia sem necessidade e o mundo precisando de mais energia, é pouco inteligente.

Acho que atualmente não, na minha época influenciava. Penso que as pessoas se acostumam com tudo e nem olham mais, quem visita é o turista, a gente que mora aqui não vai.

14 – Não, os brasileiros em geral são muito cordiais e o pessoal de Brasília também.

15 – Acho que se vive bem em Brasília. O pior é o trânsito, a qualidade dos serviços essenciais providos pelo governo, (hospitais, escolas) pioraram muito, eu acho. Melhor é que se tem uma oferta maior de coisas que não se tinha no princípio, mais lazer, uma qualidade de vida melhor.

16 – Penso que sim, ele se colocou num nível internacional, não só no Brasil. Ele fez o que nunca ninguém tinha tido coragem de fazer. A única coisa que eu acho errado na evolução da construção de Brasília é que eles não pensaram na estrada de ferro. A ideia de Brasília também foi uma tentativa do Juscelino, do Brasil e da época, de trazer as montadoras para o país. Ter optado pelas estradas de rodagem e não pela estrada de ferro foi um erro, porque você leva mais quantidade de coisas e mais barato de trem que de caminhão, a estrada de ferro é mais barata, menos poluente e mais segura. E nós tínhamos boas estradas de ferro e isso foi um pouco abandonado e deveria ter sido feito.

17 – Um pouco, as pessoas se apoiam no poder e a coisa fica muito limitada, fica-se dependente da vontade do governo porque não tem produtores com força suficiente porque o negócio é o seguinte muitos produtores de outros estados já me disseram que eles não gostam de vir para Brasília a não ser por prestígio em determinados momentos políticos porque aqui acontece o que não ocorre em outros lugares. Quando eles chegam, se é um espetáculo de nome muita gente pede ingresso, são muitos convidados e os lugares a venda ficam muito caros. Há outra coisa que eu critico no projeto de Niemeyer para o Teatro Nacional, numa cidade que não tem nada você precisa construir pensando no máximo de aproveitamento de seu projeto. Então o teatro deveria poder abrigar uma peça, uma orquestra sinfônica, um



espetáculo de balé, uma conferência, ele tem que ser polivalente porque você não tem outro espaço. O nosso teatro é feito para a elite, não tem balcões, plateias e galerias. Assim mais pessoas teriam acesso ao bem cultural, iriam de acordo com suas possibilidades econômicas. O nosso teatro é pequeno, só tem uma plateia, não se pode cobrar preços diferenciados, o teatro não foi feito para o povo. O poder influencia até nisso, com um teatro pequeno, distribui-se entradas para autoridades, que são muitas e, às vezes, não comparecem e ficam lugares vazios, fato que não transparece a realidade.

Há algo importante que os brasileiros não entendem, não existe arte de elite, existem meios de você acessar a arte, se você vai a um teatro na Europa, tem lugares diferenciados para quem quer pagar, mas todos podem ir ao teatro, porque o teatro deve ser consumido pela população em geral.

18 – A minha sorte foi que eu não vi. Fui para o exílio e quando voltei, 10 anos depois, a ditadura estava mais amena. De certa forma foi muito bom para meus filhos, eles tiveram uma educação diferenciada, muito boa. A volta foi complicada porque Cláudio foi reintegrado à Universidade, mas tudo estava muito diferente, tinha muito menos alunos, os professores faziam milhões de outras coisas, tinha lojas, editoras, davam concertos em outras cidade, não se dedicavam à arte como antes.

19 – Não

20 – Neusa França, Flávia Iza.

### **15) GLÊNIO ALVES BIANCHETTI – 31/03/2010**

01 – Glênio Alves Bianchetti, vim de Porto Alegre- RS

02 – Cheguei a Brasília em 1962, aos 24 anos de idade, só inicialmente.

03 – Na entrevista a esposa, Ailema, respondeu juntamente com Bianchetti. Ficamos encantados na época. Eu não fazia ideia do que fosse Brasília, pra mim era um monte de palácios, no meio do mato, cercado de índios por todos os lados, mas não era nada disso. Quando eu cheguei, fiquei encantado por que tinha um 'elã' muito grande. Na chegada, observei um grande canteiro de obras, era uma coisa dantesca, não se olhava para algum lugar que não tivesse uma terraplanagem, uma construção. Foi muito satisfatório por que a gente acreditava num Brasil novo e a universidade oferecia muita coisa naquela época.

04 – Vim para trabalhar na universidade, fui convidado por Darcy Ribeiro. “Eram casados nesta época?” Já e tínhamos 6 filhos. Em Porto Alegre, eu era diretor do Museu de Artes e aqui vim para trabalhar no Departamento de Artes da UnB.

A universidade oferecia apartamentos, mas a procura era maior que a oferta e as pessoas disputavam a moradia, nem todos os prédios da universidade estavam prontos. Eu tive de esperar 2 meses pelo apartamento e para que minha família viesse para Brasília. Naquela época, 2 meses era muito por que havia muita pressa para tudo. Não havia sala de aula na UnB e as primeiras aulas que eu dei foram no cerrado, com o pessoal sentado embaixo de árvores e as máquinas trabalhando na construção em volta, era uma loucura mesmo, mas era

bom. Nós acreditávamos no que fazíamos. “A senhora parece que ficou bastante animada com a chegada.” Não foi tanto por que eu com 6 crianças pequenas, para ele era muito mais fácil, ele ia para a UnB. Lá eles tinham reuniões de manhã, de tarde e a noite e eu ficava no apartamento provisório onde ficamos por 2 meses, e se eu precisasse sair tinha que levar todos, o mais velho tinha 8 anos e a menor tinha 1 ano. Era complicado. Glênio interrompeu: para Ailema a vida em Brasília sempre foi muito difícil e ela é mais brasiliense do que eu.

05 – É preciso começar pelo que representava Brasília naquela época, era um Brasil novo, um admirável mundo novo, significava para a época a elite do pensamento brasileiro, todos os dias chegavam pessoas de alto nível, que a gente conhecia, ouvia falar, eram pessoas assim espetaculares e que iam fazer, era uma época de euforia.

Na época da Revolução Militar muito já existia e as obras continuaram.

Em se tratando de política eu acho que isso não era novidade, mas não havia tanto, apesar de que não se divulgava, se falasse era preso. A gente ouvia falar sobre corrupção, mas não tinha como comprovar nada, existia o Regime Militar e o povo.

Os serviços não eram muito bons, tudo meio precário, as compras eram difíceis e longe e nós não tínhamos carro. Empregada doméstica não se conseguia e quando conseguia eram pessoas muito primárias, que nunca tinham andado de elevador, por exemplo, tinha muita coisa que era difícil. As escolas eram maravilhosas, todos estudaram em escola pública que era modelo para todo o Brasil. Os hospitais também eram bons, a gente tinha um atendimento muito bom no Hospital de Base. Esse hospital já atendia a todos que rodeavam Brasília apesar de ter sido criado com outras ideias, mas logo ficou superlotado.

Era incrível como havia solidariedade no início de Brasília, bastava alguém ficar parado que quando passava um carro, o motorista parava e perguntava pra onde ele queria ir e davam carona para qualquer sentido. Era impressionante, mas à medida que a cidade cresceu isso foi diminuindo. Apesar de que eu acho que até hoje ainda existe muita solidariedade entre o povo em Brasília, não sei se por que as famílias geralmente ficaram fora e aqui as pessoas se apegaram umas as outras e isso eu acho que contribuiu muito para a solidariedade. “E o sr. com relação aos companheiros de trabalho?” Antigamente tinha um grupo de professores na UnB com um outro espírito, completamente diferente. O relacionamento era fraterno, era uma coisa muito boa. Ailema falou que na época do Regime Militar houve vários amigos deles que deixaram de frequentar sua casa porque o Glênio tinha sido preso com os professores da UnB. Essa coisa atrapalhou muito a vida de Brasília, foi um período em que todos tinham muito receio, sentiam-se inseguros. Glênio pensa que o Regime não alterou muito nesse ponto, mas na UnB todos foram muito perseguidos, eles queriam acabar com a universidade, atacavam vários setores que eram decisivos na educação brasileira.

06 – Foi o profissional. Eu me sinto parte por que moro aqui e torço para que isso aqui dê certo. “O sr. acha que Brasília ainda não deu certo?” Acho que ainda falta muito. Falta aquele 'elã', aquela vontade de fazer um Brasil novo, educado, culto, rico culturalmente.

07 – Eu acho que Brasília mais perdeu que ganhou. Na avalanche de gente que vinha de fora havia um certo oportunismo na procura de emprego. Isso aqui não era um eldorado, mas muita gente veio com essa ideia, no entanto, Brasília era outra coisa. Isso veio deteriorando, quer dizer, trazendo as mazelas de todos os estados. Ailema diz que a política e o povo de Brasília são duas coisas diferentes, quando a gente viaja as pessoas dizem 'é da terra da corrupção, da terra do não sei o que ... isso é muito chato, o povo não tem nada a ver com a política'. Existe um preconceito com relação aos moradores de Brasília. A cidade pode ganhar

ainda porque se a gente conseguir se livrar das perdas abre-se um caminho para um ambiente como era antigamente, Brasília só tem a ganhar. A cidade já tem algumas coisas boas: o Teatro Nacional, o Centro Cultural Banco do Brasil é de grande qualidade. Glênio diz que isso é a vida cultural que toda cidade merece, mas ainda é preciso aprimorar.

08 – Eu acho que é preciso um plano voltado para o transporte de Brasília. Não existe nenhuma preocupação com as cidades-satélites no sentido de integração, é preciso criar facilidade maior para que o povo se locomova. Ailema disse: hoje em dia, o estacionamento em Brasília está complicado, se houvesse um bom sistema de transporte não precisava de tanto carro na rua. Antigamente na W3 havia estacionamentos, um governador terminou com eles, fez um calçadão no meio e com isso o comércio acabou. Muitas coisas foram mexidas no plano inicial de Brasília e atrapalhou.

09 – Não era nenhuma maravilha, mas estava sendo encaminhada muito bem. Havia muita gente ligada à literatura, à pintura, a todas as artes. Era um começo, mas era muito bom. Depois, as pessoas foram embora, desmotivadas. Veio pra cá também um tipo de gente meio esquisita, que não se preocupa com a cultura, só se preocupam com o bem estar deles, eu acho que isso criou na cidade um padrão de cultura medíocre abominável. Ailema disse: agora me lembrei da Concha Acústica que era uma coisa muito bonita na cidade e que agora está abandonada. Glênio disse: quando eu ainda estava na UnB, aos sábados, ao meio dia havia a apresentação de um concerto de alto nível, ao ar livre, próximo ao Instituto de Música, aberto ao público em geral. Esse concerto era financiado pelos professores e quem tocava eram orquestras convidadas. Não se cobrava nada de ninguém, isso é fazer cultura. A minha esperança são os jovens para que a cultura ressurgja. Para melhorar é preciso que os governantes consigam mais patrocínios, sem dinheiro a cultura não pode melhorar. Em Brasília há museus sem acervos e bibliotecas sem livros.

10 – Eu não troco Brasília por lugar nenhum, nós gostamos de viajar, mas para morar, aqui é ótimo. Em Brasília há muito conforto, somos muito bem servidos na gastronomia e etc. Tudo isso não é pensado para o povo que recebe somente 'os restos', mas é feito para os políticos. Na cultura é a mesma coisa, não existe nada para o povo, tudo gira em torno dos políticos. Ailema disse: eu me sinto mais feliz em Brasília. Glênio: há vários aspectos, a gente gosta muito mais do clima daqui e também a cidade favoreceu na educação dos filhos por que as escolas eram de qualidade.

Eles não acham Brasília uma cidade artificial.

11 – Havia muito emprego porque era uma cidade em construção. (Ailema) pagavam bem porque acho que as pessoas ficavam com medo de vir para Brasília, os salários eram muito bons.

12 – Esse projeto de Lúcio Costa nunca figurou, era muito bonito no papel, mas não funcionou na realidade. (Ailema) Bem no começo até que era mais ou menos, os parlamentares e os motoristas moravam no mesmo edifício, mas em seguida os subalternos foram expulsos pelos políticos. O que ocorreu foi uma ganância natural do ser humano. casa-grande e senzala ainda existe em Brasília, o espírito parece o mesmo, os pobres são todos jogados pra fora.

13 – Para quem vive aqui acho que ela já é normal, mas para quem é de fora de Brasília ela é

diferente. Quem chega na cidade e começa a passear acha que os edifícios são iguais e se encanta com a Praça dos Três Poderes porque a arquitetura é diferente. A arquitetura chama muito a atenção das pessoas.

Penso que a arquitetura interfere no plano estético porque as pessoas que moram aqui acabam, de uma maneira ou de outra, educando-se com essa arquitetura e passam a exigir, em outros lugares, a melhoria dos padrões arquitetônicos. Eu penso que aqui há também muito lixo de arquitetura. “Qual seria a boa arquitetura em Brasília?” Boas são aquelas que têm um fundamento, as que têm um padrão. Há muitos arquitetos ruins aqui, há prédios de consumo, sem preocupação arquitetônica.

Eu não gosto de tudo que o Niemeyer faz, agora tem coisas geniais. O Oscar é na realidade o único arquiteto de exportação nosso, é um nome internacional e a gente pode não gostar do que ele faz, mas ele representa o Brasil. Ele resolve muito bem o problema de espaço, agora a parte de delimitação, às vezes, ele é meio deficiente, ele se esquece que Brasília tem muita luz. Não chega a ser uma crítica, mas é algo que a gente percebe.

14 – Nesse caso pesa muita a educação da família, as pessoas não são diferentes por morarem em Brasília.

15 – Não temos queixas. O transporte é meio complicado porque Brasília não é bem servida pelo transporte coletivo. A tranquilidade de Brasília é um ponto positivo e, muitas vezes, vive-se perto de tudo que se precisa. (Glênio) Eu lastimo muito a falta de reação do povo com relação à política, cada um só pensa em si e não na coletividade. Os políticos denigrem o nome da cidade.

16 – Foi, porque ele era um visionário. (Ailema) Juscelino criou uma alegria, uma esperança no povo e isso foi muito bonito. (Glênio) Eu não vejo Brasília sem essa alegria, sem isso não adianta não.

17 – Eu colocaria aí as conveniências de cada artista porque a criação depende de cada um. Por exemplo, eu nunca pensei no poder, nunca influenciou nem contra nem a favor. A produção precisa estar isenta de qualquer ligação com o poder. Há artista que vive do trivial, da aparência e são muito influenciados, são as pinturas que estão na moda.

18 – Eu tive que sair da UnB e passei 20 anos sem emprego, praticamente, vivendo daquilo que eu fazia. Se não fosse a Ailema me dá força eu não teria pedido demissão junto com meus colegas da UnB. Em 1964 eu fui preso porque tinha sido um dos primeiros professores convidados pelo Darcy Ribeiro que era uma pessoa muito visada na época. Eu fui reintegrado à UnB, mas eu não consegui me adaptar bem à nova realidade da universidade. Fiquei 2 anos, completei meu tempo e pedi a aposentadoria.

19 – Acho que você falou sobre tudo. Quem sabe rezar para que tudo dê certo para você.

20 – Luís Humberto, ex-professor da UnB, e Renée Simas.

16) **HEITOR HUMBERTO DE ANDRADE** – 21/04/2010

01 – Heitor Humberto de Andrade, Salvador-BA

02 – Vim em junho de 1966, aos 29 anos de idade, vim sozinho, aventurando.

03 – Moro em Brasília há 44 anos. A chegada foi deslumbrante, era um sonho, como se eu tivesse indo para um eldorado. Do ponto de vista social, para mim, Brasília sempre foi uma tragédia. A cidade foi construída para o poder, não para o povo que era totalmente desconsiderado. Aqui era como se tivesse os judeus construindo as pirâmides do Egito, era escravidão mesmo. Eu sempre quis vir para Brasília, mas não vim por falta de coragem. Saí da Bahia em 1963 e fui para São Paulo, mas Brasília me puxava, eu vim na hora certa.

04 – A primeira ocupação foi ser livreiro no Hotel Nacional. No dia que eu cheguei estava acontecendo um congresso de escritores, eu já tinha livro publicado e na hora do intervalo eu comecei a andar e tinha um camarada montando uma livraria, era o Victor Alegria e ele me perguntou o que eu estava fazendo. Eu disse que tinha chegado naquele dia e ele perguntou o que eu fazia. Respondi que estava desempregado e não sabia o que ia fazer. Ele me falou: 'então você pegue suas coisas do hotel, venha para cá que eu vou viajar para S.Paulo e você vai ser o gerente da livraria'. Então eu fui empregado lá, na mesma hora.

Eu fui morar na livraria, tinha uma local próprio e eu fiquei mais ou menos um ano lá. Eu fechava a livraria às 3 horas da manhã, trabalhava *full time*. A livraria, o Hotel Nacional e o Victor Alegria foram as três forças que me fizeram consolidar em Brasília. Depois de um ano eu saí, trabalhar com português é muito complicado. Quando eu vim para cá eu já era publicitário, trabalhava com seguro e eu venho de origem rural, eu sou fazendeiro, o meu arquétipo é de homem do campo, eu sou, vamos dizer, um exilado do campo.

05 – Eu considero Brasília a maior realização da humanidade em termos de urbanismo. Em termos de proposta do Lúcio, do Oscar, do Athos Bulcão e, principalmente, Burle Marx que para mim foi o maior gênio da construção de Brasília. Ele foi o único homem que se preocupou com o meio ambiente, ele dizia: 'o jardim é o templo do homem, quando você está no jardim você não adocece' e para mim ele é o maior gênio do Brasil.

Se não fosse o Regime Militar, Brasília teria sido destruída pela UDN, Carlos Lacerda. Quem consolidou Brasília foi a Ditadura Militar, isso é a dialética da história, como eles tinham muita força venceram a UDN, então, Brasília é um produto militar também. Eles destruíram Juscelino, mas consolidaram a obra dele.

Desde que eu me entendo por gente sempre houve corrupção e, para mim, é tudo igual, não é mais nem menos, o Brasil sempre foi corrupto com Getúlio, com Juscelino, com os militares. Para mim corrupção é a marca registrada da política brasileira, como jornalista eu presenciei todos os tipos, a diferença é que no Regime Militar não tinha investigação, mas eles eram extremamente corruptos.

O sistema de serviço público em Brasília é péssimo, muito corrupto, autoritário e o servidor público não tem consciência de que ele é um servidor do povo. No início era o caos, principalmente, na era militar a tecnocracia era cruel. Brasília, do ponto de vista funcional, é uma cidade eminentemente nazista, fascista. O funcionário público entra para trabalhar nos Ministérios ou no Itamaraty e é uma pompa, um descaso com as pessoas, a não ser que se faça parte da elite, mas o povo é lixo para o serviço público. Daí a miséria que existe, caso os funcionários públicos tivessem consciência política, Brasília não tinha tanta miséria, eu vejo assim.

Havia muita solidariedade, era muito interessante. No início, Brasília era uma coisa inacreditável, todo mundo buscando, um apoiando o outro, era muito bonito aquele período. Eu não sou saudosista e, hoje, acho minha convivência em Brasília maravilhosa, houve muita

modificação, mas é a melhor cidade para se viver no mundo. Eu conheço outros países, mas acho aqui o sistema de convivência, fora do poder, muito bom.

06 – Sim, eu sempre estive enjogado, minha alma é Brasília, eu não sei viver fora. Desde o início, nas discussões na minha família, eles eram todos da UDN, contra Brasília, mas eu sentia diferente e fui o único a vir pra cá os outros ficaram no Norte criando boi. Mais tarde vieram algumas pessoas da minha família.

07 – A cidade se consolidou como um projeto arquitetônico, mas cometemos crimes enormes, como a construção de Águas Claras. Eu considero o maior crime urbanístico do Séc. XX, em pouco tempo se construiu uma cidade encima de um lençol freático, ali foi onde Brasília mostrou a sua cara. Onde está Águas Claras e Vicente Pires é lençol freático e podemos vir a sentir a falta de água por causa disso. O Plano Piloto, bem ou mal, está bem preservado.

08 – Sim, nisso o Lúcio não foi muito feliz porque como Juscelino estava tirando as ferrovias para as indústrias automobilísticas, cometeram esse crime de privilegiar o automóvel e não os trens. Mas o Lúcio tinha que favorecer, Juscelino que era um agente da indústria automobilística mundial, então, o sistema viário de Brasília, desculpe, é uma 'merda' e vai ser resolvido com o VLT como ocorre na Europa.

09 – Era bem mais interessante que hoje. Os artistas, os escritores eram mais livres, hoje é tudo muito burocrático, tudo concurso, tudo mutreta de marketing de editora. Sinto que está vindo uma onda nova, mas eu acho que tivemos uma grande decadência. Era muito interessante no início, os poetas, Afonso Romano, Alan, era um grupo, depois ficou muito burocrático.

10 – Viver em Brasília é um exercício de genialidade porque quem está no poder, os burocratas, são psicopatas, sabendo que eles são uns pobres coitados, um cara desses morreu. Quem está no Itamaraty ou em outra função pública, são uns 'coitados', mas ganham bem e eles acham que a cocaína do conforto vai resolver o problema deles, compram carros bonitos, vão para a Europa, cheiram cocaína, mas não têm o essencial que é a liberdade. O burocrata não tem liberdade por que ele está num sistema fascista.

Eu vim de Salvador, uma cidade barroca, antiga, de uma poética fantástica. Brasília, pra mim, é abertura, não tem igreja, tem movimentos surrealistas de religião, a Catedral é surrealista e nem era para ser igreja deveria ser um templo ecumênico, mas o Império Romano impôs ao Presidente Costa e Silva e ele se submeteu.

Brasília não me parece artificial, para mim ela é uma obra de arte e, vamos dizer, eu vejo Brasília como um atelier, uma obra inacabada. Toda cidade é artificial porque é um artifício, o certo é morar no campo, quem está numa fazenda está certo.

11 – Era uma aventura por que a cidade estava muito aberta, precisava de gente e as pessoas não tinham problema de trabalho.

12 – Não é bem assim, o igualitário foi uma idiotice ideológica do Lúcio, não tem nada de igualitário, nada é igual. A incompetência do Brasil para resolver seu problema demográfico vem desde o início e todas as cidades brasileiras são ruins por isso. Belo Horizonte, Goiânia, São Paulo, a única cidade mais ou menos resolvida no Brasil é Curitiba que é uma cidade de arquitetos geniais, o resto não vale nada a não ser as cidades tombadas: Ouro Preto, Diamantina que são cidades poéticas, maravilhosas. Casa-grande e senzala não se aplica em



Brasília por que isso é a poética da colonização.

13 – A arquitetura de Brasília é especial, todo dia eu me deslumbro com tudo isso. A arquitetura interfere muito na vivência das pessoas. O povo pobre, da periferia, ajoelha-se, é como Roma, ele não tem nada a ver com os Ministérios, as pessoas se orgulham da cidade, o que prejudica é a visão ética dos políticos de que aqui é a cidade dos corruptos. Ninguém fala mal da cidade, fala mal dos políticos, o que encanta os turistas aqui é o visual. Você imagina fazer uma cidade que não tem referência no mundo, não existe nada igual a Brasília e isso é um negócio de louco, quem já viajou sabe disso. A cidade que mais se aproxima é Sidney, na Austrália, mas não é a mesma coisa, o prédio do Congresso, aquele disco voador ali, é um negócio assombroso.

14 – É completamente diferente, Brasília é uma cidade cosmopolita por natureza, ninguém está preocupado um com o outro, as pessoas são indiferentes no sentido de que cada um pode andar como quiser e isso é fantástico.

15 – Quem tem dinheiro vive muito bem, mas quem não tem está mal. Brasília é uma cidade para quem tem dinheiro, agora acontece uma coisa interessante na periferia. Na Ceilândia, hoje, tem IESB, Campus Olímpico, tem tudo lá e estão construindo prédios maravilhosos, tem muito dinheiro lá. O pedreiro, o mecânico e outros ganham dinheiro no Plano e vão para a periferia, lá não têm muito onde gastar, há muito dinheiro na periferia, por incrível que pareça.

O transporte em Brasília é o pior transporte do mundo, é um cartel, os piores ônibus, a infelicidade da cidade é o sistema viário falido. O que tem de melhor é a coragem do povo brasileiro construir essa cidade, foi uma coisa inacreditável, Brasília virar Patrimônio da Humanidade e ser a maior representação diplomática do mundo.

16 – Eu acho que Juscelino é um dos maiores estadistas do mundo e ao falar em Brasília, em qualquer lugar do mundo, associa-se a ele.

17 – Se a pessoa estiver ligada a funcionário público ela está liquidada. O Estado destrói a credibilidade, mas os artistas marginais são geniais, aqueles que não estão dentro do sistema, os que ganham dinheiro sem apoio. São muitos assim, mas eles são como se não existissem. Não temos mídia, somente dois jornais vagabundos, o povo de Brasília não conhece seus artistas e temos gente muito boa.

Podemos tratar aqui sobre a UnB. A proposta foi genial, a partir daí tornou-se uma coisa extremamente contraditória. Quando Azevedo, reitor, trouxe grandes sumidades para a Universidade e deu uma dignidade acadêmica, trouxe um dos maiores biólogos do mundo, o René Dubos veio e fez três seminários em Brasília, ele era meio pessimista em relação à cidade. Hoje, não tem criatividade nem visibilidade nacional, para mim a UnB hoje é um lixo, desde Cristóvão pra cá. Ela ainda gera cultura porque tem grandes professores, tem um espaço maravilhoso, mas é uma Universidade fascista e outra desgraça é a competição interna, um professor destrói o outro, há uma guerra intelectual diabólica e isso é a desgraça do mundo acadêmico, as pessoas não se unem, são competitivas e com isso há ódio, inveja que é um horror.

18 – O Brasil é uma colônia americana e estamos dominados por eles, como é que vamos fazer revolução contra um império? Não confie em comunista, eu vou lhe contar uma história:

o meu chefe do partido Comunista estava hospedado comigo, em minha casa, houve uma greve de madrugada e eu fui, quando eu voltei ele estava comendo minha mulher, então nunca confie num comunista. Isso foi em 1963, então eu vendi tudo que eu tinha, peguei uma boa grana e fui morar em Campinas, cidade mais moderna do Brasil e lá foi outro mundo. Estourou a Revolução e eu estava vacinado contra o germe do Comunismo e eu dialoguei com a Ditadura, sabendo tudo que estava acontecendo. Quando saí da Bahia, deixei um livro de poesia para ser publicado pela imprensa oficial e eles queimaram o livro, toda a edição. Depois eu fui para o Rio de Janeiro e lancei outro livro e o coronel da gráfica leu e queimou de novo, tive dois livros queimados pela Revolução. O terceiro livro, eu estava aqui no Congresso como jornalista e o Petrônio Portela resolveu editar os livros de todos os jornalistas. Ele dizia que não havia censura nenhuma, agora se tivesse problema político teríamos que resolver com o SNI. O que fosse para a gráfica seria editado e eu editei meu livro pelo Senado. Nenhum livreiro quis vender o livro, diziam que eu era um poeta da Ditadura, de um Congresso submisso. Os dois livros queimados estavam juntos e o terceiro era inédito, chama *Três vezes um, a matemática do poema*. Então, minha história toda é cheia de equívocos em relação à ideologia e a movimentos políticos, é uma história secreta. Respondendo sua pergunta, antes era o sonho, a utopia, a aventura, aquele Brasil anárquico, a Ditadura foi o cartesianismo, a lógica do mundo, a organização social e por isso que Brasília foi consolidada. Eu convivi com todos os ditadores, conheci todos os coronéis do SNI, sabia dialogar com todos, só que eles me achavam muito esquisito por que eu tinha um discurso totalmente diferente. Um dia, um assessor do Delfim Neto me perguntou: 'qual é sua ideologia?' Eu disse: o marketing, eu sou um homem do mercado, pra onde ele manda eu sigo. Ele achou a resposta sônica, o cara ficou com raiva de mim, mas eu não podia fazer nada, eu dei uma resposta capitalista.

Eu tive muitos problemas com a Ditadura, o Victor Alegria foi preso e torturado e perguntavam a ele por mim, mas iam a minha ficha e não encontravam nada. Não podiam me prender, não tinham justificativas, mas eu fui muito vigiado, em todo canto que eu ia eu sentia a presença deles. Eu era casado com uma alta funcionária do MEC e quando houve o Triunvirato, a Linda foi uma das pedagogas que fez a reforma na educação e por causa dela também eu era vigiado. Bem, eu nunca fui preso, mas como jornalista fui sempre muito observado e para mim a Ditadura foi um exercício intelectual de como trabalhar com energias. O livro *A Matemática do poema* me deu grande projeção política porque foi editado pelo Congresso. Hoje, eu acho mais cruel que o governo militar porque somos dominados pelos bancos, pelo financeiro e a coisa mais cruel do mundo é uma sociedade escravizada pelo dinheiro, então eu acho pior o que vivo hoje do que vivi na Ditadura. Prefiro a Ditadura que a pseudo democracia do Capitalismo.

19 – Não

20 – Consuelo Baden, Manuel Mendes, Natarri Osório, Campos da Paz, Rossevelt Beltrão.

## 17) HENRIQUE GOULART GONZAGA JÚNIOR (GOUGON) – 29/06/2010

01 – Henrique Goulart Gonzaga Júnior, como eu faço charge desde cedo na televisão e no jornal, assinando Gougou, todo mundo acabou me chamando assim. Nasci em Uberlândia e cresci no Rio de Janeiro, onde morei até os 18 anos quando vim pra cá.



02 – Início de 1965, vim para fazer o vestibular para a Universidade de Brasília, vim só, mas meu irmão já morava aqui, uma avó e tias.

03 – Há 45 anos, eu não diria gratificante minha chegada, foi estranha, esquisita, chegando sozinho para uma terra que eu não conhecia, completamente diferente do Rio de Janeiro, não sei se poderia dizer gratificante por que foi logo de dificuldades. Não sei se vale a pena relatar é algo meio pessoal. No dia em que cheguei aqui fiquei hospedado com minha vó e fui fazer vestibular e, assim que passei fui reivindicar alojamento para estudantes junto à Federação de Estudantes da Universidade de Brasília- a FEUB, que o governo militar acabou junto com a UNE. Ficamos, eu e mais 20 estudantes com o presidente da FEUB, aguardando uma definição, se teria ou não alojamento, quando chegou um outro estudante, o Maurão, hoje é um grande médico, esqueci o nome dele, e disse: olha, acabei de passar de caminhonete ali pela região de Cristalina e está um movimento danado de garimpo de cristal, eu parei lá e fiquei horas, várias pessoas achando pedras que valiam uma fortuna e ficavam ricas da noite para o dia. Os jornais regionais daquele dia estavam realmente noticiando isso, diziam que as pessoas do comércio da W3 estavam indo pra lá e ficando ricos da noite para o dia.

O presidente da FEUB era um cidadão chamado Tadeu, ele virou e disse eu tenho uma caminhonete e a gente podia juntar aqui e irmos lá fazer uma escavação, vocês topam? Aí todo mundo gritou vamos! E a primeira noite que eu deveria dormir na Universidade estávamos na caminhonete e de madrugada chegamos em Cristalina e ficamos lá uma semana, cavando buraco e passando uma fome, mas uma fome, sem dinheiro, foi um horror. Procurávamos pedras de cristal, não achamos nada e somente uma semana depois veio a mesma caminhonete e nos resgatou, essa é a palavra certa. Na semana seguinte teria uma passeata dos calouros da UnB e nós devíamos participar da passeata. Então, foi atípica minha chegada e há alguns colegas que ainda estão aí. Fiz dois anos de engenharia, já estava incomodado, não era o que eu queria, fui fazer jornalismo e aí completei com uma rapidez danada. Cheguei um dia sozinho no Correio Braziliense, alguém me disse que Ary Cunha era quem mandava lá, eu cheguei para um cara que estava na porta do Correio e disse: por gentileza sabe onde é que eu encontro o Ary Cunha? Ele olhou para mim de cima pra baixo e disse: sou eu garoto, por quê? Eu sou estudante de jornalismo e estava querendo alguma coisa. Ele pôs a mão nas minhas costas e falou: venha pra cá. Eu fui e ele, desgraçadamente, me fez trabalhar não com jornalismo propriamente, mas com coisas gráficas. Ele estava instalando *off set*, como se fazia jornal antigamente, no Rio estava com um processo a frente e ele introduz aquilo que muita gente achava que ia ser uma desgraça, mas não, deu certinho, é o mesmo sistema de ar frio que tem hoje, e foi para mexer com essas máquinas novas foi que ele me contratou e ainda me mandou com um outro companheiro que era 'linotipista' para irmos ao Uruguai fazer um curso lá. Fomos, tinha uma tituleira que a gente não estava acertando, enfim. Depois fiz desenhos de ilustração para a *TV Brasília*, no jornal da noite, que era a principal emissora de TV da época, não existia nem a *Rede Globo* ainda.

São dois impactos, primeiro pra mim foi ótimo, era como se eu fosse uma criança brincando na lama. Era uma poeira danada na cidade, tudo era irregular, as pessoas muito saudáveis e amigas, esse primeiro impacto foi muito bom. Mas tem uma coisa, as pessoas dizem que é preconceito, eu não sei, mas eu estava acostumado com o padrão no Rio, a gente chegava para conversar e tudo era certinho e aqui eu não sei, era muita mão de obra, não sei se de nordestino ou de goiano, mesmo aqui na UnB, os funcionários de serviços administrativos eram muito lentos, falavam devagar e eu do Rio onde tudo era apressado, tive um impacto com isso. Eu ficava pensando, como pode essa pessoa trabalhando na Universidade e eu tenho que explicar isso que ela não sabe. A princípio eu senti isso, depois me acostumei, mas

no primeiro momento eu tive um impacto com a qualidade dos funcionários dentro da UnB. Não acredito que ainda hoje seja assim, ou pelo menos eu já me acostumei. Os professores não, eram só os funcionários, tudo que dependia deles era difícil, eram pessoas não treinadas, acho que era o fruto do primeiro momento, né? Eu morava dentro da Universidade e lá era comum sair à noite, com um violão e sentar ao lado de uma escultura que tem ainda hoje, de Bruno Giorgi, a gente estava sempre ali.

04 – Vim para estudar engenharia e fiz somente 2 anos, mas terminei jornalismo. A primeira ocupação foi como estagiário no Departamento de Água e Esgoto que hoje é a CAESB e isso nos proporcionou um salário mínimo todo mês, não me lembro mais de quanto era, mas era uma maravilha. Em seguida eu arranjei esse trabalho da *TV Brasília* e fiquei mais tempo, inclusive enquanto estudava jornalismo. Em 1967 eu fiz um estágio no *Jornal do Brasil* e em julho, quando me formei fui contratado pelo *Jornal do Estado de São Paulo*.

Eu participava do movimento estudantil e minha especialidade era invadir imóvel para transformá-lo em residência universitária. Era difícil conseguir moradia, não tinha ainda o centro olímpico, eram barracões e ali moramos por muito tempo. Enquanto eu estava morando ali, na crise da Universidade, em 1965 por causa do Laerte Carvalho, um reitor que bebia e estava embriagado quando causou a demissão dos professores. Nós soubemos que os músicos da orquestra de cordas do maestro Cláudio Santoro também deixaram a universidade naquele momento, junto com os professores. Esses músicos moravam encima de uma padaria que fica na 506 Sul, eram 22 quartos que tinham o tamanho de uma cama, cabia mais uma, e tinha uma mesinha e uma cadeira para a pessoa estudar, era só isso, a gente chamava de armário, eram de madeira. Eles saíram e nós invadimos esses quartos e o proprietário começou a pressionar. Saímos de lá e conseguimos espaço na Oca I que era dentro do campus. Nos apartamentos dos músicos era fantástico, eles saíram e deixaram um telefone e conseguíamos ligar para fora de Brasília e os estudantes que eram de fora aproveitavam para ligar e falar bastante com suas famílias. Então, moramos nos armários e depois de uns 6 meses fomos levados para a Oca I, mas eu continuei lá.

Quero te contar o seguinte, em 1964, a Revolução, a obra do minhocão já tinha começado e parou, acabou a verba, ficou só o esqueleto do prédio o mato crescendo do lado de fora. Entre o *campus* e a área do minhocão ficou um espaço tomado pelo mato denso. Havia um lugar histórico, dentro desse mato, talvez seja a única obra de arquitetura social de Oscar Niemeyer. Tudo que ele fez era para rico, para o poder, mas essa não, ele fez um protótipo de casa de estudante, era para ser um modelo de casa para abrigar 4 estudantes, era uma casinha que fica dentro do estacionamento e que hoje serve de barbearia, aquilo é um protótipo do Niemeyer e nós não sabíamos por que estava no meio do mato. Soubemos, eu pelo menos só soube, quando o ocupante morreu, um porteiro da reitoria, chamado André, um crioulo alto, bacana morreu esfaqueado no Núcleo Bandeirante e saiu no jornal. Alguém, colega nosso da Oca disse que ele morava numa casinha. Entramos no mato, achamos a casinha e arrombamos e lá estavam os objetos pessoais do André, ocupamos o espaço e eu ficava para dar força aos calouros que chegariam para morar na invasão. Eu já tinha moradia na Oca as invasões eram só para ajudar os outros, essas moradias eram satisfatórias.

05 – Não me ocorre nada, embora eu tenha trabalhado em jornal, não houve nada grave, nem se compara com hoje, com os padrões de roubo atuais. Os militares continuaram a construção, o próprio Azevedo, um militar que assumiu a reitoria, as obras continuaram não só na Universidade, mas na cidade toda. Eu me lembro que fiz uma reportagem no *Jornal do Brasil* sobre os equívocos que estavam ocorrendo, houve trocas do destino de prédios por

erro. Outro dia um engenheiro me contou que toda a planta da W3, as casas estão muito próximas da rua, isto é um erro. Esse e outros erros de projeto na cidade eu relatei no jornal. Também como jornalista eu acompanhei a indignação do Presidente Médici que passava em seu trajeto cotidiano por duas favelas, o IAPI e o Morro do Urubu, ele chamou o governador da época e mandou tirar as pessoas dali e foi aí que fizeram a Ceilândia – CEI (Companhia de Erradicação das Invasões) e levaram todos para um lugar que você nunca deve ter visto. Eu fui até esse lugar, a terraplanagem onde seria a Ceilândia e era um lugar enorme, aberto e ventava que a gente não enxergava nada, só poeira. O governador trouxe um sociólogo para avaliar o projeto da cidade. Ele veio e depois deu uma declaração para a imprensa dizendo que aquilo era um erro, que os favelados deveriam ficar onde eles estavam mesmo por que os serviços e os trabalhos estavam próximos e na Ceilândia não havia nada.

Como jornalista eu via corrupção e outros problemas sobre os quais escrevi na época, mas é difícil lembrar agora.

Havia um volume de tráfego muito menor na cidade, quando eu cheguei, em 1965, era muito comum as pessoas usarem carona, esse hábito vinha do início da construção da cidade e mais ou menos em 1968 ainda existia. Além da carona solidária, a própria Universidade tinha um ônibus chamado 'ziriguidum' que passava depois das 22 horas na W3 e recolhia estudantes. Em 1966 o prof. Augustinho da Silva conheceu Pirenópolis quando ninguém sabia da existência da cidade, não havia estrada, era muito complicado. O prof. Português foi atraído para a cidade porque soube que lá existia tradições de lutas de Portugal do séc. XVII. Ele colocou sua experiência para os alunos na Universidade organizou um passeio com os alunos para o próximo ano e eu fui com o Prof. Agostinho nesse passeio. Nessa época não tinha ninguém para registrar as tradições, foi a primeira vez que alguém apareceu lá com máquina fotográfica e registrou tudo. Então, quem descobriu a importância de Pirenópolis foi a Universidade de Brasília por meio do Prof. Agostinho.

06 – Eu vivenciei esse período, não sei se sou parte histórica, vivenciei, trabalhei como jornalista até outro dia, foi muito legal, fiz muitas coisas, às vezes, por acaso, outras por não medir consequências.

07 – Acho que ela se consolidou como Capital por que durante muitos anos ficou questionável e mostrou que foi um acerto por que trouxe o desenvolvimento para o interior do país que era um lugar inalcançável. A partir de Brasília nascem novos estados, Tocantins, a divisão do estado do Mato Grosso, as ligações para as regiões e estados brasileiros. Brasília foi um trampolim de conquistas e de ações para o resto do Brasil, isso se deve a Brasília por mais que o Rio de Janeiro reclame, a ocupação do Rio é outra.

Interessante, em 2002 eu fiz vários trabalhos em painéis com Juscelino por que foi o centenário de nascimento dele, estudei sobre ele, li os livros dele e algumas outras coisas sobre ele e é impressionante que se tirar Brasília não tem mais nada, o projeto da educação e da saúde não são modelos, o grande projeto dele é Brasília, é a integração nacional. Isso é realmente uma conquista, o resto foi decorrência, a indústria automobilística seria igual com qualquer um, se estivesse no momento certo e não ocorreu antes por que houve a Guerra e depois o período de recuperação era inevitável. Mas o grande trabalho, o projeto de Juscelino foi realmente a construção da cidade, a gente não via nenhum discurso dele sobre educação ou outra meta, só há sobre Brasília, não existe um viés que nos leve à outra coisa. Brasília foi a meta síntese mesmo, foi ela que puxou a coisa pra cá, abriu novos horizontes.

Sobre as perdas da cidade, eu acho que Brasília ainda hoje é um espaço de oportunidades por que aqui corre muito dinheiro público e o padrão de vida e as oportunidades são muito boas.

São boas como são em qualquer lugar novo, também quem apostou em Tocantins, no início, foi bom. Em Brasília até hoje vive-se do período áureo da construção da cidade e de lembrança de Juscelino.

08 – As cidades-satélites aumentaram muito e perdeu-se o controle da expansão populacional em Brasília e ainda mais com a política populista de dar lotes para todo mundo. Cabe a gente daqui do Plano Piloto reagir contra isso, essa especulação imobiliária que está tomando conta de tudo.

09 – Não havia grandes espaços para apresentações, mas na Escola Parque, por exemplo, quando eu cheguei, funcionava durante o dia como escola e à noite ela abrigava cinema, tinha um cine clube que trazia vários filmes importantes e peças de teatro, às vezes, em finais de semana.

Nos anos 60 tínhamos muitas opções de bares e botecos que eram pontos de encontros das pessoas, aqui na W3 tínhamos três grandes bares e restaurantes: O Caravele, o Mocambo e me esqueci o nome do outro. O fato é que a noite estava sempre cheio de gente, eram grandes pontos da cidade, depois isso acabou. Não consigo compreender por que se tem um grande equipamento como o Cine Brasília e mesmo assim não se consegue manter uma frequência que garanta recursos.

A UnB sempre foi um polo cultural e de discussão política, eu que morei lá dentro assistia, por exemplo, à tarde, no Auditório Dois Candangos, à aula de Paulo Emílio Sales Gomes para alunos de cinema e curtia muito as explicações. Nos anos 60 a Universidade funcionava assim, voltada para a comunidade, todos os sábados pela manhã, no auditório de música tinha concertos da orquestra de cordas de Cláudio Santoro e os estudantes enchiam todo o ambiente e ao redor para ouvir, era uma vida cultural interessante na UnB e me parece que isso acabou. Faltam lugares tradicionais na cidade para que as pessoas possam se encontrar e manter um relacionamento de amizade. A cidade não gerou até hoje esse lado humano.

10 – Eu posso dizer a você como eu gostaria de viver aqui. Eu gostaria de viver de bem com a cidade, eu gosto muito de morar aqui na W3, gosto desse caráter de você poder andar na rua, é diferente de uma superquadra, você não precisa se restringir ao espaço da superquadra, aqui eu posso percorrer de lá pra cá e de cá pra lá. Eu tenho muito medo de perder isso, eu gosto de ver gente, vitrines, casas, eu poderia ir para o parque, eu acho que ele foi muito bem feito, mas não me basta, eu gosto é de andar na rua e ver as pessoas conhecidas ou não, acho um dos lugares mais humanos da cidade.

Eu me sinto bem em Brasília, se bem que eu viajo muito. Brasília é artificial, ela foi criada e as pessoas não têm hábito de encontros e conversas como em Pirenópolis, por exemplo, para onde vou todos os fins de semana.

11 – O mercado de trabalho era bom, eu digo pelo ponto de vista jornalístico, sempre tive oportunidades boas de emprego.

12 – É verdade, essa leitura é verdadeira. É preciso também colocar que quem viu o início da Ceilândia e da Samambaia, como eu vi, e voltar lá hoje é impressionante como houve um grande crescimento, é evidente que tem muita pobreza ainda, mas é bem diferente, ao mesmo tempo você tem grandes construções. É difícil a gente colocar nesses termos de casa-grande e senzala por que está havendo uma ascensão nas cidades. Em alguns momentos isso foi realidade, no período inicial, mas hoje, acho que não. Temos que ver o papel do Roriz em

tudo isso, a decisão dele de fazer da Samambaia um curral eleitoral para ele.

13 – Eu acho um pouco artificial, aliás, muito artificial. Esse negócio de setores certinhos, eu acho Lúcio Costa uma figura fantástica, mas ele esqueceu a questão da rua, do lugar para as pessoas se encontrarem. A parte do convívio que se esperava no Plano não aconteceu, eu morei muito tempo em apartamentos da 108 Sul e nunca vi integração, pelo contrário, havia formação de grupos e desentendimentos no condomínio.

Não sei se a arquitetura de Brasília influencia na vivência das pessoas por que aí a questão é a alma das pessoas. Às vezes, a arquitetura é uma camisa de força na vida das pessoas, ela mostra onde você deve trafegar, o quê deve fazer, vai te encurralando, te bloqueia e faz com que você faça um ziguezague e passe por lugares determinados. A arquitetura estabelece linhas que não deixam ninguém andar em linha reta para encontrar com outra, é como se tivesse um labirinto para se chegar nos lugares. Hoje, eu acho que é mais dramático para uma pessoa que chega na cidade, é difícil se localizar porque a cidade está complicada, cada vez mais, com pistas novas e outras modificações que fizeram isso.

14 – Não vejo grande diferença entre os brasilienses e os cariocas, por exemplo. O que observo é que em Brasília, embora Lúcio Costa tenha falado da escala bucólica, isso não existe aqui, pelo contrário aqui temos muito barulho, poluição, muitos veículos e pouca gente na rua. Talvez a ideia do bucólico fosse para as superquadras, mas lá isso também não existe, as pessoas não têm apego umas as outras, o convívio é complicado.

15 – Acho que a classe bem remunerada vive muito bem e os outros vivem lutando mais pela sobrevivência do que pela modificação do quadro de indigência cultural da cidade. Acho que do jeito que está hoje com a questão dos governos demagógicos sucessivos na cidade a cidadania acabou, não se ouve a população de Brasília, por mais que tenhamos lutado pela Câmara Legislativa, e eu lutei também, hoje morro de vergonha dela. Desde que ela começou a funcionar até hoje só entram bandidos, ladrões, é triste, lamentável o que estamos vendo na representação política de Brasília.

Eu gosto do período da seca de Brasília, isso é muito pessoal, eu detesto chuva, então eu usufruo da seca com muita alegria. Pior na cidade para mim é a época da chuva.

16 – É difícil de falar sobre isso por que na realidade o que Juscelino fez para a educação brasileira, o ele fez na área social? Brasília foi uma coisa acertada, está aí para todos veem, fez-se aqui um polo de desenvolvimento para o Brasil inteiro. O que o torna estadista, talvez seja a capacidade de tolerância que era um dom dele, como houve aquelas duas Revoltas, a de Jacareacanga e a de Santarém. Em ambas, Juscelino não só anistiou os revoltosos como os promoveu e eles fizeram de novo. Ele era um homem sedutor e usou muito disso na construção de Brasília e na condução do governo. Como houve muitas coisas ao mesmo tempo, não sei se podia atribuir a ele, mas Brasília foi seu grande acerto.

17 – Eu me sinto muita à vontade para falar nisso porque eu sou uma pessoa afetada. Há uns quatro anos eu resolvi colocar uns trabalhos de mosaico com poesias dos poetas da cidade nos pontos de ônibus. Fui fazendo e a cada um eu levava um serralheiro e ele colocava o quadro e soldava dentro de uma armação. Fiz uns oito pares desses mosaicos, mas o governador Arruda resolveu tirar os 'outdoors' da cidade e todos que ele tirava os donos eram avisados, mas retiraram todas as minhas poesias e não me avisaram, ao chegar aqui na minha quadra, o prefeito criou o maior caso. Então, eu consegui salvar somente uma poesia e diante disso podemos ver como o poder influencia. Esse caso teve uma repercussão grande na mídia e

todos ficaram solidários e hoje eu refiz algumas poesias, coloquei na calçada da 509 Sul e nas paredes da Biblioteca da 504 Sul. Eu estou indo na contra corrente do poder por que se dependesse do Governo Federal eu estava no chão.

Eu tenho muitas restrições ao poder público sobretudo na área da cultura, eu acho que eles manipulam, as pessoas destinadas a trabalhar com a cultura não têm nenhum compromisso e não entendem nada de cultura.

Na época da construção de Brasília grandes artistas vieram para a cidade: Athos Bulcão, Bruno Giorgi e Alfredo Ceschiatti. Esses três foram os mais significativos, mais representativos, mas a arte não pode se resumir a três personagens. O tempo passou e Brasília já tem 50 anos e, até hoje, parece que não se criou outros artistas, eu não acredito nisso, não se deu espaço, é uma luta desigual que se dá entre o Estado e a arte. Os artistas plásticos têm espaço para colocar suas obras e se apresentar e crescer junto com a cidade. Até hoje as pessoas vivem da lembrança dos artistas de 50 anos atrás, não há renovação, embora haja muitos talentos novos que lutam para tentar abrir espaços, o governo dificulta em vez de ajudar. Eu acho que poderiam abrir todos os espaços vagos, como jardins e etc. para colocar obras de arte, mas não querem, a cidade fica engessada na arte moderna não há nada para a arte contemporânea.

18 – Da época de Juscelino eu não tenho lembrança, mas da Ditadura eu tenho, não só pelo período que vivenciei dentro da UnB, foram muitas passeatas, porradas. Houve uma grande agitação na biblioteca da Universidade. Nós, estudantes que morávamos lá, vimos quando o americano chegou e fez um discurso. Ele falava: 'e quando eu penso na América eu penso na América dos meus sonhos, na América dos homens de amanhã'. O pessoal começou a vaiar, e quanto mais o americano falava, mais crescia o tumulto do povo, a voz dele era como um alimento para a vaia. Naquele momento, chegou à porta da biblioteca, um carro de choque da polícia, desceram todos e entraram direto na biblioteca e foi pancadaria geral, de todos os lados. Eu me lembro que pulei e saí do outro lado da parede, caí encima dos policiais e tudo que estava em meus bolsos caiu e eu saí correndo. Foi uma pancadaria violenta, sem necessidade, poderiam ter recebido os livros. O que me revolta mais, das lembranças que eu tenho da época da Universidade, foi que uma noite o Honestino, um grande amigo dessa época, me chamou para ir à biblioteca fazer um furto, não entendi, mas fomos. A biblioteca ficava nos serviços gerais e o Honestino tinha visto que havia uma entrada para o subsolo, nós ajudamos e ele entrou e em seguida pediu ajuda para pegar uns livros, puxamos os livros, depois ele. O que ele trouxe de lá? As obras de autores considerados de esquerda tinham sido colocados lá pra baixo, no porão. Foi mais uma indignação pra nós, tudo ficou assim mesmo. Um dia, na Oca, todos fomos acordados mais cedo, às seis horas da manhã. Acordaram a gente com bordoadas e fizeram um corredor polonês e nos colocou de cueca num campo, onde hoje é o multiuso. Outra vez, eu tinha um jipe e passei com dois colegas e vieram uns policiais e me arrastaram até uma sala e, chegando lá, me deram umas bolachas e me perguntavam pelo Plates, era um companheiro de esquerda, que estava exilado e hoje é Prefeito, pelo PT na cidade de Salinas. Bem, eles queriam saber onde estava o Plates, eu respondia que ele não morava na Universidade, eles me deram umas porradas e ficou por isso mesmo.

19 – Não.

20 – Poeta Ana Lopes e Tancredo Maia.



**18) Irlam Rocha Lima – 08/04/2011**

01 – Irlam Rocha Lima, Barreiras-BA.

02 – Vim em 1965, eu já tinha uma irmã que morava aqui. Ela era casada e acolheu a mim e aos meus irmãos que vieram depois também. O meu cunhado me encaminhou para estudar e me ajudou pagando cursinho para eu fazer vestibular e concursos.

03 – Há 46 anos, desde que cheguei. Tem gente que é muito saudosista, Brasília era um tédio, não tinha quase nada e para mim as dificuldades eram grandes, morávamos em uma acampamento que acolhia pessoas que vinham para cá, ficava ali onde fica hoje o Clube do Exército. Depois fomos para Taguatinga e, quando eu passei no vestibular, eu já trabalhava, saí da casa de minha irmã e fui morar numa pensão na W3. Morei em alguns outros lugares e, por último, morei na casa de um amigo meu e concluí a faculdade. Já trabalhava, tinha feito um concurso público para o GDF e tinha algum dinheiro guardado e pude comprar um apartamento na 407 Norte pelo Plano de Habitação e, a partir daí, as coisas começaram a melhorar e eu tive minha autonomia. Há pessoas que falam que naquela época era mais fácil conseguir trabalho, mas era mais complicado por que os órgãos públicos não estavam todos sediados em Brasília, eram partes deles. Eu conhecia muita gente que trabalhava na NOVACAP e as pessoas tinham um sonho de trabalhar lá, mas eu mesmo não. Meu primeiro trabalho foi numa loja de eletrodoméstico na rua da Igrejinha, eu tinha carteira assinada. Estudar na UnB foi muito importante para mim, primeiro por que recebi uma formação muito boa e depois, lá eu podia comer bem por que o preço da alimentação era barato.

04 – Vim a procura de melhorar de vida, a minha mãe era viúva e com cinco filhos, nós tínhamos uma situação muito difícil e ela falou para eu vir e ficar inicialmente com minha irmã. “Havia um chamado grande por Brasília nesta época?” Havia sim, era um apelo enorme eu me lembro que aqui chegando eu encontrei muitas pessoas de minha cidade, eram professores recém formados e outros que vinham aventurar.

05 – A construção foi fundamental para todo o Brasil, a partir daí, as pessoas saíram do litoral e descobriram o Planalto Central, o Centro-Oeste.

Na época eu já era funcionário do GDF por algum tempo, eu trabalhava numa secretaria de administração que era muito burocrático e chato, eu achava aquilo terrível, não era o que eu queria, mas eu não era relapso. Quando me formei, houve a possibilidade de trabalhar na única assessoria de imprensa daqui, no Palácio do Buriti. Um exemplo que posso citar foi o Eixo Monumental, a parte que vinha da rodoviária até o Buriti era cheio de mato e eu me lembro que na época eles construíram. Outra coisa, o governo militar não tentou levar a Capital de volta para o Rio e a fixação de Brasília foi muito importante.

Era difícil observar a corrupção por que havia muita censura e foi a época do milagre econômico. Havia comentários sobre as construções, a Belém Brasília, a ponte Rio Niterói, mas não se podia falar, tudo era meio abafado.

Até os anos 70, tudo era muito precário para quem queria se divertir, a Escola Parque era usada para shows de música, em meados de 70 é que as coisas começaram a acontecer. Tudo convergia em torno do Gilberto Salomão para os jovens que queriam se divertir.

Nesse aspeto era mais legal, as pessoas eram mais solidárias, dava-se carona, as pessoas se encontravam, reuniam-se, havia convivência nas casas de cada um porque não havia um bar

como referência. A minha turma estava sempre no Clube de Vizinhança da 108 Sul.

06 – Acho que na minha área de atuação, estou no Jornal (*Correio Braziliense*) há 35 anos e, desde então, eu trabalho para que a cidade tenha uma cultura. Há algum tempo eu estou na editoria de cultura, até então, anunciava-se precariamente o que acontecia e depois a população não tinha retorno sobre os acontecimentos. Informo a população sobre os artistas da cidade que têm seus trabalhos reconhecidos como: Oswaldo Montenegro, Zélia Ducan, Paralamas do Sucesso, Legião Urbana, Capital Inicial, Raimundos e outros que nasceram em Brasília. Agora temos os músicos originários do Clube do Choro, escrevo continuamente sobre eles. Então essa contribuição eu dei para a cidade, e por isso, há 4 anos recebi o título de Cidadão Honorário de Brasília e sou honrado por isso, mas acima de tudo, eu sou brasiliense, defendo essa cidade de todas as formas, discuto quando estou fora daqui e alguém fala mal sobre a cidade. Há uma Brasília nossa, e outra dos políticos e nossa contribuição para eles estarem aqui é mínima por que eles veem, na maioria, de fora.

07 – Acho que 'a duras penas' se mantém um plano original, os empreendedores lutam para ocupar as quadras do Plano Piloto. Eu moro na 303 Norte e estou sabendo que tem uma área lá que não é destinada à construção de prédio e o Paulo Otávio insiste em construir lá. Isso é algo que devemos estar muito atentos e brigar contra aqueles que estão sempre prontos para ocupar os espaços de convivência das pessoas.

Eu diria que Brasília, hoje, é uma quase metrópole, já podemos usufruir aqui de coisas próprias de grandes centros. Na área de cultura, Brasília passou a ser rota de todos os grandes espetáculos e os artistas que apresentam aqui saem sempre com boa impressão do público que lotam as apresentações, eles falam que o público é atento e bem informado. Já se tomam Brasília como um polo gastronômico, ela é citada como qualidade de vida, nós já temos algumas reclamações, mas quem chega não quer sair, gostam muito da tranquilidade de Brasília. Os governadores é que estragam a cidade, tudo que a gente ouve sobre a cidade reflete uma coisa que não é de nossa Brasília, mas só da deles.

Há muitos problemas no trânsito e eu fico pensando quando terminarem a construção do Setor Noroeste, a Asa Norte já é um horror em determinados momentos não sei como ficará.

08 – Não sei, eu até deveria saber isso, mas não sei se o plano de Lúcio Costa tratava sobre o transporte coletivo. Na verdade, eu acho que o metrô, sem roubalheira obviamente, é uma solução. Não pensaram em fazer estacionamentos no centro da cidade e, hoje, não há mais espaço pra nada, principalmente na região central da cidade. Brasília cresceu tanto e em qualquer dia da semana os restaurantes e bares estão lotados, não há estacionamento e essa é minha preocupação, que a cidade se torne inviável.

09 – Hoje está muito acima do que era inicialmente, uma coisa que tinha, ia todo mundo, era muito pouco. Na construção, alguns cantores iam aos barracões de madeira e se apresentavam para os candangos. Nos clubes, os artistas iam lá, cantavam e as pessoas dançavam. Havia o Brasília Palace onde tinha um piano bar e as pessoas de mais posses iam, eu era carente e não frequentava. Eram os engenheiros que vieram para a construção, os deputados, os senadores que frequentavam. Lá ouve a primeira audição de um clássico da bossa nova que foi feito no Catetinho, chamado '*água de bebe*' Tom Jobim e Vinícius de Moraes. Eles vieram para Brasília para escrever a *Sinfonia da Alvorada* a convite de Juscelino e se hospedaram no Country Clube e, numa noite, enquanto andavam nas redondezas do Catetinho eles se depararam com uma queda d'água natural e perguntaram para o vigia o que era aquilo. Dizem



que o vigia teria respondido 'água de bebe camarada' e eles escreveram 'água de bebe, água de bebe camarada' que foi um grande sucesso da bossa nova. Isso está tudo documentado, eu inclusive fiz uma matéria aqui com um engenheiro, acho que foi ele que implantou a energia em Brasília. Ele estava no Brasília Palace Hotel junto com nosso presidente Ary Cunha no dia da audição da música lá no piano bar. Então, era pouca coisa em Brasília não havia um ponto de convivência forte, no final dos anos 70 é que as coisas passaram a acontecer. Um evento que marcou esse início é o Concerto Cabeças que era uma reunião de poetas, artistas plásticos, cantores, bailarinos e músicos que uma vez por mês, na 308 Sul montava-se um palco e as pessoas ficam na grama para assistir às apresentações. Com o tempo, a coisa cresceu e começou a incomodar a vizinhança, as apresentações passaram para o Parque da Cidade. Um outro marco foram uns teatrinhos que havia num galpão na 508, onde quem fazia rock também começou a se apresentar lá, além das peças de teatro. O teatro da Escola Parque também passou a ser bastante usado. A partir dos anos 80, com o advento do rock em Brasília, é que a cidade foi descoberta musicalmente e a grande cabeça para que isso acontecesse foi o Renato Russo.

10 – Para mim é muito importante, tem um significado grande pelo seguinte; eu viajo bastante por ser jornalista, mas a cada viagem eu quero voltar mais rápido pra cá. Hoje, Brasília oferece coisas e a gente ainda pode se locomover, posso te ligar e marcar um encontro para daqui à 10 minutos e isso ocorrer. Hoje, temos bons palcos de espetáculos, bons restaurantes, áreas esportivas boas, temos o Parque da Cidade que é uma bênção e outros parques como aquele do final da Asa Norte. Tem formado geração de pessoas que são brilhantes e isso tem a ver com a UnB, tem a ver com o Clube do Choro, com a Escola de Música, é importante que o Banco do Brasil tenha aberto o Centro Cultural por que eles oferecem espetáculos com preços bons para a população. Tudo isso faz com que a programação seja mais diversificada e há espetáculos com preços altos, há também com preços pequenos e as pessoas e os estudantes que não podem pagar muito têm acesso à cultura.

Quando eu cheguei, Brasília me parecia artificial depois não. Hoje eu estou tão bem instalado, sinto que essa cidade é minha, agora, por exemplo, que ela está cheia de verde é muito linda. Aqui é minha cidade não voltaria para outra de forma alguma.

11 – Sim, eu mesmo era a prova disso, eu buscava tudo, cheguei quase a parar de estudar para ser frentista de posto, por exemplo. Meu cunhado não deixou, apesar deles também viverem apertados, a única mudança que teve foi que eu estudava no Elefante Branco durante o dia e passei para a noite para trabalhar durante o dia. Havia dificuldade para arranjar trabalho, mesmo com poucos habitantes, por que as coisas não estavam totalmente instaladas na cidade.

12 – A gente há de convir também que o projeto de Lúcio Costa era um tanto quanto utópico. O servente da Câmara morar no mesmo prédio do Senador é piada. Uma família com filhos que more no Lago Sul, se ele casar não vai morar lá a menos que more com a família, a tendência é essa. Quem mora no Plano Piloto hoje, eu diria que é privilegiado, na verdade o grande problema está nessas invasões criadas pelo Roriz, onde ele colocou luz e água e as pessoas viviam, basicamente, sem nada.

Hoje, há uns ganhando muito e a maioria ganhando bem menos, são muitos trabalhando para outros terem muito, talvez seja esse o problema da casa-grande e senzala.

13 – Acho que é especial na medida em que, pelo menos no Plano Piloto se evitou os prédios altos, o que me espanta muito é que agora em Águas Claras há prédios até de 40 andares. Aqui todos ficam de olho para se preservar o plano original, mas nas Satélites não é a mesma coisa.

A arquitetura pode interferir sim, não sei se é isso que você está perguntando, mas eu moro num prédio na 303 Norte e as pessoas quase não se falam, mas eu também acho que isso é mais das pessoas. Às vezes, não se cumprimentam no elevador, ou se formam grupos de convivência no trabalho, no clube ou em bares, sei lá. Nesse aspecto o projeto da cidade interfere. No Guará onde um amigo meu mora tem um sentido de comunidade maior, as pessoas saem de casa e se encontram nos lugares, falam-se nos mercados, no Plano isso não ocorre. Os espaços planejados no Plano para encontros são maravilhosos, mas dificulta um pouco por que as pessoas se dispersam mais. Outro fator importante é que as pessoas não andam na rua, locomovem-se mais de automóveis e se encontram menos dessa forma.

14 – Sim, claro, os moradores de cidades do litoral têm a praia como parque, em Brasília a praia é o shopping e as pessoas encontram-se por acaso. Embora eu veja em certos pontos de cultura as pessoas se encontram e tomam café, mas a média não é assim não.

15 – Vive-se, obviamente aqueles que têm o poder aquisitivo maior vive bem. Hoje o trânsito, certamente, a violência que eu não sei se é crescente, eu felizmente nunca fui vítima de violência, mas aqui no jornal ouve-se diariamente relatos de casos de violência. Melhor é a qualidade de vida, o ar puro que se tem ainda, esses espaços amplos que a gente pode, como já falei, o acesso à cultura, para mim é muito importante também meu trabalho neste jornal. O que Brasília oferece hoje é tão bom quanto o que é oferecido pelas grandes metrópoles. Existem várias Brasília, a da cultura, da gastronomia, do lazer, a cidade tem muitas facetas e isso fica bem claro pelos representantes de cada seguimento. Há pessoas que evitam amizades com políticos, por exemplo, talvez Brasília seja uma cidade sem preconceitos com relação à raça, à cor, opção sexual, talvez pelo ambientes que frequento, sei lá.

16 – Até hoje ele é lembrado pelo fato de ter construído Brasília, por mais que tenha outras coisas que ele tenha feito, o grande marco dos cinco anos do governo de Juscelino é a Capital.

17 – Não, o artista brasileiro nunca foi conivente com essa coisa, não há receio com relação ao poder público, por exemplo, na época de Getúlio, Ary Barroso e outros compositores faziam aqueles samba exaltação, na época da Ditadura em menor escala. Muitos compositores queriam entrar para a história como grandes e cantaram o Brasil daquela época, relataram o milagre econômico. Os artistas de Brasília sempre gritaram contra as coisas que eles achavam errado e a política é o principal problema e sempre foi. Eu acho que Brasília poderia ser mais cantada pelos seus artistas e isso quase não ocorre.

18 – Quando eu cheguei aqui já era Ditadura, não peguei o governo de Juscelino e naquele tempo eu nem via nada, eu mesmo não sofri nada, eu tinha plena liberdade.

19 – Eu tenho um temor do que pode ocorrer a Brasília no sentido de um crescimento desordenado que venha inviabilizar a cidade. Quando eu falo Brasília me refiro ao Plano Piloto, eu torço para que seja minimamente organizado por que senão vai ser difícil.

20 – Geraldo Silva.

**19) JAIME GONÇALVES DE ALMEIDA – 24/03/2010**

01 – Jaime Gonçalves de Almeida, nasci em Catolé do Rocha-PB.

02 – Eu migrei para Brasília em janeiro de 1959, antes da inauguração. Quando eu cheguei, a cidade estava totalmente em construção, estavam em obras a rodoviária, os ministérios e o Congresso Nacional. Estavam prontos o Palácio da Alvorada e o Pálace Hotel, mas a cidade era um grande canteiro de obras. Eu tinha onze anos de idade e vim com a família, meu pai resolveu deixar o nordeste e vir para Brasília para se aventurar, ganhar dinheiro, sobreviver e criar os filhos, éramos 10 filhos.

03 – Moro em Brasília desde 1959, há 51 anos. Daqui, saí para fazer o doutorado na Inglaterra e fiquei fora por 4 anos e um ano e meio estive a trabalho em Rondônia, mas a maior parte do tempo é aqui. Eu era criança e tinha uma vida no nordeste, tinha meu espaço, meus amigos e minha escola e me tiraram toda essa base e me trouxeram para uma cidade grande, para mim era imensa, o lugar onde nasci era pequeno. Criança tem um espírito de aventura muito grande e se adapta mais fácil que os adultos, então a chegada foi um choque por que eu estava descobrindo uma coisa nova, era Brasília, a Capital sendo construída, mas era uma perda também de uma cultura que eu já tinha e tive de adquirir um outro tipo de cultura. Já existia escola aqui e quando nós chegamos, meu pai passou pelo Núcleo Bandeirante, a Cidade Livre, mas ele não gostou muito, lá acontecia tudo, era um núcleo com atividades muito diversificadas. Ele preferiu levar a família para Planaltina, a única cidade tradicional dentro do âmbito do Distrito Federal, já tinha uma cultura estabilizada, a cultura goiana. Lá, foi difícil porque havia uma rejeição do pessoal da cidade com aqueles que estavam chegando, havia um preconceito para com os migrantes. Os goianos eram muito fechados, pouco acessíveis ao estrangeiro, não aceitavam bem e eu, uma criança de 11 anos, tive que sobreviver e vencer nesse meio. Foi muito difícil, inclusive a linguagem por que o nordeste tem um modo de falar diferente do goiano, um regionalismo, foi difícil entender essa linguagem. Falando sobre a chegada, meu pai tinha um caminhão, pôs todos dentro e passamos 10 dias viajando do nordeste até aqui, não existiam estradas diretas para cá e tínhamos que vir por fazendas. Hoje se faz em 1 dia e meio esse mesmo trajeto de ônibus.

04 – Vim com minha família. Ficamos em Planaltina de 1959 a 1971 e depois meu pai comprou um apartamento para a família na 415 Sul. Meu pai era comerciante no Rio Grande do Norte, ele tinha um carro e comprava mercadorias em São Paulo para vender no armazém no Nordeste. Então, ele veio com o caminhão que ele tinha, para trabalhar em Brasília com transporte de brita, areia, ferro e outros materiais para a construção da cidade. Eu, realmente, comecei a trabalhar quando entrei na Universidade, passei no vestibular de 68 para Arquitetura e fui trabalhar num escritório de arquitetura em 1969.

Em 1968, em Brasília, já tínhamos construído os primeiros blocos da Asa Norte, algumas quadras ainda estavam sendo construídas, a cidade ainda era um grande acampamento. Os funcionários públicos que vinham transferidos do Rio de Janeiro já vinham para as quadras que estavam prontas. Brasília foi construída com a poupança dos institutos de previdência que eram por categorias; industriais, comerciais e outros, não havia um órgão centralizador como

tem hoje, esses institutos investiam nas quadras, compravam e construíam e traziam os funcionários do Rio. Então, os funcionários públicos habitavam as quadras e os migrantes que vinham para a construção habitavam os acampamentos e as invasões, eram muitas. Havia três tipos de habitação: as quadras que eram construções refinadas, os alojamentos ou acampamentos que eram das construtoras, para os engenheiros e o pessoal mais qualificado, eram em geral de madeira, mas de boa qualidade e tinham as invasões, essas eram de péssima qualidade.

05 – Quem migra, chega esperando uma situação melhor e aqui tinha emprego, como era uma grande canteiro de obra encontrava-se sempre uma forma de sobreviver. O nível de satisfação em geral dos migrantes era muito bom.

Em 1964, ano da Revolução, eu era aluno da Escola Agrícola, foi a primeira do Distrito Federal, era em Planaltina, hoje foi transformada em um Instituto Tecnológico. Eu só vim sentir a mudança do governo militar depois que eu entrei na Universidade e comecei a militar na política estudantil, aí sim as condições eram muito difíceis. O que pesou mais no governo militar foram os espões, em qualquer repartição havia olheiros e a gente não sabia quem eram. A construção da cidade era controlada por profissionais e governo e com o governo militar eles criaram empresas estatais como a Empresa Brasileira de Transportes Urbanos-EBTU, GEIPOT, criaram também a companhia que lida com aeroportos- INFRAERO... Brasília passou a se integrar dentro do programa geral de construção do governo a nível de empresa estatal. Nessa época, fez-se a complementação das vias de circulação de Brasília, o sistema viário passou a dominar o planejamento urbano e a construção continuou.

Nessa época, se você quiser ver alguma coisa sobre a corrupção leia *A Tribuna da Imprensa* que também tinha problemas seríssimos de acusação de corrupção. Como havia censura, os jornais não publicavam efetivamente o que acontecia, mas nesse jornal, se você tiver oportunidade você vai ver os escândalos sérios do governo militar.

Brasília mudou muito porque no início, na implantação, a classe média baixa e alta utilizavam os serviços públicos: posto de saúde, hospital e utilizavam também as escolas. Não tinha também muita opção do sistema privado de saúde, então todos utilizavam. Hoje, Brasília é segmentada há uma classe média alta que não põe o filho em escola pública e também não vai ao posto de saúde pública. Brasília desenvolveu muito esse setor privado e observa-se uma redução de escolas públicas e um crescimento das escolas privadas. Estamos dentro de um sistema capitalista e não temos como evitar isso, a não ser que se mudasse o regime. Brasília é capitalista, ela foi pensada em bases mais coletivas, mas ela vive uma contradição, e ela é capitalista como as demais cidades, ela mudou por que uma coisa é a concepção e outra é a realidade.

Houve modificações na convivência sim e isso é gritante. Brasília era um canteiro de obras, de oportunidades, de empreendimentos e de trabalho, não era uma cidade completa, você não tinha todos os recursos que tem hoje, a rede de serviços que ela tem hoje. Então, praticamente são os mesmos pontos frequentados por todos e havia uma certa solidariedade do migrante chamando outros migrantes e convivendo naqueles mesmos lugares. Hoje não, a cidade é segmentada, os ricos frequentam determinados lugares e os pobre vão pra outros.

06 – Vim com minha família. É difícil dizer isso, mas certamente quando Brasília provocou essa migração ela incluiu essa migração nesse projeto, mas era uma participação diferenciada por que alguns tiveram oportunidades maiores que outros, por ligação com empresas que se deram bem ou com o governo. Todos que vieram pra cá participam desse projeto, mas de forma diferenciada, eu me sinto parte e como criança vislumbrava um grande edifício, nunca

tinha visto um, nunca tinha visto escada rolante, um vão imenso como o da rodoviária, aquilo era extraordinário e essa percepção faz com que a pessoa participe dessa aventura. Brasília foi uma aventura, hoje já não é mais, hoje é uma cidade consolidada. Todas as pessoas que vieram para cá no início fazem parte do projeto da cidade, inevitavelmente, por que elas foram deslocados também por uma propaganda fantasiosa de que aqui ia ganhar muito dinheiro. Essa era a propaganda, o que chegava no interior do nordeste era cordel ou rádio, e ela vinha pelo rádio. Havia concursos no rádio, você acertava determinada pergunta e ganhava um lote em Brasília. Não foi feito de forma tão escancarada como foi feito, anteriormente, com os migrantes japoneses, italianos e alemães, que diziam que aqui o governo imperial ia dar tudo pra eles pra que migrassem para a plantação de café na época de 1920 a 1935, por aí, que foi o auge da plantação do café. Brasília também tinha esse 'canto de sereia' que aqui ia-se ganhar dinheiro e por isso vieram muitos, o nordeste estava deprimido, com muita seca, os períodos de 40 e 50 foi de muita seca e a economia estagnada.

07- Brasília, no início e hoje, é completamente diferente. No início a cidade era pequena e com gente concentrada em torno do Plano Piloto e, hoje, é uma metrópole, é a terceira cidade do país em população. Então, há uma diferença brutal, você tem todos os problemas de cidade grande, tem congestionamento, tem assalto, tem periferia, umas que você pode entrar de dia e não à noite. Eu diria que ela assumiu essa dimensão e hoje é uma cidade metropolitana. Partindo da idealização da cidade ela perdeu, mas ganhou em realidade por que sem essa metropolização ela não estaria tão viva, seria vazia como quando você atravessava o Exão a qualquer hora do dia sem nenhum problema, hoje, você não pode. Ela ganhou em realidade e perdeu aquela idealização vinda de Lúcio Costa e sua equipe e isso é norma em qualquer cidade. As cidades não são como o planejamento indica, mas como se apresentam na realidade.

08 – No Plano, tem a questão do zoneamento, separaram em muitos setores: hoteleiro, bancário, habitação, comercial e isso não deu certo, isso é um fato. O segundo é que como não houve planejamento para as cidades chamadas satélites, elas foram implantadas num processo muito rápido, em consequência também de um planejamento deficitário, elas ficaram muito distantes e passaram a ocupar o cinturão verde. Brasília tinha uma zona de cultivo, o cinturão verde, pequenas chácaras que criavam uma zona intermediária entre o Plano Piloto e a zona de Brasília onde se criaram as cidades-satélites. A forma como foram implantadas as cidades-satélites agravou mais ainda a questão do relacionamento entre o Plano e essas cidades. Por outro lado, concentrou-se no Plano Piloto grande parte dos empregos, ofertas de emprego, então tem-se possibilidade de trabalhar no Plano ganhando um pouco mais e o pessoal das satélites desloca para o Plano de manhã e a tarde e voltam a noite. Então, nós criamos cidades dormitórios, cidades dependentes. Essa é uma falha muito grande por que Brasília foi planejada para 500 mil habitantes e hoje tem quase 2 milhões. Isso significa que não foi pensada essa dimensão, foi pensado somente a dimensão do Plano Piloto, ou seja, em Brasília preocupou-se muito com monumentos e palácios e se esqueceu do crescimento da cidade e a ocupação do território.

09 – Na época inicial eu diria que a cultura era toda centralizada na Universidade de Brasília. Ela era um polo irradiante da iniciativa cultural e do debate cultural que existia na Universidade, principalmente no período de 68 em que os estudantes eram mais ativos e participavam da política e, por esse viés, acontecia a discussão cultural. Brasília, para você ter uma ideia, foi a cidade que lançou o festival de cinema, criado num curso da UnB e em torno

desse festival acontecia a vida cultural da cidade. Hoje, é completamente diferente, a UnB ainda é um polo forte de cultura, mas não detém mais o centro dessa discussão. Como a cidade hoje tem uma escala de metrópole não é mais viável centralizar esse debate que acontece de forma descentralizada e essa descentralização é útil, é importante, então me parece que o modelo antigo não é viável. Por exemplo, você tem no centro de Ceilândia um centro de violeiros, cantadores e isso é importante. O Problema de Brasília é que o governo tem uma presença muito forte e a interferência do governo é sempre dúbia, através de ocupação ou do redimensionamento das manifestações culturais. Veja o Rio de Janeiro, mesmo com a organização empresarial que se tem nas escolas de samba, eles ainda conseguem fazer uma boa negociação com o governo. Aqui não, nós temos um desbalanço muito grande, o governo tem uma presença muito forte e como ele tem muitos recursos e pode investir, ele redimensiona a área de cultura. Para melhorar teria de haver uma mudança de políticas públicas.

10 – Viver em Brasília hoje é trabalho, restaurantes, bar e residências, essa é a vida em Brasília. Ela não tem um centro de fato, o centro dela é o centro comercial, o Conjunto Nacional ou é o CONIC, eu tenho a impressão de que o centro cívico dela é a grande Esplanada onde ocorrem grandes manifestações e nada mais. Não tem o dia-a-dia da cidade, Brasília não tem praça e com essa eficiência urbanística acaba reduzindo a vida a esse triângulo que é o barzinho, Brasília tem muitos bares, o trabalho e casa. Eu penso que isso não é satisfatório, eu vivi em Londres, fiz meu doutorado lá e convivi muito com Londres, ela é uma cidade fantástica que tem estruturas urbanas de fato que propiciam uma convivência urbana. No bairro em que eu morei, tinha praças, parque e uns centros escolares que funcionavam como centros irradiadores de cultura, tinha uma boa biblioteca e as pessoas se encontravam lá, nos eventos das escolas, nos parques e nas praças. Então as pessoas tinham uma vida urbana de fato. Talvez esse tipo de cultura em Brasília esteja na UnB, mas hoje temos o UNECEUB que já cresceu muito, o IESB, há também os colégios particulares que se desenvolveram muito e têm muitas atividades para jovens. A UnB, hoje, ainda tem uma presença porque ela é uma universidade e ainda há pessoas que trabalham com grande dedicação. Agora se você pensar em 1968, na década de 70 e hoje, 2010, há uma diferença muito grande, a Universidade perdeu uma energia cultural que ela tinha. É um problema de geração e de interesse também. Na década de 60 a 70 havia a Ditadura Militar e a consciência política mobilizava as pessoas para a cultura que era um diferencial. Você vê, um cinema novo que surgiu na época e Brasília era um polo de cinema novo, um dos principais criadores desse cinema novo foi protagonista da criação do curso de cinema da UnB. No curso de Letras também tinha uma equipe fantástica e, hoje, se você for ver houve um esvaziamento do motivo da política e a cultura se fracionou por que política e cultura tem muita relação.

O ser humano se adapta a tudo, eu diria o seguinte: eu tive uma infância muito rica no Nordeste, no interior, fazendo tudo o que um menino gostava, tomando banho de rio, brincando à beça, era feliz na época. Depois, na juventude também era feliz aqui, só aqueles que migraram como adultos talvez possam ressentir-se de alguma coisa. Ainda sou feliz aqui, não tenho lembranças de uma perda maior. Talvez se eu tivesse migrado como adulto tivesse uma visão diferente.

Hoje não, Brasília é igual as outras cidades. Quando eu cheguei, parecia-me artificial, parecia uma grande maquete, uns prédios imensos, tudo quadrado, certinho e colocado no seu lugar. Hoje ela é igual as demais cidades, ficou natural.

11 – Não faltava emprego, havia uma oferta de trabalho igual ou superior à população da



cidade, hoje não, hoje com 2 milhões de população o número de desempregados é enorme.

12 – Eu diria o seguinte, existe um setor privilegiado, caro, Brasília ficou uma cidade muito cara pra se viver e morar. O Plano Piloto é uma área caríssima em que morra gente rica, da classe média e média alta. Nas cidades-satélites você não tem o mesmo nível de investimento, no Plano há investimentos em jardins, nos palácios e monumentos e os trabalhadores ficaram fora, nas satélites não há. Nesse sentido, Brasília se parece com a casa-grande e senzala, havia um idealismo inicial de deixar o trabalhador dentro do Plano, mas numa sociedade capitalista isso não ocorreu. Então, nesse sentido ela se parece, aqui concentra-se renda, concentram-se os melhores serviços, melhores habitações e edifícios e nas cidades-satélites isso não ocorre. Entretanto, há de se pensar que Taguatinga, hoje, está se constituindo como um polo produtor e aí nesse balanço acaba Taguatinga não sendo tão penalizada com os investimentos públicos que não chegam lá. Em cidades metropolitanas como Brasília, esses polos econômicos acabam também sendo recriados em outros polos. Por exemplo, a questão dos condomínios, há uns de luxo, outros médios e pobres, então esse modelo de casa-grande e senzala vai se reproduzindo a nível territorial, da exclusão, esse é o modelo de exclusão onde os pobres vivem na periferia e os ricos nos centros. Brasília tem um fenômeno acontecendo, há ricos vivendo em periferias, são os condomínios de luxo, os ricos não estão somente no Plano Piloto.

13 – Ela foi especial, quando eu entrei na escola de arquitetura, quando eu cheguei aqui tudo era bastante diferente do que eu tinha visto. Durante os estudos, vimos que Brasília era uma consequência da arquitetura europeia, ela não se configurava como um objeto original, tinha alguma originalidade em alguns monumentos do Niemeyer, mas ela é uma decorrência da arquitetura europeia. O próprio Lúcio disse que o que ele criou mesmo foi a quadra, as superquadras, como nós chamamos, da forma como ele lançou: os blocos soltos no terreno, escolas internas e o comércio na periferia.

Essa arquitetura interfere na vivência das pessoas porque setoriza e quando você setoriza, desmembra o banco do setor comercial, do setor de vivência, você tem que se deslocar e está sendo perturbado. O deslocamento em Brasília é uma coisa problemática, para me deslocar para qualquer setor eu tenho que usar um carro, não posso ir a pé, então a arquitetura interfere sim. O fato de ela ter boa aparência é uma coisa, ela estimula, é a questão da estética, boa aparência ou aparência diferenciada faz com que as pessoas se sintam bem, sintam-se entusiasmadas com a cidade, também há coisas horrorosas que fazem você estremecer, certos tipos de arquitetura, agora do ponto de vista funcional, ela interfere.

14 – Sim, é diferente essa coisa da quadra e da setorização é um pouco diferente, não que seja melhor ou pior, as pessoas desenvolvem hábitos, modos de vida que são diferentes de uma cidade com outra organização espacial, como São Paulo e Rio. Você vê no Rio de Janeiro, o carioca típico, aquela pessoa que convive bem, aqui, como está muito isolado, as pessoas são um pouco estranhas. Há também, essa questão do poder, Brasília é muito confundida com o poder e isso dá uma apreciação errônea de Brasília porque acham que na cidade só moram políticos, deputados, senadores, pessoas com muito dinheiro e se esquecem do cotidiano da cidade.

15 – Viver bem depende de seu emprego e de sua habitação, no Plano Piloto vive-se muito bem. Você tem um índice imenso de área verde por habitante em Brasília e, portanto, vive-se bem no Plano, nas cidades-satélites, nem sempre. Há uma diferença de renda e de lugar onde

you habita e sua perspectiva de vida. Morar em Bras3lia, hoje, 3 dif3cil por causa da circula3o, agravou muito esse problema, a cidade foi pensada para 500 mil habitantes, para uma determinada quantidade de autom3vel. Hoje, para deslocar em Bras3lia, de 3nibus ou de autom3vel 3 muito dif3cil. Esse problema, somado 3 setoriza3o da cidade, considerando tamb3m essa separa3o entre o Plano Piloto e as cidades-sat3lites, voc3 vai somando uma s3rie de problemas e a circula3o est3 dentro disso.

16 – Eu tenho a impress3o de que o Juscelino se projetou muito com Bras3lia, mas se voc3 for olhar a hist3ria do Brasil e dos Presidentes, eu acho que ele n3o foi um grande Presidente. Eu tenho a impress3o que se comparar ele com Get3lio Vargas, o Get3lio foi mais audaz que Juscelino com a industrializa3o e, al3m disso, o Get3lio ainda tem o golpe de 37, a Rep3blica Nova, tem a Revolu3o de 30, eu acho que a 3poca de Get3lio foi mais rica para o Brasil que Bras3lia. Bras3lia aconteceu com a expans3o de S3o Paulo, o centro do Brasil n3o 3 Bras3lia, 3 S3o Paulo, se Juscelino tivesse dotado Bras3lia de uma autonomia produtiva, vamos supor, ele teria feito essa grande modifica3o, mas Bras3lia 3 uma cidade dependente do Governo Federal, precisa de recursos federais, SP n3o. Ent3o, SP foi o unificador nacional ele estendeu sua influ3ncia para todo o pa3s, a economia que tem SP e pela presen3a econ3mica e pol3tica que tem o estado. foi de SP que o Lula veio, n3o foi de Pernambuco, ele se fez em SP e foi eleito Presidente praticamente por SP. Hoje, a disputa 3 com SP, quem mais vai disputar com ele? Eu diria que nesse aspecto, Juscelino foi um Presidente que n3o se equipara a uma 3poca de Get3lio Vargas, nesse sentido.

17 – Eu acredito no seguinte, hoje com essa extens3o territorial o Estado j3 n3o abrange tudo, voc3 v3 que o estado nem supre, com equipamentos b3sicos a periferia, o chamado Entorno, l3 a pobreza 3 absoluta. O Estado n3o consegue atingir isso e se ele n3o consegue a influ3ncia nele em todos os setores tamb3m 3 diminuta, ent3o h3 uma possibilidade com essa extens3o em que o estado n3o abrange tudo, no Rio de Janeiro as Favelas contestam a pr3pria organiza3o do Estado por meio da guerra que eles travam. Eu tenho a impress3o de que com essa extens3o que 3 uma coisa problem3tica do ponto de vista ambiental porque voc3 estende a cidade, desmata e tem impactos ambientais consider3veis, mas por outro lado ela cria certas no3o3es de autonomia. Nesse ponto de vista, eu acredito que o Estado n3o tem tanta influ3ncia como tinha no in3cio, por exemplo, a Universidade de Bras3lia 3 um Estado, faz parte do Estado porque todos os professores s3o pagos pelo Estado e a produ3o 3 estimulada pelo Estado. Teve, recentemente, a Confer3ncia Nacional de Cultura e havia v3rios representantes das cidades-sat3lites, n3o era s3o o Plano Piloto, ent3o voc3 v3 que h3 uma ebuli3o cultural formada a partir da periferia e mesmo que o Governo subsidie ele n3o consegue controlar totalmente. Ent3o, no in3cio o governo podia reprimir, mas hoje n3o pode mais porque ele n3o tem instrumentos suficientes para controlar todas as manifesta3o3es culturais.

18 – 3 muito diferente, Juscelino n3o era ditador e ele estava numa 3poca de, vamos supor, empolga3o e com a constru3o de Bras3lia ocorreu uma esp3cie de motiva3o para as pessoas repensarem o Brasil. A 3poca Militar 3 completamente o oposto disso, cuidava de um Brasil grande, segundo eles, mas investindo em infraestrutura. Em Bras3lia era diferente, ela permitia que o migrante trouxesse e conservasse a sua cultura porque aqui havia conjuntos, restaurantes, s3o de nordestinos, de mineiros, baianos, ga3chos e etc. Esse clima de democracia favorecia esse tipo de afirma3o cultural na popula3o e o Regime Militar n3o cuidava disso, ele cuidava essencialmente do problema econ3mico e de infraestrutura do pa3s e reprimia a cultura. A cultura significava sempre algo subversivo, que ia perturbar e por isso



era reprimida de um modo geral. Coincidentemente na repressão da cultura surgiram as grandes manifestações da música popular brasileira e tivemos, nesse período, um conjunto de músicas populares importantes nos anos 60 e 70. No cinema e na música havia uma reação tão forte que deixou um legado precioso, hoje se compararmos as músicas populares com as antigas vamos observar uma ênfase mais subjetiva e nos problemas cotidianos. As músicas dos anos 60 e 70 traziam um viés de construção de uma sonho de toda uma geração, então essa repressão que o Governo Militar fez aos movimentos culturais provocou uma reação interessante e isso não quer dizer que só se faz música com repressão, com paulada, não é verdade esse raciocínio dicotômico do todo.

Na época da Ditadura eu militava intensamente no Movimento Estudantil, tive algumas complicações com o DOPS e com o Exército como todos os estudantes. Eu ainda estava no colegial, mas nós éramos mais ativos que os universitários e o cotidiano era de muitas greves, era muito agitado, não se parava, os jovens eram muito ativos contra a Ditadura. Esse movimento era coletivo e organizado, havia uma repressão sistemática, principalmente depois do AI5, em 1968. Antes era mais pacífico, as mães falavam com os militares e depois do AI5 os estudantes perderam a perspectiva do movimento em massa e se tornaram grupos de guerrilheiros. Hoje, os jovens se agitam em festas, shows e nada mais.

A repressão se dava no trabalho onde as pessoas eram vigiadas, no cotidiano não, só quando havia alguma manifestação pública, mas não era assim aquela coisa na II Guerra da Alemanha.

19 – Não

20 – Eu tenho que pensar, eu tenho impressão que você devia procurar as pessoas que atuavam nos movimentos estudantis, como o Antônio Prates, hoje ele é prefeito de Salinas.

## **20) JARBAS SILVA MARQUES – 23 /09 /2010**

01 – Jarbas Silva Marques, nasci na cidade de Monte Carmelo-MG em 04/09/1943.

02 – Eu conheci o território físico do Distrito Federal antes de Brasília, antes da escolha do local do Sítio Castanho pelo Marechal Pessoa e o Dr. Ernesto porque meu pai era caminhoneiro e, em 1954, passei no exame de admissão e meu pai me trouxe aqui nesta região. Ele demorava 45 dias de Goiânia a Barreiras e levava sal e querosene e trazia banha de porco, não tinha estrada para você ter uma ideia do que era o Centro-Oeste, do que era o Brasil antes de Brasília, você saía de Goiânia às 5h da manhã e chegava a Formosa, se não quebrassem e não atolasse o carro, às 5h da tarde, você demorava 12h de Goiânia a Formosa. hoje, sem correr muito, você faz esse trajeto em 2h e 45min e assim se tem noção do que era o Brasil antes de Brasília e o que era Goiás. A consolidação de Goiânia se dá quando Bernardo Sayão abre as rodovias, sem o trabalho dele seria muito difícil a consolidação de Goiânia e a construção de Brasília.

Meu pai era mudancista e desde a escola eu via no mapa do Brasil o retângulo do futuro Distrito Federal e meu pai dizia para os filhos que devíamos nos preparar para a mudança da Capital da República. Eu conheci e voltamos para Goiânia onde morávamos. Aos 16 anos eu, como jornalista do Jornal *Hora de Brasília*, cobri a construção da cidade em 1959, não havia imprensa aqui e o jornal era editado em Goiânia. Meus pais já moravam aqui e eu morava em

Goiânia porque eu era jornalista e ativista político. Em 19 de abril de 1964, fui o primeiro jornalista preso de Goiás e no atestado de antecedente consta: preso por atentar contra o atual regime, que tinha na época 18 dias. Quando eu saí da prisão, meus pais moravam aqui e eu vim para cá. Era uma vergonha, você era preso e obrigado a pagar a diária da cadeia e a sorte minha era que eu tinha recebido o salário da Universidade Federal de Goiás, porque o jornal *O Quarto Poder* era da universidade e eu paguei as diárias da minha prisão e a do presidente do sindicato da construção civil, senão a gente não saía da cadeia. Cheguei a Brasília e não sabia até onde a repressão acompanhava a minha vida e fui trabalhar de açougueiro na rua da Igrejinha e quando eu vi que estava tudo bem fui ser assessor parlamentar. Depois prestei concurso e fui para o Ministério do Trabalho, na Delegacia do SAPS. Já tinha prestado vestibular na UnB, em 1967, quando fui preso e saí da prisão em 1977, dez anos depois, com 4 lesões físicas de tortura que tratei no Hospital Sarah Kubitschek por 2 anos e meio. No Quartel dos Dragões da Independência, fui afogado em tinas de urina e fezes e fiquei com fungo nos ouvidos, fiquei nas piores prisões desse país, nas piores selas.

03 – Todos aqueles companheiros mortos, assassinados ou desaparecidos, da UnB tem dois colegas que militaram comigo: Paulo Celestino que foi morto na casa da morte, ele teve a 'tortura apache', eles aplicavam um soro antitetânico e iam quebrando os dedos dele, a pele dele foi tirada à navalha. A única sobrevivente da casa da morte, Inês Etiane Romeu, eu me casei com ela, na prisão, em 1975. Ditadura para desmoralizar todos os combatentes pela liberdade dizia que no Brasil não havia presos políticos, tinha assaltante de bancos, ladrão de fios de cobre da Central do Brasil e traficantes. Em 1975, era o ano Internacional da mulher e veja o ridículo, a única mulher no mundo que tirava prisão perpétua a mais de 2 anos na cadeia, era Inês. Nós dois nos conhecemos na militância política em 1963, quando em Goiás constituímos a frente de esquerda revolucionária. Eu estava preso na Ilha Grande e a Inês estava presa no Talavera Bruce e um ato de desmoralização da Ditadura, pensado por mim e graças a Luiz Andrade que foi preso e torturado comigo no corredor da morte, 15 anos diretor de jornalismo da TV Globo. Então eu saí, algemado e ela também e quando chegamos no cartório do Rio, todas as televisões estavam lá e fizeram uma matéria dizendo que era a única mulher, que no Ano Internacional da Mulher, cumpria prisão perpétua.

04 – Primeiro fui açougueiro depois assessor parlamentar. Eu morava numa república na W3 porque meus pais moravam em Taguatinga Norte e como o transporte era muito difícil, havia ônibus até Taguatinga e depois tinha que andar a pé e era muito longe e por isso eu ficava em Brasília.

05 – Eu tenho uma visão crítica e de orgulho porque eu conheci tudo quando, na linguagem discriminatória da poesia de Vinícius na Sinfonia da Alvorada: 'no início era tudo ermo'. No caminhão de meu pai tinha material de salga, que era o seguinte: naquela época a arma 22 que se chamava 'filobé', de cano longo e o Planalto tinha muita caça e mesmo que o motorista não quisesse matar ele atropelava as caças e para não deixar pra trás os animais mortos salgavamos. Para mim foi um choque tecnológico e um orgulho nacional saber que estava assistindo a construção da Capital do Brasil e tudo que estava acontecendo: Maria Ester Bueno era campeã de tênis, a bossa nova, o cinema novo, o primeiro campeonato de futebol que o Brasil ganha e o clima de liberdade do governo do Juscelino gerou na gente um clima de euforia. A gente pensava, discutia e todos estavam muito animados e solidários. A gente estava ao lado de um engenheiro que conversava e comia a mesma comida do operário, todos se respeitavam e tinha o chamado 'ritmo de Brasília' que iniciou na construção do Catetinho, na primeira obra de pilotis de Niemeyer. As pessoas acreditavam e sabiam que havia um determinismo

histórico, no dia 21 de abril de 1960 a Capital tinha que ser inaugurada, todos tinham um dever cívico. Esta cidade deu ao mundo a capacidade de enxergar o Brasil, quando se via a coluna do Palácio da Alvorada reconhecendo-se Brasília. Com o início da construção, na visão arquitetônica e política de Lúcio Costa é que após a construção do Senado e da Câmara o mundo começa a conhecer a segunda forma de Brasília que é o Congresso.

Tivemos uma Ditadura de mais de 20 anos mas em qualquer época que houver, eu não quero que haja, mas se um dos poderes não funcionar os três poderes estão juntos. E por que o Congresso aparece na Esplanada dos Ministérios? Porque o Congresso, mesmo com toda essa decadência política que nós vivemos agora, teoricamente ele representa a vontade do povo. Todo mundo viveu essa fase e todos tinham consciência. A UDN, os antimudancistas, marcaram o dia da inauguração achando que não iria ocorrer e que seria a morte política do Presidente Juscelino Kubitschek, coisa que, graças aos brasileiros vindos de tudo enquanto é rincão, não ocorreu. E se você vê a imagem de um operário da época, era um camponês, de camisa comprida, usando chapéu, de calça larga e, às vezes, analfabeto.

Eu vim para Brasília na época do acidente da Pacheco Fernandes e não houve massacre. Por ironia, eu, depois como coordenador da GEAP, fiz a poligonal da Vila Planalto e essa ideia da Pacheco Fernandes se deve a oposição ao Presidente Juscelino, de um jornal 'Binômio' cujo nome se deu à época em que Juscelino foi eleito governador de Minas o binômio dele era 'energia e transporte'. Eles disseram que houve um massacre, morreu um operário porque houve espancamento, a comida estava podre, os operários questionaram e o responsável pela cozinha disse que estava havendo morte e o diabo e chamou a GEB que começou a bater nos operários e dar tiros pra cima. Você sabe por que não houve um massacre? Porque entre o Palácio da Alvorada e o Brasília Palace estava a Sexta Companhia de guardas que fazia a segurança do Presidente, foi a primeira organização militar e quando eles ouviram os tiros prenderam os guardas da GEB, as pessoas têm que saber que na época todo o território físico de Brasília era estado de Goiás, então o juiz de Planaltina fez o processo, tem o nome de quem foi espancado, quem fez a autópsia no operário que morreu foi um tenente médico da Sexta Companhia, está tudo isso no processo, Dr. Lúcio Arantes fez isso e você vê depoimentos de pessoas que disseram estar aqui, são pessoas que têm cultura de filmes de cineasta que chegou aqui em 1974 com ideias nazistas e veio para dizer que aqui existia uma política pública para matar operários, que aqui se fazia o mesmo que os nazistas, que se abriam valetas e jogavam operários mortos. A comida estava estragada no Acampamento da Pacheco Fernandes, eram 62 mil operários, o sujeito da cozinha ia comprar carne em Luziânia e podia estragar, as carnes eram cozidas porque não tinha refrigeração. Meu pai passou por isso, ele falava do arroz que era cru, ele dizia que não aguentava mais a comida de Brasília e por isso a família toda veio morar aqui, antes somente ele trabalhava aqui e ia pra casa, em Goiânia, de 15 em 15 dias. Isso fez parte da campanha para ridicularizar Brasília, você não tem ideia de como se fazia isso. O presidente do Clube de Engenharia do Rio de Janeiro dizia que a terra de Brasília era uma esponja e que o Lago nunca ia encher, quando se fechasse as comportas do Lago Paranoá a água dali ia vazar no Japão. Era uma campanha terrível contra Brasília e isso em 1959 e a maioria dos historiadores não veem, por exemplo, que o Carlos Lacerda e todos os que eram contra a formação do Estado Nacional iniciado por Getúlio e que Juscelino deu consolidação desse Estado Nacional. A UDN disse que Juscelino na podia ser candidato e se assim o fosse não poderia ser eleito e mesmo eleito não poderia tomar posse e uma vez empossado não poderia governar. 30 dias depois da posse de Juscelino eles fizeram a Rebelião de Aragarça e Jacareacanga e 4 meses antes da inauguração para tentar impedir fizeram a última e os historiadores não tratam disso porque não sabem, não conhecem os fatos geopolíticos, não sabem que Brasília está no Planalto para assegurar o domínio da

continuidade brasileira conseguida no Tratado de Madri.

Não existia corrupção, havia roubos a partir de marginais sociais, mas nunca conseguiram comprovar nada.

Os serviços eram precários porque ocorreu o seguinte: eu falei pra você que a cidade iniciou no dia 03 de novembro de 1956 quando fizeram na cidade administrativa onde foram feitos os galpões para abrigar a NOVACAP, a Cidade Livre abastecia todos na construção. O primeiro hospital de Brasília foi o IAPI onde hoje é o Museu Vivo da Memória Candanga, ele era provisório, mas um hospital de tábuas que tinha até produção de oxigênio e equipamentos modernos e atendia a todos, inclusive os trabalhadores da construção até se construir o Hospital Distrital. A saúde atendia bem e, depois da inauguração, é preciso entender que é um choque cultural e de orgulho para os interioranos que estão acostumados a ver casebres e pobreza por todo lado, chega numa terra nua e vê brotar dela uma cidade moderna, feita por um candango que não sabia ler e nem falar o português direito chegar em Brasília e 6 meses depois ele montava um elevador com voz eletrônica. Você vê o choque tecnológico e a importância que Brasília teve para o Brasil e uma coisa que me fez pensar muito foi porque até hoje os sociólogos e historiadores não veem a dimensão de tudo isso e culpam Brasília pela imigração.

A solidariedade entre as pessoas era o orgulho de participar da obra, de assistir o Brasil perder o complexo de vira lata. Essa solidariedade foi se acabando a partir do ideologismo inoculado na humanidade pelos americanos, desde pequenos nós éramos intoxicados com a necessidade de ter carros porque nos EUA todo cidadão tinha um.

06 – Eu me considero parte desse projeto porque eu continuo lutando pelo projeto urbanístico e arquitetônico de Brasília e doo todas as minhas energias mentais nessa defesa. Assisti as pessoas fazendo história, ela passou em frente meu nariz e meu compromisso é resgatar esses acontecimentos e essas pessoas do ostracismo.

07 – Brasília sofreu a ingerência dos especuladores imobiliários que se revoltaram com o projeto de Lúcio Costa que é para a cidadania, contempla os espaços públicos e eles são dos brasileiros de outros cidadãos de quaisquer países do mundo que venham conhecer a Capital. O maior inimigo do projeto foi a Ditadura que não deu sequência ao urbanismo e à educação.

08 – Primeiro as pessoas têm que ver que Brasília é a cidade mais moderna construída na década de 60, nós estamos há 53 anos do início da construção, e vemos ocorrer o fenômeno do consumismo americano. O ser humano, desde a idade das cavernas, tinha o sonho de arrumar um lugar para morar. Hoje, a primeira preocupação é comprar um carro, um dos elementos mais poluidores do planeta e o Presidente da República facilita para que cada vez mais as pessoas consigam comprar seu carro. O governo pelo corrupção estrutural dele, ligado aos especuladores das companhia estrangeiras automotivas, deixa de fazer o transporte coletivo, indo na contramão. O projeto inicial de Brasília cumpre seus objetivos, as deformações foram permitidas pelos governos que permitiram as modificações.

09 – No início a cultura era demandada pela quantidade de operários e a origem deles. 60% dos operários eram nordestinos e aqui sempre foi um caldo de cultura, mas os nordestinos ditavam nos acampamentos a cultura urbana que o Brasil vivia com a modernidade e a cultura sertaneja e da música popular nordestina. As pessoas precisam conhecer melhor o que significou a Universidade de Brasília, foi a primeira universidade aberta do Brasil, ela foi o foco de cultura da cidade. A cultura popular era representada pelo rádio, havia programas de

auditório com cantores da cidade. Havia o Cel. Jorginho com seu circo, o Dedé Santana se apresentou pela primeira vez nesse circo, na TV Nacional aqui em Brasília. Hoje está faltando cultura nos dirigentes, eles não sabem nada sobre a história de Brasília, sobre a responsabilidade patrimonial e não selam pelos bens culturais. A cultura de uma cidade depende do acultramento dos dirigentes e vemos os políticos falando e fazendo as maiores asneiras.

10 – Bem, eu sou um trabalhador cultural, defensor do projeto de Brasília, então, para mim tem tarefas todos os dias e todas as horas. Agora, viver em Brasília para trabalhadores intelectuais é muito esforço, os corruptos veem para cá e os corruptores também, isso é uma mazela inerente à condição de ser a capital administrativa e política do país. Brasília não é artificial, eu vi o chão limpo, assisti a cidade ser construída e participei de algumas fases da consolidação dela.

11 – Havia excesso de oferta de emprego e as pessoas recebiam salários, nessa fase do ritmo de Brasília, que ninguém ganhava no país. Todos os funcionários eram muito bem pagos, sem distinção de profissão.

12 – As pessoas que afirmam isso não conhecem o processo migratório, todo mundo fala da utopia de Brasília, eu tenho um exemplo dessa utopia: eu fazia um curso de Pedagogia e um colega meu era assessor do Presidente do Supremo Tribunal Federal, o Ministro Álvaro Ribeiro da Costa, primo de Lúcio Costa. Esse Ministro morava na 208 e eu estava com meu amigo e ele tinha de apanhar o Ministro em casa. Os Ministros Álvaro R. e Nunes Leal foram os dois primeiros a pensar na agilização da justiça no Brasil por meio da informática e por isso eles se matricularam no curso de eletrônica que havia no Elefante Branco. Eu estava lá no prédio junto com meu amigo, o assessor, e o Ministro era mais baixo que eu e estava com o paletó na mão e sem gravata, veio uma senhora e disse a ele: o senhor é um irresponsável eu estou com uma mala de roupa a uma semana e meia e o sr. não arruma o meu ferro de passar roupas, ela reclamou muito para ele. No final ele prometeu arrumar o ferro dela para o dia seguinte e a resistência tinha que ser buscada em Goiânia naquela época. Depois que ele embarcou no carro com meu colega eu falei para a senhora que ela tinha 'pago sapo' para o Presidente do maior tribunal do país e ele por diletantismo conserta o ferro de você e não cobra nada, isso eu testemunhei.

Não há como tratar de casa-grande e senzala em Brasília, aqui há cidade em torno de Brasília e não favelas.

13 – Brasília me surpreende porque eu assisti ela brotar, há um amortecimento de minha sensibilidade, mas a cada hora eu sou obrigado a repensar isso. Vou te dar um exemplo: a pessoa mais injustiçada, o homem que viabilizou o Niemeyer como um dos maiores arquitetos da humanidade é um engenheiro chamado Joaquim Cardoso, o poeta. Niemeyer fazia um rabisco e ele fazia o cálculo e transformava em uma obra. Eu fiz uma entrevista com ele quando houve uma representação de uma peça teatral dele no Teatro Nacional, eu perguntei a ele qual o desafio arquitetônico para ele calcular e ele me respondeu que estava bem perto. Ele falava da passarela que dá acesso ao teatro, ela é uma obra de arte e ninguém observa. Então, as construções de Brasília são assim, às vezes passam despercebidas porque não prestamos atenção, não vemos com olhos críticos a cidade.

Acho que é um choque todo dia para quem mora na Ceilândia ou em qualquer outro lugar.

14 – Isso depende de outros fatos sociais e Brasília é uma cidade de prestação de serviços,

então você pode distinguir as pessoas pelo biotipo. Os brasilienses se distinguem porque apesar de virem de todas as partes do Brasil se aglutinam na Capital e se adaptam a ela completamente, perdem suas características regionais.

15 – Depende da extração social, tem os poderes Legislativo, Judiciário e tem o povo. Há uma verdade que as pessoas desconhecem, 70% dos funcionários federais ainda estão no Rio de Janeiro. Aqui reflete a grande colmeia que é o Brasil, sendo que os serviços de saúde, por mais problemas que ele tenha ele dá uma universalidade que não existe no restante do Brasil. O sujeito pode andar 30 léguas em busca de um curativo. Eu acho que as pessoas em Brasília tem mais acesso à riqueza do que em outros lugares do país porque a infraestrutura por mais deficiência que ela tenha ainda é superior em qualquer nível a não ser nos núcleos de elite que todas as cidades têm, isso ocorre em qualquer cidade do mundo.

No cotidiano de Brasília o que está pior é na classe média, o excesso de carro e os 'descamisados' é os transportes coletivos ou de péssima qualidade. Esse é um problema para todas as classes, quem tem carro não tem onde estacionar e enfrenta congestionamentos.

16 – O Brasil não teve vários estadistas, o Juscelino se diferencia de todos porque foi o único a ter plano de governo. Quem assistiu Brasília ser construída e você pode pegar os documentários da época, a formação do Estado Nacional inicia com Getúlio Vargas com a formação de um estado moderno. Você vê, por exemplo, as leis trabalhistas; mulheres e crianças trabalhavam 16 horas, sem o mínimo de direitos: não votavam, não tinham direito a creches e o Getúlio cria as leis trabalhistas e acaba com a monocultura do café e lança as bases para a industrialização. E o que acontece? Nesse governo a Formação Nacional ocorre sob sangue, tortura e assassinatos e o Juscelino consolida esse Estado Nacional num clima de democracia, ele anistia as duas rebeliões que o queriam depor. Então, há uma diferença, Juscelino é o único estadista, eu só admito dois estadistas com a ressalva de que Getúlio teve um governo ditatorial, sangrenta e assassino e Juscelino não teve nada disso, ele conviveu e viveu numa democracia, eu sou um produto disso. No meu tempo a gente aprendeu a pensar, eu comecei a minha vida como ativista aos 12 anos, fazendo discurso e meu tornei um tribuno em Goiás, pensávamos, havia grêmios acadêmicos, torneio de oratória, teatros, hoje só vemos tudo isso em vanguardas de resistências.

17 – Eu acho que isso não procede, o poder atrapalha a gestação e a emulação de vanguardas, veja, por exemplo, nos 50 anos de Brasília ainda não completou a formação cultural da cidade, ainda falta no setor cultural completar aquele quadrante abaixo do Teatro Nacional. Eu e Maria Elisa Costa recebemos o Bruno Catarino que fez o projeto de cálculo estrutural do teatro e da rodoviária, ele não vinha ao Teatro Nacional desde que terminou a obra. A ditadura atrasou, não completou a cidade, temos só duas escolas parques em Brasília e deveriam ser várias. Nas campanhas eleitorais a gente vê a cretinice dos candidatos falando em escola integral e isso é projeto de Anísio Teixeira, na época da construção. As pessoas que produzem cultura têm a preocupação de lançar seu produto no Teatro Nacional porque eles não têm como fazer isso na sua cidade.

18 – Em Brasília eu fui preso em 1967 porque eu era militante clandestino, fui torturado em todos os quartéis e depois da Região Militar fui levado para Juiz de Fora. Eu cresci politicamente no regime de liberdade do Juscelino e na ditadura fiquei preso por 10 anos e na cadeia eu era um combatente. Saí da prisão e vim para Brasília me tratar das lesões de tortura no Hospital Sarah Kubitschek.



19 – Acho que a gestão administrativa do governo Arruda e de quem o sucedeu é a pior da história de Brasília desde a inauguração. Quando eu fui diretor do Patrimônio Histórico de 2 em 2 anos o Catetinho era vistoriado por um entomólogo e ele descobriu um cupim lá que todos pensavam que não mais existia. Hoje a diretora nomeada para o Catetinho não vai lá e o Palácio está caindo de podre, há três anos não é vistoriado.

20 – Aconselho você entrevistar o Eduardo Gomes de Faria (Fernando Lopes), Walter Albuquerque Melo (criador do Arquivo Público), Irlam Rocha Lima, Neusa França.

## 21) JOÃO CARLOS TAVEIRA – 25/02/2010

01 – João Carlos Taveira, nasci em Caratinga-MG, mas estava no Rio de Janeiro antes de vir para BSB.

02 – Vim em 26 de dezembro de 1969, sozinho. Tinha 22 anos. No ápice da Revolução, vários amigos meus, que também estavam no RJ, tinham se envolvido com a política de esquerda e tinham perdido a vida. Minha família com medo que eu também perdesse a vida porque eu também já estava envolvido, pediu para um amigo me levar para BSB. Eu tinha muita vontade de conhecer a Capital, ganhei uma passagem, vim e estou aqui desde então e adotei a capital como minha cidade.

03 – Estou aqui há 41 anos. Quando cheguei a paisagem de luta pela cidade, de organização e de beleza entrou na minha vida. A gente andava pelas ruas, a cidade tinha conforto para a população, era muito bom morar aqui. BSB continua uma surpresa boa, apesar do crescimento desordenado, dessa desordem imobiliária que ronda e agride a cidade.

04 – Vim para conhecer BSB. Trabalhei, depois de um tempo, como telegrafista nos Correios e Telégrafos. Trabalhava 6h por dia e depois ia para a UnB. Lá, conheci Cassiano Nunes e ele se interessou por minha poesia, meu livro tem o prefácio dele. Eu publicava no jornal, naquele tempo era fácil publicar poemas no jornal, o *Correio Braziliense* tinha um caderno, chamado Armazém Literário, dirigido por José Elder de Souza, um poeta cearense que aqui morava. Eu publicava os poemas lá, meu primeiro livro só veio aos 37 anos de idade. Eu morava em república de estudantes e trabalhei em construção civil inicialmente. Em 1973, quando me casei, senti necessidade de uma casa, aí paguei aluguel, não era muito caro. Em seguida comprei casa no Guará, era fácil comprar nessa época, não havia a preocupação capitalista de hoje.

05 – BSB é um sonho dos inconfindentes, quando os brasileiros tomaram consciência de que o Brasil era só litoral e que precisaria caminhar para o interior (a marcha para o Oeste) construíram BSB que beneficiou todos os estados do país. A satisfação é grande e eu queria ter vindo para a construção.

A Revolução Militar teve pontos favoráveis para BSB e foi ela que consolidou a cidade como Capital do Brasil. Entretanto, a RM perseguiu Juscelino até a morte, há muita contradição em tudo.

A Fundação Hospitalar de BSB funcionava muito bem, assim como a Fundação Educacional, todas as fundações funcionavam bem e a autonomia política destruiu tudo isso. Os serviços

em geral eram bons, podia circular com mais tranquilidade, podia-se comprar imóveis. Na década de 80, com a autonomia política, houve muito prejuízo para BSB, muitos vieram para a cidade e isso trouxe muitos problemas. BSB tem uma visibilidade pelo mundo todo.

Não havia corrupção, em verdade, as pessoas sabiam dos desvios que ocorriam na construção, mas precisavam continuar a obra e não havia como resolver o problema.

Ainda há solidariedade em BSB. Mas é muito comum a formação de grupos na cidade, alguns escapam dessa regra. Observo no prédio onde moro que os antigos moradores se conhecem e mantêm amizade, mas os moradores novos nem falam com os mais velhos.

06 – Foi o sonho de Juscelino, desde garoto eu ouvia sobre a construção e a transferência da Capital, mas ainda não tinha idade pra vir. Quando já estava maior vim conhecer a cidade para sair do ambiente político do Rio de Janeiro e fiquei. A arquitetura de BSB me assustou inicialmente, os espaços enormes, nos anos 70 me incorporei à cidade, essa arquitetura influencia nos pensamentos, no espírito da gente, há uma liberdade enorme. Eu me sinto pioneiro, quando eu brigo por BSB é como se eu tivesse chegado aqui em 1957 para a construção.

07 – BSB ganhou autonomia, consolidação, é uma cidade com todos os aspectos modernos. Perdeu muito porque a propaganda demagógica e eleitoreira trouxe um contingente de pessoas despreparadas para buscar em BSB o que ela não tinha para dar. Não há emprego para tanta gente, BSB foi pensada para ser uma cidade funcional. Isso gera vários problemas sociais.

08 – Não, o plano é perfeito. As pessoas que não podiam morar em BSB precisavam de um lugar para morar, criaram as cidades-satélites. Era preciso também uma política de transportes públicos para ligar essas cidades a BSB. Não deram continuidade ao plano de LC, apostaram no transporte individual e esse foi o erro, faltou esse pensamento em BSB.

09 – Os pontos de cultura de BSB são praticamente os mesmos com outros nomes. Tínhamos o Cine Brasília, na W3 havia o Cine Cultura, muita coisa acontecia nesses cinemas. O teatro era insipiente, tinha o teatro da Escola Parque, Os dois candangos, na UnB. Os músicos que surgiam aqui iam para outros centros. A literatura de BSB foi formada por escritores que vieram de fora e se fixaram aqui. Muitos artistas e atletas surgiram em BSB e nos representam muito bem no mundo, o que nos envergonha são os políticos que veem de fora, de vários estados. A cultura de BSB precisa fomentar, criar concursos, condições para os alunos se aperfeiçoarem fora do país.

10 – Eu penso que morar em BSB é um privilégio, quem veio e foi embora foi porque não entendeu a cidade e precisa ser compreendida em seus princípios. O artifício de BSB talvez esteja no seu aspecto arquitetônico porque tudo que é arte é artifício. O artístico é artificial e por BSB ser uma cidade projetada modernamente parece para muitos, que não moram aqui, artificial.

11 – Não havia problemas. Havia muita demanda para a população.

12 – Hoje, pode ser que sim, tem um professor da UnB escreveu um livro muito interessante sobre isso. Não vejo muito isso aqui, parece um pouco de exagero.



13 – Hoje está normal, essa arquitetura oval do Niemeyer já está em nosso subconsciente. Às vezes, faço algumas críticas. A arquitetura dele é muito bonita para ser vista, mas algumas obras são pouco funcionais. Mas em BSB como um todo isso não ocorre. Penso que interfere porque nos dá uma espacialidade espiritual maior e, por isso, em BSB se propagam muitas seitas e seguimentos religiosos. A arquitetura dá uma noção de maior liberdade e as pessoas se tornam mais ousadas e se lançam no espaço.

14 – Não, isso é mito. As pessoas aqui são maravilhosas, BSB não mudou ninguém, ela exacerbou o sentimento da solidariedade nas pessoas.

15 – BSB tem uma condição de vida das melhores do país. Gosto muito do cotidiano daqui porque tudo é muito fácil. Há muitas livrarias, mercados...

16 – Juscelino é um estadista não só pela construção de BSB. O governo de Juscelino propiciou a indústria nacional, criou a indústria automobilística, abriu estradas. O Brasil cresceu muito no governo dele.

17 – Não, pelo contrário, os poetas, de uma forma geral, não têm esse compromisso com o poder, nem mesmo aquele que trabalha direto com o poder. Os artistas sempre foram livres para produzir em BSB.

18 – Quando a ditadura foi implantada eu vi os sonhos da capital caírem por terra. Não tive problemas porque não me envolvi com a política, trabalhava e lia muito.

19 – Não. A arquitetura de BSB está ligada à poesia. A cidade tem uma vida pulsante diferente de todas as outras. Temos uma voz própria e conseguimos conviver bem com todos os outros, BSB dá um tipo de poder para as pessoas que se sentem beneficiadas por alguma força da natureza. Ela não é só linda do ponto de vista arquitetônico e urbanístico.

20 – Conceição Freitas, Alan Viggiano, Prof<sup>a</sup>. Maria Rosa (UnB), Cláudio Queiroz, Sérgio de Sá.

## **22) JOSÉ CARLOS BRANDI ALEIXO – 24/04/2010**

01 – José Carlos Brandi Aleixo, nasci em 1932 em Belo Horizonte-MG. Fui aluno do Colégio Loyola dos Jesuítas, em 1943, e decidi seguir o caminho da vida religiosa.

02 – Em razão disso fui para as cidades onde deveria realizar meus estudos e preparação no Brasil. Para o curso de Teologia e depois passei alguns anos estudando na Espanha, Irlanda, Estados Unidos e, depois, fiz a pós graduação em Washington, em Ciências Políticas. Foram 10 anos no exterior e, após o mestrado e o doutorado, recebi como destinação Brasília. De forma que, no meu caso, Brasília foi uma destinação porque eu estava disponível para ir trabalhar onde precisasse. Voltando ao Brasil fui a Belo Horizonte e recebi a visita do então Reitor da Universalidade de Brasília, Caio Benjamin Dias, que me convidou para lecionar na Universalidade, isso em 1968 e, no ano seguinte, coordenei o Departamento de Ciências Políticas. Em 1974 a Universalidade fundiu o curso que já era o de Estudos Sociais em

Relações Internacionais.

Houve um grande depoimento, não escrito, sobre a formação do Curso de Relações Internacionais e sobre o trabalho do padre em geral e sobre as Embaixadas no Brasil.

03 – 41 anos, para mim foi gratificante porque Brasília estava ainda num clima de conclusão, de consolidação, não mais a Brasília de 60, da poeira e da escassez de recursos mínimos. Em 1969 ainda havia um pouco do clima de construção, de pioneirismo no espírito salutar. Numa cidade menor, as pessoas se conhecem e se ajudam mais e há uma certa escassez de produtos. É natural que esse anonimato cresça quando a população já supera 2 milhões, isso é uma espécie de lei, quase matemática. Brasília está consolidada e com uma diversidade cultural grande.

Brasília está consolidada, houve uma grande sabedoria e perseverança por parte de JK porque ele tomou a decisão de inaugurar na gestão dele. Creio que ele sabia dos riscos, da tentação, digamos assim, de instalar aqui um clima de cidade como Goiânia, Anápolis, importantes mas não Capital do país. Muitos queriam voltar para o Rio e, inaugurando a cidade, ele tornou mais difícil o regresso ao Rio de Janeiro. Houve um período de dúvidas e reconhecemos que os presidentes militares confirmaram essa decisão sábia do Presidente JK e consolidaram, em seus governos, Brasília como Capital do país. Ao completar 50 anos a gente pensa nas frases, nas profecias do início da construção de Brasília. Uma delas foi na primeira missa que aqui se celebrou, missa pública mais solene em 03 de maio de 1957, celebrada pelo Cardeal de São Paulo, que era mineiro, Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota. Ele fez uma bela homilia ao final da missa e, entre outras coisas, disse que a vocação de Brasília seria ser um trampolim para a Amazônia. Com a cidade veio a integração norte-sul, a Belém Brasília, a leste-oeste. No dia 02 de dezembro de 1960 houve aqui um encontro de caravanas de veículos de Belém, Cuiabá, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Isso antes da inauguração, com aplausos, apoio a ideia da construção de Brasília. Eram muitas manifestações de apoio aqui no país. De forma que as pessoas que vieram pra cá sentiram-se mais realizadas. Penso que é uma cidade diferente de outras com uma abertura maior, você veja as superquadras, pode-se transitar por debaixo dos prédios, não há condomínios fechados no Plano Piloto. O gabarito da cidade é respeitado no Plano, coisa que não acontece em cidades próximas, e aí você pode tecer algumas restrições, deveriam ter proposto um espaço pouco melhor para veículos, já havia a experiência do PP. O número de carros cresceu além das expectativas, tiveram que tomar algumas medidas aqui, fizeram a L4 que de alguma forma aliviou o trânsito na L2, mas em algumas cidades-satélites isso não é tão fácil. Isso tudo é uma observação de passagem.

04 – Minha experiência é bem simples, estou nesta casa (Centro de Cultura Brasília) desde o segundo semestre de 1969, passei o primeiro semestre numa residência provisória. Aqui vivemos em comunidade e o trabalho era na UnB.

05 – Satisfação, creio que é uma cidade diferente, com dimensões em aspectos demográficos, um desejo de diminuir as distâncias entre os grupos de poder aquisitivos diferentes. Esse desejo existiu mais no início que hoje, esse é um fenômeno que se constata. Um porteiro da Câmara dos Deputados morava no PP. Vários fatores modificaram isso, alguns optaram por vender os apartamentos e adquirir outro nas cidades-satélites e ficar com um certo saldo e saíram do PP. Um ou outro continuou aqui e até hoje as família moram por aqui. Isso já é uma outra dinâmica, qual a prioridade que se dá, viver aqui onde o custo de vida pode ser mais alto ou vender o bem imóvel e transferi-se para outra área mais barata, porém mais distante. O clima de relacionamento entre as pessoas de poder aquisitivo diferente não era de tensão.

Você sabe que historicamente o elevador trouxe consequências de caráter social porque a partir dele o prédio pode ter muitos andares e isso contribui para trazer pessoas de mesmo poder aquisitivo para aquele prédio porque onera custos para o condomínio.

Havia casos de corrupção e se você ler os Diários Oficiais da época você verá que vários foram demitidos por improbidade administrativa e etc. Com a censura nem tudo veio à tona. É próprio dos regimes autoritários ter o controle da imprensa e impedir que a realidade seja mostrada. Resumindo, talvez de maneira imperfeita, BSB tem três etapas: a 1ª etapa, quando aqui habitavam os que cresceram e se formaram fora de BSB; 2ª etapa, BSB é governada por pessoas que nasceram fora, mas que se formaram aqui e a 3ª etapa, que já se apresenta e vai crescer, é BSB nas mãos dos que nasceram, formaram-se e cresceram aqui e estão assumindo o poder na cidade nos níveis do Executivo, Judiciário e Legislativo.

O transporte era precário, tenho a impressão de que hoje, pelo menos aqui no PP, é melhor, ainda insuficiente, mas há progressos. No início de BSB as pessoas diziam que ela era um animal de cabeça, tronco e rodas, cada família teria seu automóvel, o que é impossível com uma população de mais de 2 milhões de habitantes.

No começo havia maior solidariedade, na UnB a maioria dos estudantes pediam carona, ainda hoje pedem. Dizem alguns que alunos de determinados cursos não pediam, que tinham um certo constrangimento em pedir carona.

06 – Creio que sim porque maior parte de minha vida ocorreu aqui. Um ex-aluno propôs meu nome para receber o título de Cidadão Honorário de BSB e foi aceito, então, recebi o título. A UnB me concedeu, ano passado, o título de Professor Emérito.

07 – Há umas características básicas que continuam preservadas pelo fato de que BSB é Patrimônio Histórico Cultural da Humanidade. Então, não podemos esquecer que a cidade tem traços singulares que continuam, o que não quer dizer que foi fiel ao projeto inicial. Alguns viadutos, alargamentos de ruas que foram feitos, talvez não tivessem previstos, mas também não estivessem excluídos e foram necessários e não desfiguraram a cidade. No início não havia pontes, para ir ao Lago Sul era preciso ir até o balão do aeroporto, hoje há três pontes e elas não me parecem que desfiguram BSB, constituem um aprimoramento, os governantes precisam fazer essa avaliação. No Instituto Histórico e Geográfico de Brasília há um grupo, COMBRAS, que trabalha para que a cidade não seja modificada.

08 – Creio que o sistema de transportes poderia ter sido melhor, mais abundante desde o início porque muitos trabalhadores moravam ou passaram a morar distante do local de trabalho. Esse é um problema grande para as cidades, a distância entre a residência e o local de trabalho.

09 – Era mais limitada. Instituições de Ensino Superior estavam surgindo, grupos artísticos, orquestra, a presença das Embaixadas ajudaram.

10 – Acho gratificante, temos excelentes bibliotecas, pastoral espiritual, enfim a dimensão religiosa de BSB foi, desde o início, e continua sendo, importante. Inclusive o PP, como disse LC, surgiu de duas linhas retas que se cortavam em ângulo reto, ou seja, da cruz.

Sinto-me feliz em todas as cidades que já vivi e sou aqui também.

Creio que não, no começo era tão diferente que talvez as pessoas estranhassem a falta de esquinas com bares para se reunirem e conversar. Hoje, BSB tem um clima de intercâmbio muito grande e as pessoas se encontram nos clubes, que são numerosos. Um dos benefícios do

Lago é ter possibilitado essa quantidade de clubes e os encontros das pessoas. Isso foi quebrando ou diminuindo uma artificialidade inicial que as pessoas estranhavam o que não encontravam em BSB e que tinham no Rio, em BH e outras cidades. Hoje, depois dos encontros de pessoas de todo o Brasil, já há o modo de ser de Brasília e não existe mais nada de artificial.

11 – Não, tenho a impressão que no início as pessoas vinham para construir a cidade.

12 – Creio que é uma maneira um pouco hiperbólica usar essa imagem de casa-grande e senzala porque na obra de Gilberto Freyre, tínhamos uma sociedade dividida entre proprietários e escravos, não é o caso de BSB. Todos que aqui estão podem obter seus títulos de eleitor e isso faz a diferença, naquela senzala antiga os escravos não votavam, as crianças não tinham escola e o atendimento de saúde era precário. Hoje, os poderosos sabem que dependem dos votos dos pobres para garantirem o direito desejado.

13 – Ela é singular, para mim não é artificial, não é algo que me causa estranheza. Há uma certa interação. O sistema de superquadras contribui para que as pessoas se conheçam mais naquela área, haja uma interação maior, todas as pessoas se encontram, sem distinção. As pessoas se acostumam com o modo de viver em cada cidade, aqui tem-se uma sensação de espaço, uma abundância de área verde extraordinárias, coisa que não se repete em proporções iguais em outras grandes cidades do Brasil. Isso é um privilégio, talvez BSB seja uma das Capitais com a maior área verde do mundo. As pessoas precisam de um período natural de adaptação.

14 – Creio que os espaços permitem uma maior interação e também as pessoas adquirem um conhecimento melhor sobre o Brasil aqui porque tem colegas nascidos em vários estados brasileiros. Esse contato com culturas diferentes faz com os habitantes daqui tenham uma visão melhor sobre as diversidades do país.

15 – O nível de vida em BSB parece que é mais elevado embora a gente sinta que há muito ainda o que fazer para termos um nível de vida melhor.

Há vários aspectos positivos: essa abertura a diversas regiões do Brasil e do mundo porque as Embaixadas, os Diplomatas, várias escolas, enfim, BSB tem um coeficiente cosmopolita grande.

Negativos: sistema de transporte.

16 – Sim, foi uma epopeia, uma saga, ele ter começado com a ideia da construção em 1956 e em três anos e poucos meses inaugurar uma cidade com o mínimo de infraestrutura. Isso ocorreu com um sistema democrático, com a oposição levantando muitas objeções e algumas dessas foram incorporadas, havia um membro da oposição na NOVACAP.

17 – Pode haver um percentual de artistas que para vencer a qualquer preço se submeta ao poder, mas creio que é pequena. Basta ver a imprensa e observar como há críticas sobre esse assunto. A maioria dos artistas são criativos e livres.

18 – Há o movimento de 64 que ocorreu logo após a inauguração de BSB, há muitos estudos sobre esse período. Para muitos, aquilo era como uma operação cirúrgica, algo transitório, o país iria voltar a normalidade constitucional dentro de um prazo curto. Na universidade havia

restrições, cuidados ao falar sobre determinados assuntos, havia um clima de incerteza, manifestações políticas aconteciam. Durante o governo de Figueiredo houve a Lei da Anistia que foi muito importante, as pessoas puderam voltar às suas funções.

Tenho a impressão que no Regime Militar houve um consenso no sentido de consolidar Brasília e isso foi comum aos presidentes no período de 1965 a o fim do governo Figueiredo. Na verdade esse período de presidentes militares poderia ter sido muito menor porque a gente sabe que a preferência do Presidente Castelo Branco era por um civil, sabe também que havia um civil que deveria ter assumido a presidência quando Costa e Silva esteve enfermo, que era Pedro Aleixo, mas como ele teria sido contra o AI5 os três ministros militares, abusando da força, impediram-no de assumir. Poderíamos ter tido aí uma volta ao regime civil, em 1969, fato que não ocorreu porque os ministros editaram um Ato Institucional (o Triunvirato) e ficaram com o poder nas mãos. A partir daí, somente presidentes militares eram escolhidos e tivemos 20 anos de ditadura no país.

19 – É preciso melhorar o ensino público a fim de que todos, qualquer que seja o poder aquisitivo das famílias, possam cursar um bom 1º e 2º grau e competir o mais igual possível nos vestibulares.

20 – Napoleão Valadares, Tamanini (ver livros sobre construção de BSB).

### **23) JOSÉ FRANKLIN FERREIRA DE CASTRO – 15/08/2011**

01 – José Franklin Ferreira de Castro, vim de Januária-MG.

02 – Cheguei em 1958, tinha uns 24 anos. Vim sozinho.

03 – Moro em BSB há 52 anos. A chegada foi um choque porque a coisa era muito grandiosa e praticamente no meio do nada. O que se via muito eram aqueles redemoinhos imensos de poeira vermelha, a gente respirava e comia poeira. Mas eu vinha de uma cidade do sertão, era sertanejo e logo me acostumei.

04 – Pra mim foi uma aventura viver aqui, eu tenho um espírito pioneiro. Então me adaptei bem. Vim para BSB a trabalho, administrava uma firma de terraplanagem e asfalto, a COENGE. Todos moravam em acampamentos, o nosso era em Olhos D'Água, vínhamos fazendo a ligação Goiânia-BSB. As casas eram de madeira e vinham transportadas de outros canteiros de obras e quando chegamos à área de BSB acampamos próximo ao córrego Vicente Pires.

05 – Pra mim foi muito gratificante eu senti que estava fazendo parte de algo grandioso e a satisfação continuou porque eu vi a coisa acontecer, a Capital cresceu rapidamente durante 3 anos e poucos meses. Após a Revolução, a parte do governo estava toda construída e para mim não modificou grandes coisas. Não tomei muito conhecimento dessa Revolução porque não me envolvi com nada e as obras continuaram. Houve uma parada quando Jânio Quadros tomou posse, chegou-se a pensar que tudo iria parar mesmo, mas com a saída dele tornou a voltar ao normal.

De forma geral os trabalhadores não eram muito satisfeitos porque o cotidiano era muito duro,

mas o braço nordestino foi que construiu BSB. Eles vieram para procurar melhorar de vida. O sertão nordestino era muito duro e eles vinham atrás de ganhar dinheiro para mandar ou voltar para casa. Eram três turnos de 8 horas, mas todos queriam fazer 16. Eram analfabetos, assinavam com o polegar. BSB propiciou uma evolução muito grande, inclusive nesta área, as firmas tinham obrigação de alfabetizar em seus acampamentos, mantinham uma escola para os operários. Essa escola, além de dar oportunidade aos operários de aprender a ler e escrever, alfabetizavam os filhos deles.

Israel Pinheiro não permitiu corrupção naquela época, houve tentativas, mas Israel foi a pessoa certa que Juscelino conseguiu trazer pra direção da NOVACAP. Ele era muito duro e quando havia qualquer indício de corrupção ele penalizava a empresa. Muita gente cresceu aqui, por exemplo, o pessoal que comprou a VASP, o Canhedo. Ele veio pra cá transportando madeira do Paraná e era um fluxo muito grande e as pessoas ganhavam dinheiro com isso.

No nosso tipo de obra não havia muito acidente, mas na construção civil sim. Os operários não estavam preparados e não tinham a segurança de hoje, então eram muitos acidentes de trabalho e alguns eram fatais.

O serviço hospitalar era precário, havia o Hospital Júlia Kubitschek na invasão do IAPI e havia os institutos e os casos mais graves eram levados para Goiânia ou Rio. As escolas funcionavam bem, tudo era sob a direção da NOVACAP e eram nos acampamentos.

As pessoas eram solidárias e havia uma instituição que se chamava carona. Todos paravam e ofereciam carona. Após a inauguração e a chegada dos funcionários públicos isso mudou, no início, eram só os operários.

06 – Sim, eu me orgulho de ter participado de uma pequena parcela de todo esse empreendimento, porque BSB não foi só a construção da Capital em si, ela foi um foco irradiador de progresso para o Centro-Oeste. Isso aqui era abandonado, uma região inóspita, não tinha estrada, não havia nada de conforto, era totalmente estagnado. Daqui irradiou estradas, povoados, cidades nasceram às margens da Belém-BSB, cidades que não existiam brotaram às margens da 040, da 060, era o progresso. Rádio, televisão, tudo isso chegou rapidamente.

07 – Perdeu em segurança, há muita falta de segurança, não há mais tranquilidade. Antes as pessoas não tinham medo e não precisavam trancar suas casas porque quase não havia roubos. BSB tem um padrão de vida muito bom, dizem que é o maior PIB do Brasil, as pessoas têm um poder aquisitivo razoável, mesmo as classes mais pobres.

08 – Sim, o brasileiro pensa pequeno, quando se chega em Barcelona, as ruas são largas, as avenidas mais ainda, há espaço para motos, bicicletas e pedestres. Aqui sentimos essa falta, não temos ciclovia, não temos um passeio largo para os pedestres, houve muita economia no espaço onde não precisava, tínhamos a largueza e BSB ressentido com isso hoje.

09 – Era insípiente, havia dois cinemas na Cidade Livre, esporadicamente havia circos. Eu me lembro que os militares, principalmente os do RCG, propiciavam lazer para a população. O Regimento tem uma manifestação que eles chamam de carrocel militar e eles traziam esse carrocel para a praça da rodoviária e exibiam para a população. Promoviam vaquejadas, traziam vaqueiros do Nordeste, havia uma promoção de luta livre e os operários participavam de tudo isso. Naquela época, as firmas liberavam os caminhões nos finais de semana para locomover os operários. Hoje temos vários espaços, populares e mais sofisticados para toda a população. Há uma produção artística muito boa na cidade.



10 – É, antes de mais nada, olhar para o futuro de BSB, aqui você pode pensar num Brasil melhor. Há muitos que dizem que aqui é uma ilha de prosperidade, de bem estar e de fato é. Aqui as pessoas ficam otimistas em relação ao futuro. Minha infância e adolescência lá na minha cidade foi muito feliz, somos de família de fazendeiros e eu tinha muita relação com o campo, mas aqui me sinto bem. Eu me sinto à vontade, em casa. Sim, BSB foi uma cidade planejada, né. Agora a minha satisfação é de saber que nós que entregamos as chaves da cidade ao Presidente em 3 anos e 4 meses e que os Estados Unidos passaram mais de 20 anos para consolidar Washington. Isso é muito gratificante para nós.

11 – Havia muita demanda de trabalho e falta de braços, a maioria dos empregos não requisitavam qualificação e os nordestinos que chegavam adaptavam-se muito rapidamente a situações novas. Eles chegavam broncos e com 90 dias estavam operando máquinas e tratores. O salário deles era bom, como se dizia aqui era uma ilha e podia fazer horas extras que eram recompensadas.

12 – Não, quando você chega na Ceilândia, vê habitações razoáveis, há conforto. Em qualquer cidade-satélite você sente que há um padrão de vida razoável entre as pessoas, não é só aqui não. Quando se fala em casa-grande e senzala vem em mente o autor, ele era contra Brasília.

13 – Sim, eu tenho a impressão que Juscelino viu BSB como ela está hoje, ele era um visionário. A gente não via, via só aquela coisa crescendo mas não tinha um olhar panorâmico. Inclusive o gabarito de seis andares no PP favoreceu muito a cidade, não termos arranha-céus aqui é muito bom, a criação do Lago Paranoá, também. Interfere para o bem, é mais confortável e prático para a população.

14 – Sim, BSB tem esse fator de isolamento das pessoas, por exemplo, neste bloco eu conheço poucas pessoas. Não penso que isso seja por causa da arquitetura, é que a população de BSB é intercalada. Aqui no bloco temos engenheiros, arquitetos, pessoas que têm interesses totalmente diferenciados, isso não facilita a convivência e elas se retraem.

15 – Vive-se muito bem, se pensarmos no resto do Brasil, mesmo quem mora nas cidades-satélites.

Pior é a falta de segurança, esse é o item que mais me incomoda, mas isso existe em todas as grandes cidades e nós somos até privilegiados. A falta de segurança foi uma das causas da mudança da Capital e hoje observa-se um crescente de insegurança aqui.

O melhor do cotidiano de BSB é o padrão de vida, as pessoas reúnem-se em clubes, aqui parece ser a capital das piscinas o que traz um certo conforto.

16 – Sim, a Capital foi um feito. O FMI desaconselhou a construção, eles pensavam que não éramos capazes de fazer essa obra. BSB despertou o espanto não foi só do brasileiro não, os visitantes estrangeiros, mesmo os categorizados que aqui estiveram espantaram-se com a cidade.

17 – Há muito movimento de protesto e eu acho que isso desperta a veia artística das pessoas e elas produzem mais e melhor. Os cantores e compositores agem assim e a proximidade com o poder não inibe nada.

18 – Essa coisa de anos de chumbo é muito relativo, o período militar propiciou ao Brasil um surto de desenvolvimento. Ocorreu a construção das grandes empresas, hidrelétricas, na área de comunicação tivemos um surto enorme de progresso e continuou-se a fazer estradas. O ritmo de construção continuou até o choque do petróleo, aí dificultou um pouco. Eu sempre convivi com militares e eles queriam transferir o poder logo, mas a juventude protestava e isso é próprio deles, então, isso dificultou a questão.

19 – Sobre o acidente da Pacheco Fernandes sei o que ouvi dizer, não fui testemunha ocular, mas tive contato com pessoas que estavam no acampamento no dia e disseram ter ouvido o tiroteio. Esses se esconderam e quando saíram não tinha mais nada. Alguns contaram que os mortos foram recolhidos por um basculhante com pás mecânicas e jogados ninguém sabe onde. Isso eu sei de ouvir falar, pessoalmente não participei desses fatos. A comida das cantinas dos acampamentos eram muito ruim, as pessoas reclamavam muito.

Nós temos uma figura muita injustiçada até hoje, Israel Pinheiro. Ele como presidente da NOVACAP tinha carta branca de Juscelino e ele usou isso de forma muito dura. A construção da Barragem do Paranoá foi desaconselhada pelos americanos, eles disseram que o terreno era poroso e não ia segurar a água, mas o Israel mandou a firma multinacional que ganhara a concorrência desocupar o canteiro e entregou para firmas brasileiras terminarem a barragem. Caso as empresas não cumprissem o cronograma estabelecido, ele não tinha complacência. Na Praça dos Três Poderes aconteceu isso também. Era um consórcio estrangeiro, todos aqueles edifícios têm estrutura metálica, né, não tínhamos essa tecnologia na época e tudo tinha que vir dos Estados Unidos, esse consórcio também não estava cumprindo o cronograma e Israel falou pra eles que havia um compromisso entre ele e o Presidente e tiveram que abandonar o canteiro e a obra foi dividida entre brasileiros.

Foram muitos fatos interessantes, Israel deixou o serviço público sem tirar nenhum proveito. Em função do trabalho, a firma que eu trabalhava tinha contato direto com Israel, por isso o conheci bem.

A UDN falava muito que havia furto e má administração do dinheiro público, então Juscelino convidou um udenista para ser tesoureiro da NOVACAP. Juscelino era um político fabuloso.

O pagamento dos operários e fornecedores era feito com dinheiro vivo que chegava em caixotes, de avião e ninguém nunca apontou o dedo para Bernardo Sayão que recebia muito dinheiro para pagar o pessoal que abria estradas.

Juscelino escolheu, a dedo, a primeira diretoria da NOVACAP e nós pensávamos que essa mesma tática seria usada mais tarde porque a equipe estava totalmente afinada, mas veio o Jânio e destruiu tudo. BSB era muito gostosa naquela época havia muito companheirismo, reuniões nos acampamentos e não havia distinção entre os trabalhadores. No final do ano a NOVACAP distribuía presentes de natal para os funcionários. Eu comprei muitos presentes pra distribuir, esse convívio era muito interessante. Era muito raro as pessoas que vinham pra cá voltarem, todos acabavam ficando.

20 – O pessoal que era do nosso convívio mudaram-se ou morreram. Os peões, os carreteiros também, eu conhecia muitos porque eu fazia o controle diário da parte administrativa e no dia 25 de cada mês eu levava meu mapa na NOVACAP para fazer uma conferência porque eles também tinham os mapas deles. Perdi contato com essas pessoas e hoje é difícil encontrar um pioneiro da época da construção. Os operários que foram beneficiados com apartamentos nas quatrocentos venderam, porque houve uma valorização e foram para as cidades-satélites, isso aconteceu muito.



**24) JOSÉ GERALDO PIRES DE MELO – 08/04/2010**

01 – José Geraldo Pires de Melo, venho de Niterói- RJ

02 – Vim em 11 de fevereiro de 1961, era um sábado de carnaval. Tinha 33 anos, vim com a mulher e 3 filhos e tenho uma filha nascida aqui, em 1964.

03 – Moro há 49 anos. A chegada foi gratificante, o Banco do Brasil estava se transferindo para cá, eles não transferiam ninguém a força, quando havia uma vaga tinha 3 candidatos, muitos queriam vir para cá. Era muito bom morar aqui.

04 – Vim transferido pelo Banco e trabalhei até 1975, quando me aposentei. O Banco construiu três quadras para abrigar os funcionários, no começo o pessoal se abrigava em alojamentos de madeira na 303 Sul, depois foi edificada e como não havia nenhum transporte na cidade a gente ia e voltava de caminhonete do Banco. Todos os funcionários públicos tinham ônibus especiais porque só havia uma linha de ônibus, Brasília – Cidade Livre e lá é que se fazia compras, aqui não tinha praticamente nada, o comércio da W3 era praticamente nulo, era muito comum comprar pão em barraquinhas porque as poucas padarias que existiam mantinham pontos de venda fora de seus estabelecimentos.

05 – A construção da cidade foi acontecendo, por exemplo, eu cheguei aqui em 1961 e peguei a W3 sem asfalto e sem luz, o eixo que ligava os ministérios esta pronto e foi indo aos poucos. O Banco construiu 3 quadras, quando eu cheguei havia uma já habitada, a 308 Sul, havia casas que hoje é a 714 Sul e que se chamava 46/47. O Regime Militar não interrompeu a construção, havia muitas empreiteiras em Brasília e as quadras que já estavam projetadas foram construídas. Tem um caso curioso, a 105 Sul foi construída e depois de pronta faltou um bloco, não tinham construído, apesar de ter gerado despesa de manutenção, mão de obra, material, tudo foi calculado para todos os blocos, ficaram com o dinheiro, só pode ser. Isso foi visto quando foram colocar as placas nas entradas dos blocos. No local desse bloco havia um parquinho para crianças, o responsável pela construção eu não sei, era de um instituto. Naquela época havia outro jeito fácil de corrupção, um caminhão lotado de areia, por exemplo, entrava e saía carregado, voltava várias vezes e uma carga era contada várias vezes, isso foi notório em Brasília.

Quando eu cheguei aqui eu tinha 2 filhos em idade escolar, minha filha mais velha tinha feito exame de admissão em Niterói e foi matriculada no CASEB e meu filho estudou na 304 Sul porque não havia acomodações na 303. Minha esposa era tesoureira do Instituto dos Ferroviários, veio para o Ministério do INPS e nós viemos com acomodações do Instituto porque o Banco do Brasil ainda não tinha construído. O Instituto ofereceu uma casa para ela, eram 4 casas de 2 quartos e nós ficamos lá até irmos para a casa do Banco, na 714 Sul, em setembro de 1961. A rede hospitalar da cidade atendia a todos, eu fui atendido pelo Hospital Distrital e fiz uma cirurgia, eles atendiam muito bem, não havia plano de saúde, nem hospitais particulares.

Havia muita solidariedade, era pouca gente e as pessoas eram mais unidas.

06 – Acho que sim, primeiro lugar funcionalmente, trabalhei na Agência Central do Banco do Brasil. O Banco prestou um serviço importante aqui, de financiamento e de atendimento.

07 – Brasília foi muito desvirtuada principalmente pela especulação imobiliária, ainda hoje isso ocorre. A cidade não foi feita para ser metrópole, deveria ser cidade burocrática. Brasília não ganhou nada, só os especuladores ganharam e ainda ganham, há construções de luxo surgindo em condomínios, isso depõe contra o projeto de Brasília.

08 – O aumento de população nas cidades-satélites provocou muito movimento nas vias de ligação e a maioria delas são cidades dormitórios e o Plano Piloto não comporta todas essas pessoas porque a cidade não foi feita para isso. Ela não aceita modificações, é estática. A interiorização da Capital não significa construir um centro de ostentação, é o centro do Poder. Os políticos não seguiram as regras estabelecidas e estimularam a migração na cidade, havia ônibus nas capitais nordestinas para trazerem as pessoas para Brasília. Desembarcavam todos no Varjão porque chamava menos a atenção e era mais perto do Plano e depois essas pessoas tinham que se virar como conseguiam.

09 – A arte musical foi estimulada, de vez em quando havia um artista célebre que vinha aqui, a literatura foi se firmando aos poucos, eu sou escritor desde 1952 por isso entendo melhor sobre literatura. Hoje, temos algumas academias brasilienses, temos a ANE, a única entidade que tem uma sede boa, as Academias funcionam precariamente nas casas dos presidentes ou não funcionam. Para incentivar a vida cultural seria preciso preços acessíveis para os espetáculos cênicos, a literatura pede leitores, é necessário motivá-los. As academias aqui se limitam a preencher vagas e isso é muito pouco, seria preciso encontros, cursos e outras atividades. Parece que isso ocorre porque as pessoas que estão nessas academias são de fora, os brasilienses ainda não têm idade para isso. A Academia Brasiliense de Letras da qual sou presidente funciona em minha casa e não posso fazer muita coisa porque não tenho dinheiro. As sessões solenes existem para preencher vagas, não temos meios para realizar o que realmente se faz numa Academia.

10 – Eu vivo aqui há 49 anos quase sem ter saído, minhas viagens foram poucas e curtas. O relacionamento de amizades eu não sinto diferença de como era no Rio, eu tenho alguns amigos antigos aqui, há uma frequência de um nas casas do outro, no mais eu não tenho muita experiência. Viver aqui, morar, trabalhar, visitar e receber amigos, essa sempre foi minha vida. Após me aposentar por tempo de serviço no Banco do Brasil, lecionei 26 anos no CEUB e fiquei em Brasília e não gosto do que estão fazendo com a cidade. Eu me sinto melhor aqui que na minha cidade de origem, minha cabeça mudou aqui e me sinto muito bem. Artificial no ponto de vista das construções, da arquitetura, é, mas é um artificial que deu certo porque artificial não quer dizer mal. Brasília recebeu o título de Patrimônio Histórico que eu não sei como ainda não perdeu porque só estão cuidando de seus próprios patrimônios financeiro e a cidade está sendo desvirtuada.

11 – Não tenho muita experiência disso porque eu vim como funcionário do Banco e não sei como se arranjava emprego aqui, penso que era só na NOVACAP no começo de Brasília. As famílias vinham do Nordeste e se arranjavam aqui e, no início, não havia pedintes nas ruas da cidade, pelo menos eu não me lembro.

12 – O projeto inicial, talvez um tanto utópico, reunia todas as classes sociais num mesmo ambiente, seriam as superquadras, isso evidentemente não deu certo porque era preciso que as pessoas tivessem esse espírito, a força da lei não funcionou e não funcionaria hoje. A divisão casa-grande e senzala existe, é mascarada, hoje o racismo é crime. Se bem que muita gente de

posse mora em Taguatinga por opção, e o comércio de Taguatinga em alguns aspectos é muito melhor que o de Brasília. Eu sou criador de pássaros e as lojas de Taguatinga são muito melhores que as do Plano Piloto e isso num ramo que eu conheço, deve haver outros comércios melhores. Há uma grande especulação em Brasília que faz com que os preços de tudo sejam maiores, criou-se a onda da especulação amparada, talvez o próprio meio impõe a especulação, e ela funciona. Isso não deixa escolha para a população que fica refém dos especuladores.

13 – A arquitetura de BSB atrai muito a primeira vista, mas o moderno dos prédios oficiais não condizem com as residências construídas pelas pessoas. Você vê raramente uma casa de estilo moderno aqui no Lago. Então a arquitetura se adaptou mais aos prédios oficiais e essa é especial, as moradias particulares são normais, convencionais, não há um padrão oficial. Com relação à interferência da arquitetura na vivência das pessoas é muito relativo. A vista panorâmica da cidade ainda é muito bonita para mim, os Palácios de Brasília são diferenciados.

14 – Não posso dizer, eu cheguei aqui e fiquei, quase não saio daqui. Quando recebo pessoas de fora, em minha casa, não observo, mas isso depende da classe social das pessoas, de um modo geral não.

15 – Quem tem dinheiro vive bem. Brasília, no começo, era uma cidade de funcionários e esses recebiam imóveis para morar e deveriam desocupá-los quando se aposentasse o que não foi cumprido. Isso era indispensável para a cidade não crescer tanto, mas quase ninguém saiu, a maioria comprou o imóvel e continuou na cidade e outros chegaram. O trânsito é caótico e está atrapalhando a tranquilidade da cidade, não há onde estacionar. Por que não fizeram garagens subterrâneas desde o começo? Os Ministérios fecham áreas públicas para estabelecimentos sem nenhum direito, há muitas arbitrariedades em Brasília e ninguém pode reclamar. Há lugares muito bons pra morar, como este em que vivo, a violência está crescendo na cidade.

16 – Não tenha dúvida, ele montou um Brasil diferente. Indústria automobilística, interiorização da Capital, ele fez mais, mas somente essas duas coisas mudaram a cara do Brasil. O Brasil era um território imenso e a Capital ocupava uma beirada de litoral, Goiânia dobrou de população em 4 anos de Brasília, o centro do país era despovoado e hoje há grandes empreendimentos que são frutos da interiorização, há também as estradas construídas que nem se compara ao período anterior a Brasília, todo o Brasil cresceu.

17 – Não gera inibição, o artista tem que se considerar livre para produzir, isso é a sua motivação.

18 – Há um abismo entre uma coisa e outra. A palavra 'comunista' era uma nódoa, no Banco os desafetos eram 'comunistas', era um termo pejorativa em que se englobavam os inimigos. Foi muito comum no Regime Militar o aviso de bombas no Banco do Brasil e isso ocorria sempre depois das 16h. Por que não era mais cedo? Às 16h os caixas já estavam fechados não haveria prejuízo financeiro, uma bomba às 14h seria um prejuízo e tumulto imenso. Ou seja, era um golpe do governo para criar um clima de insegurança entre os funcionários. Eu fui muito prejudicado no Banco porque não prestei um falso testemunho contra um colega, eu fui escalado para depor contra ele porque era chefe imediato dele. Havia muitas

arbitrariedades na administração do Banco. Eu fui ouvido e não disse o que eles queriam ouvir, fiquei quieto e no dia seguinte fui demitido de uma interinidade que eu tinha, felizmente pude sair da agência e fui para a Carteira de Colonização e deixei de passar por aquele mau estar, depois que a administração ruiu, eu voltei. Por isso me aposentei, às carreiras, eu fiquei marginalizado, não recebia mais promoções por causa desse acontecimento. Vi outros colegas passando por situações difíceis. Esse mesmo colega que eu não acusei foi preso em 1964, fui visitá-lo no BGP e recebi um aviso para que não voltasse porque eu estava diante de um elemento perigoso. Eu pensei e voltei a visitá-lo e em seguida soube que ele havia fugido, fato que gostei muito. Ele ficou desaparecido por muitos anos, só voltou com a anistia e procurou os amigos do Banco.

19 – Suas perguntas abrangeram toda a estrutura da cidade, da vida, eu teria que pensar bastante para criar um fato novo. O assunto está bem abrangente, social e político.

20 – Antônio C. Osório, não me lembro de mais ninguém.

## **25) JOSÉ MARIA LEITÃO – 11/09/2010**

01 – José Maria Leitão, vim de Fortaleza-CE

02 – Cheguei aqui em 07 de janeiro de 1963 aos 27 anos de idade, viemos eu e minha mulher.

03 – Há 48 anos. Sabe que eu nem prestei muita atenção, o aeroporto era um barracão, no mesmo local de hoje, não tinha aspecto de aeroporto, havia uma pista em que os aviões aterrizavam, eram todos com hélice. Levávamos 6h de Fortaleza para cá, o avião sempre fazia uma parada, acho que era em Pernambuco e depois vinha para Brasília, era longe. A primeira impressão era de vastidão, era muito mato, do aeroporto para a cidade era asfaltado, tinha uns apartamentos na 114, acho que era a quadra do Banco do Brasil, depois havia uma série de prédios de seis andares, eu não me lembro quais eram as quadras que estavam prontas, mas o resto era uma vastidão enorme, só se via mato. Eu não me preocupava com a cidade, pensava que era a Capital do País, que tinha um hospital muito bem montado e tinham criado a residência médica naquele ano.

04 – Cheguei e fui direto para o Hospital e morava lá. O último andar era a residência médica, cada médico tinha um apartamento, ficamos até dezembro lá. A residência médica terminou, alguns foram embora e outros ficaram. Eu pedi demissão, mas naquele tempo era tão bagunçado que, eu avisei que iria embora, de boca, e depois eu resolvi ficar e pronto. Ficamos ocupando o apartamento porque havia dificuldade de arranjar moradia, depois arrumei um apartamento na 412, cedido por um amigo e ficamos um ano lá. Ao longo desse ano, quase todo mundo ganhava apartamento por indicação política, eu não fui beneficiado com nada, comprei um ágio de quem havia recebido. Eles distribuíam os apartamentos e, no mesmo prédio, você encontrava, médico, motorista e funcionários de alto nível. Com a valorização imobiliária, as pessoas de baixo nível sócio econômico e doidos para voltarem para suas terras de origem foram vendendo os ágios.

Os médicos ganhavam muito bem, recebiam a dobradinha, na época da Revolução houve um decreto extinguindo a dobradinha. Aqui, os profissionais de nível superior ganhavam quase o

mesmo salário, a diferença estava nas promoções de cada cargo, o médico recebia um percentual a cada paciente que ele atendesse. Eu me lembro que certa vez, na primeira página do Correio Braziliense, veio que um médico tinha ganhado naquele mês um milhão e duzentos cruzeiros. Isso referente a um clínico do Distrital, parece que já era vontade de denunciar escândalos salariais do governo. O hospital era padrão e funcionava bem, o pronto socorro já era cheio porque atendia toda a periferia da cidade. Havia somente dois hospitais, o Distrital e o JK que era bem menor, eu era clínico lá. Tinha o SAMDU- Serviço de Assistência Médica Domiciliar e de Urgência, era um pronto socorro que atendia as pessoas em casa. Em todas as capitais do Brasil tinha SAMDU e, quando precisava, levava as pessoas para o hospital, eu trabalhei no SAMDU em Taguatinga e Planaltina. Havia médicos que tinham consultórios na Cidade Livre, eu não, mas naquele tempo tudo era lá, os restaurantes mais badalados da cidade, um era o 1080 e o outro era o Amaral. Num desses restaurantes você via a paca, num engradado, para você escolher, tinha jacaré e outros animais silvestres, isso na década de 60. Restaurantes alinhados ou locais de frequência aqui eram os dos hotéis: a boate Tabu, no Hotel Nacional, outra num hotel que ficava em frente o Palácio do Planalto, que pegou fogo e outra na W3, não me lembro o nome.

Eu e minha mulher éramos jovens e queríamos trabalhar, éramos funcionários da Fundação Hospitalar do Distrito Federal e pelo governo, era como hoje o Ministério da Saúde. As condições de trabalho eram boas, havia carro pra transporte dos médicos para os hospitais, o trânsito era bom na cidade. A moradia já foi relatada.

05 – Eu acho que Brasília era essencial porque tirando o eixo da praia não existia nada pra cá, as grandes capitais que já existiam fora da praia eram São Paulo e Belo Horizonte. Na época, Goiás era como se não existisse, nas história a gente ouvia que Lampião mandava muitos cangaceiros para Goiás e eles morriam em Anápolis, eu li a reportagem depois. Então, quando eles queriam deixar o cangaço, fugir de Lampião, eles vinham morar por aqui. Na década de 60, eu levei daqui a Goiânia cerca de 6h de viagem, fomos de jipe, a estrada era praticamente toda de barro, talvez tivesse algum trechinho asfaltado que eu não lembro, mas a maior parte não era. Com a Revolução, a construção diminuiu, não sei direito, mas a gente notou que a cidade foi sendo invadida gradualmente por mais pessoas. Prédios residenciais eram todos construídos pelo governo, não havia venda por particulares.

Eu era contra a Revolução. No hospital, vários médicos foram demitidos, alguns foram presos, depois foram reintegrados. Falava-se muito em corrupção, mas não havia provas, na construção da ponte Rio-Niterói falava-se que o dinheiro tinha sido desviado da Previdência, que o Juscelino tinha afundado o país para construir Brasília, mas eu era muito voltado para minha profissão.

A educação eu sempre achei 'o fim da picada', meus três filhos sempre tiveram educação exclusivamente particular, havia poucas escolas públicas consideradas boas na cidade e eu não procurei mesmo. A saúde parecia melhor porque o Brasil tinha somente 10 mil médicos, hoje temos 18 mil só em Brasília, então o nível da profissão caiu muito. Eu sempre tive carro, mas o transporte sempre foi péssimo, os ônibus eram ineficientes. Usavam a expressão que 'Brasília era cabeça, tronco e rodas' porque para ir a qualquer lugar era preciso carro.

Esse é um dos pontos em que notei mais diferença entre Fortaleza e Brasília, um ajudava sempre o outro, mas convivência não tinha. A gente podia morar anos num prédio e nem conhecer os vizinhos e parece que isso era próprio de Brasília. Era comum alguém pedir algo emprestado na casa do outro, aqui não tinha isso. No trabalho havia grupos de médicos e saíamos para conversar, no hospital todos se conheciam.

06 – Não, acho que ser importante para uma cidade é outra coisa, eu sou médico e escritor e mesmo que eu tivesse sido Ministro não significa nada, é um cargo público. Acho que se alguém pudesse se dizer importante para a cidade seria primeiro o Juscelino, depois poucos prefeitos que passaram pela cidade e trabalharam para que ela ficasse melhor. Muitos julgam-se importantes porque foram diretores de alguma coisa, mas isso não vale nada, só a realização pessoal é que vale alguma coisa.

07 – Brasília só perdeu porque todo o plano da cidade está deturpado. Por exemplo, no SHIS só poderia ter residência, aqui na minha rua há três empresas, há até restaurante funcionando em casa e isso não é correto, mas ocorre em toda a cidade. Brasília foi feita para ser diferente, nas outras cidades pode tudo. Há uma especulação imobiliária muito grande e também muitas invasões. O trânsito é muito complicado e não há estacionamentos pela cidade, muitas vezes, é preferível locomover-se de táxi em vez de sair de carro. A educação também piorou, o tanto de universidades e faculdades que apareceram não foi ganho porque são muito deficientes.

08 – Sim, mas eu não sei se chegaram a prevê que existiriam as cidades-satélites. Quando cheguei aqui existiam Taguatinga, Sobradinho estava em formação e o Gama. Na minha opinião foi muita ingenuidade, sei lá, não terem pensado no metrô na época da construção de Brasília.

09 – Sempre foi muito pobre. Tínhamos o Cine Cultura, na W3 Sul, o Cine Brasília e o Cine São Luís, que hoje virou uma igreja. O Teatro Nacional que já funcionava, ia-se muito a Clubes, o pessoal chamava o Cota Mil de Clube dos Médicos, a maioria dos sócios eram médicos. Hoje eu não frequento.

10 – Eu adoro, gosto muito do modo de viver daqui, eu não preciso me dar com ninguém a não ser com as pessoas que eu quero, no sentido de conviver e eu gosto disso. Aqui, um amigo meu faz uma festa e não tem obrigação de me convidar, em Fortaleza isso não seria aceito. Eu moro há 48 anos em Brasília e tenho 73 anos e não quero voltar para Fortaleza. Brasília não é artificial, ela é diferente das outras, a tradicional esquina, cruzando as ruas, uma rua estreita que dá para uma larga não existe aqui, ela tinha um sentido bem moderno e artificial que o povo se encarregou de destruir. O Plano de Brasília não foi obedecido em muitos aspectos, estas casas aqui do Lago todas teriam fundos para a rua e entrada voltada para o verde e assim as pessoas se encontrariam, tomaram conta da beira do Lago e o povo não tem acesso, assim e de outras formas as pessoas que vieram morar aqui modificaram o Plano de Brasília.

11 – Eu acho que todo mundo tinha emprego, quando eu cheguei aqui não tinha vagabundo pela rua não.

12 – Não parece não, senzala era um núcleo em torno da casa do Barão e aqui não. Pelo contrário, na 105 Sul, sempre foi uma quadra muito boa, lá havia no mesmo prédio senador, porteiro de Ministério e outros, a taxa de ocupação dos prédios era baixa, isso não perdurou porque essas pessoas venderam seus apartamentos. Se pensarmos na relação entre Plano Piloto e cidades-satélites onde as pessoas dependem do Plano para sobreviverem pode haver uma relação de casa-grande e senzala, não tenho certeza.

13 – Parece normal, quando chegamos aqui era comum confundir ruas porque não tinham



nomes, hoje eu acho isso ótimo e não quero que mude.

Essa arquitetura interfere na vida das pessoas para melhor, cada quadra tem 11 prédios e muita área livre, isso no Plano Piloto. Em outra cidade seriam uns 200, um colado ao outro, sem árvore, sem ventilação, sem nada. O que eu gosto mais aqui é o espaço verde que existe por habitante. Hoje, já vemos absurdos como Águas Claras e prédios sendo construídos na orla do Lago.

14 – Eu nunca notei isso, a não ser quando querem falar mal da cidade. É preciso entender que os políticos são de outros estados, vêm a trabalho e ficam pouco, muito pouco na cidade e que os moradores de Brasília não têm responsabilidade por eles. Infelizmente isso acaba simbolizando a Capital do país porque é o lugar onde está a representação do poder.

15 – Tem que levar em consideração o padrão de cada pessoa, eu vivo muito bem, mas cada uma depende de seu nível sócio econômico.

Pior é que BSB está ficando cada vez mais igual as outras cidade, há cada vez mais notícias de violências, assaltos a residência, mas isso é próprio do Brasil, do mundo todo, nós ainda estamos bem.

16 – Eu não dou o menor valor a isso, dos Presidentes que eu vivenciei, JK é o único que eu admiro porque ele criou BSB que é a cidade que eu moro e gosto. A verdade sobre todos os vultos da história só se descobre quando se pesquisa e todos têm histórias contraditórias, eu não acredito em estadistas.

17 – Artista não se mistura com Poder, pelos menos o que eu escrevo e outros com quem tenho contato não tem nada a ver.

18 – Convivia-se com notícias de violências, de mortes e assassinatos gratuitos, por problemas de consciência, as pessoas têm direitos de acreditar no que quiserem e ninguém pode impedir. No meu trabalho eu não tive interferência, a gente vivia com medo, uma vez eu e três colegas, na estrada de Taguatinga fomos presos. Os soldados armados pararam os carros, fecharam a rua e em torno das 5h da manhã eles nos liberaram. No dia seguinte tomei conhecimento de uma revolução rápida que tinha ocorrido e este foi o motivo da prisão. A única coisa que observei no Hospital foi que os diretores novos, que tinham tomado posse após a Revolução, reuniram os médicos que não pertenciam ao grupo deles e os transferiram para outros hospitais. Eu ganhei o melhor, na época, que foi Taguatinga, outros foram para o Gama ou Sobradinho.

Eu não atendi nenhum caso vítima da Ditadura, mas soube de casos contados pelos meus colegas. A maioria das pessoas não gostaram da interrupção que o governo teve, quando lançaram o JK para a eleição de 1965, eu tenho certeza de que ele seria eleito, mas não houve eleição e JK foi preso, cassado e deportado.

19 – Não. Eu moro em BSB há quase 50 anos, passei uns três meses tentando não ficar porque era muito deprimente, só tinha poeira, poucos prédios, a gente era jovem e só tinha trabalho, mas a gente (ele e esposa) foi ficando e depois me acostumei de tal maneira que não queria mais ir embora e ganhava muito bem e isso é um grande incentivo, ser bem pago pelos serviços prestados é muito bom.

20 – Eu acho relevante a concepção artística da cidade dada por LC e Niemeyer e quem

seguiu. BSB é uma cidade diferente das outras, não gosto das arquitetura enterradas no chão, de Niemeyer, mas um cara comunista como ele fez talvez uma das catedrais, do ponto de vista moderno, mais bonitas do mundo. Eu acho a Catedral uma obra prima, o estilo despojado dos prédios também é muito bonito, mas ao mesmo tempo que é belo artisticamente não são funcionais no dia-a-dia. A concepção geral de BSB é fantástica.

Rubem Azevedo Lima, não sei se as pessoas que eu conheço gostariam de falar.

## **26) JOSÉ SANTIAGO NAUD – 06/10/2009**

01 – José Santiago Naud, vim de Porto Alegre-RS.

02 – Chegamos dia 09 de abril de 1960. Viemos para inaugurar o ensino médio, fomos selecionados num concurso nacional para professores, éramos 69. Tinha 30 anos e vim com minha esposa. Eu lecionava português. Não havia muitas escolas aqui, existia algumas particulares.

03 – Há 50 anos. Muito gratificante, eu era da fronteira e minha primeira impressão é que estávamos descendo numa grande fazenda e todos os professores vinham com a ideia de transformar o ensino do Brasil. Eu tinha estudado didática e pedagogia encima da obra de Anísio Teixeira e ele foi o grande mentor da estrutura do ensino em Brasília. A satisfação era imensa porque tínhamos a exata impressão de estar começando um país novo, no sentido histórico e encontramos aqui algo que não havia dos lugares de onde viemos que eram os sentimentos de cooperação e fraternidade.

04 – Vim para trabalhar como professor, foi a leitura da ação de Juscelino que nos trouxe para cá. Eu trabalhava durante todo o dia, muitas vezes, à noite não tinha voz. Minha esposa estava terminando o curso de História e me chamou para fazermos o concurso para trabalhar em BSB que ocorreu em 1958. Fizemos e em abril de 1960 estávamos nos instalando na cidade, na época, tudo ocorria com muita rapidez.

Todo início de trabalho é muito difícil e, apesar de ser um grupo selecionado, havia também as idiossincrasias (temperamento individual), e simpatias, o que nos unia, sobretudo, aqui em BSB era o sentido de inaugurar um período novo na educação do Brasil. A moradia foi difícil, eu fui um dos demitidos porque iniciei o movimento pró-moradia. Deram-nos para morar os apartamentos JK que eram minúsculos e havia um casal de colegas que tinha mais de seis filhos, como eles iriam viver num apartamento desse? Esse foi o primeiro protesto nosso e eles conseguiram outro apartamento. No final do ano 60, vendo que aquela situação iria continuar, enquanto outros, bancários, funcionários da Câmara e etc., recebiam apartamentos grandes no PP, continuamos lutando.

05 – Os militares cometeram o grande erro de interromper o processo democrático e um pecado maior de ter cassado Juscelino Kubitschek. Entretanto, se não fossem os militares levariam o país a destruição porque nossa esquerda era fascistas e se tivessem tomado o poder corríamos o sério risco de instabilidade. Então, os militares para preservar a integridade do país criaram aquele movimento todo, historicamente necessário. A construção foi um milagre, pensar que uma cidade foi construída, em três anos, para ser a Capital nunca na História acontecera isso.



LC escreveu sobre o traçado de BSB, que ele partiu do sinal da cruz, que significa aquele que toma posse de um lugar e depois ele curva e dá aquele aspecto, não do avião, mas da libélula, um sentido de voo. Um artista do Séc. XX, José Bártolo, que aqui esteve viu exatamente isso, que BSB significava um impulso do nada para o infinito. Ele comparou BSB a um arco com uma flecha e isso é o PP do LC. Há pessoas que pensam que o PP engessa o ato humano, é todo o contrário. A descrição de LC sobre o PP é um trabalho de gênio, além de arquiteto ele é um excelente escritor.

Os serviços eram bons, havia muita resistência dos cariocas, mas eu tive muitos amigos que vieram e arreliaram contra BSB e quando se aposentaram muitos deles e os melhores terminaram por voltar à cidade e aqui viver. Os professores eram transportados por ônibus com esse fim para o trabalho e de volta para casa.

A solidariedade era real, a gente andava e carros paravam para dar carona, comigo isso ocorreu várias vezes. Tratava de um ambiente fraterno, tínhamos a sensação de estar encontrando amigos sempre. A cidade era humana.

06 – Eu me sinto parte e aluno de um projeto, quem nos ensinava e nos comovia eram os candangos, maioria deles vindo do Nordeste, zona muito necessitada e eles chegavam aqui e se superavam.

07 – Não foi um desenvolvimento, o que existe em BSB hoje é um inchaço, a cidade está padecendo de uma metástase. Veja esse egoísmo e esta exploração imobiliária, não estão preocupados em observar o bioma que é o cerrado, muito importante para o equilíbrio inclusive da 4ª fronteira que é a Floresta Amazônica. Os puxadinhos representa violência contra a harmonia urbana e os verdadeiros trabalhadores ainda estão marginalizados nas cidades-satélites. Essas cidades carecem de cinemas, de elementos essenciais de sobrevivência, para tudo precisam vir ao Plano. BSB vive nesse momento uma degradação e o título de Patrimônio Cultural da Humanidade está ameaçado.

08 – Há carências, mas falhas não, o plano original de BSB é perfeito. LC tinha um domínio da técnica do desenho e uma visão espacial que ele conseguiu fazer um círculo perfeito e imaginar a cidade ali. Ainda hoje, que a cidade foi tão deteriorada, que invadiram as quadras, estão destruindo as calçadas, os gramados, quando andamos a gente sente que BSB é uma cidade orgânica. É como percorrer o corpo humano, ela tem cabeça, tronco e membros. Quando eu cheguei aqui, em 1960, todos se queixavam da largura das ruas, mas Juscelino sabia que não era problema porque ele dizia que BSB seria uma cidade diferente, formada por cabeça, tronco e rodas. Deveriam ter previsto o crescimento e quando o espaço urbano saturasse criaram um novo núcleo, mas aqui se busca cada vez mais a saturação do espaço urbano porque isso significa renda financeira. Isso ocorre por ambição pessoal, não seria necessário.

09 – Na equipe de Juscelino tinha grandes escritores: Cyro dos Anjos (foi Presidente do Tribunal de Contas), Cassiano Martins (tradutor da Divina Comédia) e assim por diante, todos os ministros e políticos que vieram trabalhar aqui eram de alto nível intelectual. Cyro dos Anjos e outros criaram a ANE e essa associação estava representada por um grupo de elite de BSB que conseguiu irradiar-se para todo o país e tornou-se nacional. Então, BSB nasceu sob o signo da inteligência brasileira porque ela é a confirmação da Semana de Arte Moderna, 1922, tem a arquitetura mais moderna do mundo. Temos várias Academias aqui, os jornais não mencionam os escritores da cidade. É preciso uma restauração do espírito de BSB, sem

corrupção.

10 – Mesmo com toda essa dor que sinto pela degradação da cidade, não vejo outro lugar para viver a não ser BSB. Ela representa o fecho que tive desde a infância quando não podia continuar nos lugares onde estava. BSB não nunca foi artificial.

11 – Não faltavam empregos, não havia ladrão em BSB, deixávamos os carros abertos.

12 – O Brasil é uma casa-grande e senzala, lamentavelmente. Em BSB aparece mais porque ela concentrou os defeitos e as virtudes nacionais e por isso intensificou e aqui se tem uma visão mais apurada dessa realidade. Na política isso fica claro sempre e isso é do Brasil.

13 – Ela continua especial, por exemplo, a curvatura do Palácio do Itamaraty foi feita no barro, por um artesão, apesar dos cálculos de Joaquim Cardozo. Foi preciso a intervenção de um homem do povo, com prática, para efetuar esse trabalho e conseguirem a curvatura perfeita que agora podemos vemos.

A arquitetura interfere na vivência das pessoas para o bem e para o mal também. Ela é objeto de ostentação por muitos e, por outros, ela é pura emoção, as pessoas sentem-se emocionadas diante da beleza da cidade.

14 – Sim, isso eu observava desde 1960. Quando voltei a Porto Alegre com meus filhos, um ano depois, numa reunião de família, era clara a diferença de conversas, de perguntas entre meus filhos e os primos. O urbanismo, a falta de preconceitos, os espaços abertos influenciavam muito na vivência das pessoas.

15 – Acredito que sim, mesmo os carentes, os que morrem por falta de apoio da saúde e da educação vivem aqui e não querem sair. Cada vez chega mais gente à cidade. A educação já foi diferenciada em BSB, quando chegamos muitos senadores, políticos, empresários, passavam pela escola pública porque os professores foram selecionados entre muitos, vieram os considerados melhores, vinham de estados diferentes do país e com muita experiência e vontade de mudar a educação.

Eu não vejo cotidiano em BSB. Para mim, BSB com esse horizonte marítimo, representa uma junção do horizonte com a terra e a beleza do cerrado não tem cotidiano. Ela me deu, como experiência vital, a junção dos opostos. Aqui a gente é homem e mulher ao mesmo tempo, é noite e dia, é frio e quente e esses opostos só podem viver juntos, eles se atraem e se reproduzem. Assim, o cotidiano não aparece, ele é o grande mal do homem porque nos leva ao tédio. Essa falta de cotidiano nos devolve a liberdade que perdemos com o nascimento e nos oferece a harmonia dos opostos.

16 – O que vejo do ponto de vista, dogmático, pragmático e utópico é que Juscelino foi o único estadista que o Brasil teve. Sobretudo, o que mais admiro no Juscelino foi a generosidade, aqueles homens que tentaram derrubá-lo foram promovidos por ele. Ele conseguiu concretizar a utopia, o lugar que não existia, a realizada.

17 – Quando trabalhamos com a palavra, nossa pátria vira o idioma e ele não tem fronteiras, é fraternal e quem acredita na palavra é contra o poder porque sabemos que não podemos nada. Um grande escritor lida com a inutilidade, tem compromisso com a palavra e ela não tem nada a ver com o poder. O artista é livre.

18 – É a mesma diferença que vejo do absurdo no homem, a estupidez e a inteligência. Juscelino luziu a inteligência e os anos de chumbo como a ditadura econômica que estamos vivendo agora é uma herança daquele facho que pertence a César e não pertence a Cristo. A gente deve sempre vencer a estupidez, foi uma grande lição que aprendi ainda em Porto Alegre. Nossa missão é sempre nos libertarmos e continuarmos nossa vida.

Não vi ninguém deixar de escrever por causa da ditadura, a estupidez não pode com a inteligência. Eu não me demiti, em 1965, da UnB porque minha resistência era o que eu podia oferecer aos outros professores. Eu não transformei a minha aula em doutrinação política, estudei e busquei a verdade científica do pensamento humano. Por isso nunca ninguém me proibiu de ensinar Marx e Engels para explicar a estrutura dos textos de Antero de Quental na Universalidade.

19 – Não.

20 – São muitas. BSB tem dois testemunhos, um é de um crítico do Ceará, Floriano Martins. Ele diz que aquela geração que trabalhou nos anos trinta é a que dá dignidade internacional à literatura de BSB. Outro testemunho é de um membro da ANE, um goiano, Alaor Barbosa. Ele diz que em BSB a geração transformou a poesia brasileira e isso é muito dizer porque é na poesia que encontramos afirmação de identidade nacional desde Camões, a transformação alquímica do Fernando Pessoa e o código novo do português que é de Carlos Drummond de Andrade. Então, isso que ele diz é muito importante. Menciono três poetas importantes, entre as dezenas, que escrevem aqui: Antônio Carlos Osório, Anderson B. Horta e Fernando Mendes Viana.

Walter Albuquerque Melo, foi o criador dos festivais de cinema em BSB, o diretor do Arquivo Público de BSB pode lhe por comprovar isso. José Geraldo Pires de Melo foi professor do CEUB e grande poeta.

## **27) JUDSON e MARIA DE LOURDES SERAINI – 23/08/2011**

01 – Maria de Lourdes F. Seraini, Catalão-GO. Judson Seraini, vim de Goiânia-GO, mas sou de Corrente-PI.

02 – Lourdes veio em 1959, Judson, em 1958. Ele veio aos 26 anos, com a família, do primeiro casamento.

Ela tinha 20 anos e veio com a família, também do primeiro casamento.

A partir daqui Maria de Lourdes será mencionada como ML e Judson Seraini como JS.

03 – ML - Há 53 anos, e JS há 52. JS – Foi de tal forma que eu escrevi um poema, “Obrigado DF”. Eu falo que moro em BSB com saudade, com vontade de abraçar a cidade. Tenho vários poemas para BSB. ML- morar em BSB é muito bom, gostei demais, eu amo BSB. Era muita luta, mas gostamos, sempre tínhamos a esperança de melhorar. JS- eu sempre fui acostumado a viver no meio dos piões, porque vim de uma infância muito pobre, e aqui eles não faltavam, pareciam um formigueiro, não sofri nada, pelo contrário, senti-me muito a vontade.

04 – JS - Vim para ganhar a vida. Em Goiânia eu trabalhava com o tio de um deputado e logo

que eu casei com D. Helena, ele me falou que tinha um negócio para mim. Ele me ofereceu um caminhão para eu vir para BSB e disse que se eu não desse conta poderia devolver o caminhão. Assim aconteceu, com seis meses eu voltei e devolvi o caminhão, eu não consegui me adaptar. Aqui, estavam construindo a rodoviária do Plano Piloto e eu arranjei emprego na Construtora Rabelo, eles estavam fazendo o 'buraco do tatu'. Na época do caminhão eu levei pedras para a construção dos alicerces do Senado, da Catedral, do Teatro Nacional e outras obras. Então, deixei de ser caminhoneiro e fui ser peão de obras na rodoviária e gostei muito.

ML- Vim à procura de vida melhor, eu era costureira e o incentivo, as notícias, os comentários de BSB eram bons. Eu também tive uma vida de pobreza e eu tinha uma sonho enquanto adolescente, eu queria tirar meu pai da roça, onde a vida era muito dura. Eu consegui, trouxe ele e meus irmãos para cá e todos que quiseram estudar puderam. Alguns fizeram a opção por voltar, mas eu tirei todos da roça.

Eu sempre trabalhei para me manter. Morei, primeiro na Cidade Livre e lá eu costurava para uma alfaiataria, Viana. Eles atendiam Senado e as Forças Armadas, então, não faltava serviço e dava para me manter bem.

JS- A moradia era fácil, desmontava uma obra, a madeira bruta era cedida pra gente fazer um barraco, às vezes, até o assoalho era com a própria madeira, dificilmente tinha um barraco de cimento. A gente mesmo fazia, entende? Você conhece a comercial da 105 sul? Então, eu ganhei um barraquinho, coberto com papel de cimento, sacos vazios que eles davam, e eu fiquei os primeiros dias ali, a gente fazia uma cama de tábuas, colocava um colchão de capim e eu e minha mulher ficamos uns dias. Depois fomos para a Vila Amaury e a gente fez um barraco de madeira lá. O trabalho era tranquilo, não faltava trabalho.

Trabalhava 24 horas, no buraco do tatu passava a noite. Aqui chovia muito e eu era responsável por puxar a água, eu tomava conta de duas ou três bombas. Enquanto eles iam cimentando, eu ia puxando a água, era muita chuva. Como eu morava na V. Amaury que era ali, colado a Vila Planalto, eu batia o cartão na rodoviária, às 7h da manhã, findava ele às 7h da noite e tornava a abrir e trabalhava de novo até a meia-noite. Então, ia pra casa, de meia-noite até 6h da manhã, dia sim, dia não, pra ver como é que estava a família, porque eu não tinha telefone, não tinha nada. Era comum a gente trabalhar 24h.

ML – O meu trabalho, assim que veio a Revolução, eu ganhava mais como autônoma, mas eu queria ser funcionária pública, não importava a qualificação, eu não tinha nem ensino básico. Eu sempre tive facilidades de relacionamento e entrosamento e quando nos encontramos (ela e Judson) em começo de 1962 e fomos começar a vida juntos, eu deixei toda a minha clientela e fomos morar em Taguatinga. Eu tinha saído do meu casamento, estava grávida e não sabia. Eu precisava recomeçar minha clientela, ele já era motorista na NOVACAP, eu vinha com ele, não tinha dinheiro, pra procurar serviço. Fui nas quadras, ali já tinha aqueles blocos que não têm pilotis, 411, 412 e os moradores tinham vindo do Rio. Eu fui procurar por ali. Um dia eu saí com ele e disse hoje eu vou encontrar trabalho. Bati num prédio das duzentas e uma moça moreninha me atendeu muito bem, expliquei a ela o que eu queria e ela me disse que conhecia uma senhora que precisava de costureira e me perguntou se eu fazia capa de sofá. Respondi que sim, nunca tinha feito, nem sofá tinha na minha casa. Eu fiz e isso foi a minha volta, aí deslanchou e quando foi em 1963, antes da Revolução, eu estava com uma filha novinha, essa moça veio me visitar, mas eu tinha saído e quando cheguei tinha um bilhete assim: 'olha, urgente, telefone amanhã, emprego.' Falei é a minha vez, no outro dia fui. Era uma prova de fogo, era o Ivo Magalhães, o prefeito na época Eu fiquei lá do dia 17 até dia 24 de dezembro, trabalhando, fazendo roupa pra um coral. Já tinha Ave Branca, um colégio público de Taguatinga e iriam cantar lá. Eu fiquei trabalhando ali e nem em casa eu fui e assim começou e eu fiquei lá, contratada como estatutária pelo Distrito Federal e continuei até me aposentar

em 1978.

05 – JS - a) Tanto que eu fiz o poema Os heróis empoeirados, que está no livro dos 50 anos de Brasília. Olha, a gente trabalhava confiante desde o apontador que apontava o nome da gente ao chefão porque você era correspondido, as pessoas eram bem tratadas, a gente era valorizado, o pião trabalhava sorrindo.

O peão podia botar uns óculos escuros que ele nunca teve, podia vestir uma roupa chamada volta ao mundo, podia comprar um radinho que colocava no ouvido. A satisfação era de ponta a ponta, o pião sabia que receberia seu salário. Eles sentiam-se felizes, tinham emprego, trabalhavam. Uma coisa que eles davam pra gente no lanche, eu nunca tinha visto, um pão todo arreganhado de manteiga. Uns diziam que nem queria o pão porque não conheciam a manteiga, passavam o dedo e jogavam fora, tudo era com fartura, o café, o leite, a comida. Nas cantinas só não rolava bebida alcoólica, a comida era ótima, para o nível em que se viveu, o nível da construção e a quantidade abundante que se recebia. Minha filha o pião tinha que se apalpar para ver se era verdade. Outra coisa, quando se falava que não queria trabalhar mais no lugar em que estava, ele saía e daqui a 100 metros ele já estava empregado. Teve uma época pior que a Revolução Militar, o governo Jânio Quadros, ele varreu tudo e todos. Mandou acabar com a NOVACAP, milhares de pessoas estavam lá pra dar baixa na carteira, não tinha serviço. Eu fiquei sem serviço por 6 meses, mas não levei a carteira, eu chegava lá na divisão de pessoal e pedia paciência pra não fazerem aquilo comigo. Eles diziam que se eu não trouxesse a carteira sairia como desertor, eu aqueitei e quando esse bendito saiu, eu me ressuscitei, mas foram 6 meses. A Revolução cassava alguém que era considerado persona não grata e Jânio Quadros não, mandava acabar com tudo. Para mim a Revolução trouxe estabilidade, a gente sentia segurança.

Olha, tinha corrupção, mas comparando com hoje é migalha, eu vivia no meio dessa gente. Eu conheci Dr. Ernesto Silva, ele era amigão nosso, ele tinha valores.

b) Os serviços em geral, até um poema meu fala isso, na média era tudo bem. Era assim, o atendimento no hospital, uma filha minha nasceu lá, atendiam bem. O Hospital de Base, era cheio, vinha muita gente do nordeste.

c) A convivência, por exemplo, entre um mineiro e um goiano era muito boa, eles tinham mais elasticidade, chefiavam melhor, mas com o nordestino não, havia uma diferença, esse não sentava na mesma mesa. Esse preconceito só existia entre os administradores, entre os trabalhadores a convivência era muito boa, o povão eram todos iguais. Em 1960, quando eu deixei a Rabelo e vim para a NOVACAP, recebi a responsabilidade de limpar toda a área que seria o Lago, eu fui responsável por trazer trator e limpar aquilo ali, deixar mais ou menos limpo e distribuir lotes para os moradores dali, em Taguatinga. Então, a parte norte de lá, 80% dos lotes foram entregues por mim e as pessoas construíam em seus terrenos com as madeiras que saíam das obras.

ML – Eu também observava no trabalho esse preconceito com os nordestinos, eu acho que isso começou quando as pessoas que vinham do Rio chegavam recebendo a famosa dobradinha. Então, esses é que tinham mais preconceito com os nordestinos dos que já estavam aqui. Os cariocas demonstravam que os nordestinos tinham obrigação de trabalhar aqui.

06 – Ambos vieram à procura de trabalho pra melhorar de vida. JS – Sinto-me parte do projeto histórico de BSB e por isso nós temos diploma de Honra ao Mérito, gratidão nas

cartas de Juscelino e Dr. Ernesto Silva agradecendo nosso trabalho. O casal faz parte do livro da História de Brasília na comemoração dos 50 anos. ML – também se sente, da mesma forma que Judson.

07 – JS - Como eu vim da extrema pobreza, eu já sabia sobre o tamanho de São Paulo, de Nova York e como nunca vivi numa cidade muito grande e como o ser humano tem direito de morar onde pode comprar e isso e aquilo, no sentido de, vamos dizer que tenha mudado do original, mas o que faz a riqueza é a população. Não sei dizer isso.

ML – Eu acho assim, o que perdeu na qualidade de vida é uma coisa que tem que ser administrado porque BSB foi tão boa que ultrapassou os limites. O projeto era para uma população e houve um crescimento enorme. Nós mesmos fizemos casas aqui (Guará), de mutirão, em 68, e não se pensava em carros, as casas eram construídas no meio do lote, não era pra ter carros, eram para piões morar, olha a visão dessa gente! Em Taguatinga Sul, as estradas não cabiam um caminhão de gás e um carro, ainda não cabem, nas quadras, nas ruas internas. O que aconteceu foi que a população gostou tanto, que quis trazer toda a família, eu mesma trouxe todos. Houve um crescimento desordenado e os governantes não conseguiram segurar. Mas todos que vivem aqui, mesmo aqueles que vivem lá na periferia são felizes, gostam daqui.

JS – Você vê nosso privilégio de hoje poder receber você num local bom como este, depois de ter morado em tantos barracos. Hoje, estamos a poucas milhas do cérebro da Nação, não é um privilégio? Hoje, com quase 80 anos vejo o progresso, BSB crescendo, não tenho capacidade para dizer que tem algo ruim aqui. Acho ruim esses escândalos políticos, essa desordem que vem ocorrendo, isso é triste, mas eu e ela podemos olhar no espelho e fazer nossa autocrítica.

08 – Há, no sentido de que é pequeno demais, se é que é falha, para tantos. A falha da locomoção entre o PP e as cidades-satélites foi na construção das vias que foram má dimensionadas.

ML – Eu não considero falha porque é preciso conservar BSB. O Plano Piloto deve ser conservado dentro da realidade, quando houver necessidade de alterar é preciso fazer. As vias precisam ser mais amplas. Não nos sentimos a vontade pra criticar A ou B.

09 – ML- Íamos, no início, com as crianças tomar banho nos córregos. Sempre tivemos um bom relacionamento, mas era só isso o que podíamos fazer. Mas, à medida que surgiam outras coisas fazíamos. JS – Havia diversões para os candangos, mas eu nunca tive tempo para ir . Uma vez, fomos de ônibus à Concha Acústica, para um show de Roberto Carlos. Quando chegamos não havia mais lugar para sentar, muito sol, as crianças desesperadas de sede, a situação financeira era difícil, voltamos sem assistir ao show.

ML – Ele sempre foi um pai presente e muito caseiro. Mais tarde compramos um terreno em Águas Lindas de Goiás e fizemos, primeiro uma piscina, depois uma casa enorme. O clube da família era lá, compramos uma *combi* e levávamos nossos filhos e os amigos deles para se divertirem lá.

10 – Viver em BSB é um prêmio divino. Gosto muito mais de BSB. O que eu escrevi até fala mais ou menos nisso, do céu, da paisagem, da beleza da cidade.

ML – Viver em BSB é viver feliz constantemente. Gosto de viajar, mas sinto tanta falta daqui,



quando volto sinto o quanto é bom chegar. Eu adoro BSB.

11 – Não havia desemprego.

12 – ML – Eu acho isso pejorativo, não acredito que seja assim. JS – Pra mim quando se fala em senzala vejo gente sofrendo, massacre. Morar em cidade-satélite é privilégio com sobra, o pessoal reclama de tudo. ML – Nós fomos chamados por uma certa emissora pra fazer uma matéria no Conjunto Nacional. Quando começou a matéria eu percebi que eles queriam que nós falássemos das dificuldades. Eu disse pra eles que éramos um casal de idosos privilegiados e o que eles estavam reclamando hoje, nós já tínhamos passado pior no começo, hoje nós não podemos reclamar. Eu não vou reclamar de dificuldades que eu não estou passando. Nossos sonhos enquanto família foram atingidos, não queríamos muita riqueza.

13 – ML – A arquitetura de BSB é um sonho. Foi o início da arquitetura moderna, as linhas arredondadas, eu acho que favorece muito a vida das pessoas.

JS - Se a interferência for benéfica, pode ser. Aqui em BSB as pessoas 'choram de barriga cheia', porque essa arquitetura começa por tudo que você pensar, o povo tem privilégios.

14 – Não sentimos isso, o povo igual a nós nos aceita, o povo lá de cima também, somos um casal homenageado, várias vezes, por revistas, jornais e já representamos a 3ª idade junto ao Presidente Lula, não podemos reclamar de nada. Já fui eleito amigo do Guará pela Associação do Guará. Sempre mantemos esse nível de amizade, não sentimos nenhum problema.

ML – Estamos vivendo a apologia da mocidade.

15 – ML – O ruim é o trânsito, muito tumultuado e violento. O melhor é viver em BSB.

JS – O pior é a insegurança, a falta de caráter dos grandes. O melhor é chegar a essa idade sem moletas e viver aqui.

16 – Eu tenho medo, mas eu queria falar que Juscelino é insubstituível. Eu sei que isso é muito sério, mas é. Quem viveu a época JK como nós, o nível de conhecimento social que tínhamos, a gente vivia meio flutuando. (Judson mostrou e me deu uma cópia da carta que JK escreveu para todos os candangos, para agradecer os serviços prestados).

ML – Ele é um dos maiores estadistas do mundo, a intenção da transferência da capital já vinha de longe e ele foi quem realizou essa obra.

17 – JS - Como poeta não vejo isso, quem quer produz, eu nunca precisei de nada pra criar.

ML – Em 1998, eu comprei um computador e fiz um curso de computação, ele perguntou o que eu ia fazer com isso. Eu respondi que queria conversar com minhas netas, pra eu não ficar no escanteio. Em 2002 ele começou a escrever e veja quem digita os poemas. O poder não interfere nas criações.

18 – Enquanto JK presidia, a conduta de todos era muito parecida, mas chegou uma instabilidade junto com a Revolução, muitos sofreram, mas o povão ganhou confiança, a gente se sentia valorizado.

ML – Na revolução não houve nada de diferente conosco. A transição do governo Jânio e Goulart, foi muito difícil.

19 – Sobre o episódio da Pacheco Fernandes, eu era da Rabelo que era vizinha da Fernandes, me parece que foi agressão exagerada da polícia. Um colega meu, o Gaspar, me disse que o

colega de quarto dele, o Expedito, foi assassinado. Gaspar me disse que não precisava da polícia agir daquele jeito. Houve um massacre, Gaspar disse que viu 6 mortos. São episódios que acontecem. Nas obras, parece que na média não havia muitos acidentes, eu nunca vi um. Na fundação do Teatro Nacional houve um acidente, mas não machucou ninguém. Considerando o arrojo do trabalho na época, se compararmos com os dias atuais, hoje acontecem mais acidentes. A rádio candango não noticiava tantos acidentes.

20- Raimundo Fonseca que trabalhava na barragem do Paranoá.

## **28) LÚCIA GAROFALO – 06 /02 /2010**

01 – Lúcia Garofalo, sou de São José do Rio Preto-SP

02 – Cheguei em 1968, tinha acabado de me formar em Pedagogia, sou apaixonada por educação. Aos 23 anos, vim de excursão de estudantes e fiquei apaixonada por Brasília e, quando voltei, falei para minha mãe que eu queria morar aqui. Ela me disse que eu estava formada e que poderia vir. Brasília despertava muito a atenção de todos naquela época e, na escola, o professor tinha feito um concurso para o melhor desenho do Palácio da Alvorada, fiquei curiosa e quando vim na excursão e vi todo esse espaço amplo, aberto e claro, isso reforçou um sonho de morar em Brasília, despertado na escola.

Cheguei e logo me inscrevi na Fundação Educacional para lecionar, era tudo muito fácil porque eles precisavam muito de professores. Fui trabalhar em Planaltina, mas éramos um grupo e fomos organizando nossas vidas.

03 – A chegada foi muito gratificante. Eu tinha espírito de aventura e não senti dificuldades na mudança. As distâncias eram grandes, as pessoas davam carona e eu achava tudo uma festa. Eu já estava na UNB e lá a gente dividia lanche, morávamos todos juntos, à noite passeávamos, havia muita solidariedade e comunicação entre as pessoas. Quando alguém dizia, sou do Amapá, eu pensava, estou conhecendo gente que eu só havia estudado no livro de geografia. Era um encanto encontrar com pessoas do Brasil inteiro na Universalidade.

04 – Vim para Brasília a procura de estudar mais. Eu tinha o sonho da carreira diplomática, as pessoas do interior tinham sede de cultura, queriam estudar muito e eu transferi o curso de Direito que eu fazia também no interior. Primeira ocupação profissional foi como professora da Fundação Educacional, trabalhei em Planaltina, depois na Escola Normal de Brasília que tinha uma teoria totalmente moderna.

Em Planaltina a escola era muito simples, mas tudo inspirava muita confiança e os profissionais da escola eram muito experientes e competentes, havia muito calor humano e eu aprendia muito com eles, mas sentia a diferença intelectual entre nós.

A moradia era de aluguel inicialmente, em lugares simples e o aluguel não era muito caro, depois fui morar na Universalidade.

05 – Em Brasília as coisas eram muito longe, muito espaço vazio, marcou muito uma história que eu ouvia: Brasília é cabeça, tronco e rodas. O projeto em si eu gostava, achava curioso, mas logo que a gente chegava causava uma certa confusão com os endereços, com o tempo tudo ficou meio automático.



Eu morava na 'Oca' e peguei uma fase difícil na Universalidade. Houve aquele tiro num rapaz no minhocão, os militares queimavam as coisas, eu sentia num ambiente pesado na universalidade. Um dia um soldado falou pra gente: eu estou fazendo isso aqui porque é meu trabalho, mas eu também tenho filhos estudantes. Eu tive um amigo que era muito politizado e nunca mais soube notícias dele, eu acompanhava tudo, mas não me envolvia ativamente nos acontecimentos.

Talvez existisse corrupção, as coisas não vinham tanto à tona na época, no meio estudantil a gente sempre sabia de algo estranho com os políticos e ninguém aceitava isso bem.

Eram poucos ônibus e as pessoas tinham dificuldades de locomoção, no comércio havia o básico, ainda faltava muito, mas a gente não sentia muita falta. Tinha cinema, saímos, à noite, para o 'Amarelinho', na W3 Sul, havia palestras na UnB, nos dois Candangos sempre havia algo acontecendo, não eram muitas diversões.

Havia muita solidariedade na cidade e na universidade, as pessoas davam carona, convidavam para almoçar na casa delas.

06 – Sim, dava um certo orgulho de que você estava vivendo as situações em Brasília e de alguma forma modificando algo, na sala de aula eu motivava os alunos a ler e eu também lia e sonhava muito.

07 – Brasília ganhou qualidade de vida, mas há excesso de carros porque o transporte coletivo é ruim. Quando eu cheguei, a cidade estava muito vazia, mas com o crescimento não preservaram e ocuparam espaços indevidos. Por outro lado, a gente vê que a arquitetura vai se completando, o Museu da República, a Biblioteca Nacional são espaços novos e ainda deve faltar alguma coisa. Muita coisa melhorou, o comércio cresceu muito, as lojas mais refinadas de grandes capitais estão aqui também, mais colégios e faculdades, Brasília cresceu e não perde em nada para outras capitais. O aspecto cultural também melhorou, a saúde é deficitária, há muitas construções e os pioneiros que moravam no Plano foram expulsos para as cidades-satélites. Há algo que parece meio fantasioso, a supervalorização dos imóveis na cidade.

08 – Em função do Plano, as pessoas precisam de carro para se locomover, é difícil para atravessar as ruas e as distâncias são grandes e não há como caminhar na cidade.

09 – A vida literária era mais na Universalidade, havia palestras, filmes, havia algumas exposições de arte, algumas apresentações no Teatro Nacional, concertos eram apresentados na Escola de Música, como eram poucas oportunidades participávamos muito de eventos pequenos. As Embaixadas faziam eventos para convidados. A livraria de Victor Alegria, no Hotel Nacional, era muito boa, eu folheava muitos livros lá.

10 – Sinto-me muito bem aqui, não viveria em outro lugar hoje, quando viajo sinto saudades de Brasília, eu tinha um pouco de dificuldade de locomoção, mas agora melhorou, a cidade tem uma qualidade de vida fantástica. As pessoas que vieram pra cá, penso que com poucas exceções, tiveram ascensão social. Há muito relacionamento humano e a parte cultural melhorou muito.

Foi muito bom viver na minha cidade, as pessoas se relacionavam muito bem, fui muito feliz lá também, mas hoje, minha vida é em Brasília. Quando visito minha cidade, tenho uma sensação muito interessante, acho que já interiorizei Brasília e sou feliz aqui.

Não sinto Brasília artificial, no início eu a via totalmente diferente, o impacto foi grande, era

muito novo, mas eu gostei da cidade. A Igrejinha, o Itamaraty, as esculturas espalhadas na cidade me deixavam encantada. Brasília me deu muito mais do que eu poderia conseguir na minha cidade, aqui eu construí projetos de vida.

11 – Precisava-se de gente para trabalhar, não havia desemprego.

12 – Penso que o projeto de LC foi utópico, infelizmente penso que sim, eu via que as pessoas saíam do Plano e se mudavam para as cidades-satélites. A elite está concentrada e mais isolada em suas moradias, não se integram.

13 – Parece normal, mas vejo a beleza dos prédios, da Catedral. Vejo em Brasília as pessoas cuidando dos jardins, tudo muito funcional e bonito. Talvez as pessoas se sintam orgulhosas por morar em Brasília e encontrar pessoas de todo o Brasil que se integram na cidade e isso reforça o sentimento de nacionalidade delas.

14 – As pessoas se fecham muito, mas isso parece acontecer em todos os lugares. Os habitantes de Brasília são vistos de forma diferente pela imagem da cidade e o momento político sempre reflete fora da cidade.

15 – Penso que Brasília tem a melhor qualidade de vida do Brasil, tem uma renda per capita alta, as pessoas valorizam muito a cultura. O comércio ainda é muito caro e as pessoas precisam tomar cuidado nas compras, isso para as pessoas de uma classe social melhor. As pessoas de menor poder aquisitivo já frequentam universidades e têm acesso à cultura que está se popularizando, mas ainda falta muito. Mesmo assim me parece que essas pessoas vivem melhor aqui, a cidade apresenta uma certa abertura para eles que se diferenciam de outros, da mesma classe social, por exemplo, no Rio de Janeiro.

16 – Sim, JK só pode ser comparado a Getúlio Vargas. JK teve uma visão muito grande, um entusiasmo enorme e sabia tratar o povo e motivar os brasileiros em torno da construção de Brasília. Mário (marido de Lúcia) conviveu muito com ele e me contou que num certo encontro o JK mexia muito com os pés e ele perguntou por que fazia aquilo. O Presidente respondeu que quando a conversa estava muito chata ele aumentava a música.

17 – Os artistas são independentes e estamos num momento efervescente da cultura em geral. Brasília não inibe e tem cada vez mais gente criando e entrando para o mercado, parece que todos estão aprendendo a valorizar a arte e a criatividade.

18 – Eu mesma não, ouvi muitos comentários, vi pessoas desaparecendo na universalidade, uma vez fiquei presa na quadra de basquete da UnB, mas não foi nada sério.

19 – Não, seu trabalho é brilhante. O que eu sei mais é sobre meu trabalho na rádio, Mário quando começou tinha como objetivo uma rádio cultural que elevasse o nível das pessoas de alguma forma, elas não precisam compreender música clássica, elas podem sentir. Então, montamos uma rádio que parecia elitizada, com músicas instrumentais, clássicas e MPB. A Super Rádio Brasília criou um diferencial e há uma paixão por ela que às vezes assusta, a boa música atinge a todos.

20 – Cosete Ramos, Carlos Fernando Matias, Rui P. da Silva, Beatriz Sales, Cléber Faria.

**29) LUCÍLIA HELENA C. GARGEZ – 09 /06 /2010**

01 – Lucília Helena do Carmo Garcez – Belo Horizonte-MG

02 – Vim para Brasília em 1965, aos 15 anos, acompanhando meu pai que era funcionário da Receita Federal e quis vir pra cá porque a família dele morava no interior de Goiás.

03 – A minha chegada aqui foi uma tragédia porque eu vim de uma cidade que vivia os anos dourados e que era uma delícia viver lá, BH tinha uns 300 mil habitantes, então eu fiquei muito chocada, deslocada aqui. Com o tempo, entorno de uns três anos, eu me adaptei, eu sentia muita saudade de BH, depois me acostumei com a cidade, fiz amizades, fui construindo minha vida aqui, entrei na Universalidade.

04 – Eu me formei na Escola Normal e imediatamente fui trabalhar na Fundação Educacional como professora, primeiro no Gama e depois no Plano Piloto. Em 1971 eu me casei e morei fora por 9 anos, separei e voltei, meus pais moravam aqui, então me instalei definitivamente em Brasília. Nesta época eu voltei como professora da Universalidade de Brasília. Eu tinha feito concurso em Aracaju, onde eu morava, a universalidade era federal.

A moradia era melhor do que tínhamos em BH porque meu pai era um funcionário graduado e tinha direito a um apartamento muito bom, morávamos na 105 Sul.

O trabalho inicialmente era muito longe de casa, eu trabalhava no Gama, a 50 km de minha casa, eu tinha 17 anos, não podia dirigir, alguém tinha que me levar e buscar ou eu ia de ônibus. Era uma escolinha de madeira, no meio de uma favela, era muito precário, mas eu gostava muito de trabalhar como professora da Fundação, fiquei lá um ano e não faltava ao trabalho.

05 – Em 1965, a Asa Norte era quase toda vazia, só tinha as 400. O transporte na cidade era muito precário e a gente dependia muito de alguém ou de condução para locomover-se e isso era muito difícil. A cidade ainda estava muito vazia, tinha muitas áreas isoladas, a gente não podia andar a pé. Houve um período que se falava que a Capital ia voltar para o Rio de Janeiro, mas eu acho que o ritmo de construção da cidade continuou e houve crescimento.

A implantação dos serviços foi muito rápida e a convivência, nesse período, era muito interessante. A cidade só podia ter uma festa por noite porque não tinha jovens para ir a várias festas, então todos se reuniam no 'Congressinho' que era no Clube do Congresso, na Torre de Televisão que tinha um chá dançante, ou no Iate Clube, a turma era a mesma, todos iam para a mesma festa.

Eu não tinha muita consciência política e não observei nada de corrupção. Fui muito amiga do Honestino Guimarães em 1965/66, quando ele estava começando na política. Ele era apaixonado por mim e dizia que quem fosse namorar ou viver com ele era para morrer e eu não queria morrer, preferi a vida, então não deu certo. Nós continuamos amigos, conversávamos muito e ele era mesmo muito radical e decidiu a dar a vida pela Pátria. Eu vi a invasão em 68 na UnB, depois em 77, houve outra, eu também estava lá como mestranda, eu não tive nenhuma participação política, não participava do movimento estudantil, mas eu estava na universalidade no momento que ela foi invadida, cheirei gás, enfim, vi tudo o que aconteceu no momento.

As escolas e os hospitais funcionavam muito bem, não faltava vaga, havia espaço para todos, eu mesma fui atendida no Hospital de Base muitas vezes e era um bom serviço médico, não

tinha problemas. Meus irmãos tinham muita acidentes e iam sempre para o hospital e eram sempre bem atendidos.

O grupo de convivência era pequeno, era muito restrito na década de 60, mas esse grupo sempre frequentava os mesmos lugares e havia muita solidariedade.

06 – Eu me sinto sim, sou muito ligada à cidade, nem me considero mais mineira, sou muito brasiliense, passei minha adolescência aqui, me formei na UnB, fui professora lá, então eu me sinto muito ligada à cidade. Eu escrevi dois livros para crianças sobre a história de Brasília.

07 – Eu acho que houve um desenvolvimento urbano descontrolado, eu acho Águas Claras um absurdo, a Vila Planalto também, como deixaram construir mansões dentro de uma vila que era para ser preservada como um monumento histórico, como um vestígio da construção e virou um bairro no quintal do Palácio do Planalto. Houve, então, uma desordem muito grande no crescimento da cidade. Além do que nos governos que ofereceram terrenos de graça, houve uma migração muito grande e não tem trabalho para esse pessoal e nós temos uma margem de 300 mil desempregados, há um cinturão de pobreza muito grande em volta da cidade. Então, a cidade perdeu muito da sua estrutura inicial, do sonho, de seu ideal, por causa desse crescimento desordenado que tem como causa, principalmente a política. Quem iniciou isso foi o Roriz, as pessoas do povo acreditam que ele deu terrenos dele, realmente é uma distorção muito grande da administração pública.

Brasília ganhou muito em qualidade de vida porque quem mora no Plano Piloto tem realmente uma qualidade de vida muito boa, em outra cidade eu não moraria numa casa como esta porque eu não teria condições financeiras para construir uma casa boa como esta que eu tenho. Uma vez eu recebi uma amiga de SP e no mesmo dia fomos à Universalidade, ao teatro, jantar fora, fizemos tanta coisa e ela me disse que em SP só se pode fazer uma coisa por dia. Lá, a qualidade de vida é muito complicada, o trânsito não permite. Aqui não, você tem uma mobilidade muito grande, tem equipamentos urbanos muito bons, você tem acesso a bens de consumo de boa qualidade.

08 – Eu acho que a questão do transporte dos moradores das cidades-satélites é uma questão de transporte urbano, em todas as metrópoles as pessoas moram longe, mas têm acesso ao centro da cidade com transporte público de qualidade. O nosso não é de qualidade, é demorado, lento e rarefeito, então, esse é o problema.

Tem uma coisa que eu sinto que faltou no plano inicial da cidade que era o projeto de uma avenida à beira do Lago, contornando o Lago todo para impedir que as pessoas avançassem e construíssem e usassem o Lago como uma coisa particular. As pessoas da cidade não têm acesso a essa maravilha e se no planejamento inicial eles tivessem pensado numa avenida beira lago esse problema tinha sido evitado. Isso me parece uma falha do planejamento da cidade.

09 – Eu sempre achei que a vida cultural de Brasília é muito ativa. Na música, temos a Escola de Música, o Clube do Choro, a Orquestra, temos muitos músicos independentes, tivemos e ainda temos muitas bandas de rock, na dança também temos vários grupos. O teatro também é muito desenvolvido, há muitos pintores e escultores. A vida cultural de Brasília está se consolidando, não está completamente desenvolvida como numa grande metrópole. Eu penso que BSB já é uma metrópole, mas como tem somente 50 anos ainda não consolidou um perfil cultural, ela não tem uma tradição histórica como outras cidade e essa falta de história prejudica um pouco a constituição do perfil da cidade. Hoje, eu sei que a cultura está relegada

a terceiro ou quarto plano, o Teatro Nacional, o Cine Brasília, a 508 estão abandonados. Então, os nossos equipamentos culturais públicos estão muito esquecidos, não existe um cuidado necessário. São Paulo agora fez uma biblioteca no Carandiru que é um modelo internacional e a nossa está aqui capengando, não tem acervo, atividades, não tem nada. Era preciso uma decisão política de investir na cultura da cidade e de manter os locais públicos. Eu sou casada com o Wladimir Carvalho e ele foi filmar no Teatro Nacional e voltou escandalizado porque viu o abandono, a decadência do Teatro.

No começo, era um clima de construção em que tudo crescia, eu assisti espetáculo no Teatro enquanto ele ainda estava em obras.

10 – Para mim é extremamente confortável porque eu moro num lugar muito agradável, tenho tudo de que preciso perto, não enfrento o trânsito, pra mim a vida em BSB é perfeita, só faltava o mar. A vida aqui é muito melhor que BH que está com um trânsito horrível, com os bairros avançando para as montanhas, tornou-se um amontoado de casas, prédios e ruas está muito ruim.

BSB parece um pouco artificial porque essa setorização, casas, prédios, bancos, lojas, escolas e hospitais separados é um pouco artificial. Numa cidade normal as coisas vão se desenvolvendo espontaneamente, organizando de acordo com as necessidades, então BSB ainda tem esse sabor artificial.

11 – Nos primeiros anos todos tinham emprego porque a cidade estava começando. Por exemplo, eu saí da Escola Normal e não precisei nem fazer concurso, a Fundação Educacional estava admitindo todos os professores que se formavam. Havia uma necessidade de profissionais muito grande, hoje o número de desempregados é assustador, isso me parece que iniciou na década de 70.

12 – Eu acho que esse é um problema do Brasil que é a defasagem entre os mais ricos e os pobres. Essa desigualdade social ocorre no país todo e BSB é só um reflexo. Aquela ideia de que o porteiro, o motorista iriam morar no prédio do Senador era utópico, logo todos venderam seus apartamentos e foram para as cidades-satélites e não se realizou a utopia igualitária da cidade, muito pelo contrário, ela ficou uma cidade extremamente escalonada. Hoje se você disser que mora na 404 Norte eu sei quanto você ganha, ou na 310 eu sei quanto você ganha. Então, ao contrário do sonho igualitário, BSB ficou uma cidade em que se observa uma divisão das pessoas pelo poder aquisitivo mesmo. A ideia de casa-grande e senzala é muito pertinente em BSB.

13 – Eu sempre me espanto com a beleza da arquitetura, quando estou no Plano, o Eixo Monumental sempre me deslumbra. É artificial porque nas outras cidades é tudo muito diferente.

Eu não sei por que aqui em BSB as pessoas não estabelecem laços de vizinhança. Eu tenho um apartamento no Rio e lá os vizinhos conversam, encontram-se, têm relações de amizade e aqui isso não acontece. Eu moro nesta casa desde 1988 e não conheço meus vizinhos, falamos uns com os outros, mas não há relações de amizade e eu não sei por que isso acontece. Pode ser um reflexo da estrutura da cidade que isola um pouco as pessoas, até mesmo quem mora em apartamento tem esse problema, a vida comunitária é muito rarefeita. As pessoas relacionam-se no trabalho, na família ou por interesses comuns, mas elas marcam de se encontrar para fazer alguma coisa juntos, mas é sempre algo programado, não é espontâneo como nas outras cidades.

14 – Esse tipo de relacionamento de que eu falei é um pouco diferente. Enquanto em outras cidades as pessoas têm relações mais frequentes com vizinhos aqui isso não acontece.

15 – Quem mora no Plano Piloto vive muito bem, agora quem mora nas cidades-satélites eu não sei dizer.

O melhor é o conforto de você se locomover com facilidade, de ter acesso rápido aos lugares e isso me parece o melhor da cidade. O pior, eu acho que é a falta de acesso das pessoas ao Lago, penso que se o Lago Paranoá fosse democratizado a cidade teria mais encantamento, as pessoas poderiam passar o domingo a beira do Lago e usufruir muito mais dele. O Lago é exclusivamente daqueles que moram ali perto e usufruem daquela paisagem, daquele lazer.

16 – Sim, coincidiu com o período em que o Brasil estava todo positivo, então JK teve um pouco de sorte e a construção de BSB fez muita diferença para o país. Trouxe desenvolvimento para o centro-oeste, houve uma mudança enorme em Goiânia que hoje é uma capital importante, onde tem um centro médico referencial, a agricultura também desenvolveu-se e isso foi e é muito importante para o país.

17 – Não, os artistas são absolutamente independentes, os escritores, os cineastas, os pintores. O fato do poder está aqui é algo muito setorial, eu acho que as pessoas de fora têm essa impressão errada de que a cidade é só corrupção, política e poder. Eu acho que não, a cidade tem vida própria e os artistas não dependem do poder público e não tem essa questão de repressão, inibição.

18 – Eu acho que a Universalidade foi muito afetada, eu estava lá em 68 e houve uma paralisação, uma intervenção e o reitor designado, o Azevedo, foi muito prejudicial à instituição. Nesse período a autoestima da Universalidade ficou muito baixa, não se acreditava que ela tivesse a qualidade que tem, depois que o MEC começou a fazer as avaliações foi que se viu que a UNB é uma Universalidade nota A. Depois ela foi invadida várias vezes, perdeu muitos professores, quando eu entrei tinha acabado de sair mais de 200, teve uma época em que na Arquitetura as aulas eram dadas pelos próprios alunos, os mais velhos. Então, a história da Universalidade foi muito prejudicada pela Ditadura e isso me afetou pessoalmente porque eu era aluna do curso de Letras nessa época.

Nas invasões a gente ouvia tiros, pessoas sofrendo, amigos presos e nesses momentos todos ficavam amedrontados e depois as coisas voltavam ao normal.

19 – Eu acho que a cidade aproxima as pessoas da arte porque você vai andando e vê obras de Bruno Giorgi, de Ceschiatti, vê coisas ao Atos Bulcão, a cidade é inspiradora nesse sentido. Eu considero a arquitetura de BSB bela, mas tem umas coisas de que não gosto, por exemplo, as ruas de comércio daquele tipo padronizado de lojas, aquela calçada toda complicada. Das casas da W3 também eu não gosto, eu acho que aquelas casas germinadas não têm nada a ver com a arquitetura. Gosto muito da ideia das superquadras, do projeto das escolas públicas que são muito funcionais, muito bem pensadas, eu gosto da ideia original de uma quadra, uma escola classe, uma escola parque, um clube de vizinhança. Aquele quadrilátero do começo da cidade onde tem a Igrejinha, a Escola Parque, a Unidade de Vizinhança, essa ideia é muito interessante, mas só ficou ali, não proliferou. Um amigo meu chamou esse quadrilátero de histórico, que é a realização da ideia original, essa ideia de superquadras com áreas de lazer, com muito verde, pilotis que você atravessa, eu acho isso muito interessante. Não sei por que fizeram Águas Claras sem considerar esse projeto, ficou um paredão de edifícios, um junto ao



outro, sem área verde, tudo contrário a Brasília. Foi uma cidade planejada pelo GDF, não sei porque ficou assim, contrária à ideia original de BSB.

20 – Uma das coisas mais importantes da cidade é o cinema, Wladimir, meu marido, pensa muito a cidade, ele tem muitos filmes sobre a cidade. Marcos de Souza Mendes, prof. da Comunicação, é uma pessoa interessante. No IDA, tem um filho da Sílvia Ortof, ela teve muita importância na cidade. Filme, 'Fala, Brasília', remete a década de 60. Domingos Carvalho da Silva, poeta. Havia um Cine Clube que funcionava na Escola Parque na 307/308 que agregou muita gente, Geraldo Sobral é quem sabe sobre isso, Wladimir Almeida também. Aliança Francesa também participava muito da cultura inicial de BSB. Walter, do Arquivo Público, trabalhou na Fundação Cultural e é pioneiro. A festa dos Estados era um ponto de encontro, acontecia anualmente e era muito interessante, as pessoas que estavam aqui organizavam a barrada de seu estado, era uma festa comunitária, onde todos participavam, não tinha o cunho comercial de hoje. Na época eram grupos de pessoas ligadas ao estado que participavam, é uma manifestação interessante para você analisar, ela funcionava perto da Torre de Televisão.

### **30) LUÍS HUMBERTO M. MARTINS PEREIRA– 06 /04 /2010**

01 – Luís Humberto Miranda Martins Pereira.

02 – Vim do Rio de Janeiro em 1961, tinha 26 anos, com minha família. Vim para o Ministério da Educação, minha mulher era funcionária da Câmara e foi transferida, eu consegui transferência junto com ela. Na época, nós tínhamos a 'dobradinha', apartamento para morar, era uma série de vantagens. No Rio, eu estava muito sem ter o que fazer, era recém formado em Arquitetura e eu pensava que era uma abertura nova, seria um começo para minha profissão.

03 – Moro em Brasília há 49 anos. Minha chegada foi ambígua, eu gostava e ao mesmo tempo não gostava porque a cidade era um deserto completo. Eu tinha vindo aqui antes para conhecer e eu senti um frescor da noite que não tinha mais no Rio de Janeiro que era um lugar apertado, com muita dificuldade para tudo e muito calor. O transporte era difícil, havia muita aflição na população do Rio. Então, resolvi vir para Brasília que me pareceu que tinha algo a ver com meus sonhos como arquiteto e como pessoa.

Não houve um novo sistema, era uma proposta que acabou com o tempo. Brasília foi atropelada, 4 anos depois da inauguração, pela Revolução de 1964. Nesse momento a sociedade foi toda alterada, o Brasil passava por grandes transformações e Brasília era uma proposta de uma nova sociedade, uma convivência nova entre as pessoas que seguiu até a Revolução acontecer.

04 – Vim como funcionário do Ministério, trabalhei como professor desde 1962 no ICA (Instituto Central de Artes) na UnB e depois como fotógrafo.

Moradia foi ruim para muitos, mas como eu vim pra cá porque minha mulher tinha sido transferida recebemos um apartamento da Câmara e lá moramos vários anos, outras pessoas tiveram muita dificuldade.

O trabalho era qualquer coisa que enchia nosso coração, as condições eram muito boas e

vivíamos num momento de paixão, algo muito forte e a consciência de que a gente estava fazendo alguma coisa importante, estava-se construindo uma grande reforma do ensino superior no Brasil.

05 – Acho que isso nem pode ser avaliado desse jeito porque na verdade nos metemos nessa construção com todas as vantagens e desvantagens que isso significou, então não tem como você achar que está bom ou ruim, você viveu aquilo, está vivendo até hoje. Muita gente teve satisfação, outros vários foram embora porque a expectativa era maior, mas uma cidade não se constrói em 3 meses ou em um ano, ela é um processo que se alonga mais tempo que se pensa. Tiveram pessoas que chegaram aqui e era um casal em que o marido estava encantado e a mulher não queria, houve esse descompasso entre os encantos.

Eu tenho uma tese que Brasília foi a capital brasileira que mais sofreu com o Golpe de 1964, porque ela tinha 4 anos quando o golpe se instaurou, então você não tem uma massa crítica capaz de resistir a isso, você não tem um processo cultural em marcha, não tem uma situação que dê uma fala própria da cidade e assim você perde muito. É complicado, você vê que eles atacaram primeiro os locais que tinham capacidade de promover transformação. Eles fecharam todo o projeto de ensino que tinha sido feito por Anísio Teixeira e foram pegando tudo que era ativo, vivo e capaz de transformar. Assim, eles liquidaram com o ensino médio, tudo relacionado ao novo projeto de ensino foi triturado e as coisas ficaram mortas, não há o que se possa fazer diante da cidade. A massa popular não estava mobilizada para isso, como a massa operária de São Paulo, por exemplo. As manifestações de estudantes aconteceram, mas não tinha volume, vamos dizer, o equipamento cívico para resistir a isso, houve várias marchas, eu participei. Tem outra coisa, a UnB sempre foi alvo dos governos.

Você há de convir que uma cidade que teve seu processo político atropelado, sem condições de resistência, surgem pessoas como o Collor, o Sarney no governo, essa gentinha, todos apareceram por que havia muito vácuo no poder e eles surgiram. Com pessoas como essas no poder a força política é formada por sindicatos que trouxeram uma densidade não construída por um processo político, voltada para os representantes desses sindicatos. A gente enfrenta isso, essa época foi um período de muita efervescência na Universalidade, mas caiu no vazio, eles queriam acabar com a massa pensante, você sabe que quem tem conhecimento tem poder. Eu não sei como sobrevivi a tudo isso, foi muito doloroso por que nós vínhamos num processo de construção do país que foi muito bom. Houve a criação da indústria automobilística, do cinema, da bossa nova e outras coisas interessantes, houve uma coisa de maturação que emergiu do brejo, foi um processo de auto afirmação do país em que ele ganhou peso, cara e auto estima. Esse foi um momento muito importante que vivemos.

Eram muitas coisas para serem feitas ao mesmo tempo e não houve grandes vitórias dos serviços, o sistema de água funciona bem até hoje, inicialmente não tinha nada aqui, somente um caminho a ser percorrido. Tem um episódio da pista do aeroporto muito interessante, o engenheiro da NOVACAP punha o concreto e chovia porque naquela época chovia mais que hoje, então ele cobria a parte asfaltada com uma lona e assim que a chuva passava ele reiniciava o trabalho. Eram muitas dificuldades que tinham que ser enfrentadas com criatividade. O transporte da época era carro, eu não tinha e era difícil comprar um porque era muito caro, nos primeiros meses andei de ônibus o que era horrível, eles vinham cheios de trabalhadores e a gente acabava gostando, eu ia até a rodoviária de ônibus e de lá ia para o Ministério da Educação a pé, na volta vinha de carona.

O sistema de saúde era bom, os médicos eram novos, mas bons. Havia muita solidariedade, as pessoas ofereciam carona.



06 – Sim, eu contribuí, trabalhei para isso. Eu fiz o diabo nessa cidade, trabalhei no Hospital Sarah Kubitschek, juntei-me a um grupo que iniciou a Editora Abril aqui, fui um dos fundadores da UnB, agora você me desculpe não consigo me lembrar de mais nada.

07 – O que a cidade ganha é graças a força de luta de seus habitantes e por outro lado o que ela perdeu foi por não ter uma densidade política necessária para enfrentar os bandidos que assumiram o poder na cidade. O Darcy Ribeiro tem uma fala que diz assim: olha, eles ganharam! É o fato de você ter uma perda dramática da qualidade, de assassinato dos sonhos graças àqueles que não têm escrúpulos, nenhuma preocupação com o povo nem com a cidade. BSB perdeu na ocupação do solo, muita gente chegando e a cidade não tinha estrutura para receber tantas pessoas em tão pouco tempo. As pessoas poderiam ter vindo, mas de uma forma mais controlada. Eu fui diretor da Fundação Cultural aqui, era uma espécie de Secretaria de Cultura, e quando houve uma mudança de governo, iria entrar o Roriz, o pessoal me pediu que eu desse um depoimento sobre a minha ação na Fundação. Fui, eu e várias pessoas que tinham trabalhado comigo mais o Roriz que iria assumir o governo, sentamos numa mesa. Eu comecei a falar e o Roriz olhava para todos os lados, passava gente em frente à porta e falava com ele, que não se interessava pelo que eu estava falando.

É difícil falar dos ganhos, mas deve ter tido por que são muitas pessoas juntas e isso estabelece um processo criativo que compensa, de alguma maneira, mas as dificuldades são muitas. As pessoas se habituaram a perder em Brasília, elas acreditaram no sonho de Dom Bosco que teríamos uma civilização rica em pão e mel, um negócio desse, mas isso é a história, a vida dinamita os sonhos, não é a qualidade deles que vai torná-los realidade. Deve ter havido muitos ganhos, mas é difícil dizer, muitas pessoas juntas sempre se estabelece um processo criativo que compensa, de alguma maneira, mas as dificuldades são muito grandes.

08 – Primeiro não havia cidades-satélites e a criação delas foi um agravo para o projeto de Brasília, depois você tem o controle da cidade, a política de distribuição de terras que ocorreu de forma caótica e não permitiu nenhuma organização. Esse país é pouco sério, coisas estranhas são vistas com naturalidade. Quando saí da escola de arquitetura e vi Brasília, pensei que seria alguma coisa importante, uma boa arquitetura, para servir, que seja importante para o homem, que não tenha valores só para os ricos. O lançamento dos espaços urbanos foi algo muito sério, quando estive aqui em 1960 e vi as superquadras, lançamentos de novos espaços, algo que tinha a ver com uma vida descente, mas depois vimos que os especuladores tomaram conta de tudo, criou-se uma casta de bandidos que tomou conta da cidade. Isso foi terrível.

09 – Brasília atraiu muita gente boa, pessoas que como eu acreditavam que aqui seria o lugar onde teriam acontecimentos que dessem uma nova dimensão à cidade, principalmente a Nova Capital, mas isso não foi possível. O cinema de Brasília se desenvolveu muito, mas a cidade teve muito pouco tempo para se afirmar, foram quatro anos e, a partir daí, a Revolução triturou tudo e nada mais surgiu. A criação artística precisa de liberdade para surgir e crescer, o principal problema nosso sempre foram os dirigentes, os políticos. Seriam necessárias mudanças, mas há uma dificuldade grande, não há pessoas sérias na política. O problema é do Brasil, mas Brasília paga a conta porque é nova e a central do Poder.

10 – Eu gosto muito, se fosse no Rio dificilmente estaríamos conversando aqui com essa calma, aqui ainda temos muita tranquilidade. Eu me sinto feliz aqui, eu não moraria em outra cidade.

Não, artificial são todas as cidades, de alguma maneira todas acabam sendo planejadas.

11 – Não sei se é comprovado, mas a gente sentia que havia desemprego, o nível de qualificação das pessoas era muito baixo e por isso era complicado encaixar essas pessoas no mercado de trabalho. Mesmo durante a construção as pessoas chegavam e não sabiam fazer nada.

Niemeyer parece ser o dono dessa cidade, ele fez tudo que achava certo e deixou um legado enorme. Há arquitetos que se reúnem para falar mal dele e ele é passivo de críticas, mas o fato é que nenhum arquiteto brasileiro tem um volume de obra igual ao dele. Eu não vejo tantos males na obras de Oscar, não se pode atribuir a ele todas as desgraças que aconteceram na cidade.

12 – Eu acho que o Brasil ficou assim, muito do que aconteceu a Brasília é em função dos desmandes que a própria sociedade brasileira aceitou e patrocinou. Brasília foi uma experiência humana e urbana extremamente interessante e não temos recuo no tempo para fazer uma análise mais correta disso. Casa-Grande e Senzala é todo o Brasil, a questão é entre os mais poderosos e os trabalhadores. Não podemos culpar o planejamento urbano por promover reformas extraordinárias nem por causar desastres. A cidade não tem culpa disso, o desenvolvimento econômico é que acompanhou o Brasil nessa situação.

13 – É especial se eu parar para pensar, mas ela me parece normal porque eu vivo dentro dela há 50 anos. A arquitetura é especial na leveza, são prédios que parecem que vão decolar, de uma beleza rara.

Ela interfere ou não em função do próprio poder que nela habita. Quando nós chegamos aqui era permitido às crianças andar de velocípede na varanda do Supremo Tribunal, eu tenho foto de meus filhos lá. Hoje não pode nem subir. O poder aceita a redução da inteligência que existe dentro do próprio poder e o povo não tem como lutar contra e essa é a modificação na vivência deles.

14 – Esta pergunta não foi feita.

15 – No Plano Piloto sim, nas cidades-satélites não se vive bem. O transporte é de péssima qualidade, a violência crescente não permite qualidade de vida a muitos moradores das cidades-satélites.

Para mim, é um privilégio morar numa superquadra, que é um jardim, um parque. O pior é o tratamento que se dá às classes menos favorecidas. Muitos trabalhadores perdem o emprego por causa da deficiência do transporte.

16 – Com todas as restrições que pode-se fazer, colocou-se sim, ele foi um estadista que produziu, não ficou só nas promessas. Há críticas, diziam que ele favoreceu a indústria automobilística e etc. O fato é que o transporte coletivo em Brasília foi totalmente abandonado e o crescimento do número de automóveis é enorme. A restrição mais séria que se pode fazer ao governo JK é essa, ele defendeu uma política rodoviária e abandonou a ferrovia que era uma coisa importante, o país tinha uma tradição ferroviária e perdeu tudo.

17 – Penso que não chega a tanto, mas em determinados momentos, o Poder se coloca como elemento restritivo ao processo de criação. A forma com que a Universalidade de Brasília é tratada, ela que deveria ser uma fonte inspiradora e criadora, é um exemplo disso. Ela nunca tem verba para pagar luz, água e outras coisas porque o governo não repassa o dinheiro necessário.

18 – Na ditadura eles sempre procuravam impedir que a gente trabalhasse, eu me lembro que uma vez, eu trabalhava na revista VEJA e todas as vezes que havia entrega de espada para generais íamos cobrir o evento. Num desses, passou por mim um sargento e entregou uns papéis, com algo relativo à cerimônia, na mesma hora chegou um capitão e questionou, eu respondi que tinha sido um sargento quem entregara os documentos. Coisas assim aconteciam muito, os militares não falavam, gritavam o tempo todo para aterrorizar e ameaçavam muito, fora isso não tive outros problemas.

19 – Não

20 – Ver obras de Cassiano Nunes, não me lembro de nenhum, mas posso te ligar depois.

### **31) MÁRCIA DE SOUZA ALMEIDA – 10/06/2010**

01 – Márcia de Souza Almeida, Boa Esperança- MG.

02 – Vim em 1960, no dia da inauguração eu já estava aqui. Assisti à inauguração, foi uma apoteose cívica, teve participação de todo o Brasil, autoridades mundiais e daqueles que fizeram Brasília, os candangos, foi muito bonito, bem planejada, houve muita fartura para todos. Na campanha contra o Presidente falava-se que aqui não tinha comida, não tinha nada, mas foi tudo ao contrário. Todos ficaram admirados, como ocorria isso nesse fim de mundo que só tinha mato.

Eu tinha 42 anos, somos mineiros e, de acordo com a orientação e a vontade de todos, viemos. Meu marido era Deputado Federal mudancista, Manoel José de Almeida, ele acompanhava JK porque acreditava nas ideias dele. Tínhamos seis filhos e mesmo assim mudamos, meu marido estava certo de que aqui haveria continuidade na vida familiar, os filhos teriam bons estudos porque a Capital iria crescer.

03 – Foi gratificante, quando chegamos tivemos dificuldades para nos instalar, nossa família era grande e o apartamento era pequeno. Aguardamos, fazíamos parte de uma comissão organizadora, mais tarde viemos morar neste apartamento de seis quartos.

04 – Vim acompanhando meu marido, eu era professora do estado em Minas. Em Brasília, no primeiro ano, eu me apresentei para trabalhar como voluntária na Escola Parque, trabalhava com música, organizadora de festas... No ano seguinte, 1961, fiz concurso e fui trabalhar no Elefante Branco, eu ensinava Metodologia e Práticas de Ensino, Ciências Sociais e Música. O trabalho era muito bom. Essa experiência de escola integral foi muito interessante, os alunos ficavam na escola e tinham atividades o dia todo, foi pena ter acabado. À tarde, eram aulas de reforço, os alunos eram de toda parte do Brasil e precisavam de ajuda. A integração dos alunos era boa, havia palestras e muita música para os alunos. Não havia uniforme na escola, eu sempre lutava para que houvesse, mas todos eram contra. As filhas de deputados, desembargadores e outras começaram a aparecer na escola muito arrumadas, como se elas fossem para uma festa e as meninas da periferia com as roupinhas delas. Esse comportamento não era pedagógico, então o uniforme foi escolhido por meio de uma comissão e todas ficaram iguais. A integração na escola se deu assim e a na sociedade, por exemplo, nós morávamos neste prédio e aqui tinha deputados de estados diferentes e as crianças brincavam

juntas. A primeira festa de S. João foi feita aqui embaixo do prédio e então, os pais se encontraram e se conheceram, me lembro de alguns desse época: José Sarney, Osanan, Geraldo Guedes, Cyro dos Anjos e Loyola, Ivete Vargas, Pedro Ludovico, Tancredo Neves, Benedito Valadares e outros. Foi um encontro improvisado e trouxe integração que se desenvolveu cada vez mais. Houve um deputado que não gostou da qualidade dos móveis do apartamento(eram mobiliados) e jogou tudo pela janela e pôs fogo. Esse fato repercutiu muito mal para os deputados. Na missa também havia muita integração, a Igrejinha teve um papel muito importante no entrosamento das pessoas em Brasília. Falava-se que seria muito desagradável morar perto, mas quantos deputados fizeram amizades aqui e continuaram amigos para sempre, prédios comunitários como este facilitam a integração.

05 – BSB é símbolo de fé e inteligência de um Presidente que concebeu um verdadeiro marco de uma nova civilização com a construção de uma Capital que já estava prevista na Constituição há anos. Houve muitas dificuldades políticas por que JK não teve uma adesão total dos partidos, houve deputado que chegou até a desejar que ponte caísse para prejudicar o Presidente. Para alguns, a mudança era um ideal, para outros era uma aventura, eu fiz parte da comissão de seleção de professores, em 1961, aqueles que estavam chegando em BSB. Nesta ocasião, eu perguntei a uma moça que estava chegando da Bahia por que motivo ela estava vindo, se estava tão bem na terra dela. Ela respondeu que tinha vindo a procura de um marido, eu achei graça e respondi que ela ia encontrá-lo aqui, me parece que eram 50 homens pra cada mulher. Eram poucas mulheres, então todas que viessem com esse objetivo iriam conseguir atingi-lo. Essa moça me pediu que lhe indicasse um Banco e eu indiquei o Banco de Minas Gerais, que ficava na 208, ela acabou arranjando um moço lá. Aparecia gente muito boa, que queria trabalhar, ajudar JK, outros diziam que tinham vindo por que Minas não tinha mais nada interessante.

Em 1964, com a RM houve um impacto grande, muitos já haviam se mudado, vários políticos queriam voltar para o Rio de Janeiro, outros, mais ponderados, não acreditaram nisso. Nesse época, a Câmara foi fechada e muitos deputados tiveram dificuldades, os militares fizeram muitos sofrerem, mas a construção de BSB continuou, num ritmo menos acelerado, mas não parou.

Você pode não acreditar, mas eu nunca ouvi falar que houvesse corrupção dentro da Câmara dos Deputados e na escola que eu trabalhava. O Israel Pinheiro falou para meu marido que ele acreditava que os caminhões recebiam pela mesma carga mais de uma vez, mas ele precisava dos materiais para a construção e não podia fazer nada além de conversar com eles.

Os serviços estavam iniciando, mas logo tudo melhorou.

Havia muita solidariedade, uma integração social que surgiu naturalmente e se estendia para as escolas. A gente fazia reuniões em casa para as professoras que estavam tristes, sozinhas, após a missa da Igrejinha vinham todos pra cá lanchar.

06 – Eu sou muito modesta para responder, mas se eu pudesse elogiar a minha atitude como ser humano diria que sim. Desenvolvi um trabalho gratificante e não foi difícil, eu fazia o que gostava muito, sempre acreditei no ser humano e trabalhava com a juventude na escola.

07 – Na educação houve uma perda grande, a escola em tempo integral é melhor para os alunos. Eu dava aula de música, matéria optativa, mas havia muitos alunos e essas aulas foram transformadas em um clube de música que progrediu na Escola de Música que existe hoje. BSB ganhou muito mais que perdeu ao longo do tempo.

08 – Não sei nada sobre isso.

09 – As pessoas se reuniam suas casas com amigos, no Elefante Branco havia estudo de línguas e música. A cultura mesmo chegou com as Embaixadas, havia muitas recepções. A UnB teve dificuldades para se estabelecer por causa da RM, mas representou um foco cultural. A Feira dos Estados foi um ideia genial, reunia as culturas diferentes que estavam em BSB. As primeiras foram realizadas perto do Cine Brasília e as mulheres dos Deputados trabalhavam muito nas barracas de seus estados. Eu ficava na barraca de Minas junto com a filha do Israel Pinheiro, os mineiros daqui, candangos, sentiam muita falta da comida mineira.

10 – Eu tinha 6 filhos, as pessoas não entendiam como eu dava conta de tudo e tinha que acompanhar com meu marido nas reuniões. Agora moro em BH e venho muito aqui, não gosto de ouvir falar mau de BSB.

11 – Precisava-se de muita mão de obra, às vezes, as pessoas não queriam empregos modestos, mas tinham pouco estudo, de acordo com a formação havia emprego. Não havia concurso, as pessoas eram indicadas para os empregos. Eu indiquei várias pessoas, Ministros e outros me pediam e eu gostava de ajudar.

12 – Não respondeu.

13 – Acho muito bonita a arquitetura de BSB.

14 – Não, as pessoas aqui são iguais, o comércio está muito bom e agradável.

15 – Quem trabalhava vive bem.

16 – Não falou.

17 – Parece que os artistas precisam lutar muito para conseguir trabalhar.

18 - Tive problemas nessa época, meus filhos estudavam na UnB quando ela foi invadida e houve muita preocupação com eles. Nós não sofremos terrorismo.

As perguntas seguintes não foram respondidas por que D. Márcia, aos 92 anos de idade estava muito cansada.

### **32) MARIA CELI DE A. VASCONCELOS – 10/06/2010**

01 – Maria Celi da Almeida Vasconcelos, nasci em Belo Horizonte-MG, em 30/07/1942.

02 – Mudei para Brasília em 1960, aos 17 anos de idade. Meu pai era Deputado Federal por Minas Gerais, do PSD, Manoel José de Almeida. Ele era mudancista, da comissão de educação, veio acompanhando JK e toda a família veio junto.

03 – A chegada em Brasília foi muito boa, foi a melhor coisa que me aconteceu, eu não esperava e saída do colégio em que eu estudava foi complicado, mas ao chegar percebi que

assim como a cidade tinha sido planejada na arquitetura, também tinha um planejamento educacional. Havia uma comissão no Rio de Janeiro, no Ministério da Educação, Comissão de Assistência ao Sistema Educacional de Brasília- CASEB. Essa comissão organizou um concurso que trouxe os melhores professores pra cá e eles nos deram um preparo muito bom para compreender a cidade em todos os aspectos. O Brasil precisava dessa nova Capital, havia muito espaço e o interior ficava sem cuidados, então essas terras abandonadas podiam ser tomadas por estrangeiros. Essa volta ao interior do Brasil começou um pouco antes, quando Bernardo Sayão veio para a cidade de Seres e, depois, com a compreensão de Juscelino, que tinha outras metas que precisavam de maior espaço, veio Brasília.

Quando chegamos, o sistema parecia socialista, existia vontade de igualdade social, mas percebeu-se que não era possível por que a educação era diferente e a base de tudo tem que ser a educação, isso nos prédios. No CASEB era perfeito, convivíamos com vários níveis sociais e tudo funcionava muito bem. Minha mãe fala que na escola que trabalhava havia turmas A,B e C e que ela ficou com a turma C e que proporcionou visitas a Brasília para que eles conhecessem a cidade, eles eram carentes. Eu não percebia, mas havia por que mamãe falou assim.

04 – Professora alfabetizadora na Escola de Aplicação, ligada ao Elefante Branco. Eu morava com meus pais, mas quando eu comecei, eu ganhava dobradinha e meu pai falou que eu devia comprar um lote. Fui à NOVACAP, lá na W3 e comprei esse lote, perto da Ermida Dom Bosco, de que eu gostava muito. Então você vê que eu podia comprar um lote desses, com meu salário e ainda sobrava para outras coisas.

05 – Havia uma grande satisfação com a construção, vieram para cá as pessoas que estavam começando na profissão, quem não estava muito bem no que fazia. Vieram muitos aventureiros e também muitas pessoas bem intencionadas, acho que havia muita satisfação. Eu fui muito feliz nesse ano de 1960, íamos nos bailes nos acampamentos. Lá, as pessoas se vestiam com botas, chapéus e roupas sujas de terra. A gente só percebia quem eram os engenheiros, os pedreiros, ou quem cuidava das obras quando a gente dançava e conversava com a pessoa, antes, todos eram iguais.

Houve uma parada na construção, primeiro com o governo do Jânio Quadros. Logo que ele chegou em Brasília todos percebemos que ele não gostava da cidade, ele ia muito pra São Paulo e quando ele estava aqui ficava muito dentro do Palácio assistindo a filmes. Depois com a RM houve um grande desânimo, em frente da nossa casa (Plano Piloto) muitos comerciantes fecharam as lojas e foram embora. Quando fecharam a Câmara viram que muito do dinheiro que movimentava a cidade era do comércio, tudo ficou muito barato, a sensação era de que a Capital ia voltar para o Rio de Janeiro, conforme se falava.

Eu sempre tive muito interesse pela história de Brasília por que sou cineasta e faço filmes educativos. Fiz um filme sobre a história do Núcleo Bandeirantes, entrevistei as pessoas e elas falavam da importância de Bernardo Sayão morar lá, da mão forte de Israel Pinheiro que conduzia a parte administrativa da cidade. E, pelo que eu soube, havia muita dificuldade de prestação de contas, imagine 60 mil operários para serem alimentados. Os goianos traziam produtos alimentícios e trocavam com Israel Pinheiro por materiais de construção e se fazia isso em grande número. A Cidade Livre era muito movimentada, havia muitas prostitutas e, portanto, não havia clima familiar. Juscelino pediu para Bernardo Sayão vir, ele veio com a família. Nos fins de semana ele ia ao cinema com a família e as pessoas começaram também a frequentar, foi um conjunto de circunstâncias que fizeram que no início a cidade tivesse mais homens que mulheres.



Quando chegamos tudo já funcionava, eram poucos restaurantes, farmácias e não havia onde comprar roupas e sapatos, as pessoas faziam essas compras em Goiânia ou BH. Havia um mercado muito bom de alimentos na Cidade Livre, papai ia lá e comprava carne e outras coisas para a semana toda. Foi muito importante esse cinturão verde que foi feito no plano de Brasília, eram japoneses que cuidavam da terra e plantavam legumes, eles asseguraram a permanência das pessoas em Brasília. Atendimento hospitalar funcionava bem, estavam construindo o Hospital de Base e muitos médicos já estavam aqui.

06 – Sim, eu me sinto como participante e colaboradora. Como professora eu alfabetizei muitas crianças e trabalhei 43 anos assim. Sempre ganhamos pouco, foi-nos prometido casa, plano de saúde e nunca tivemos, até hoje ocorrem problemas com os professores. O que me fez mais ligada à cidade foi a responsabilidade que tinha sido criada por nós mesmos. As pessoas falavam tão mal de Brasília inicialmente, sempre associavam a desvios, corrupção e nós tínhamos que defender a cidade.

07 – Há uns 20 anos pensávamos que Brasília precisava de uma autonomia política porque havia um prefeito e um Presidente da República na mesma cidade. Lutamos muito para obter uma Assembleia Legislativa e, com o decorrer do tempo, vimos que essa Assembleia ficou muito ligada a problemas de terra, surgiram muitas invasões. Houve muitas políticas governamentais que não foram justas, por exemplo, colocavam pessoas para morar em lugares sem infraestrutura básica.

O maior ganho que vejo foi que havia escolas para todas as crianças, inclusive das invasões, e quando eu estudei na UnB, lá só havia pessoas brancas e com condições, tinham carros para se transportarem. Quando fui trabalhar na UnB, em 1982, vi uma grande mudança. Na minha sala havia alunos negros, outros vindos da periferia, eram pessoas em busca de cultura e condições de crescimento. Com esses 50 anos de Brasília o que se pode avaliar de melhor é o projeto desenvolvido na UnB e outros órgãos como a EMBRAPA que ajudam no desenvolvimento de Brasília e do Brasil.

08 – Acho que as passagens deveriam ser gratuitas para as pessoas moram nas satélites por que elas não podem morar em Brasília, mas precisam do Plano.

09 – Na Universalidade de Brasília, quando eu estudava no Instituto de Artes havia professores como Bianchetti, Atos Bulcão, Amélia Toledo, Ceschiatti. Eu podia estudar Língua Portuguesa com prof. Agostinho da Silva, os mitos gregos com Eudoro de Souza, podíamos transitar dentro da universalidade. Nos sábados pela manhã, havia concertos no Departamento de Música e nós íamos pra lá ouvir música. Eram muitas pessoas deitadas na grama, atentas às músicas do maestro Cláudio Santoro. Havia um curso de cinema na 308, dado por Paulo Emílio Sales, e todas as pessoas podiam fazer, eu nunca faria um curso desses em BH.

Hoje, a cultura de Brasília é muito falha, as pessoas valorizam mais os artistas do Rio e de SP e não vêm os trabalhos de quem vive na cidade. Atualmente eu canto na ópera 'O pesadelo de Dom Bosco', faço poesias, documentários sobre Brasília, desenho e pinto. Meu companheiro é um dos melhores pintores de Brasil, Douglas Marques de Sá.

10 – Em Brasília vive-se melhor que em qualquer outro lugar do mundo. Em 1975 fui embora para o Rio de Janeiro, trabalhar na Embrafilme. Fiquei 3 anos e fiz um documentário, 'Vozes do Grande Rio', mas não conseguimos continuar no Rio, minhas filhas sentiam saudades da grama, da área debaixo do bloco, na superquadra, voltamos. Aqui temos uma qualidade de

vida, temos tranquilidade, pude criar minhas filhas muito bem.

Sinto-me muito mais feliz aqui, sou uma pessoa que pensa muito na evolução, no próximo e no bem comum e eu gosto mais do pensamento do pessoal de Brasília, apesar de respeitar muito a quietude e discrição dos mineiros.

Brasília parece uma cidade de Marte, de outro planeta. Todas as pessoas quando chegam aqui ficam assustadas porque fogem dos parâmetros. Lúcio Costa e Niemeyer foram pessoas muito felizes na hora da criação do Plano e dos prédios, a cidade pousou lentamente em cima de um planalto muito bonito, com muitos rios e formou esse lago que harmonizou e umedeceu a cidade.

11- Não havia desemprego, havia tantos lugares a serem preenchidos que se podia trabalhar, de acordo com as habilidades, em qualquer lugar. Não havia concurso para cargos.

12 – Acho muito forte. Brasília é muito mais livre, como jovens nós fazíamos festas, apostávamos corrida, éramos livres, estávamos sempre nas casas uns dos outros.

13 – É especial para mim, eu estudei arquitetura, aprendi bem o que é concreto, sei que é um material barato ainda pouco usado, que precisa ser pintado por que fica feio com o tempo. A beleza interfere na vida, faz as pessoas mais felizes e a arquitetura de Brasília é arte.

14 – São diferentes, uma vez eu notei que na cidade a escala humana é pequena em relação aos prédios. Na rodoviária eu sinto que deveríamos ter uns três metros para ficarmos proporcionais à monumentalidade da Praça dos Três Poderes.

15 – Vive-se, temos tudo, mas a vida é mais cara que em outras cidades. A falta de espetáculos importantes é ruim. O eixo cultural do Brasil ainda continua sendo Rio-São Paulo e BH, não chegavam aqui por que tínhamos a censura, os órgãos de repressão e isso talvez tenha sido responsável, mas hoje poderiam vir, tudo deveria ser lançado em Brasília, aqui estão as pessoas que vão comandar o país no futuro. As pessoas responsáveis e que irão comandar sairão de qualquer lugar do Brasil e virão para cá. Então, vejo nos espetáculos que chegam aqui obras mais populares, não me agrada muito porque é moda e um teatro fácil. Gostaria de ver, à beira do Lago, vários teatros, várias ciclovias, pessoas passando, a orla do Lago deveria ser toda livre para o povo.

16 – O maior estadista, ele conseguiu fazer, em poucos anos, o Brasil dar um pulo. Todos falam que foram 50 anos em 5, mas eu acho que foram 500 anos. O Brasil quando foi descoberto oficialmente só havia índios, que é uma cultura perfeita e limpa, mas nessa época já havia cidades na Holanda, na França, na Espanha, que já dividiam as casas em quartos, comiam com talheres. Eu considero o Brasil um menino desajeitado e Brasília com 50 anos é muito nova para fazermos uma avaliação. Uma cidade não se avalia como a idade do homem, com 50 anos Brasília é um bebê e temos muito que aprender com ela.

17 – Ainda é cedo para falar isso. Existem muitas pessoas que estão do lado do governo, escrevem a favor dele, mas viver perto do poder não me inibe como artista, de jeito nenhum. Isso me anima e meus filmes são processos. Eu faço filmes como eu posso e outros vêm e estudam mais que eu estudei. Penso que as pessoas do poder deveriam que ter mais consciência e entender que eles influenciam a todos, principalmente na alimentação, nos costumes, na educação e isso é bonito em Brasília. Aqui as pessoas e as culturas se misturam e



nossos valores ficam mais firmes.

18 – Vivi tudo intensamente, nos anos de JK fui otimista e nos anos de chumbo fui ativista. A UnB foi e ainda é a alma de Brasília, tudo sempre aconteceu e acontece lá.

19 – Achei seu questionário muito bom.

20 – Tenho várias pessoas: D. Carminda, Ana Maria Lopes, Alda Correa, Wilma Ramos, Solange Guimarães, Ruth Cascaiz, Regina Bitencourt, Lídia, Dr.Geriberto, Ana Miranda.

### **33) MARIA DA CONCEIÇÃO M. SALLES – 25/05/2010**

01 – Maria da Conceição Moreira Salles- Belo Horizonte-MG

02 – Cheguei em Brasília em 1966, aos 18 anos de idade. Eu terminei o 2º grau aqui, fiz vestibular na UnB e fiquei, minha mãe veio pra cá, ela era chefe dos cursos de extensão da UnB. Eu fui a primeira filha que veio, meus tios vieram primeiro e minha mãe resolveu vir depois.

03 – Moro em Brasília há 44 anos, pra mim foi uma novidade a chegada, tudo era completamente diferente de Belo Horizonte, onde as pessoas eram muitos patricinhas. Eu via minhas tias se arrumando para irem para a Av. Afonso Pena, saíam todas chiques, super bem arrumadas. Eu me lembro de quando eu passei no vestibular e fui pela primeira vez a UnB eu estava de salto alto, uma vestido rosa, toda arrumada. Quando eu cheguei lá, com aquela poeira de Brasília, minha mãe falou 'não, você pode andar à vontade'. O pessoal ia para o universidade de tênis e achei maravilhoso, mas eu me lembro que quando eu cheguei aqui era poeira pura e eu, acostumada com a cidade de Belo Horizonte, foi mais surpresa que gratificante, depois eu fui me acostumando com a cidade. Eu cheguei muito garota, minha paixão era livro, meu negócio era ler, então eu não me lembro de como funcionava a sociedade.

04 – Vim para ficar com minha família que já estava aqui. Eu me formei na UnB, aos 21 anos, em biblioteconomia e o primeiro lugar que eu trabalhei mesmo como estagiária foi no INL (Instituto Nacional do Livro) e anos depois fui ser diretora da biblioteca do INL. Pra mim foi maravilhoso, eu fiz estágio, era uma menina e me lembro que a diretora brigava que a gente vivia correndo pela biblioteca.

05 – É satisfatório para mim, primeiro por que eu gosto do moderno, da amplidão de Brasília, adoro esse céu azul. A arquitetura de Brasília para mim é maravilhosa, tem gente que acha que ela é monótona, mas para mim é muito boa, passa uma calma. Eu gosto dos prédios do Niemeyer, o que fizeram para Brasília eu gosto muito.

a) Em 1964 eu não estava na UnB, mas minha mãe estava e eu me lembro dela contando sobre as invasões na universidade, de quando eles queimaram todos os livros da biblioteca, aquela vergonha. Sobre a construção da cidade eu não lembro se Brasília parou, a gente nunca vê essa cidade parada, ela está sempre com alguma novidade.

b) Infelizmente no Brasil sempre houve corrupção, se não era uma coisa declarada, a gente sabia que por trás sempre tinha alguma coisa. Muita gente teve oportunidades em Brasília, vieram e se fizeram, como muitos também se deram bem honestamente, não podemos só achar que todos eram corruptos.

Como eu estava na universidade eu estava muito envolvida com os estudos, eu não era muito politizada nessa época. Não consigo me lembrar sobre outras coisas, mas lembro bem de quando a UnB foi invadida em 1968, estávamos em sala de aula, todos saíram correndo para esvaziar o campus, mas eu não fui uma pessoa muito participativa em movimentos políticos dentro da UnB, eu até gostaria de ter participado mais, se fosse hoje seria diferente.

c) Eu morava no campus, minha mãe era funcionária da UnB, depois ela comprou um apartamento na 312 Norte. Eu me lembro que as pessoas davam muita carona, ninguém tinha medo. Hoje isso é impossível. A turma da faculdade ia muito a festas, havia muita amizade e solidariedade entre as pessoas, frequentávamos as casas uns dos outros, estudávamos juntos. O nosso grupo de amigos era formado por pessoas de várias regiões do país, acho isso muito bom em Brasília, senão como iríamos conhecer pessoas de diversas religiões e culturas e todos se respeitando? A solidariedade continua, mas hoje as pessoas têm muito medo, há muita violência.

06 – Eu acredito que sim, todos que vieram no início para Brasília e viu essa terra crescer, sente-se um pouco dono dessa cidade, a gente fez alguma coisa por ela. Hoje, eu sou cidadã honorária de Brasília, eu sempre tive muitas reticências para receber esse título por que eu acho a nossa política vergonhosa, não sou só eu, a maioria das pessoas acham a nossa Câmara Legislativa uma vergonha, então eu nunca quis esse título. Um dia uma amiga minha falou que eu devia receber em reconhecimento ao meu trabalho e não aos políticos. Então eu recebi e me sinto parte da história e com uma responsabilidade muito maior, hoje eu vejo Brasília com outros olhos. Estou sempre lutando pela cidade e não aceito as coisas erradas, eu ponho carta no jornal, reclamo, eu faço parte da cidade e trabalho por sua cultura, trabalho para fornecer acesso aos meios culturais.

07 – Brasília perdeu com o descontrole populacional e de automóveis. Ganhou na cultura, os movimentos culturais são muito fortes, na educação talvez não, as escolas ainda deixam a desejar, o ensino público era muito melhor. Brasília se tornou a ilha da fantasia nesse sentido, tudo é muito caro e pensam sempre que os funcionários públicos ganham muito.

08 – Acho que o maior erro de Brasília desde o início é que ela foi criada para abrigar um número x de moradores e a especulação política e imobiliária está acabando com a cidade. Muitas pessoas vieram para Brasília atrás de emprego e não há mais empregos para tanta gente.

09 – Na minha época de estudante tinha cine clube, eu não participava, minha mãe participou do primeiro cine clube. Tinha algumas coisas, algumas iniciativas que a gente via. Hoje, a cultura de Brasília ferve, aqui nós temos mais de 300 autores de Brasília cadastrados, temos músicos maravilhosos, Escola de Choro Rafael Rabelo, o Clube de Choro, a Escola de Música de Brasília e a UnB, hoje temos músicos para exportação. Infelizmente eles acabam indo embora de Brasília, mas são muito bons, como Hamilton de Holanda, Zélia Duncan, Renato Russo e outros. Os escritores ainda precisam de espaço, mas também grandes pintores, artistas plásticos, temos muita gente boa, houve uma evolução muito grande. Pode melhorar e ter um

reconhecimento maior, as pessoas precisam deixar de ver Brasília como uma capital política e ver que as pessoas amam essa cidade e estão fazendo coisas muito boas por ela.

10 – Para mim é maravilhoso eu adoro essa cidade, aqui eu tenho meus amigos, minha família e um emprego de que eu gosto, que me dá prazer e reconhecimento da comunidade e isso é tudo para mim. Eu não tenho como comparar Brasília com Belo Horizonte, saí de lá muito nova. Sempre que viajo fico louca para voltar para Brasília. Eu gosto do estilo da cidade, dos amigos, não há como comparar Brasília com nenhum outro lugar do mundo. Pra mim Brasília é humana, uma pessoa que se isola pode pensar que ela é artificial, mas aqui as pessoas são solidárias. Aqui tem um grupo de senhoras que frequentam a biblioteca há mais de 20 anos, toda quarta-feira há palestras e elas são tão solidárias, tão amigas. Não vejo uma cidade artificial, só por que ela foi planejada?

11 – O que eu acho melhor hoje é que uma pessoa para entrar para o serviço público ela precisa passar num concurso. Eu me lembro da época em que me formei, o governo não fazia concurso e as pessoas entravam por 'debaixo dos panos', isso eu não gosto. Hoje, Brasília tem gente demais e o desemprego é grande.

12 – É, eu acho que igualitário nunca, isso foi um sonho para os pioneiros. Antes em Brasília as pessoas eram mais iguais, hoje existem várias classes sociais. Eu já morei no Lago e na Asa Norte, hoje moro em Águas Claras e gosto muito, tem muita qualidade de vida lá. Mas eu vejo muito elitismo em Brasília, um amigo meu que mora no Lago não está mais conseguindo manter a casa e, na minha frente, um amigo dele falou pra ele vender a casa dele e comprar um apartamento perto em Águas Claras, ele respondeu que Deus me perdoe morar naquela cidade. As pessoas são assim, enchem a boca pra dizer que moram no Lago, não importa as condições da casa ou deles próprios, preferem o Lago a Águas Claras por que quem mora no Lago é diferente. Pra mim temos que ficar onde gostamos e nos sentimos bem e ninguém deve ser tratado de forma diferente pelo lugar onde mora.

13 – Eu já me acostumei, mas toda vez que passo na Esplanada ainda olho e admiro. Não só a arquitetura, mas o céu de Brasília é maravilhoso. Quando as pessoas chegam para visitar eu levo para conhecer os prédios e tudo de bonito que Brasília tem.

Eu já li uma vez, tem gente que diz que a monotonia de Brasília causa depressão, já vi depoimentos. Há pessoas que vieram do Rio de Janeiro e contam os dias para voltarem à praia que as revigora. Há outros que viajam e voltam cheios de saudades de Brasília, eu não sei definir sim ou não, tem de tudo aqui. Para mim não, eu gosto do estilo da cidade, eu viajo pensando na volta.

14 – Eu acho que sim nesse sentido, a gente tem oportunidade de conhecer pessoas de outros lugares, outras culturas. Tem aquilo de saber de onde as pessoas são. No meu grupo de senhoras eu sempre coloco de onde o palestrante é, elas sempre querem saber. Eu acho que existe uma diferença de Brasília para outro lugar, a cultura, sei lá, tudo é diferente.

15 – Acho que se vive muito bem, a classe média pra cima se vive muito bem. A classe pobre é igual a qualquer outro lugar do Brasil, vivem mal. Eu já fui uma vez no lixão montar uma biblioteca lá e a pobreza era muito grande.

O melhor no cotidiano é a qualidade de vida, esse espaço maravilha, o direito de ir e vir sem muita preocupação ainda, a cultura também é muito boa, as músicas são ótimas. O Pior de Brasília são as filas, você vai ao banco tem fila, ao teatro, a shows, para tudo há filas. Os

maus políticos são péssimos, as pessoas que denigrem a imagem de Brasília são muito ruins. Há tipos de pessoas que não gosto, as que chegam aqui sem compromisso com a cidade, só pensam em seus bolsos. As pessoas que chegaram em Brasília no início, que fizeram suas vidas aqui, tiveram suas famílias, essas amam a cidade. Quem vem pra cá por um período, ou para exercer um cargo político, esses eu deportaria todos de volta. As pessoas lutaram tanto pela autonomia política de Brasília, mas eu acho que foi um erro, eu conheço pessoas que lutaram por isso e hoje estão arrependidas, Brasília funcionava muito melhor na época que havia prefeitos, por que essa autonomia? Por que a cidade cresceu? Brasília continua dependendo do Governo Federal para manter a educação e a saúde. Eu penso que são muito mais lados positivos que negativos, a cidade, os espaços, a cultura são maravilhosos, há escolas que também fazem uns trabalhos muito bons. Aqui, na biblioteca, eu faço um concurso literário todos os anos, pode ter certeza que o resultado das crianças da rede pública e particular está sempre muito próximo.

16 – Ele foi um sonhador que veio e fez. As pessoas falaram que ele roubou mas fez eu não sei, o que eu sei de JK é a fala minha bisavó, que morava em Diamantina, era amiga da avó dele. JK convidou meu avô para vir para Brasília, ele mexia com olaria, mas meu avô não teve coragem de arriscar. A minha vida inteira ouvi falar bem de JK e o sonho dele virou realidade para muitas pessoas, ele foi um dos grandes estadistas do Brasil, não tenho a menor dúvida.

17 – Eu acho que tem um artista que usa o poder para sua arte e tem um artista que não se influencia. Há muita gente escrevendo e criticando o poder, outros pintando esse lado negativo do poder, a gente vê de tudo. O cara que faz charge usa muito o poder, eu acho que isso não atrapalha, muito pelo contrário, incentiva a criatividade das pessoas. Brasília tem uma diversidade de temas e coisas que podem ser usadas para a arte que é impressionante. O Hamilton está no Rio fazendo uma sinfonia sobre Brasília, ele sabe tudo sobre a cidade e em todos os seus shows ele fala sobre Brasília. Hamilton tinha vontade de conhecer o Dr. Ernesto Silva e eu o levei para conhecê-lo. Dr. Ernesto foi um homem que morreu sem o devido reconhecimento pelos trabalhos prestados por Brasília, ele foi o primeiro médico pediatra da cidade, foi presidente de vários órgãos, trabalhou junto com JK. As pessoas saem de Brasília, mas Brasília não sai delas e há, também, quem se diz brasiliense e nasceu noutro país.

18 – Eu me lembro muito pouco, naquela época eu era muito jovem e meu foco era outro. Eu lia o jornal e entendia o quanto era horrível a ditadura, lembro dos estudantes que sofreram muito na UnB.

19 – A cultura de Brasília pra mim é espetacular e eu gosto muito de trabalhar com a sociedade brasiliense.

20 – Lucília Garcez, Iris Borges, Reco do Bandolim, Wilom Lopes, Clodo Ferreira, Rogério Muraz, Isis Antunes, Inês Carraca, Eunice, Jarbas Silva, Josiel Mota.

**34) NAPOLEÃO VALADARES – 03/08/2011**

01 – Napoleão Emanuel Valadares, vim de Januária-MG.

02 – Cheguei em BSB em 1966 e tinha 20 anos de idade. Vim sozinho, para estudar. Fiz o científico no Elefante Branco e a Faculdade de Direito na UnB. A minha terra era muito próxima de BSB e para mim era mais fácil vir para cá do que ir para Belo Horizonte, bem mais longe.

03 – Moro em BSB há 45 anos. A chegada não foi gratificante, foi um pouco estranha. Eu achei BSB muito diferente de tudo que eu conhecia e realmente era, eu não tinha muito ambiente aqui. A cidade traz um certo isolamento, principalmente para o migrante, eu senti isso, mas depois me adaptei e foi tudo bem.

A sociedade da época era meio estranha, diferente daquele aconchego que se tem em cidades do interior de onde eu vim. Ali, muitas amizades, amigos e namoradas e aqui isso era diferente, senti-me sozinho.

04 – Vim para estudar e comecei a trabalhar depois que me formei em Direito. Eu morava inicialmente em repúblicas na W3.

05 – A construção foi uma epopeia, uma coisa simplesmente maravilhosa, eu tive uma oportunidade, morando em Formosa, quando eu era garoto, de ver o fluxo de trabalhadores quando eles passavam para BSB; de minha terra e de outras partes por ali. Apesar de não estar em BSB a gente tinha uma visão completa do que estava acontecendo aqui, pelas notícias e por tudo que a gente via. Isso foi muito interessante para mim por que uma vez, antes da inauguração de BSB, eu vim fazer uma passeio aqui, de ônibus e vi o prédio do Congresso Nacional, em construção, ainda nos andaimes. Isso me deu uma sensação muito interessante. Depois fomos à Cidade Livre e, chegando lá, havia só casas de madeira, o restaurante, a farmácia, todas as casas da cidade eram de madeira e era um labor enorme o que havia aqui no período da construção.

Quando eu cheguei, dois anos após a RM, em 66, tinham algumas casas, mesmo no PP, que ainda eram de madeira. Nessa época eu morava na L2 Norte e ali somente os prédios eram de alvenaria e iam até o bloco 64 que hoje é a 406 Norte. Pra frente não havia mais nada construído era tudo que existia na L2 Norte naquela época, a não ser os prédios de apartamentos, uma igreja, um mercado e dois colégios e pouco mais, tudo era de madeira. Acho que a continuidade da construção de BSB era uma coisa compulsória, qualquer regime político iria continuar e o Regime Militar também continuou a construção.

Não havia corrupção, durante o RM não se podia falar nada, mesmo que existisse. A pessoa que não queria ser presa ou morte tinha que ficar com a boca fechada, então, não se falava em corrupção naquele tempo. Quem falasse teria que responder de forma drástica, conseqüentemente, ninguém falava, não era como hoje que se pode falar, existe e se pode falar, naquele tempo não.

Com relação aos serviços, eu acredito que tudo fluiu de uma forma muito natural, BSB era jovem naquele tempo, ainda hoje é um pouco, a coisa acontecia assim de uma maneira muito natural, tudo acontecia por que tinha que acontecer mesmo. Não parece uma coisa relacionada à capacidade dos administradores, não é bem isso, essa coisa acontece forçosamente, queira

ou não queira, vai acontecendo, às vezes, em alguns casos contra a vontade do administrador. As coisas básicas funcionavam como hoje, com suas falhas, é claro, mas funcionava tudo muito bem naquele tempo.

Não havia muita solidariedade pelo menos ao meu ver. Eu cheguei e encontrei uma cidade estranha, é possível que isso tenha influência da minha vida interiorana e aqui era tudo meio árido. No colégio, eu observa isso também, tive bons amigos no colégio, mas lá existia isso também, de certa forma.

06 – Não, veja bem, eu vim para BSB após alguns anos de sua construção, parece-me que minha presença aqui não tem nada a ver com isso. Já estava tudo consumado, construído e eu não contribuí para isso. Eu vim para usufruir, estava aqui me beneficiando de bom colégio, o Elefante Branco, eu estava mais para usufruir dessa qualidade do ensino que me era oferecido que para contribuir. Na verdade eu, como estudante, não tinha muita condição de contribuir para isso. Eu era muito ligado ao Grêmio Estudantil do Elefante Branco, o presidente, Luís Carlos Guimarães, irmão de Honestino Guimarães, era muito amigo meu. Minhas atividades na política estudantil não eram grandes, às vezes, eu dava uma mãozinha para Luís Carlos, mas não participava da política ativamente. Na UnB essas participações eram proibidas e eu não tomava conhecimento disso. O relacionamento entre os estudantes no Elefante era muito bom, eu não me lembro de haver discriminações lá, podia até existir, mas eu não me lembro. Ali parecia que preto, branco, pobre, rico não eram diferenciados.

07 – BSB ganhou muito, você pode perceber que muita coisa se fez pela cidade. É evidente que tenham deturpado alguma coisa, tenham prejudicado o projeto inicial de alguma forma, mas me aparece que isso pode ter sido natural também. Pode acontecer em qualquer lugar do mundo, mas foi um progresso bastante grande, foram muitas obras importantes para a cidade que a embelezam. O crescimento da cidade foi muito grande e criou-se muitas cidades no entorno e muitas pessoas chegaram, a população cresceu muito.

08 – Na fase inicial não, a população era menor e tínhamos empresas de ônibus que parece que resolviam, não sei se completamente satisfatórias. Eu só andava de ônibus naquele tempo e não tinha problemas. Eu tinha um amigo que morava em Taguatinga e ele não me relatava dificuldades de locomoção.

09 – Naquele tempo foi criada a Academia Brasiliense de Letras, eu tive a oportunidade de assistir a posse de Diná Silveira de Queiroz. Conheci alguns escritores, muito de 'raspão' como de diz: assisti uma palestra com Cassiano Nunes, Alphonsus de Guimaraens Filho que residia em BSB na época, Almeida Fischer, Pereira Lira. As atividades literárias existiam, mas eu, na época de estudante, não participava das rodas literárias, apenas assistia eventos. O lazer era pouco e foi se desenvolvendo com o tempo, a população cresceu, mas eu acredito que o lazer não era ruim. Havia cinemas melhores que hoje, eu via muitos filmes. Hoje, a vida cultura de hoje precisa melhorar, falta muito, a questão da edição de livros é problemática, os autores precisam fazer esse trabalho de divulgação e edição de seu próprio livro.

10 – Hoje vivo muito bem em BSB, adaptei-me à cidade e tenho uma atividade literária muito intensa e tenho um vínculo com os escritores da cidade, gosto desse trabalho e acho que estou contribuindo para a cultura. Viver aqui é mais ou menos igual a minha cidade, hoje estou sempre por lá, tenho uma fazenda lá. Então, eu me sinto muito bem lá e aqui, não faz diferença, estou bem nos dois lugares.

Não, toda cidade é artificial, não sei, eu diria que BSB é uma cidade muito diferente de tudo o que eu conheço no mundo. Ela tem coisas muito boas e outras que não agradam muito, mas isso você vai encontrar em qualquer lugar.

11 – Não sei, eu não procurei emprego naquela época e não tinha notícias sobre isso.

12 – Não, casa-grande e senzala me parece outro departamento, é uma coisa para Gilberto Freyre trabalhar conforme fez e nós curtimos aquilo de forma intelectual. Agora, BSB não se compara a isso, eu não percebi, não encontrei nada em BSB que diga respeito à senzala, escravidão, senhor de escravos.

13 – É especial, a arquitetura de BSB é específica, única, é aquilo que eu dizia antes, BSB é diferente e isso pode ser uma coisa ruim ou boa. Ruim porque a gente pensa que BSB foi construída para isolar as pessoas, não sei se isso é verdade, mas eu tenho essa impressão. As pessoas aqui, vão para o serviço de manhã e voltam para casa, repetidamente, e não têm um poder de integração. Via de regra é assim que ocorre. Há casos em que isso não ocorre, mas não é o geral e isso é um ponto ruim que vejo em BSB, parece que ela tem um poder de isolar as pessoas. Eu sinto essa isolamento, por exemplo, entre os vizinhos do meu prédio, eu não conheço todos por mais que eu gostasse que isso pudesse acontecer. Eu tenho esse 'sofrimento' comigo, mas parece que não é minha culpa, não sei se isso é culpa da arquitetura da cidade ou das pessoas que vieram para cá, mas é fato que isso existe aqui. Talvez a arquitetura atrapalhe, de certa forma, a vivência das pessoas na cidade, me parece.

14 – Sim, foi o que acabei de falar. Não sei se isso ocorre de propósito ou se é natural por causa do tipo da cidade, das ocupações, a rigor não sei definir isso, mas existe.

De uma cidade para outra a gente nota uma diferença muito grande entre as pessoas, cada um tem seu costume, às vezes, até o modo de falar. Se você considerar dentro da mesma cidade em setores diferentes você encontra isso também.

15 – Pelo menos uma classe, os mais favorecidos, vivem. Os menos favorecidos eu não tenho muita condição de dizer, mas é possível que esteja bem para eles também, mas enfrentam dificuldades por que morar em BSB é caro, é um dos lugares mais caros para se viver em todos os setores. Aqui, pra mim tudo é bom, gosto muito da cidade, o isolamento de que falei é ruim, a minha única queixa de BSB é justamente esse isolamento que me parece involuntário.

16 – Juscelino é um estadista e não é só pela construção de BSB, é por tudo que ele fez e que foi. Juscelino era uma pessoa formidável.

17 – De forma nenhuma, essa aproximação do poder não tem influência com relação a isso. BSB é propícia à criação artística e o poder não prejudica os artistas. A arte não é de obedecer, ela é de caminhar, ela vai em frente.

18 – Eram coisas diferentes. A época do governo de Juscelino, eu era muito menino naquele tempo, mas eu percebia as coisas, via pelas notícias que tudo estava indo a todo vapor e depois, no Regime Militar, eu já era homem, eu também via tudo que acontecia, mas de forma diferente. Não existia aquilo que a gente chama de 'liberdade verdadeira', enchiam a boca de democracia e achavam que era o ideal para o nosso povo. Na verdade, eles oprimiam,



censuravam e castigavam, num sistema desse não existe liberdade.

19 – Em 1994 ocorreu a primeira edição do dicionário de Escritores de Brasília, a ideia surgiu a partir de um dicionário Literário Brasileiro de autoria de Raimundo de Menezes. Ele traz dados bibliográficos de praticamente todos os escritores brasileiros e eu achei que seria o caso de se fazer um local, com os escritores de BSB e comecei a trabalhar nisso. Fiz um projeto e comecei a fazer contatos com os escritores que eu conhecia, pedindo sempre que eles indicassem novos nomes, com endereços e telefones. Isso cresceu, eu elaborei o trabalho, peguei dados de tudo que eu podia naquele tempo, organizei e redigi o trabalho. O contato era por correspondência, os escritores enviavam pelo correio os dados. Em 2003 fiz a 2ª edição com 1.021 verbetes, ampliada e foi feita uma atualização da anterior e ficou melhor. Em 2011 lançarei a 3ª edição, ainda mais atualizada e com escritores novos que foram aparecendo, serão escritores que vieram para BSB no início e foram embora, os que morreram aqui, outros que vieram e estão aqui e uns que nasceram em BSB e aqui estão.

20 – Seu questionário está bom, tenho pessoas para lhe indicar, grande parte dos escritores do início já faleceram. Danilo Gomes, Santiago Naud, Romeu Jobim. Pessoas que trabalharam na construção não me lembro. Ver *Diário de um candango*, José Marques da Silva.

### 35) NEUSA FRANÇA – 28 /05 /2010

01 – Neusa Pinho França de Almeida, vim do Rio de Janeiro.

02 – Final de 1959, aos 31 anos de idade. Eu e meu marido éramos muito amigos do casal Vítor Nunes Leal e esposa. Ele veio trabalhar com o Presidente e convidou meu marido que era Procurador para assessorá-lo. Eu era professora de música juntamente com a esposa do Vítor, Julemar, fui muito incentivada por eles para vir. Já aqui eu e Julemar fizemos o concurso para professora de música e fomos as primeiras colocadas.

Então, mesmo antes da inauguração tivemos várias reuniões em Brasília. Vim com uma filha, deixei os outros dois com minha mãe.

O Hino de Brasília foi o seguinte, estávamos no Rio, já com aquele ímpeto de vir pra cá. O casal Nunes Leal morava lá também e haviam me encomendado o hino e no trajeto de ônibus entre minha casa e a escola de música onde eu trabalhava comecei a pensar sobre a música. No dia seguinte, toda a música do hino estava completa e entreguei para Julemar. Ela olhou e disse muito bem e a letra, eu não era poetisa, não compunha letra, disse que precisávamos de um poeta muito bom para escrever o hino. Ela lembrou-se de Jair Campos que ganhara alguns prêmios como poeta ligou para ele e explicou o que precisava ele veio para um jantar conosco, ouviu o hino e gostou. Gravou a música e levou para trabalhar e no dia seguinte ele me ligou e disse que a letra estava pronta.

03 – Foi pela nova Capital, admirávamos muito a obra de Juscelino, tirar a Capital da beira mar e levar para o centro do Brasil é uma grande coisa. Eu gostei muito, mas foi um impacto para meus filhos. No Rio havia colégios muito bons e os amigos, foi difícil.

04 – Vim acompanhando meu marido. A moradia inicial foi muito difícil, conseguimos uma casa no final da W3, era pequena, eu tinha dois pianos de cauda, foi muito complicado.



Logo que chegamos fui trabalhar no CASEB, por aquele concurso que lhe falei, e compus o Hino do CASEB também, já tinha feito o Hino de Brasília.

05 – Quando chegamos era lama e poeira. Tivemos que comprar uma 'combi' porque não tínhamos nada em Brasília, todas as compras eram feitas na Cidade Livre. O comércio na W3 surgiu, mais ou menos, a partir de 1967. Antes havia barracas que vendiam um pouco de tudo, como se fosse uma feira.

O Regime Militar não fez muita diferença, Brasília continuou e é admirada por sua arquitetura pelo mundo todo.

Corrupção sempre existiu no Brasil, mas quem está no poder sofre com aqueles que assumem outra postura.

No princípio não havia quase comércio e para se comer alguma coisa melhor era preciso vir de outra cidade. Meu marido trazia algumas coisas do Rio.

Muitas vezes meu marido não podia me buscar no CASEB, passava um carro e oferecia carona, a gente sentia que as pessoas eram de bem. Hoje, tudo está mudado e era preciso que isso ocorresse.

06 – Sim, fiz o Hino de Brasília, julgo isso importante para o Brasil. Gosto muito de compor e já fiz hinos pra muitas escolas, preparei muitos músicos, participei do desenvolvimento da cidade.

07 – Acho que ganhou muito, vários artistas passaram e se instalaram aqui, a tendência de uma cidade como Brasília, mas como em todos os lugares aqui também tem crimes, roubos, etc. Não escapamos de ações violentas.

08 – Brasília ainda é pequena para a procura existente, muitos querem vir, mas não há lugar para todos morarem.

09 – No início, as pessoas ficavam muito em casa. Na W3 havia o Cinema Cultura que trazia filmes internacionais, depois veio o Cine Brasília que apresentava todos os tipos de filmes. Eu não tinha tempo livre, trabalhava demais, dava aulas particulares. O que fazíamos era reunir pessoas que gostavam de música aqui em casa e foi surgindo a ideia do Clube do Choro.

10 – Gosto muito de Brasília, comparo a um filho que vi nascer, quando vou à Cidade Livre, que nem é mais livre, vejo uma cidade enorme, eu nem acredito. Agora, vejo que estou numa cidade que é parabenizada pelo mundo, eu tenho muito orgulho de Brasília, de estar aqui, de ter feito o Hino da cidade.

Sinto mais feliz aqui, talvez Brasília tenha sido artificial no início por que tudo tinha que ser trazido pra cá, parecia que a cidade era um satélite do Rio, de São Paulo, de Minas. Depois foi se completando e hoje não falta nada. Hoje é Brasília a Capital do Brasil.

11 – Eu não via gente pedindo esmola não.

12 – Não, Brasília foi imaginada para ficar no centro que é uma coisa muito interessante.

13 – Acho que sim, o Niemeyer é conhecido no mundo todo. Interfere, as pessoas se sentem orgulhosas.

14 – Não sei, o ser humano é o mesmo em todos os lugares, uns são melhores e outros não. Aqui todos se relacionam muito bem, talvez por eu ser professora.

15 – Sim, temos um comércio muito bom. Não vejo nada de pior, tudo é bom.

16 – Eu acho, a construção de Brasília foi uma coisa sensacional porque do centro do país emerge tudo, diferente do Rio, então a Capital tinha que ser aqui.

17 – De jeito nenhum, todos os compositores são muito amigos, não há problema para os artistas.

18 – Tivemos muito medo, mas não sofri nada. Os filhos de Ministros que estudavam no CASEB faltavam muito às aulas nessa época. Foi uma onda de temor que passou e voltamos a vida normal.

19 – Não.

20 – Palmerinda Donato, Cosete Ramos.

### **36) NONATO SILVA – 04 /02 /2011**

01 – Nonato Silva, vim de Barra do Rio de Janeiro-RJ

02 – Pisei aqui, pela primeira vez, no dia 02 de outubro de 1956, vim com amigos, como jornalista para conhecer o espaço. A família, eu trouxe em 1960. Sempre me agradou muito, como professor de História, a mudança da Capital. Era um grande cerrado, a fazendinha do Gama, a da Granja do Torto, esse foi também o dia da primeira viagem do Presidente JK a Brasília. Ele desceu no aeroporto improvisado, feito às pressas por Bernardo Sayão, para avaliar o Sítio Castanho que é aqui onde estamos. No início, a gente ficava em Goiânia, aqui não havia nada, eu vinha e pegava as informações da construção e levava para editar no Rio. Nesta época, criei a Revista Brasília, sou o primeiro jornalista de Brasília, porque já em novembro/56 o assunto dominava o mundo e todos queriam saber o que estava acontecendo. A revista foi editada de janeiro/57 a dezembro/63, depois veio a Revolução e acabou com tudo. As edições estão arquivadas aqui, na biblioteca do Instituto Geográfico de Brasília.

03 – Moro há 54 anos, no início eu apanhava o material e levava para o Rio, em 1960 a Imprensa Nacional e o Correio Brasiliense iniciaram as atividades e pudemos editar em Brasília mesmo. Minha chegada foi fora de série, eu não tinha visão, quando cheguei e vi este horizonte infinito. Estava em período de chuvas e as plantas estavam verdes, aquela beleza, o canto das aves, a presença dos animais silvestres, essa foi a primeira imagem que tive que casava com a História que eu tinha estudado.

Grande parte das pessoas vinham do Rio, sobretudo os trabalhadores mais graduados, mas havia aqueles que chegavam em grande quantidade a procura de trabalho e vinham de todos os estados brasileiros, então todas essas pessoas é que provocaram a miscigenação, a diversidade e isso era muito interessante para a educação principalmente.

04 – Eu era funcionário do Ministério de Educação e Cultura e fui requisitado pelo Dr. Ernesto Silva. Quando cheguei só havia obras da NOVACAP, havia poucas moradias. Depois a NOVACAP criou a Cidade Livre e eu ficava lá enquanto estava trabalhando. Depois foram surgindo os primeiros núcleos de residência.

05 – Na época do Regime Militar eu já estava de volta às atividades no MEC, mas a vinda dos militares ao poder foi intempestiva e muito tirana. A construção prosseguiu, mas a UnB e algumas pessoas sofreram muito. Na Universidade, os professores que eram idealistas saíram todos e houve um prejuízo muito grande para o ensino e para a cultura de Brasília.

A corrupção quase não existia no início de Brasília por que as pessoas eram muito envolvidas pela ideia da construção da Capital. Os trabalhadores ganhavam bem, o pagamento era feito em dinheiro, num envelope. No tempo dos militares havia muita corrupção, eles eram absolutos e a imprensa censurada, então era fácil e, a partir daí, a corrupção criou corpo e se desenvolveu. Nos primeiros quatro anos houve algumas denúncias, mas tudo foi investigado e nada foi comprovado. A *Revista de Brasília* foi criada para mostrar a construção da cidade para o Brasil e defender Brasília da oposição. A grande maioria dos brasileiros não acreditava na construção da capital, mas havia um grande interesse internacional sobre a criação da cidade.

Na implantação dos serviços, a educação e a saúde foram criadas por Ernesto Silva, que foi o Diretor Administrativo na construção. A segurança foi feita por Israel Pinheiro e tudo funcionava bem logo após a inauguração.

Todos se conheciam, havia uma irmandade até a Revolução Militar.

**Caso da Pacheco Fernandes:** a firma Pacheco Fernandes era grande e tinha um restaurante próprio e com o crescimento normal da construção havia mais operários e, às vezes, havia algum problema no almoço ou no jantar. Havia muitos 'espertalhões' junto aos trabalhadores, então, eles inventaram que a comida estava ruim e fizeram uma confusão no restaurante. Havia aqui uma polícia, a GEB, uma polícia muito perversa, que foi chamada. Eles chegaram atirando pra cima, as pessoas se assustaram e saíram correndo. Um desses tiros acertou a perna de um trabalhador, que na correria caiu, bateu com a cabeça e ficou sem sentidos. Ele foi levado para o hospital. O poder federal, que era representado por um batalhão do Exército, chegou e prendeu toda a GEB por que eles estavam fazendo aquela confusão, após essa prisão tudo voltou ao normal. Eu fui testemunha ocular e não houve nada do que a imprensa noticiou, na época, sobre esse episódio.

06 – Sim, sou peça integrante da história da construção da capital.

07 – Na minha opinião, Brasília está perdendo toda sua característica de capital sonhada, construída e idealizada pelo plano de LC e arquitetura de Oscar Niemeyer. Os gananciosos pela terra conseguiram, por meio de ações políticas, construir muito mais do que deveriam. Aqui, no Instituto Geográfico nós, o pessoal do Instituto Histórico e do COMBRAS (um conselho criado pelo Instituto) nos reunimos para lutar contra a destruição de Brasília. Por tudo isso me sinto triste em vê o que fazem com a cidade. Com relação à economia, a cidade teve ganhos com essa expansão. Havia muitos intelectuais na cidade o que proporcionou grande desenvolvimento cultural que teve a UnB como carro chefe e, hoje, temos bons escritores, poetas e músicos nascidos aqui. Entretanto, isso é alheio ao poder público que esse não teve interesse em ajudar a cidade, pelo contrário, preocupou-se em roubar, furtar o cidadão.

08 – Sim, a deficiência de transporte é enorme. O projeto previa a criação de um transporte oficial para conduzir os funcionários públicos pela manhã, no horário de almoço e no fim da tarde para retornar a casa. Isso não funcionou, logo que a cidade foi entregue as pessoas que tinham cargo na administração foram substituídas. Puseram uma condução para os funcionários, mas era pago e não vingou, isso arruinou o sistema de transporte de Brasília.

09 – Existia vida cultural, mas não havia elemento para conduzir. As pessoas acabavam se reunindo e produzindo de alguma forma. A *Revista Brasília* traz escritores e obras que foram surgindo. Somente este Instituto e a ANE funcionam hoje.

10 – Viver em Brasília não é fácil, principalmente para quem mora nas cidades-satélites. A questão do transporte, da alimentação, as distâncias e tudo mais, a vida aqui é muito cara. Não é uma cidade artificial, pensa assim aqueles que não conhecem o plano da cidade. BSB é uma cidade como qualquer outra, com a diferença de ter sido planejada com o objetivo de dirigir o país.

11 – Não, muitas vezes faltavam profissionais em determinadas áreas.

12 – Não chegou a esse ponto, ainda há muitos lutando para que isso não ocorra.

13 – Ela continua especial, as superquadras com seus comércios locais, escolas próximas para as crianças. No começo, a população estranhou a distribuição das casas, dos jardins, mas em seguida houve uma adaptação total, poucos voltaram para suas origens.

14 – No início parecia um isolamento, uma segregação, mas esse silêncio era para as pessoas meditarem no que era o país, a sociedade e o que precisava ser feito ainda.

15 – Sim, BSB está muito bem servida em todos os sentidos. Quem vê coisa ruim aqui pode observar o mesmo em outros lugares.

16 – São dois aspectos, é preciso compreender as épocas. O primeiro estadista que tivemos foi Getúlio Vargas, com ele o Brasil apareceu para o mundo. Eu estudava na Itália e pude sentir que o Brasil antes dele era tido como terra de índio, do onça etc. Getúlio com a cultura do café tirou o Brasil do esconderijo e o projetou para o mundo. Juscelino era outro estilo, trabalhador e corajoso.

17 – Como BSB é uma cidade nova, com relação à arte arquitetônica e literária ela está muito bem e não há nenhuma interferência do poder. O DF tem uma Secretaria de Cultura, um conselho existe para analisar obras, publicar algo, mas é muito difícil editarem um livro por que no Brasil o livro é considerado indústria, comércio e faltam editoras, temos somente gráficas. Então, o poder não interfere nem colabora como deveria.

18 – Vivi com muita amargura e pessimismo. Pensava que isso iria durar pouco por que Castelo Branco tinha prometido que haveria eleição em 1965 e Juscelino seria candidato e seria eleito porque o povo gostava muito dele. Não houve eleição, aconteceu um golpe militar e os brasileiros foram muito acomodados e ordeiros.

19 – Não.

20 – Acho que você já encontrou com as principais pessoas.

### **37) OCRÉCIO LACERDA – 23/09/2011**

01 – Ocrécio Lacerda, vim de Campo Florido-MG.

02 – Em 12 de setembro de 1959 eu cheguei a Brasília. Eu tinha 22 anos. Vim sozinho.

03 – Moro em BSB há 52 anos. Minha chegada foi muito gratificante por que ao chegar em BSB eu visualizei um horizonte maravilhoso, muitas possibilidades de crescer. Eu era jovem e estava a procura de alguma coisa que pudesse me propiciar no futuro uma estabilidade e foi exatamente o que eu consegui. A acolhida foi muito boa, havia uma união muito grande. Os nordestinos, coitados, chegavam em carrocerias de caminhão lotadas e eram despejados na Cidade Livre. eles não conheciam nada, o grau de instrução mínimo ou muito baixo, experiência de vida nenhuma, eles tinham dificuldades. Existiu, por muitos anos, um centro que recepcionava esse pessoal e fazia uma triagem entre eles e encaminhava para as empreiteiras ou convocavam-nas para irem (com caminhão) pegar o pessoal e levar para os devidos acampamentos e ali eles começavam a trabalhar. Um aprendia a função com o outro por que na maioria das vezes chegavam sem qualificação para qualquer função.

04 – Vim em busca de melhoria. Na minha cidade eu não via nada, naquela época era muito comum a família ouvir a 'Hora do Brasil'. Quando dava a hora não se fazia nada, era o rádio ligado e a 'Hora do Brasil' e ela tinha um tempo dedicado à BSB. Falava-se só sobre a cidade e se convocava os trabalhadores pra irem pra BSB. O meu despertar partiu daí. Logo após minha chegada eu passei por um teste, não era concurso, naquela época era teste, você passava por um teste de aptidão na área que você escolhesse. A minha área sempre foi a financeira e contabilidade e fiz o teste, fui aprovado e admitido em 25/09/1959 no Dep. Geral de Contabilidade. Em seguida, voltei para Uberaba, de onde vim, para buscar roupas e objetos necessários, pois eu tinha vindo com o mínimo necessário, era mesmo só para sentir a cidade. Quando eu vi o salário da carteira (era 15 mil cruzeiros), eu ganhava em Uberaba, 5 mil cruzeiros, e ainda tinha a possibilidade de fazer mais 15 ou 20 mil de horas extras. Para mim era uma fábula, eu me senti muito realizado naquela hora e pensei que era aqui que eu tinha de permanecer para viver, criar minha família, eu já era noivo. Foi assim, fui e voltei rápido à Uberaba e entrei nesse batidão de 14, 15 horas por dia de trabalho. Isso era comum na época, tanto nos escritórios, como nas obras, as condições de trabalho pra época eram muito boas. O efetivo ainda era pequeno para todo o volume de obra que existia na cidade. Eu trabalhava ainda na VELHACAP, que ficava na Candangolândia, onde estavam os galpões da administração e os gabinetes dos diretores, o RH e o alojamento da NOVACAP. Esses eram bons, um quarto para quatro pessoas com banheiros coletivos, mas vários. Tínhamos um restaurante, o famoso SAPS que ficava bem em frente ao galpão onde estava a sede. Lá era nosso refeitório, a comida não era lá essas coisas, mas você não tinha opção, a menos que você se deslocasse para a Cidade Livre, lá já havia alguns restaurantes, mas o preço era muito caro. Então, nós trabalhávamos até o sábado às 8 horas da noite, íamos pra casa, tomávamos banho e um ônibus da NOVACAP nos transportava para a cidade livre, dava quantas viagens fossem necessárias e lá, cada um de nos dispersávamos e íamos fazer o que queríamos, uns iam para ZBM (zona de baixo meretrício) que era bem próxima, ou iam comer em

restaurantes. Alguns ficavam nas avenidas, que são as mesmas hoje, tinha barezinhos, alto falantes com músicas, você ouvia ao mesmo tempo o Padre Roque, discursando, por que ele fazia uma algazarra, ele era bravo, xingava, rezava, tudo ao mesmo tempo, mas me disseram que ele nunca abriu mão de andar com um '38' por baixo da batina. De um modo geral as pessoas andavam armadas lá, não acontecia praticamente nada, mas era comum andarem armadas. Tinham brigas, principalmente na Cidade Livre, nas noites de sábado pra domingo. Eram brigas por bebida, bebiam demais. Uma época Israel Pinheiro convocou uma reunião com os donos de bares mais sofisticados para pedir a suspensão da venda de bebidas, mas não obteve resultado por que as pessoas precisavam sobreviver e os empregados tinham pouca diversão.

05 – Não consigo me lembrar de nada ou visualizar nada que me desagradasse na construção. Todos que aqui estavam se vestiram de muita empolgação e queriam ver tudo pronto e inaugurado. Penávamos, mas não tinha como ser diferente, os deslocamentos para o trabalho, pra aqueles que não moravam nos alojamentos (não havia em nº satisfatório pra todos os trabalhadores) era muito difícil, já havia ônibus, mas era complicado porque eram poucos ônibus. Tudo isso não amedrontava, não trazia insatisfação a ninguém, tudo era normal. Você não via as pessoas reclamarem disso. Hoje, todo mundo reclama dos ônibus, que estão cheios demais e etc, mas naquela época não pensávamos nisso não. As reclamações que existiam eram de saudades da família, da origem, a maioria estava saindo de casa pela 1ª vez, como eu. As obras não pararam com a Revolução Militar, mas houve muitas dificuldades. A NOVACAP sofreu intervenção, eu trabalhei com um interventor. Eles desconfiavam de tudo e não aceitavam as coisas conforme aconteciam. A parte financeira, os orçamentos começaram a ser muito vigiados, houve um freio nas construções. Eu não chamaria de corrupção, havia muitos favorecidos. Eram simples, por exemplo, eu preciso dessa frota de caminhão em BSB, o dono desses caminhões abusavam, entravam no canteiro de obras e davam várias voltas com a mesma carga. Havia também, pequenas gorjetas para os fiscais, isso aconteceu muito. Não se falava em corrupção por que além de JK e sua comissão estarem no poder, o diretor financeiro era da UDN (da oposição).

b) Pra época não deixava nada a desejar, atendiam bem. Havia o Hospital do IAPI era muito bom, já existia o Hospital de Base e em cada acampamento existia um serviço médico para os primeiros socorros. As escolas eram boas, atendiam bem aos moradores, inclusive nos acampamentos, todos que queriam podiam estudar antes da inauguração. Depois, então, aumentou muito o atendimento dos serviços gerais.

c) A solidariedade existia, as pessoas recepcionavam e procuravam ajudar, dentro do possível, a todos que precisavam. Esse comportamento começou a modificar em 65, a espontaneidade começou a não existir como antes, os encontros, as visitas diminuíram, mas ainda existiam.

06 – Totalmente, eu participei ativamente do apoio para que a construção da cidade acontecesse. O pagamento de pessoal era conosco (não havia atraso e era em dinheiro inicialmente), as compras também, nós, da parte administrativa, financeira e contábil éramos o suporte para que a coisa acontecesse na construção. Eu me empolgava tanto que nos momentos de folga, na hora do almoço, (almoçava em 10 ou 15 minutos), e ia olhar as obras. A Igrejinha de Fátima, a gente saía pra ver essa e outras obras, então, a gente participava no suporte e na vontade de ver a obra acontecer.

07 – Merece críticas por que há exageros e abusos, mas a cidade não poderia ser como foi projetada, era impossível conter o número de habitantes. Não tinha como evitar o crescimento, então, essa perda foi circunstancial. Considerando que a cidade não tinha como se conter no projeto inicial, ela ganhou em desenvolvimento. O DF hoje tem muita capacidade de produção, de realização, muitas satélites têm vida própria.

08 – No projeto inicial, não, mas hoje tem. O número de habitantes cresceu assustadoramente e o sistema viário e de transporte não acompanhou. Ainda não conseguiram encontrar a solução pra esses problemas.

09 – Bem nos primórdios, tínhamos, por exemplo, eventos em pequenos teatros, algumas improvisações teatrais, eventos ao ar livre (na área da Explanada e na Praça dos Três Poderes), os shows aconteciam nos espaços que eram aproveitados, com pouca ou nenhuma estrutura, mas existia lazer, reuniões, vinha gente de fora, apresentava-se aqui e as pessoas participavam de tudo. Depois, os eventos foram se expandindo para a Torre de TV, para o estádio, havia muitas apresentações públicas. Nos refeitórios dos alojamentos eram improvisados bailes, mas só nas noites de sábado pra domingo e o povo se divertia dançando as modas tradicionais de sua terra. Hoje, acho que não há como reclamar da vida cultural de BSB, é muito boa.

10 – Viver em BSB pra mim é não conseguir viver em outro lugar. Ela me ofereceu e continua me oferecendo tudo que eu preciso e acho que é assim pra quase a maioria, ressalvo os problemas de saúde, mas isso não é um privilégio nosso não. Sou muito mais feliz aqui, não sinto saudades de Uberaba, mas quando viajo sinto muita falta de BSB. Não acho a cidade artificial, ela tem uma arquitetura moderna, reconhecida pelo mundo todo.

11 – Tinha desemprego, sempre teve, mas não como hoje. Era muito pouco, ocorreu quando deu aquela parada na obra.

12 – No meu entendimento não, no geral penso que não há semelhança.

13 – Eu acho que desvirtuaram a arquitetura construindo prédios enormes como em Águas Clara e o Noroeste. Isso sempre condeno, penso que os 6 andares deveriam ser mantidos. No Plano Piloto a arquitetura é especial e ela propicia orgulho e prazer para os habitantes, mas não interfere na vida das pessoas. Há necessidade de um sistema viário melhor, mas isso são pequenas distorções que podem ser corrigidas.

14 – Acho que não. BSB tem os antigos, a nova geração que são os brasilienses de fato, aqui todos recebem muito bem, parece ser mais ou menos igual as outras cidades.

15 – Aquele que está com seu emprego tem uma condição boa de vida, isso os executivos. Tem o pessoal, a grande maioria, que têm dificuldades com a locomoção e com a alimentação e só voltam pra casa a noite, mas isso ocorre no Brasil todo.

16 – Sou suspeito, mas pra mim JK é o maior, pelo governo. Ao trazer a capital para o centro, ele abriu o Brasil pra todos o que proporcionou crescimento, melhorias e desenvolvimento pra regiões vizinhas.



17 – Não interfere, a criatividade é nata, o artista pode usar o poder em seu benefício. Muitos artistas saíram daqui.

18 – Foi muito triste, você era vigiado por qualquer coisa, não tinha liberdade, todos sentiam medo de repreensão. Sair de um governo participativo e ir para uma caverna, foi muito difícil.

19 – A GEB era violenta, as pessoas muitas vezes eram analfabetas e recebiam o poder das armas, não havia treinamento algum.

Há poucos colegas de trabalho de minha época, poucos estão vivos e a gente se encontra por acaso. Não há mais relacionamentos.

20 – Não indicou.

### **38) RAIMUNDO FONSECA DA CUNHA – 25/08/2011**

01 – Raimundo Fonseca da Cunha, vim de Caxias-MA.

02 – Vim em outubro de 1959, aos 28 anos, vim só. A esposa veio em 1960.

03 – Há 52 anos. Lá no Maranhão era tudo difícil e dizia que o pau de arara de lá pra cá era muitos dias de viagem. Então eu fiz o maior sacrifício pra vim de avião até Anápolis, fui pra um hotel e depois peguei um ônibus pra cá. Naquela época chovia muito, eu vim com chuva de lá até a Cidade Livre e fui pra um hotel que tinha lá. Fui procurar informações e me falaram que para fichar era preciso um cartão de INIC (Instituto Nacional de Imigração e Colonização) e que era feito na NOVACAP, pela manhã. Fiz o cartão e fui trabalhar no 28 (Congresso Nacional) como armador, eu sabia muito de ferro, mas nada de armador. Naquela época todo mundo ajudava a gente, ninguém precisava se preocupar com nada, havia confiança.

O trabalho era bruto, ganhava-se bem, mas trabalhava-se muito, a moradia era difícil. Eu fiz barraco à noite, os colegas ajudavam muito.

04 – Construtora Ideal, foi a primeira firma que trabalhei aqui, como armador. Meu sonho era conseguir um emprego mais seguro e procurei muito até fichar na NOVACAP. Então fui trabalhar na Barragem de Paranoá. Ganhei uma casa de madeira boa e a família gostou.

05 – A construção era bonita, era terra por todo lado. Não soube nada sobre corrupção e não havia roubo naquele tempo. O que existia eram os caminhões que passavam pelos fiscais e ofereciam dinheiro para receberem várias vezes pelo mesmo material (eu fui fiscal por algum tempo). Eu não aceitava e me sentia ameaçado por motoristas, tive que sair. Com a Revolução Militar, o serviço do governo ficou meio descontrolado, muitos empregados ficavam assinando ponto, mas não trabalhavam.

b) Eu morava no Paranoá e lá tinha escola para crianças e adultos, eu estudei um pouco também.

c) A convivência era era muito boa e começou a mudar quando começamos a mudar de setor



por que não se conhecia as pessoas.

06 – Eu me sinto, tenho orgulho de ter visto esta cidade com pouca gente, a W3 não tinha quase nada e hoje BSB está como está, eu sou orgulhoso disso.

07 – Não acho que a cidade perdeu muito não, ela precisa diminuir um pouco o crescimento. Na locomoção, melhorou muito, o pessoal reclama demais, mas eles não enfrentaram o que eu enfrentei.

08 – Eu acho que não, só tem uma coisa que ficou mais fraco no PP, o comércio da W3 Sul antes era muito bom. A conservação dela, acho que poderia estar melhor. Hoje, o comércio da W3 Norte está melhor. A organização das cidades-satélites poderia estar melhor. Uma coisa que eu acho que eles podiam encarar muito é essa coisa dos sem teto. Quando eu vejo esse pessoal fazendo residência em qualquer lugar, aquilo é uma coisa desumana, acho que devia ter um controle. Houve um inchaço na cidade que foi responsável por muita criminalidade. Na minha concepção isso contribuiu para a violência.

09 – O lazer era precário, não tinha quase nada para as crianças fazerem. Eu trabalhava demais e quando eu tinha um tempo folgado eu arranjava outro emprego, passava tempo sem ver meus filhos direito. Trabalhava, muitas vezes, 24 horas. Tinha um cara que punha música e as pessoas ofereciam, pagava um tanto. Era um cinema só, muito cheio, na Cidade Livre, era impossível.

Eu assisti à inauguração, a maior concentração ainda era na Cidade Livre, foram três dias de festa.

10 – O lugar melhor do mundo pra viver é BSB por que toda coisa que se faz dá pra ganhar dinheiro. A arquitetura é artificial, eu admiro muito, é bacana. Mas nas cidades-satélites há coisas que o governo podia ter olhado. No Gama, por exemplo, umas ruas tão estreitas e tem tanto espaço, podiam ter feito ruas mais largas, não dá nem pra parar um carro na rua. Houve essa falha nas cidades-satélites, outra coisa foi que puseram os piões pra tão longe, aqueles que construíram a cidade e os que chegaram bem depois foram morar na Estrutural que é bem pertinho do PP. Quem invadiu ganhou mais, aquele que deu o sangue na construção foi pra longe.

11 – Não havia, só não trabalhava quem não quisesse.

12 – Eu acho que é uma boa comparação.

13 – Dá orgulho.

14 – Eu nunca pensei, mas é diferente sim, aqui são tantas pessoas que não se conhecem mesmo morando pertinho.

15 – Eu acho que vive. Aqueles que ficaram na cidade de onde eu vim estão muito pior que eu, toda vez que vou lá eles me pedem algo.

Pior – viver preso dentro de minha casa, com medo de ladrão, a gente perdeu a liberdade. Por outro lado, na cidade onde eu nasci, é pior.

Melhor – qualquer coisa que se faz dá pra ganhar alguma coisa.

16 – Sim, a evolução do Brasil foi por causa de JK, ele foi o pedestal de tudo.

17 – Penso que não. O contato estimula muito.

18 – Quando o JK terminou o mandato dele eu pensei que eu ia ficar a zero, a administração do serviço público ficou péssima, ninguém tinha serviço, nem aumento de salário, com a Revolução Militar a dobradinha congelou e ficou até acabar, meu salário ficou tão baixo que eu ganhava complemento. Eu precisei me virar para trabalhar mais por que meu salário não valia nada.

19 – Não.

20 – Luís Linhares, ele me conhece como Dico.

### **39) RENÉE SIMAS – 09 / 04 /2010**

01 – Renée Gunzburger Simas, vim do Rio de Janeiro-RJ.

02 – 1960, vim com a primeira turma de professores, aos 24 anos, vim grávida de uma filha que nasceu aqui.

03 – Há 50 anos, foi gratificante, quando viemos para o estágio eu me encantei com o céu e o por do sol de BSB. Havia possibilidade de que nós pudéssemos iniciar um ensino novo em Brasília e isso era uma grande atração.

O sistema social não era tão novo, em BSB o novo mesmo era a concepção e a mudança da Capital para o interior, mas as estruturas eram velhas. O Ministério da Educação falava tanto num ensino novo, mas ele tinha uma concepção antiga, embora a gente, na escola, podia tentar implantar algo, existia uma resistência com as mudanças. Eu pensava que poderia ser na prática muito diferente do que se apresentou, eu trabalhava com desenho, mas eu ligava às artes, procurei dar a base obrigatória, mas desenvolvia um campo mais criativo, mais livre e aí a coisa emperrava. Qualquer novidade não era bem aceita, havia dificuldades de implantação, tudo existia no papel. Eu só consegui por em prática aquilo que acreditava ser um ensino mais criativo por que uma das minhas alunas era filha de um dos coordenadores do sistema ligado ao MEC e ela tinha uma dificuldade motora com as mãos. Um dia, o pai dela entrou na sala e a menina estava rindo e desempenhando bem o trabalho com as mãos, isso serviu para ele entender minhas solicitações e criar uma sala de artes específica para trabalharmos. Os outros professores reclamavam muito das modificações que eu fazia na sala de aula para desenvolver meus trabalhos. Na minha cabeça, essa sala já deveria existir, eu não precisaria ter insistido tanto, se já era uma concepção nova de ensino. Isso foi no primeiro ano, no segundo eu mudei, uma parte dos professores ficaram no CASEB e outra foi para o Elefante Branco e eu fui. Lá, tinha um departamento de arte visual e teatro. Os outros professores também experimentavam coisas novas, mas sempre houve um embate para as modificações ou mudanças na composição da escola.

04 – Sim, trabalhei como professora no Elefante Branco até 1964 e fui cassada, recebi o Ato Institucional nº 1. Havia uma Associação dos Professores e nós tínhamos uma militância.

Quando fizemos o concurso para professores de BSB, no prédio do MEC, no Rio, havia uma maquete do que seria BSB, os prédios habitacionais, que podiam vir mobiliados ou não, eram várias condições favoráveis, além do salário. Quando chegamos, um ônibus do MEC levou todos os professores para o JK (apartamentos de sala e quarto nas 411, 12 e 13) sem nenhum móvel. Os apartamentos que cada um tinha escolhido só existiam no papel, eram fictícios. Em razão dessa promessa não cumprida, no final de 1960 criamos a Associação de Professores para lutar. Fizemos greves (3 ou 4 vezes) na escola, os médicos também aderiram porque eles também tinham tido a mesma promessa e não tinham sido atendidos. As condições de trabalho eram precárias também. Havia um ônibus que passava e recolhia todos pela manhã, era uma correria, por ventura se alguém perdesse esse transporte não havia outro. Esse mesmo ônibus retornava conosco às 20h. No Colégio, a cantina era um horror e, como passávamos o dia todo lá, era complicado. Por meio dessa associação conseguimos comprar nossas casas, esta em que moro até hoje. Foi o que Juscelino, em final de mandato, conseguiu para nos atender, essas casas estavam em final de construção.

A associação congregava os professores e no final de 1963, professores que estavam aqui desde 60 ocupavam alguns cargos decisivos na condução do projeto educacional. O diretor do ensino médio, os diretores das escolas, eu e outros éramos assessoras técnicas de diretores e, nessa caminhada, tivemos a infelicidade de termos um secretário de educação que não era muito honesto e não tinha noção de que era o sistema educacional. Esse secretário, na Revolução Militar, articulou-se com outros e demitiu todos que atuavam na associação e eu estava lá.

05 – A construção foi satisfatória, era muito interessante ver aquela terra vermelha transformar-se em alguma coisa. Ela vai dando uma visibilidade e um contraste com esse horizonte que parece que não tem fim ou que o fim está próximo. Eu digo que foi uma construção utópica por que na visão de Niemeyer e dos outros era que teríamos uma sociedade socialista, mas a realidade não se confirmou. Todos os funcionários da Câmara moravam no mesmo prédio, com o tempo o motorista começou a ficar deslocado, o salário dele não era igual ao do deputado. Ele acaba abrindo mão do apartamento e vai morar noutro lugar onde ele se sentia mais a vontade econômica e socialmente. Não é uma estrutura física que muda uma sociedade. Quando os mecanismos antigos tentam ser preservados, a sociedade permanece igual, foi a mesma ideia na educação. Na sala de aula, todos os alunos conviviam bem, havia casos de namoros, por exemplo, de um filho de engenheiro com a filha de um motorista, mas a estrutura da sociedade não mudava por essa razão.

Logo no início da Revolução, as pessoas sentiram medo. Uma das coisas que eles fizeram no colégio, depois da nossa saída, foi transformar o horário integral em meio expediente. Em todos os setores havia modificação para que as pessoas não se encontrassem muito. No início, as pessoas sentiam que o golpe não demoraria, fato que não ocorreu e o medo se instalou em todos, não se podia viver em paz.

Não se falava em corrupção, a gente observa e tinha sempre umas histórias.

No início as coisas funcionavam, o Hospital de Base era modelo. Aos poucos, conseguiu-se transporte, tudo ia acontecendo à medida que a cidade ia crescendo. Havia um transporte solidário, e a vida cotidiana desenrolava-se bem.

A convivência foi muito boa no início e nosso grupo permaneceu unido, mas no geral as pessoas se fecharam e cada um usou suas experiências de outras formas.

06 – Sim, penso que o projeto maior mesmo era o Brasil conhecer e valorizar seu interior. Quando a capital ficava no litoral parecia que o Brasil ficava olhando para o mar, para o que

estava fora, à medida que ele entrou, ele começou a ver seus órgãos internos com outro olhar. Houve um movimento de valorização da cultura, respeito pela diversidade, pelas diferenças. Penso que esse foi um grande ganho da mudança da capital. Isso é que faz com que eu me sinta parte desse projeto por que eu participei disso.

07 – BSB perdeu a concepção inicial de que ela poderia ser mais aberta, mais harmônica. Penso que não foi só BSB que perdeu, foi o Brasil e o mundo que foram ficando mais consumistas e individualistas e isso foi configurando uma nova cidade. BSB não pode ser analisada fora do contexto, ela tinha uma ideia utópica que não coincidia com o restante do país. BSB ganhou mais espaços, mais respeito por ser Patrimônio da Humanidade e foi reconhecida internacionalmente.

08 – Não era para existir tantas cidades-satélites. O fato da população ter crescido tanto em BSB provocou essa expansão e os problemas urbanos surgiram como percebemos.

09 – Era bem interessante por que a cidade era menor, mas tudo que funcionava era bom. As pessoas participavam de tudo, eram ávidos por trocas, por conhecimento. Na UnB acontecia muita coisa. Tinha o Cine Cultura e as Embaixadas que traziam coisas. A Revolução interferiu no lazer, as pessoas ficavam mais em casa, faziam reuniões. Hoje, temos muitas opções, estamos bem aparelhados, mas é preciso ter dinheiro.

10 – Eu considero ainda muito bom morar em BSB. Sinto-me mais feliz, eu sempre pensei que iria sentir muita falta do Rio por causa da praia e de tudo que a cidade oferecia, mas não. Talvez porque eu sempre ia visitar minha mãe lá. Não, BSB já tem uma configuração de cidade real.

11 – Todo mundo tinha emprego no início.

12 – Não chega a ser escravatura, mas donos de senzalas são muitos, é o poder político.

13 – Ela é especial nos monumentos, mas nas construções já banalizou. Os habitantes sentem-se orgulhosas por morar numa cidade com tantos monumentos belos.

14 – Não. As cidades, à medida que crescem e incham há uma necessidade de encolhimento, de se esconder.

15 – Quem tem condições econômicas razoáveis vive muito bem. Os que não possuem essas condições vivem mal como em qualquer outro lugar. O trânsito é muito complicado.

16 – Sim, não somente pela construção de BSB, mas pelas ideias desenvolvimentistas dele.

17 – Não, quem se sujeita ao poder não é artista. O artista é livre mesmo dentro de uma cela.

18 – Perdi o emprego, fisicamente não sofri, mas muitos professores foram presos e amigos desapareceram. Não havia tranquilidade, o medo era constante.

19 – Não.

20 – Galeno, Aluísio Campos da Paz, Arlindo Raposo, Simone Aguilar, Rose Fraymund.

#### **40) RONALDO M. DE OLIVEIRA CASTRO – 22/03 /2010**

01 - Ronaldo Mendes de Oliveira Castro, vim do Rio de Janeiro-RJ.

02 - Vim, pela primeira vez, para conhecer em 1959, depois voltei em 1960 e em 1961 voltei para trabalhar. Tinha 31 anos na época. Eu tinha um parente que era um dos fundadores da cidade e, que na época, era conselheiro da NOVACAP e foi o primeiro Secretário de Saúde de BSB, Dr. Bayard Lucas de Lima. Ele era amigo de Juscelino desde jovem, eles se conheceram como médicos.

03 – Moro em BSB há 49 anos. Foi uma chegada totalmente fora daquilo que se esperava para quem vivia num contexto familiar, de relações sociais estabelecidas e BSB era um acampamento, um lugar cheio de obras, de barro e de poeira. As pessoas aqui eram ruivas ao fim do dia. Eu tive uma motivação que veio da própria ideia da construção. Primeiro, acompanhei os projetos de BSB, lá do Rio. Eu ia à sede da NOVACAP levar meu sogro, entrava e via os desenhos, ouvia os comentários e como meu pai era engenheiro eu já conhecia alguma coisa de obras. Aqui, eu encontrei um tipo de modo de viver totalmente diferente, era uma solidariedade enorme, uma disponibilidade para as pessoas ajudarem as outras em todos os sentidos por que faltava muita coisa. A cidade tinha essa característica, as pessoas ajudavam de todas as formas, havia algo raro no ser humano que dava uma noção de comunidade e sociabilidade em qualquer nível social, não havia diferenças sociais, todos estavam unidos.

O novo sistema social que estava nascendo, como eu estava num sistema muito específico, havia uma grande motivação. Primeiro porque eu era um médico jovem recém formado e depois porque eu tinha que atender um universo de patologias e pessoas em situações das mais diversas sendo que um grande número era relacionado a acidentes de automóvel. Havia muitos acidentes com 'combi' por que não havia ruas direito, eram de terra. Eram frequentes também acidentes com obra, com ônibus, que estavam sempre superlotados e algumas doenças que não estávamos acostumados a ver no Rio de Janeiro. Casos de malária, doença de chagas, casos de mordidas de cobras e escorpiões eram comuns, além das doenças respiratórias relacionadas à secura e ao excesso de pó.

04 – Vim conhecer BSB com meu sogro, eu estava terminando medicina e ele era médico. Eu trabalhava no Rio, mas estava insatisfeito e, em 1961, vim com a família trabalhar no Hospital Distrital, hoje, de Base. A minha condição era uma boa, eu morava com meu sogro num apartamento da NOVACAP. Havia dificuldade de moradia, mas existia uma empresa do governo, CODEBRAS, que planejava as transferências dos funcionários. Isso só era possível na medida em que eles iam recebendo os blocos de apartamentos.

05 – Não notei, durante muitos anos, insatisfação quanto ao plano da cidade, havia orgulho por ser um plano diferente, vias com facilidades de locomoção e, naquela época, não se tinha muita noção desse crescimento da população que hoje se observa. Se me lembro bem, no Plano de LC a ideia era que o PP teria em torno de 600 mil habitantes e que as cidades-satélites teriam um pouco mais, mas uma coisa é a teoria e outra é a realidade, hoje pensamos

de outra forma. Temos muitos problemas de trânsito, de estacionamento e tantos outros.

A Revolução Militar interferiu na insatisfação com relação à liberdade de expressão do cidadão. Começou uma certa paranoia, mesmo as pessoas que não tinham nenhum compromisso político com partidos de esquerda ou de direita defrontavam-se com situações difíceis, de angústias e de impotência. Eu, não posso esquecer, que nasci na época de Ditadura, de Getúlio, então eu já conhecia um pouco do regime, mas a liberdade tinha diminuído muito. Eu percebia que quando encontrava as pessoas em festas, por exemplo, sempre havia receio de falar sobre determinados assuntos. No início de BSB não havia nenhuma preocupação política, todos estavam querendo trabalhar. Tudo complicou muito quando começaram as greves em todos os setores, ninguém conseguia resolver nada sem fazer greve. Após o golpe militar havia uma ideia de que quanto pior melhor, então, as pessoas pensavam que essa era a razão das coisas estarem ruins.

Tínhamos ideia de que alguns eram beneficiados pelas funções, inclusive alguns militares, mas tudo era pouco divulgado por que havia uma mentalidade sistemática que impedia. As leis eram muito rigorosas e até cruéis demais o que impedia um pouco a corrupção e, quando havia, não se divulgava.

Em alguns sentidos eram satisfatórias por que procuraram trazer para BSB o que havia de melhor. Falando do meio médico, havia os melhores aparelhos, coisas de boa qualidade. Em 61/62, no hospital já tínhamos o 'bip', coisa que praticamente não existia no Brasil, tínhamos o chamado plantão alcançável, significa que sempre o médico poderia ser contatado pelo hospital. Havia, também, no plano de saúde, o que seria o melhor, talvez, para uma cidade, que durou pouco. Era o chamado 'tempo integral e dedicação exclusiva' para os médicos. Em todas as cidades brasileiras, os médicos, e outras profissões, tinham vários empregos e em BSB isso não ocorreria. Criou-se esse plano em BSB justamente para criar condições para que não se precisasse ter outro emprego além daquele hospitalar que o médico tinha. Para ter uma ideia, um médico trabalhava no hospital das 7h às 12h, tinha horário de almoço e, à tarde, atendia no ambulatório, no próprio hospital, até às 16h, a partir daí, no mesmo consultório, o médico poderia atender consultas particulares. Então, poderíamos atender pacientes particulares sem ter ônus e com uma vantagem, você não saía do hospital, se um paciente internado passasse mal, a enfermeira chamava e a gente ia ver o paciente internado. Portanto, não havia um distanciamento enorme entre paciente e médico, a equipe estava sempre presente. Isso mudou por que começaram a vir pra cá os médicos do Senado, da Câmara, do Tribunal e outros e eles começaram a acumular emprego e todo o sistema novo, que durou muito pouco, foi sendo desmontado e foi uma falta de estímulo geral. O plano era de que existisse um hospital maior, de base, para atender os casos crônicos e, outros distritais para atendimento imediato das pessoas e os postos de saúde que encaminhavam as pessoas. Então, esse sistema setorizado atenderia toda a população e não haveria um grande volume de pessoas no hospital. Isso funcionou e quem era recém-formado como eu, via a medicina como uma coisa maravilhosa, por que a gente podia exercer a medicina com qualidade, ter contato com o paciente, constantemente, essa relação era muito mais presente. Havia também, algo que foi extinto, que se chamava 'pró labore', ou seja, a gente ganhava um percentual pelo paciente atendido, isso estimulava o médico a atender mais pacientes.

Quando a população foi aumentando, a solidariedade e a ajuda mútua foram diminuindo, ficou uma mentalidade, que me parece triste, que a de 'salve-se quem puder'. Surgiu uma mentalidade egoísta em que cada um tira proveito das situações, o contrário do que era antes da Revolução. Outras coisas funcionaram melhor no regime militar, não havia, pelo menos que se conhecesse, tanta corrupção, tantos desmandos, havia uma hierarquia, muito rígida, mas as coisas funcionavam.

06 – Sim, eu não tive uma função política, mas meu sogro era e eu tive uma visão maior por essa razão. Falo de uma forma muito parcial, estou falando do meu contexto, que é privilegiado, e tenho consciência disso. Há outro lado, o da maioria, que vive na miséria, mas isso não é só em Brasília, é no Brasil.

07 – A ideia que tenho é que uma coisa é você fazer um planejamento e outra é ter sempre que replanejar, rever os planos que se tem como base de acordo com a realidade. Parece que os planos não foram tão valorizados como deveriam, a educação e a saúde aparecem menos que pontes, prédios e etc. O plano não pode desvincular o humano do material, então, o político, que é humano, está vinculado ao social e, portanto, ao humano, a inter-relação entre os seres humanos para se obter algo vantajoso para um determinado grupo. O que eu tenho visto, ao longo do tempo, é que, em alguns aspectos, podemos fazer propagandas que não passam disso, sem consistência. (Ele relatou fatos ocorridos com ele, como médico, durante o período da revolução)

08 – Entendo que houve uma melhoria com o metrô, mas ainda não resolveram a questão, as pessoas ainda têm dificuldades de chegar ao PP e aos seus empregos. Parece que, não só aumentou a população, como também, o número de veículos. Ouve-se falar muito sobre o tempo que as pessoas estão perdendo numa cidade feita BSB, dita planejada, com a dificuldade de trânsito e sobre os acidentes de trânsito. Sobre sua pergunta, eu acho que piorou muito e, só agora, estão tentando melhorar um pouco. Isso é algo que poderia ter sido previsto, é mais ou menos como quando constroem uma vila de casas sem que ninguém perceba e, de repente resolvem derrubar as casas porque elas estão em lugares proibidos. Onde estavam as autoridade quando começaram a construir a primeira casa? Esses aspectos que a gente percebe são falhas enormes, em percepção da questão de locomoção outra coisa que a gente vê muito em BSB é que a questão do transporte coletivo que não dá conta da população. Isso é um grande prejuízo para a cidade, não deram continuidade ao projeto de BSB e, hoje, 50 anos depois, parece que tudo está errado. BSB foi planejada para os primeiros 10 anos de existência e não para 50. Em tudo nesta vida é preciso estar sempre replanejando, não se pode estacionar num conhecimento. Faltou para BSB um visão mais ampla e séria.

09 – Inicialmente, quase não existia vida cultural, havia um cinema. Tinha umas salas de apresentações na W3 e era uma enorme festa quando havia alguma apresentação. O povo era muito carente de lazer. Hoje, a vida cultural é completa, mas observo que as atividades estão sempre lotadas o que mostra a avidez das pessoas e a necessidade de ampliação.

10 – BSB é uma das melhores cidades do Brasil. Eu continuo muito feliz em BSB, embora ela seja uma cidade ótima para você pegar um avião, por que a cidade dá uma condição de vida muito boa, isso, assinalando que os pobres estão na pior. Ainda há uma segurança na cidade que não existe em outro lugar, vou com frequência ao Rio e São Paulo, mas não moraria lá. Não mais, no início parecia artificial, por todo lado era só barro. Hoje, a cidade tem vida e isso pode ser visto em todos os lugares.

11 – Proporcionalmente tinha muito mais emprego, precisava-se de mão de obra em todas as áreas. Havia uma gratificação mensal para aqueles que viessem morar em BSB, havia uma resistência muito grande com a mudança da Capital.

12 – Em parte acho que sim. Outro dia vi uma reportagem que das cidades que têm mais



contrastes entre condições econômicas financeiras e pobreza é BSB. Os problemas na periferia de BSB são tantos que eu não sei se a Senzala não seria melhor por que iriam precisar dos escravos.

13 – Como você já sabe, eu acompanhei esta cidade desde o zero, casualmente, minha família, meu pai era amigo do Niemeyer, com quem meu irmão trabalhou, no início de BSB. O que eu posso te dizer é que não há dúvida da genialidade do projeto, como algo novo, revolucionário, com formas criativas, mas funcionalmente algumas coisas não são boas. Há prédios de vidro, onde se fica fechado no ar condicionado, porões em que não se vê a luz do dia, isso não é funcional. Houve um tempo em que se chamava BSB de 'cidade do tatu', por que fizeram muitos prédios cavando sempre. Sob o ponto de vista estético, a cidade é na forma muito bonita, fora do comum, mas na funcionalidade há muitas restrições. Há interferências da arquitetura na vida das pessoas que trabalham num prédio como já descrevi, quem está fora acha tudo bonito. É difícil juntar estética com funcionalidade e atender ao ser humano. Você pode achar uma coisa bela, mas com uma aplicação não muito boa e vice-versa. O ideal seria unir a beleza e a funcionalidade.

14 – Não foi feita esta questão.

15 – Continuo achando que sim. No cotidiano me parece que o pior é a questão de deslocamento.

16 – Sim, ele foi paraninfo da minha turma de medicina no Rio de Janeiro. Uma vez fui a um casamento, no Rio, e o padrinho era Juscelino. De repente, me vi conversando com ele que me perguntava o que eu fazia. Respondi que era médico e ele, com jeito bem simples, falou, tá fazendo o quê aqui? Eu disse que era carioca. Ele falou assim: aquilo lá é pra vocês, não é pra mim, é para os jovens, brincando. Ele foi um estadista por que era um indivíduo que tinha uma visão muito mais ampla do Brasil, não era uma pessoa mesquinha.

17 – Acho que não, o poder não tem toda essa influência. Há alguns artistas que podem viver assim, mas a maioria não.

18 – Vivi pessimamente por que nunca fui de esquerda, minha família, com exceção de um primo que foi para a carreira militar, tinha uma certa fobia por militares.

19 – Qual é realmente sua meta? “ Há duas BSB, uma que foi planejada e a outra que é real, verdadeira e essa é a que eu quero desvendar.”

Penso que de forma geral fora esses aspectos terríveis decorrentes da Revolução, por exemplo, uma coisa é você ter estudantes que estão afim de seguir o lema de quanto pior, melhor, outra é ter estudantes querendo sugerir mudanças para aprimoramento de muitas coisas. O jovem renova, é necessário cesura (corte, ruptura). Essa ideia é de Freud que dizia que há muito mais continuidade entre a grande cesura do nascimento, portanto, entre a vida pós natal e a intra uterina. Ele está dizendo que, quando existe um corte, uma mudança e, se isso for necessário para o desenvolvimento, isso é prova de continuidade, de mudança, turbulência e transformação. Então, é preciso entender que certas cesuras são necessárias para existir evolução, conhecimento. Quanto mais flexível mais fácil para alcançar objetivos.



20 – Ficou de pensar e me ligar.

#### **41) ROOSEVELT DIAS BELTRÃO – 22/04/2010**

01 – Roosevelt Dias Beltrão, São João Del Rei-MG.

02 – Vim em meados de 1959, aos 19 anos, vim só, mas já estavam aqui dois irmãos meus, Ivan e Denoni, o funcionário número um do Banco do Brasil em BSB.

03 – Há 51 anos. Foi muito boa, era muito jovem, foi uma aventura, não vim com emprego, nem nada pensado. O sistema social era bom, eram todos trabalhadores e queriam construir a cidade.

04 – A primeira ocupação foi como bancário, fui trabalhar no Banco da Lavoura de Minas Gerais. A moradia não era grandes coisas não, mas para quem queria enfrentar a vida isso não era empecilho. No trabalho faltava luz, água, não era muito bom.

05 – A construção era 100% satisfatória. Pouco se sabe sobre a Revolução Militar. O que sei é que se não fosse a Revolução, BSB hoje seria uma 'Las Vegas', seria um casino muito grande por que o Presidente Jânio Quadros e o seu sucessor João Goulart detestavam Brasília, queriam que a Capital voltasse para o litoral e foi a Revolução que fixou a cidade. Não, nada escandaloso como hoje, podia existir corrupção, mas muito pequena, não atrapalhava o andamento da cidade.

Os serviços em geral, para a época, eram precários, mas era o que existia. Havia muita falta de luz, em Taguatinga, onde eu morava, não tinha luz. As caixas d'água eram cheias com água de mina. As escolas funcionavam bem, já havia colégios particulares. O hospital atendia bem. Havia muita solidariedade, todos eram uma família. Isso mudou muito, hoje, moro num prédio há 20 anos e mal conheço um vizinho. Parece que o tipo de construção dos prédios não influi, mas essa é a razão, as pessoas não se encontram em lugares comuns.

06 – Sinto, isso faz parte de um todo. O clube nosso, Clube dos Pioneiros de BSB, do qual sou diretor, tem a preocupação de restaurar e preservar a história de BSB e, nesse sentido, me vejo dentro desse contexto. Quem participa desse clube são os pioneiros, que para nós são de todas as épocas, uns que chegaram para a construção, um pouco depois, temos pioneiros chegando hoje. Esse é nosso conceito, os que chegaram nos anos 60 são poucos, nós abominamos o conceito de pioneiro de Ernesto Silva, que refere-se aos primeiros ocupantes da cidade.

07 – BSB perdeu muito, construíram muito, criaram muitas cidades-satélites, 'incharam' a cidade, essa foi a perda primordial, os serviços públicos estão precários. Não vejo nenhum ganho.

08 – Não ouve falhas, a cidade foi concebida para um certo número de habitantes e com o inchaço a cidade não suporta o número de pessoas e carros.

09 – Muito bem, tinha uma Fundação Cultural do DF que funcionava, eu acompanhei de

perto. Hoje, só há demagogos e aproveitadores, mas antes funcionava bem. Hoje a cultura está melhor. Novas ideias, pessoas com outros pensamentos na gerência da cultura.

10 – Viver aqui é um sonho bom, com esperanças de melhores dias. Hoje me sinto mais feliz aqui, a minha cidade é muito boa também.

BSB não me parece artificial, há muito calor humano aqui.

11 – Havia muitos empregos.

12 – Sim, a casa-grande é composta pelos Ministros, moradores do PP e dos Lagos Sul e Norte e na senzala estariam os habitantes da Ceilândia, os menos favorecidos.

13 – É especial, os blocos sobre pilotis, deveria propiciar o encontro dos vizinhos nos jardins do prédio, ocorre pouco isso. É importante ver o memorial descritivo da arquitetura de Niemeyer.

Só a arquitetura pode não influenciar, mas os espaços sim. Onde você esteja a visão converge para o infinito e isso dá um tom diferente na vida das pessoas.

14 – São diferentes sim, numa cidade pequena as pessoas convivem com mais harmonia. Hoje, as pessoas aqui, são frias umas com as outras. O tipo de vida que as pessoas têm é que levam a essa diferença.

15 – Sim, pelo menos no Plano Piloto onde os moradores têm um poder aquisitivo alto. Inclusive as pessoas mais pobres vivem melhor por que têm um salário melhor que em outras cidades do Brasil.

Pior é o trânsito, uma cidade setORIZADA demanda uma distância maior. O melhor é a renda per capita da cidade que absorve quase tudo.

16 – O maior estadista do Séc. XX.

17 – Não vejo isso, o poder é, muitas vezes, motivo para os artistas. BSB é um celeiro de artistas por que Juscelino trouxe, ao mesmo tempo que construiu a cidade, os melhores escultores, os melhores músicos, os melhores artistas para a cidade.

18 – A Ditadura ocorreu por que o João Goulart queria transformar o Brasil num país semelhante a Cuba. Os Militares reagiram e ocorreu o Golpe Militar fato que foi ótimo para BSB. Eu não tive nenhum problema, só vi melhoras na cidade.

19 – Não

20 – Geraldo Campos, Cícero Filesteu, Silvestre Gorgulho, Ronaldo Costa Couto, Saber Abreu (primeiro diretor do CASEB), Neusa França, Brasilino e Brasília (primeiros filhos de BSB).

#### **42) RUBEM DE AZEVEDO LIMA – 24/09/2010**

01 – Rubem de Azevedo Lima, Rio de Janeiro-RJ.

02 – Vim em 11/04/1960, dez dias antes da inauguração de BSB. Assisti à inauguração; eu não conhecia a cidade e fiquei impressionado com o entusiasmo das pessoas, eram umas 100 mil, engajados na ideia da nova capital. Eu tinha um cunhado que veio de Goiânia, ele me falou uma coisa que não esqueci, era muita poeira, um vento que fazia redemoinhos: 'olha e imagina isso tudo gramado, como vai ficar bonita essa cidade.' Era mesmo, depois vimos, na época da chuva. A cidade era muito agradável, as pessoas se sentiam soltas como se tivessem uma grande oportunidade de ficar em BSB. Eu vim pra ficar, para assumir um cargo na Câmara para o qual tinha sido aprovado. Eu já tinha família, mas vim sozinho, aos 37 anos de idade.

03 – 50 anos, a chegada foi gratificante, o sistema social funcionava. O hospital atendia bem, para as exigências da época era satisfatório. As escolas eram boas e bem preparadas.

04 – Sim, vim assumir meu concurso. Quando cheguei eu tinha direito à moradia, mas me deram inicialmente um apartamento JK e depois deram uma casa pra gente. A casa ainda era pequena pra minha família, além de ser germinada, mas ficamos lá. Trabalhei na Imprensa Nacional até minha nomeação sair e era um trabalho pesado. O prédio não estava concluído, era aberto por cima e entrava um vento gelado e nós trabalhávamos à noite, nos diários. No mês de abril era chuva e vento e não tínhamos condução para ir e vir do trabalho. Eu morava na W3 e quando terminava, às 3h, eu e outros íamos andando para casa, não havia outra forma, pelo mato.

05 – Hoje, depois de 50 anos a gente vê que tem muitos defeitos. O acúmulo de trânsito em determinados horários por que há poucas saídas, é um erro. A questão da saúde, depois que BSB cresceu, o atendimento hospitalar tornou-se um problema.

O meu trabalho ficou difícil depois da Revolução Militar, principalmente por causa da censura, não se podia publicar tudo sobre determinados assuntos nos jornais. Era delicado escrever, vou contar um episódio: no primeiro ano de desfile militar em BSB, em setembro de 1964, fizeram um palanque para autoridades e outro para visitantes no aeroporto. O jornalista que ia fazer essa matéria era do *Correio da Manhã*, João Emílio Falcão, que estava presente no dia do ensaio. Ele assistiu e, no ensaio, jogaram sacos para simbolizar bombas e um desses sacos caiu no palanque montado para as autoridades. Então, ele escreveu que se fosse uma bomba de verdade o país não teria tido uma Revolução por que todos os envolvidos estariam mortos. O jornalista teve cobertura do Presidente Castelo Branco e nada ocorreu com ele. Em 1968 o trabalho jornalístico ficou mais difícil, escrevíamos aqui e lá, no Rio, vetavam.

Com relação à corrupção foi uma diferença enorme, em BSB, trabalhando na Câmara, eu observei que havia deputados de todos os partidos e que algumas coisas menores aconteciam. Havia uma grandeza de espírito entre vários deputados e outros políticos que trabalhavam para o crescimento do país. Mais tarde, isso acabou e, hoje, é como nós podemos ver. Eu me formei no curso de Direito com Petrônio Portela e ele me dava informações sobre a política. Os militares não davam entrevistas, mas houve uma época, no governo do Geisel, que ele sugeriu a criação em BSB, como se tem no Rio de Janeiro, de um Clube de Repórteres Políticos e eu fui o presidente. O Presidente falou comigo que os jornalistas tinham má vontade com o governo, deu uma entrevista e se queixou muito. O Juscelino era o único que não reclamava de nada.

A telefonia era muito fraca, a televisão também, a energia elétrica não atendia às necessidades da cidade.

A convivência era muito de encontros no Brasília Palace Hotel, os jornalistas iam muito lá

dançar, havia um grupo musical. As pessoas eram solidárias.

06 – Depois de 50 anos, eu fiz o prefácio de um livro sobre os 50 de BSB, são pronunciamentos de jornalistas e pude ver o que os jovens jornalistas falam na arquitetura da cidade.

07 – Todos se queixam da arquitetura da cidade, que dificulta muito a vida da população, por exemplo, a rodoviária e o transporte coletivo deficitários da capital. No projeto original, não havia previsão de construção de cidades-satélites no número que foram construídas, ficou muito tumultuado.

08 – Hoje, para atender uma população de mais de 2 milhões, (deveriam ser 500 mil, o que também foi um erro terrível, por que como capital a cidade iria crescer, já tinham a experiência do aumento de população do Rio) é muito complicado para as pessoas mais carentes que moram distantes do PP. Não entendo mais BSB, muitas vezes não encontro os lugares que desejo. Do ponto de vista político BSB hoje, é mais importante, mas em qualidade de vida, a cidade perdeu muito.

09 – Tinha um livreiro, Victor Alegria, que era muito eficiente, lembro de Almeida Fisher que criou a ANE. As pessoas vinham de longe e se conheciam aqui e a Universalidade de Brasília era um espaço de encontro e de aprendizagem importante. Fui da primeira turma da universalidade, de 1962, as aulas, em 1963, eram no auditório do Ministério da Saúde. Todos iam assistir as Palestras de Agostinho da Silva, ele era muito admirado. Havia apresentações na Concha Acústica, mas se chovesse ou se o sol estivesse muito quente havia prejuízo nos espetáculos por que ela é toda aberta, foi mal pensada. Hoje a cultura está consolidada.

10 – Eu gosto de viver em BSB. Fiz um círculo de amigos para trocar ideias, aqui, no Gilberto Salomão, sempre nos encontramos para conversar, às vezes, a tarde toda. Penso que aqui em BSB não há bibliotecas à altura dos interesses dos habitantes da cidade e eu gosto de livros, sinto muita falta disso. As melhores bibliotecas daqui são as das Câmara e do Senado, são as mais completas. BSB não perdeu esse caráter artificial. Quando fui à Alemanha, uma equipe de engenheiros alemães estavam fazendo o planejamento das cidades brasileiras que tinham hipótese de necessidade de metrô. Eles diziam que, nas cidades artificiais, o metrô não funcionaria por que não era economicamente viável e BSB foi uma das cidades citadas. Mais tarde, fizeram o metrô mas ele não funciona como deveria por várias razões.

11 – Todos tinham emprego, mas a mão de obra era muito precária no início.

12 – É verdade. A criação de cidades-satélites em grande número tirou o aspecto de igualdade para o qual BSB havia sido criada. As cidades-satélites não têm os mesmos benefícios do PP, algumas já cresceram e são verdadeiras cidades, mas outras, dependem muito do PP. Parece que Taguatinga já tem existência própria, suas necessidades são atendidas e os habitantes não precisam sair à procura de atendimento no PP. A maioria dessas cidades são muito precárias e a população precisa vir ao PP para resolver seus problemas. Todas as cidades-satélites deveriam ter setores de atendimentos dos serviços públicos e básicos, mas isso não ocorre. Isso diferencia as cidades e o PP é a grande casa-grande.

13 – Eu gosto muito da arquitetura do Niemeyer. A arquitetura suntuosa, que o povo reclama,

às vezes, é o que atrai as pessoas no mundo todo e, aqui, também precisaria de uma arquitetura grandiosa, não é necessária, mas é esperada em todas as grandes cidades. As construções de BSB são muito fechadas, caras, precisam de ar condicionado ligado o tempo todo. Lacerda criticou muito isso, mas tenho certeza que essa arquitetura, no futuro, vai atrair muita gente para visitar BSB e isso é fundamental para uma capital. A Biblioteca Nacional que não funciona, o Teatro Nacional é muito acanhado, mas acredito que esses defeitos aparentes estarão corrigidos daqui a um tempo.

Os brasilienses admiram a arquitetura da cidade, eles gostam de mostrar a cidade aos visitantes. A Universalidade de Brasília é um monumento muito procurado.

14 – Acho que não, aqui há muitas possibilidades das pessoas se encontrarem, é menor o ângulo de circulação do povo e todos acabam iguais na linguagem, nos hábitos. Podem ser vistos de forma diferente, não tenho ido ao Rio há muito e lá eu seria considerado de fora.

15 – Eu vivo bem, mas acho que têm muitas reclamações. Um médico do serviço público receber por uma operação cardíaca, em que participam 4 ou 5 médicos, o valor de 120 reais é uma aberração. Como trabalhar assim? Sei que aqui têm muitos satisfeitos. As pessoas de baixa renda estão satisfeitas com os programas do governo.

16 – Sim, a construção de BSB foi fundamental por que não podíamos ficar no litoral e eu sou carioca. A mudança da capital para o interior exigia muita comunicação com o resto do país. Havia ferrovias que não foram valorizadas, abriram novas estradas o que constituiu um erro. Se os trens tivessem permanecido para o Rio, São Paulo, seria interessante até para os visitantes.

17 – As condições de produção artística melhoram muito, não é só o governo que pode aproveitar o artista. Conheci Carlos Drummond de Andrade quando ele trabalhava no Ministério da Educação, ele precisava trabalhar para manter sua profissão de escritor. Hoje, isso não acontece, os intelectuais têm capacidade de produzir e se apresentar aqui e em qualquer lugar do mundo se ele for bom. Em geral, o artista em BSB é muito independente do Poder, ele pode usar o Poder em sua arte. Em BSB foram muitos artistas a produzir música da melhor qualidade, pessoas geniais formaram-se aqui. A Escola de Música de BSB foi uma das coisas mais bem feitas aqui, lá temos todos os tipos de música e a qualidade é muito boa.

18 – Foram terríveis porque nós tínhamos liberdade e após o Golpe Militar perdemos a liberdade de expressão. Eu sempre fiz críticas ao governo, nos jornais, e permaneço ainda hoje, escrevendo da mesma forma. Eu não sofri repressões na Ditadura, não fui preso eu não ofendia, mas criticava.

19 – Não.

20 – Reynaldo Jardim, Margarida Patriota, não me lembro de outros.

#### **43) VICTOR ALEGRIA – 03/02/2010.**

01 – Victor Alegria, vim de Arouca – Portugal

02 – 01 de dezembro de 1963, aos 21 anos de idade, vim sozinho.

03 – Há 47 anos moro em BSB. O grau de satisfação é interessante porque varia muito para cada pessoa, para mim BSB era uma cidade espaço, eu vinha de carro, às vezes, parava, falava até sozinho e saía buzinando. Eu olhava e era como se eu estivesse frente a um mar de terra, a gente andava 50, 100km e não tinha ninguém. Com esses horizontes abertos, BSB me dava a ideia de que era uma cidade à beira mar, a luminosidade era enorme, a gente olhava aquela amplidão, era interessantíssimo, era algo que enchia aos olhos. É claro que sofríamos de solidão, mas existia uma coisa que era a aproximação solidária das pessoas. Às vezes, com aquela crise, a gente não tinha dinheiro e juntávamos um pouco de cada um para comprar uma massa e ir a casa de alguém comer e conversar, era uma coisa maravilhosa essa solidariedade.

04 – Vim por causa de política, eu era ativista e estive preso por causa do Salazarismo e, por fim, não vi solução para meu caso. Vim para o Rio de Janeiro e fiquei aqui e lá simultaneamente. Montei uma livraria no Hotel Nacional, chamada Livraria Encontro em 1964. Essa livraria era de vanguarda, tinha teatro, café, salão de exposições e fechava somente pela madrugada. Era ponto de encontro de intelectuais; Gustavo Capanema, Cyro dos Anjos, os fundadores da UnB estavam sempre lá, Agostinho da Silva, Eudoro de Sousa e outros que não me lembro mais os nomes. Todo mundo participava da UnB, havia muito entrosamento entre a população da cidade e a Universalidade. Não havia essa distância de gueto (local em que uma minoria da sociedade está separada do resto da sociedade) entre a UnB e a população, as causas não cabem a mim discuti-las. Não havia muitos lugares para a população frequentar, à noite iam para a Livraria Encontro, ela não fechava nem aos domingos.

No início, eu dormia dentro da livraria, havia três pisos e eu dormia em um deles, num colchão. Faltava moradia na cidade e os preços eram altos, o trabalho era muito bom.

05 – No início, a construção foi satisfatória, depois quando a Revolução Militar tomou conta, as condições econômicas ficaram ruins, houve falta de empregos e as pessoas percebiam que a cidade estava se 'engasgando'. Não se sentia corrupção na época, a política não assumia o papel principal por que havia muita poeira a vencer. Os 'lacerdinhas' enchiam os carros e casas de pó e folhas. Na época, também não havia corrupção por que a cidade tinha outro tipo de Assembleia Legislativa e quem mandava era o Senado junto a um representante da cidade. Houve um grande silêncio com a Ditadura em seguida.

Eu tinha uma política na época, a mesma que mantenho até hoje, sou defensor intransigente do acesso do povo à leitura, luto contra os analfabetos funcionais, fato que se agrava a cada dia. Na livraria, oferecia ao público livros de todos os assuntos e de todas as civilizações mundiais. Algumas pessoas ficavam furiosas, diziam que eu estava destruindo a moral e os bons costumes e isso começou a me trazer problemas. A livraria era democrática, mas eu fazia um lançamento de um autor americano na Embaixada Americana e tinha problemas com a direita e com a esquerda. Isso não impedia que eu tivesse uma visão bem holística da cultura, ou seja, a cultura como forma de distinguir as pessoas para além da forma. Você pode ser formada em Literatura, mas pode ser uma pessoa mal educada, estúpida, chata por que você não tem cultura. Quem ter cultura é outra coisa, você pode ser formada ou não.

Na realidade, eu conseguia reunir em torno da Livraria Encontro um pessoal extraordinário, pessoas que gostavam de ler novidades e eu procurava isso e não era uma livraria mercenária. A primeira galeria de artes foi fundada lá, eram muitas atividades que já nem me lembro mais. Nos momentos de crise, quando havia boatos de que a capital ia voltar para o Rio, não

vendíamos nada, a cidade parava e não tínhamos dinheiro nem para comer.

Havia muita dificuldade no transporte coletivo, os ônibus eram poucos e ruins e iniciava a consciência de que BSB era 'cabeça, tronco e rodas, os jornais eram entregues de bicicleta e começavam-se a implantar várias áreas. Muitos aventureiros vieram para cá e ainda estão aqui com fortunas imensas, muitas vezes, conseguidas por meios não legais. O tempo passou e hoje você ainda pode encontrar resquícios de tudo isso que relatei.

Veja só, eu e os empregados nos juntávamos para nos distrair, ir a boates, comer pizza e alguns poetas escreviam nos guardanapos de papel e comíamos uma pizza comunitária. O convívio era muito bom, íamos para casa de um ou de outro ouvir um bom violão. Havia o bar amarelinho, o baú, onde também estávamos com frequência. Todos andavam à vontade, não havia praticamente assaltos, andávamos a pé por todos os lugares. Tudo estava germinando na cidade nesta época, havia, também, muita angústia, problemas e poetas que começavam a vir de todo canto. A cidade tinha um fascínio não só no Brasil como também no estrangeiro. Já no início havia muitos estrangeiros em BSB. Com o tempo, a cidade começou a ficar mais impessoal, notava-se um ar de consumo, houve uma venda de terrenos para chácaras, quase todo mundo tinha uma e acabavam abandonando por que não conseguiam sustentá-las. Faltava empregos, não havia muitos concursos e a cidade começou a explodir em prédios. Antes, havia corrida, a Torre de televisão e a Festa dos Estados que reuniam muitas pessoas. Os clubes viviam cheios, era uma vida mais saudável e agradável. BSB, para quem como eu está aqui a mais de 40 anos, era uma aventura e construíamos nossa vida junto com a cidade.

06 – Cheguei aqui e gostei muito do clima da cidade, todo o ano é primavera. Isso foi muito interessante e eu senti que tinha alguma coisa para fazer, aqui os sonhos podiam se tornar realidade. De fato posso dizer que realizei a maior parte de meus sonhos, trabalho no que gosto e tenho muito prazer no que faço e isso é um privilégio. É possível que eu faça parte de um projeto histórico cultural por que sempre estive preocupado com crescimento intelectual dos amigos e da família.

07 – Perdeu o sentido dado por seu criador, LC. Critico muito Niemeyer por que suas obras não são utilitárias. A especulação imobiliária é outra coisa horrível em BSB, o transporte coletivo não atende a população. Parece que a cidade está nas mãos dos construtores que constroem cidades sem instrumentações sociais, o lado humano não existe, não há lugares de convivência para a população. Falta educação ambiental, perdeu-se o ideal e a estrutura consumista domina tudo. BSB perdeu muita qualidade de vida.

08 – Há enormes falhas, não construíram o que LC queria, a camada pobre foi jogada para longe do PP. LC pretendia uma cidade ampla e humana, seria preciso que pessoas com essa mesma sensibilidade tivessem estendido a cidade para que ela crescesse e tivesse o verde dominando. As cidades-satélites só têm pó e crime, muitas vezes, não têm lazer, sem assistência médica decente, mas com a fama de todos ganharem bem, há uma sobrecarga de habitantes necessitando de tudo.

09 – O grande ponto de encontro naquela época era a Livraria Encontro que funcionava como se fosse uma secretaria de cultura, era ali que todos os intelectuais se reuniam e depois saíam para os barezinhos para tomar suas cachacinhas, iam muito a um bar na 109. Havia também umas boates, perto do Banco do Brasil, tinha umas coisas interessantes, o João do frango. Esta cidade, de primeiro era uma barracaria tremenda, onde funcionavam corações, belas comidas.



A cultura gastronômica de BSB sempre foi um ponto alto na cidade, havia muitas comidas regionais. As pessoas que vinham de Minas, do Piauí, Pernambuco, cada região trazia sua comida e se defendia como podia.

10 – Viver em BSB é viver na corda bamba para quem é funcionário por que aqui é nitidamente a sociedade com dois sistemas: os privilegiados, cidadãos de 1ª classe são aqueles que têm uma fonte de renda do governo e todo final de mês seus salários estão garantidos e os cidadãos de 2ª classe, como eu, que no final do mês fica na dúvida se no próximo mês vai ganhar o suficiente para subsistir. É difícil viver nessa sociedade em que o cidadão de 2ª classe luta para viver e ainda paga mais impostos sempre. Sinto-me mais feliz em BSB, mesmo tendo saído de Portugal numa época de guerra, eu conheci as cadeias de lá e depois conheci as daqui. Fui preso em 1969, ao fazer propaganda dos livros incomodei as pessoas, eu sempre trabalhei com livros.

Não, BSB é uma cidade de círculos de amigos e está cheia de humanidades. Eu tenho alguns programas culturais direto com o povo sobre leitura.

11 – Tinha menos gente, mas havia desemprego, talvez houvesse um certo equilíbrio. A cidade absorvia a mão de obra de maneira mais justa, sem grandes competições.

12 – Analisando do ponto de vista político, acho que de certa maneira é, mas os coronéis daqui foram substituídos pelos pastores evangélicos. A cidade está nas mãos de pequenos grupos e um deles é a religião. Há também currais eleitorais, alguém manda nesses currais e quanto mais ignorantes eles forem, melhor, por isso não interessa cultura. O melhor espetáculo é pão e circo, nada mais.

13 – Eu gosto da arquitetura de BSB, acho que é uma pena o resto da cidade não ter inovação como no PP. Falta inovação na arquitetura, uma evolução artística.

Ela provoca ao habitante que vem do interior e se deparam com formas novas, linhas longitudinais e verticais, espaços abertos e cores claras, translúcidas e a visão do céu. Esse hábito têm aqueles que vivem no PP, mas quando eles chegam nas cidades-satélites encontram prédios diferentes, com grades, onde as pessoas não vivem bem. Não há espaços públicos, jardins, mas uma grande degradação. Se houvesse um plano diretor que obrigassem as cidades a manter o plano original de BSB isso iria interferir na vida dos habitantes.

14 – Não, notamos uma estrutura consumista, não me parece que BSB seja a capital da leitura como falam. Aqui as coisas são muito tímidas, talvez na música seja melhor, de forma geral as pessoas vêm para ganhar dinheiro por que acham que aqui é mais fácil.

15 – Vive-se bem por que é uma cidade onde há muitos funcionários públicos que são bem pagos. Vive-se melhor por que aqui estão as Embaixadas, há uma classe de burgueses importantes, mas por trás desses, há pessoas que sobrevivem do trabalho heroico. Esses migrantes encontram aqui assistência pública de saúde e educacional, não são as melhores, mas existem e são melhores que as originais. BSB é uma cidade que tem algumas vantagens interessantes, ainda é muito boa para viver, mas o incidente de roubos de carro é alto. Com o crescimento de BSB as desigualdades estão acentuando-se, a violência está aumentando, o consumo de drogas está crescendo muito e o analfabetismo funcional também.

O melhor é a capacidade de ir e vir rapidamente, é o acesso a uma boa educação para preparar-se bem para um concurso público. Pior é o ritmo de violência e consumo de drogas.



16 – Acho que sim, com JK a capital da esperança funcionou, precisamos ser realistas, será que sem BSB teríamos esse aproveitamento do Centro-Oeste? Será que Goiás teria esse crescimento e Mato Grosso existiria? E as ligações que existem entre as regiões do Brasil? São interrogações complexas que necessitam de qualidade de formação tecnológica e humanística para terem respostas.

17 – Aqui o poder e os artistas são separados. Parece que BSB não representa um motivo de criação, não há obras importantes baseadas na vida cotidiana de BSB. Como a cidade poderá doar algo novo para os artistas? Parece que isso acontece por causa da sociedade consumista que temos em BSB e as pessoas mergulham num mundo artificial e não têm tempo para quase nada.

18 – Eu sempre procedi como se a ditadura não existisse e por essa liberdade individual fui preso e punido, nem sei como escapei com vida. Para mim foi uma coisa trágica, policiais paisanos chegavam na livraria e pegavam os livros ou os autores que julgavam subversivos. Não gosto de fazer bandeiras com isso, o que eu passei, vi outros passando, muito espancamento, choques elétricos e outras barbáries.

19 – Tenho me envolvido em grandes projetos culturais, um deles é o incetivo à leitura, acredito que só com a leitura as pessoas podem educar-se e se comunicar melhor.

20 – *O Marinheiro no tempo*, obras de Anderson B. Horta, Santiago Naud.